

REVISTA DO MUSEU
DE
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nº6



1996

REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Comissão Editorial

José Luiz de Morais
Maria Cristina Mineiro Scatamacchia
Maria Isabel D'Agostino Fleming
Nobue Myazaki

Editoras Responsáveis

Maria Cristina Mineiro Scatamacchia
Maria Isabel D'Agostino Fleming

Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa	Kabengele Munanga
Antonio Porro	Maria Cristina Mineiro Scatamacchia
Augusto Titarelli	Maria Isabel D'Agostino Fleming
Aziz N. Ab'Saber	Maria Luiza Corassin
Berta Ribeiro	Maria Manuela Carneiro da Cunha
Carlos Serrano	Niède Guidon
Dorath Pinto Uchôa	Noberto Luiz Guarinello
Fábio Leite	Oscar Landmann
Gabriela Martin D'Ávila	Pedro Ignácio Schmitz
Igor Chmyz	Roberto Cardoso de Oliveira
Jacyntho Lins Brandão	Solange Godoy
José Antonio Dabdab Trabulsi	Sonia T. Ferraro Dorta

Pede-se permuta
We ask for exchange



Av. Prof. Almeida Prado, 1466
Cidade Universitária – São Paulo, SP
CEP 05508-900 – FAX 818-5042 – 818-4888

REVISTA DO MUSEU
DE
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

publicação anual

Nº 6

1996

SÃO PAULO, BRASIL

ERRATA

Na página 128, leia-se:

Estruturas de combustão e restos alimentares

O conceito de estrutura no âmbito da “arqueologia” (Leroi-Gourhan, 1972) refere-se à disposição de determinados vestígios que se agrupam de maneira significativa no sítio, formando o contexto arqueológico. Subdivide-se em supra-estruturas e infra-estruturas (Pallestrini, 1972/73).

A classificação das estruturas aqui representadas baseiam-se em dois artigos: Alves (1992) e Alves e Cheuiche Machado (1995/96).

As estruturas arqueológicas do sítio de *Água Limpa* que contextualizaram preparo e consumo de alimentos, obtidos através de caça, coleta e pesca, são as seguintes:

Combustão

Configuradas pela evidência de 14 “fogueiras circulares” detectadas nas duas zonas de pesquisa.

Eram formadas por elementos de cerâmica utilitária associados a vestígios faunísticos – constituídos por fragmentos (ósseos, dérmicos e de conchas), peças líticas (lascas, raspadores, pontas, etc.) e carvão (Mapas 2 e 3).

Inseriam-se nas Manchas Escuras (Estruturas Habitacionais); denominadas de fogueiras internas.

Registrou-se a ocorrência de cinco fogueiras internas: uma na Z₁ (F₁) e quatro na Z₂ (F_{1,4}), (Mapas 3 e 4), (Fotos 1 e 2).

As fogueiras externas foram detectadas nos espaços de circulação do sítio, isto é, fora das Manchas Escuras.

Ocorreram oito fogueiras externas: sete na Z₁ (F_{2,8}) e apenas uma na Z₂ (F₅), (Mapas 2 e 3).

Na página, 129 leia-se:

Restos alimentares

Correspondentes aos vestígios de alimentos (vertebrados e invertebrados) evidenciados nas duas zonas de escavação, definidos como “restos alimentares”.

Encontravam-se dispostos de duas maneiras:

– os fragmentos (ósseos, dérmicos e de conchas) distribuíam-se de forma dispersa, em pouca quantidade no solo da M₁, Z₁ e em alguns espaços de circulação das duas zonas;

– os vestígios de alimentos encontravam-se concentrados em maior quantidade, principalmente, no solo da M₂, Z₁ e no P₁, T₅, Z₂ (Mapa 4), (Foto3).

Algumas conchas e ossos encontravam-se parcialmente calcinados o que sugere o consumo de moluscos cozidos e carne de animais assada.

A ocorrência dos documentos malacológicos,⁸ ósseos e dérmicos⁹ indicam os padrões de subsistência das populações horticultoras ceramistas que ocuparam o sítio de *Água Limpa*, cujos alimentos eram obtidos através de atividades sociais: coleta, caça e, em menor escala, pesca.

(8) A documentação malacológica referente à campanha de 1994, foi encaminhada ao Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme (Museu de Zoologia-USP).

(9) A documentação faunística, formada por fragmentos de conchas, ósseos e dérmicos, foi e está sendo estudada pela bióloga Myriam Elizabeth Velloso Calleffo (Instituto Butantan), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Emílio Vanzolini (Museu de Zoologia-USP). Os fragmentos não identificados foram encaminhados ao Sr. Herculano Alvarenga, médico residente em Taubaté, ornitólogo, os quais não foram identificados como pertencentes à aves (devido ao estado de fragmentação).

Na página 139, leia-se:

ALVES, M.A.; CALLEFFO, M.E.V. The Site of Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – structures of combustion, food remains and subsistence patterns. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 123-140, 1996.

Sumário

ARTIGOS

- 3 Rita Scheel, Maria Dulce Gaspar e Jean-Pierre Ybert – Antracologia, uma nova fonte de informações para a Arqueologia Brasileira
- 11 José Luis Lanata – The “*Haush*” puzzle: piecing together subsistence and settlement at the Fuegian southeast
- 33 Fernanda Bordin Tocchetto – Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani
- 47 Irmhild Wüst e Hellen Batista de Carvalho – Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás
- 83 Erika Marion Robrahn González – Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro
- 123 Márcia Angelina Alves e Myriam Elizabeth Velloso Calleffo – Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência
- 141 Helianne de Niemeyer Mendonça e Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão – Considerações sobre o grès no sítio histórico-arqueológico Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro
- 155 Marília Carvalho de Mello e Alvim e Dorath Pinto Uchôa – Hiperosteose porosa em crânios de índios e mulatos do Sudeste brasileiro: correlação entre as lesões na calvária e na órbita
- 169 Levy Figuti e Daniela Magalhães Klökler – Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC)
- 189 Eric Rieth, Catherine Carrierre-Desbois e Virginie Serna – Premiers resultats de la fouille subaquatique de l'épave du Haut Moyen Age de Port-Berteau II, Charente-Maritime (France)
- 223 Maria Luiza Corassin – Uma contribuição da epigrafia para o estudo da ação mágica: as *tabellae defixionum*
- 233 Marta Heloísa Leuba Salum – Notas discursivas diante das máscaras africanas
- 255 Carlos Francisco Pérez Reyna – Vídeo & pesquisa antropológica: encontros e desencontros

- 269 María Marta Reza – El objeto y la construcción de sentido en colecciones etnográficas
- 275 Sandra Maria C.T. Lacerda Campos – A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual
- 287 Marilúcia Bottallo – A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico
- 293 Maria Cristina Oliveira Bruno – Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças

ESTUDOS DE CURADORIA

- 317 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia,
Célia Maria Cristina Demartini e
Alejandra Bustamante – O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a Coleção Tapajônica do MAE/USP

ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS

- 337 Maria Dulce Gaspar – Análise de bibliografia sobre pescadores, coletores e caçadores que ocuparam o estado do Rio de Janeiro
- 369 Antonio Brancaglioni Junior – Resenha: *From Farmers to Pharaohs, mortuary evidence for the rise of complex society in Egypt.* Oxford, Sheffield Academic Press, 1994, 144 pp.
- 372 Sergio Francisco S. Monteiro da Silva – Resenha: *Human Remains. Interpreting the Past.* Trustees of the British Museum Press, Londres, 1994, 64 pp.

NOTAS

- 379 Cleide Franchi – Arqueologia histórica no baixo Vale do Ribeira: documentação textual e material
- 384 Haiganuch Sarian – *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*

- 387 Pedro Paulo A. Funari – Dressel 20 stamps found at the Annetwell street excavations in Carlisle, U.K.
- 389 Nobue Myazaki, Inge Thieme e Astolfo Gomes de Mello Araujo – Projeto de pesquisa *Etnohistória do Alto Rio Xingú – Pesquisa Interdisciplinar – Parque Nacional do Xingú, Mato Grosso*: primeiros resultados
- 393 Marília Xavier Cury e Mauricio Cândido da Silva – Estudo de materiais de apoio para recursos museográficos de exposição
- 394 Sérgio Augusto de Miranda Chaves – Metodologia utilizada para a extração de grãos de pólen de coprólitos humanos – um estudo comparativo
- 396 Sílvia Cristina Piedade – Coleção de artefatos osteodontomalacológicos: uma experiência no MAE/USP
- 398 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia – II Simpósio de *Arqueologia da Região Sudeste*
- 400 Marisa Coutinho Afonso – Simpósio Internacional sobre *Teoria e Método em Arqueologia*
- 402 Maria Beatriz Borba Florenzano – Simpósio Internacional *Análises Físicas e Químicas no Estudo de Material Arqueológico*

CRÔNICA DO MUSEU

- 407 Ano de 1995

Contents

ARTICLES

- 3 Rita Scheel, Maria Dulce Gaspar and Jean-Pierre Ybert – Charcoal analysis: new source of evidences to Brazilian Archaeology
- 11 José Luis Lanata – The “*Haush*” puzzle: piecing together subsistence and settlement at the Fuegian southeast
- 33 Fernanda Bordin Tocchetto – Possibilities of interpretation of the symbolic contents of the Guarani graphic art
- 47 Irmhild Wüst and Hellen Batista de Carvalho – New perspectives for the study of pre-colonial societies in Central Western Brazil: the spatial analysis of Guará 1 Site (GO-NI-100), Goiás
- 83 Erika Marion Robrahn González – Prehistoric ceramic societies from the Central Western Brazil
- 123 Márcia Angelina Alves and Myriam Elizabeth Velloso Calleffo – The Site of Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – structures of combustion, food remains and subsistence patterns
- 141 Helianne de Niemeyer Mendonça and Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão – Considerations about the grès in the historic-archaeological site Jardim das Princesas, Museu Nacional of Rio de Janeiro
- 155 Marília Carvalho de Mello e Alvim and Dorath Pinto Uchôa – Porotic hyperostosis in Indians’ and Mulattos’ skulls from Southeastern Brazil: correlation between calvarium and orbital lesions
- 169 Levy Figuti and Daniela Magalhães Klökler – Preliminary analysis of the faunal remains from the shell-mound Espinheiros II (Joinville, SC)
- 189 Eric Rieth, Catherine Carrierre-Desbois and Virginie Serna – Preliminary results of the underwater excavation of the early medieval wreck of Port Bertheau II, Charente-Maritime (France)
- 223 Maria Luiza Corassin – An epigraphic contribution to the study of the magic action: the *tabellae defixionum*
- 233 Marta Heloísa Leuba Salum – Discursive notes in front of African masks

- 255 Carlos Francisco Pérez Reyna – Anthropology research and video: encounters and disencounters
- 269 María Marta Reça – The object and the construction of meaning in ethnographic collections
- 275 Sandra Maria C.T. Lacerda Campos – The image as a method of anthropological research: an essay on Visual Anthropology
- 287 Marilúcia Bottallo – The documental management of archaeological and ethnographical patrimony
- 293 Maria Cristina Oliveira Bruno – Archaeology Museums: a history of conquerors, abandonment and changes

CURATORSHIP STUDIES

- 317 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, Célia Maria Cristina Demartini and Alejandra Bustamante – The scientific use of archaeological collections: the Tapajós Collection of the MAE/USP

BIBLIOGRAPHICAL STUDIES

- 337 Maria Dulce Gaspar – Analysis of the bibliography on fishers, gatherers and hunters that occupied the State of Rio de Janeiro
- 369 Antonio Brancaglioni Junior – Review: BARD, Kathryn A. *From Farmers to Pharaohs, mortuary evidence for the rise of complex society in Egypt*
- 372 Sergio Francisco S. Monteiro da Silva – Review: CHAMBERLAIN, A. *Human Remains. Interpreting the Past*. Trustees of the British Museum Press, London, 1994, 64 pp.

NOTES

- 379 Cleide Franchi – Historical Archaeology in the Low Valley of Ribeira River: textual and material documentation

- 384 Haiganuch Sarian – *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*
- 387 Pedro Paulo A. Funari – Dressel 20 stamps found at the Annetwell street excavations in Carlisle, U.K.
- 389 Nobue Myazaki,
Inge Thieme and
Astolfo Gomes de Mello Araujo – Research project *Ethnohistory of the High Xingú River – Interdisciplinary Research – National Park of Xingú, State of Mato Grosso*: first results
- 393 Marília Xavier Cury and
Mauricio Cândido da Silva – Study of supporting materials for museographic resources for exhibition
- 394 Sérgio Augusto de Miranda Chaves – Methodology used to extract pollen grains from human coprolithes – a comparative study
- 396 Silvia Cristina Piedade – Collection of osteodontomalacological artifacts: an experience at the MAE/USP
- 398 Maria Cristina Mineiro Scatamacchia – II Symposium of *Archaeology of the Southeastern Region*
- 400 Marisa Coutinho Afonso – International Symposium on *Theory and Method in Archaeology*
- 402 Maria Beatriz Borba Florenzano – International Symposium *Physical and Chemical Analyses in the Study of Archaeological Material*

MUSEUM CHRONICLE

- 407 Year of 1995

Artigos

ANTRACOLOGIA, UMA NOVA FONTE DE INFORMAÇÕES PARA A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA*

Rita Scheel**
Maria Dulce Gaspar***
Jean-Pierre Ybert****

SHEEL, R.; GASPAR, M.D.; YBERT, J.-P. Antracologia, uma nova fonte de informações para a Arqueologia Brasileira. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 3-9, 1996.

RESUMO: Antracologia é o estudo dos restos de madeira carbonizados provenientes de solos ou de sítios arqueológicos. Esta disciplina, baseada na identificação anatômica dos carvões, pode fornecer informações de cunho etnoarqueológico e paleoecológico. Neste artigo, ela é apresentada em linhas gerais, com indicações de metodologia, dos principais aspectos que a envolvem e de sua possível aplicação, com alguns exemplos. Sugere-se que resultados muito promissores podem ser esperados da associação de estudos antracológicos à arqueologia brasileira.

UNITERMOS: Antracologia – Carvão – Anatomia vegetal – Etnoarqueologia – Paleoecologia.

Introdução

Antracologia é o estudo e interpretação dos restos de madeira carbonizados provenientes de solos ou de sítios arqueológicos. Carvões depositados nos solos são testemunhos de incêndios, naturais ou de origem antrópica, ocorridos em épocas passadas. Em sítios arqueológicos, eles estão

relacionados quer ao testemunho de paleoincêndios, quer a diversos aspectos da atividade humana, e sua análise pode fornecer duas perspectivas importantes: a primeira, etnoarqueológica, indica os usos que a população pré-histórica fazia da vegetação local, seja como combustível (calor, preparação de alimentos, etc.), seja para a confecção de artefatos de madeira (habitação, utensílios, embarcações, etc.). A segunda, paleoecológica, indica o tipo de vegetação existente em torno do sítio durante a ocupação. Esta perspectiva objetiva a reconstituição do ambiente vegetal em um dado local e numa época determinada e, por dedução, do clima. A partir desta análise, pode-se visualizar, às vezes muito precisamente, tanto as relações entre o homem e seu meio ambiente como o impacto antrópico exercido.

Deve-se ter sempre em mente que, à medida que os arqueólogos se distanciam da arqueologia

(*) Este artigo surgiu a partir de uma reflexão do projeto "Aproveitamento Ambiental das Populações Pré-Históricas do Estado do Rio de Janeiro", um convênio MN/FINEP/ FUJB.

(**) Laboratoire de Paléobotanique, Environnement et Archéologie, Institut de Botanique. Université de Montpellier II, France. Depto. de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(***) Depto. de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(****) ORSTOM, France.

descritiva, do simples inventário, a escavação passa a fornecer informações não somente sobre a habitação, a economia doméstica, mas também sobre os sistemas sócio-culturais, o ambiente, etc. O documento arqueológico retrata um espaço-tempo a cada dia mais vasto. Neste contexto, trabalhos naturalistas e estudos paleoambientais não são apenas um adendo ao conhecimento do sítio, mas fornecem documentos arqueológicos e fazem parte integrante do campo atual da arqueologia.

Metodologia

Restos de madeira encontrados em sedimentos arqueológicos ou nos solos devem sua conservação a diversos processos: mais freqüentemente, são resíduos carbonizados por combustão incompleta; mais raramente, pedaços de madeira com impregnações metálicas, ou conservados em solos permanentemente encharcados (Chabal 1988).

Note que a qualidade de conservação do carvão é devida antes ao sedimento no qual está depositado e à sua taxa de combustão do que propriamente à sua antiguidade (Thiébault & Vernet 1987). Observe ainda que é preciso ter cuidado com contaminação devida a incêndios intencionais da época moderna, pois carvões oriundos deste tipo de prática podem ser encontrados na superfície do sítio arqueológico e mesmo em camadas arqueológicas inferiores, devido a diversos fatores, como penetração de raízes ou atividades da fauna.

Toda análise antracológica compreende duas etapas: a primeira de campo e a segunda de laboratório. No campo o trabalho do antracólogo consiste em analisar o modo de depósito dos carvões e fazer a coleta deste material, que deve ser, sempre que possível, concomitante à escavação.

Embora a idéia de carvão reporte imediatamente àquela de fogueira, e efetivamente os **carvões concentrados**, encontrados em fogueiras e depósitos associados, sejam os mais visíveis na escavação, as camadas arqueológicas apresentam freqüentemente, no conjunto de sua superfície e espessura, **carvões dispersos**, nem sempre visíveis, mas que podem revelar-se abundantes por peneiragem do sedimento (Chabal 1988, 1991; Heinz 1988).

Os carvões concentrados em geral se originam de fogos ou fogueiras que tenham tido uma curta utilização no tempo, ou cujo local tenha sido lim-

po antes da última utilização, o que implica numa amostra pouco significativa da vegetação como um todo. No entanto, eles podem também estar relacionados a uma construção, um objeto, ou mesmo uma atividade especializada, reconhecíveis sobre o terreno a partir de critérios arqueológicos, e cuja abordagem oferece exclusivamente informações etnológicas. Os carvões dispersos, por sua vez, provêm de incêndios ou da limpeza sucessiva dos fogões ou fogueiras, e são estes os que podem fornecer informações paleoecológicas.

O significado relativo destas duas categorias de carvões não é comparável e, por conseqüência, sua distinção sobre o terreno é fundamental. Os carvões concentrados fornecem apenas uma informação pontual, ainda que importante do ponto de vista arqueológico. É somente a partir dos carvões dispersos, que em princípio representam muitas coletas diferentes de lenha, em várias áreas nos arredores do sítio, que se poderá ter uma idéia do ambiente vegetal que se procura interpretar.

De um modo geral, três métodos de amostragem podem ser utilizados (Badal *et al.* 1989; Figueiral 1992): recolhida manual exaustiva dos carvões, quando maiores que 5 mm (método fortemente desaconselhado, que deve ser empregado somente quando outras alternativas não são possíveis); peneiragem com água ou a seco dos sedimentos provenientes da escavação; ou flotação, a qual permite recuperação exaustiva não somente dos carvões como também de numerosos outros restos, que podem ser úteis a outras disciplinas (ossos, sementes, moluscos, micro-fauna, etc.).

O material peneirado com água ou submetido a flotação deve ser seco longe de uma fonte de calor intensa para evitar a fragmentação e deterioração da estrutura anatômica. A não manipulação dos carvões até sua secagem completa é fundamental para evitar uma quebra acidental.

Qualquer que seja o método empregado, a superfície do sítio arqueológico deve ser amostrada o mais amplamente possível, para cada nível estratigráfico, pois um estudo qualitativo e quantitativo confiável só é possível se são analisados um grande número de carvões para cada estrato.

Idealmente, a amostragem deve ser feita utilizando-se peneiras de malha de 4 mm. No entanto, se a camada (ou depósito) é muito pobre, ou se os fragmentos são de tamanho muito pequeno, a peneira empregada deve ter malha de 2 mm. Os car-

vões devem chegar ao antracólogo minuciosamente referenciados, etiquetados e conservados em plástico, papel alumínio ou num recipiente rígido. Note que é fundamental que todos os fragmentos de carvão retidos pela peneira sejam coletados, pois se houver uma seleção das peças maiores, e/ou mais bem conservadas, será introduzido um elemento de escolha subjetiva que acarretará posteriormente em erros de interpretação.

Como para os outros testemunhos da atividade humana, a distribuição espacial dos carvões no interior da camada arqueológica não é feita ao acaso, e deve ser levada em consideração. Por isso, todas as amostragens devem ser feitas em função das diferentes estruturas reconhecidas ou sugeridas pelos arqueólogos, que escavam sistematicamente e observam com precisão a origem das amostras. Apenas a partir do estreito relacionamento entre antracólogo e arqueólogo será possível uma boa interpretação paleoecológica e etnoarqueológica do sítio.

Um outro aspecto importante a considerar é que todo estudo antracológico necessita de uma descrição da flora e vegetação características da área geográfica onde se situa o sítio arqueológico. Devem ser observados também o tipo de solo, os cursos d'água nas proximidades, o grau de utilização antrópica, etc. O antracólogo deve proceder sistematicamente a coletas de madeira atual para a coleção de referência. A coleta deve ser acompanhada de uma amostra para o herbário, para identificação, além das anotações de campo tradicionais.

No laboratório, a determinação botânica dos carvões é feita com base na estrutura anatômica da madeira, a qual é comparada a uma coleção de referência contendo amostras atuais carbonizadas, ou a descrições e fotografias de obras de referência (Greguss 1959; Détienne & Jacquet 1983; Mainieri & Chimelo 1989; Schweingruber 1990, etc.). Os carvões são observados em microscópio óptico de luz refletida a partir da simples quebra manual dos fragmentos em três planos (transversal, longitudinal tangencial e longitudinal radial). Observações em microscópio eletrônico de varredura podem ser feitas posteriormente, este sendo o principal método utilizado para representação fotográfica das amostras.

Como nenhum tratamento químico é efetuado, é possível obter-se, após a determinação anatômica, uma datação de ^{14}C no mesmo fragmento

(Vernet *et al.* 1979), o que é muito interessante na medida em que um único material pode fornecer duas informações preciosas aos arqueólogos, tanto sua idade absoluta como indícios sobre a flora e a vegetação circundantes ao sítio na época de ocupação. Isto é particularmente útil quando a quantidade de carvões coletada na escavação é pequena. Todavia, a fim de obter-se uma boa datação dos carvões, é importante evitar todo contato com materiais de origem orgânica, o que resultaria numa falsificação das datações obtidas.

Embora a identificação de espécies a partir de material carbonizado, em si, seja bastante antiga (Heer 1866; Prejawa 1896; Breuil 1903 – *apud* Badal Garcia 1992), o método de trabalho utilizado na época, a partir de lâminas finas, era lento e difícil, e as pesquisas não se revestiam ainda de um caráter paleoecológico. Apenas mais recentemente, a utilização da microscopia de luz refletida (Western 1963; Stieber 1967 1969; Vernet 1973 – *apud* Badal Garcia 1992) permitiu a multiplicação das análises antracológicas, facilitando o estudo dos carvões e propiciando o surgimento de abordagens paleoecológicas e de novas questões metodológicas.

Ainda que a identificação botânica dos carvões seja possível mesmo em fragmentos de 0,5 mm de lado, especialmente no caso de coníferas (Vernet *et al.* 1979; Chabal 1988), em fragmentos tão pequenos ela é longa, difícil e, em geral, improdutiva. Chabal (1988) demonstrou que o resultado da análise de fragmentos inferiores a 5 mm é o mesmo que se obtém a partir do estudo apenas das frações superiores a 5 mm. Por isso, a tentativa de determinação de fragmentos inferiores a 5 mm somente é aconselhada no caso de carvões maiores não serem disponíveis.

Discussão

A reconstituição da paleoflora a partir da antracologia depende de uma amostragem eficiente e de um grande esforço de determinação. O número mínimo de fragmentos de carvão sobre os quais se baseia a informação paleoecológica depende das formações vegetais presentes, ao passo que a riqueza taxonômica encontrada na amostra depende tanto da duração da utilização (das estruturas de combustão) como da riqueza florística associada a um certo período. Observe que o frag-

mento carbonizado constitui a unidade básica de estudo, já que uma peça de carvão, qualquer que seja seu tamanho, tem tanta chance de pertencer a um *taxon* como a outro.

Em antracologia, considera-se o fragmento de carvão como unidade de medida estatisticamente válida. Uma experiência de Chabal (1988) demonstrou que os carvões coletados por peneiragem na água seguem uma lei de fragmentação idêntica para todos os *taxa*, e que os pequenos fragmentos (de ordem milimétrica) são muito mais frequentes que os grandes (de ordem centimétrica). Ou seja, uma espécie frequente será representada na amostra por alguns fragmentos de maior porte, e muitos fragmentos pequenos. No entanto, o registro de uma espécie rara será encontrado apenas nos fragmentos menores (pois, se houvesse um fragmento grande desta espécie, ele originaria pequenos pedaços e a espécie seria frequente). Por isso, é absolutamente necessário evitar que a coleta se restrinja apenas aos grandes fragmentos, a fim de evitar uma coleta seletiva das espécies mais frequentes.

Uma questão que se apresenta, entretanto, particularmente em meios tropicais, é definir-se o número mínimo de fragmentos que ofereçam resultados significativos. Praticamente todos os trabalhos em antracologia, até o momento, foram feitos para regiões de climas mediterrâneo e temperado, principalmente na Europa, onde a diversidade florística é consideravelmente menor. Estes estudos indicam um número mínimo de carvões entre 250 e 400, por camada arqueológica, para a obtenção de uma imagem adequada da vegetação circundante (Chabal 1982, 1988; Badal Garcia 1990; Figueiral 1990; Grau Almero 1990; Heinz 1990; Rodriguez 1992 – *apud* Solari 1993). O estabelecimento do número mínimo de fragmentos a serem estudados para uma boa compreensão da paleovegetação tropical deverá ser baseado na análise de curvas de saturação, sejam estas construídas sistematicamente à medida que se estuda a amostragem de cada camada arqueológica (ou pedológica), seja pela adoção de um estudo *a priori* que defina um número fixo de fragmentos a serem coletados e analisados. Chabal (1991) considera mais adequada a segunda hipótese, na medida em que é minimizado o esforço metodológico.

Os restos de madeira carbonizada encontrados em sítios arqueológicos são fruto da relação entre as populações e seu meio ambiente vegetal, num dado momento, mas a utilização específica

desta madeira pode adquirir um sentido novo se ultrapassarmos o simples inventário de espécies para interpretá-la dentro de um contexto paleoecológico particular. Na amostragem de carvões com objetivos paleoecológicos deve-se considerar dois requisitos básicos (Chabal 1991; 1992), quais sejam: os carvões devem provir de uma utilização doméstica para combustível, e eles devem corresponder aos resíduos de uma atividade que tenha tido uma duração temporal suficientemente longa.

O primeiro aspecto deve-se ao caráter pouco seletivo da coleta de lenha para uso doméstico, ao contrário do que ocorre com a utilização da madeira para finalidades específicas. O segundo, ao fato de que existe uma correlação direta entre o tempo de duração da coleta e a superfície da área amostrada. Isto é, a vegetação circundante será tanto melhor representada quanto maior for o número de coletas de lenha feitas durante o tempo de ocupação do sítio.

Estudos paleoecológicos (e não apenas etnológicos), baseados em carvões de origem arqueológica, podem suscitar, aos olhos da comunidade científica, uma série de dúvidas, pois, já que o transporte da madeira do ambiente até o local de depósito (o sítio arqueológico) é evidentemente obra humana, acredita-se que cada cultura selecionava as espécies coletadas. No entanto, diversos argumentos suportam a coerência paleoecológica dos estudos antracológicos, desde que obedecidos os requisitos mencionados acima (Chabal 1988). Entre eles, podemos citar:

1. a boa correlação entre os espectros antracológicos e palinológicos de uma mesma região (o pólen sendo coletado a partir de sedimentos de lagos ou de turfeiras, que recebem uma chuva polínica natural);
2. a grande riqueza de taxa encontrada nas análises de sedimentos contendo carvões;
3. a possibilidade de reprodução das observações e a concordância entre diferentes estudos antracológicos;
4. a semelhança entre espectros antracológicos e formas de vegetação atuais.

Estes argumentos permitem considerar os restos de carvão como uma boa amostra da vegetação, o que significa que, para uso doméstico, as populações recolhiam, durante todo o período de ocupação do sítio, praticamente toda a madeira

disponível encontrada, sem selecioná-la (Vernet 1977; Vernet *et al.* 1979; Chabal 1991, 1992).

Naturalmente, deve-se observar que a madeira utilizada para fins específicos (material de construção, objetos manufaturados ou combustíveis de utilização especial, como para atividades de metalurgia, fornos de cerâmica, padaria, etc.) devia ser fortemente selecionada entre as espécies disponíveis (Chabal 1992, 1994), de modo que os restos vegetais destas atividades não são representativos da estrutura do ambiente circundante ao sítio. Entretanto, o reconhecimento deste tipo de resíduo na escavação e sua distinção dos resíduos domésticos não implica, de modo geral, em nenhuma dificuldade para o arqueólogo.

É importante observar que ao lado de outras disciplinas, como a palinologia, a antracologia permite uma excelente aproximação ecocronológica da flora e vegetação passadas. Estas duas áreas de estudo são paralelas e inteiramente complementares, e sua avaliação conjunta pode aportar importantes informações paleoecológicas. A associação destas disciplinas permite seguir a evolução da estrutura vegetacional, e portanto do clima, sendo possível avaliar-se as causas deste processo.

Vernet & Thiébaud (1987) fizeram uma síntese paleoecológica baseada em carvões de origem arqueológica estudados para diversos sítios da região mediterrânea, no sul da França, os resultados tendo sido comparados com análises palinológicas. Segundo estes autores, a última parte do período glacial da região (até 12000 anos AP) foi caracterizada por uma associação vegetal semelhante ao que ocorre atualmente nas montanhas vizinhas (*Pinus sylvestris*, *Betula verrucosa*, etc.), indicando um clima continental com verões úmidos. Entre 12000 a 8000 anos AP, foi identificada uma floresta de estepes, com *Pinus sylvestris* e *Juniperus* sp, indicando uma evolução do clima para mediterrâneo frio e semi-árido, com invernos rigorosos. No período seguinte, entre 8000 a 6000 anos AP a vegetação passou a caracterizar-se por florestas de *Quercus pubescens*, o que sugere um clima mais quente, mediterrâneo sub-úmido. Nos últimos estágios (após 6000 anos AP) foi observada uma crescente atividade humana, com degradação das florestas, as plantas principais sendo *Pinus halepensis*, *Buxus sempervirens* e *Quercus ilex*. O clima aparentemente não se alterou, mas o corte contínuo das florestas transformou a vegetação, tor-

nando-a similar ao que se encontra hoje em formações mediterrâneas. Os autores apontaram ainda para as fortes potencialidades florestais do mediterrâneo atual, onde a aridez aparente é resultado de atividade antrópica.

No Brasil, até o momento, não existem trabalhos baseados em carvões de origem arqueológica, os quais têm sido coletados pelos arqueólogos unicamente com a finalidade de obter datações. Em relação aos carvões de solos, numerosas ocorrências foram registradas, mas não existem, tampouco, publicações de estudos antracológicos sobre estes carvões.

Leprun & Pereira dos Santos (1994), a partir de consultas a bancos de dados, elaboraram um mapa dos perfis de solos apresentando horizontes com carvões vegetais, na escala de 1: 5.000.000, localizando 543 perfis. As maiores concentrações são em torno da grande depressão inundável do Pantanal, ao longo do Rio Amazonas, sobre a Chapada de Ubajará (entre Ceará e Piauí), nos maciços de Mata Atlântica degradada do Estado do Espírito Santo e no litoral do Estado de Pernambuco. Carvões de madeira foram encontrados também em solos do Estado de São Paulo, em área de cerrado da região de Pirassununga (Coutinho 1981), nas regiões de São Pedro (Oliveira 1994; Scheel *et al.* 1995), Mococa, Ibitiruna, São Carlos (Melo, com. pess.), Rio Claro (Penteado 1968) e Bananal (Coelho-Netto *et al.* 1994), e do Estado de Minas Gerais, em Salitre (Wengler & Vernet 1993; Vernet *et al.* 1994). Cabe ressaltar que a origem destes carvões tanto pode ser natural, refletindo períodos mais secos em que a vegetação tende a sofrer incêndios com maior facilidade, como antrópica, resultando neste caso de queimadas, intencionais ou não, provocadas por populações pré-históricas.

Na região de Salitre (Minas Gerais), carvões coletados em sedimentos não arqueológicos foram datados entre cerca de 6500 e 600 anos AP (Vernet *et al.* 1994). A análise destes carvões sugere um período seco importante a partir de 6000 anos AP, que os autores consideraram determinante para a instalação de uma vegetação de cerrado na área. Tal período se estenderia até cerca de 3000 anos AP, com reconstituição da floresta. A partir desta época a ocorrência de incêndios se reduziria a um mínimo, até cerca de 600 anos AP, quando eles voltam a se intensificar em função dos desmatamentos modernos. Tais dados, obtidos a partir da

avaliação da frequência de carvões no solo, são confirmados por um estudo palinológico feito na mesma região (Ledru 1993).

Conclusões

Os estudos antracológicos em território brasileiro estão ainda em sua fase inicial. Existem, no presente, trabalhos em andamento tanto sobre carvões coletados em solos como em sítios arqueológicos, em particular na Universidade de Montpellier (França). A formação de pesquisadores no exterior, que se processa atualmente ao nível de teses de doutorado, tem por objetivo a introdução da antracologia nas instituições de pesquisas nacionais.

A antracologia representa um novo aporte para a arqueologia brasileira, que pode vir a oferecer resultados promissores, de grande importância no esclarecimento de questões relacionadas ao entorno da área de habitação e à área de captação de recursos. A análise antracológica é particularmente útil se quisermos compreender as relações entre cultura e meio ambiente na pré-história, até a época atual, informação que interessa particularmen-

te aos arqueólogos, cujas pesquisas mais recentes se voltam cada vez mais para os aspectos sócio-culturais e ambientais dos sítios.

Estudos envolvendo a análise, numa mesma área, de material arqueológico, antracológico e palinológico poderiam ser de aporte particularmente frutuoso, na medida em que eles sejam possíveis. É fundamental, no entanto, que datações de ^{14}C sejam utilizadas para relacionar os diferentes estudos, a fim de assegurar uma boa base para as interpretações.

A posição da Antracologia, entre as ciências humanas e as ciências naturais, implica forte interdisciplinaridade. Não é o caso, entretanto, de encará-la apenas como mais uma técnica auxiliar, mas sim como uma disciplina que pode trazer uma série de informações, úteis para as várias ciências a ela relacionadas.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Maria Eugenia Solari, Lucie Chabal e Isabel Figueiral por preciosas e oportunas sugestões ao manuscrito.

SCHEEL, R.; GASPAR, M.D.; YBERT, J.-P. Charcoal analysis: new source of evidences to Brazilian Archaeology. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 3-9, 1996.

ABSTRACT: Charcoal analysis is the taxonomic and quantitative study of charcoal remains found in soils or archaeological deposits, based on plant anatomy. This discipline may provide both ethnoarchaeological and palaeoecological evidences. In this paper we present its methods and possible applications, as well as a few examples. We suggest that important results may be expected from charcoal analysis applied to brazilian archaeology.

UNITERMS: Charcoal analysis – Plant anatomy – Ethnoarchaeology – Palaeoecology.

Referências bibliográficas

- BADAL, E.; FIGUEIRAL, I.; HEINZ, C.; VERNET, J.-L.
1989 Charbons de bois archéologiques méditerranéens: de la fouille à l'interprétation. *Acta Interdisciplinaria Archaeologica* 7: 7-22.
- BADAL GARCIA, E.
1992 L'antracologie préhistorique: à propos de certains problèmes méthodologiques. *Bull. Soc. bot. Fr.*, Actual. bot., 139 (2/3/4): 167-189.

CHABAL, L.

- 1988 Pourquoi et comment prélever les charbons de bois pour la période antique: les méthodes utilisées sur le site de Lattes (Hérault). *Lattara*, 1: 187-222.
- 1991 *L'Homme et l'évolution de la végétation méditerranéenne; des Âges des Métaux à la Période Romaine: recherches anthracologiques théoriques, appliqués principalement à des sites du Bas-Languedoc*. Thèse de Doctorat, USTL, Montpellier. 435p.
- 1992 La représentativité paléo-écologique des charbons de bois archéologiques issus du bois de feu. *Bull. Soc. bot. Fr., Actual. bot.*, 139 (2/3/4): 213-236.
- 1994 Apports récents de l'antracologie à la connaissance des paysages passés: performances et limites. *Histoire & Mesure*, 9 (3/4): 317-338.

COELHO-NETTO, A.L.; FERNANDES, N.E.; DANTAS, M.E.; DIETRICH, W.E.; MONTGOMERY, D.; DAVIS, J.C.; PROCTOR, I.; VOGEL, J.; SOUTHON, J.

- 1994 ¹⁴C AMS evidences of two Holocene erosion-sedimentation cycles in SE Brazil: stratigraphy and stratigraphic inversions. *14th International Sedimentological Congress. Abstracts*: 29-30.

DÉTIENNE, P.; JACQUET, P.

- 1983 *Atlas d'identification des bois de l'Amazonie et des régions voisines*. Centre Technique Forestier Tropical, France. 640 p.

FIGUEIRAL, I.

- 1992 Méthodes en anthracologie: étude de sites du Bronze final et de l'âge du Fer du nord-ouest du Portugal. *Bull. Soc. bot. Fr., Actual. bot.*, 139 (2/3/4): 191-204.

GREGUSS, P.

- 1959 *Holz-anatomie der Europäischen Laubhölzer und Sträucher*. Akad. Kiadó, Budapest. 330 p.

HEINZ, C.

- 1988 *Dynamique des végétations Holocènes en Méditerranée nord occidentale d'après l'anthra-coanalyse de sites préhistoriques: méthodologie et paléocologie*. Thèse de Doctorat, USTL, Montpellier. 275p.

LEDRU, M.-P.

- 1993 Late Quaternary environmental and climatic changes in central Brazil. *Quaternary Research* 39: 80-98.

LEPRUN, J.-C.; PEREIRA DOS SANTOS, J.C.

- 1994 *Première tentative de localisation des profils pédologiques à charbons du Brésil*. Programme ECOFIT, Rapport d'étape (1992-93), 1ère partie. Rapport interne: 129-134.

MAINIERI, C.; CHIMELO, J.P.

- 1989 *Fichas de características das madeiras brasileiras*. 2a. ed. IPT, São Paulo. 418 p.

OLIVEIRA, D. de

- 1994 *Estudo macro e micromorfológico do sistema pedológico do interflúvio dos Ribeirões do Meio e Samambaia em São Pedro, SP, e suas relações com o relevo*. Relatório de Pesquisa. Departamento de Geografia, FFLCH, USP. 95p.

PENTEADO, M.M.

- 1968 *Geomorfologia do Setor Centro-Ocidental da Depressão Periférica Paulista*. Tese de Doutorado. FFCL, Rio Claro.

SCHEEL, R.; VERNET, J.L.; WENGLER, L.; FOURNIER, M.

- 1995 Carvões do solo em São Pedro, Estado de São Paulo, Brasil: Datação, notas sobre o paleoambiente no Quaternário recente, condições de depósito e origem do fogo e proposta de estudos antracológicos. *V Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário / XI Simpósio de Sedimentologia Costeira*. Anais. EDUFF/ABEQUA: 169-175.

SCHWEINGRUBER, F.H.

- 1990 *Anatomy of European woods*. Haupt, Bern, Stuttgart. 800 p.

SOLARI, M.E.

- 1993 *L'Homme et le bois en Patagonie et Terre de Feu au cours des six dernières millénaires: recherches anthracologiques au Chili et en Argentine*. Thèse de Doctorat, USTL, Montpellier. 267p.

THIÉBAULT, S.; VERNET, J.-L.

- 1987 Macro-restes. J. Renault-Miskovski (Ed.). *Géologie de la Préhistoire*. Assoc. pour l'Étude de l'Environnement Géologique de la Préhistoire, Maison de la Géologie: 619-634.

VERNET, J.-L.

- 1977 Les macrofossiles végétaux et la paléocologie du Pléistocène. H. Laville & J. Renault-Miskovski (Eds.) Approche écologique de l'homme fossile. *Bull. de l'Assoc. Fr. pour l'étude du Quaternaire*, suppl.: 53-55.

VERNET, J.-L.; THIÉBAULT, S.

- 1987 An approach to northwestern Mediterranean recent prehistoric vegetation and ecologic implications. *J. Biogeography*, 14: 117-127.

VERNET, J.-L.; BAZILE, E.; EVIN, J.

- 1979 Coordination des analyses anthracologiques et des datations absolues sur charbon de bois. *Bull. Soc. Préhist. Fr.*, 76 (3): 76-79.

VERNET, J.L.; WENGLER, L.; SOLARI, M.E.; CECCANTINI, G.; FOURNIER, M.; LEDRU, M.-P.; SOUBIÈS, F.

- 1994 Feu, climats et végétations au Brésil central durant l'Holocène: les données d'un profil de sol à charbons de bois (Salitre, Minas Gerais). *C.R. Acad. Sci. Paris*, sér. II, 319: 1391-1397.

WENGLER, L.; VERNET, J.-L.

- 1993 *Mission Brésil 1993*. Programme ECOFIT, Atelier charbons de bois. Rapport d'activité. 9p.

THE “HAUSH” PUZZLE: PIECING TOGETHER SUBSISTENCE AND SETTLEMENT AT THE FUEGUIAN SOUTHEAST

José Luis Lanata*

LANATA, J.L. The “Haush” puzzle: piecing together subsistence and settlement at the Fuegian southeast. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 11-32, 1996.

RESUMO: A ponta sudeste da Ilha grande da Terra do Fogo – Argentina – era arqueologicamente quase desconhecida até meados da década de 80, quando começaram pesquisas sistemáticas. Esta área foi historicamente habitada pelos Haush, um grupo sem um *status* étnico claro. As diferentes posições sobre eles são resumidas. A informação etnográfica e os dados dos recursos faunísticos – Guanacos (*Lama guanicoe*), leões marinhos, pássaros e moluscos – são ajustados para postular um modelo de subsistência e assentamento para a área – conhecida como Península Mitre. Ele é aplicado para a localidade arqueológica Rancho Donata, e então é comparado com outros modelos de caçadores-coletores pedestres da Terra do Fogo. Estratégias logísticas para a caça de guanaco parecem ser mais eficientes ao longo do ano. Durante o semestre outono-inverno, a caça de leões marinhos tem lugar dentro dos limites do acampamento – ca. 5km da costa. O movimento dos acampamentos de base do semestre primavera-verão parece ser primeiro associado à obtenção de pássaros e peixes e posteriormente à caça de leões marinhos.

UNITERMOS: Adaptação a alta latitude – Terra do Fogo – Caçadores-coletores – Exploração de recursos faunísticos – Modelos de subsistência e de assentamento.

The problem

From the insertion of my archaeological and ethnohistorical study of fuegian southeast the lack of coherent previous information on indigenous occupations was clear. As a consequence a research design was elaborated, which considered three alternative propositions concerning indigenous utilization of the area, all of which were to be discussed against the archaeological record (Lanata *et al.* 1985). According with them the most recent archaeological remains in the area attested:

- (a) An independent population.
- (b) A segment of a larger population, centered in the central Beagle Channel.
- (c) A segment of a larger population centered in the steppe, North of the island.

We will synthesize the information that conducted us this proposal.

Denominations and self-denominations

The first mention of a gentilial for the area is in Spegazzini (1882: 173), who refers to natives self-named *Mäc-ck*. Segers, who traveled the North coast of the area by 1886 mentioned the names *Lou-alks* – in relation with groups located between

(*) Department of Anthropology, University of Buenos Aires and PREP-CONICET.

Policarpo and Buen Suceso – and *Kau-keshe* and *Kospijom* for those located north of Policarpo, up to Cape Peñas¹ (Segers 1891). For Dabbene, Peninsula Mitre² was inhabited by the *Manckenkn* (1911: 269). Lehman-Nitsche, following E.L. Bridges, named *Manekenkn* the inhabitants of the Peninsula (1913: 233), while Skottsberg mentioned W. Bridges referring that these people were called ‘Hush’ (*Hos*) (1911: 306-307; 1913: 615). Cojazzi, following Tonelli, speaks of the *Hauss* (1911: 100), Beauvoir mentioned the *Haus* (1915: 171), and Furlong informs that the *Selk’nam* – *Ona* – named *Haush* to those inhabiting between Policarpo and Sloggett (1915: 434; 1917: 181). By 1931, Gusinde sustained that people living at the Peninsula Mitre – the first to arrive in the island in his opinion – were self-named Haus and named *Winteka* by the *Selk’nam* – *Onas* – (1982: 114 and 117). E.L. Bridges considered the existence of four groups in the island, with the *Aush* in the S.E. tip (1951: 61). Finally, the use of the Haush gentilial was generalized since Anne Chapman initiated her studies in the area (Chapman 1973a, 1973b, 1977, 1982).

Not all this information is originated in direct sources, and for that reason it should be used with caution.³ As an example of the frequent contradictions incurred by different authors, consider Lehman-Nitsche, who reports to have been informed by E.L. Bridges of the selfname *Manekenkn* (1913: 233), while Bridges himself had subsequently published *Aush* (1951: 61). On the other hand, Chapman and Hester (1973: 186) follow the specifications of Gusinde (1982: 117), according to whom the selfname is *Haush*, while *Manekenkn* should be translated as “tribe companions”. Anyway, Chapman herself (1982: 17) mentioned *Manekenkn* as the authentic denomination accepted by Gusinde, without any supporting quotation. Cooper also concluded that the original name was *Manekenkn* (1915: 445; 1917: 49).

(1) Lehman-Nitsche (1913: 233) considered that these denominations did not correspond to a gentilious, but were simply toponym.

(2) Peninsula Mitre is the common name for the fuegian southeast.

(3) It must also be considered that according with some authors, like Holmberg (in Dabbene 1904: 269) and Lehman-Nitsche (1913: 233), even in the beginning of the XX Century, only a couple of descendants were surviving. On the other hand, personal contact with the inhabitants of Peninsula Mitre was not established by all travellers.

Even when the name they gave themselves, and the name by which they were known to their neighbours is well known, it should be clear to the reader that the problem is not settled. There is support for the existence of what appears to be a discrete human group in the Peninsula Mitre, but their ethnic status is not clear. We are still facing the alternatives delineated above. For that reason, I will use “*Haush*” just as a shorthand for the inhabitants of the S.E. of the Isla Grande for the period between 1,500/1,000 years BP and the beginning of the XX Century, but no ethnic consideration is implied.

Geographic limits

The spatial distribution of the “*Haush*” is also a source of discrepancy between different authors. Segers localize the “*aonas del sur*” – including the Loualks, the *Kau-keshe* and the *Kospijom* – in the area between Cape Peñas and the Strait of Le Maire, precisely at Buen Suceso (Segers 1891). On the other hand, Cojazzi considers the limits to be Thetis and Fotbey Bays (Cojazzi 1911: 100) (the latter toponym was not found in the available cartography). Gallardo, who talks of the “*Onas del este*”, localize them between Cape San Pablo and Cape San Diego – east of Bahia Thetis – (Gallardo 1910: 291). Furlong successively considers the limits to be between Policarpo River and Sloggett Bay (Furlong 1915: 434), and between Cape San Pablo and Buen Suceso (Furlong 1917: 182). Also Chapman takes San Pablo as the Northern limit, but prefers Sloggett as the southern boundary (Chapman 1982: 17). The more important geographic references are shown in Figure 1.

The question of the precise limits of the “*Haush*” territory is not an idle matter, since the general region is heterogeneous. Different limits impose habitats for the “*Haush*” that are ecologically more or less varied. These considerations are important for the assessment of our previously exposed hypothesis.

Sociocultural limits

Three positions can be discerned concerning the sociocultural status of the “*Haush*”.

- (a) They conformed an ethnically independent tribe (Furlong 1915: 434; 1917: 181; Holmberg 1906: 51; Lothrop 1928: 24).

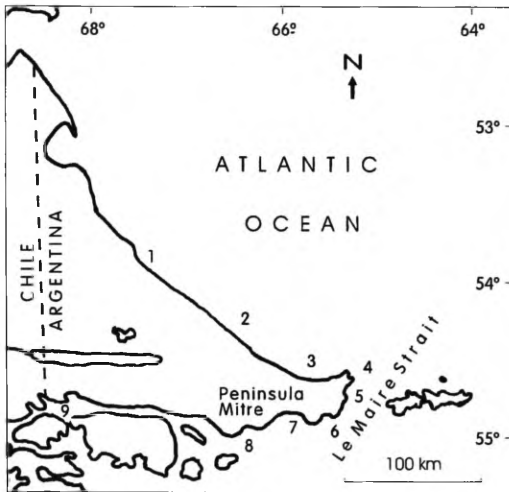


Fig. 1 – Geographic references mentioned in the text. 1: Cabo Peñas, 2: Cabo San Pablo, 3: Bahia Policarpo, 4: Bahia Thetis, 5: Bahia Buen Suceso, 6: Bahia Valentin, 7: Bahia Aguirre, 8: Sloggett, 9: Beagle channel.

- (b) They conformed a *Selk'nam* partiality (Lista 1887: 126; Segers 1891: 77 and 81; Dabbene 1911: 249; Cojazzi 1911: 104; Lehman-Nitsche 1913: 233; Cooper 1917: 52; Gusinde 1982: 118 and 120; Chapman 1982: 17).
- (c) They were in a situation intermediate between the *Selk'nam* and the *Yahgan* – *Yamana* – (Cook 1900: 725; Skottsberg 1911: 308, and 1913: 615).

In fact none of the mentioned authors offered unambiguous evidence to sustain their positions. More than that, one observation on which some of these authors agree – a higher dependence on maritime than on terrestrial resources – is given different meaning by Furlong, Segers and Skottsberg.

In general, the characteristics attached to the "Haush" are centered in aspects like their war likeness and hostility against neighbours groups – preferentially *Selk'nam* (Dabbene 1911: 249; Segers 1891: 81; L.E. Bridges 1951: 194; Gusinde 1982: 118; Chapman 1982: 59), ritual peculiarities (Cojazzi 1911: 100), and the already mentioned dietary specialization. From an archaeological point of view, only the latter can be used to construct

testable hypothesis, and we will concentrate on them. Anyway, we must not neglect other indicators that may assist in ethnic differentiation, like settlement, subsistence, lithic technology and human osteometric data (Lanata *et al.* 1985 and 1988).

Environmental and Ethnohistorical data for a "haush" predictive model

On the basis of ecological as well as ethnohistorical data, a model will be elaborated, to predict seasonal variation in exploitative activities, and a settlement system. Ethnohistorical information will be used to characterize the "Haush" settlement, which appear better defined than that of subsistence. To reconstruct the subsistence system, ecological information will be introduced.

Some considerations on the settlement

The first mention of the inhabitants of Peninsula Mitre appeared in the *Relacion* of the Nodal brothers (Nodal 1621). The contact occurred on January 23, 1619, when the Nodals go ashore in Bahia Buen Suceso for the provisioning of water and fuel, and no information concerning dwellings was recorded. On that point, Charles de Brosse (1756, I: 424) inform us that they were fabricated and covered with branches, but no mention is made of the emplacement.⁴

Information given by Father Nyel is also recorded by de Brosse (1756, II: 438). Father Nyel observed, when he was crossing the Strait of Le Maire in the beginnings of the 1704 fall, that the dwellings were constructed with lodges and had an opening on top for the smoke of the hearth. He gave no specification on the emplacement of the dwellings.

The most substantial sources are the *Diario de Navegacion* and the *Noticia Abreviada de los Indios* which are concerned with the shipwrecked Purisima Concepcion (January to April 1765) (Purisima Concepcion n.d.). I share Oscar Zanola's opinion that the shipwreckers stayed in the Caleta

(4) It must be noted that de Brosse never visited the area. This compiler of travellers' accounts to the Southern Seas, up to middle XVIII Century, had access to almost all relevant sources. When I was able to compare his transcriptions with the original sources, I noted the excellence of his work.

Falsa or Bahia Thetis (O. Zanola, pers. comm.). The written sources inform us that while the shipwreckers were looking for appropriate shelter they observed smoke in the forest (Purísima Concepción n.d.: f. 8), and described huts similar to a half-moon consisting in fixed twigs and intertwined grasses (Purísima Concepción n.d.:f.19).

Banks and Solander, members of the Captain Cook's expedition, recorded two abandoned huts, one in the forest the other in a meadow, in the Cape San Vicente area at Bahia Thetis. While the expedition was crossing Bahia San Mauricio – south of Bahia Thetis –, two aborigines were observed on the beach, whom introduced in the forest when they noted the presence of the ship (Hawkesworth, in Gusinde 1982: 31). When the expedition landed at Bahia Buen Suceso on January 20, 1769, Banks visited the natives in what he refers as their "town", located on "a dry knoll among the trees, which had not been at all cleared, it consisted of no more than twelve or fourteen huts or wigwams" (Banks and Solander, in Gusinde 1982: 33). These huts were conical, and constructed with lodges covered with branches, and have their entrance in the lee side. The entrance was about 1/8 of the perimeter of the base. Parkinson, a member of the expedition, referred that the huts were covered with guanaco and sea lion skins (Parkinson 1784: 8).

Parker King (1839: 448) described one large wigwam and eight men in the NE. corner of Bahia Valentin during May of 1830. Darwin, in 1832, saw huts constructed with interlocked lodges and covered with branches at Bahia Buen Suceso (Darwin 1958: 183). According with Lista, the natives at Bahia Thetis lived under the humid forest (Lista 1887: 126), while Segers, a member in Lista's expedition, affirmed that they changed huts according with the seasons (Segers 1891: 64). Thus, they might have used the large wigwam constructed with lodges in winter, while in summer they changed to semicircular windbreaks made of branches and guanaco skins and located on the lee side.

T. Bridges commented that the eastern and southern 'Onas' that he observed at Bahia Sloggett by the end of the XIX Century, had a guanaco skin shelter, and that their camps were located in the forest (in Gusinde 1982: 45). On the same vein, E.L. Bridges insistently reiterated that the Aush lived in the forest (Bridges 1951: 195-196).

Three characteristics are important within the available ethnohistorical data to define "Haush" settlement.

- 1) Lack of information concerning the use of the hinterland.
- 2) Consequently the available information is centered on the coast and its adjacencies. But within that zone some loci are more represented than other; those bays good for landing and for the provisioning of water and fuel, which were so important for sea travelers (i.e., Darwin, Nodal, Banks and Solander, Parkinson, Parker King). In coincidence those loci offered the best settlement choices for the natives, since they concentrate important resources, including a variety of faunal species within their catchments. Precisely in those zones the highest points over sea level for the Peninsula Mitre are reached, and abundant forests of *Nothofagus sp.* are present. The picture is exactly the opposite in the Northern coast of the Peninsula, with the lowest heights and covered with bogs and prairies. Large abrasion platforms, together with the lack of shelter at their beaches, constitute obstacles for landing.
- 3) Most of the data refers to summer, with the mentioned exception of Father Nyel and Parker King narratives, which correspond to the beginnings of fall.

In sum, a greater part of the reviewed authors coincides in marking the prevalence of huts constructed with branches and/or lodges and covered with grasses and/or guanaco and sea lion skins for the summer. These huts are located on the forest (Purísima Concepción, Banks and Solander, Parkinson). Some authors are not coincident with the location, but they do in recording summer huts or wigwams (Le hern Brignon, in Brosses 1756, Wilkes 1845, Darwin 1839, 1958) or even in the beginning of Fall (Father Nyel, Parker King). On the other side, diverse authors only briefly mention the selection of a forest habitat for the dwellings (Lista, Th. Bridges, E.L. Bridges).

Segers introduce an observation that can not be ignored. According with him, the dwellings of the 'aonas del sur' change seasonally. In summer a skins windbreak is the prevalent type of dwelling, while in winter a larger

wigwam made of lodges and branches replaced the windbreak. The mention of a skins windbreak – recorded in "Haush" zone by Th. Bridges introduce a dimorphism already known for the *Selk'nam*. Effectively, Cojazzi (1911: 38-41) described for the latter a skins' tent and a pyramidal hut made of branches and earth lumps. The latter is more durable, while the former is well adapted for high mobility. Gusinde also mentions both types of dwellings for the *Selk'nam* (1982: 177-180).

Two alternative hypotheses are suggested:

- 1) The "Haush" dwellings changed seasonally, with a more permanent and elaborated type – the wigwam – in winter, and a more simple and transitory type – the windbreak – in summer.
- 2) The type of dwelling for the "Haush" was more dependent on function than on seasonality. The windbreak was built as a temporary shelter while moving, or perhaps at specific activities' locations; while the wigwam was constructed for multiple activities camps.

Availability of lodges is, of course, an important variable. They are more abundant in the forested zones of the Southern part of the area, thus wigwams are expected to be more important there than in the Northern part of the Peninsula.

In some way, the general information examined above cast doubt on the first hypothesis on dwellings, since a majority of the written sources mention – from Bahia Thetis to the South – the presence of elaborated huts made of lodges, sometimes complemented with skins in summer. In this situation it is necessary to proceed with an analysis of the subsistence patterns in order to develop models of subsistence systems. An approximation to "Haush" subsistence. In this section both the availability of natural resources and the techniques used in order to obtain them will be specified. Ethnohistorical as well as environmental data will be used.

1. Plants

Information on the use of vegetal foods by fuegian groups is almost nonexistent, the exception being the studies of Martinez Crovetto (1968, 1978). The consumption of plants is mentioned by Nodal (1621: 69), Banks and Solander (in Gusinde 1982:

3), and even in the Diario of the Purisima Concepcion the ingestion of "apios", "berros", "achicorias" and "uvas de corinto" (*Berberis buxifolia?*) is mentioned.

Clearly only subjective appreciation concerning the real role of plants in the diet can be presented. Thus, while Gallardo marked the importance that they have for the *Selk'nam* (Gallardo 1910: 178-179), Gusinde gave them a lesser importance (Gusinde 1982: 168-270). On the basis of the species quoted by those two sources, plus the information collected by Martinez Crovetto (1968, 1978) and Moore (1983) Table 1 shows the edible plants, its location in the "Haush" area, and the season when their availability.

The fruits of *Berberis buxifolia*, *Empetrum rubrum*, *Pernettya mucronata*, *Rubus geoides*, *Ribes magellanicum*, etc., were ingested without any type of processing (Gusinde 1982: 270, Gallardo 1910: 178). The fungi (*Cyttaria darwinii*, *C. hookeri*) were usually consumed in summer and without preparation; but occasionally women and children collect and put them on a stick where they were allowed to dry by the fire (Gusinde 1982: 270). Gusinde mentioned, for the *Selk'nam*, the preparation of a powder out of *Descurainaea canescens* seeds, which were later mixed with Sea lion fat (Gusinde 1982: 271, see also Beauvoir 1915: 64, Cojazzi 1911: 61, and Gallardo 1910: 171). Gallardo mentions that in times of hunger the *Selk'nam* scraped and ate bark soaped in sap from *Nothofagus sp.* trees (Gallardo 1910: 78).

2. Birds

Several ethnographers and travelers mentioned the consumption of birds, as well as the hunting techniques use to obtain them (Lista 1887: 117 and 127, Purisima Concepcion n.d.: folio 21, Segers 1891: 67, Cojazzi 1910: 59 and 100, Gusinde 1982: 262, Gallardo 1910: 169 and 190-193, Beauvoir 1915: 204-205, E.L. Bridges 1951: 332-334).

Some of the consumed species was *Chloephaga picta*, *C. hybrida*, *C. poliocephala* ("gooses"), *Anas flavirostris* ("Speckled teal"), *Anas georgica* ("Brown pintail"), *Haematopus leucopodus* ("Magellanic oystecatcher"), *Gallinago gallinago* ("Common snipe"), *Phalacrocorax albiventer* ("King cormorant"), *Puffinus griseus* ("Shearwater" [Muttonbird]), *Spheniscus magellanicus* ("Magellanic penguin"), etc.

TABLE 1

Edible Plants Available in the "Haush" area.

species	Edible part	Location	Availability
<i>Apium australe</i>	whole plant	Southern coast up to Bahia Aguirre, Bahia Buen suceso, Bahia Thetis, Caleta Falsa San Pablo Cape	Summer
<i>Arjona patagonica</i>	tuber	Moat, Bahia Slogget, Bahia Aguirre,	Summer
<i>Azorella lycopodioides</i>	rhizome	Maria Luisa	Summer
<i>Azorella selago</i>	rhizome	Southern coast up to Bahia Valentin	Summer
<i>Azorella trifurcata</i>	rhizome	Bahia Aguirre, Bahia Valentin, Bahia Buen	Summer
<i>Berberis buxifolia</i>	fruit	Suceso, San Pablo Cape	Jan-Feb
		Bahia Slogget	
<i>Berberis empetrifolia</i>	fruit	Bahia Valentin, Bahia Thetis	Jan-Feb
<i>Bolax gummifera</i>	rhizome	Bahia Slogget	Summer
<i>Hypochoeris incana</i>	root	Caleta Falsa	Yearlong?
<i>Hypochoeris radicata</i>	leaves	Bahia Slogget, Maria Luisa	Summer
<i>Oreomyrrhys hockery</i>	root	Southern coast up to Bahia Thetis, San Pablo	Yearlong?
<i>Pernettya mucronata</i>	fruit	Cape	Summer
		Southern coast up to Bahia San Mauricio	
<i>Pernettya pumila</i>	fruit	Bahia Slogget, Bahia Aguirre, Bahia Thetis,	Summer
<i>Ribes magellanicum</i>	fruit	San Pablo Cape	Summer
		Southern coast up to Bahia Thetis	
<i>Rubus geoides</i>	fruit	Bahia Thetis, Moat	Summer
<i>Taraxacum gilliesii</i>	whole plant	Bahia Thetis, Moat	Nov-Dec
<i>Taraxacum officinale</i>	whole plant		Nov-Dec

The procurement techniques can be classified in four principal types:

- a) Hunting in cliffs (for shags): According with Gusinde (1982: 262-266), Beauvoir (1915: 204) and Gallardo (1910: 190) this technique was used at night in the cliffs, where shags nest. Rainy days were preferred since the shags hide the head under the wing. A dead bird was lived in place, and the hunter goes after a new prey. A high number of participants was involved even when the needed tools only are torches and, perhaps, some guanaco or sea lion skin bags for transport. Given that this hunt is at night, a camp near the cliffs is expected, where also some processing of the birds should have taken place.
- b) Hunting with sticks: Gallardo (1910: 192) also mention the procurement of birds at lagoons, implying the coordinate labor of some 25-30 individuals of both sexes. They

frighten the birds with torches, and kill them with sticks.

- c) Use of snares: Apparently this technique was used preferentially by small lagoons with tall grasses. Single or multiple-noose snares were used (Cojazzi 1910: 56, Gallardo 1910: 192, Gusinde 1982: 262-263, Dabbene 1911: 251).
- d) Hunting with bow and arrow: This technique was apparently used only by isolated individuals in the forest.

During the summer isolated penguins can be found at the beaches. This is the moulting season, and thus the penguins are defenseless, and it is easy to catch them with bare hands. It must be pointed out that, at least today, there are no penguin colonies in the Isla Grande of Tierra del Fuego.

This review suggests different site types to be expected:

- I. Sites located in the proximity of lagoons and/or nesting cliffs. In those sites the processing

of the birds is expected – evisceration, separation of the head, parts of low economic value, and feathers – and the length of occupation should be small. They were probably used by a few individuals. Low archaeological visibility should characterize these sites. When techniques a) and b) are concerned, it is expected that the sites were formed in the spring-summer, that is, when availability of prey is higher.

- II. Probably no special type of site is formed when technique c) was used, due to a lower number of individuals involved. Quick processing near the snares is expected.
- III. A processing site is expected when, technique d) was used, only when an important number of birds was obtained.

Consumption of eggs was probably important. E.L. Bridges mentioned (1951: 52) one event where between 800 and 1600 bird eggs were obtained in the Beagle Channel area. We lack any comparable information for our area, but from the abundant presence of birds (Clark 1986a and b) the collecting of eggs is guessed. Collected by men while hunting, or by specially dedicated women and children, they could have been important in the beginning of spring. As for consumption, there are references both for their eating after cooking (Gallardo 1910: 170), or in the absence of cooking (Cojazzi 1910: 59).

3. Fish

Some of the available species in the area are *Sprattus fueguensis* ("Sprat"), *Salilota australis* ("Brotola"), *Merluccius merluccius* ("Southern hake"), *Genypterus blacodes* ("Southern cod"), Congridae ("Conger") (Bellisio *et al.* 1979).

Several authors gave fishing an important role within the economic activities of the inhabitants of the southeastern portion of the island (Segers 1891: 66, Purisima Concepcion n.d.: folio 21, Lista 1888: 126, Wilkes 1845: 115, Nodal 1621: 69, Dab-bene 1911: 250, Bridges 1951: 250). Two procurement techniques deserve mention.

The first one is by collecting fishes trapped in intertidal pools, or in the sand with low tide (Purisima Concepcion n.d.: folio 20). This strategy was principally pursued by women and children (ib. f. 21). In the case of intertidal pools a kind of harpoon or hook – or, as indicated by the chronicle of the Purisima Concepcion – a single tendon tied with

fodder (ib.). The use of whale barbs is mentioned within the fishing gear (Wilkes 1845: 115). Evidently this technique is dependent on the availability of the resources in specific locations. Our experience suggests that the number of available fish thus obtained was probably low – at least in comparison with the second technique –, but cost of procurement must also have been low.

The second is by fishing with nets made of guanaco tendons (Gusinde 1982: 266, Gallardo 1910: 202). The work was done by men, on the sea or in rivers. The use of nets is indicative of a collective strategy, one presumably producing high quantities of fish. Use of this strategy was probably correlated with the time when shoals are more numerous, a fact surely variable in different species. From an archaeological perspective it is a technique with low visibility, due to the perishable nature of the utilized gear. Anyway, proper analysis of fish assemblages from archaeological sites should alert us about its importance.

4. Cetaceans

They constitute, due to the circumstances of their appropriation – scavenging of stranded whales and dolphins – a random but surely used resource (Gallardo 1910: 205). There is no data supporting any seasonality in the stranding process. What certainly is true, is that in rocky coasts the probabilities for stranding diminish (Borrero 1985: 148), and that between 1975 and 1978 it was high the number of stranded cetaceans on the Atlantic coast of Tierra del Fuego (1975 = 53, 1976 = 80, 1977 = 94, 1978 = 18), being the most represented species *Phocoena dioptrica* and *Cephalorhynchus commersoni* (Goodall 1978).

As already mentioned, stranded whales were more expected in sandy beaches and, as mentioned by Gusinde (1982: 279) and Bridges (1951: 313) they promoted important human aggregations as well as a relaxation of territorial boundaries. Anyway, variable responses were elicited by a stranded whale (see Purisima Concepcion, n.d. and Bridges 1951: 313).

5. Mollusks

Mollusks are interpreted in different ways concerning their importance in the diet of fisher-hunter-

gatherers (i.e. Yesner 1980, Osborn 1977). Consumption of mollusks by the inhabitants of the S.E. of Isla Grande was mentioned by all the travelers that visited the area. We lack information on the techniques used to open the bivalves; only in the Diario of the Purisima Concepcion (nd: f. 20) it is mentioned that they were eaten raw, while human groups were moving. It was an activity normally performed by women and children (Gallardo 1910: 203, Gusinde 1982: 268, Purisima Concepcion nd: f. 20) and a flat-ended stick was used for their extraction from the rocks on the abrasion platform.

The different species present in the area are *Mytilus sp.*, *Aulacomya magellanica*, *Patinigera magellanica*, *Trophon sp.*, *Nucella sp.*. We do not know, on the basis of the written sources, if the natives have any specific preference. From a logistical point of view, mollusks present two important properties: a) high predictability, and b) they are resources available all year long. Availability of mollusks varied with different types of beach. It is expected that mollusks will be more abundant on those beaches with larger abrasion platforms – i.e., hard beaches like Cape San Pablo, Ea. Maria Luisa, Caleta Falsa, Bahia Thetis - while on sandy beaches they can only be found near the capes delimiting them – i.e., soft beaches like Donata, Duquesa, Luz, Bahia Buen Suceso, Bahia Valentin. The presence of mollusks year long permits its use in times of local low carrying capacity, in spite of its low economic value as measured by its relatively high obtention costs.

It must be noted that the better opportunities for their exploitation are with low tide, when more mollusks area available on the surface, and only transport from the appropriation point to the consumption locus was needed. We ignore if some mollusks may have been transported occasionally without their shells – i.e. when moving camps.

6. Sea lions

In collaboration with Alejandro Winograd (Lanata and Winograd 1988) we have elaborated a series of hypotheses concerning the exploitation of sea lions in Tierra del Fuego. They were deduced from an exhaustive analysis of the ethnohistorical record and from the known sea lions behavior, and I will be resumed here. It is expected:

- an increase in the exploitation of sea lions in summer and early fall,
- a natural tendency to obtain different age and sex classes at different moments of the year,
- that if the hunt was performed on land, there is no need of any specialized tool kit,
- a minimal initial dismembering of the prey at the kill site was probably necessary, and
- minimal transport of the prey, with the location of the processing and/or consumption loci within 5km from the kill site.

We believe that these hypotheses apply to the case in the SE part of Isla Grande, given that it is a region where a high number of sea lion annual colonies existed before the colonial period (Carrara 1952, Winograd 1986). The first hypothesis is seasonally specific, but the others can be applied to the complete annual cycle.

As for the hunting techniques, I will only consider those operative on land.⁵ The use of clubs is mentioned by Gusinde (1982) and Lista (1887), specially when the prey was intercepted on its way to the water. The use of bow and arrow is mentioned by Cojazzi (1911), Beauvoir (1915) and Gusinde (1982); the latter also describe the throwing of stones. Harpoons are referred by Segers (1891), Gallardo (1910) and others. Gusinde tell us that the “Haush” harpoon – which he calls the “great harpoon” – is similar to those of the *Yaghan*. According with Lothrop (1928) nets were also used. Verschoot (in Brosses 1756, I: 444) makes reference, in a general description of the natives of Tierra del Fuego, and after visiting Bahia Valentin, of the presence of stone harpoons. An different technique, referred by Segers (1891) is the use of a

(5) We are limiting the discussion to land techniques, because there are only three mentions of canoes for the area. Frezier (1916: 31) mentions two canoes at Bahia Buen Suceso, a fact that he presents as corroborated by the testimony of Monsieur Villemorin, in charge of the Saint Jean Baptiste. A second sighting was by Lefrant (in Segura 1973: 7), and occurred at Bahia Buen Suceso, too. The third is a general observation made by Furlong (1917: 181), who says that the Haush used canoes “in the quieter season of the year”. That is all the available evidence, and up to this moment there is no archaeological evidence of canoes. On the other hand, it can not be discarded that Yaghan expeditions occasionally reached the Le Maire area, departing from any place of the Beagle Channel.

floating decoy – a skin full of grasses –, in which the hunter attract the sea lion with howls and then proceeds to dispatch it with a lodge thrown from a cliff. It may be appreciated that there is no specific tool kit for sea lion hunting, and that some of the mentioned techniques can be the result of random encounters with solitary individuals on the beach.

The different stages in which the sea lion procurement system can be divided is similar to that appropriate for any large sized prey, – kill, butchering, transport and consumption – with a calification. The morphology of the sea lions, almost without meaty extremities that may justify differential butchering, makes the second stage almost unnecessary, except for those very large individuals – males. Being that the case, we may suppose that newborns and females were directly transported to the consumption place, while males were expediently processed near the kill site before transportation.

7. Guanacos

The exploitation of the guanaco in Tierra del Fuego was studied by Borrero (1985: 264), specially for the steppe in the North of the island. His proposal of interception hunting is followed here, since we lack any specific information for the area of our concern.⁶ Different situations considered by Borrero are hunting:

- a) in paths normally used by the guanacos,
- b) in points of broken terrain, using stampedes, and
- c) in clearings in the forest. Such interception hunting should have been prevalent in fall, when an intensification of hunting can be defended (Stuart 1977, Borrero 1985).

A generalized opinion concerning the behavior of the guanaco, maintains that it has a marked seasonality in its use of the space, using the coast in winter and the mountains of the interior in summer (Orquera *et al.* 1977, Stuart 1977). In the particular case of the Peninsula Mitre this model can not be sustained, since significant numbers of guanacos were seen on the coast during summer fieldworks from 1984 to 1990.

(6) The hunting techniques – specially the ambush – described by Furlong (1912) for the *Selk'nam* appear to have low credibility.

It appears as safe to base our speculations on the known structure of the guanaco groups. They include: a) familiar groups formed by an adult male, several females, juveniles and newborns, b) male troops, and c) female troops. What is of interest here is that the familiar groups are territorial at least for part of the year. This situation implies a higher predictability. The situation presents itself as interesting for archaeological analysis, but we lack of detailed information on the structure of age classes in local prehistoric sites necessary to infer if the distinct social groups were differentially exploited. The different social groups appear as more difficult to hunt by interception in paths or in forest clearings, than by stampedes. Anyway, the former strategy can not be excluded a priori. A seasonally patterned exploitation can be considered, alternating familiar groups with male and/or female troops. The problem with the latter is that as a target large troops are less predictable; but even considering that situation, it can be suggested that in parturition times – spring – the troops were more exploited than the familiar groups. During the rest of the year – probably with a peak on fall-winter – a greater utilization of familiar groups can be expected. In summer a displacement of interest toward troops, if available at walking distance, may be predicted.

In sum, I postulate an intensive exploitation of familiar groups on fall-winter (see Stuart 1977, Chapman 1977) on guanaco paths or in forest clearings, using an interception strategy, and a strategy centered in troops during spring-summer.

It is a difficult task to discuss these expectations with archaeological materials, since no clear cut age and/or sex groups can be easily tied to any given strategy. The presence of young of less than one year, occurring in fine grained assemblages, should be diagnostic of familiar groups. As for the activities associated with different potential site types, different opinions exist. Bridges (1951: 156-257) says that the *Selk'nam* use to dismember the prey in five units, while Gusinde (1982: 256) maintains that all the processing was done in situ at the kill. We lack any data concerning how the "Haush" butchered the guanaco, but it is probable that hunting camps do not exhaust site variability associated with guanaco hunting. Differential treatments of guanaco bone units conduct to expect different types of sites. Hunting camps should be those comprising a minimum of food remains,

located in places dominating guanaco territories, generally in low altitude zones (see Stuart 1977). The processing sites should be those represented by bones of lower economical value and with few associated instruments. Parts of higher economical value were probably transported to habitation sites. This site differentiation follows logically from the probable stages of guanaco exploitation process – kill, butchering, transport and consumption. But complicating factors – i.e. direct deboning of meat – may cause the discard of bones of high economical value at processing sites (L.A. Borrero, pers. comm. 1986). We must mention the presence of proximal epiphysis of radio-cubitus and tibia that exhibit cutting marks in sites considered as habitation camps – i.e. sites at Ea. Maria Luisa and Cabo San Pablo (Borrero and Lanata 1988). It is possible to think that, together with the absence of diaphysis, this presence may mean that while butchering those bones were cut down the proximal epiphysis, and transported as riders with choice parts – humerus, femurs – to habitation sites. Consumption of meat off habitation sites may also complicate interpretation of faunal assemblages.

An annual strategies model

Before presenting our predictive model of differential resources exploitation in an annual cycle for the "Haush", we will comment on certain general properties of the study area, that must have gravitated in the process of human adaptation. First, it is a region of small size – with an approximately triangular shape, and a surface of about 3,500km² –, and a few days are needed to travel it by foot. Second, the inhabitable part of that region is still smaller, given the number of mountains, dense forests and bogs. Thus, the coastal zone is possess a higher biomass than the interior, where the unique available resource appears to be the guanaco. Finally, even when the rigors of the fall-winter semester are more marked – low temperatures, snow falling –, the spring and summer are also harsh – strong winds from the south and west, low temperatures. There are marked differences in the length of diurnal light, with ca. 17 hours in summer and ca. 7 hours in winter, given the high latitude (54° S). These properties are sufficient support for Chapman and Hester's claim that marked seasonal di-

morphism in settlement patterns is not to be expected (Chapman and Hester 1973).

Fall-Winter semester

This semester is characterized by sea lion exploitation in fall, together with a better utilization of the guanaco family groups. Considering that there are no abundant exploitable vegetal resources – specifically fruits –, the availability of fish diminished, and some birds migrate, it should have been important to locate the base camp next to the sea lion rookeries and/or guanaco territories. Two factors converge on this: a) control of both critical resources in the most difficult part of the year, and b) maximize utilization of the available light hours.

It is possible to assume camps located in areas dominating both rookeries and guanaco territories. Such places can be found in parts where forests are not too dense. From those advantage points, both resources may be controlled with few movements, and return to camp with diurnal light, saving energy in a semester characterized by a low availability of resources. Given the information presented above, in fall it may have been useful to locate the camp first nearer to the rookeries, and then to transport it to the vicinity of guanaco family group territories, or eventually to places where male and female troops were located. Another alternative was that within the 5km proposed for the sea lions exploitation, potential guanaco hunting stands were available. The latter situation should not require subsequent transport of the camp. This second alternative allows members of the camp easy access to secondary resources: the fishing and/or gathering of fishes at intertidal pools, or the hunting of birds with bow and arrow at the forest. Other bird species, that in this season are concentrated in lagoons and other low zones, can be hunted with different techniques.

In sum, I postulate for the fall-winter semester a settlement where base camps are placed within areas located no more than 5km away from the rookeries – seasonal or annual – and which also had a reduced catchment, including spaces occupied by guanacos. Those camps do not have to be necessary located on the coast. Better conditions are offered by the limit of the forest, where there is better wind protection, and the fuel supply – important for warmth and light – is more or less constant. Functionally specific sites are a possibility in this semester, and it appears as plausible that such sites may be

identified by the general structure of the deposited faunal remains. We think that we must explore differential faunal structures as seasonal indicators, so as to base our seasonal hypothesis on wider evidence than that offered by annular rings on fish vertebrae.

Spring-Summer semester

During the spring the behavior of guanacos – familiar groups or male and female troops – is more hostile, since it is mating period, and accordingly a time when the males fight for the access to females. This puts the individuals in an unusual state of alert. Competence between males is frequently violent, and at this time of the year some kind of division of male troops operates, specially the young that leave the troop to look for females. These behaviors make it difficult the hunt of familiar groups, except perhaps when males are fighting, which may be the occasion to stalk defenseless females. Another potential prey are adults that do not compete for females, and which maintain themselves far away from the familiar groups. Also wounded animals resulting from male fighting may become useful targets on certain cases, those of severe injuries.

It is possible that sites formed in this time of the year had peculiar faunal assemblages, resulting from the differential availability of guanaco age groups. The strategy should have been one of intercepting isolated or defenseless animals. The postulated events are difficult to identify archaeologically. It is also expected that the potential hunting grounds were incremented due to the division of the guanaco troops, and also to thawing of the ground that makes available more space for the distribution of animals.

Parturitions occurred during summer, and thus the protection of guanaco territories is more marked. This should make it more difficult to hunt individuals, except for newborns that were left behind. For that reason we expect male and female troops to be a better target in this season, since once the fighting period was over and some social turnover had operated, troop members continue with their normal non-territorial pattern. The logistically organized hunt of those groups appears as a probable strategy.

A similar situation occurs with sea lions, since copulation and parturition occur in this semester.

The human exploitation area is maintained constant due to the precise situation of the annual or seasonal colonies. Anyway, the annual colonies appear as year round resource, and perhaps a specially used one from the end of summer until the end of winter (Lanata and Winograd 1988), which is not the case with the seasonal colonies, which exploitation is better at the end of the summer. As a result, I postulate that in spring females standing away from fighting males, and wounded males resting on the beaches, are selectively pursued. Newborns and females appear as the more plausible prey in summer. In sum, particular sea lion bone assemblages are expected for spring and summer.

Most of the edible plants are exploitable in this seasons. Their availability is different if they are roots, leafs or fruits are involved. The fruits are apt to be eaten in the beginning of summer, while leaves and roots can be already eaten in spring. I am cautious concerning the consumption of plants, given the lack any quantified data. I believe that it was a resource which occupied an important place in the diet, albeit a lesser one when compared with meat obtained by hunting. Its use must have been restricted to the moments of higher availability, or as a random resource during starvation periods or while traveling.

Migratory birds begin to arrive in the island in spring, and thus the number of available resources increases notably. Also the nesting period began, which gives place to the gathering of eggs. We have already mentioned that eggs have low appropriation costs, high predictability and high daily returns. The best exploitation places should be in the interior lagoons, in capes and, in general, by the sea coast – where most colonies are located. Thus, base camps used in these seasons should include a high variety of bird remains.

When the beginning of spring spawning time arrives, and numerous schools of fish are going near the coast. So, the river mouths, due to nutrients they carry, can be considered as areas where fish shoals concentrate. Any of the mentioned techniques could have contributed a high number of individuals, specially the net technique.

On spring the settlement could have been located according with the availability of birds and fish. These are coastal locations closer to river mouths. A base camp on that location should permit a tight control of nets for fish, as well as of stranded animals. Specific activity sites, like guanaco hunting

stands, should have been located far away from the base camps. Since this is a time when male and female troops are behaviorally available, and it is not easy to predict their location, a need arose to move to find the prey. Hunting stands could also be located in relation with the location of familiar groups, where male fighting facilitated the female or wounded animals' procurement. Guanaco's procurement could be as much resulting from a logistical strategy – male and female troops, and familiar groups –, as by encounter of isolated-solitary males – or defenseless individuals – females, wounded animals. Thus, a widening of the hunting grounds is expected, including piedmont zones where the snows are beginning to melt.

The spring is not appropriate for the exploitation of sea lions, but beach scavenging as well as isolated hunting episodes at the rookeries may have been implemented from the base camp.

Plant gathering should be focused on certain high availability places, principally in parklands (Bondel 1985) and marginal forests. These zones may have been visited in procurement of these resources. Random gathering should also be considered.

The Rancho Donata case

Information from Rancho Donata, an archaeological locality located on the north coast of the Peninsula Mitre at 65°54' S. and 54° 66' W. (Figure 2), will be introduced. The locality was first visited by Anne Chapman (Chapman and Hester 1973) and I performed fieldworks in 1984, 1986 and 1988 (see Lanata 1995).

Rancho Donata is basically a beach of some 1,6km long, at whose eastern extreme the Policarpo river meets the ocean, forming a notable marsh. This river marks the southern limit of the zone with wide beaches with ample and gentle half-moon bays limited by a rocky cape in Peninsula Mitre. It has large bogs and low-altitude steppe prairies patched with *Nothofagus* forests in the hinterland. The Andes Mountains are located at the south, conforming a very different landscape.⁷ It must be

(7) Starting in the Policarpo River to the South, the coast is of irregular shape, and present 15 to 20m height cliffs. The bays and coves in that zone display particular characteristics that render them different from those to the North.

remembered that for some authors the Policarpo river is the limit for the distribution of the "Haush" (i.e. Furlong 1915: 434).

Resource availability at Rancho Donata

I will evaluate the different resource types available in the area. This data was obtained during summer fieldworks, and for this reason discussion has to be limited to this season.

Clark (1986a) completed a bird census – see Table 2. Unfortunately this census was done in February, and thus is almost null the information on eggs, which should be available in the area at least since November. As indicated in Table 2 most of the birds are located principally near the mouth of the Policarpo river, by the Donata lagoon, and at the north of Punta Loberia.

Merino studied the distribution and structure of guanaco groups. Several formations were recorded in 1986 and 1988 (Merino 1988): one familiar group (1 male, 2 females and 1 young) near the Donata lagoon, one male troop (14 individuals) in the area between Cerro Mesa and Playa del Duquesa, one male troop (15 individuals) in the forested area of the river, one solitary male on the beach near the concentration of archaeological sites, and three solitary males between the small streams and the mouth of the river.

Winograd studied the *Otaria flavescens* (Southern sea lion) colony located at Punta Loberia (Winograd 1986). A census made in february 1984 counted 287 individuals, including 246 females, 16 males and 25 pups. It must be mentioned that in 1986 the number of individuals diminished (A. Winograd, pers. comm.), while Carrara (1952) mentioned for that rookery a total of 4875 individuals. Carrara refer to another *Otaria flavescens* colony located to the east of the Policarpo river, including about 2600 individuals. It appears as pertinent to recall Carrara's data, which is indicating a notable diminution in the number of individuals since 1950 – probable causes are mentioned in Winograd 1986.

We lack any specific data on the availability of fish in the area, except for the presence of the already mentioned species.

The plant resources locally available are relatively few. *Berberis sp.* fruits are available on the east flanks of the Cerro Mesa and Monte Arriola, as well as isolated *Apium australis* near the mouth

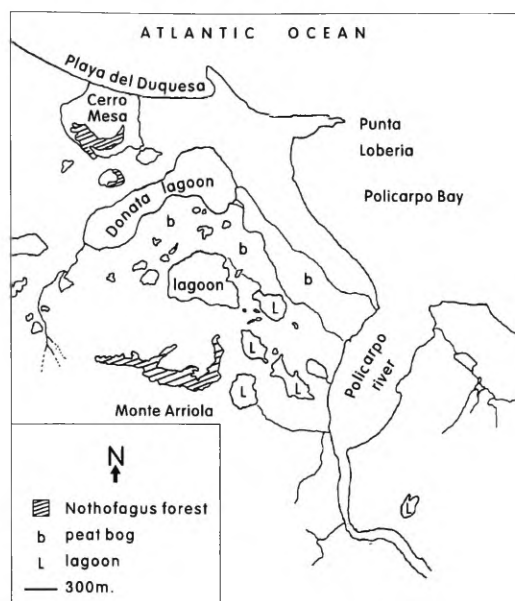


Fig. 2 – The Rancho Donata archaeological locality.

of the Policarpo river. Rushes useful for the construction of baskets are available in the mouth of the small stream draining into the Donata lagoon.

TABLE 2

Bird Census At the Rancho Donata Area from Clark (1986a).

Species	Zone	Quantity
<i>Phalacrocorax albiventer</i>	Punta Loberia	± 160
<i>Puffinus griseus</i>	Punta Loberia	± 5,000
<i>Chloephaga hybrida</i>	Luz river	59
	Punta Loberia	57
<i>Chloephaga picta</i>	Policarpo river	30
	Donata lagoon	94
<i>Chloephaga poliocephala</i>	Donata lagoon	62
<i>Anas flavirostris</i>	Donata lagoon	8
<i>Anas georgica</i>	Policarpo river	20
<i>Haematopus leucopodus</i>	Policarpo river	20
<i>Gallinago gallinago</i>	Policarpo river	107
<i>Leucophaeus scoresbii</i>	Policarpo river	30
<i>Larus dominicanus</i>	Punta Loberia	12
<i>Aptenodytes patagonica</i>	Policarpo river	120
<i>Pygoealis antarctica</i>	Policarpo river	1

The study of the intertidal area at the beach in Donata was performed by Sandra Gomez de Saravia (1986), and offered the following preliminary results. The mesolittoral section was divided in three sectors, the inferior dominated by *Aulacomya magellanica*, followed by *Patinigera magellanica* and *Trophon sp.* with low presence of *Mytilus chilensis*. The medium sectors present an increase in *Mytilus* and a diminution in *Aulacomya*, with low representation of *Nucella sp.* The superior sector is dominated by *Aulacomya*, associated with a marked increase of *Mytilus*, and low representation of *Patinigera*. The supralittoral section is characterized by a codominium of *Mytilus* and *Aulacomya*, with rare *Patinigera* and *Trophon*. All these species correspond to a rocky substratum, the only one presented at the cape in Punta Loberia. In comparison with other beaches in the Peninsula Mitre – i.e. Caleta Falsa, Bahia Thetis – the availability of mollusks at Donata is very low.

The soft sandy beaches are adequate for the stranding of whales. In this case the beach has a length of 1.2km, and the tidal wide discovers almost 400-500m of beaches, thus facilitating the process of stranding. In fact, the bones of different species of cetaceans are widespread on these beaches.

Studies by Hugo Nami (1986,1992) at the lithic workshop located close to Punta Loberia (see Chapman and Hester 1973) indicated that the beach cobbles used as cores were obtained at the western end of the Playa del Duquesa, some 4.8km from the site (Nami pers. comm.). There are no cobbles at Playa Donata itself. A concentration of thermal treated cobbles observed at the site may have come from the same source.

Spring and summer catchment of Rancho Donata

The presented data may be used to sustain that the Policarpo Bay has a sufficient variety of summer resources for fisher-hunter-gatherers within a 5km radius from the central portion of the beach. It is possible to think on a staged use of these resources, according with the most adequate timing for their exploitation. Intense use of birds and fish may be postulated for spring. The mouth of the Policarpo river appears as appropriate, since nets may be used there taking advantage of tides. Being the spawning season, the number of stranded fish increased. So-

me places near Punta Loberia appear as appropriate for the procurement of birds on the cliffs, while near the river the use of snares should be more adequate.

In this semester it is necessary to search for the male and/or female troops, which are more obtainable than other guanaco social groups. Guanaco hunting grounds may be postulated at Cerro Mesa, Monte Arriola, or perhaps in mounts located in the interior. Processing sites may have been located on low flanks.

By the end of summer the exploitation of the sea lion colonies must have been emphasized, but isolated individuals should have been available since the beginning of the season. The rookery may be approached from the top of the cape or, waiting for low tide, from the beach. The latter is the indicated way out of the rookery when it is needed to transport the prey. On the lower parts of the cape some processing could take place. Stranded whales and mollusks are not considered here, since the former are fortuitous resources and the latter are not well represented today in order to discuss differential availability.

Two alternative spring-summer settlement systems are presented. In one the location of the base camp is changed as a function of staging in the appropriation of resources. In the other, only two camps are used along the semester. In both cases limited activities' camps are also necessary.

There are other factors – besides location and availability of food resources – that are important for the location of camps, such as fuel, water and shelter from the wind. Today fresh water sources are situated on the east of the bay, or in the interior lagoons. What seems to be an old drainage of the Donata lagoon was detected running parallel to the cape Punta Loberia. Fuel can be obtained from materials accumulated by the sea on the beaches, or from the forests on mounts Mesa and Arriola, which also are offering protection from the winds. Anyway, having in mind that the potentially exploited food resources are within a reduced catchment, we think that the location of a base camp will privilege access to them, even when that means the economically costly operations are needed for the provisioning of fuel and water and protection from the wind. Such a place should not disturb guanacos or birds. The sea lions offered no such problem, since their home range is aquatic.

The concentration of the archaeological sites is in the central zone of the beach, not far away from the high tide line. According with the factors just reviewed, this zone, together with the plains next to cape Punta Loberia, includes the more adequate places for a base camp. Limited activities camps may have been located in different areas. Bird hunting sites should have been placed at the mouth of the Policarpo river, and nearby the Donata lagoon and Punta Loberia. At Punta Loberia, where today a shag colony is located, we can postulate hunting on the cliffs. Sites near the cape should be expected, probably with evidences of bird processing. Such sites should be characterized by the disproportionate presence of low economical value bones – from the head, cervical vertebrae, tibiotarsals. At the mouth of the Policarpo river, as well as in the Donata lagoon, bird processing derived from snaring should have a lower archaeological visibility in comparison with the previous case, except in the case of redundant use of the same locus. In that case one may get the wrong impression that the use of a more intensive, collective technique, may explain the accumulation of bird bones.

The mouth of the Policarpo river and the sea coast are the appropriate places to look for fish. Unusual frequencies of caudal vertebrae and head bones may characterize fishing sites, specially considering the size of some of the available fish.

If the occupation was during spring-summer we can postulate that practically all bone units should be represented at those sites, with a high female/male ratio, and a high percentage of newborns. Having in mind the marked sexual dimorphism of the sea lions, perhaps some processing of adult males may have taken place near Punta Loberia.

High altitude loci with a dominance of the space between Cerro Mesa and Monte Arriola may be considered good guanaco hunting ground for female and/or male troops. Processing sites may be located in the lower flanks of those mounts, by the forest limit.

The proposed settlement differs, as emphasized previously, in the presence of a mobile base camp or its lack, as a function of differential preservation of resources. Anyway, since the appropriation area for most of the resources – birds, fish, sea lions, mollusks and eventually whales – is found circumscribed to a radius of 5km from

the central part of the beach, we propose a relatively stable base camp, with guanaco hunting stands located at more than a day's walk. According with what was previously said, a settlement system that locate its spring base camp near the mouth of the Policarpo river is postulated. Its location in summer is in the NW. extreme of the bay, to control the local rookery.

Some considerations

In the general predictive model of resource exploitation, as well as in the specific model for the occupation of Rancho Donata, different behavior patterns are expected to justify the use of functionally specific types of sites, besides base camps. Types of sites may be enumerated: 1) logistical, 2) home range, and 3) incidental.⁸

Logistical sites are those which are produced within a logistical radius, as a result of specific activities developed at overnight camps away from the base camp (Binford 1982: 7). Home range sites are those produced by the group within the action range of the base camp, and do not imply the installation of a camp. Incidental sites are those which are the product of specific activities that were not programmed, and accordingly may be located – indistinctly within the camp range or the annual range. The definition of incidental sites is undoubtedly ethnographically charged, and appear almost impossible to differentiate archaeologically from other types. Its characteristics are absolutely opposite those of a logistical type. I understand that logistically organized activities presuppose a plan – i.e. a guanaco hunting party. Incidental sites, on the other hand, result from the unexpected, like random encounters with animals – a stranded sea mammal on the beach, the processing of wounded guanacos, or the random gathering of eggs and plants.

Logistical sites should be more related with the hunting of guanacos, or birds in the cliffs. The latter case is interesting, since technically speaking those sites should be located within the

home range, but due to the use of nocturnal strategies, the formation of a logistical camp is expected within the home range in certain cases: as I said, most of the specific activities' sites proposed here are located within a range of 5km. Then, the pattern of spring-summer space use may be characterized as that of complete radius (Binford 1982: 9), with the peculiarity that half of the space is in the ocean, since the base camps are located near the beach. For the fall-winter semester, with a base camp near the forest, the space use pattern should be more adequately termed of complete radius. This characterization differs from Borrero's model of high residential mobility for the *Selk'nam* (Borrero 1985: 300). In the Rancho Donata case the high mobility is restricted to the home range. The strategy then, is one of patterned mobility within the home range, with limited logistical movements for the hunt of guanacos and shags.

It is clear that reality should have been more complicated than exposed by this model. I expect that the complete study of the materials obtained in Rancho Donata will suffice to refute it.

The archaeological evidence

I will not present a detailed list of the archaeological findings at Rancho Donata (see Lanata 1986, 1990, 1993, 1995), but will mention some property of the samples. Most of the concentrations of archaeological materials are in surface and located in the central portion of the beach, at a distance of 50-100 meters from the high tide line. Identified sites are varied: large shell middens – i.e. RD 3: 72m², RD7= 560m², RD10: 800m² –, concentrations of thermal treated cobbles with a few instruments and without any traces of food remains, concentrations of cetacean and sea lion bones with few instruments, sites formed with the remains of shipwrecks and associated with glass workshops. A large lithic workshop was found at the interior side of the Punta Loberia cape, at an advantage point for the observation of the hunting grounds. This location justifies transport of the cores, which were prepared with cobbles from the Playa del Duquesa – 5km to the West. Two stratified sites were found in the eastern sector of the Playa del Duquesa, near the workshop. Sites containing mollusks and

(8) Even when this site type may be named 'transient', we prefer to use the name 'incidental', referring to those events that were not planned (i.e., random hunting). On the other side, the term 'transient' implies a plan.

guanaco bones are found at the top of Cerro Mesa, and there are also evidences of human occupations at their lower and forested flanks.

Preliminary results at Rancho Donata locality show that the concentrations of archaeological materials appear at locations predicted for spring-summer base camps. The systematic sampling design used in that area permit us to observe the existence of endscrapers, arrow points, large projectile points – tips and tangles –, and side scrapers. Bone remains at the larger sites (RD 5, 7 and 10) indicate an important presence of birds and fish,⁹ as well as guanaco and sea lion newborns (Lanata 1993), implying its use in spring-summer, at least. The presence of large projectile points – 10 to 12cm long – with expanded tangles, was also detected. They may have been used as harpoons (see de Broses 1756, I: 444) (Ratto 1991). This may help to explain the low representation of bone harpoons. Abundance of whale bones in sites and near vicinity – vertebrae, skulls, ribs; some with cut marks – suggest cetaceans scavenging.

Data from Rancho Donata permit to confirm some of our predictions. Continuation of the excavations, as well as in deep studies on the recovered materials will permit re-examination of the model. In a more general perspective, recent anthropometric data shows some affinities *Selk'nam*-"Haush", but it do not constitute an authentic proof of identity (Guichon 1993 and pers. comm.). Even when the studies of lithic materials from different Peninsula Mitre sites (Nami 1986, 1992 and pers. comm; Ratto 1991 and 1993) do show some peculiar characteristics, like beveled points and retouches, large points with expanded tangles – presumably used as harpoon heads –, thick endscrapers; there are also arrow points and harpoons (Casiraghi 1986) which are comparable to those of the *Selk'nam*.

Other Fuegian models

The subsistence and settlement models available for Tierra del Fuego are those of Stuart (1977), Moore (1980) and Borrero (1985) for the *Selk'nam* area, and of Jackson and Popper (1980) and Stuart (1983) for the *Yahgan* area. Stuart and Moore settlement models postulated an alternate use of the coast and the interior, spending summer and winter

in the coast, and fall and spring in the interior. On the other hand, Borrero proposed a more complex situation, with factors other than seasonality to account for the use of any given habitat (Borrero 1985: 276-277).

Jackson and Popper visualize the *Yahgan* settlement as concentrated near the coast in winter and spring, and on the coast in summer and fall. Stuart's model for the *Yahgan* is dependent on the use of canoes. These *Yahgan* models will not be explored here.

The model presented here differs from any of those mentioned, since we postulate that base camps were never located more than 5km from the coast. In that sense I may concur with Borrero (1985: 315) when he talks of lack of specific seasonal differentiation in the *Selk'nam* adaptation. As for site typologies previously presented, those of Stuart and Borrero for the *Selk'nam* are the more useful. The typology presented by Moore is too general, and for that reason is not adequate for my purposes. Site types presented by Stuart (1977: 276-281) are based on ethnographic information, while the elaboration presented by Borrero (1985: 230), is archaeologically defined. Anyway, I am not to consider it any more, since it is not appropriate for the "Haush" area.

Specialized site types proposed by Stuart are basically related with the hunting of the guanaco – Fall guanaco hunting lodge camp, Guanaco hunting base camp, and Guanaco hunting camp. They share some properties with mines – their location at high places or in the forest – and differ in that they are seasonally used and in the lack of redundancy in the occupation. At first sight Stuart's three categories appear as similar to the hunting stands that I proposed, but they are not. Stuart's first two categories coincide with my base camps. Stuart's Guanaco hunting camp is equivalent to my 'guanaco hunting stand', which is a place located to control spaces used by guanacos. Those stands could be located far away from the base camp, and can be defined as small sites (Borrero 1986). I think that Stuart's Fall guanaco hunting lodge camps may be more related with the hunting of familiar

(9)The excavation of RD A-310 presented ca. 400 fish vertebrae in one square (1m²), with a vertical dispersion of only 2cm. This remains are now under study to determine the season of death. In that square the dominant bones are those from birds and fish.

groups, due to seasonality and redundancy in the occupation (Stuart 1977: 277). On the other hand, their Guanaco hunting base camp, and Guanaco hunting camp may be related to the hunting of male and/or female troops, since they are camps not used every year.

Another specialized site type in Stuart's typology is his Spring Sealing Base Camp (Stuart 1977: 278-279), which differs from what we proposed, since we consider that sea lion exploitative activities took place from the summer on, and we contemplate the addition of other alternative coastal resources. My generalized base camp was proposed on these bases. In a way it may be compared with Stuart's Generalized Littoral Resource Camp (1977: 279), even when he considers that this type of site may have also been used in winter and we only attribute it to summer use. Other generalized camps proposed by Stuart (1977: 280) are located in the forest and are used in midwinter and midsummer; the former are equivalent to our winter base camp. Being almost nil the evidence for the use of Kloketen camps in the Peninsula Mitre, we do not count that type in our typology. On the other hand, a number of specific activity sites – exploitation of birds, fish, plants – are added in our model.

The major difference between our model and Stuart's is, perhaps, the difference in subsistence. While Stuart's model is heavily inclined to emphasize the exploitation of the guanaco over sea lions, both resources are critical in our model. For the time being we lack of any quantification of the importance of guanacos and sea lions within the Isla Grande different populations, but we feel that sea lions must have an important place within the human diet as sources of lipids. On the other hand, our model gives importance to birds, fish, and plants (Lanata 1986, 1990, 1993, Savanti 1994, Vidal 1985).

In sum, I think that Stuart's ethnographic model, even when sharing a number of properties with our model, could be more useful in marking changes within *Selk'nam* strategies once they were in fluid contact with white colonists. This change, occurring since the end of the last Century, was already considered by Borrero (1985 and 1991). In opposition, my general model is trying to include what I consider a logical chain in the exploitation of resources (see also Muñoz 1994). Of course, this model is to be refuted with our own work and with that of Vidal at the Southern littoral of the Peninsula Mitre (Vidal 1985, 1986, 1987, 1988).

Summary and conclusions

A predictive model was presented, as well as the archaeological case of Rancho Donata in what is considered the "Haush" area. My proposal is that Peninsula Mitre human populations possess two critical resources – guanacos and sea lions – and used an important biomass of birds and fish. The latter serve as an alternative resource, which helps not to overexploit large mammals stocks. The strategies appear to have been different in fall-winter and spring-summer. Logistical movements for guanaco hunting were favored in fall-winter, while hunting of sea lions occurred within the camp range. Base camps were located in the limit of the forest, within 5km from the coast or, strictly speaking, from a rookery. In opposition, the strategy during spring-summer is one of patterned movements locating base camps mainly on the coast in relation with different resources – initially birds, then fish, and finally sea lions. Guanaco male and/or female troops were searched with a logistical strategy.

This model is confirming some observations from ethnohistorical sources concerning increased utilization of littoral resources in the "Haush" area in relation with the *Selk'nam* area. Recent stable isotopes analysis from human bones of the whole Tierra del Fuego, shows that diet in Peninsula Mitre samples was important in maritime resources, more than the *Selk'nam* but less than the *Yahgan* (Yesner *et al.* 1991). Anyway, we are far from a position from which to choose on any of the three hypotheses on the attribution of the Peninsula Mitre's archaeological record. In a few years the results of different projects in progress will throw new light on this problem.

Acknowledgments

I want to acknowledge Oscar Pablo Zanola, from the Museo del Fin del Mundo, Ushuaia, who together with Beto Brizuela and Luis Sosa relied on me for the direction of the "North of Peninsula Mitre Archaeological Project" and who helped me in any conceivable way. To Hugo Nami and Ricardo Guichon for his acceptance to work together in that project. To Ricardo Clark, Carlos di Filippo, Sandra Gomez de Saravia, Mariano

Merino, Hernan Vidal and Alejandro Winograd for making available unpublished information. Special thanks to all those whom one way or another collaborated in the lab and in the field. To Claudia Briones, for her assistance in the initial steps of this article. And very specially to Luis

Alberto Borrero for his daily patience, his enlightening discussions and the translation of this paper. Of course, I am the only responsible of any mistakes that this article may contain. This is a brief updated version of a paper that first saw the light a couple of years ago.

LANATA, J.L. The "Haush" puzzle: piecing together subsistence and settlement at the Fuegian southeast. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 11-32, 1996.

ABSTRACT: The Isla Grande of Tierra del Fuego – Argentina – southeast tip was archaeologically almost unknown till the middle 1980's, when systematic research began. This area was historically inhabited by the *Haush*, a group without a clear ethnic status. The different positions about them are summarized. The ethnographic information available and the data from the faunal resources – guanacos (*Lama guanicoe*), sea lions, birds and mollusks – are adjusted to postulate a subsistence and settlement model for the area – known as Peninsula Mitre. It is applied for the Rancho Donata archaeological locality, and then it is compared with other Tierra del Fuego pedestrian hunter-gatherers models. Logistical strategies for guanaco hunting seem to be more efficient yearlong. During the fall-winter semester, sea lions hunting took place within the camp range – ca. 5km from the coast. The spring-summer semester base camps movement appears to be first associated with bird and fish procurement and then to sea lions hunting.

UNITERMS: High latitude adaptation – Tierra del Fuego – Hunter-gatherers – Faunal resource exploitation – Subsistence and settlement models.

References

- BEAUVOIR, J. M.
1915 *Los Selk'nam: Indígenas de la Tierra del Fuego*. Buenos Aires
- BELLISIO, N.R. ; LÓPEZ, R.; TORNO, A.
1979 *Peces Marinos Patagónicos*. Buenos Aires, Secretaría de Estado de Intereses Marítimos.
- BINFORD, L.R.
1982 The archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1: 5-31
- BONDEL, C.S.
1985 *Tierra del Fuego (Argentina): La Organización de su Espacio*. CONICET-CADIC. Ushuaia.
- BORRERO, L.A.
1985 *La Economía Prehistórica de los Habitantes del Norte de la Isla Grande de Tierra del Fuego*. Tesis Doctoral. Museo Etnográfico. FF. y Letras. UBA.
1986 El proyecto arqueológico "Norte de la Isla Grande de Tierra del Fuego": Contribuciones metodológicas y principales resultados generales. *Primeras Jornadas de Arqueología de la Patagonia*. Secretaria de Cultura, Rawson: 33-39.
- BORRERO, L.A.; Lanata, J.L.
1988 Estrategias adaptativas representadas en los sitios de Estancia María Luisa y Cabo San Pablo. *Pre-circulados IX Congreso Nacional de Arqueología Argentina*. FFyL. UBA:166-174.
- BRIDGES, E. L.
1951 *Uttermost part of the Earth*. Londres, Hodder & Stoughton.
- BROSSES, C. de
1756 *Histoire des Navigations aus Terres Australes*. Vols I. & II, Paris.
- CARRARA, L.
1952 *Lobos Marinos, Pingüíneras y Guaneras de la Costa del Litoral Marítimo e Islas Adyacentes de la República Argentina*. La Plata, U.N.L.P., Facultad de Ciencias Veterinarias.
- CASIRAGHI, M.
1986 Arpones y cuñas en hueso provenientes de Ran-

- cho Donata, Península Mitre, Tierra del Fuego. *PEOAF*, 84: 116-131.
- CHAPMAN, A.
 1973a Donde los mares chocan: La tierra de los antiguos Haush, Tierra del Fuego. *Karukinka*, 3: 5-14.
 1973b El fin del mundo. *Ciencia e Investigación*, 29: 3-14.
 1977 Economía de los Selk'nam de Tierra del Fuego. *Actes du Congrès International des Américanistes* Hors-série, V: 135-148.
 1982 *Drama and power in a hunting society: The Selk'nam of Tierra del Fuego*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CHAPMAN, A.; HESTER, T.
 1973 New data on the archaeology of the Haush; Tierra del Fuego. *Journal de la Société des Américanistes*, LXII: 185-208.
- CLARK, R.
 1986a Notas sobre la avifauna de Península Mitre. *PEOAF*, 84: 12-51.
 1986b *Aves de Tierra del Fuego y Cabo de Hornos. Guía de Campo*. Buenos Aires, Ed. L.O.L.A.
- COJAZZI, A.
 1911 *Contributi al Folk-lore e all'Etnografia dovuti alle Missioni Salesiane. Gli Indii dell'Arcipelago Fueghino*. Torino.
- COOK, F.A.
 1900 The giant indians of Tierra del Fuego. *Century Magazine*, 5: 720-729.
- COOPER, J.M.
 1915 Fuegian and Chonoan tribal relations. *19th. International Congress of Americanists*: 445-453.
 1917 Analytical and critical bibliography of the tribes of Tierra del Fuego and adjacent territory. *Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology*. Bulletin 63.
- DABBENE, R.
 1904 Viaje a la Tierra del Fuego y a la Isla de los Estados. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, XXI: 3-78
 1911 Los indígenas de la Tierra del Fuego. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, XXV: 163-226 y 247-300.
- DARWIN, C.
 1839 *Journal and remarks 1832-1836. In Narrative of the Surveying Voyages of his Majesty's Ships Adventure and Beagle, between 1826 and 1836, describing their examination of the southern shores of South America and the Beagle circumnavigation of the globe*. Volumen III. Londres, Colhems.
 1958 *The voyage of the Beagle*. New York, Bantan Books.
- FREZIER, A.F.
 1716 *Relation du Voyage de la Mer du Sud aux Côtes du Chili et Perou, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Paris.
- FURLONG, C.W.
 1912 Hunting the guanaco. *Outing Magazine*, 61: 3-20
- 1915 The Haush and Ona. Primitive tribes of Tierra del Fuego. *Proceedings of the 19th. International Congress of Americanists*: 432-444.
 1917 Tribal distribution and settlements of the fueguians, comprising nomenclature, etymology, philology and populations. *The Geographical Review*, III (3): 170-187.
- GALLARDO, C.R.
 1910 *Los Onas*. Buenos Aires, Cabaut y Cia.
- GOMÉZ DE SARAVIA, S.
 1986 *Estudio del Intermareal de Playa Donata*. MS on file Museo del Fin del Mundo. Ushuaia.
- GUICHÓN, R.
 1993 *Antropología Biológica de Tierra del Fuego*. Ph.D. Dissertation. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.
- GUSINDE, M.
 1982 *Los Indios de Tierra del Fuego: Los Selk'nam*. CONICET - CAEA. Buenos Aires.
- HOLMBERG, E.A.
 1906 *Viaje al interior de la Tierra del Fuego*. Anales del Ministerio de Agricultura. Sección de Inmigración, Propaganda y Geografía Tomo I, Nro. 1.
- JACKSON, H. E.; POPPER, V.
 1980 Coastal hunter-gatherers: The Yahgan of Tierra del Fuego. The Archaeological Correlates of Hunter-Gatherers societies: Studies from the Ethnographic Area. *Michigan Discussion in Anthropology*, 5(1-2): 40-61.
- KING, P.P.
 1839 *Proceedings of the First Expedition 1826-1830. Narrative of the Surveing Voyages of His Majesty's Ships Adventure and Beagle, between 1826 and 1836, describing their examination of the southern shores of South America and the Beagle circumnavigation of the globe*. Volumen I. Londres, H. Colhems.
- LANATA, J.L.
 1986 Prospección arqueológica del Litoral septentrional. *PEOAF*, 84 : 103-114
 1990 Human, Terrestrial and Sea Mammals at Peninsula Mitre, Tierra del Fuego. L. Davis; B.O.K. Reeves (Eds.) *Hunters of the Recent Past*. London, Unwin Hyman: 400-406.
 1993 Estados Alterados. Procesos de formación y conjuntos faunísticos en Rancho Donata, Tierra del Fuego. *Explotación de Recursos Faunísticos en Sistemas Adaptativos Americanos*. J.L. Lanata (Comp.) *Arqueología Contemporánea*, 4. Buenos Aires: 163-176.
 1995 *Paisajes Arqueológicos y Propiedades del Registro en el Sudeste Fuegino*. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires.
- LANATA, J.L.; WINOGRAD, A.
 1988 Gritos y Susurros: Aborígenes y Lobos Marinos en el litoral de la Tierra del Fuego. *Arqueología de las Américas*. 45° Congreso Internacional de Americanistas, Bogotá: 227-246.
- LANATA, J.L.; NAMI, H.; GUICHÓN, R.
 1985 Península Mitre: Alternativas exploratorias para

- un problema arqueológico. Presented at the VIII Congreso Nacional de Arqueología Argentina. Concordia, Libro de Resúmenes. Concordia: 9.
- 1988 Armando el Rompecabezas: Nuevos datos para Península Mitre. Presented at the IX Congreso Nacional de Arqueología Argentina. Buenos Aires, Libro de Resúmenes. Buenos Aires, FFyL. UBA: 76.
- LEHMAN-NITSCHKE, R.
1913 El grupo lingüístico Tshon. *Revista del Museo de La Plata*, XXII: 217-276.
- LISTA, R.
1887 *Viaje al País de los Onas. Tierra del Fuego*. Buenos Aires.
- LOTHROP, S.K.
1928 The indians of Tierra del Fuego. *Contribution from the Museum of the American Indian*, 10.
- MARTINEZ CROVETTO, R.
1968 Nombres de plantas y sus utilidades según los indios onas de Tierra del Fuego. *Etnobiológica*, 3: 1-20
1978 Los indios onas y las plantas. *Karukinka*, 23: 19-25.
- MERINO, M.
1988 *Estructura social, área de acción y parámetros poblacionales de guanaco (Lama guanicoe Muller 1776) del área comprendida entre Bahía Policarpo y Bahía Thetis, Tierra del Fuego, Argentina*. MS on file, Museo Territorial, Ushuaia.
- MOORE, D.M.
1983 *Flora of Tierra del Fuego*. A. Nelson. Botanical Garden. Londres & Missouri.
- MOORE, K.
1980 Archaeological correlates of the Ona: Hunter-gatherers of the sub-antarctic. The Archaeological Correlates of hunter-Gatherers Societies: Studies from the Ethnographic Area. *Michigan Discussion in Anthropology*, 5(1-2): 62-77.
- MUÑOZ, A.S.
1994 *Arqueofaunas de la Costa Atlántica Fueguina. Marcas Naturales y Huellas Culturales*. Tesis de Licenciatura. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires.
- NAMI, H.G.
1986 Observaciones preliminares sobre la tipología y tecnología de los artefactos líticos procedentes del sitio Rancho Donata. *PEOAF*, 84. Museo Territorial. Ushuaia: 134-146.
1992 Noticia sobre la existencia de técnica 'Levallois' en Península Mitre, extremo sudoriental de Tierra del Fuego. *Anales del Instituto de la Patagonia Cs. Hu.*, 21: 73-80
- NODAL, B.G.; GONZÁLO de
1621 *Relación del Viaje que por orden de su Majestad y de acuerdo de El Real Consejo de Indias hicieron los capitanes Bartolomé García de Nodal y Gonzálo de Nodal, hermanos, naturales de Pontevedra, al descubrimiento del Estrecho Nuevo de San Vicente, que hoy es nombrado de Maire y Reconocimiento del de Magallanes*. Cádiz, Real Marina.
- ORQUERA, L.A., SALAS, A.; PIANA, E.; TAPIA, A.
1977 *Lancha Packewaia. Arqueología de los Canales Fueguinos*. Buenos Aires, Ed. Huemul.
- OSBRON, A.J.
1977 Strandloopers, mermaids and other fairy tales: Ecological determinants of marine utilization – The peruvian case. L. Binford (Ed.) *For Theory Building in Archaeology*. New York, Academic Press: 157-206.
- PARKINSON, S.
1784 *A Journal of a Voyage to the South Seas, in H.M.S. the Endeavour*. Second edition. (First edition 1773). Londres.
- PURÍSIMA CONCEPCIÓN
n.d. *Diario del Navegación y acaecimientos del navío nombrado la Purísima Concepción (alias Los Pasajes) en su viaje desde el Puerto de Cádiz a los Mares del Sur, que dió principio el 12 de Enero de 1764*. Xeroxcopy on files at the Museo Territorial, Ushuaia.
- RATTO, N.R.
1991 Análisis funcional de las puntas de proyectil líticas de sitios del sudeste de la Isla Grande de Tierra del Fuego. *Arqueología*, 1: 151-178.
1993 What and how did they hunt?: Methodological essay to approach the question of prehistoric hunting techniques. *Explotación de Recursos Faunísticos en Sistemas Adaptativos Americanos*. J.L. Lanata (Comp.) *Arqueología Contemporánea*, 4. Buenos Aires, Edición Especial: 135-148.
- SAVANTI, F.
1994 *Las Aves en la Dieta de los Cazadores-Recolectores Terrestres de la Costa Fueguina*. Temas de Arqueología. PREP-CONICET. Buenos Aires.
- SEGERS, P.
1891 Hábitos y Costumbres de los Indios Aonas. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, XII (5-6): 56-82
- SEGURA, J.
1973 Don Manuel Lefrant en la bahía fueguina del Buen Suceso. *Karukinka*, 4: 3-8
- SKOTTSBERG, C.
1911 *The wilds of Patagonia. A narrative of the swedish expedition to Patagonia, Tierra del Fuego and the Falkland Islands in 1907-1909*. Londres.
1913 Observations on the native of the Patagonian channel region. *American Anthropologist*, 15: 578-616.
- SPGAZZINI, C.
1882 Costumbres de los habitantes de la Tierra del Fuego. *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, XIV: 159-181.
- STUART, D.
1977 Seasonal phases in Ona subsistence, territorial distribution and social organization: Implications

- for the archaeological record. L. Binford (Ed.) *For Theory Building in Archaeology*. New York, Academic Press: 251-286.
- 1983 Subsistencia Yahgan y patrones de movilidad en canoas. *Arqueología Contemporánea*, 1: 20-27.
- VIDAL, H.J.
- 1985 *Los conchales de Bahía Valentín*. Tesis de Licenciatura. Museo Etnográfico. F. Filosofía y Letras. UBA.
- 1986 Prospección arqueológica del litoral septentrional. *PEOAF*, 84. Museo Territorial. Ushuaia: 199-240.
- 1987 Primeros lineamientos para una arqueología etnográfica de la Península Mitre. *Primeras Jornadas de Arqueología de la Patagonia*. Rawson, Secretaría de Cultura: 303-309.
- 1988 Bahía Valentín: 6.000 años de ocupaciones humanas en el oriente fueguino. *IX Congreso Nacional de Arqueología Argentina*. Libro de Resúmenes, Buenos Aires: 77.
- WILKES, C.
- 1845 Narrative of the United States Exploring Expedition During the Year 1838, 1839, 1849, 1841, 1852. 5 Vols. Philadelphia.
- WINOGRAD, A.
- 1986 Presencia de Pinnípedos en el litoral septentrional. *PEOAF*, 84. Ushuaia, Museo Territorial: 69-101.
- YESNER, D.R.
- 1980 Maritime hunter-gatherers: Ecology and prehistory. *Current Anthropology*, 21: 727-750.
- YESNER, D.; FIGUERERO, M.J.; GUICHÓN, R.; BORRERO, L.A.
- 1991 Análisis de isótopos estables en esqueletos humanos: confirmación de patrones de subsistencia etnográfica para Tierra del Fuego. *Shincal*, 3(2): 182-190.

Recebido para publicação em 26 de agosto de 1996.

POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO DO CONTEÚDO SIMBÓLICO DA ARTE GRÁFICA GUARANI*

*Fernanda Bordin Tocchetto***

TOCCHETTO, F.B. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani.
Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 33-45, 1996.

RESUMO: Interpretações de arte gráfica indígena realizadas nas últimas décadas a situam como manifestações essencialmente simbólicas, que comunicam mensagens relacionadas à vida em sociedade, a esferas da cultura, como a cosmologia e a mitologia.

Este ensaio pretende, considerando as informações sobre a presença da pintura corporal entre os Guarani pré-coloniais e da variedade de desenhos geométricos aplicados em vasilhas cerâmicas deste grupo, demonstrar o potencial interpretativo dos signos gráficos presentes no material cerâmico arqueológico. Busca-se na analogia etnográfica e no universo mítico dos Guarani, os conteúdos simbólicos expressados através dos padrões de desenho pintados nos recipientes cerâmicos.

UNITERMOS: Cerâmica pré-colonial – Arte Gráfica – Conteúdo simbólico.

Este trabalho compreende os primeiros resultados de uma pesquisa, realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul, cujo objetivo corresponde à interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica das vasilhas cerâmicas dos Guarani pré-coloniais.

A primeira etapa foi desenvolvida através do levantamento de materiais cerâmicos de sítios arqueológicos Guarani que apresentassem desenhos geométricos pintados e da comparação destes com a arte gráfica Asuriní e Kayabí, grupos Tupi do Xingu, cujos significados foram intensamente documentados por Müller (1990) e Ribeiro (1986).

A analogia etnográfica foi aplicada na tentativa de interpretação do conteúdo dos signos gráfi-

cos da cerâmica arqueológica. No decorrer da pesquisa, no entanto, a relação analógica apresentou limites que foram tornando-se nítidos: os signos usados como expressão simbólica são únicos e específicos da sociedade que os produz. Mesmo entre grupos que possuam afinidades culturais, como os Asuriní, Kayabí e Guarani, e ainda semelhanças entre aspectos formais dos desenhos geométricos, o significado que lhes é atribuído é construído diferentemente, a relação entre expressão (forma) e conteúdo (significado) é próprio do contexto sócio-cultural de cada sociedade.

Em vista disto e dando continuidade ao estudo, foi realizado o levantamento de narrativas míticas Guarani buscando, com isso, elementos que possibilitassem a leitura simbólica dos signos gráficos. Os desenhos geométricos foram reunidos na bibliografia arqueológica, principalmente nos trabalhos de síntese e nas vasilhas inteiras ou em grandes fragmentos destas armazenadas no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da PUCRS, no

(*) Trabalho apresentado na VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, João Pessoa, PB, 1993.

(**) Museu Joaquim José Felizardo/ Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, RS, Brasil.

Laboratório de Arqueologia da UFRGS e no Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul (o material arqueológico é proveniente de sítios do estado, muitos sem indicação da sua procedência ou qualquer outra informação).

Considerações sobre a arte gráfica e os significados culturais

“(…) a arte gráfica, em qualquer de suas modalidades, expressa significados culturais” (Vidal e Silva, 1992: 284).

Estudos antropológicos das últimas décadas no interior das sociedades indígenas afirmam que as manifestações artísticas expressadas através da pintura do corpo e de diversos objetos da cultura material dizem respeito “(…) à vida em sociedade, ao modo como os indivíduos são classificados e como devem ou podem se relacionar entre si, com a natureza e com o cosmo” (Vidal e Silva: 284).

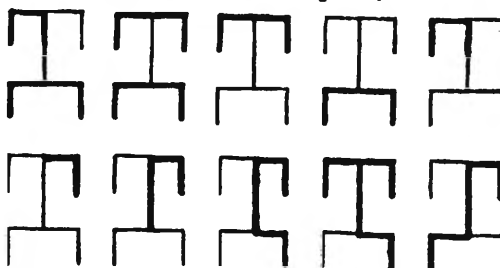
As representações gráficas indígenas são produzidas por artesãos locais e compartilhadas por toda a comunidade, pois são imagens que todos conhecem. As experiências cotidianas, a maneira de estar no mundo e de pensar sobre este, os valores tradicionais, transformam-se em uma linguagem visual através dos signos¹ gráficos produzidos e reproduzidos pela coletividade. A arte, como “expressão visual sintética de uma ‘visão de mundo’” (Vidal e Silva: 287), só pode ser estudada a partir da constatação das relações que se estabelecem com os domínios sócio-culturais, dentro do contexto geográfico e histórico no qual ocupa um espaço significativo. Cada sistema gráfico deve ser aprendido na sociedade a que pertence e relacionado aos demais aspectos da cultura, buscando os seus significados, seus conteúdos simbólicos.

(1) “Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objetivo que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante” (Santaella, 1990: 58, conf. Peirce).

Entre os Asuriní, por exemplo, Müller (1990) identificou um padrão de base – o *tayngava* – presente na maioria dos desenhos pintados em diferentes suportes (corpo, objetos vários).



unidades mínimas de significação



O boneco *tayngava* e unidades mínimas de significação

O padrão tayngava significa imagem, réplica do ser humano, boneco antropomórfico usado em rituais xamanísticos. O braço/perna é a unidade mínima de significação (Müller 1990: 243).

Para os Asuriní, “(…) como elemento simbólico representado pelo boneco, o *tayngava* representa o princípio constitutivo da categoria de humano (isto é, vivente, uno), compartilhado pelos espíritos, xamãs primordiais e animais da floresta” (Müller 1990: 244). O *tayngava* expressa a noção abstrata do pensamento relativo à classificação dos seres na cosmologia e filosofia Asuriní. A autora mostra a carga simbólica da arte gráfica e trata-a como ‘modelo reduzido’, isto é, como uma forma sintética da visão de mundo, de conhecimento.

Outro exemplo é demonstrado por Vidal e Müller (1986) sobre os grupos Gê, onde os de-

senhos pintados sobre o corpo exprimem a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e outras informações referentes à ordem social e cósmica. Entre os Xavante, as classes e categorias de idade, os grupos cerimoniais e linhagens diferenciam-se através da ornamentação corporal que comunicam, assim, mensagens relacionadas aos princípios que ordenam a vida social Xavante.

Já para os Kaxinawá, a palavra *kene* que significa desenho, motivo, padrão, não serve para diferenciá-los, "(...) se separar do mundo animal/natural/espiritual, mas para se distinguir de povos sem desenho, seus vizinhos. Animais podem ter *kene kuin*, *vuxin* também, mas o desenho de outros povos nunca será *kuin* verdadeiro" (Lagrou 1991: 140). *Kene kuin* – desenho verdadeiro – é definidor da identidade Kaxinawá. Para estes o desenho – *kene* – confere beleza e marca a pessoa.

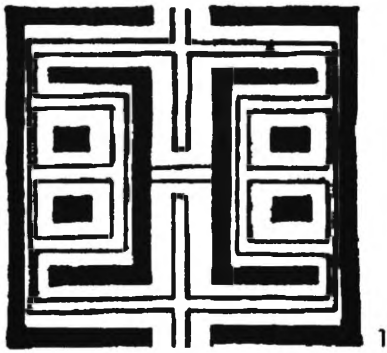
A arte de pintar o corpo também constituía-se numa prática dos Guarani pré-coloniais. Expressões na língua Guarani, compiladas e traduzidas no século XVII pelo Pe. Jesuíta Ruiz de Montoya,² remetem à pintura corporal, infelizmente sem os seus significados: *pintarfe la cara = Anembo obá pyni*; *pintarfe las piernas = Ayeetyma pini. Aneytymã nguã.1.Pinã*; *pintarfe los fienes = Ayeati açá. Ayeati guã*; *pintarfe los carrillos = Ayeati pi quã*. Ainda há outros verbetes quanto a quem executa a tarefa de pintar – *quatihára*; quanto ao ato de pintar – *aiquatiá (bo)*; quanto ao resultado (pintado) – *yquatia piré* (Montoya [1639] (1876), e quanto aos atos de *deshacer la pintura* – *amboai = aymôna – amô neguã = amboguã = amboyeog, desfigurar lo pintado – am coguê = aymônâni = am boyeog e desbotar, quitar el color – amboguê = aya patimbóguê* (La Salvia e Brochado 1989, cf. Montoya [1639] (1876)). Algumas expressões referem-se aos suportes não corporais onde se realizava a pintura (*quatiá*): *cheaópini = tengo ropa pintada, manchada* (de

pini = pintura, mancha); *camboyacaré chereyapépó = pintar assi las ollas*. Outras aos motivos: *yapépó yacaré = olla pintada conforme a las mallas del lagarto (yacaré)*; *cabati rãmy ayapó yapépó = pintar las ollas con unos agujeritos a modo de abisperas* (de *cabati = tipo de abispas*); *gua = lista, raya atravesada, pintura* ; *ya guã Guã, Guã Guã = listado, pintado*; *ya guã Guã, Guã Guã = axedrezado* (La Salvia e Brochado, 1989, cf. Montoya Montoya [1639] (1876)).

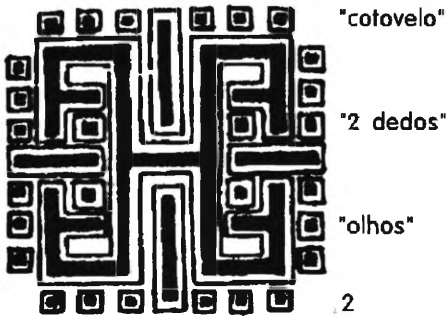
Tendo em vista que a iconografia indígena é uma atividade simbólica, permeada de significados culturais que dizem respeito a uma sociedade em particular, podemos inferir, através da analogia etnográfica, que o mesmo ocorria com as expressões artísticas de grupos pré-coloniais. Isto nos leva a considerar que a arte gráfica Guarani, visível nos recipientes cerâmicos, envolvia um sistema de signos que comunicavam conteúdos e que eram comuns a todos os membros do grupo. “De acordo com Sahlins (1989), os signos e os seus significados estão sempre relacionados às pessoas que os produziram e a outros signos que fazem parte do mesmo contexto específico. Portanto, eles constituem-se de fragmentos de uma determinada realidade social, pois são uma construção desta não possuindo um significado por si, na medida em que este é construído e reavaliado a partir do contexto, de acordo com os interesses e valores dos seus executores” (Silva, 1992: 160).

Trabalhos etnográficos, como os de Ribeiro (1986), Müller (1990), Lagrou (1991), entre outros (ler Grafismo Indígena, Vidal org. 1992), demonstram os significados dos signos gráficos e atestam a origem mítica dos motivos pictóricos. Nos trançados Kayabí, aparece uma figura antropomórfica graficamente expressa por um **H** maiúsculo, representando um personagem mitológico designado *tanga* ou *taangap*. A figura **H** para este grupo significa “sobrenatural, gente”. Procurando interpretar as manifestações gráficas no corpo mitológico e à luz do “foco dominante” de sua cultura – a atividade guerreira –, Ribeiro descreve um ritual no qual um boneco de palha com forma humana representa um *añang* (espírito): “(...) o *añang* – boneco de forma humana pode simbolizar entes mitológicos, antropomorfo e zoomorfo,

(2) O Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani do Pe. A. Ruiz de Montoya ([1639] 1876) contém termos e expressões usadas pelos Guarani ocupantes da área entre o oeste do Paraná, o noroeste do Rio Grande do Sul e o nordeste da Argentina na primeira metade do século XVII. Montoya viveu na Redução de Nossa Senhora de Loreto, no Baixo Parapanema e circulou pelas áreas do Alto Uruguai para onde os indígenas transmigraram depois das incursões das Bandeiras Paulistas.



"O pai rodeando o filho" 1

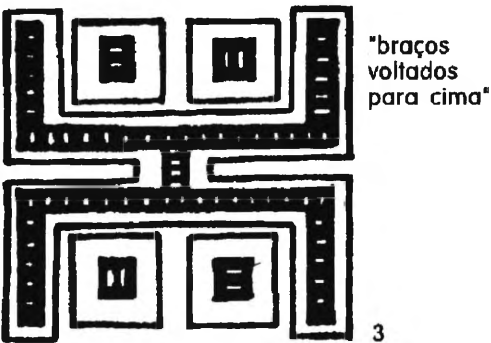


"cotovelo"

"2 dedos"

"olhos"

2



"braços
voltados
para cima"

3

Esquematisação de padrões de traçado.
1. Taangap ta 'i-ti: sobrenatural, criança. 2. Taangap faña 'i-p: gente, dedos esticados, garra. 3. Sapo kururu. (Ribeiro 1986: 269).

(...), e que acredito estejam representados graficamente nos motivos de traçado Kayabí pelo

padrão *taangap* e pelo sapo *kururu*. Representaria, ainda, o inimigo capturado a ser decapitado. Construído em forma animal – sapo, onça – simbolizaria bichos tornados gente, que o herói mítico reuniu e que vieram a ser tribo Kayabí" (1986: 278).

O elemento simbólico da figura antropomórfica, de origem mítica, ocorre também entre os Asuriní, grupo da mesma filiação lingüística dos Kayabí. O *tayngava* é o boneco antropomórfico no ritual xamanístico *maraká*, mas também o elemento básico dos desenhos geométricos denominados pela mesma palavra. "A 'grega' nos Asuriní, cujo nome foi tomado da forma da figura antropomórfica do ritual *maraká*, é usada por esta sociedade para expressar a noção de imagem de todas as coisas que representa, princípio constitutivo do ser uno, vivente, possuidor de *ynga* cujo protótipo é o homem. Daí a noção de imagem se equacionar à forma antropomórfica. Na mitologia, os heróis criadores são humanos; os animais têm forma humana e os espíritos atuais são antropomórficos. Dizem os Asuriní, a respeito destes seres, que todos eram *avá* (gente, humano) no passado mítico. O homem, portanto, está no centro do pensamento Asuriní: o homem é a imagem do ser. *Tayngava*" (Müller 1990: 250).

Sob esta perspectiva e considerando que não há informações etnográficas sobre o conteúdo simbólico dos signos gráficos Guarani, foi investigada, no corpo mítico desta cultura, uma provável equivalência entre os desenhos pintados nas vasilhas cerâmicas e elementos mitológicos.

Signos gráficos e mitos Guarani: tentativa de interpretação

Considerando a relação entre mitos e signos gráficos mencionada anteriormente, e ainda que a interpretação de narrativas míticas é capaz de revelar inúmeros aspectos do *ethos*³ de uma sociedade de onde elas provêm, como o seu pensamento, a sua concepção de existência, do cosmos, a maneira de estar no mun-

(3) Conforme Geertz (1978: 141) "(...)os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo de *ethos*."

do, de relacionar-se com ele e com os homens, foram utilizados os mitos como recurso, instrumento de decodificação do significado dos desenhos geométricos presentes na cerâmica Guarani.⁴

Entre as pesquisas mais significativas desenvolvidas no interior das sociedades Guarani, encontram-se os trabalhos de Nimuendaju, Cadogan e Shaden que, ao longo do século contribuíram muito em registros sobre a vida destes índios (Vieta 1992).

Os mitos levantados para esta pesquisa consistem em narrativas compiladas por Cadogan em '*Ayvu Rapyta*' (1959) e por Nimuendaju, em '*As lendas da criação e destruição do mundo*' (edição brasileira publicada em 1987). León Cadogan, nesta obra, reuniu uma coletânea de mitos que faziam parte das tradições secretas dos Mbya paraguaios – parcela Guarani – considerados capítulos “esotéricos”, fundamentos da religião. Sua investigação desenvolveu-se entre o final da década de 1940 e início de 1950 entre os Mbya-Guarani de Guairá, auto-denominados de *Jeguakáva Tenonde Porangue i*. Nimuendaju, por sua vez, conviveu intensamente com os Apopocuva, grupo que compõe a parcela Nāndeva-Guarani, que se deslocava pelo Mato Grosso, Paraná e São Paulo, entre 1905 e 1913. Neste período registrou o universo religioso destas sociedades, documentando narrativas míticas.

Quando nos referimos aos Mbya, Nāndeva e Caiová, estamos tratando de parcialidades distintas falantes da língua Guarani. Aqui reside

(4) Os mitos “(...) são os moldes necessários que definem, nutrem e reorganizam constantemente as condutas e os comportamentos, as idéias e os ideais de uma sociedade, seja qual for ela. Eles são como espelhos que refletem para esta comunidade sempre singular não somente os moldes e os arquétipos passados, mas também uma realidade de uma outra ordem do que o real no qual mergulham os homens. Este último é, de certo modo, factício, sempre em recomposição em relação ao primeiro que o informa e o reconstrói sem parar. Deste ponto de vista, os mitos têm como função decisiva a de acossar e de reativar as energias de reativar as energias da comunidade, as suas intenções, sempre sujeitas à esclerose e, mais particularmente ainda, a de transmitir, de recordar e de reforçar, por meio da palavra e junto à comunidade, o que são seus valores, suas normas de conduta, individuais e comunitárias” (Samain 1984/85: 234-35).

uma problemática relativa à filiação étnica do material arqueológico relacionado à cultura Guarani.

Brochado (1980), conjugando os dados arqueológicos com os etno-históricos – a partir das descrições dos cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, vincula a Tradição Tupiguarani com a cerâmica produzida pelos Tupi-Guarani históricos, propondo que a área de dispersão da tradição arqueológica corresponderia, em parte, à área cultural Tupi-Guarani (grupos pertencentes ao tronco lingüístico Tupi). Avançando nesta problemática, o mesmo autor (1984) desenvolveu um modelo no qual estabeleceu uma origem comum para a indústria cerâmica Guarani e Tupi (especificamente Tupinambá), denominada Tradição Polícroma Amazônica. Esta Tradição teria difundido-se em forma de pinças, a partir da região próxima da desembocadura do rio Madeira, na Amazônia Central em, aproximadamente, 1500 a.C.. Uma das rotas que se expandiu primeiro nas regiões do rio Madeira e Guaporé, passando para o Paraguai, Paraná e subindo ao encontro da outra expansão – que vinha do norte e nordeste para o sul ao longo da costa atlântica – corresponderia aos Guarani.

Com base neste modelo, podemos relacionar a cerâmica arqueológica pertencente à Tradição Tupiguarani encontrada nos atuais territórios do nordeste da Argentina, do sul e sudeste do Paraguai, do noroeste do Uruguai e do sul do Brasil, além do Mato Grosso do Sul e sul de São Paulo aos grupos falantes da língua Guarani. Presume-se, a partir das datações radiocarbônicas mais antigas de sítios arqueológicos (no Alto Paraná com 80 ± 100 AD e no Rio Grande do Sul, rio Jacuí, com 150 ± 100 AD, in Brochado 1984: 410-14) que a ocupação da área situe-se em torno dos últimos 2000 anos.

As pesquisas arqueológicas, portanto, dizem respeito a um Guarani genérico. Os resultados dos trabalhos das últimas décadas não possibilitam a identificação de parcialidades diferenciadas.

Esta problemática é abordada por diversos pesquisadores quando referem-se a elementos que são comuns a todos os Guarani. Schaden (1962: 9) comenta que “à unidade lingüística daquelas tribos meridionais corresponde relativa unidade cultural”; Meliá (1981: 21) escreve sobre a uni-

dade lingüística e cultural evidenciada pelos portugueses e espanhóis no século XVI, apesar de suas diferenciações nos dialetos e nas nucleações regionais autônomas e sugere que esta unidade cultural permite que se levante hipóteses a partir do sistema Guarani como um todo. Vietta (1992: 16) afirma que, “devido à unidade cultural evidenciada entre os vestígios materiais analisados pelos arqueólogos, bem como as várias identificações registradas pelos cronistas, para os grupos que se dispersavam pela região, parece impossível, ou pelo menos bastante difícil, separar parte da história das três parcelas Guarani reconhecidas atualmente.

É oportuno ilustrar esta questão com um exemplo etnográfico. Vidal (Vidal e Silva 1992), analisando a arte de cada subgrupo Kayapó e as variações que cada um introduziu ao longo do tempo através de seus artistas, constatou que estas são responsáveis pela definição de um estilo próprio a cada subgrupo que possibilita tanto identificá-lo em sua singularidade, quanto de demonstrá-lo parte da tradição Kayapó.

Avançando nesta perspectiva, observamos a afirmação de Cadogan (1959: 189) de que não há dúvidas quanto à origem comum da religião das diferentes parcialidades, cujos mitos foram recolhidos e analisados por diferentes investigadores. “Y permite deducir que los versos sagrados de ‘*Ayvu Rapyta*’ e los demás capítulos “esotéricos” de los textos míticos de los *Jeguakáva* – pletóricos de poesia y de filosofía – no sean de propiedad exclusiva de esta parcialidad; siendo de presumir que otras naciones guaraníicas que hayan podido como los Mbyá del Guairá, mantener sus tradiciones similares”. O mesmo autor, comparando os anais religiosos dos Mbya com os dos Apopokúva, segundo Nimuendaju, tece considerações sobre a sua semelhança. Por outro lado, Egon Schaden (*apud* Cadogan 1959) sobre os Caiová (Avá Chiripá, vizinhos dos Mbya de Guairá), coloca que existem grandes diferenças entre seus mitos e os dos Mbya. Cadogan (1959), entretanto, recolheu o depoimento de um Chiripá mestiço que assegurou que as tradições secretas dos Mbya constituem também a base da religião dos Chiripá, o que concordam dirigentes Mbya (as diferenças se limitariam às orações e cantos). Mais tarde, porém, líderes Chiripá convenceram Cadogan de que existem realmente diferenciações significativas entre as tradições, mitologia e língua de ambas as parcialidades.

Esta realidade torna a interpretação do significado dos desenhos geométricos pintados nos recipientes cerâmicos de um Guarani pré-colonial genérico a partir das narrativas míticas um tanto perigosa e frágil. Entretanto, parece o caminho mais provável de ser trilhado considerando o contexto atual das pesquisas arqueológicas sobre o tema.

Outra questão, também polêmica, é a lacuna temporal existente entre a datação do material arqueológico – compreendida nos últimos 2000 anos – e o período em que foram reunidas as narrativas míticas - primeiros cinquenta anos do século XX. Este aspecto pode ser relativizado considerando o lugar que ocupa a arte em certas sociedades indígenas: esta “(...) se apresenta estática por longos períodos de tempo, porque relacionada a uma trama de significados sociais e religiosos que ela ajuda a preservar” (Vidal 1984/85: 410-11). Egon Schaden (*apud* Cadogan, 1959), com relação aos mitos registrados por Cadogan, avalia que os índios Mbya de Guairá parecem conservar as suas tradições sem alterações provocadas pelo cristianismo da época das missões jesuíticas e mais recente.

Arte e universo religioso, elementos indissociáveis nas sociedades indígenas, parecem ocupar um lugar significativo no que diz respeito à manutenção da etnia. Segundo discorre Ribeiro (1986: 285), o cultivo do artesanato ancestral, símbolo visível de etnicidade e singularidade, é fundamental para a preservação da identidade étnica. “Isto porque, codificado em representações gráficas, ele ajuda a guardar a memória da herança cultural e transmiti-la às novas gerações.”

A leitura dos mitos Mbya e Nandeva foi orientada na busca de elementos que pudessem, de alguma forma, relacionar-se aos padrões de desenhos das vasilhas ou fragmentos destas reunidos. Para isto, em função de que estes são geométricos e abstratos, procuramos referências mitológicas que remetessem a elementos formais dos motivos, uma relação de semelhança entre forma e referente, isto é, a equivalência entre elementos mitológicos e gráficos. O referente aqui é entendido como o objeto do mundo real que é representado e que pode ser simbolizado.

Dentre a coletânea de narrativas míticas selecionadas, somente em duas foram encontradas a possibilidade de realizar a relação proposta.

A primeira, registrada por Nimuendajú (1987), diz respeito à criação e destruição da terra em

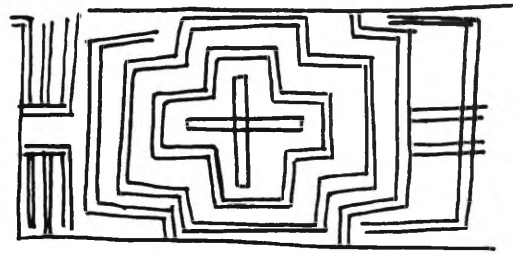
dois capítulos: *Inypyrú* (O Princípio, I) (pp.143-151); *Guyrapoty* (lenda do dilúvio, II) (pp.155-56) (anexos 1 e 2). Nestes mitos aparece a “cruz de madeira”, uma viga colocada no sentido leste-oeste e, sobre esta, uma outra no sentido norte-sul, que representa a “escora da terra” (*yvi-itá*).⁵ Nimuendaju (1987: 67-68) transcreveu a lenda do dilúvio de *Guyrapoty* em sua versão original e parte dela corresponde ao que vem a seguir:

“Antes de criar a terra, *Ñanderuvuçú* fez a *yvi-itá*, a escora da terra. Colocou uma viga no sentido leste-oeste, e outra, por cima, no sentido norte-sul. Pisou então sobre o ponto de cruzamento deste *yvirá joaçá recoopy* (cruz eterna de madeira) e encheu os quadrantes de terra (I.I.). Quando a terra tiver que ser destruída, *Ñanderyqueý* (I.XLII) tomará a extremidade oriental do braço inferior da cruz e o puxará lentamente para leste, enquanto o braço superior permanecerá em sua posição original. Com isto, a terra perde o seu suporte ocidental. Ao mesmo tempo, um fogo subterrâneo (*yvy ocái*) começa a devorar o subsolo a partir do bordo ocidental da terra; um pouco adiante, suas labaredas alcançam a superfície, e o trecho que ficou atrás desmorona com estrondo (*yvy óá*). De início lenta, depois cada vez mais rapidamente, a destruição avança de oeste para leste.

Guyrapoty caminhou então com seus “filhos” para o leste, lentamente, em direção ao mar, (...).

Passados os quatro anos veio o dilúvio (*y ojaparó*), isto é: a água do mar ergueu-se como uma muralha e, inundando a serra do Mar, rolou (*ojaparó*) sobre a escora incandescente da terra, para arrefecê-la – pois *Ñanderuvuçú* edificaria sobre ela um mundo novo (G.IX.).(...).”

Como pode-se observar a “escora da terra” está representada na “cruz” que, por sua vez, simboliza a “escora da terra”. Há uma relação de semelhança formal entre o referente – a “cruz” do mito – com o traço distintivo do padrão de desenho onde aparece este elemento (Fig. I).



A *yvy-itá* pode estar representada graficamente no motivo pintado nas vasilhas cerâmicas Guarani pré-coloniais onde o elemento central do padrão geométrico é a cruz.

É interessante salientar que este signo gráfico aparece nos *cambuchís*, grandes recipientes cerâmicos usados para armazenar e servir bebidas alcoólicas nas festas e depois utilizados como urnas funerárias. Estes *cambuchís* ocupavam um lugar socialmente determinado e, provavelmente, eram imbuídos de um significado simbólico.

A segunda possibilidade de interpretação do signo gráfico pintado está apoiada, num primeiro momento, em informações sobre os próprios Guarani e na analogia etnográfica e, num segundo, na relação com o mito.

Entre os Mbya-Guarani, os cestos poderiam ser decorados com o trançado sarjado, de cor escura, denominados *yegúá mbói* e *pará mbói*, traduzidos como adornos ou emblemas de serpente (Noelli 1993: 205, conf. Cadogan, 1961). Na definição de trançado cruzado em diagonal ou sarjado, Ribeiro (1987: 318) identifica três padrões, entre os quais o “casa de abelhas” e o trançado marchetado, que compõe figuras geométricas (losangos, chevron, gregas, zigzagues, etc).

Se empregarmos a analogia etnográfica, veremos que para os Asuriní o desenho chamado *ehiraimbava* – padrão losangular – está relacionado ao favo de mel (*i=mel*) (Müller 1990). Montoya registrou a expressão *cabati rāmy*, *ayapó yapepó*, que significa pintar a panela ao modo de alvéolos de vespas. A relação está entre o padrão de trançado sarjado nos cestos Mbya-Guarani / padrão de trançado sarjado “casa de abelhas / panela pintada com desenhos semelhantes aos alvéolos de vespas / *ehiraimbava*”.

(5) O mito de criação do mundo para os Mbya, segundo relata Cadogan (1959: 28-29), é outro: o verdadeiro Pai Ñamandu, o primeiro, com a base de sua vara começou a formar a terra e, com cinco palmeiras eternas que criou, assegurou a morada terrena.

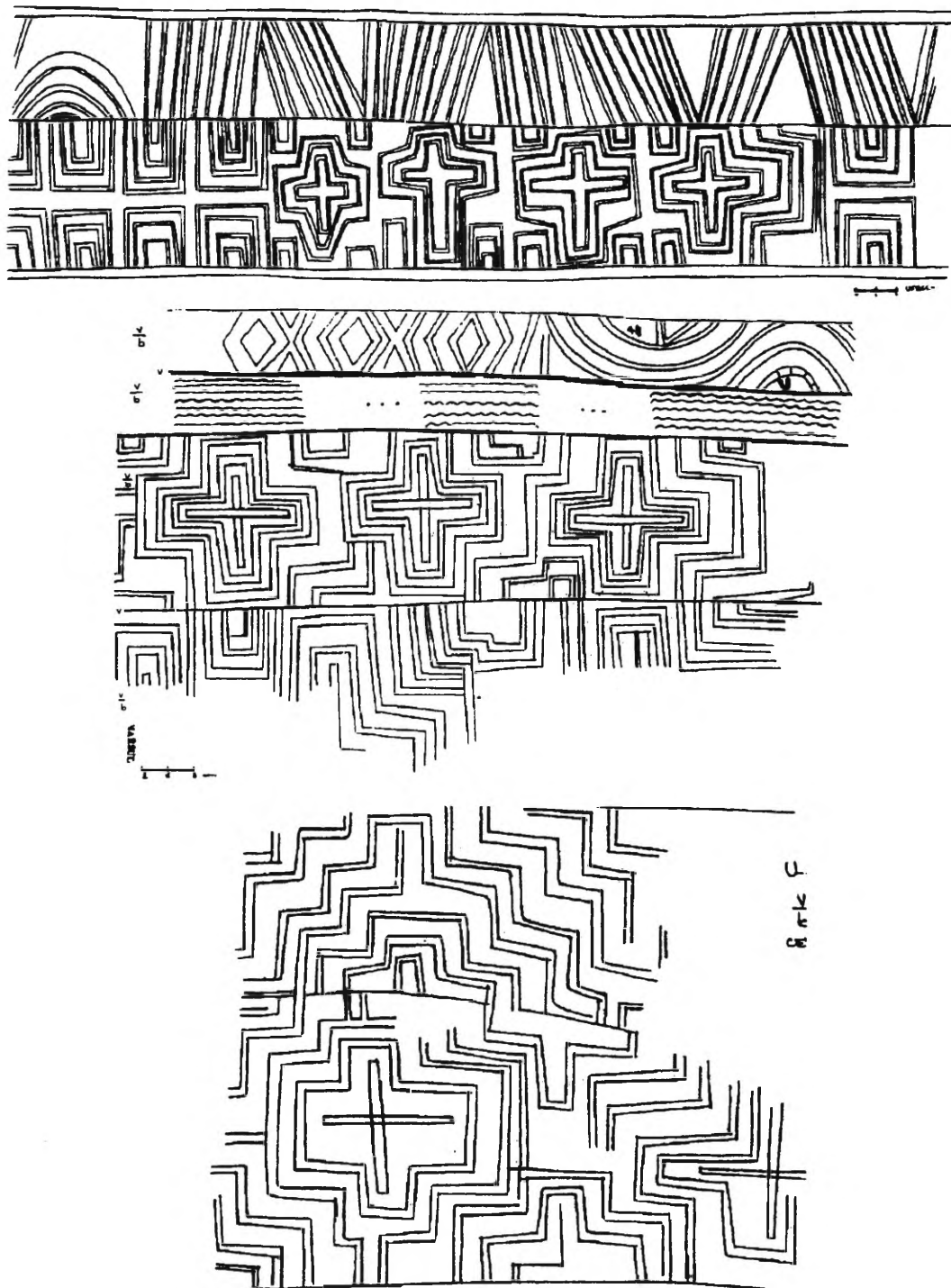
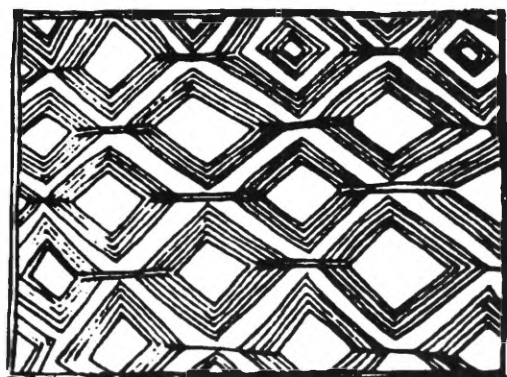


FIGURA I



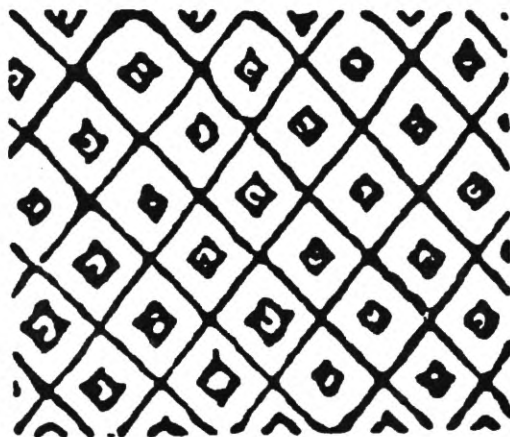
Ehiraimbava (Müller 1990: 239)



Ehiraimbava (Vidal, Müller 1986: 149)

Indo mais além na analogia, agora com os Kaxinawá (Lagrou 1992: 159), o losango é responsável por um dos motivos básicos do repertório de desenhos (Fig.II): “o *txede bedu* (olho de maracanã) (às vezes chamado *dunu kate* (dorso da cobra) ou *dunu mapu* (miolo da cobra), que é constituído por uma cadeia de losangos cujas pontas se tocam, ou com um espaço entre as pontas e triângulo entre cada losango. O *txede bedu* completo tem um ponto no meio do losango e um pequeno triângulo no interior do triângulo maior. As linhas que formam o triângulo sempre tocam a beira da faixa. Se não fosse cortado pelos limites da faixa, o triângulo se duplicaria em losango e o motivo mudaria para outro: o *xapu buxe* (semente de algodão).

Conforme a autora, o *xapu buxe* tem a forma de um favo de mel, mas representa a semente de algodão. Aqui não há semelhança formal entre o desenho e o seu referente. Portanto, atribuir um significado ao padrão losangular Guarani relacionado aos alvéolos de vespas, segundo verbete documentado por Montoya, é uma hipótese que pode ser contestada.



Xapu buxe (Lagrou 1992: 159)

Uma outra possibilidade é procurar relacionar o padrão de trançado sarjado marchetado, no qual o losango está presente, com o padrão

FIGURA II – QUADRO COMPARATIVO

Grupo	Padrão	Desenhos	Nomes
Guarani	losangular		<p><i>yegú mbói</i> e <i>pará mbói</i> (adornos ou emblemas de serpente)</p>
Kaxinawá	losangular		<p><i>txede bedu</i> (olho de maracanã)</p> <p><i>dunu kate</i> (dorso da cobra)</p> <p><i>dunu mapu</i> (miolo da cobra)</p>

losangular dos desenhos Kaxinawá. A relação se estabelece entre padrão sarjado *yegú mbói* e *pará mbói* (adornos ou emblemas de serpente) / *txede bedu* (olho de maracanã), *dunu kate* (dorso da cobra), *dunu mapu* (miolo da cobra) / padrões losangulares pintados na cerâmica Guarani (Fig. II).

O referente mítico que poderia estar representado nos desenhos da Figura II, tomando como base para esta relação a informação sobre

o motivo decorativo dos cestos Mbya e a analogia com os signos gráficos Kaxinawá e seus significados, encontra-se no mito “A Primeira Terra (*Yvy Tenonde*, Capítulo III) dos Mbya-Guarani de Guairá (Cadogan 1959: 28-33). Nele aparece uma referência à serpente (*ñandurié*) (p.29):

“El primer ser que ensució la morada terrenal fué la víbora originaria; no es más que su imagen la que existe ahora en nuestra tierra: la serpiente

originaria genuina está en las afueras del paraíso de nuestro Padre”.⁶

Comparando os dois referentes míticos – a “escora da terra” e a “cobra” - percebemos que a semelhança formal com o traço distintivo do padrão de desenho – a cruz e a cadeia de losangos respectivamente – ocorre mais visivelmente no primeiro, facilitando, portanto, a revelação do seu significado simbólico.

Quanto à segunda correlação, o excerto do mito onde aparece a cobra não ajuda muito no esclarecimento sobre a representação gráfica do referente (do elemento real que pode ser simbolizado e representado). O elo de ligação provavelmente encontra-se no significado do padrão ornamental do trançado sarjado de cestos Mbya, composto de figuras geométricas: adornos ou emblemas de serpente. A expressão *yapepó yacaré*, traduzida como panela pintada conforme o couro do jacaré por Montoya, teria alguma relação com a representação gráfica da cobra? Neste caso poderia haver também motivos geométricos relacionados aos desenhos do couro da cobra e do jacaré.

Considerações finais

Nesta pesquisa procurou-se demonstrar que a iconografia pintada na cerâmica dos Guarani anteriores ao contato com os europeus é uma manifestação gráfica que comunica mensagens, que expressa, numa linguagem visual, conteúdos que dizem respeito à cosmologia e mitologia desta sociedade.

Através de uma leitura do repertório de mitos e dos padrões de desenhos geométricos Guarani e buscando uma semelhança formal entre os elementos centrais dos motivos e os referentes míticos, foram levantadas algumas possibilidades de interpretação dos significados simbólicos destas representações. A “escora da terra” (*yvi-itá*) estaria representada na “cruz eterna de madeira” que, por sua vez, provavelmente manifeste-se na “cruz” vermelha, traço distintivo do padrão de desenho dos *cambuchís*. A serpente simboliza o primeiro ser que “manchou”, que “sujou” a morada terrena e que se encontra, agora, fora do paraíso de “nosso Pai” (outros animais que apareceram na morada terrena, cumprindo seu papel, também foram para fora do paraíso). Parece-me que a representação do referente mítico – a serpente – no padrão losangular não esteja fundamentada suficientemente. A relação entre expressão (forma) e conteúdo (significado) provavelmente torne-se mais explícita com a informação sobre o trançado sarjado dos cestos Mbya.

Este trabalho caracteriza-se como uma tentativa de interpretação simbólica dos signos gráficos pintados em recipientes cerâmicos Guarani e, por isso mesmo, em vista das dificuldades encontradas em resgatar e compreender a rede de significados culturais das sociedades pré-coloniais, há ainda muitos aspectos a serem abordados e investigados. A analogia etnográfica pode contribuir de forma significativa para o avanço das interpretações acerca da cultura em toda a sua abrangência – material e imaterial – dos grupos humanos não letrados.

(6) A serpente ressurgue no mito da Nova Terra (*Yvy Pyaú*). Segundo Cadogan (1959: 34) “*Yvy Tenonde*, la primera tierra (...) fué destruída por el Diluvio (Capítulo VI) después de haber ascendido a los Paraísos todos los seres que la poblaban, los virtuosos en forma humana, y los pecadores meta morfoseados en seres irracionales. Creada *Yvy Pyaú*, la nueva tierra, la que habitamos, en reemplazo del mundo destruído (Cap.VII), fué poblada de imágenes de los habitantes de *Yvi Tenonde*. Como puede colegirse del contexto la *víbora ñandurié*, el insecto acuático *y-amaí*, el saltamontes, la perdiz grande y el armadillo no son seres humanos que sufrieron la metempsicosis, sino aparecieron ya en su forma actual en la primera tierra.” (destaque da autora)

TOCCHETTO, F.B. Possibilities of interpretation of the symbolic contents of the Guarani graphic art. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 33-45, 1996.

ABSTRACT: This paper intends, considering the informations about corporal paint between pré-colonial Guarani and the diversity of geometric designs applied in theirs vessel pottery, to demonstrate the interpretative potencial of the graphic signs present in the archaeological pottery material. In the ethnographic analogy and in the mythical universe, try to look for the symbolical contents expressed through the painted design pattern in pottery vessel.

UNITERMS: Pre-colonial Guarani pottery – Graphic Art – Symbolic contents.

Referências bibliográficas

- BROCHADO, J.P.
1980 A Tradição Cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, Rev. C. Mest. Hist., UFPE, 3: 47-60.
1984 *An Ecological Model of the Spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese de Doutoramento, Urbana, Illinois.
- CADOGAN, L.
1959 *Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá*. Universidade de São Paulo, Fac. Fil.Ciênc. e Letras, Boletim nº 227, Antropologia nº 5, São Paulo,
- GEERTZ, C.
1978 *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P.
1989 *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre, Ed. Posenato Arte & Cultura.
- LAGROU, E.M.
1991 *Uma etnografia da Cultura Kaxinawá. Entre a Cobra e o Inca*. Dissertação de Mestrado, Prog. Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.
- MELIÁ, B.
1988 *Los Guarani-Chiriguano 1, Ñande Reko nuestro modo de ser*. La Paz, Centro de Investigación y Promoción del Campesinato.
- MONTOYA, A.R. de
1976 *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani ó mas bien Tupi*. 1639. Viena, Faesy y Frick – Paris, Maisonneuve y Cia.
- MÜLLER, R.P.
1990 *Os Asuriní do Xingu. História e Arte*. Campinas, Ed. da UNICAMP, Série Teses.
- NIMUENDAJU, C.U.
1987 *As lendas da criação e destruição do mundo, como fundamentos da Religião dos Apocúva-Guarani*. São Paulo, Ed. Mucitec/USP.
- NOELLI, F.S.
1993 *Sem tekohá não há teko (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do rio Jacuí-RS)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS.
- 1988/89 *Programa para o Salvamento do Patrimônio Histórico-Cultural - Rio Uruguai, Área Machadinho*. Relatório, Vol.1, Tomo III, PUCRS, Porto Alegre.
- 1985 *Projeto Arqueológico Uruguai: Levantamento de Sítios Arqueológicos - Barragem de Itapiranga, Florianópolis*. Tomo I, UFSC, Eletrosul, Florianópolis; Tomo II, UFSC, UNISINOS, Eletrosul; Tomo III, UFSC, PUCRS, Eletrosul.
- RIBEIRO, B.G.
1986 A linguagem simbólica da cultura material. Introdução. Darcy Ribeiro *et alii* (Eds.) *Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians, Vol. 3, Coord. Berta Ribeiro, Petrópolis, Vozes: 15-27. (a)
1986 Desenhos semânticos e identidade étnica: o caso Kayabí. Darcy Ribeiro *et alii* (Eds.) *Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians, Vol. 3, Coord. Berta Ribeiro, Petrópolis, Vozes: 265-86.
1986 Glossário dos trançados. Darcy Ribeiro *et alii* (Eds.) *Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians, Vol. 2, Coord. Berta Ribeiro, Petrópolis, Vozes: 314-21.
1986 *Tecnologia Indígena*. Darcy Ribeiro *et alii* (Eds.) *Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia*. Coord. Berta Ribeiro, Vol. 2, Petrópolis, Vozes.
- ROCHA, E.
1991 *O que é Mito*. Coleção Primeiros Passos 151, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- SAMAIN, E.
1984/85 Reflexões críticas sobre o tratamento dos mitos. *Revista de Antropologia*, 27/28, Dep. Ciênc. Soc., FFLCH, USP: 233-44.
- SANTAELLA, L.
1990 *O que é Semiótica*. São Paulo, Ed. Brasiliense, Col. Primeiros Passos 103.

SCATAMACCHIA, M.C.M.

- 1990 *A Tradição Policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas*. Tese de Doutorado em Antropologia Social (Arqueologia), USP, São Paulo.

SCHMITZ, P.I.

- 1991 *Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani*. Arno A. Kern (Org.) *Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Mercado Aberto:

SCHMITZ, P.I.; JACOBUS, A.L.; ROGGE, J.H.; ARTUSI, L.; GAZZANEO, M.; MARTIN, H.E.; BAUMHARDT, G.

- 1990 *Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária. Documentos 04, Arqueologia do RS, Brasil*. IAP/UNISINOS, São Leopoldo, 135p.

SCHADEN, E.

- 1962 *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

SILVA, F.A.

- 1992 *Manifestações artísticas pré-históricas. Um estudo descritivo-classificatório e interpretativo*

da Arte Rupestre de Serranópolis-Goiás. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.

VIDAL, L.

- 1984/85 Aspectos da pintura indígena. *Rev. de Antropologia*, 27/28, Dep. Ciênc. Soc. (Área de Antropologia), FFLCH, USP, São Paulo: 409-48.

VIDAL, L.; MÜLLER, R.P.

- 1986 *Pintura e adornos corporais*. Darcy Ribeiro *et alii* (Eds.) *Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia*. Edição atualizada do Handbook of South American Indians, Vol.3, Coord. Berta Ribeiro, Vozes, Petrópolis: 119-48.

VIDAL, L.; SILVA, A.L. da

- 1992 *Antropologia Estética: enfoques teóricos e contribuições (Conclusão)*. Lux Vidal (Org.) *Gráfismo indígena. Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo, EDUSP, Studio Nobel, FAPESP: 279-93.

VIETTA, K.

- 1992 *Mbya Guarani de verdade*. Dissertação de Mestrado, UFRGS.

Recebido para publicação em 30 de setembro de 1996.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ESTUDO DOS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO: A ANÁLISE ESPACIAL DO SÍTIO GUARÁ 1 (GO-NI-100), GOIÁS

Irmhild Wüst*
Hellen Batista de Carvalho**

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81, 1996.

RESUMO: Este artigo apresenta os primeiros resultados da análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), um sítio a céu aberto, filiado à tradição Uru que se situa no Centro-Sul do Estado de Goiás. Os testes estatísticos multivariados evidenciaram diferenças significativas da cultura material nos diversos espaços do assentamento. As variações dos artefatos cerâmicos e líticos nas áreas residenciais são interpretadas em termos de uma hierarquia interna relacionada a aspectos da organização social e econômica, tais como produção e distribuição de implementos e o processamento e consumo de alimentos. Esta análise intra-sítio, embora predominantemente baseada na coleta sistemática total de superfície, evidencia o potencial desta abordagem para futuros estudos relativos à dinâmica interna e externa de grupos ceramistas agricultores do Brasil Central.

UNITERMOS: Brasil Central – Análise espacial intra-sítio – Agricultores pré-coloniais – Cerâmica – Lítico.

Introdução

Este artigo tem por objetivo traçar um breve balanço dos estudos dos grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro e encaminhar, de forma exploratória, a análise intra-sítio à luz dos dados provenientes do sítio lito-cerâmico a céu aberto Guará 1 (GO-NI-100). Uma parte significativa das pesquisas arqueológicas do Brasil Central trata estas sociedades ceramistas agricultoras

a partir de paradigmas evolucionistas ou difusionistas (cf., entre outros, Schmitz *et al.* 1982). Segundo estas abordagens, as mudanças culturais são reduzidas a diferenças em alguns aspectos tecnológicos, sobretudo dos antiplásticos, e a características morfológicas e estilísticas dos recipientes cerâmicos. Com isso, as mudanças são atribuídas sobretudo a vagos processos de contatos culturais entre portadores de tradições ceramistas distintas.

Apesar de todos os trabalhos etnográficos realizados entre os grupos Jê do Brasil Central desde Nimuendajú (Nimuendajú 1946, Maybury-Lewis 1979, entre muitos outros), que ressaltam a complexidade de sua organização social, os estudos arqueológicos tradicionais enfocam os ante-

(*) Universidade Federal de Goiás.

(**) Graduanda em História na Universidade Federal de Goiás e Bolsista do CNPq.

passados destas sociedades de forma relativamente estática. As suas evidências materiais são agrupadas em tradições e fases arqueológicas e o seu sistema de subsistência é rotulado de “horticultor” derivado do conceito de “povos marginais” de Steward (1946) e Steward & Faron (1959). Além disso, a morfologia dos sítios recebe pouco destaque, embora existam claras evidências para comunidades locais cuja população pode ter alcançado até dois mil indivíduos (Wüst 1983).

Por outro lado, grande parte das culturas arqueológicas (fases cerâmicas) foram associadas, entre outros, por Schmitz *et al.* (1982), Schmitz & Barbosa (1985) a grupos indígenas específicos, todavia, sem qualquer demonstração da continuidade entre o registro arqueológico e o “presente” etnográfico. Com isto, desprezou-se, dentro da perspectiva do conceito do “ancestral contemporâneo”, não apenas a dinâmica dos períodos anteriores e posteriores ao contato, mas também o fato de que alguns dos grupos lingüísticos e étnicos, atualmente conhecidos, se cristalizaram apenas em um período relativamente recente (Urban 1992, Wüst 1994). Desconsiderou-se também que semelhanças na cultura material podem mascarar complexos fenômenos de redes de troca como ocorre, por exemplo, ainda na área do Alto Xingu (Dole 1993).

As recentes tendências teóricas nos mostram que uma interpretação das sociedades não deve seguir os rótulos evolucionistas e que há necessidade de abranger as comunidades locais para compreender os mecanismos de sua reprodução e de sua dinâmica interna. Dentro desta perspectiva, Yoffee (1993) e Arnold (1996), entre outros, apontam para a existência de uma grande diversidade dentro das amplas categorias evolucionistas estabelecidas, de tal modo que estas não podem ser mais concebidas em termos de estágios sucessivos. Além disso, mesmo entre os chamados caçadores-coletores, pode ocorrer uma complexidade sócio-cultural significativa.

Por outro lado, os trabalhos sobre grupos ceramistas pré-colonais do Brasil voltados a análises espaciais intra-sítio, apresentam até hoje apenas dados quantitativos provenientes de espaços selecionados com extensões relativamente reduzidas, por privilegiarem decapagens de superfícies amplas, ou limitam-se a fornecer dados para classes específicas de artefatos (cf., entre outros, Alves 1991, 1992; Andreatta 1982; Kneip 1983; Kneip *et al.* 1980; Meggers & Maranca

1980; Mello 1995; Pallestrini 1974, 1983/4; Schmitz (ed.) 1990). Desta forma, estamos ainda desprovidos de informações sobre a natureza e o grau da variação da cultura material em assentamentos como um todo, fato que impede interpretações sobre eventuais diferenças na organização social do trabalho, nas redes de troca no interior e fora das comunidades, na exploração de territórios e de recursos específicos e, em consequência, impossibilita a interpretação das hierarquias existentes, bem como dos possíveis significados simbólicos da cultura material envolvidos nas estratégias sociais da manutenção ou da mudança de sistemas sócio-culturais. Por sua vez, alguns outros autores (González 1996; Wüst 1983, 1990) valem-se adicionalmente, em escalas regionais variadas, dos aspectos morfológicos e da implantação dos sítios, para encaminhar questões relativas às continuidades ou às mudanças destas sociedades, mas que se ressentem da falta de dados pormenorizados em nível de sítio.

Desta forma, estamos ainda longe de um quadro interpretativo das sociedades pré-coloniais brasileiras e dispomos apenas de algumas primeiras tentativas, às vezes limitadas por sua natureza pontual, que enfocam questões relacionadas à variabilidade da cultura material em nível local ou regional. Dentre as hipóteses até agora levantadas encontram-se aquelas relativas ao grau de complexificação sócio-cultural, tais como: a natureza da divisão de trabalho, as hierarquias internas e as redes de relações extra-comunitárias ou mesmo extra-culturais. No entanto, qualquer avanço no sentido de testar estas hipóteses se ressentem da falta de dados empíricos básicos, entre os quais figura a variabilidade da cultura material em nível de sítios específicos.

Dentro desta ótica, a análise intra-sítio vem representando um dos caminhos que se revelaram como um instrumental analítico altamente potente. Na medida em que esta abordagem permite tanto um enfoque sincrônico como diacrônico, ela ultrapassa as fronteiras teóricas entre a arqueologia processual e pós-processual. Uma vasta literatura da chamada “household archaeology” (cf., entre muitos outros, Blankholm 1991; Hietala 1984; Kent 1987, 1990; Kroll & Price 1991; Mehrer 1995) demonstra o potencial interpretativo deste tipo de dado arqueológico, na medida em que a base da investigação não é mais representada por culturas arqueológicas, mas atores sociais. No entanto, os

dados empíricos da análise intra-sítio aqui apresentados não são concebidos como um fim em si mesmo. Na medida em que se dispõe de dados semelhantes para sítios de regiões e períodos distintos, estudos comparativos prometem revelar, por meio da cristalização material e dos seus respectivos conteúdos simbólicos, processos de manutenção, de complexificação ou mesmo de colapso, o que possibilitaria, inclusive, respostas relativas aos processos sócio-culturais anteriores à presença do colonizador europeu.

Na subsequente análise intra-sítio, partimos do pressuposto que o espaço de um assentamento não pode ser tratado de forma homogênea e que uma parte significativa do refugo corresponde àquilo que Schiffer (1972) define como “refugo primário” e “refugo de fato”. A variação do repertório material não representa apenas áreas de atividades específicas, mas informa também sobre diferenças entre unidades residenciais, uma vez que, mesmo em sociedades chamadas igualitárias, ocorrem hierarquias internas (Fried 1967). Na medida em que a cultura material é tomada não apenas como um indicador para aspectos materiais da cultura, mas como fator e vetor das relações e, sobretudo, das hierarquias internas e de suas implicações para a manutenção e transformação de um sistema sócio-cultural, é necessário buscar categorias classificatórias sensíveis. Dentro desta perspectiva, a de uma análise espacial contextualizada, valemos neste primeiro ensaio não apenas das características morfológicas dos artefatos (forma e volume), mas também dos aspectos funcionais (expresso pela relação entre morfologia, tecnologia e as marcas de uso), bem como dos atributos “decorativos” que podem representar uma das chaves para aspectos ideacionais.

A natureza dos dados empíricos

O sítio Guará 1 (GO-NI-100) localiza-se na bacia do Tocantins e no extremo oeste da chamada micro-região do Mato Grosso de Goiás, no município de Guaraíta, antes Itapuranga. A área caracteriza-se por um relevo suavemente ondulado, uma cobertura vegetal de mata caducifólia com enclaves de cerrado e por solos com potencial agrícola relativamente elevado. A rede de drenagem é densa, mas os córregos e ribeirões não apresentam nenhuma possibilidade de navegação.

O sítio Guará 1 localiza-se sobre o médio e alto declive de uma suave colina a 620 metros acima do nível do mar, sendo a sua vertente principal orientada para o norte e leste. Em direção sudeste encontra-se, a 300 metros, o ribeirão Guará, afluente do Rio Canastra que deságua no Tocantins. A área do sítio sofreu durante os últimos três anos uma aração com implementos tradicionais, o que permitiu uma conservação relativamente boa das evidências de superfície.

O material arqueológico aqui tratado foi coletado em 1992 durante uma das etapas de campo do projeto Sítio-Escola Guará, sendo que os estudos ambientais e a pesquisa histórica, bem como as prospecções arqueológicas nas proximidades deste sítio continuaram até 1993. Foram registrados ainda ao longo desta rede de drenagem, numa distância de 4km, outros sete sítios cerâmicos, um abrigo sob rocha e quatro sítios líticos (Figura 1).

Apesar de a maior parte dos estudos voltados a uma análise intra-sítio se valer de estratégias de amostragem (Flannery 1976; Redman & Watson 1970), uma série de autores, tais como Lewarch & O'Brien (1981) e Kent (ed.) (1990) apontam para o potencial de coletas sistemáticas totais de superfície, sobretudo quando a proposta da pesquisa está voltada para aspectos não materiais da cultura. Dentro desta perspectiva, realizou-se no sítio GO-NI-100 uma coleta sistemática total de superfície por unidades de 4x4 metros, agrupadas em 20 macro-quadrículas. Na parte da ocupação pelos portadores da tradição ceramista Uru, a área coletada abrange 29.760m², o que corresponde a aproximadamente 75% do sítio.¹ No setor 13, abriu-se adicionalmente uma trincheira de 6x2 metros, na qual o material foi escavado por níveis artificiais de 10 centímetros.

O material arqueológico de superfície do sítio Guará 1 compreende um total de 26.801 fragmentos cerâmicos da tradição Uru (como foi definida por Schmitz *et al.* 1982) e de 772 peças líticas. A densidade dos artefatos cerâmicos varia de 0 a 9,4 por m² e apresenta uma média de aproximadamente 1 fragmento por m². A densidade dos artefatos líticos varia de 0 a 0,15 por m² e apresenta uma média de 0,03 peças por m². Em uma parte signi-

(1) Um denso canal na parte SE da macro-quadrícula A7 impediu uma coleta sistemática de superfície. Não houve também nenhuma coleta na macro-quadrícula D7, onde as evidências de superfície apresentaram uma densidade muito baixa.

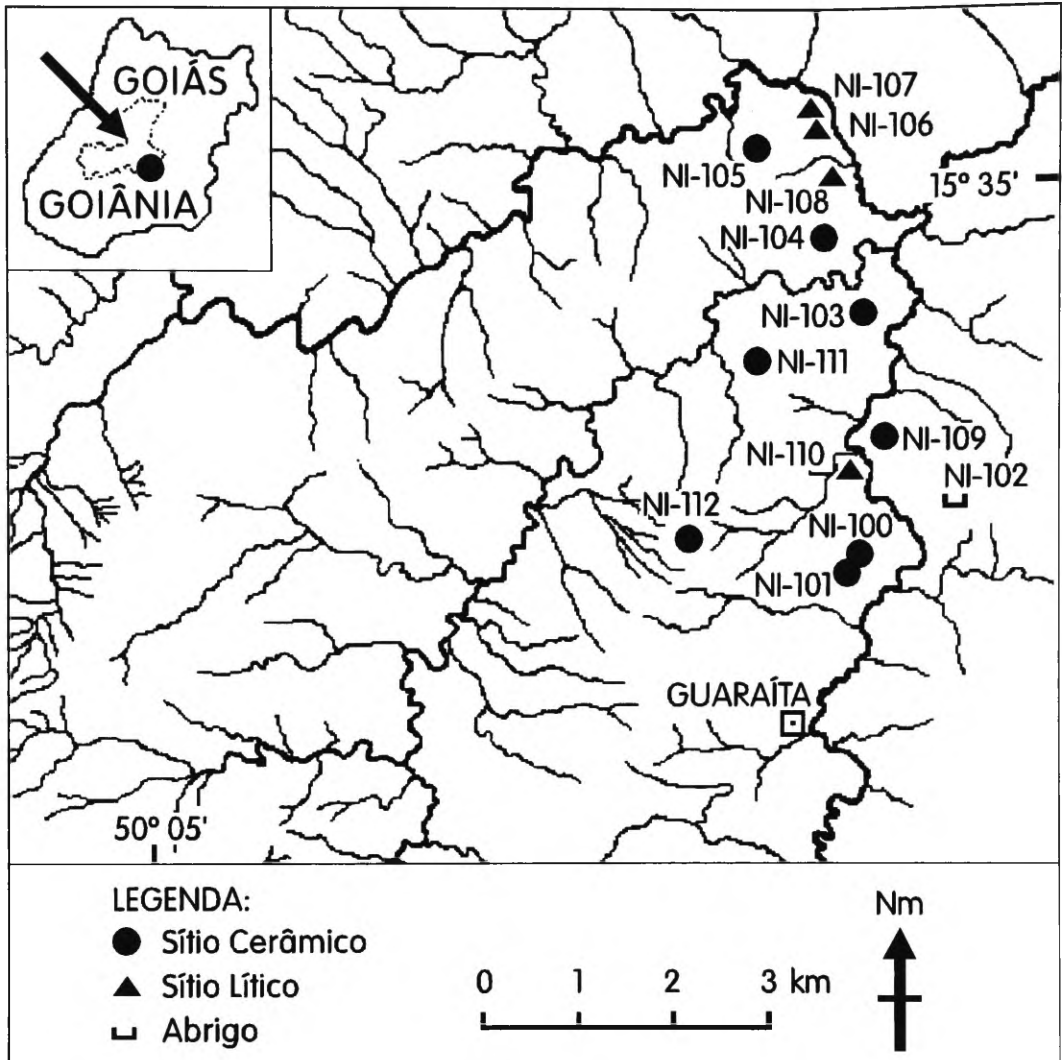


Fig. 1 – Mapa da Localização dos Sítios da Área do Guará.

ficativa das pesquisas arqueológicas anteriores em Goiás voltadas aos grupos agricultores ceramistas os artefatos líticos foram geralmente negligenciados nas coletas de superfície.² Não obstante, na área da coleta de superfície do sítio Guará 1 a

proporção entre a cerâmica e o lítico é de 35: 1, aumentando esta proporção para 1: 1, se consideramos as evidências em profundidade. Esta diferença significativa deve-se à presença de um grande número de lascas e microlascas, praticamente ausentes em superfície, fenômeno conhecido também para outros contextos arqueológicos (cf., entre outros, Baker 1978). As Figuras 2a e 2b mostram a densidade dos artefatos cerâmicos e líticos em superfície, que indica uma certa

(2) Para um total de 77 sítios arqueológicos de Goiás e classificados em duas tradições e 7 fases, dispõe-se na literatura, por exemplo, apenas de uma descrição sumária para 235 peças líticas (cf. Schmitz *et al.* 1982).

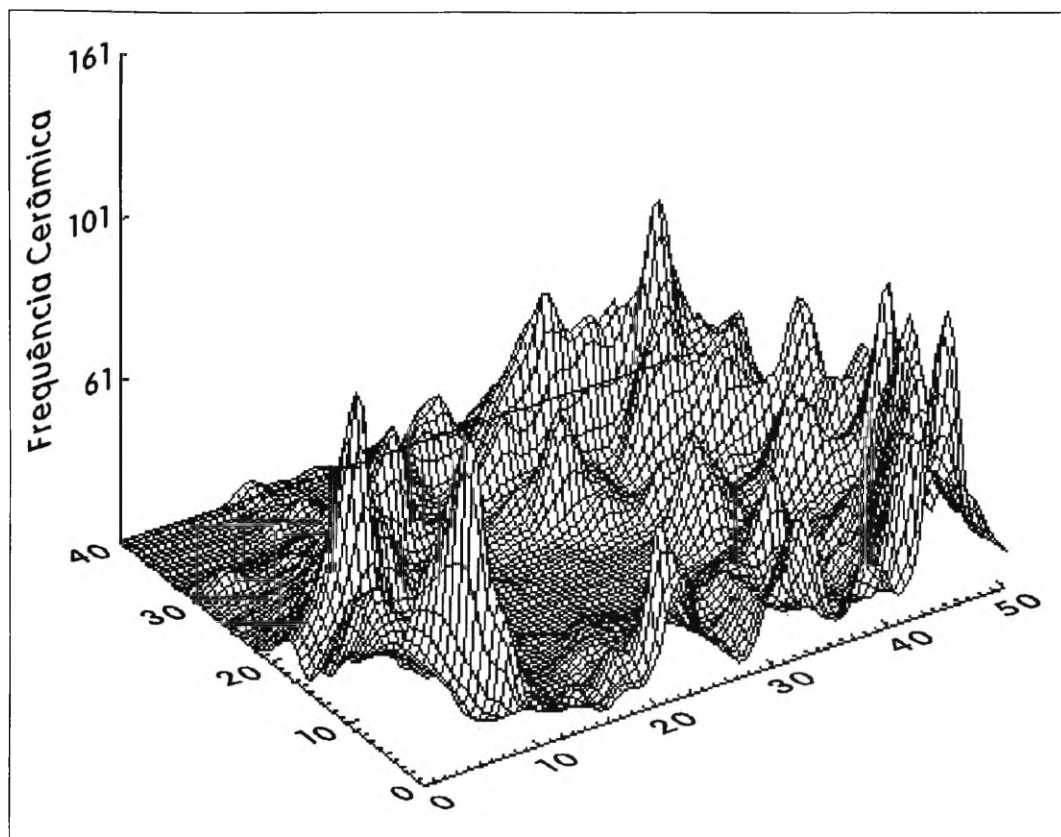


Fig. 2a – Densidade dos artefatos cerâmicos do sítio Guará 1 (GO-NI-100).

congruência espacial entre ambas as classes de artefatos.

A distribuição espacial dos artefatos cerâmicos indica um assentamento anular com uma extensão de 240 x 200 metros, sendo que as curvas de nível de sua densidade evidenciaram 24 concentrações com espaçamentos relativamente regulares entre si (Figura 3). Estas concentrações estão ocasionalmente associadas a um solo preto, sendo que pelo menos 14 destas parecem corresponder a antigas áreas de habitação e dos seus entornos. A espessura do refugio na trincheira alcançou apenas 25 centímetros. Na parte nordeste do sítio, coberta por um denso pasto, encontra-se provavelmente a continuação das concentrações apenas parcialmente evidenciadas.

Deve-se mencionar ainda que na parte sul desta mesma colina encontra-se ainda um segundo sítio arqueológico (GO-NI-101) cujos artefatos

podem ser filiados à tradição Aratu e que, segundo as evidências estratigráficas e os dados arqueológicos regionais, parece corresponder a uma ocupação anterior.³ Nos setores 7 e 8 do sítio Guará 1 ocorre uma discreta sobreposição destas duas ocupações, mas as marcantes diferenças de ambas permitiram uma separação segura em laboratório. As características dos artefatos cerâmicos, bem como a sua distribuição espacial parecem refutar a hipótese de um possível fenômeno de simbiose entre os portadores das duas tradições. Enquanto os sítios da tradição Uru recuam em Goiás até o século XII da nossa era, o achado ocasional de um cachimbo

(3) Na área do sítio Guará 2 (GO-NI-101), no qual predominam fragmentos cerâmicos da tradição Aratu, realizou-se ainda uma coleta sistemática total de superfície em outras 8 macro-quadrículas, mas cujos dados aqui não serão apresentados.

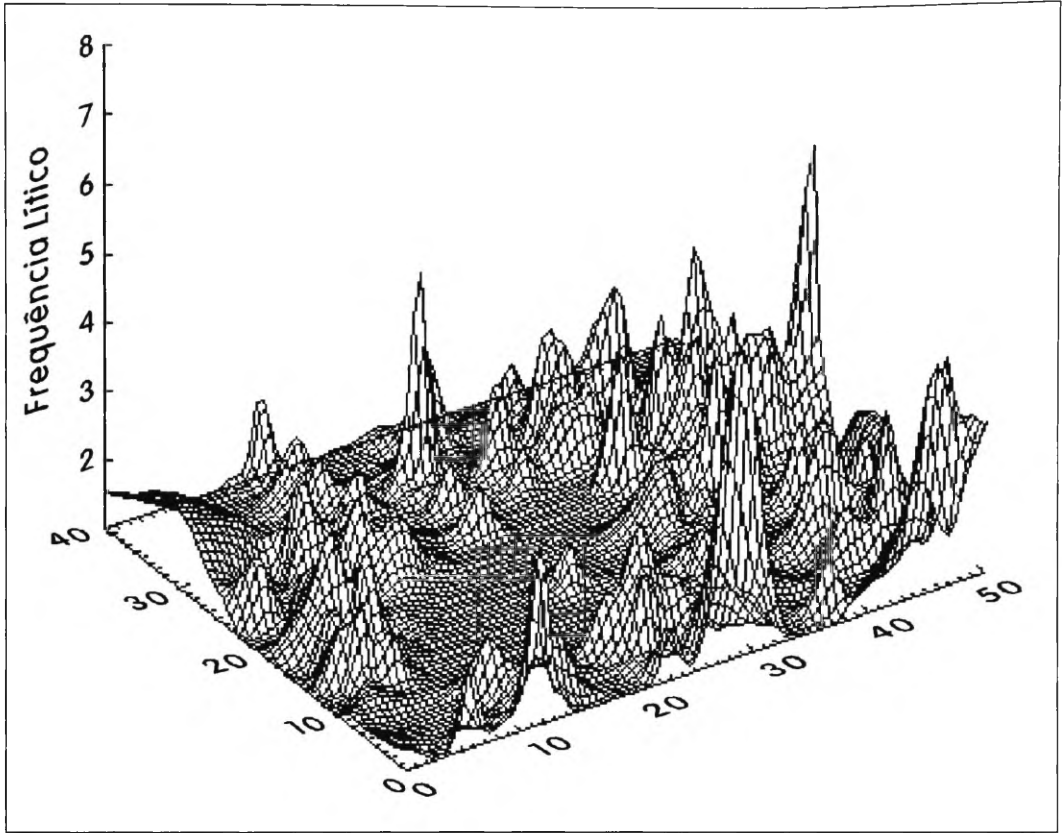


Fig. 2b – Densidade dos artefatos líticos do sítio Guará 1 (GO-NI-100.)

de origem neo-brasileira na área do sítio GO-NI-100 parece situá-lo cronologicamente no período dos primeiros contatos com a sociedade brasileira.

A análise estatística da distribuição espacial no sítio Guará 1 (GO-NI-100)

Com o intuito de mostrar e interpretar a variação da cultura material no sítio Guará 1, utilizou-se no tratamento estatístico o teste de *cluster*, método de Ward e distância Euclidiana, e a análise de componente principal, método de rotação varimax (Shennan 1988). Diante da quantidade significativa das unidades de coleta e da impossibilidade de processá-las pelo método mais comum, que é a partir da totalidade de 2000 quadrados, agrupamos estas unidades de coleta segundo os diversos setores do sítio que foram estabelecidos a partir

das curvas de nível da densidade dos fragmentos cerâmicos. O limite entre os setores corresponde à média entre os pontos centrais de cada concentração (Figura 3).

Os artefatos cerâmicos

O material cerâmico coletado abrange na área quadriculada do sítio GO-NI-100 um total de 26.801 fragmentos da tradição Uru. A presente análise baseia-se em 3.616 fragmentos, que constituem 13,5 % do universo e que correspondem à totalidade das bordas, bases, apêndices, bolotas e outros objetos cerâmicos, tais como rodela de fuso, carimbos cilíndricos e um eventual instrumento de sopro.

Para demonstrar a variabilidade dos artefatos cerâmicos, segundo os setores estabelecidos, fo-

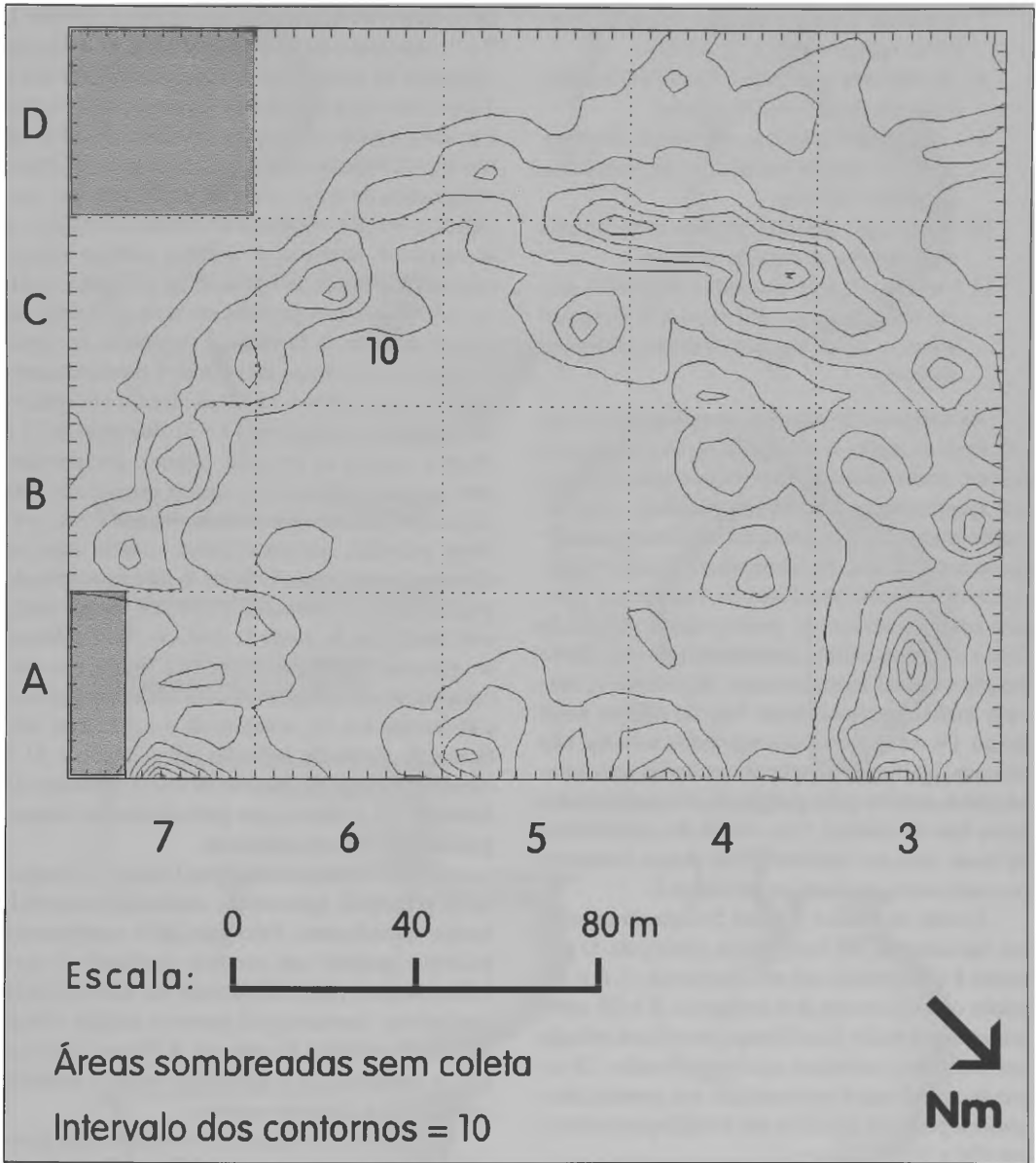


Fig. 3 – Densidade dos artefatos cerâmicos - Guará 1 (GO-NI-100).

ram considerados, nesta primeira abordagem, onze atributos que correspondem a um total de 72 variáveis:

- 1 – tempero: cariapé A <2mm, >2mm; cariapé B <2mm, >2mm; areia;
- 2 – espessura da parede: 0-5, 6-10, 11-15, 16-20, 21-25mm;

- 3 – espessura máxima da borda: 0-5, 6-10, 11-15, 16-20, 21-25, 26-30, 31-35mm;
- 4 – diâmetro da borda: 0-10, 11-20, 31-40, 41-50, 51-60, 61-70, 71-80, 81-90cm;
- 5 – forma dos recipientes: 1 a 16 (Figura 4);
- 6 – volumes: <1 litro, 1-2, 2-5, 5-10, 10-20, 20-50, >50 litros;

- 7 – contorno: contorno simples, infletido, complexo (gargalo tipo 1, 2, 3 e 4);
- 8 – distância do ponto de inflexão até o lábio: 0-10, 11-20, 21-30, 31-40mm;
- 9 – decoração plástica: apêndices: bastões, asas; decoração entalhada, incisa/excisa, decoração ausente;
- 10 – decoração pintada: pintura preta interna e/ou externa, decoração ausente;
- 11 – marcas de uso: pequenas depressões circulares, desgaste por líquidos, desgaste sobre o lábio, desgaste interno, fuligem, ausente;

As variáveis de natureza tecnológica, tais como: tipos de argila, suas impurezas, técnica de confecção, acabamento de superfície e grau de queima apresentaram uma homogeneidade relativamente grande, motivo pelo qual não foram considerados nesta análise. Os elementos decorativos particulares, formas específicas de vasilhames e outros artefatos cerâmicos, entre os quais rodela de fuso e carimbos cilíndricos demonstram uma distribuição espacial aparentemente não aleatória, mas cuja análise pormenorizada foge ao âmbito deste artigo. Os seus percentuais reduzidos, todavia, não alteram significativamente os resultados aqui apresentados, motivo pelo qual foram desconsiderados nesta fase da análise. Uma tabela dos percentuais de cada uma das variáveis e os totais absolutos por cada setor encontra-se no Anexo I.

O teste de *cluster* (Figura 5) separou os setores inicialmente em dois grupos principais. O primeiro é subdividido em três conjuntos: I, II e III, sendo que os setores dos conjuntos II e III apresentam uma maior semelhança entre si em relação aos atributos cerâmicos aqui considerados. O segundo grupo, que é representado por apenas cinco setores, pode ser dividido em dois conjuntos básicos (IV e V).⁴

A análise do componente principal indica que as seguintes variáveis apresentam uma maior contribuição na distinção dos respectivos setores por conjuntos (Figura 6 e Tabela 1). O **fator 1** (conjunto de variáveis plotado ao longo do eixo x) é

principalmente formado pelas variáveis: formas 1, 2 e 7, espessura máxima da borda de 11 a 15mm, espessura da parede até 15mm, volume inferior a 1 litro, presença de fuligem, pintura preta interna e externa, contorno simples, distância do lábio até o ponto de inflexão até 10mm, diâmetro até 20cm, antiplástico de areia e cariapé A < 2mm, que prevalecem no lado esquerdo do espaço estatístico; e as variáveis: ausência de pintura, cariapé >2mm, espessura máxima da borda de 20 a 25mm e volume >50 litros, que prevalecem no lado direito do espaço estatístico. O **fator 2** (conjunto de variáveis plotado ao longo do eixo y) é predominantemente formado pelas variáveis: forma 16, contorno complexo (gargalo tipo 1 e 2), diâmetro de 21 a 30cm e marcas de desgaste interno, que prevalecem na parte inferior do espaço estatístico; e as variáveis: diâmetro 61 a 70cm, formas 5 e 8, contorno infletido, que prevalecem no lado superior do espaço estatístico. O **fator 3**, não representado graficamente, é formado, sobretudo, pelas variáveis: distância do ponto de inflexão de 21 a 30mm e espessura máxima da borda 26 a 30mm, que prevalecem no espaço gráfico com valores negativos; e as formas 4 e 11, volumes de 1 a 10 litros, distância do ponto de inflexão até o lábio de 11 a 20mm, ausência de marcas de uso e diâmetro da borda de 31 a 40cm, que prevalecem no espaço gráfico com valores positivos.

Os dois testes estatísticos (*cluster* e componente principal) apresentam resultados essencialmente semelhantes. Pelo fato de o componente principal permitir um controle das variáveis que influenciaram primordialmente na diferenciação dos setores, basearemos a presente análise sobretudo nos resultados do mesmo. A Figura 7a visualiza as semelhanças e diferenças entre o material cerâmico dos diversos setores.

A distribuição espacial dos setores que apresentam um maior grau de semelhança, bem como a natureza diferenciada das variáveis cerâmicas sugere quatro espaços funcionalmente distintos. Enquanto os setores agrupados nos conjuntos I e II parecem indicar, pela disposição anular, áreas residenciais e os seus entornos, os setores agrupados pelos demais conjuntos sugerem áreas de atividades específicas. Devido à baixa densidade do material arqueológico, a área central foi agrupada sob o setor 66 e o espaço periférico externo sob o setor 99. Nos dois testes estatísticos o material cerâmico da área interna e externa apresen-

(4) No *cluster* os setores 21 e 22 foram agrupados no conjunto II, todavia, no teste de componente principal a cerâmica do setor 21 apresentou uma maior semelhança àquela do setor 3, formando o conjunto IV, e a do setor 22 apresentou uma maior semelhança àquela dos setores do conjunto I.

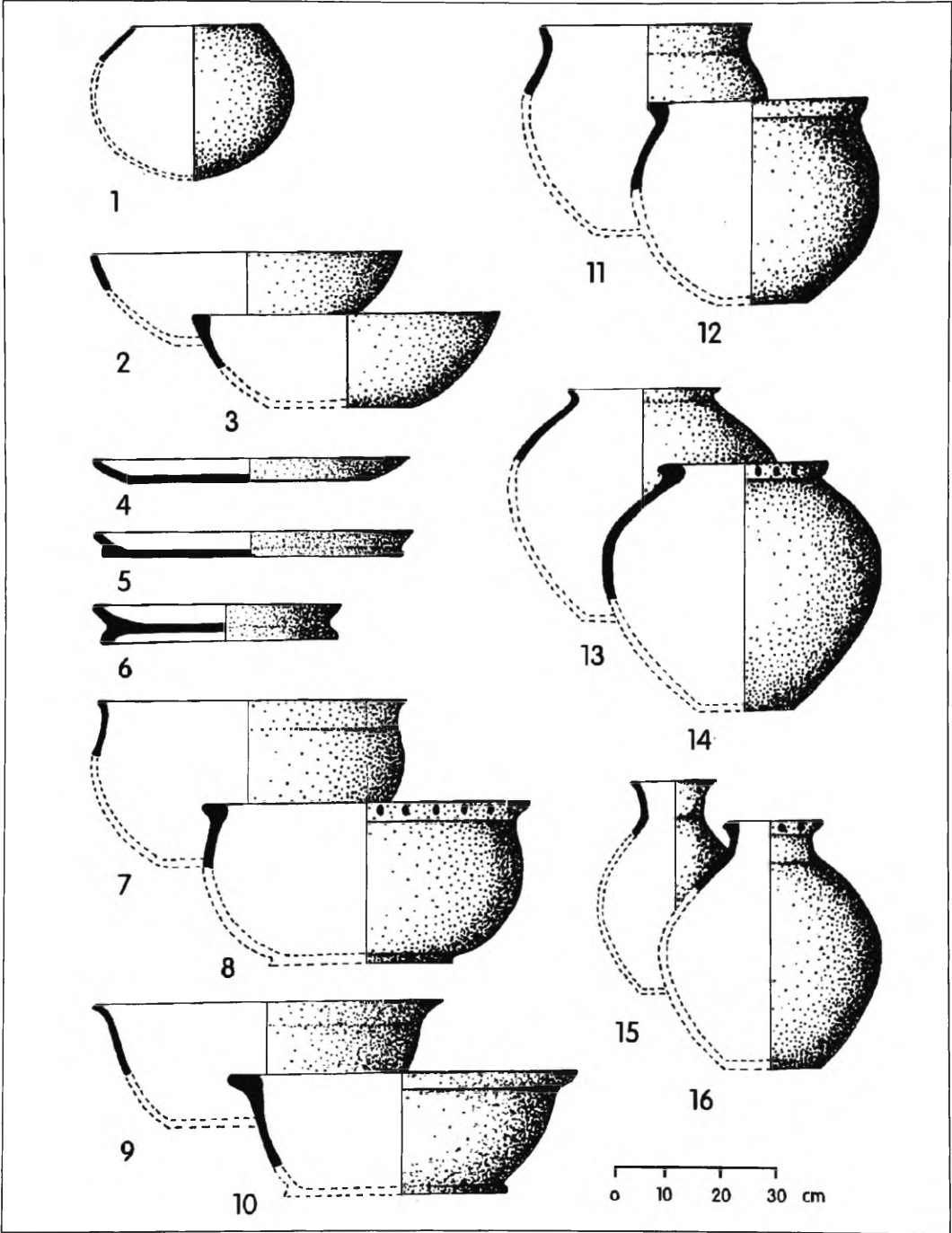


Fig. 4 – Formas básicas dos recipientes cerâmicos.

tou uma semelhança significativa àquele dos setores do conjunto II.

A cerâmica do **conjunto I**, que agrupa os setores (1?), 2, 4, 5, 8, 17, (18?) e 22, distingue-se da cerâmica do conjunto II por haver naquela uma maior presença das formas globulares fechadas e semi-

globulares abertas de contorno simples, bem como das bacias com ângulo de parede superior a 90° (forma 7). Ocorre ainda um percentual maior de fragmentos com espessuras menores, de bordas com diâmetros pequenos com uma reduzida distância do ponto de inflexão até o lábio, de temperos de areia e de

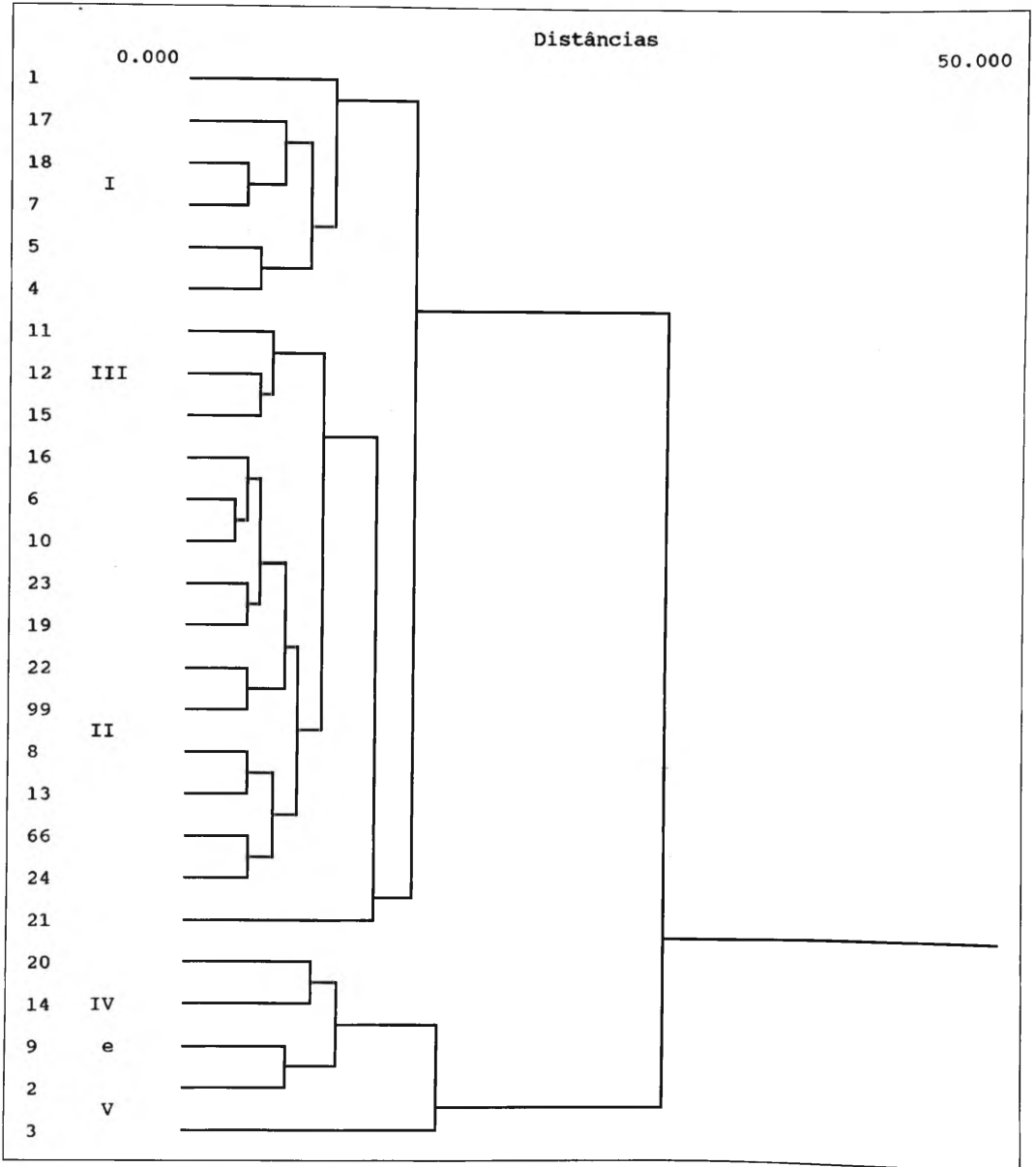


Fig. 5 – Análise de cluster dos artefatos cerâmicos.

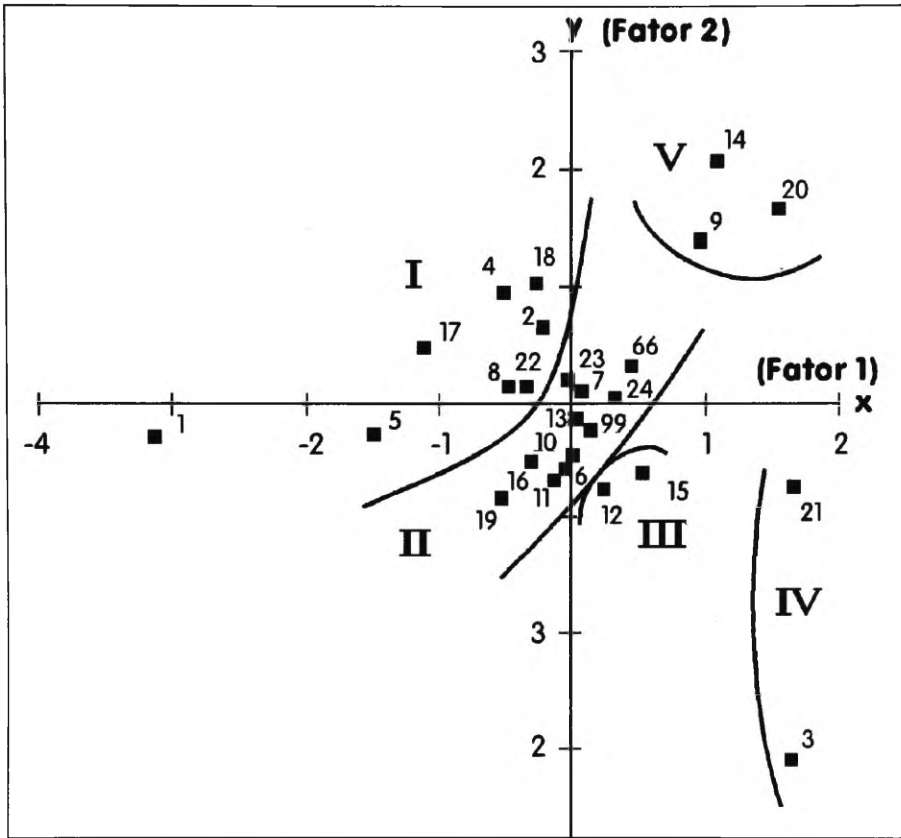


Fig. 6 – Análise de componente principal dos artefatos cerâmicos.

cariapé A < 2mm e de fragmentos com fuligem, sendo que os fragmentos com pintura preta interna ou externa são exclusivos dos setores deste conjunto. Apesar da presença dos demais artefatos nestes setores, os atributos que os distinguem das áreas residenciais do conjunto II podem ser interpretados em termos de uma maior ocorrência de atividades relacionadas ao processamento de alimentos sobre o fogo, em que foram empregados sobretudo recipientes globulares que não ultrapassam a 5 litros e apresentam uma elevada correlação com vestígios de fuligem e apêndices variados, cuja grande diversidade é um distintivo dos setores deste conjunto.

O conjunto II agrupou a segunda parte dos supostos setores habitacionais (setores 6, 7, 10, (11?), 13, 16?, 19, 23 e 24), apenas ausentes no extremo leste do sítio. A cerâmica destes setores é associada a uma multiplicidade de atividades relacionadas à transformação, consumo e estocagem

de alimentos e apresenta um maior grau de homogeneidade que aquela do conjunto I. Como é evidenciado na Figura 7a, as unidades espaciais mais próximas apresentam também um maior grau de semelhança no espaço estatístico. Neste sentido, esta maior semelhança entre áreas vizinhas pode ser eventualmente interpretada em termos de um maior grau de interação entre os membros de unidades residenciais mais próximas. Em relação à planta do sítio, os setores dos conjuntos I e II apresentam uma certa intercalação, de modo que os setores com maiores semelhanças entre si situam-se diametralmente opostos.⁵

(5) O significado desta configuração espacial deverá ser testado no prosseguimento da pesquisa ao englobar um maior número de variáveis e sobretudo aquelas mais sensíveis a possíveis marcadores de identidades sociais, tais como elementos decorativos específicos.

TABELA 1 (cont.)

Composição dos fatores das variáveis cerâmicas			
Variáveis	Fator1	Fator2	Fator3
Forma 1	-0.836	-0.007	-0.042
Espessura máxima da Borda: 6-10mm	-0.832	-0.122	0.256
Espessura da parede: 0-5mm	-0.824	0.118	-0.184
Volume: <1 litro	-0.805	0.007	-0.054
Marcas de uso: fuligem	-0.790	0.039	-0.089
Pinura ausente	0.763	-0.010	0.283
Pinura preta interna e/ou externa	-0.763	0.010	-0.283
Distância do lábio: 0-10mm	-0.708	0.050	0.148
Contorno simples	-0.691	-0.118	0.579
Diâmetro da borda: 11-20cm	-0.681	-0.616	-0.172
Cariapé A: >2mm	0.655	-0.095	-0.635
Espessura da parede: 6-10mm	-0.639	-0.190	0.416
Areia	-0.620	-0.102	0.209
Espessura da parede: 11-15mm	0.619	-0.195	-0.398
Espessura máxima da borda: 11-15mm	-0.618	0.015	0.333
Espessura máxima da borda: 21-25mm	0.606	-0.459	-0.327
Diâmetro da borda: 0-10cm	-0.572	-0.120	0.400
Cariapé A: <2mm	-0.555	0.171	0.585
Forma 7	-0.532	-0.100	0.057
Volume: >50 litros	0.515	0.396	-0.441
Forma 2	-0.513	-0.282	0.518
Forma 16	0.286	-0.803	-0.045
Diâmetro da borda: 61-70cm	0.073	0.736	-0.301
Contorno complexo: gargalo tipo 1	0.091	-0.707	0.260
Forma 8	0.277	0.631	-0.032
Diâmetro da borda: 21-30cm	0.435	-0.592	0.094
Contorno infletido	0.451	0.578	-0.471
Contorno complexo: gargalo tipo 2	0.332	-0.576	-0.498
Volume: 10 a 20 litros	0.290	-0.543	-0.497
Marcas de uso: desgaste interno	0.258	-0.519	-0.527
Forma 5	-0.065	0.508	0.045
Distância do lábio: 21-30mm	0.275	-0.184	-0.787
Forma 4	0.069	-0.100	0.765
Espessura máxima da borda: 26-30mm	0.385	0.359	-0.737
Volume: 5-10 litros	0.052	-0.138	0.712
Espessura máxima da borda: 16-20mm	0.009	-0.101	0.639
Distância do lábio: 11-20mm	0.413	0.137	0.637
Marcas de uso: ausentes	0.163	0.167	0.618

Composição dos fatores das variáveis cerâmicas			
Variáveis	Fator1	Fator2	Fator3
Volume: 1 a 2 litros	-0.045	-0.084	0.600
Volume: 2-5 litros	-0.384	0.066	0.592
Forma 11	-0.068	0.004	0.588
Diâmetro da borda: 31-40cm	0.335	0.394	0.500
Cariapé B: <2mm	-0.032	-0.109	0.076
Distância do lábio: 31-40mm	0.098	-0.031	-0.084
Marcas de uso: desgaste por líquidos	0.100	0.176	-0.150
Cariapé B: >2mm	0.061	-0.140	0.000
Forma 15	-0.178	0.054	-0.049
Marcas de uso: desgaste sobre o lábio	0.069	0.140	-0.221
Decoração plástica: asas	-0.429	-0.042	0.138
Diâmetro da borda: 51-60cm	0.026	0.405	-0.127
Forma 12	0.487	-0.201	-0.453
Diâmetro da borda: 41-50cm	0.423	0.368	-0.140
Forma 9	-0.452	-0.021	-0.012
Decoração plástica: entalhado	-0.283	0.340	-0.097
Diâmetro da borda: 71-80cm	0.241	0.374	-0.371
Espessura da parede: 16-20mm	0.422	0.394	-0.065
Volume 20-50 litros	0.162	0.431	-0.439
Decoração plástica: inciso/excavo	0.013	0.323	-0.208
Espessura máxima da borda: 0-5mm	0.271	0.388	-0.090
Diâmetro da borda: 81-90cm	-0.024	0.018	0.121
Forma 6	0.008	-0.024	0.138
Espessura da parede: 21-25mm	0.149	0.487	-0.154
Contorno complexo: gargalo tipo 3	0.024	-0.010	0.133
Espessura máxima da borda: 31-35mm	0.428	0.488	0.117
Marcas de uso: depressões circulares	0.012	0.001	0.060
Forma 10	-0.380	0.486	0.130
Contorno complexo: gargalo tipo 4	0.171	0.205	0.061
Forma 13	0.031	0.289	0.042
Decoração plástica: apêndices: bastões	-0.437	0.160	0.215
Decoração plástica: ausente	0.461	-0.366	0.036
Forma 14	0.393	0.276	-0.439
Forma 3	0.067	0.288	0.157

Observação: Os números em negrito indicam aquelas variáveis que participaram de forma predominante na definição dos fatores. Os primeiros 16 fatores apresentam um Eigenvalue superior a 1. Os primeiros três fatores explicam com 43% a variação da cerâmica dos setores (fator 1: 18,75%; fator 2: 10,82%; fator 3: 13,43%).

O conjunto III agrupou apenas os setores 12 e 15, enquanto no teste de *cluster* também o setor 11. Estes setores situam-se na periferia externa das supostas áreas residenciais do lado oeste do sítio. A natureza do refugio cerâmico apresenta uma semelhança relativamente grande com aquele dos setores do conjunto II, o que sugere uma interpretação em termos de áreas de descarte. Neste sentido, um maior percentual de fragmentos temperados com cariapé B < 2 e >2mm poderiam ser primeiros indicadores para uma vida útil menor destes recipientes em relação àqueles temperados com cariapé A e areia. No entanto, a ocorrência de um percentual ligeiramente superior de recipientes com volumes >50 litros, bem como a presença de bolotas de argila pode conferir a estes espaços uma função adicional para a realização de atividades específicas que, porém, não parecem ter envolvido o processamento de alimentos sobre o fogo, indicado pela ausência de fragmentos com fuligem.

O conjunto IV agrupa apenas dois setores (3 e 21) de dimensões reduzidas e que se situam na parte nordeste e sudeste da periferia interna. Os fragmentos cerâmicos aqui presentes caracterizam-se por uma maior ocorrência de jarros e de recipientes da forma 12 com volumes superiores a 50 litros, predominando diâmetros de 20 e 30cm. As freqüentes marcas de uso na parte interna superior da borda, provavelmente ocasionadas por retiradas do conteúdo, bem como a ausência de fragmentos com fuligem sugerem atividades relacionadas à manipulação ou estocagem de líquidos. A natureza destes atributos, bem como a baixa densidade do refugio, poderia conferir a estas áreas atividades relacionadas ao preparo e consumo de bebidas. Nota-se ainda a ausência de bolotas de argila, o que permite excluir estas áreas como locais de fabricação de recipientes cerâmicos.

O conjunto V agrupa os setores 9, 14 e 20, que se localizam no anel interno em frente a algumas das unidades residenciais do lado oeste do sítio. A cerâmica ali presente caracteriza-se por uma relativa grande quantidade de recipientes com volumes superiores a 50 litros, bacias com bordas reforçadas (forma 8), um elevado percentual de paredes com espessuras superiores a 20mm e recipientes com diâmetros de até 70cm, enquanto os recipientes destinados a cozinhar e ao consumo individual apresentam percentuais muito reduzidos. Ocorre também uma quantidade significativa de recipientes da forma 12. Tanto os volumes quanto as espessuras elevadas das paredes estão associados a um percentual mais alto

do tempero de cariapé A >2mm. A decoração plástica é limitada aos diversos tipos de entalhados sobre a borda, alcançando valores levemente superiores aos daqueles das áreas residenciais. Não se registram fragmentos com vestígios de fuligem, o que sugere uma manipulação destes recipientes, sobretudo sem o emprego de fogo. Assim, a natureza dos atributos dos recipientes cerâmicos nestes três setores sugere um possível processamento de mandioca, que geralmente envolve a produção de um lixo orgânico considerável e que requer o constante emprego de água. Isso parece ser atestado pela elevada taxa de fragmentos sem fuligem que apresentam no seu lado interno típicas marcas circulares produzidas por líquidos, bem como pelo elevado percentual de desgastes sobre as bordas das grandes bacias, eventualmente relacionadas à utilização de raladores que foram apoiados sobre os bordos planos e reforçados.

Os artefatos líticos

No que tange ao material lítico, foram selecionadas para a seguinte análise estatística apenas três atributos básicos (matéria-prima, técnica de produção e classes de instrumentos e de refugio), que compreendem um total de 48 variáveis:

- matérias-primas: arenito silicificado, calcadona, quartzo hialino e de filão, pedra sabão (esteatita), diorito, granito, micaxisto, outros;
- técnicas de trabalho em pedra: lascamento por percussão dura, por técnica bipolar, picoteamento e/ou alisamento, polimento, sem transformação, sem transformação mas lascado por uso, polido e picoteado e reciclado com percussão dura, lascado por fogo, técnica não identificada;
- categorias de instrumentos líticos que foram estabelecidas a partir das características morfológicas, tecnológicas e das marcas de uso macroscopicamente identificáveis;
- vasilhames de pedra sabão: 1.1 globulares, 1.2 tigelas rasas com parede grossa, 1.3 tigelas rasas com parede fina, 1.4 pratos com bordo levantado, 1.5 assadores planos;
- polidores passivos sobre bloco: 2.1 com canaletas (finas e largas), 2.2 sem canaleta (área ampla);
- polidores ativos sobre bloco: 3.0 (uso de um ou mais bordos);

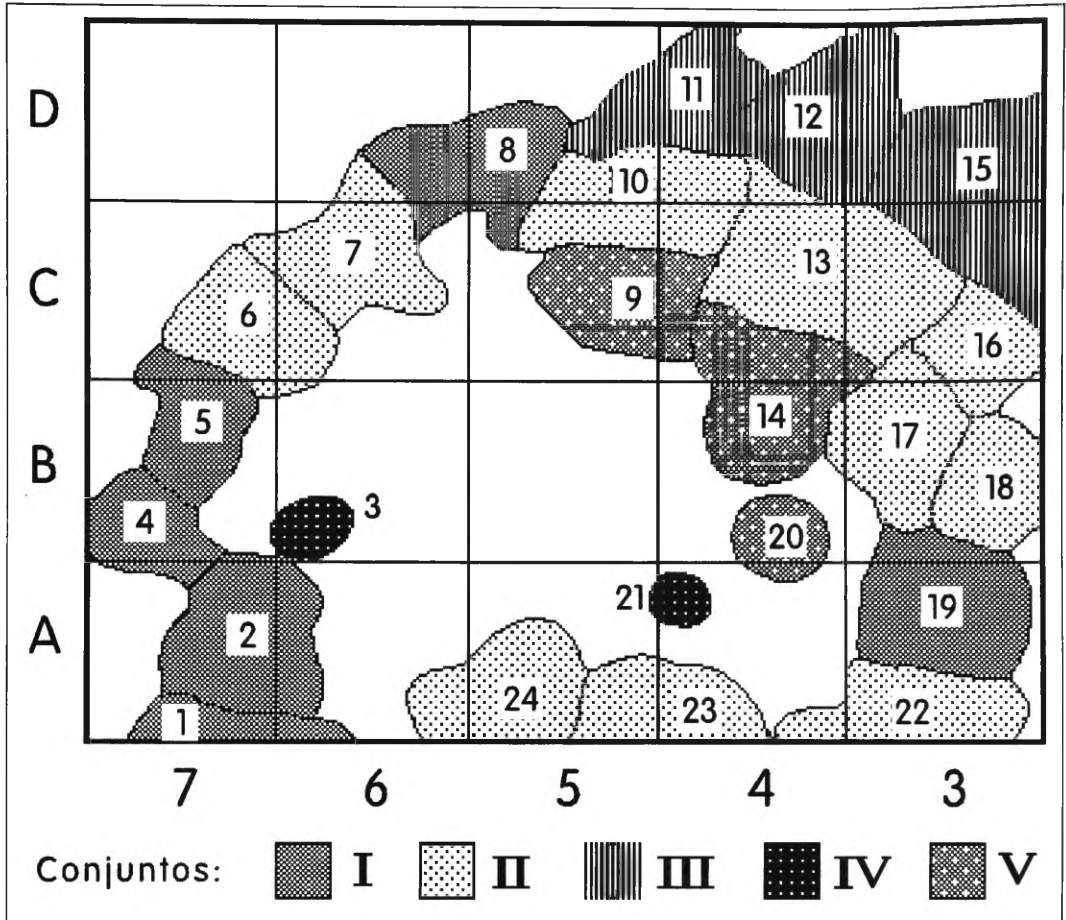


Fig. 7a – Graus de semelhança do material cerâmico nos diversos setores do sítio Guará 1 (GO-NI-100).

- suportes para bater sobre bloco: 4.0 com depressão circular; 11.0 (bigorna para lascamento bipolar);
- lâminas de machado: 5.1 sem gargalo, 5.2 com gargalo, 5.4 fragmentos, 5.5 pré-forma de machado;
- instrumentos para esmagar e triturar: 6.1 sobre diversos suportes, 6.2 mão de pilão;
- boleadeira: 7.0;
- seixos para polir: 8.1 uso de superfície ampla, 8.2 uso sobre gume lascado;
- percutores: 9.1 de seixo, 9.2 de bloco;
- instrumentos sobre lasca e núcleo: 10.1 para cortar, 10.2 para polir, 10.3 para raspar, 10.9 função desconhecida;

- refugio de lascamento: 12.1 fragmentos lascados por fogo, 12.2 fragmentos sem técnica de lascamento identificada, 12.3 núcleos de percussão dura, 12.4 lascas de percussão dura, 12.5 nucleiformes bipolares, 12.6 lascas bipolares.

A presente análise baseia-se no total das 530 peças provenientes da coleta sistemática de superfície⁶ da área do sítio Guará 1. Uma tabela dos percentuais e dos totais absolutos das variáveis por setores encontra-se no Anexo II.

(6) Foram desconsiderados aqui os 242 fragmentos de pedra sabão, em sua maioria resultantes das recentes atividades agrícolas.

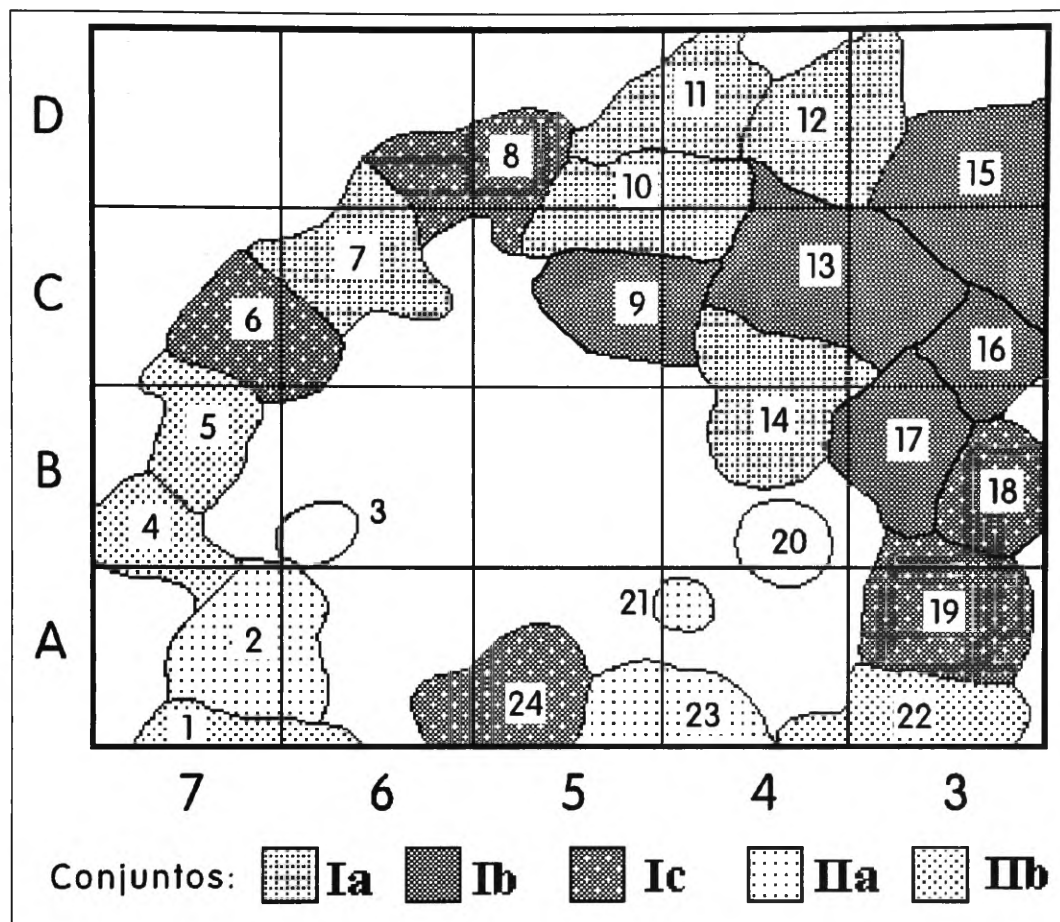


Fig. 7b – Graus de semelhança do material lítico nos diversos setores do sítio Guará 1 (GO-NI-100).

O teste de *cluster* separou os setores em duas unidades principais. A primeira unidade compreende os conjuntos Ia e Ib, que se localizam, com exceção do setor 7, na parte oeste do sítio, e o conjunto Ic cujos setores apresentam uma distribuição dispersa. A segunda unidade abrange os conjuntos IIa e IIb, cujos setores se encontram sobretudo na parte leste do sítio, situando-se assim diametralmente opostos aos da primeira unidade. A posição marginal dos setores 3 e 20 no espaço gráfico é resultante da baixa frequência de material lítico ali presente (Figura 8).

A análise do componente principal indica quais das variáveis sob consideração levaram à distinção básica dos setores (Figura 9 e Tabela 2). O **fator 1** (conjunto de variáveis plotados ao longo

do eixo x) é predominantemente composto por polidores ativos, blocos regularizados por percussão dura, matéria-prima de micaxisto, instrumentos sem transformação, técnica bipolar, polidores sem canaleta, nucleiformes resultantes da técnica bipolar, lâminas de machado sem gargalo e percutores de seixo (que apresentam uma maior incidência no lado esquerdo do espaço estatístico). O **fator 2** (conjunto de variáveis plotados ao longo do eixo y) é predominantemente composto pelas variáveis: matéria-prima de diorito, assadores de pedra sabão e técnica picoteada alisada (que prevalecem na parte superior do espaço estatístico) em oposição à matéria-prima de arenito silicificado e quartzo e fragmentos lascados por fogo (que prevalecem na parte inferior do espaço estatístico). O

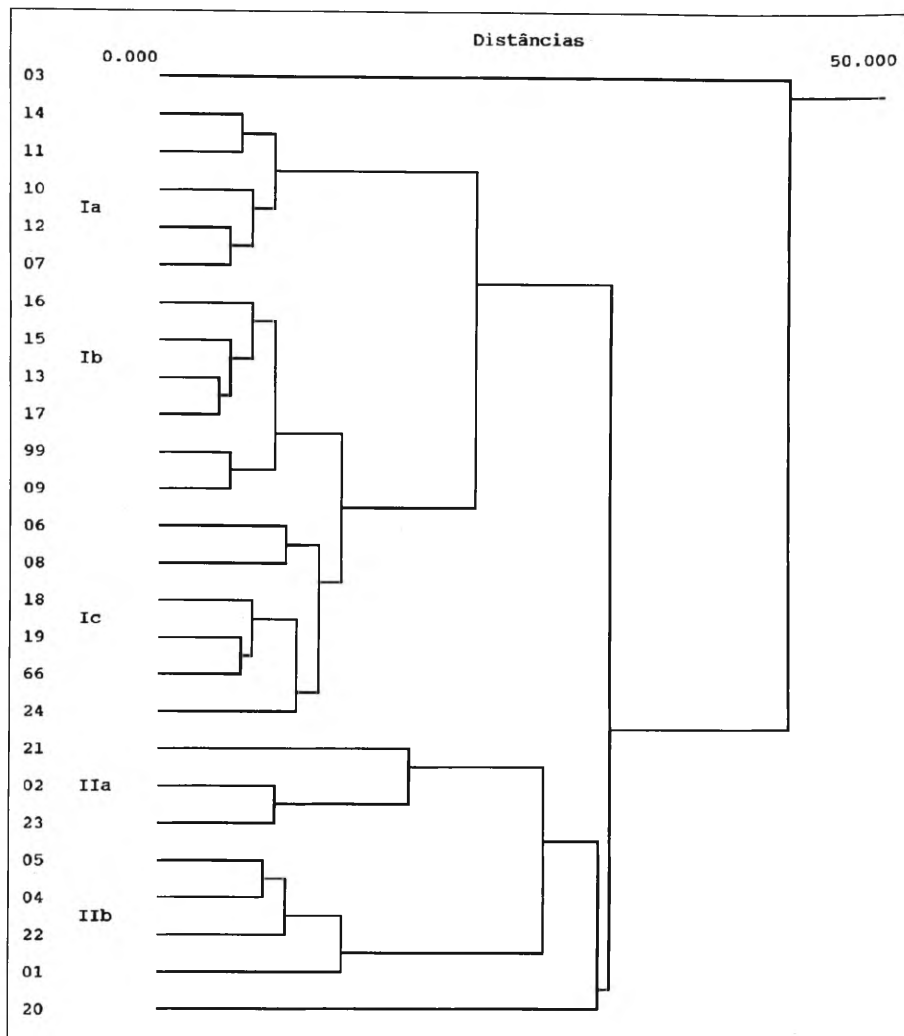


Fig. 8 – Análise do teste de cluster dos artefatos líticos.

fator 3, aqui graficamente não representado, é formado principalmente pelas variáveis: fragmentos sem técnica de lascamento identificada, bigornas para lascamento bipolar e matéria-prima de granito (que prevalecem no espaço gráfico dos valores negativos) e percussão dura, lascas de percussão dura, e instrumentos sobre lasca empregados para raspar (que se encontram no espaço gráfico com valores positivos).

Apesar de ligeiras diferenças entre os resultados de ambos os testes estatísticos, os dados apontam para

a existência de dois agrupamentos essencialmente distintos no que tange ao predomínio de certas técnicas de trabalho da pedra, matérias-primas e presença de alguns artefatos líticos específicos. Os setores com uma maior semelhança entre si apresentam uma relação direta com a planta do sítio, ocorrendo uma divisão aproximada ao longo do eixo norte-sul, que divide os setores em uma parte oeste e leste (Figura 7b). Nota-se ainda que, de um modo geral, os setores espacialmente próximos apresentam um maior grau de semelhança entre si que setores mais distantes,

excetuando-se apenas os setores do conjunto Ic. No que se refere, porém, às diversas categorias espaciais (áreas de atividades específicas e áreas residenciais), detectadas a partir da análise dos artefatos cerâmicos, não parece ocorrer uma distinção significativa no que tange ao material lítico.

Enquanto a presença das matérias-primas de arenito silicificado, quartzo e diorito, o uso de artefatos líticos brutos, a percussão dura, os percutores sobre seixo e os instrumentos sobre lascas, empregadas em atividades de raspar, são comuns a todos os conjuntos, ocorrem algumas diferenças básicas do repertório lítico em ambas as partes do sítio. Prevaecem na metade oeste (setores do conjunto I) as evidências de uma cadeia operatória relacionada à técnica bipolar, associada a um predomínio da matéria-prima de quartzo e de calcedônia, uma presença significativa de seixos (percutores) e blocos brutos que ocasionalmente sofreram um processo de regularização por percussão dura, bem como uma maior ocorrência de fragmentos rachados por fogo. Tanto os instrumentos sobre bloco (alisadores sem canaleta) e um predomínio quase absoluto das lâminas de machado e das matérias-primas de diorito e granito nesta parte do sítio poderiam indicar uma correlação funcional. Ocorrem também apenas nesta parte do sítio os polidores com canaletas finas e largas, que remetem à confecção de implementos percíveis, tais como osso e madeira, bem como os blocos com depressões centrais, que na literatura são freqüentemente referidos como “quebracocos”. Nos setores agrupados pelo conjunto II prevaecem percentualmente os diversos recipientes de pedra sabão obtidos pela técnica de picoteamento e alisamento, instrumentos sobre lasca com função de raspar e cujo forte desgaste sobre o bordo ativo poderia indicar uma associação com a fabricação destes recipientes.

Discussão dos resultados

Apesar das limitações impostas pelos dados exclusivamente provenientes de coletas de superfície, os resultados aqui apresentados mostram que, mesmo em sítios já parcialmente destruídos, a técnica da coleta sistemática em superfícies amplas pode fornecer resultados iniciais importantes no que se refere a uma melhor caracterização dos aspectos morfológicos dos sítios e das áreas de ati-

vidades específicas, além de distinções entre os repertórios materiais das diversas áreas residenciais. É possível perceber também que as diferenças na distribuição espacial dos artefatos cerâmicos e líticos do sítio Guará 1 acima apresentados permitem encaminhar algumas questões de extrema importância para o prosseguimento das pesquisas arqueológicas dos grupos ceramistas agricultores e que se referem:

- a certos aspectos econômicos e sociais dos ocupantes do sítio Guará 1;
- a aspectos relacionados à formação do refúgio e que envolvem diferentes processos de descarte;
- a critérios na escolha de estratégias de amostragem;
- ao significado do grau da homogeneidade ou heterogeneidade da cultura material nível regional e local;
- a interpretação da variabilidade da cultura material em sítios cerâmicos a céu aberto de outras regiões brasileiras.

Aspectos do sistema econômico e da organização social dos ocupantes do Guará 1

A análise das semelhanças e diferenças dos artefatos cerâmicos e líticos em relação aos diversos setores do sítio Guará 1 e dos seus significados funcionais propiciam as primeiras interpretações referentes a alguns aspectos das atividades econômicas e da organização social e das suas variações em nível de uma comunidade específica. Apesar de uma série de atividades que parecem ter ocorrido em todos os setores residenciais, tais como: confecção de recipientes cerâmicos, estocagem e processamento de alimentos e lascamento por percussão dura, observam-se algumas diferenças importantes com implicações para a organização do trabalho e da estrutura sócio-política.

As diferenças nos recipientes cerâmicos entre os setores das áreas residenciais parecem expressar ligeiras variações no que tange a aspectos da subsistência. Estas diferenças são indicadas por uma maior presença de recipientes cerâmicos de volumes pequenos envolvidos em atividades de cozimento e uma menor atividade relacionada à transformação da mandioca, embora o consumo de beiju ou de farinha parece ser comum a todos, como indica a distribuição generalizada dos assadores. De

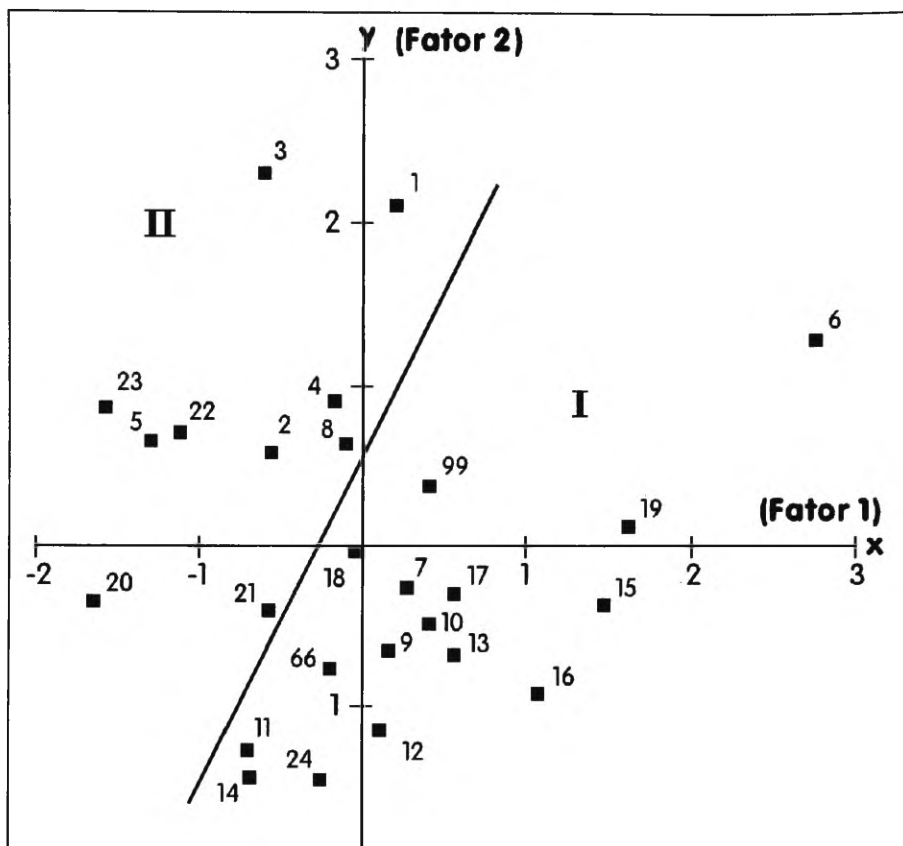


Fig. 9 – Distinção básica dos setores segundo a localização das variáveis.

forma semelhante uma distribuição espacial nucleada, sobretudo dos “quebra-cocos”, também aponta para uma eventual presença de variações nos complementos dietéticos.

Por sua vez, as diferenças significativas no repertório lítico dos setores da parte oeste do sítio e agrupados pelos conjuntos Ia e Ib sugerem uma certa especialização, seja em termos de uma exploração territorial socialmente restrita (indicada pelo predomínio quase exclusivo das matérias-primas de calcedônia, diorito e granito nesta parte do sítio), seja pelo domínio privativo de certas técnicas de lascamento (sobretudo da técnica bipolar), bem como pela privacidade na confecção e uso de implementos específicos. Isso parece ser indicado pelos polidores passivos com canaletas, que sugerem atividades de polimento de materiais orgâni-

cos (de madeira ou de osso), e as lâminas de machado e as suas pré-formas em associação a polidores em canaleta, que podem ter uma associação funcional.

As evidências para as redes de troca intra-sítio ainda estão muito fragmentárias e provavelmente envolveram mais itens percíveis que artefatos cerâmicos e líticos. Apesar disso, a presença de instrumentos produzidos por lascamento bipolar em alguns dos setores do conjunto II ao lado leste do sítio, dissociados da cadeia operatória de produção, aponta para estas eventuais redes de troca, valendo o mesmo também para os implementos das lâminas de machado, ocorrendo apenas um destes implementos no setor 3, dentro de um contexto de uma área de atividade específica. Todavia, não se trata de um sistema de troca unilateral.

TABELA 2

Composição dos fatores das variáveis dos artefatos líticos			
Variáveis	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Categoria 3.0	0,775	0,100	0,010
Técnica: bloco regularizado por percussão dura	0,694	-0,055	-0,081
Matéria-prima: micaxisto	0,673	0,401	-0,355
Técnica: sem transformação	0,655	0,000	-0,257
Técnica bipolar	0,622	-0,471	0,084
Categoria 2.2	0,622	-0,009	0,031
Categoria 12.6	0,580	-0,509	0,045
Categoria 5.1	0,568	0,274	0,032
Categoria 9.1	0,539	0,062	0,224
Matéria-prima: arenito silicificado	-0,134	-0,701	-0,011
Categoria 12.1	0,019	-0,672	-0,189
Técnica: lascado por fogo	0,019	-0,671	-0,189
Matéria-prima: quartzo	0,270	-0,575	0,377
Matéria-prima: diorito	-0,028	0,559	-0,032
Categoria 1.5	-0,104	0,543	-0,192
Técnica: picoteado/alisado	-0,236	0,500	0,187
Categoria 12.2	-0,272	-0,167	-0,792
Técnica: não identificada	-0,246	-0,185	-0,789
Técnica: percussão dura	-0,154	-0,126	0,777
Categoria: 12.4	-0,311	-0,071	0,728
Categoria 10.3	0,105	0,002	0,565
Categoria 11.0	0,176	0,027	-0,550
Matéria-prima: granito	-0,286	-0,164	-0,522
Categoria 5.4	-0,082	0,469	0,015
Técnica: polido	-0,079	0,474	0,024
Matéria-prima: pedra sabão	-0,309	0,437	0,281
Categoria 1.1	-0,338	0,339	0,407
Matéria-prima: calcedônia	0,452	0,414	-0,213
Categoria 1.2	-0,049	0,062	-0,076
Categoria 12.5	0,230	-0,106	0,147
Categoria 6.1	-0,023	0,088	-0,003
Categoria 7.0	0,050	0,071	-0,008
Categoria 1.3	-0,379	0,052	0,354
Categoria 1.4a	0,082	0,245	0,124
Categoria 4.0	0,020	-0,003	-0,075
Categoria 9.2	0,021	0,020	-0,031
Categoria 10.1	0,268	-0,133	0,128
Matéria-prima: outras	0,143	-0,018	-0,049
Categoria 5.2	0,317	-0,152	-0,108
Categoria 10.9	-0,313	0,164	0,282
Categoria 2.1	0,279	0,461	-0,469
Categoria 5.5	0,221	-0,336	0,019
Categoria 8.2	0,276	-0,054	0,154
Categoria 8.1	-0,043	-0,450	-0,135
Categoria 10.2	0,200	-0,262	0,191
Categoria 12.3	-0,073	-0,286	-0,148
Categoria 6.2	-0,090	0,136	0,291
Técnica: polido/picoteado e reciclado com percussão dura	0,483	-0,037	-0,046

Observação: As variáveis que contribuem de forma mais significativa na formação dos fatores encontram-se em negrito. Os primeiros 15 fatores apresentam um Eigenvalue superior a 1. Os primeiros 3 fatores explicam 33,6% da variação do lítico dos setores (fator 1: 13,17%, fator 2: 10,56%, fator 3: 9,89%).

Há certos indícios para uma maior produção de vasilhames de pedra sabão nos setores do lado leste da aldeia, onde se encontram freqüentemente associados a raspadores eventualmente empregados para o seu acabamento final. A distribuição aparentemente generalizada dos recipientes de pedra sabão, no entanto, poderia estar relacionada a uma rede de troca na direção oposta.

Nas áreas de atividades específicas (setores 9, 14 e 20), situadas na periferia interna do lado oeste do sítio, predominam grandes recipientes cerâmicos, cujas características morfológicas e marcas de uso podem estar relacionadas ao processamento da mandioca. Estas áreas sugerem não apenas uma maior intensidade de produção ou mesmo de consumo pelos membros das unidades residenciais adjacentes, mas eventualmente uma produção de excedente. Este poderia ter sido trocado por outros gêneros alimentícios ou implementos com os membros das demais unidades residenciais do assentamento, mas poderia ser também um indicador para a realização de rituais coletivos. Interpretações semelhantes em outros contextos culturais podem ser encontradas, entre outros, em Roosevelt 1991: 73-4 e Blitz 1993. Apesar de um percentual levemente superior da decoração entalhada e incisa nestes espaços ao daquele das áreas residenciais adjacentes, estes elementos estilísticos não parecem estar relacionados a um significado particular. Pelo fato de tais áreas de atividade se encontrarem espacialmente limitadas e por se situarem em um espaço público, poder-se-ia sugerir a presença de uma posição hierárquica superior dos ocupantes desta parte do sítio. Estas áreas de atividade parecem estar articuladas a poucas unidades residenciais contíguas, que adicionalmente situam-se sobre a parte mais alta da vertente, permitindo um controle visual privilegiado.

Todavia, nem o processamento da mandioca, nem o seu consumo sob forma de farinha ou beiju representam uma atividade econômica exclusiva para ocupantes de setores específicos. Desta forma estaríamos apenas diante de uma possível intensificação de trabalho nesta área do sítio e que, segundo o modelo etnográfico, é geralmente associada à mão de obra feminina. Não parece ocorrer uma divisão de trabalho por setores específicos como foi constatado para o sítio MT-RN-32 da mesma tradição ceramista (Wüst 1990). Esta maior intensidade de produção e, portanto, uma evidente maior taxa de manipulação e quebra de reci-

ipientes poderia explicar também a elevada densidade de material arqueológico, bem como o relativo elevado acúmulo do refugo secundário nas áreas da periferia externa nesta parte do sítio, que dificilmente representa condições diferenciais de conservação.

As duas outras áreas de atividades específicas (setores 3 e 21), situadas na periferia interna do lado norte e leste do sítio, parecem ter funções distintas, o que é indicado não apenas pela baixa densidade do refugo, mas também pelo predomínio de grandes recipientes relacionados à manipulação de líquidos. Estamos inclinados a atribuir a estas áreas possíveis atividades cerimoniais públicas que eventualmente envolveram membros de diversas unidades residenciais. Os elementos decorativos restringem-se a um baixo percentual de bordas entalhadas, o que indica a pouca importância deste atributo estilístico no contexto social conferido a estes setores.

Partindo do pressuposto que a confecção da cerâmica e o processamento de alimentos representam sobretudo uma atividade feminina e que o trabalho da pedra está associado predominantemente à esfera masculina, a localização dos setores com maiores semelhanças entre si apresenta algumas diferenças básicas em relação aos artefatos cerâmicos e líticos (vide Figuras 7a e 7b). Nesse caso, poder-se-ia encaminhar a seguinte reflexão inicial sobre alguns aspectos da organização social:

O maior grau de semelhança entre os artefatos cerâmicos e líticos em setores adjacentes (na medida em que representam áreas de habitação) parece indicar a presença de segmentos residenciais como foram descritos por Lea (1993: 269), sendo que famílias extensas pertencentes a um segmento social ocupam casas espacialmente próximas e compartilham certos fluxos de informação e mesmo certas privacidades no que tange à exploração de matérias primas específicas, à manufatura de implementos e seu uso.

De um modo geral os autores não aceitam mais hoje uma correlação direta entre organização social e semelhanças da cultura material como pensava, entre outros, Hill (1968), já que as diversas redes de transmissão ultrapassam os laços de parentesco imediato (Stanislawski & Stanislawski 1978). No entanto, além dos complicados mecanismos de empréstimos, ocorre no sítio Guará 1 uma diferença significativa no que tange

à distribuição espacial dos setores que apresentam maiores semelhanças no repertório lítico e cerâmico. Enquanto nos artefatos líticos se cristaliza uma separação do assentamento ao longo do eixo norte-sul, separando os setores segundo o modelo Jê, em metades oeste e leste, os setores que apresentam maiores semelhanças em relação aos artefatos cerâmicos, apresentam um maior grau de dispersão.

Isto sugere que a circulação dos homens parece ter sido mais restrita que aquela das mulheres, o que poderia ser um primeiro indicador para uma eventual predominância de um sistema patrilocal ou de linhagens patrilineares. Esta interpretação também se sustenta na evidência de que as unidades residenciais com maior grau de semelhanças se encontram diametralmente opostas, o que poderia representar uma maior circulação de mulheres, de bens ou de fluxos de informação. Da mesma forma, a presença de um suposto maior contingente da mão-de-obra feminina na parte oeste do sítio poderia ser um indicador adicional para um sistema social predominantemente patrilocal, no qual *status* social e poder se obtêm, entre outros, por meio de um maior acesso à força de trabalho feminino.

Formação do refugio

Uma das primeiras questões que se coloca nos estudos dos assentamentos anulares do Brasil Central refere-se ao significado das concentrações cerâmicas. Os dados etnográficos, bem como os dados arqueológicos do Alto Xingu, mostram que o adensamento de material cerâmico e os solos escuros correspondem a áreas de descarte, enquanto nas áreas residenciais prevalecem solos vermelhos e uma baixa densidade de refugio (Heckenberger 1996, Silva 1988). No contexto dos sítios da tradição Aratu e Uru de Goiás e Mato Grosso, no entanto, a presença de estruturas de combustão e de ocasionais postes de esteio parece confirmar o caráter habitacional das concentrações cerâmicas (Andreatta 1982, Wüst 1983, 1990). Os dados do sítio Guará 1 parecem confirmar em parte esta interpretação. Todavia, a detecção de áreas de atividades específicas exige extrema cautela ao se interpretar os espaços daqueles sítios formados por mais de um anel de concentrações. Enquanto para alguns dos sítios formados por até três anéis se dispõe de controles materiais que possam conferir

às concentrações cerâmicas funções residenciais, cabe-nos, à luz dos dados aqui apresentados, fornecer em pesquisas futuras dados consistentes que permitam excluir a hipótese de áreas de atividades específicas, sobretudo no que se refere aos espaços periféricos internos e externos.

Estratégias de Amostragem

Como a preocupação básica no estudo dos grupos agricultores ceramistas brasileiros centrou-se tradicionalmente no estabelecimento de cronologias relativas e absolutas e nas comparações regionais de culturas arqueológicas dentro de uma perspectiva difusionista, a maior parte do conhecimento sobre estas sociedades provém de informações pouco detalhadas sobre aspectos morfológicos dos sítios. Além disso, as coletas de superfície provêm de áreas restritas dos assentamentos para as quais não se dispõe de um controle dos seus significados funcionais, abrangendo geralmente não mais que 200 fragmentos cerâmicos (Schmitz *et al.* 1982).

Os resultados da análise espacial do sítio Guará 1 evidenciam que qualquer estratégia amostral, sobretudo aquelas baseadas em técnicas não estratificadas, dificilmente poderão ser úteis a uma análise espacial intra-sítio. Dessa forma, coletas sistemáticas totais de superfície apresentam um potencial significativamente mais elevado quando se trata de compreender aspectos comportamentais de comunidades particulares, o que vai ao encontro das idéias de Kent (1987: 10), que rejeita qualquer estratégia amostral. Por sua vez, a análise espacial dos artefatos líticos do sítio Guará 1 mostra também que os artefatos líticos, em geral desprezados nas pesquisas tradicionais, parecem ser um melhor indicador para eventuais cristalizações da estrutura social que os artefatos cerâmicos.

Implicação para a arqueologia regional

O mapeamento da densidade dos artefatos cerâmicos e líticos do sítio Guará 1 evidenciou que em Goiás, como no Mato Grosso, pelo menos uma parte dos sítios filiados à tradição Uru apresenta uma forma anular. Diante de outros sítios arqueológicos desta área, no entanto, o sítio sob estudo apresenta dimensões relativamente reduzidas, uma vez que o diâmetro máximo em tais assentamen-

to pode alcançar até 500 metros. Partindo do pressuposto que todos setores que formam o anel representam as áreas residenciais concomitantes e que cada habitação contava com duas a três famílias nucleares, poder-se-ia sugerir um contingente demográfico mínimo entre 140 e 210 pessoas. Dentro desta perspectiva, a diferenciação espacial dos artefatos constatada neste sítio adquire uma importância especial, no sentido de que não apenas em sítios de maior, mas também de menor porte, podem ser encontrados indícios para uma certa heterogeneidade e, com isso, para uma hierarquização interna.

A maioria dos sítios arqueológicos de grupos ceramistas de Goiás pode ser filiada a duas grandes tradições ceramistas: Aratu e Uru. Estes grupos ceramistas parecem apresentar diferenças significativas em relação aos sistemas de abastecimento e provavelmente à sua estrutura sócio-política, sobretudo no que se refere aos fluxos de informação, de bens e provavelmente de pessoas. Como já foi observado por González (1996), parece ocorrer uma maior homogeneidade da cerâmica em nível regional nos sítios filiados à tradição Uru que naquelas da tradição Aratu, nos quais se observa um percentual significativamente mais elevado de artefatos "intrusivos" de outras tradições ceramistas, sobretudo daquelas da tradição Tupi-guarani e em menor proporção da tradição Uru.

No nível intra-sítio, por sua vez, os artefatos cerâmicos nos assentamentos da tradição Aratu tendem a uma maior homogeneidade que os da tradição Uru (Wüst 1983, 1990), que parece se reforçar pelos dados empíricos do sítio Guará 1, apontando para uma maior hierarquização interna. O significado destas diferenças básicas, quanto aos diversos graus de homogeneidade em nível regional e local, ainda exige maiores aprofundamentos. No entanto, podem eventualmente informar sobre aspectos da estrutura sócio-política, que no caso das sociedades portadoras da tradição Aratu parece ter levado, ainda em um período pré-contato, a um colapso ou a uma fusão com grupos portadores da tradição Uru (González 1996).

Os próprios dados etnográficos do Brasil Central fornecem elementos importantes no que se refere a uma maior ou menor importância da praça central, presença e ausência da "casa dos homens", bem como às implicações de suas diversas estruturas sociais sobre a natureza das redes de relações sociais com outras comunidades, culturalmen-

te semelhantes ou distintas (cf., entre outros, Novaes, org. 1983; Maybury-Lewis, ed. 1979). Tais diferenças estruturais, que em última análise estão relacionadas à cosmovisão, podem propiciar o surgimento de sistemas sócio-políticos de maior ou menor complexidade e afetar as estratégias que envolvem a cultura material como indicadores de identidades sociais.

Na medida em que se expandem análises intra-sítio para um nível regional e para sítios de sistemas culturais e níveis temporais diversos, podem ser encontradas certamente algumas respostas para o significado dos diversos graus de homogeneidade da cultura material, como foram discutidos, entre outros, por Braun & Plog (1982) e Hantman (1982). Tais investigações permitirão uma contribuição significativa para averiguar tanto as continuidades ou mudanças na apropriação e uso dos espaços quanto as evidentes implicações para a organização do trabalho e para as hierarquias sociais.

Neste tipo de abordagem, indicadores materiais para a participação diferencial dos membros das diversas unidades residenciais nas redes de troca intra e extra-comunitárias, especificidades nos processos da cadeia alimentar, eventuais direitos privativos de exploração territorial e as atividades coletivas figurarão certamente como destaque. Dentro desta perspectiva, uma série de análises físicas e químicas dos artefatos cerâmicos e líticos começam a adquirir uma nova perspectiva e desempenharão um papel importante para as investigações futuras.

* *Implicações supra-regionais*

Em algumas pesquisas arqueológicas da Amazônia (Meggers 1991, Miller (org.) 1992) observa-se uma certa tendência em reduzir a diversidade estilística da cerâmica a aspectos cronológicos, ou seja, a reocupações sucessivas, sem que se levantem hipóteses alternativas sobre as áreas de atividades, hierarquias internas, ou mesmo presença de possíveis simbioses culturais. Com esta interpretação minimiza-se não apenas o tamanho dos sítios, mas também possíveis processos de complexificação, geralmente acompanhados por uma maior divisão de trabalho e diversificação funcional dos espaços (Cordell 1984, Kent 1984). Os dados aqui apresentados indicam que tais diferenças não devem ser consideradas apenas privilégio de sociedades estratificadas.

A congruência espacial, a espessura reduzida da camada arqueológica e a forma do sítio Guará 1 permitem excluir o fator tempo para explicar a variação dos artefatos cerâmicos e líticos entre os diversos setores. Associamos a variabilidade na cultura material sobretudo a atividades específicas, a distintas formas de descarte, devido a uma maior taxa de quebra, e a diferenças no processo de produção, consumo e redistribuição entre os ocupantes dos diversos setores residenciais. Alguns atributos dos artefatos líticos e cerâmicos podem apresentar uma diferença que atinge nas propostas áreas residenciais 35% e que sobe para 50% ou mais, se consideramos as áreas de atividades específicas. Estes dados apresentam evidentes implicações para futuras estratégias de amostragem, bem como para uma avaliação dos diversos graus

de complexificação dos grupos agricultores ceramistas do Centro-Oeste brasileiro.

Agradecimentos

A obtenção dos dados empíricos aqui apresentados foram viabilizados com a colaboração da Prefeitura e do Sindicato Rural de Itapuranga, do proprietário da gleba rural Alfredo Rosa da Costa que concedeu hospedagem à equipe, dos alunos integrantes do Projeto Sítio-Escola Guará que participaram nos trabalhos de campo, na organização e análise do material cerâmico e lítico, bem como da Universidade Federal de Goiás, que proporcionou o apoio logístico e financeiro para os trabalhos de campo e de laboratório.

ANEXO I

Variáveis da Cerâmica

Setor	Conjunto	Bordas		Bases		Apêndices		Bolotas		Outros		Sub-Total		Paredes		Total Geral		A	Cal	Ca23	Cb1	Cb23	Total	FR
		Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr	Fr							
1	1	23	14	-	-	-	-	1	-	-	-	38	326	364	5,26	92,11	2,63	-	-	-	-	-	38	100
2	1	67	55	6	-	-	-	-	-	-	-	128	810	938	1,56	67,19	28,91	0,78	1,56	-	-	-	128	100
3	4	13	2	-	-	-	-	-	-	-	-	15	181	196	-	40,00	60,00	-	-	-	-	-	15	100
4	1	64	19	7	1	1	1	1	1	1	1	92	677	769	2,17	83,70	13,04	1,09	2,05	-	-	-	92	100
5	1	87	33	12	12	2	2	12	2	2	2	146	659	805	8,90	75,34	8,90	4,79	2,05	-	-	-	146	100
6	2	118	58	5	3	-	-	3	-	-	-	184	848	1032	3,26	72,93	15,22	4,89	3,80	-	-	-	184	100
7	2	97	43	9	7	1	1	7	1	1	1	157	906	1063	5,10	81,53	7,01	4,46	1,91	-	-	-	157	100
8	1	102	28	7	4	-	-	4	-	-	-	141	901	1042	3,55	66,67	15,60	8,51	5,67	-	-	-	141	100
9	5	65	18	-	2	-	-	2	-	-	-	85	684	769	3,53	64,71	27,06	3,53	1,18	-	-	-	85	100
10	2	189	76	6	6	-	-	6	-	-	-	277	1629	1906	3,61	61,37	23,10	7,22	4,69	-	-	-	277	100
11	2	53	21	5	2	-	-	2	-	-	-	81	614	695	3,70	56,79	25,93	12,35	1,23	-	-	-	81	100
12	3	50	25	4	2	-	-	2	-	-	-	81	767	848	3,70	51,85	24,69	4,94	14,81	-	-	-	81	100
13	2	276	77	9	29	2	2	29	2	2	2	393	2721	3114	6,62	63,87	24,68	3,05	1,78	-	-	-	393	100
14	5	57	17	-	-	-	-	-	-	-	-	74	729	803	-	47,30	51,35	-	1,35	-	-	-	74	100
15	3	64	33	4	4	1	1	4	1	1	1	106	813	919	4,72	58,49	28,30	4,72	3,77	-	-	-	106	100
16	2	76	19	3	5	1	1	5	1	1	1	104	790	894	5,77	73,08	14,42	4,81	1,92	-	-	-	104	100
17	1	70	30	8	4	-	-	4	-	-	-	112	737	849	8,04	82,14	8,04	1,79	-	-	-	-	112	100
18	1	82	42	5	4	-	-	4	-	-	-	133	817	950	1,50	89,47	8,27	0,75	-	-	-	-	133	100
19	2	179	124	13	7	-	-	7	-	-	-	323	1761	2084	2,17	66,87	30,03	0,62	0,31	-	-	-	323	100
20	5	35	17	-	-	-	-	-	-	-	-	52	285	337	-	50,00	44,23	3,85	1,92	-	-	-	52	100
21	4	11	6	-	-	-	-	-	-	-	-	17	97	114	-	88,24	11,76	-	-	-	-	-	17	100
22	1	133	91	15	9	-	-	9	-	-	-	248	1049	1297	3,63	71,37	25,00	-	-	-	-	-	248	100
23	2	66	17	2	3	-	-	3	-	-	-	88	579	667	3,41	75,00	19,32	1,14	1,14	-	-	-	88	100
24	2	88	44	2	3	1	1	3	1	1	1	138	886	1024	0,72	80,43	17,39	0,72	0,72	-	-	-	138	100
66	2	136	69	6	5	-	-	5	-	-	-	216	1467	1683	3,70	72,22	19,91	3,70	0,46	-	-	-	216	100
99	2	108	61	3	13	2	2	13	2	2	2	187	1452	1639	5,88	66,84	24,60	1,60	1,07	-	-	-	187	100
Total		2309	1039	131	126	11	11	126	11	11	11	3616	23185	26801	3,98	69,41	21,43	3,21	1,96	-	-	-	3616	100

ANEXO I (cont.)

Variáveis da Cerâmica

Setor	Entalhado	Inciso	Asa	Botão	Ausente	Total	FR	%	Total	PI	%	SEMPI	Total	FR	%	Total	Espess. 0-5 mm	%	Espess. 6-10 mm	%	Espess. 11-15 mm	%	Espess. 16-20 mm	%	Espess. 21-25 mm	%	Total	FR	%	Total
1	13,16	-	-	-	86,84	100	38	4,35	95,65	100	23	8,70	52,17	34,78	4,35	100	23	-	4,35	-	34,78	-	4,35	-	-	-	100	23		
2	11,72	1,56	3,13	1,56	82,03	100	128	1,45	98,55	100	69	2,90	37,68	49,28	10,14	100	69	-	10,14	-	49,28	-	10,14	-	-	-	100	69		
3	6,67	-	-	-	93,33	100	15	-	100,00	100	13	0,00	25,00	75,00	-	100	12	-	-	-	75,00	-	-	-	-	-	100	12		
4	15,22	1,09	4,35	3,26	76,09	100	92	-	100,00	100	68	3,08	49,23	40,00	7,69	100	65	-	7,69	-	40,00	-	7,69	-	-	-	100	65		
5	10,27	1,37	5,48	2,05	80,82	100	146	1,10	98,90	100	91	5,56	46,67	43,33	4,44	100	90	-	4,44	-	43,33	-	4,44	-	-	-	100	90		
6	15,76	1,09	2,17	0,54	80,43	100	184	-	100,00	100	122	-	57,50	40,00	2,50	100	120	-	2,50	-	40,00	-	2,50	-	-	-	100	120		
7	10,19	0,64	3,82	0,64	84,71	100	157	-	100,00	100	98	-	35,42	52,08	12,50	100	96	-	12,50	-	52,08	-	12,50	-	-	-	100	96		
8	7,80	1,42	2,13	2,84	85,82	100	141	-	100,00	100	103	2,97	48,51	38,61	8,91	100	101	-	8,91	-	38,61	-	8,91	-	0,99	-	100	101		
9	16,47	-	-	-	83,53	100	85	-	100,00	100	65	-	42,86	52,38	4,76	100	63	-	4,76	-	52,38	-	4,76	-	-	-	100	63		
10	12,64	-	1,81	0,72	84,84	100	277	-	100,00	100	190	2,21	51,38	39,78	6,08	100	181	-	6,08	-	39,78	-	6,08	-	0,55	-	100	181		
11	1,23	1,23	4,94	1,23	91,36	100	81	-	100,00	100	57	1,89	45,28	41,51	11,32	100	53	-	11,32	-	41,51	-	11,32	-	-	-	100	53		
12	7,41	-	4,94	-	87,65	100	81	-	100,00	100	54	2,00	36,00	52,00	10,00	100	50	-	10,00	-	52,00	-	10,00	-	-	-	100	50		
13	9,92	-	1,53	0,25	88,30	100	393	0,36	99,64	100	279	2,63	46,62	46,99	3,76	100	266	-	3,76	-	46,99	-	3,76	-	-	-	100	266		
14	18,92	-	-	-	81,08	100	74	-	100,00	100	57	3,85	15,38	61,54	11,54	100	52	-	11,54	-	61,54	-	11,54	-	7,69	-	100	52		
15	8,49	-	0,94	0,94	89,62	100	106	-	100,00	100	66	-	34,38	54,69	10,94	100	64	-	10,94	-	54,69	-	10,94	-	-	-	100	64		
16	9,62	-	1,92	0,96	87,50	100	104	-	100,00	100	77	2,82	46,48	45,07	5,63	100	71	-	5,63	-	45,07	-	5,63	-	-	-	100	71		
17	10,71	0,89	4,46	2,68	81,25	100	112	1,35	98,65	100	74	2,82	56,34	36,62	2,82	100	71	-	2,82	-	36,62	-	2,82	-	1,41	-	100	71		
18	9,02	-	3,01	1,50	86,47	100	133	1,20	98,80	100	83	2,47	39,51	48,15	7,41	100	81	-	7,41	-	48,15	-	7,41	-	2,47	-	100	81		
19	5,57	0,62	3,10	0,93	89,78	100	323	1,08	98,92	100	185	3,31	50,83	40,33	5,52	100	181	-	5,52	-	40,33	-	5,52	-	-	-	100	181		
20	-	3,85	-	-	96,15	100	52	-	100,00	100	35	-	14,29	48,57	37,14	100	35	-	37,14	-	48,57	-	37,14	-	-	-	100	35		
21	-	-	-	-	100,00	100	17	-	100,00	100	11	-	36,36	45,45	18,18	100	11	-	18,18	-	45,45	-	18,18	-	-	-	100	11		
22	10,48	2,02	3,63	2,42	81,45	100	248	-	100,00	100	140	3,73	37,31	54,48	4,48	100	134	-	4,48	-	54,48	-	4,48	-	-	-	100	134		
23	4,55	1,14	1,14	1,14	92,05	100	88	-	100,00	100	67	3,17	49,21	39,68	4,76	100	63	-	4,76	-	39,68	-	4,76	-	3,17	-	100	63		
24	10,14	-	1,45	-	88,41	100	138	-	100,00	100	88	1,18	49,41	41,18	8,24	100	85	-	8,24	-	41,18	-	8,24	-	-	-	100	85		
66	8,33	0,46	2,31	0,46	88,43	100	216	-	100,00	100	139	2,22	44,44	48,15	3,70	100	135	-	3,70	-	48,15	-	3,70	-	1,48	-	100	135		
99	3,74	0,53	1,60	-	94,12	100	187	-	100,00	100	109	1,83	33,03	56,88	8,26	100	109	-	8,26	-	56,88	-	8,26	-	-	-	100	109		
Total	9,54	0,66	2,49	1,00	86,31	100	3616	0,34	99,66	100	2363	2,37	44,19	46,03	6,84	100	2281	-	6,84	-	46,03	-	6,84	-	0,57	-	100	2281		

ANEXO I (cont.)

Variáveis da Cerâmica

Setor	Marca uso 1		Marca uso 2		Marca uso 3		Marca uso 4		Marca uso 5		Ausente	Total	Distân. 0-10 mm	Distân. 11-20 mm	Distân. 21-30 mm	Distân. 31-40 mm	Total	FR
	%		%		%		%		%									
1	-	4,35	-	-	-	-	-	-	8,70	86,96	100	23	40,00	46,67	13,33	-	100	15
2	2,82	2,82	5,63	-	-	-	-	-	2,82	85,92	100	71	5,45	56,36	38,18	-	100	55
3	-	15,38	-	-	-	-	-	-	-	84,62	100	13	8,33	41,67	50,00	-	100	12
4	-	-	-	-	1,47	-	-	-	-	98,53	100	68	40,91	45,45	11,36	2,27	100	44
5	2,20	1,10	3,30	-	3,30	-	-	-	5,49	87,91	100	91	32,79	47,54	19,67	-	100	61
6	3,28	4,92	2,46	-	2,46	-	-	-	2,46	86,89	100	122	8,79	69,23	20,88	1,10	100	91
7	3,06	4,08	2,04	1,02	-	-	-	-	3,06	86,73	100	98	12,50	59,72	19,44	8,33	100	72
8	4,85	2,91	4,85	-	4,85	-	-	-	3,88	83,50	100	103	16,28	56,98	24,42	2,33	100	86
9	3,08	1,54	6,15	-	6,15	-	-	-	-	89,23	100	65	12,28	61,40	24,56	1,75	100	57
10	3,16	5,26	3,16	-	3,16	-	-	-	1,05	87,37	100	190	13,79	62,07	21,38	2,76	100	145
11	5,26	-	12,28	-	12,28	-	-	-	-	82,46	100	57	9,52	52,38	26,19	11,90	100	42
12	6,34	1,82	7,27	-	7,27	-	-	-	-	87,27	100	55	7,32	56,10	26,83	9,76	100	41
13	1,77	4,26	10,99	0,71	-	-	-	-	2,84	79,43	100	282	10,73	60,09	25,32	3,86	100	233
14	1,75	-	7,02	-	7,02	-	-	-	0,00	91,23	100	57	8,16	63,27	24,49	4,08	100	49
15	4,55	3,03	3,03	-	3,03	-	-	-	0,00	89,39	100	66	10,00	68,00	20,00	2,00	100	50
16	1,30	1,30	3,90	-	3,90	-	-	-	1,30	92,21	100	77	16,36	65,45	16,36	1,82	100	55
17	-	-	2,70	-	2,70	-	-	-	6,76	90,54	100	74	22,00	54,00	24,00	-	100	50
18	4,82	4,82	2,41	-	2,41	-	-	-	3,61	84,34	100	83	17,74	61,29	19,35	1,61	100	62
19	5,35	2,14	5,88	-	5,88	-	-	-	1,07	85,56	100	187	15,50	63,57	15,50	5,43	100	129
20	5,71	5,71	2,86	-	2,86	-	-	-	-	85,71	100	35	5,88	58,82	32,35	2,94	100	34
21	-	-	-	-	-	-	-	-	100,00	100	11	14,29	85,71	-	-	-	100	7
22	5,67	-	3,55	-	3,55	-	-	-	5,67	85,11	100	141	11,83	63,44	22,58	2,15	100	93
23	1,49	2,99	2,99	-	2,99	-	-	-	-	92,54	100	67	6,52	71,74	19,57	2,17	100	46
24	1,12	3,37	6,74	-	6,74	-	-	-	-	88,76	100	89	14,08	69,01	16,90	-	100	71
66	2,09	2,09	2,09	-	2,09	-	-	-	0,84	92,89	100	239	8,82	70,59	17,65	2,94	100	102
99	0,92	3,67	5,50	-	5,50	-	-	-	-	89,91	100	109	13,75	56,25	27,50	2,50	100	80
Total	2,87	2,83	4,81	0,12	2,02	-	-	-	-	87,34	100	2473	13,75	61,11	22,11	3,03	100	1782

ANEXO I (cont.)

Variáveis da Cerâmica

Setor	Cont. Simpl.	Cont. Infl.	Cont. Compl. Garg.1	Cont. Compl. Garg.2	Cont. Compl. Garg.3	Cont. Compl. Garg.4	Total	Total	Volume < 1 l	Volume 1-2 l	Volume 2-5 l	Volume 5-10 l	Volume 10-20 l	Volume 20-50 l	Volume > 50 l	Total	Total	FR
1	34,78	56,52	8,70	-	-	-	23	100	38,10	4,76	9,52	4,76	14,29	19,05	9,52	100	21	
2	18,84	73,91	7,25	-	-	-	69	100	9,26	7,41	12,96	7,41	7,41	27,78	27,78	100	54	
3	-	69,23	15,38	15,38	-	-	13	100	-	-	-	-	59,09	18,18	22,73	100	22	
4	29,85	64,18	5,97	0,00	-	-	67	100	7,41	14,81	12,96	16,67	16,67	11,11	20,37	100	54	
5	29,67	61,54	7,69	1,10	-	-	91	100	16,67	12,82	11,54	19,23	20,51	11,54	7,69	100	78	
6	25,41	58,20	15,57	-	-	0,82	122	100	10,81	18,02	12,61	11,71	18,92	16,22	11,71	100	111	
7	22,45	69,39	8,16	-	-	-	98	100	17,07	9,76	12,20	15,85	9,76	21,95	13,41	100	82	
8	12,87	78,22	8,91	-	-	-	101	100	11,24	17,98	11,24	14,61	16,85	11,24	16,85	100	89	
9	9,38	87,50	1,56	-	-	1,56	64	100	1,69	5,08	8,47	18,64	16,95	28,81	20,34	100	59	
10	20,21	64,36	12,23	1,60	-	-	188	100	7,19	14,97	13,17	15,57	16,17	19,76	13,17	100	167	
11	23,21	60,71	14,29	1,79	-	-	56	100	10,20	10,20	6,12	4,08	22,45	30,61	16,33	100	49	
12	22,22	61,11	14,81	1,85	-	-	54	100	4,88	17,07	2,44	21,95	12,20	31,71	9,76	100	41	
13	13,36	70,76	12,64	2,53	0,72	-	277	100	10,67	9,88	8,30	12,65	15,81	26,88	15,81	100	253	
14	5,26	84,21	7,02	3,51	-	-	57	100	10,00	2,00	2,00	-	16,00	48,00	22,00	100	50	
15	22,73	59,09	16,67	-	1,52	-	66	100	13,33	3,33	3,33	33,33	10,00	26,67	10,00	100	60	
16	25,97	57,14	14,29	2,60	-	-	77	100	8,82	19,12	16,18	8,82	17,65	25,00	4,41	100	68	
17	25,68	60,81	10,81	2,70	-	-	74	100	9,84	1,64	24,59	9,84	8,20	34,43	11,48	100	61	
18	22,89	65,06	9,64	1,20	1,20	-	83	100	6,67	9,33	10,67	6,67	10,67	33,33	22,67	100	75	
19	23,50	56,28	18,58	1,64	-	-	183	100	12,42	8,07	13,04	9,32	22,98	15,53	18,63	100	161	
20	2,86	91,43	5,71	-	-	-	35	100	2,94	8,82	2,94	-	20,59	26,47	38,24	100	34	
21	27,27	54,55	18,18	-	-	-	11	100	-	18,18	18,18	27,27	9,09	9,09	18,18	100	11	
22	25,71	61,43	11,43	-	1,43	-	140	100	12,17	10,43	19,13	7,83	22,61	18,26	9,57	100	115	
23	23,88	61,19	14,93	-	-	-	67	100	17,54	8,77	15,79	15,79	10,53	15,79	15,79	100	57	
24	11,36	78,41	7,95	2,27	-	-	88	100	9,46	8,11	6,76	12,16	32,43	17,57	13,51	100	74	
66	20,00	68,89	7,41	2,96	0,74	-	135	100	11,90	11,90	7,94	7,94	20,63	20,63	19,05	100	126	
99	25,69	62,39	8,26	3,67	-	-	109	100	13,54	10,42	17,71	10,42	15,63	15,63	16,67	100	96	
Total	20,44	66,35	11,20	1,49	0,43	0,09	2348	100	10,78	10,74	11,36	12,09	17,55	21,86	15,62	100	2068	

ANEXO I (cont.)

Variáveis da Cerâmica

Setor	Diâm. 0-10		Diâm. 11-20		Diâm. 21-30		Diâm. 31-40		Diâm. 41-50		Diâm. 51-60		Diâm. 61-70		Diâm. 71-80		Diâm. 81-90		Total		Esp.m. 0-5		Esp.m. 6-10		Esp.m. 11-15		Esp.m. 16-20		Esp.m. 21-25		Esp.m. 26-30		Esp.m. 31-35		Total	
	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	cm	%	FR	mm	%	mm	%	mm	%	mm	%	mm	%	mm	%	mm	%	FR
1	14,29	52,38	4,76	9,52	9,52	4,76	4,76	3,17	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	21	4,55	31,82	22,73	22,73	22,73	4,55	13,64	—	—	100	22					
2	3,17	20,63	19,05	12,70	25,40	4,76	11,11	3,17	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	63	2,94	17,65	19,12	19,12	22,06	19,12	2,94	—	100	68						
3	—	33,33	41,67	8,33	16,67	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	12	—	—	7,69	15,38	53,85	23,08	0,00	100	13							
4	5,26	17,54	21,05	22,81	21,05	3,51	8,77	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	78	4,48	20,90	35,82	19,40	10,45	7,46	1,49	100	67							
5	5,13	37,18	21,79	19,23	8,97	2,56	2,56	2,56	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	57	1,10	21,98	32,97	18,68	17,58	6,59	1,10	100	91							
6	0,88	30,09	29,20	17,70	13,27	4,42	2,65	1,77	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	113	1,64	21,31	25,41	26,23	15,57	8,20	1,64	100	122							
7	7,23	22,89	24,10	20,48	15,66	2,41	6,02	1,20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	83	5,10	11,22	27,55	28,57	12,24	13,27	2,04	100	98							
8	5,62	24,72	19,10	23,60	12,36	6,74	6,74	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	89	2,94	15,69	35,29	27,45	12,75	5,88	—	100	102							
9	—	8,47	16,95	37,29	20,34	10,17	5,08	1,69	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	59	1,54	9,23	10,77	32,31	16,92	6,15	100	65								
10	2,35	29,41	24,71	21,76	8,82	7,65	4,12	0,59	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	170	4,76	15,87	28,57	20,11	20,63	8,47	1,59	100	189							
11	4,00	32,00	14,00	24,00	8,00	10,00	6,00	2,00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	50	5,26	21,05	22,81	12,28	24,56	14,04	—	100	57							
12	2,44	29,27	26,83	12,20	14,63	9,76	—	4,88	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	41	9,26	20,37	16,67	22,22	9,26	18,52	3,70	100	54							
13	4,31	28,24	21,96	14,90	15,29	8,24	5,49	1,57	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	255	3,24	10,07	25,54	24,82	15,83	16,91	3,60	100	278							
14	—	16,00	12,00	24,00	26,00	8,00	14,00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	61	8,77	1,75	19,70	24,24	16,67	13,64	4,55	100	66							
15	4,92	26,23	21,31	24,59	11,48	11,48	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	67	1,30	22,08	25,97	29,87	7,79	12,99	—	100	77							
16	5,97	25,37	25,37	28,36	7,46	5,97	1,49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	62	5,48	20,55	23,29	26,03	8,22	10,96	5,48	100	73							
17	3,23	25,81	27,42	14,52	6,45	14,52	4,84	3,23	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	77	2,41	15,66	24,10	16,87	18,07	13,25	9,64	100	83							
18	3,90	22,08	16,88	20,78	14,29	6,49	9,09	6,49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	164	3,83	26,23	22,40	17,49	14,21	14,21	1,64	100	183							
19	3,05	40,85	20,12	11,59	17,07	3,05	2,44	1,83	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	34	17,65	5,88	11,76	8,82	17,65	29,41	8,82	100	34							
20	—	8,82	20,59	17,65	14,71	11,76	5,88	20,59	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	11	9,09	9,09	9,09	36,36	27,27	0,00	9,09	100	11							
21	9,09	18,18	27,27	27,27	18,18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	118	10,79	21,58	20,14	15,11	20,14	10,79	1,44	100	139							
22	8,47	22,88	24,58	17,80	22,03	1,69	3,39	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	59	4,48	20,90	23,88	17,91	14,93	2,99	100	67								
23	10,17	27,12	16,95	13,56	11,86	5,06	1,27	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	79	1,14	13,64	15,91	29,55	25,00	14,77	—	100	88							
24	2,53	24,05	16,46	27,85	15,19	7,59	5,06	1,27	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	128	5,04	14,39	22,30	18,71	21,58	15,11	2,88	100	139							
66	3,91	19,53	20,31	25,00	17,97	5,47	5,47	1,56	0,78	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	99	1,85	16,67	30,56	25,93	16,67	8,33	—	100	108							
99	3,03	22,22	27,27	18,18	13,13	7,07	6,06	3,03	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2100	4,25	16,84	23,95	22,03	16,84	13,53	2,55	100	2351							
Total	4,10	26,29	21,76	19,67	14,81	6,52	4,86	1,86	0,14	100	2100	4,25	16,84	23,95	22,03	16,84	13,53	2,55	100	2100	4,25	16,84	23,95	22,03	16,84	13,53	2,55	100	2351							

ANEXO I (cont.)

Variáveis da Cerâmica

Setor	Forma 1	Forma 2	Forma 3	Forma 4	Forma 5	Forma 6	Forma 7	Forma 8	Forma 9	Forma 10	Forma 11	Forma 12	Forma 13	Forma 14	Forma 15	Forma 16	Total	Total	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	FR
1	14,29	19,05	-	-	-	-	4,76	4,76	9,52	9,52	-	28,57	-	-	4,76	4,76	100	21	
2	6,25	12,50	-	-	3,13	-	3,13	7,81	1,56	4,69	1,56	39,06	1,56	10,94	3,13	4,69	100	64	
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	58,33	-	8,33	-	33,33	100	12	
4	5,56	11,11	-	5,56	5,56	-	1,85	12,96	-	14,81	7,41	20,37	-	7,41	5,56	1,85	100	54	
5	14,10	10,26	1,28	2,56	6,41	-	1,28	7,69	5,13	14,10	8,97	16,67	1,28	-	1,28	8,97	100	78	
6	3,60	14,41	0,90	5,41	4,50	-	2,70	10,81	3,60	11,71	1,80	18,92	0,90	4,50	2,70	13,51	100	111	
7	3,66	8,54	2,44	6,10	1,22	2,44	1,22	6,10	3,66	15,85	7,32	26,83	2,44	2,44	4,88	4,88	100	82	
8	3,37	5,62	-	4,49	4,49	-	5,62	11,24	8,99	15,73	7,87	21,35	-	1,12	4,49	5,62	100	89	
9	1,69	3,39	3,39	-	1,69	-	-	16,95	6,78	18,64	-	40,68	-	3,39	1,69	1,69	100	59	
10	4,79	8,98	2,40	3,59	2,99	1,20	2,40	10,18	3,59	14,37	3,59	20,96	0,60	2,40	7,19	10,78	100	167	
11	8,16	12,24	-	4,08	-	-	-	16,33	6,12	4,08	6,12	24,49	-	-	8,16	10,20	100	49	
12	7,32	14,63	-	-	-	-	-	17,07	4,88	7,32	2,44	24,39	-	2,44	12,20	7,32	100	41	
13	2,37	6,32	2,77	2,37	2,37	0,40	1,98	18,58	2,77	10,67	3,16	22,13	1,19	5,53	3,56	13,83	100	253	
14	-	2,00	2,00	2,00	4,00	-	-	26,00	2,00	6,00	4,00	32,00	6,00	2,00	8,00	4,00	100	50	
15	5,00	11,67	3,33	5,00	-	-	1,67	11,67	5,00	6,67	8,33	18,33	-	3,33	5,00	15,00	100	60	
16	7,35	13,24	-	7,35	2,94	-	2,94	14,71	7,35	8,82	1,47	10,29	2,94	1,47	8,82	10,29	100	68	
17	11,48	11,48	1,64	3,28	1,64	-	-	13,11	1,64	21,31	3,28	9,84	1,64	3,28	1,64	14,75	100	61	
18	12,00	4,00	4,00	4,00	5,33	-	-	14,67	2,67	13,33	5,33	17,33	-	5,33	6,67	5,33	100	75	
19	9,94	9,94	1,86	3,11	0,62	-	1,86	8,07	4,35	7,45	4,97	20,50	1,24	3,73	9,32	13,04	100	161	
20	2,94	-	-	-	5,88	-	-	17,65	2,94	11,76	-	29,41	-	23,53	2,94	2,94	100	34	
21	-	18,18	-	-	-	-	-	9,09	-	-	9,09	36,36	-	-	-	18,18	100	11	
22	9,57	9,57	2,61	3,48	4,35	-	0,87	9,57	4,35	10,43	8,70	14,78	2,61	4,35	4,35	10,43	100	115	
23	5,26	10,53	3,51	5,26	5,26	-	-	8,77	3,51	10,53	5,26	17,54	5,26	1,75	5,26	12,28	100	57	
24	5,41	5,41	1,35	1,35	2,70	-	2,70	16,22	6,76	10,81	1,35	29,73	-	4,05	2,70	9,46	100	74	
66	5,56	5,56	3,17	6,35	3,17	-	1,59	12,70	2,38	7,94	6,35	23,02	2,38	7,94	2,38	9,52	100	126	
99	5,21	11,46	-	10,42	6,25	-	2,08	15,63	8,33	5,21	3,13	10,42	3,13	8,33	6,25	4,17	100	96	
Total	6,00	8,85	1,79	3,87	3,09	0,24	1,74	12,72	4,21	10,83	4,50	21,71	1,40	4,45	4,98	9,62	100	2068	

ANEXO II

Porcentuais do Material Lítico por Setores (Sítio Guará 1 - GO-NI-100)

Setor	Arenito Silicif. dônia	Calece-Quartzo	Pedra Sabão	Granito	Diorito	Mica-xisto	Não Identif.	Total	Peric. Dura	Bipolar	Polido	Alisado	Lascado	Sem transf.	Pol./Pice P. Dura	S/transf.e lasc. uso	Não identif.	Total
1	20,0	20,0	20,0	-	20,0	20,0	-	100	-	-	-	40,0	-	20,0	-	-	40,0	100
2	66,7	-	16,7	-	16,7	-	-	100	50,0	-	-	33,3	-	16,7	-	-	-	100
3	-	-	-	-	100,0	-	-	100	-	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100
4	33,3	16,7	41,7	-	-	-	-	100	16,7	8,3	-	41,7	-	16,7	-	-	16,7	100
5	22,2	22,2	55,6	-	-	-	-	100	11,1	-	-	55,6	11,1	-	-	-	22,2	100
6	25,0	18,8	12,5	-	12,5	18,8	-	100	18,8	12,5	6,3	12,5	6,3	18,8	6,3	12,5	6,3	100
7	68,8	6,3	12,5	-	-	6,3	-	100	12,5	6,3	-	12,5	18,8	25,0	-	6,3	18,8	100
8	16,7	11,1	33,3	5,6	11,1	5,6	-	100	22,2	11,1	5,6	33,3	11,1	5,6	-	-	5,6	100
9	36,4	9,1	18,2	-	9,1	-	-	100	18,2	18,2	-	27,3	9,1	9,1	-	-	18,2	100
10	57,1	10,7	14,3	-	17,9	-	-	100	25,0	10,7	-	7,1	14,3	17,9	7,1	-	17,9	100
11	66,7	-	22,2	-	11,1	-	-	100	22,2	11,1	-	-	22,2	11,1	-	-	33,3	100
12	76,9	-	15,4	-	3,8	3,8	-	100	15,4	3,8	-	3,8	26,9	19,2	3,8	3,8	23,1	100
13	45,9	5,9	25,9	4,7	4,7	5,9	-	100	11,8	18,8	2,4	8,2	12,9	10,6	2,4	-	32,9	100
14	73,9	-	17,4	8,7	-	-	-	100	8,7	4,3	4,3	-	39,1	4,3	-	4,3	34,8	100
15	41,5	4,9	31,7	4,9	2,4	12,2	-	100	9,8	14,6	2,4	12,2	14,6	22,0	-	4,9	19,5	100
16	37,8	2,7	40,5	5,4	8,1	-	-	100	21,6	24,3	2,7	5,4	2,7	16,2	5,4	5,4	16,2	100
17	44,0	8,0	20,0	4,0	8,0	4,0	4,0	100	20,0	16,0	-	20,0	8,0	12,0	-	-	24,0	100
18	50,0	11,1	16,7	5,6	5,6	5,6	-	100	16,7	5,6	-	27,8	22,2	16,7	-	-	11,1	100
19	56,0	16,0	12,0	-	4,0	8,0	-	100	36,0	12,0	-	16,0	4,0	16,0	-	4,0	12,0	100
20	50,0	-	-	50,0	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100
21	50,0	-	50,0	-	-	-	-	100	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	100
22	44,4	11,1	33,3	-	11,1	-	-	100	33,3	-	-	44,4	-	-	-	-	22,2	100
23	57,1	-	42,9	-	-	-	-	100	57,1	-	-	42,9	-	-	-	-	-	100
24	50,0	-	33,3	16,7	-	-	-	100	33,3	16,7	-	16,7	33,3	-	-	-	-	100
66	57,4	6,4	19,1	2,1	-	-	-	100	36,2	14,9	-	17,0	10,6	-	-	2,1	19,1	100
99	43,5	4,3	13,0	17,4	-	-	-	100	19,6	15,2	-	30,4	2,2	4,3	2,2	-	26,1	100
Total	48,3	6,6	19,1	3,2	6,2	4,7	0,4	100	20,4	12,8	1,5	16,6	11,9	11,5	1,9	2,1	21,3	100

ANEXO II (cont.)

Percentuais do Material Lítico por Setores (Sítio Guará 1 - GO-NI-100)

Setor	Suporte Seixo	Suporte Bloco	Total	T11	T12	T13	T14	T15	T21	T22	T30	T40	T51	T52	T54	T55	T61	T62	T70
1	40,0	60,0	100	-	-	-	-	20,0	20,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	66,7	33,3	100	16,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16,7	-
3	-	100,0	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	-	-	-	-
4	58,3	41,7	100	25,0	-	8,3	8,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	33,3	66,7	100	22,2	-	22,2	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	50,0	50,0	100	-	-	-	6,3	6,3	6,3	6,3	6,3	-	6,3	-	6,3	-	-	-	-
7	81,3	18,8	100	-	12,5	-	-	-	6,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	38,9	61,1	100	11,1	22,2	-	-	-	-	-	-	5,6	-	-	-	-	5,6	-	5,6
9	54,5	45,5	100	9,1	9,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10	82,1	17,9	100	-	-	-	-	-	3,6	-	-	-	-	3,6	7,1	-	-	-	-
11	100,0	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	88,5	11,5	100	-	-	-	-	-	-	3,8	-	3,8	-	-	-	3,8	-	-	-
13	72,9	27,1	100	2,4	1,2	-	1,2	-	1,2	4,7	2,4	-	-	1,2	-	2,4	-	-	-
14	87,0	13,0	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,3	-	-	-	-
15	73,2	26,8	100	2,4	-	-	-	-	2,4	4,9	4,9	-	-	4,9	-	-	-	-	-
16	81,1	18,9	100	2,7	2,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8,1	-	-	-
17	72,0	28,0	100	-	-	-	8,0	-	-	-	4,0	-	-	-	4,0	-	-	-	4,0
18	66,7	33,3	100	5,6	5,6	5,6	-	-	-	5,6	-	-	-	-	-	5,6	-	-	-
19	76,0	24,0	100	4,0	-	-	-	-	-	16,0	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-
20	50,0	50,0	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
21	100,0	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
22	55,6	44,4	100	11,1	11,1	-	-	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
23	57,1	42,9	100	14,3	-	14,3	-	14,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
24	83,3	16,7	100	-	-	16,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
66	78,7	21,3	100	4,3	2,2	4,3	-	2,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
99	56,5	43,5	100	6,5	2,2	4,3	-	2,2	6,5	2,2	2,2	2,2	2,2	-	2,2	-	-	4,3	-
Total	70,9	29,1	100	4,2	2,5	1,9	1,1	1,1	1,5	2,8	1,5	0,6	0,4	0,8	1,3	1,3	0,4	0,6	0,4

ANEXO II (cont.)

Percentuais do Material Lítico por Setores (Sítio Guará I - GO-NI-100)

Setor	T81	T82	T91	T92	T101	T102	T103	T109	T110	T121	T122	T123	T124	T125	T126	Total	FR Absoluta
1	-	-	-	-	-	-	-	-	20,0	-	40,0	-	-	-	-	100	5
2	-	-	16,7	-	-	-	16,7	-	-	-	-	-	33,3	-	-	100	6
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	1
4	-	-	16,7	-	-	-	8,3	-	-	-	16,7	-	8,3	-	-	100	12
5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,1	22,2	-	11,1	-	-	100	9
6	-	-	12,5	-	-	6,3	18,8	-	-	6,3	6,3	-	-	-	6,3	100	16
7	-	-	6,3	-	-	-	-	-	18,8	18,8	18,8	6,3	6,3	-	6,3	100	16
8	-	-	-	-	-	-	5,6	-	-	11,1	5,6	-	22,2	5,6	-	100	18
9	9,1	-	-	-	9,1	9,1	9,1	-	-	9,1	18,2	-	-	9,1	9,1	100	11
10	-	-	-	-	-	-	-	-	14,3	14,3	21,4	7,1	17,9	-	10,7	100	28
11	11,1	-	-	-	-	-	11,1	-	-	22,2	33,3	11,1	11,1	-	-	100	9
12	3,8	-	3,8	-	-	-	-	-	11,5	26,9	23,1	7,7	7,7	-	3,8	100	26
13	-	-	2,4	-	-	2,4	-	1,2	2,4	12,9	32,9	3,5	7,1	5,9	12,9	100	85
14	4,3	-	-	-	-	-	-	-	4,3	39,1	34,8	4,3	4,3	-	4,3	100	23
15	2,4	-	14,6	-	-	-	2,4	-	4,9	14,6	17,1	-	9,8	2,4	12,2	100	41
16	-	-	18,9	-	-	-	2,7	-	2,7	16,2	16,2	8,1	13,5	2,7	18,9	100	37
17	4,0	-	4,0	-	4,0	4,0	4,0	-	4,0	8,0	24,0	8,0	4,0	4,0	8,0	100	25
18	-	-	11,1	5,6	-	-	-	-	22,2	11,1	11,1	-	16,7	-	5,6	100	18
19	-	4,0	12,0	-	8,0	-	8,0	-	4,0	12,0	12,0	4,0	12,0	4,0	8,0	100	25
20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	-	-	-	-	100	2
21	-	-	-	-	-	-	50,0	-	-	-	-	-	50,0	-	-	100	2
22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33,3	22,2	11,1	-	-	100	9
23	-	-	-	-	-	-	-	14,3	-	-	-	-	42,9	-	-	100	7
24	-	-	-	-	-	16,7	-	-	-	33,3	-	-	16,7	-	16,7	100	6
66	-	2,2	-	-	2,2	2,2	2,2	-	-	10,9	17,4	15,2	17,4	8,7	6,5	100	47
99	-	-	2,2	-	4,3	2,2	2,2	-	-	2,2	26,1	4,3	6,5	4,3	10,9	100	46
Total	1,1	0,4	5,3	0,4	0,9	1,7	3,0	0,4	3,4	11,9	21,4	5,1	10,8	3,4	8,5	100	530

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81, 1996.

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. New perspectives for the study of pre-colonial societies in Central Western Brazil: the spatial analysis of Guará 1 Site (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81, 1996.

ABSTRACT: This paper presents the first results of an intra-site spatial analysis of an open air ceramic site of the Uru tradition, Guará 1 (GO-NI-100) situated in south central Goiás state. The results of multivariate statistics have shown significant differences of material culture in discrete settlement spaces. The variability of lithic and ceramic artifacts among residential units have been interpreted as an internal hierarchy related to social and economic aspects, such as implement production and redistribution as well as food processing and consumption. Such intra-site analysis, even if predominantly based on a full covered surface collection, shows the potential of this procedure for further studies which may focus on the internal and external dynamics of pre-colonial ceramic agriculturalists of central Brazil.

UNITERMS: Central Brazil – Intrasite spatial analysis – Pre-colonial agriculturalists – Pottery – Lithics.

Referências bibliográficas

- ALVES, M.A.
1991 Culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnopológico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 1: 71-96.
1992 As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro / Minas Gerais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 27-48. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANDREATTA, M.D.
1982 *Padrões de Povoamento em Pré-História Goiana: Análise de Sítio Tipo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARNOLD, J.A.
1996 The archaeology of complex hunter-gatherers. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 3(2): 77-126.
- BAKER, C.M.
1978 The size effect: an explanation of variability in surface artifact assemblage content. *American Antiquity*, 43(2): 288-293.
- BLANKHOLM,
1991 *Intrasite Spatial Analysis in Theory and Practice*. Denmark, Aarhus University Press.
- BLITZ, J.H.
1993 Big pots for big shots: feasting and storage in a Mississippian community. *American Antiquity*, 58(1): 80-96.
- BRAUN, D.P.; PLOG, S.
1982 Evolution of "tribal" social networks: theory and prehistoric North American evidence. *American Antiquity*, 47(3): 504-525.
- CORDELL, L.S.
1984 *Prehistory of the Southwest*. New York, Academic Press.
- DOLE, G.
1993 Homogeneidade e diversidade no Alto Xingu vistas a partir dos Cuicuros. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 375-404.
- FLANNERY, K.V.
1976 Sampling by intensive surface collection. K.V. Flannery (Ed.) *The Early Mesoamerican Village*. New York, Academic Press: 51-62
- FLANNERY, K.V.; WINTER, M.
1976 Analyzing household activities. K.V. Flannery (Ed.) *The Early Mesoamerican Village*, New York, Academic Press: 34-47.
- FRIED, M. H.
1967 *The Evolution of Political Society*. New York, Random House.
- GONZÁLEZ, E.M.R.
1996 *Os Grupos Ceramistas Pré-Coloniais do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- HANTMANN, J.L.; PLOG, S.
1982 The relation of stylistic similarity to patterns of material exchange. E. Ericson; T. Earle (Eds.) *Context for Prehistoric Exchange*. New York, Academic Press, Inc.: 237-263.
- HECKENBERGER, M.
1996 *War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of*

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81, 1996.

- Southeastern Amazonia, A.D. 1400-1200.* Tese de Doutorado, Universidade de Pittsburgh.
- HIETALA, H. (Ed.)
1984 *Intrasite Spatial Analysis in Archaeology*. London, Cambridge University.
- HILL, J.N.
1968 Broken K Pueblo: Patterns of form and function. S.R. Binford; L.R. Binford (Eds.), *New Perspectives in Archaeology*. Chicago, Aldine Publishing Company: 103-142.
- HITCHCOCK, R.K.
1987 Sedentism and site structure: organization changes in Kalahari Basarwa residential locations. S. Kent (Ed.) *Method and Theory for Activity Area Research: An Ethnoarchaeological Approach*. New York, Columbia University Press; 374-423.
- KENT, S.
1984 *Analyzing activity areas, an ethnoarchaeological study of the use of space*. Albuquerque, University of New Mexico.
- KENT, S. (Ed.)
1987 *Method and Theory for Activity Area Research. An Ethnoarchaeological Approach*. New York, Columbia University Press.
1990 *Domestic Architecture and the Use of Space*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KNEIP, L.M.
1983 A aldeia Pré-histórica de Três Vendas, uma tentativa de reconstituição. *Revista de Arqueologia*, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1(1): 46-52.
- KNEIP, L.M.; MONTEIRO, A.M.F.; SEYFERTH, G.
1980 A aldeia pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu Paulista, N.S.* Universidade de São Paulo, São Paulo, 27: 283-338.
- KROLL, E.M.; PRICE, T.D. (Eds.)
1991 *The Interpretation of Archaeological Spatial Patterning*. New York & London, Plenum Press.
- LEA, V.
1993 Casas e casas Mebengokre (Jê). E.V. de Castro; M.C. da Cunha (Orgs.) *Amazônia: Etnologia e História Indígena. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo-USP e FAPESP*, São Paulo: 265-284.
- LEWARCH, D.E.; O'BRIEN, M.
1981 The expanding role of surface assemblages in archaeological research. M.B. Schiffer (Ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York, Academic Press, Inc., 4: 297-342.
- MAYBURY-LEWIS, D. (Ed.)
1979 *Dialectical Societies – The Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge & London, Harvard University Press.
- MEGGERS, B.J.; MARANCA, S.
1980 Uma reconstituição experimental de organização social, baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição Tupiguarani. *Pesquisas Antropologia*. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 31: 227-247.
- MEGGERS, B.J.
1991 Cultural evolution in Amazonia. A.T. Rambo; K. Gillogly (Eds.) *Profiles in Cultural Evolution. Anthropological Papers*, Museum of Anthropology, University of Michigan, 85: 191-216.
- MEHRER, M.W.
1995 *Cahokia's Countryside*. DeKalb, Illinois, Northern Illinois University Press.
- MELLO, P.J.C.
1995 Análise do material cerâmico do sítio Quebra-Pau 2 (GO-NI-83). *Cadernos de Pesquisa*. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 9: 51-63.
- MILLER, E.T. (Org.)
1992 *Arqueologia: Ambiente – Desenvolvimento, Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricas da Eletronorte, Resultados preliminares*. Centrais Elétricas do Norte do Brasil, S.A., Brasília.
- NIMUENDAJÚ, C.
1946 *The Eastern Timbira*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology No. 41. Berkeley, University of California Press.
- NOVAES, S.C. (Org.)
1983 *Habitacões Indígenas*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PALLESTRINI, L.
1974 Sítio arqueológico Alves. *Revista do Museu Paulista, N.S.* Universidade de São Paulo, São Paulo, 21: 47-94.
1983/84 Prassévichus. Aldeia Pré-histórica no Município de Itaberá, SP. *Revista do Museu Paulista N.S.* Universidade de São Paulo, São Paulo, 29: 151-167.
- REDMAN, C.L.; WATSON, P.J.
1970 Systematic intensive surface collection. *American Antiquity*, 35: 279-290.
- ROOSEVELT, A.C.
1991 *Moundbuilders of the Amazon. Geophysical Archaeology on Marajó Island*. New York, Academic Press, Inc.
- SCHIFFER, M.B.
1972 Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37: 156-165.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.
1985 *Horticultores Pré-Históricos do Estado de Goiás*. Instituto Anchietao de Pesquisas, Unisinos, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I. (Ed.)
1990 Uma aldeia Guarani, Projeto Candelária, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos 4*. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I.; WÜST, I.; COPÉ, S.M.; THIES, U.E.
1982 Arqueologia do Centro-Sul de Goiás – Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, 33. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81, 1996.

SHENNAN, S.

1988 *Quantifying Archaeology*. New York, Edingburgh University Press, Academic Press, Inc.

SILVA, P.A. da

1988 Aldeias indígenas do alto Xingu. *Uma perspectiva arqueológica. Livro em Homenagem a Orlando Ribeiro, Vol. 2*. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa: 679-690.

STANISLAWSKI, M.B.; STANISLAWSKI, B.B.

1978 Hopi and Hopi-Tewa ceramic tradition networks. I. Hodder (Ed.) *The Spatial Organization of Culture*. London, Duckworth: 61-76.

STEWART, J.H.; FARON, L.C.

1959 *Native Peoples of South America*. New York, McGraw-Hill.

STEWART, J.H. (Ed.)

1946 *Handbook of South American Indians*, Vol. I. *The Marginal Tribes*. Washington, Smithsonian Institution Press.

URBAN, G.

1992 A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. M.C. da Cunha (Ed.) *História dos*

Índios do Brasil, São Paulo, Editora Schwarcz, Ltda: 87-102.

WÜST, I.

1983 *Aspectos da Ocupação Pré-colonial em uma Área do Mato Grosso de Goiás – Tentativa de Análise Espacial*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

1990 *Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Pré-Coloniais na Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

1994 The Eastern Bororo from an archaeological perspective. A.C. Roosevelt (Ed.) *Amazonian Indians. From Prehistory to Present*. Tucson & London, The University of Arizona Press: 315-342.

YOFFEE, N.

1993 Too many chiefs? (or, Safe texts for the '90s). N. Yoffee; A. Sherratt (Eds.) *Archaeological Theory: Who Sets the Agenda?*. Cambridge, Cambridge University Press: 60-78.

Recebido para publicação em 23 de outubro de 1996.

OS GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

*Erika Marion Robrahn González**

ROBRAHN GONZALEZ, E.M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro.
Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 83-121, 1996.

RESUMO: O presente artigo discute a posição da região Centro-Oeste brasileira enquanto área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (sejam deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas oriundos das regiões circunjacentes em período pré-colonial), que teriam exercido significativas influências tanto na origem dos grupos como na história de seu desenvolvimento cultural. Em termos operacionais, a realização do trabalho se deu através da releitura das informações disponíveis na bibliografia, de forma a sistematizá-las a partir de problemas básicos de investigação; por outro lado, procedeu-se a uma reanálise dos dados e do material coletado em uma amostra de quarenta e sete sítios cerâmicos, expostos a uma série de testes estatísticos.

UNITERMOS: Grupos ceramistas – Região Centro-Oeste – Migração – Contatos culturais.

A partir de 1990 vimos desenvolvendo o “Projeto Arqueológico Brasil Centro-Oeste”, tendo-se concluído, em 1996, sua primeira fase de execução, apresentada na forma de tese de Doutorado junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Robrahn González 1996). As linhas gerais do Projeto, referentes à proposta de trabalho e procedimentos adotados foram anteriormente publicados (Robrahn González 1995). Já o presente artigo visa apresentar uma síntese dos resultados, discussões e análises que puderam ser desenvolvidos, bem como as perspectivas de continuidade dos estudos.

O objetivo maior do Projeto é discutir a dinâmica dos processos de formação e desenvolvimento dos grupos ceramistas do Centro-Oeste brasileiro,

o que envolve não apenas a análise de seus vestígios, mas também a busca de elementos externos, uma vez que a ocupação da região está fortemente envolvida com movimentos populacionais mais amplos, incluindo fenômenos como migração e diferentes formas de interação cultural.

Problemas referentes à origem dos grupos remontam aos últimos séculos a.C. e dizem sobretudo respeito às diferentes gradações que apresentariam entre insumos internos (relacionados a processos locais de desenvolvimento cultural) e externos (pela introdução e/ou substituição de padrões culturais). A hipótese apresentada pelo Projeto é de que a região Centro-Oeste teria se caracterizado enquanto área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (seja deslocamento de informações, objetos e/ou pessoas), oriundos das regiões circunjacentes em período pré-colonial. Embora certamente os grupos caçadores e coletores que ocupavam a região devam

(*) Professora Colaboradora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

ter passado por processos de mudança cultural em que absorveram e/ou desenvolveram o conhecimento do cultivo e da cerâmica, parece difícil supor que tenham sido os únicos responsáveis pelas extensas, populosas e diversificadas aldeias que, aproximadamente a partir do século IX, se espalham pela região. Por outro lado estão as discussões que lançam mão das evidências externas, ou seja, do fato das indústrias cerâmicas do Centro-Oeste se integrarem a um contexto arqueológico muito mais amplo, envolvendo outras regiões do país, reforçando assim a possibilidade de interferências externas.

Dentro deste contexto, a presença de grupos ceramistas no Centro-Oeste apresentaria como matriz insumos culturais distintos, de origem interna e externa, cujos níveis de participação necessitam ser, caso a caso, explicitados. Neste sentido, torna-se necessário discutir as condições que teriam favorecido tais processos, bem como a forma como se teriam realizado os deslocamentos (seus tipos, rotas de penetração, áreas de ocupação, mecanismos de adequação e transformação).

Já quanto aos processos de desenvolvimento, a hipótese do Projeto é que, embora inicialmente cada grupo teria apresentado padrões culturais distintos e mantido territórios quase exclusivos de ocupação, contatos extra-culturais eram frequentes, ainda que sua natureza possa ter variado de forma significativa. Com o passar do tempo, e aproximadamente por volta do século X de nossa era, estes contatos teriam ocorrido com maior intensidade e através de estímulos diversos, motivando profundos processos locais de mudança cultural, através de fusões inter-grupais, da emergência de novas unidades culturais ou, até mesmo, da confinada manutenção de determinados núcleos originais. Os últimos séculos antes da conquista européia se caracterizariam, portanto, por um período de intensas transformações culturais, resultando no surgimento de uma série de variações locais, que passam a constituir o padrão arqueológico regional. Desta situação é que derivaria, na época do contato com o colonizador (séculos XVII e XVIII) a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos.

Certamente o quadro de discussão aqui apresentado é preliminar e provisório, uma vez que não traduz apenas o conjunto de informações que puderam ser obtidas através do presente estudo, mas antes de mais nada reflete as condições gerais da

pesquisa arqueológica na região, de natureza e alcances extremamente variados. De qualquer maneira, é inegável que as centenas de sítios cerâmicos identificados forneçam um significativo conhecimento acumulado, passível de delimitar e direcionar os principais problemas de investigação. Para tanto, desenvolveu-se, inicialmente, um levantamento crítico, uniforme e sistemático dos dados existentes na bibliografia, que registra um total de 645 sítios cerâmicos. Resultados imediatos deste levantamento foram a produção de um Mapa Esquemático de Localização de Sítios e um Cadastro de Sítios (Robrahn González 1996), que pela primeira vez reúne todas as informações disponíveis, servindo de referência básica para a presente pesquisa.

Além disto, desenvolveu-se um estudo do material coletado em uma amostra de 47 sítios (Tabela 1, Figura 1), definida a partir de critérios quantitativos e qualitativos específicos (Robrahn González 1995, 1996). Estes sítios foram identificados por pesquisadores diversos e as coleções de material se encontram depositadas no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (Goiânia), no Instituto Anchieta de Pesquisas (São Leopoldo / RS) e no Escritório Técnico do IPHAN de Cuiabá.

Devemos notar que o fato de os trabalhos terem partido de interesses e procedimentos variados faz com que as coleções cerâmicas constituam a única informação comum, em detrimento de outras indústrias que os sítios apresentariam, bem como de dados sobre os sítios em si. Isto faz com que a cerâmica ocupe ainda, conseqüentemente, um lugar de destaque no presente trabalho, embora estejamos conscientes dos riscos de inferir padrões e processos sócio-culturais basicamente a partir desta evidência.

Por outro lado, uma vez que a perspectiva teórica da pesquisa está baseada no estudo de sistemas sócio-culturais em sua estrutura, funcionamento e mudança, onde a ocorrência de variações culturais se manifesta de diferentes formas e em diversas partes do sistema, a continuidade das análises se estende aos dados disponíveis sobre os sítios, procurando identificar variações quanto à forma, tamanho, implantação e localização, reconhecendo mudanças em mais de um componente, seus padrões e inter-relações.

Sem dúvida, a presente pesquisa implica no tratamento de questões muito mais amplas e comple-

TABELA 1

Relação dos 47 Sítios Selecionados	
SIGLA	NOME
GO-CA-01	Cachoeira 1
GO-CA-02	Matinha do Buriti
GO-CA-05	Buriti Paineira
GO-JA-01	Diogo L. da Silva
GO-JA-07	Alto do Bonfim
GO-JU-16	Claudino G. Santos
GO-JU-23	Amadeu Cesar
GO-JU-27	Israel Amorim
GO-JU-34	Toninho I. Amorim
GO-JU-36	Pedro Pereira 1
GO-NI-03	Gruta dos Milagres
GO-NI-06	Gruta Maracanã
GO-NI-31	Luis A. Oliveira
GO-NI-35	Felix de Moraes
GO-NI-47	Manuel Emilio
GO-RS-01	Ramusse A. Nobrega 1
GO-RV-02	Bonsucesso
GO-RV-13	Retiro 1
GO-RV-18	Número Provisório 17
GO-RV-31	" " 05
GO-RV-34	" " 72
GO-RV-35	" " 73
GO-RV-41	" " 01
GO-RV-43	" " 66
GO-RV-47	" " 04
GO-RV-66	" " 45
GO-RV-78	" " 52
MT-GA-32	Cambaúva 2
MT-GA-33	Cambaúva 3
MT-GA-37	São João 4
MT-GA-42	Córrego do Mato 1
MT-GA-46	Sete Voltas 1
MT-GA-48	Araguainha 1
MT-GA-52	Araguainha 5
MT-RN-22	
MT-RN-32	
MT-RN-36	Roça do Waldemas
MT-RN-46	Fazenda Grotão
MT-RN-47	
MT-SL-03	
MT-SL-04	
MT-SL-24	Chico Mineiro 2
MT-SL-29	Lote da Sobra
MT-SL-43	Cemitério Troale
MT-SL-51	Morro das Araras
MT-PO-03	Morro do Cará-Cará
MT-	Aterro Capivara

e/ou objetos trocados, extensão das redes de relações estabelecidas e identidade étnica, a maioria delas ainda de difícil aplicação frente aos dados disponíveis para o Centro-Oeste. Isto sem considerar que o próprio "objeto guia" da pesquisa (a indústria cerâmica) demonstrou conter diferentes significados nos processos de interação e mudança cultural, refletindo-os, portanto, de diversas maneiras. Assim, embora as análises desenvolvidas tenham, sem dúvida, alcance limitado, procuramos realizar um exercício de análise, explorando seu potencial informativo e indicando vias de continuidade.

A análise dos sítios selecionados

Sendo a cerâmica o principal vestígio material dos sítios tratados e uma vez que as publicações existentes apresentam estudos realizados segundo critérios e níveis bastante variados, nosso primeiro objetivo foi desenvolver um tratamento sistemático e uniforme das coleções dos 47 sítios selecionados. Como resultado, obteve-se um quadro descritivo e comparativo das diversas indústrias a que se relacionam.

Outro objetivo foi o de identificar elementos indicadores de variações entre os sítios, representados na forma de uma distribuição diferenciada de atributos qualitativa e quantitativamente. Busca-se com isto reconhecer diferenças indicadoras de variações culturais que, juntamente com as demais fontes de informação (distribuição dos sítios no espaço, cronologia, morfologia e tamanho dos assentamentos, etc.), tragam dados sobre a natureza e o processo de ocupação dos grupos ceramistas da região.

Dentro deste contexto, o estudo tomou como unidade básica o **vasilhame cerâmico** enquanto **artefato**, vetor de informação que conduz principalmente às atividades quotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura. Não se consideraram, portanto, os fragmentos cerâmicos e a análise de seus atributos de maneira isolada, mas sim as relações que mantêm entre si numa forma particular de vasilhame. O interesse se volta ao princípio de organização das unidades, identificadas através de padrões.

Esta perspectiva se mostra particularmente interessante quando nos propomos não apenas a identificar variações que determinada indústria

xas, que abrangem temas como contemporaneidade e hierarquia dos assentamentos, demografia, intensidade de contatos culturais, volume de informações

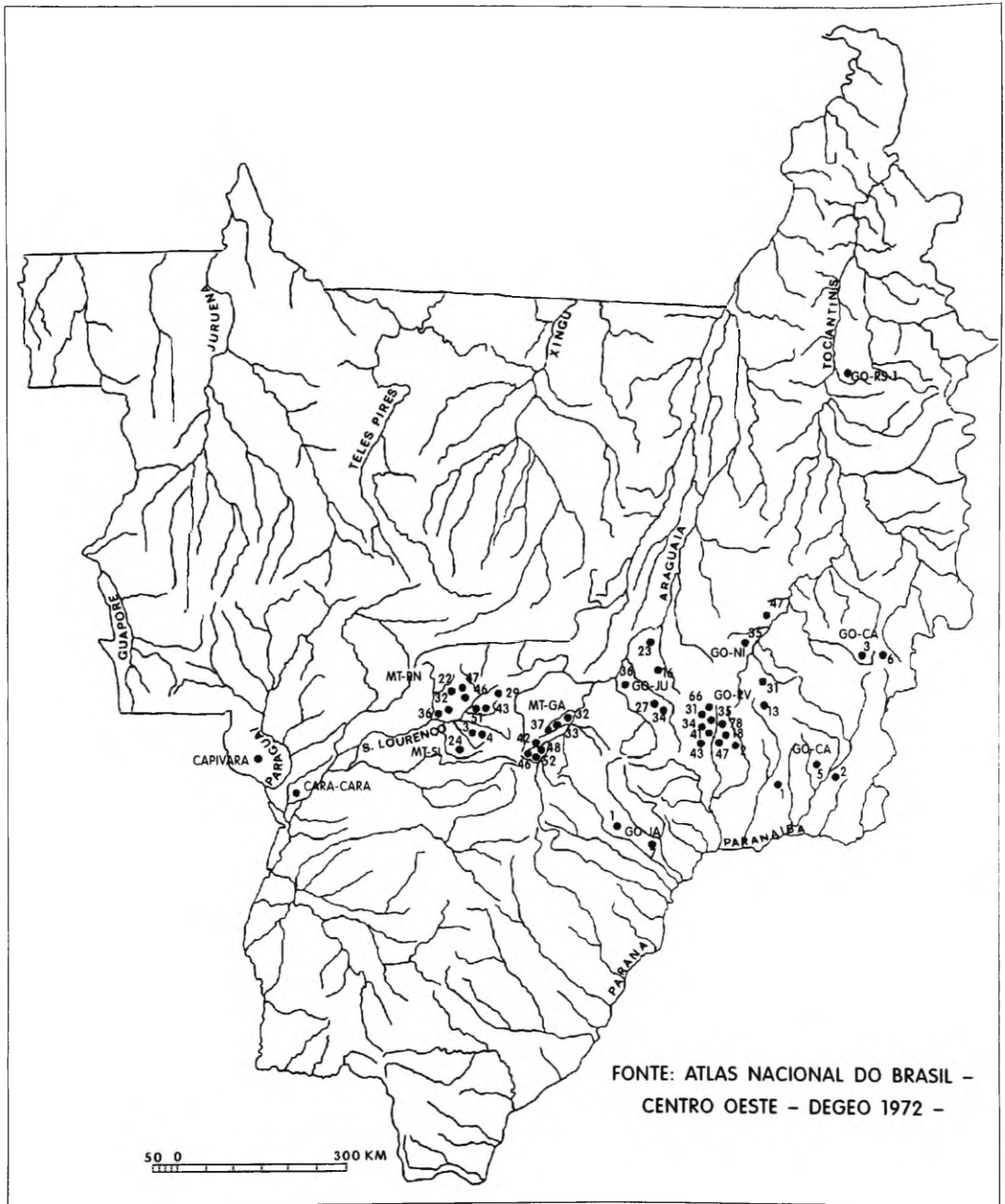


Fig.1 – Localização esquemática dos 47 sítios selecionados.

cerâmica apresenta no tempo e no espaço (como a introdução de novo tipo de antiplástico, de nova forma de vasilhame, etc.), mas principalmente caracterizar sua natureza dentro do quadro de artefa-

tos de que faz parte. Desta forma é possível, por exemplo, reconhecer se as alterações ocorrem apenas em determinados atributos que passam a ser adotados no conjunto da indústria, ou se aparecem

reunidas em vasilhames, que podem ter sido introduzidos no sítio enquanto artefatos inteiros.

Assim, dos 37.791 fragmentos cerâmicos associados aos 47 sítios da amostra, foram selecionados e classificados os 5.363 fragmentos de borda, base, ombro, apêndices e outros que permitem o desenvolvimento de análises baseadas em artefatos (ou ainda, nos vasilhames cerâmicos que, a partir destes fragmentos, podem ser reconstituídos). Para cada um deles se dispõe, individualmente, da leitura de atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos, reunidos em um banco de dados informatizado, o que permite um tratamento estatístico comparativo de variáveis múltiplas e não apenas de uma ou algumas variáveis subjetivamente escolhidas pelo pesquisador. Com isto, a unidade básica não é mais uma cultura arqueológica, mas comunidades locais representadas por sítios individualizados, procedimento imprescindível para abordar questões relativas à dinâmica sócio-política de populações.

Uma vez que os diferentes trabalhos desenvolvidos no Centro-Oeste indicam que a cerâmica apresenta variações tanto ao nível tecnológico, morfológico como estilístico, nossas análises procuraram efetuar a leitura do maior número e diversidade de possíveis de atributos, de maneira a poder identificar os elementos específicos de cada indústria.

A partir dos fragmentos de borda e vasilhame foram reconstituídos com segurança 3.124 formas, para as quais se realizaram, individualmente, cálculos de volume. A análise incluiu, ainda, dois atributos que se mostraram favoráveis nos estudos estatísticos desenvolvidos por Wüst (1990) no vale do São Lourenço: ângulo de inclinação da borda e distância do lábio ao ponto de inflexão.

Uma vez que se define como unidade básica de análise o **vasilhame cerâmico** enquanto artefato, partimos de sua classificação morfológica para avaliar a ocorrência dos demais atributos considerados. Assim, por exemplo, uma vez que no conjunto estudado ocorram **pratos**, passamos à descrição dos tipos de antiplástico que apresenta, queima, tratamento de superfície, decoração, volume, etc., e assim sucessivamente para todas as formas identificadas (uma minuciosa análise das indústrias pode ser obtida em Robrahn González 1996, Capítulo IV).

A análise do material considerou, ao todo, 13 classes de atributos, a saber: antiplástico, espessura da peça, queima, tratamento de superfície, de-

coração, forma do lábio, forma da borda, tipo de borda, distância do ponto de inflexão até o lábio, ângulo de inclinação da borda, forma dos vasilhames, volume e tipo de base. Estas classes foram desmembradas em 65 variáveis.

Os atributos e suas variáveis foram comparados simultaneamente por meio da Análise de Cluster, programa SPSSX - versão 5,0, com método "Ward" e medida de distância Euclidiana ao Quadrado (Fig. 2). Todo o tratamento estatístico deste trabalho foi desenvolvido pela empresa "Tableau - Estatística Aplicada S/C Ltda". Como resultado, os 47 sítios selecionados foram divididos em 7 Conjuntos, que passaram a constituir nosso objeto de estudo. Suas principais características são apresentadas abaixo. No intuito de oferecer maior clareza à discussão, os Conjuntos são apresentados obedecendo à cronologia das ocupações que lhe são relacionadas, permitindo um melhor encadeamento dos problemas.

Conjunto 5

Reúne 4 sítios: GO-NI-06 e 11, GO-RS-01 e GO-JA-01. Os 2 últimos foram inicialmente relacionados à tradição Una (Schmitz & Barbosa 1985, Barbosa *et alii* 1982, Wüst & Schmitz 1975).

Este Conjunto é o que, dentre todos os analisados, apresenta a indústria cerâmica mais simples, constituída basicamente por vasos infletidos (52,2%) e diretos (46,7%) de pequenas proporções (chegando a 72,5% de peças com até 1 litro de capacidade) e poucas variações tecnológicas e estilísticas. A baixa quantidade de vasilhames presentes nos sítios, aliada à simplicidade de suas características, sugere um uso bem mais restrito e/ou específico do que o indicado pelos demais Conjuntos, como veremos adiante. É possível que estes sítios correspondam a locais de atividade específica e, neste caso, os artefatos analisados só poderiam ser entendidos dentro da indústria maior da qual fariam parte.

Variações na indústria sugeriram uma diversificação dos sítios no sentido norte-sul. No extremo norte (médio Tocantins) tem-se a coleção mais simples e com menor interferência de elementos externos (GO-RS-01). Na porção central (alto Tocantins) ocorrem acréscimos que remetem, em grande parte, à indústria Tupiguarani (GO-NI-06 e 11). Já no extremo sul (vale do Paranaíba), estes acréscimos ocorrem em quantidade maior, remetendo à indús-

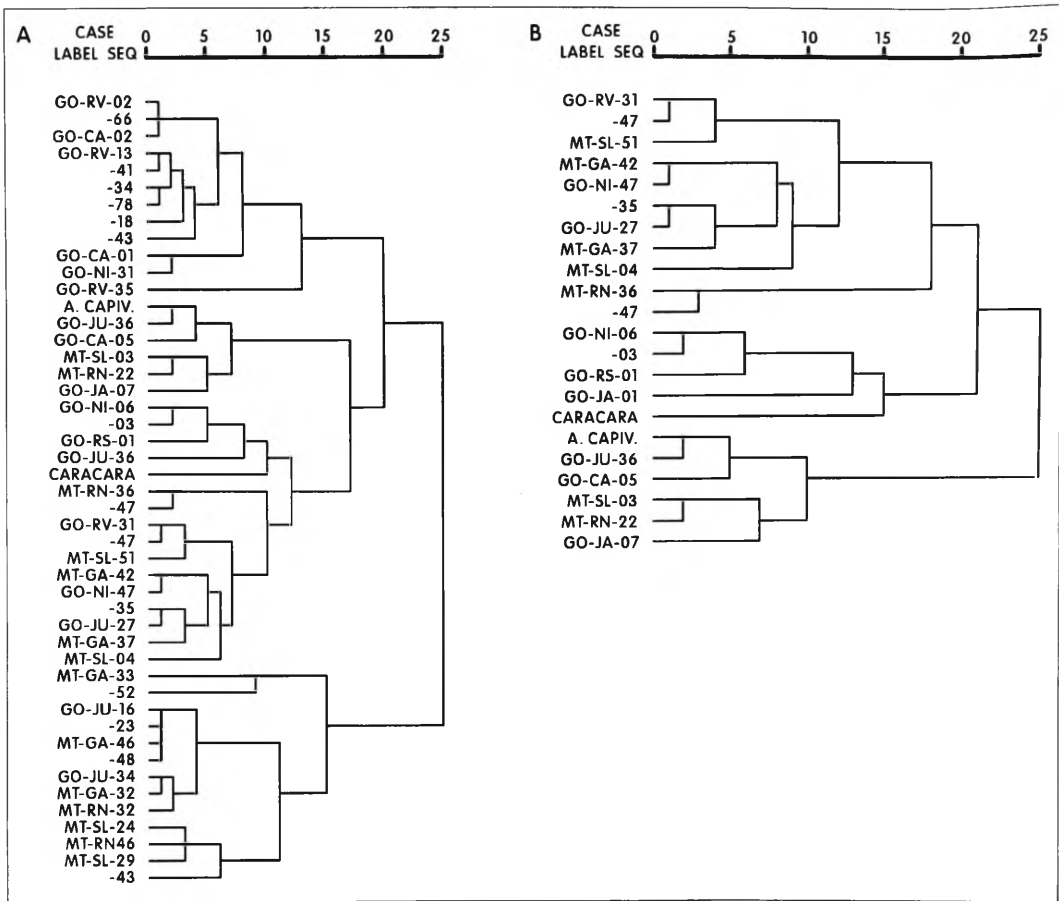


Fig. 2 – Dendrogramas fornecidos pelo teste de Cluster.

tria Uru, resultando na coleção mais diversificada (GO-JA-01) (Fig. 3).

Estes dados parecem indicar que as variações apresentadas pelos sítios teriam maior vinculação à intensidade de contatos externos do que a mudanças ocorridas no interior da própria indústria. Obedeceriam, portanto, a circunstâncias locais, indicando a favor de um isolamento dos sítios no espaço.

Este Conjunto reúne os sítios cerâmicos mais antigos do Centro-Oeste. O sítio GO-RS-01 tem uma datação de 410 a.C., embora seja possível uma antiguidade ainda maior (Barbosa *et alii* 1982). Outras duas datações absolutas foram obtidas para GO-NI-06 (1.060 d.C. – Simonsen *et alii* 1983/84) e para GO-JA-01 (1.035 d.C. – Schmitz & Barbosa 1985), indicando uma considerável profundidade temporal ao Conjunto.

Os sítios são em abrigo, apresentando morfologia irregular definida pela própria estrutura do local. Embora alguns indiquem áreas de atividade, os vestígios arqueológicos ocorrem por toda parte, revelando uma única mancha de material arqueológico. As dimensões dos sítios variam de 28 a 1788 m².

Todos os sítios se localizam no Estado de Goiás, entre o alto/médio Tocantins e o baixo Paranaíba (Figura 3). Parecem distribuir-se, portanto, de forma dispersa na borda leste da região, de relevo mais acidentado. A implantação dos sítios se dá em porções íngremes da paisagem (paredões rochosos e morros testemunhos). A cobertura vegetal de toda esta área é uniforme, inserida em extensa zona de cerrado. Os sítios GO-NI estão ainda próximos a uma área de tensão ecológica (onde se dá o contato entre diferentes ti-

pos de vegetação), tendo a nordeste (alto Paranã) uma zona de floresta. De qualquer forma, obser-

vações de campo situaram os sítios sempre em meio ao cerrado. Quanto à fertilidade de solo,

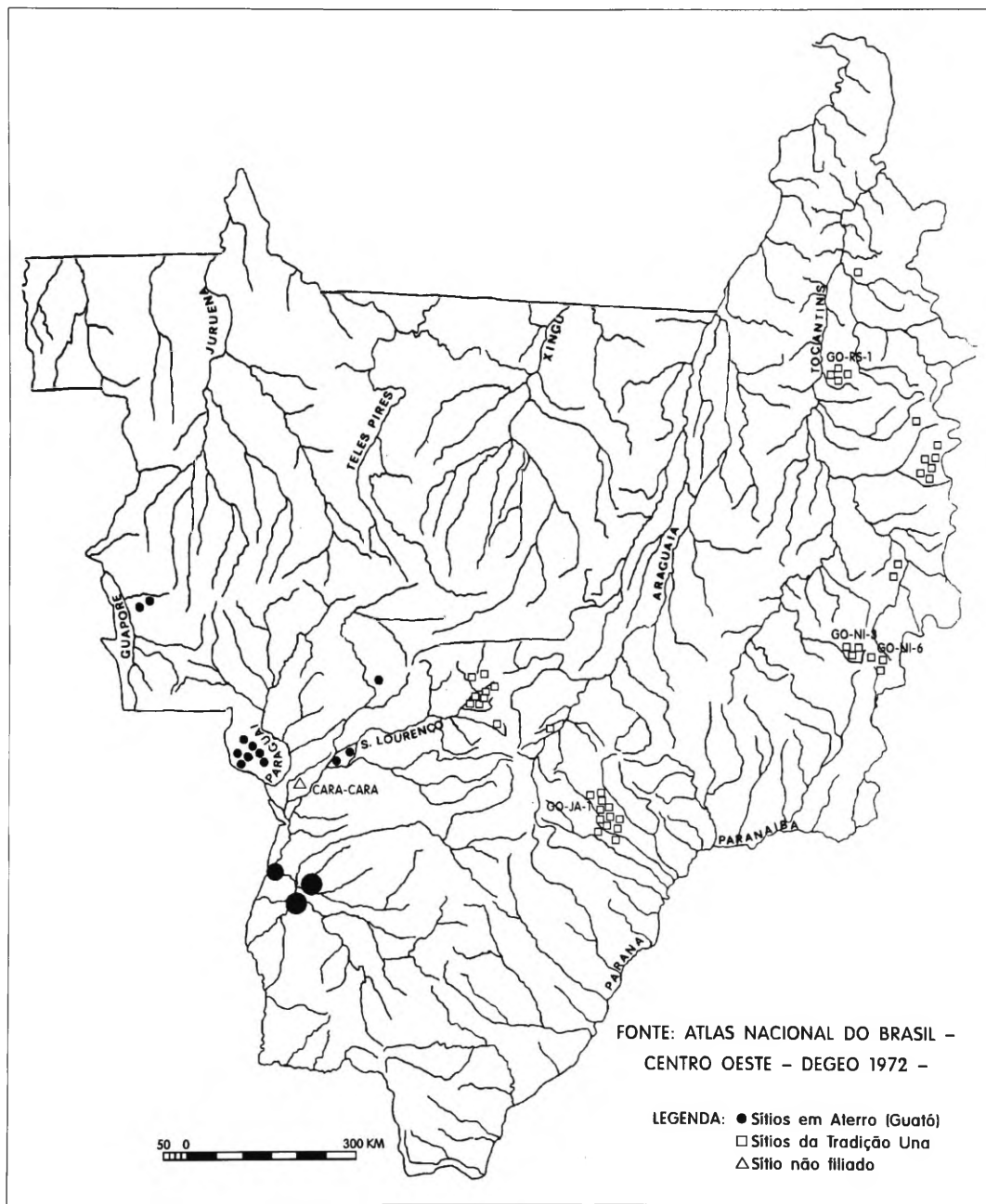


Fig.3 – Localização esquemática dos sítios associados à Tradição Una e Grupos Guató.
– Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 5 e 7.

todos ocorrem em unidades de potencial baixo a fortemente limitado, desfavoráveis para a prática de agricultura intensiva.

Procurando avaliar as possibilidades de utilização dos rios enquanto meio de transporte (e suas implicações na própria origem dos grupos em questão), vemos que os sítios se encontram distantes de rios navegáveis de maior porte. GO-RS-01 é o que apresenta melhores condições, embora esteja em um trecho do Tocantins onde se intercalam porções de livre navegação e porções restritas às épocas de cheia. Já os sítios GO-NI e GO-JA não são acessíveis por transporte fluvial, por estarem em regiões de alto vale.

A partir destes dados parece possível sugerir que os sítios relacionados ao Conjunto 5 apresentam uma distribuição geográfica relativamente uniforme em termos ambientais. Entretanto, a indústria cerâmica apresenta, como vimos anteriormente, uma série de variações, que parecem obedecer ao eixo norte-sul e estar relacionadas à maior ou menor intensidade de contatos externos. Assim o sítio a norte, GO-RS-01, seria o mais “puro”, os sítios na porção média reuniriam uma quantidade um pouco maior de elementos externos e o sítio no extremo sul, GO-JA-01, apresentaria a maior diversidade.

GO-RS-01 corresponde, de fato, ao sítio mais antigo do Conjunto (410 a.C.). Já os demais estão datados no século XI de nossa era. Seria de esperar, portanto, que os sítios do século XI apresentassem um maior grau de semelhança entre si do que em relação ao sítio antigo. De fato, uma análise do dendrograma fornecido pelo teste de Cluster (Figura 3) indica uma proximidade imediata entre os sítios GO-NI-03 e 06. Todavia a eles se junta, pouco mais à frente, justamente o sítio GO-RS-01 e não seu contemporâneo GO-JA-01. Este último é o mais distante de todos, reunindo-se aos demais somente próximo à linha vertical que define o Conjunto.

Todos estes dados parecem remeter a um isolamento dos sítios no tempo e no espaço. No tempo, porque contamos com um lapso temporal expressivo (praticamente 1.500 anos entre GO-RS-01 e os demais sítios). No espaço, pela própria distância geográfica que os sítios apresentam entre si. Por outro lado, os padrões morfológicos, de implantação e distribuição lhes conferem uma inegável unidade, cujas implicações serão discutidas adiante.

Quanto às evidências de contatos externos, parecem diferir de área para área. Os sítios do alto Tocantins apresentam elementos da indústria Tupiguarani, tanto na forma de artefatos inteiros como de atributos técnicos e decorativos que passam a ser adotados. O fato de 100% dos vasilhames inteiros da indústria Tupiguarani apresentarem pequena capacidade (volume 1, até 1,0 litro) facilitaria seu suposto transporte. Já o sítio no baixo Paranaíba apresenta elementos da indústria Uru. Ao nosso ver, também esta diversidade na adoção de elementos externos indica a favor do isolamento dos sítios, já que as inovações parecem não terem sido transmitidas entre os sítios localizados em diferentes áreas.

Conjunto 2

Reúne 12 sítios: GO-CA-01 e 02; GO-NI-31, GO-RV-02, 13, 18, 34, 35, 41, 43, 66 e 78. Todos foram inicialmente relacionados à tradição Aratu (Wüst 1983, Schmitz *et alii* 1981/82).

Predominam aqui os vasilhames diretos (50,3%), seguidos pelos cônicos (26,9%) e vin-do, em terceiro lugar e em porcentagem muito inferior, os vasilhames infletidos (17,2%). As formas duplas ocorrem ainda na maioria dos sítios, embora em número reduzido (3,6%). Vasos de contorno complexo e pratos ocorrem em poucos sítios, indicando uma presença fortuita e possivelmente relacionada a fenômenos locais (2,0%).

O predomínio de vasos diretos sugere uma escala maior de atividades referentes ao preparo de alimentos do que à sua estocagem e/ou armazenamento. Estas últimas deveriam ter sido exercidas pelos vasilhames cônicos (preferencialmente de capacidade grande (4 a 20 litros) e extra-grande (acima de 20 litros)) e infletidos (média (1 a 4 litros) e pequena (até 1 litro)).

Os vasos diretos e cônicos parecem estar relacionados a um maior aprimoramento estilístico, com alta porcentagem de peças decoradas (respectivamente 22,1% e 29,9%). Seriam, ainda, menos permeáveis a elementos externos, apresentando baixa porcentagem de atributos relacionados a outras indústrias. Já os vasilhames infletidos mostram maior cuidado tecnológico, constituindo peças mais bem elaboradas e resistentes. Por outro lado, teriam absorvido maior número de elementos externos.

Os vasilhames de forma dupla sugerem o desenvolvimento de atividades específicas, embora

suas características gerais não parecem apontar uma maior especialização tecnológica. Ao contrário, os vasos de contorno complexo sugerem uma confecção mais aprimorada, constituindo peças com maior diversidade de características, apesar do pequeno número em que ocorrem. Quanto aos pratos, tem-se apenas 1 exemplar.

De um modo geral o Conjunto 2, embora apresente uma indústria qualitativamente homogênea (com sítios reunindo na maioria das vezes os mesmos atributos e variáveis), mostra consideráveis variações quantitativas, que se sobressaem em 7 dos 12 sítios que reúne (GO-CA-01 e 02; GO-RV-02, 34, 35, 66; GO-NI-31). Estes sítios apresentam, ainda, porcentagens superiores de elementos externos, que ora podem ser relacionados à indústria Uru, ora à Tupiguarani. Os primeiros sugerem contatos feitos a partir do fluxo de informações e/ou pessoas; os segundos incluem a possibilidade de fluxo de objetos.

Estas variações não parecem, entretanto, estar relacionadas a uma distribuição geográfica específica, uma vez que ocorrem em sítios localizados nas diferentes áreas abrangidas pelo Conjunto. Parecem se vincular, assim, a fenômenos locais, relativos a determinados assentamentos e refletindo uma maior independência entre suas unidades.

Este é o próximo Conjunto a apresentar datas mais antigas para sítios do Centro-Oeste: 171 anos d.C. para GO-CA-02 (Andreatta 1982) e 830-970 d.C. para GO-RV-02 (Schmitz *et alii* 1981/82). Dois outros sítios apresentam datas entre os séculos X-XI (GO-CA-01 com 1.095 d.C. e GO-RV-13 com 1.175 d.C. – Wüst 1983). Datações relativas enquadram ainda GO-RV-78 ao nível temporal 1 (correspondendo ao período compreendido pelos séculos IX-X), GO-RV-66 ao nível temporal 2 (séculos X-XI), GO-RV-35 e 43 ao nível temporal 3 (séculos XI-XII), GO-RV-18 e 34 ao nível temporal 4 (séculos XIII-XIV) e GO-RV-41 ao nível temporal 5 (século XV até contato com colonizador europeu) (Wüst 1983). Vê-se assim que 11 dos 12 sítios relacionados a este Conjunto têm datações do século IX em diante. Apenas 1 deles (GO-CA-02) é bem mais antigo, sugerindo maior antiguidade à ocupação.

A morfologia dos sítios é bastante homogênea. Todos correspondem ao tipo aldeia a céu aberto e apresentam formato anular com 1, 2 ou 3 anéis concêntricos. O número de concentrações de material varia de 14 a 91 (fornecendo uma

média de 46 concentrações) e a área média é de 129.596 m².

Como é possível visualizar na Figura 4, os sítios estão localizados de forma concentrada na porção sudeste (vale do Paranaíba e interflúvio Paranaíba/Tocantins), que apresenta características gerais bastante homogêneas. Em primeiro lugar, 100% dos sítios se encontra em relevo do “Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná”. A vegetação varia entre floresta estacional semidecidual, decidual e área de transição ecológica. Apenas um sítio (GO-CA-02) está em zona de cerrado.

Os sítios parecem obedecer a um padrão de implantação na paisagem que dá preferência à média encosta, onde estão localizados 36,3% deles, além de 45,5% em alta/média encosta e 18,1% no plano. No potencial agrícola predominam solos de baixa fertilidade, com manchas de áreas fortemente limitadas a leste. Entretanto, os dados de campo indicam que 80% dos sítios estão localizados em zona de mata e 20% em mata/cerrado, revelando uma busca local de melhores solos. Quanto ao acesso dos sítios por via fluvial, o fato de estarem localizados nos médios/altos vales de afluentes do Paranaíba torna o aproveitamento bastante restrito, embora o próprio Paranaíba apresente, neste trecho, extensa porção totalmente navegável. Conclui-se, portanto, que os sítios ocorrem não apenas de forma concentrada em porção específica do Centro-Oeste, mas que esta porção apresenta ainda condições geomorfológicas bastante homogêneas, além de uma particular diversidade na cobertura vegetal, uma vez que está delimitada, a leste e oeste, por extensas áreas de cerrado.

Sem dúvida estes sítios apresentam padrões morfológicos, de implantação e de distribuição totalmente diversos dos identificados no Conjunto 5. Assim, mesmo sendo o Conjunto mais próximo em termos temporais e espaciais, indicam situações que parecem remeter a contextos culturais distintos.

Conjunto 1

Reúne 13 sítios: MT-GA-32, 33, 46, 48 e 52; MT-RN-32 e 46; MT-SL-24, 29 e 43; GO-JU-16, 23 e 34. Todos foram inicialmente relacionados à tradição Uru (Wüst 1990; Schmitz *et alii* 1981/82, Robrahn 1989, 1990).

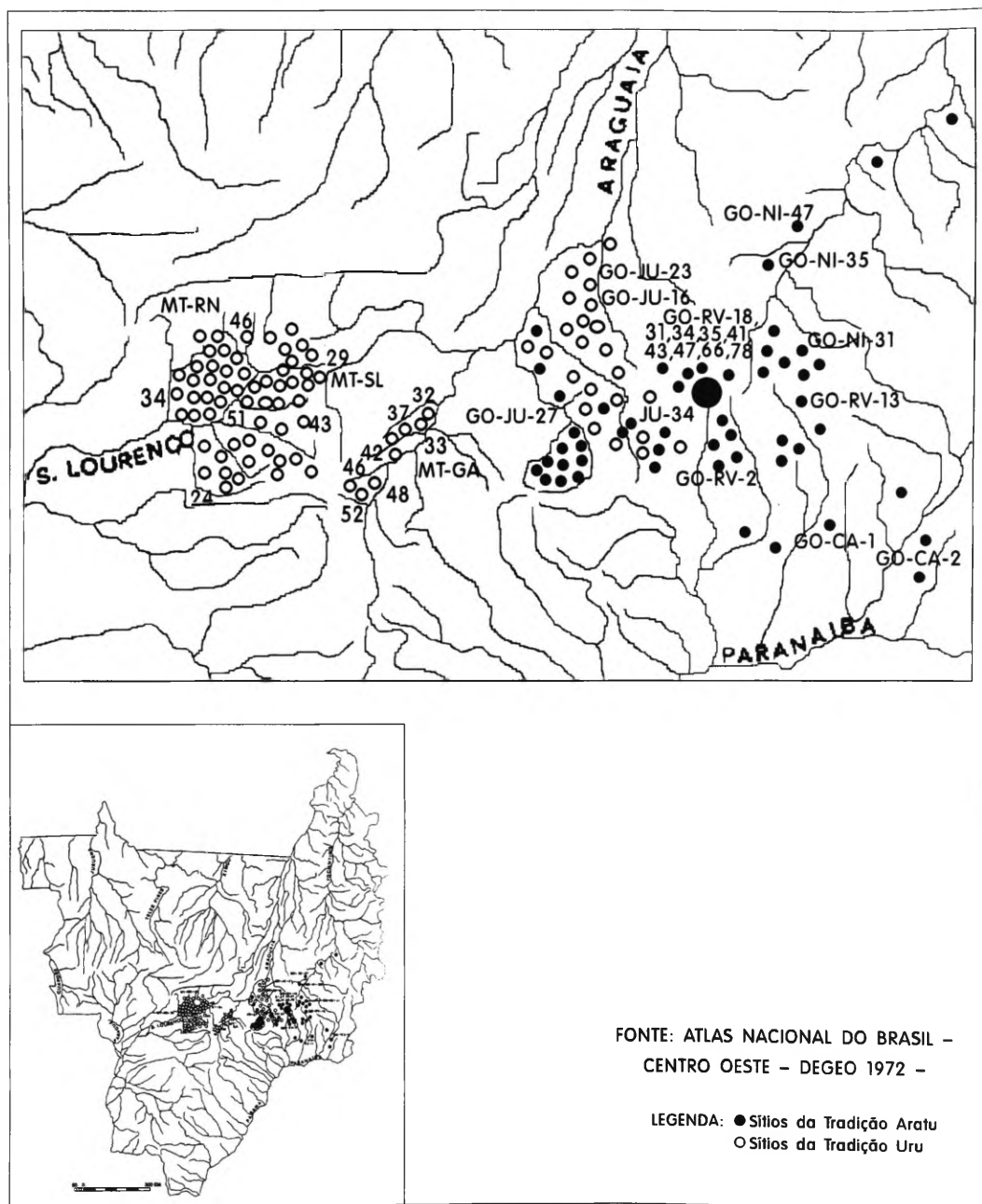


Fig. 4 – Localização esquemática dos sítios associados às Tradições Aratu e Uru.
– Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 1, 2 e 4.

Este Conjunto apresenta a indústria cerâmica mais homogênea de todas as analisadas. Seus sítios mostram coleções que pouco dife-

rem, além de reunirem as mais baixas porcentagens de elementos que remetem a indústrias externas.

Temos aqui um largo predomínio de grandes vasilhames infletidos (73,6%, sendo 43,6% nas categorias de volume grande e extra-grande), cujas características morfológicas, tecnológicas e estilísticas permitem supor um uso cotidiano e doméstico, vinculado ao armazenamento e/ou estocagem de conteúdos de considerável peso e proporção. Constituem, ainda, as peças que se mostram menos permeáveis à introdução de elementos externos.

Exercendo possivelmente uma função complementar, os diretos (15,7%) se caracterizam por artefatos de menores proporções (80,3% nas categorias de volume médio e pequeno), destinados ao consumo individual e/ou estocagem de pequenos conteúdos. Alguns atributos tecnológicos e estilísticos parecem indicar maior facilidade na adoção de elementos externos.

Embora ocorrendo em baixas porcentagens (9,7%), os pratos também constituem artefatos típicos do Conjunto. Tradicionalmente relacionados à função de assadores, para beneficiamento da mandioca tóxica, fornecem os primeiros elementos sobre o padrão de abastecimento dos grupos em questão. Entretanto, o fato de a maioria apresentar pequena capacidade (volume de até 1,0 litro) não parece torná-los adequados para a produção de farinha em larga escala, embora possam ter sido utilizados, por exemplo, para assar o beiju.

A presença de vasilhames de contorno complexo em apenas 3 sítios (MT-GA-46 e 48, GO-JU-23) e com porcentagens bastante reduzidas (1,0%) parece refletir um fenômeno local e específico, referente a contatos culturais mantidos com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani. A maneira com que ocorrem sugere que os contatos se dariam na forma de fluxos de informação e/ou pessoas.

Variações entre os 13 sítios reunidos no Conjunto 1 permitiram dividi-los em 2 grupos, segundo sua distribuição geográfica (vide Figura 4): os localizados no vale do Araguaia apresentam coleções cerâmicas diversificadas, além da presença mais expressiva de elementos que remetem a contatos com grupos externos (portadores de indústria Tupiguarani); já os sítios localizados a oeste, no vale do São Lourenço, apresentam menores índices de variação e de elementos externos, sugerindo tratar-se de sítios mais “puros”. A presença, ainda que rara, de artefatos com antiplástico cauxi sugere contatos culturais com grupos ao norte, na Amazônia, ou a oeste, na Bolívia, onde o elemento é largamente empregado.

Os 13 sítios reunidos neste Conjunto indicam uma ocupação mais tardia, entre os séculos VIII e XIII de nossa era. A datação mais antiga é de 800 ± 65 d.C. (MT-SL-29), tendo-se ainda 1.000 ± 60 d.C. (MT-SL-43), 1.260 ± 70 d.C. (GO-JU-23) e 1.360 d.C. (MT-SL-24) (Wüst 1990; Schmitz *et alii* 1982). O Conjunto apresenta, portanto, uma profundidade temporal menor do que a observada nos Conjuntos anteriores.

Quanto à morfologia, 11 sítios são anulares com 1, 2 ou 3 anéis concêntricos, tendo uma média de 41 concentrações e área média de 60.100 m². Um sítio tem forma de ferradura (GO-JU-16) e outro seria alongado (GO-JU-34). É possível, entretanto, que estes dois últimos constituam, igualmente, estruturas anulares: a planta do sítio em ferradura parece indicar que os trabalhos de campo se desenvolveram em apenas parte da área, delimitada pela cerca; para o sítio alongado ocorre o mesmo, sendo que os próprios autores informam não terem conseguido recuperar a forma completa da aldeia (Schmitz *et alii* 1982).

A distribuição dos sítios mostra uma nítida concentração na porção centro-oeste, tendo o vale do Araguaia como limite leste (Figura 4). Uma primeira análise ambiental parece dividir esta área de ocorrência em duas porções. Uma delas, reunindo os sítios do alto Araguaia e do médio/alto São Lourenço (siglas MT-GA, MT-SL e MT-RN) pertence à unidade de relevo denominada “Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná”, apresenta vegetação de cerrado e solos com fertilidade baixa a fortemente limitada (embora uma mancha de solo com fertilidade média/alta no vale do São Lourenço possa estar próxima dos sítios MT-SL-29 e 43). A outra porção reúne os sítios da margem direita do Araguaia (siga GO-JU), onde se verificam condições ambientais mais diversificadas. O relevo varia entre a Planície do Bananal e a Depressão do Araguaia-Tocantins; a vegetação é formada por manchas que se entremeiam, entre cerrado e áreas de tensão ecológica; e os solos apresentam fertilidade variando entre baixa e fortemente limitada. As duas porções se diferenciam, assim, por uma maior diversidade geomorfológica e vegetal para os sítios à direita do Araguaia, enquanto os sítios à sua esquerda contariam com um ambiente mais homogêneo.

Esta divisão parece ocorrer, igualmente, para algumas das características apresentadas pelos sítios. Aqueles que apresentaram possíveis variações

morfológicas (GO-JU-16 com formato de ferradura e GO-JU-34 com formato alongado) estão na margem direita do Araguaia. Aí se encontram, também, os 2 únicos sítios implantados em terrenos planos de fundo de vale (66,7% - GO-JU-16 e 23), enquanto o outro sítio (33,3% - GO-JU-34) está em declive suave. Já na margem esquerda os sítios ocorrem tanto em declive suave (40%), média vertente (20%), alta vertente (10%), topo de colina (10%) e terraço (10%).

Quanto à filiação cultural, embora todos os 13 sítios do Conjunto tenham sido relacionados à tradição Uru, foram divididos em uma grande quantidade de fases (Itapirapuã, Aruanã, Jaupaci e Uruaçu), indicando grande diversidade interna. Mesmo assim, os sítios podem ser divididas em 2 grupos, tendo novamente o vale do Araguaia como linha divisória: os sítios a oeste (vale do São Lourenço) mostram coleções cerâmicas menos diversificadas e com quantidade bem mais reduzida de elementos que remetem a indústrias externas; situação inversa é oferecida pelos sítios do Araguaia.

A mesma divisão é fornecida pelo teste de Cluster (Figura 2): de um lado estão os de sigla MT-GA e GO-JU (do Araguaia para leste) e do outro os de sigla MT-SL e MT-RN (a oeste). Como única exceção tem-se MT-RN-32 que, embora localizado no alto Paraguai, faz parte do bloco do leste.

Todos estes dados sugerem, em primeiro lugar, que os sítios reunidos no Conjunto 1, embora obedeçam a uma série de padrões (formando a unidade mais homogênea de todos os Conjuntos), apresentam variações que remetem muito mais a diferenciações internas (inter-sítios) do que a elementos de origem externa. Em segundo lugar, que existe uma variação entre os sítios localizados a oeste, no vale do São Lourenço, e os sítios a leste, no vale do Araguaia. As evidências sugerem que os primeiros constituiriam assentamentos mais "puros", talvez representando o local de origem e/ou dispersão dos sítios a leste. Neste sentido a posição de MT-RN-32 no dendrograma de Cluster sugere que estaria relacionado a este suposto momento de dispersão, pois apresenta características mais semelhantes aos assentamentos do Araguaia.

Conjunto 3

Reúne 6 sítios: MT-SL-03, MT-RN-22, GO-JA-07, GO-CA-05, GO-JU-36 e o Aterro Capivara. Os 2 primeiros sítios foram inicialmente classifica-

dos como intra-componenciais, apresentando indústrias relacionáveis às tradições Uru e Tupiguarani (Wüst 1990); o terceiro sítio foi classificado como Tupiguarani (Fensterseifer & Schmitz 1975), os 2 seguintes foram relacionados à tradição Aratu (Schmitz et alii 1981/82) e o último sítio possivelmente a grupos Guató (Oliveira 1993, 1995) (Fig. 5).

A indústria cerâmica deste Conjunto se caracteriza por apresentar porcentagens semelhantes de vasilhames diretos (38,1%) e infletidos (37,6%), seguidos pelos de contorno complexo (12,8%), constituindo seus artefatos característicos. Apenas 2 sítios têm peças cônicas (10,6%) e pratos (0,7%), indicando uma presença fortuita e possivelmente relacionada a fenômenos locais.

Os vasilhames diretos são as peças de maior peso, solidez e resistência da indústria, sugerindo um uso preferencial em atividades domésticas e quotidianas. São geralmente decorados com motivos plásticos. Os vasos infletidos e os de contorno complexo apresentam maiores volumes que os diretos, embora com menor peso, solidez e resistência. São preferencialmente decorados com pintura e engobo.

Sem dúvida a decoração é um elemento mais expressivo neste Conjunto do que nos demais analisados, uma vez que está associado a um número bem mais elevado de artefatos (38,7%) e tem maior variação de motivos. Isto poderia retratar uma maior diversidade funcional, tanto entre vasilhames de um mesmo contorno, como dos diferentes contornos entre si.

Ao contrário dos Conjuntos 1 e 2, onde apenas alguns sítios apresentam variações expressivas, aqui isto ocorre em todos os casos. Cada sítio remete, ainda, a situações de contato com portadores de indústrias cerâmicas distintas, apontando para uma situação de grande diferenciação interna, bem como uma elevada permeabilidade de interferências externas, sugerindo uma diversificação cultural e um isolamento de grupos locais no tempo e/ou no espaço.

Este Conjunto reúne sítios em situações bem mais diversificadas que os Conjuntos anteriores. A única datação disponível é para o sítio MT-SL-03, de 860 ± 75 d.C (Schmitz 1976/77). As características de implantação apresentam variações: declive suave (GO-JU-36), alta/média colina (MT-RN-22) e terraço fluvial (MT-SL-03). São apenas 2 as referências sobre morfologia, varian-

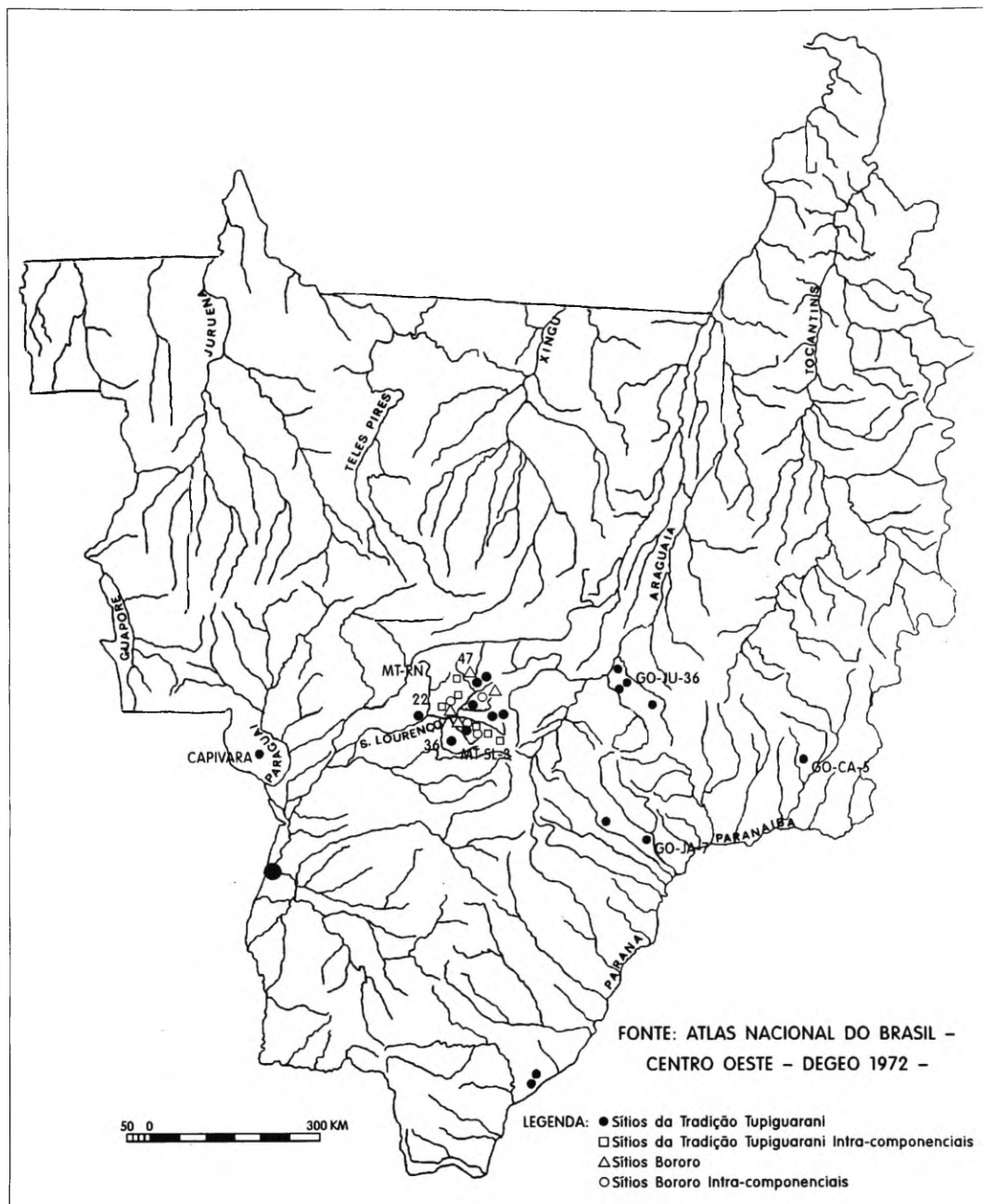


Fig. 5 – Localização esquemática dos sítios associados à Tradição Tupiguarani e Grupos Bororo. – Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 3 e 6.

do de elíptico formado por 13 concentrações (GO-JU-36) a ovalado formado por concentração úni-

ca (sítio em aterro). Apenas GO-JU-36 permitiu medições totais, fornecendo área de 45.000 m².

Sua distribuição pela região Centro-Oeste se dá de forma mais dispersa: do pantanal sul-matogrossense ao alto Paraguai, alto Araguaia, alto Tocantins e baixo Paranaíba (Figura 5). Com isto, as características ambientais são igualmente diversificadas. As unidades de relevo variam de zonas de pantanal (sítio em aterro), zonas de planalto da bacia sedimentar do Paraná (sítios com sigla MT-SL e RN, GO-JA), zonas de planalto goiano (GO-CA) e planície do Bananal (GO-JU). A cobertura vegetal se mostra um pouco mais homogênea: cerrado para o sítio em aterro e siglas MT-SL, MT-RN, GO-CA e GO-JA; e área de tensão ecológica para a sigla MT-JU. Os solos apresentam fertilidade variando entre baixa e fortemente limitada.

Quanto à indústria cerâmica, os 6 sítios mostram uma permeabilidade bem maior à adoção de elementos externos, fortemente relacionada às indústrias Uru e Aratu. Entretanto, se a intromissão de elementos externos em sítios Tupiguarani parecer-se dado a partir de fluxos de informações e/ou pessoas, a intromissão, por outro lado, de elementos Tupiguarani no Conjunto 1 (Uru) e 2 (Aratu) estaria ao menos parcialmente relacionada a artefatos prontos, remetendo a formas distintas de contatos culturais.

Uma análise do dendrograma fornecido pelo teste de Cluster (Figura 2) demonstra uma correspondência inicial entre os sítios do vale do São Lourenço (MT-SL-03 e MT-RN-22), aos quais se junta, mais adiante, GO-JA-01; e entre os sítios a leste do Araguaia (GO-JU-36 e GO-CA-05) e o aterro Capivara.

Conclui-se, portanto, que embora este Conjunto seja formado por sítios que apresentam uma cerâmica marcadamente Tupiguarani, constituem casos bastante distintos, definindo uma situação que não pode ser equiparada à homogeneidade apresentada pelos Conjuntos 1 e 2. Se esta situação deriva de um isolamento dos assentamentos no tempo e/ou espaço, levando a uma maior diferenciação interna, ou se já se contaria com uma diversidade na própria origem dos grupos é ainda questão em aberto.

Conjunto 4

Reúne 9 sítios: MT-GA-37, MT-SL-04 e 51, GO-NI-35 e 47, GO-JU-27, GO-RV-31 e 47, MT-GA-42. Os 6 primeiros foram inicialmente relacionados à tradição Uru (Robrahn 1989, 1990; Wüst

1990; Schmitz *et alii* 1981/82), os 2 seguintes à tradição Aratu (Wüst 1983) e o último à tradição Una (Robrahn 1989, 1990).

Sua indústria cerâmica reúne, de fato, um misto das características apresentadas pelo Conjunto 1 e pelo Conjunto 2. Seus vasilhames característicos são os diretos (51,4%), infletidos (36,2%) e pratos (3,0%), presentes na maioria dos sítios e abarcando grande parte de seus artefatos. Em alguns têm-se ainda contornos cônicos (7,6%), complexos (1,6%) e, em apenas 1 sítio, uma única peça de forma dupla (0,2%).

O fato de predominarem os vasilhames de contorno direto, seguido pelos infletidos e, depois, pelos cônicos, indica que esta indústria guarda as características morfológicas do Conjunto 2. Já seus atributos tecnológicos e estilísticos remetem ao Conjunto 1. Considerando que a forma dos vasilhames está fortemente relacionada à função, seria possível sugerir que as atividades econômicas desenvolvidas pelos grupos em questão estejam mais relacionadas ao Conjunto 2. Por outro lado, o predomínio de elementos tecnológicos e estilísticos do Conjunto 1 talvez indique uma maior influência de seus ceramistas (em termos qualitativos e/ou quantitativos), bem como uma continuidade de seus valores estéticos e simbólicos.

O predomínio das atividades relacionadas ao Conjunto 2 também é sugerido pelos poucos pratos que esta indústria apresenta, ocorrendo sempre com capacidades pequenas (volume de até 1,0 litro) e com atributos morfológicos e estilísticos notadamente simplificados. Uma vez que estes artefatos são característicos do Conjunto 1 e que se relacionam à função de beneficiar a mandioca amarga, esta atividade deve ter se processado em escala bem mais reduzida nos sítios reunidos pelo Conjunto 4.

Da mesma forma, a presença de apenas 1 vasilhame de forma dupla na indústria sugere que a atividade específica à qual se relaciona tenha sido praticamente extinta.

Esta indústria apresenta significativas variações em todos os sítios, embora seja possível dividi-los em 3 grupos, conforme sua distribuição geográfica (Figura 4). O primeiro reúne os sítios localizados no vale do São Lourenço, nos quais predominam os elementos que remetem à indústria Uru. O segundo grupo reúne os sítios localizados no vale do Paranaíba, onde predominam os elementos da tradição Aratu. O terceiro grupo é formado pelos sítios localizados no vale do

Araguaia, apresentando uma mescla entre os elementos que remetem tanto a uma como a outra indústria. Assim o Conjunto 4, além de reunir sítios cuja cerâmica constitui um misto de elementos Uru e Aratu, apresenta consideráveis variações regionais, que podem estar relacionadas a processos culturais distintos. Por outro lado, a ocorrência de baixa porcentagem de vasilhames de contorno complexo em sítios relacionados aos 3 grupos parece indicar relações indistintas com portadores de cerâmica Tupiguarani.

Os sítios se distribuem pelo alto/médio Araguaia, alto Paraguai, alto Tocantins e baixo Paranáfaba (Figura 4). Reúne 8 sítios a céu aberto e 1 em abrigo (MT-GA-42). As datações indicam um período um pouco mais tardio: a data mais antiga é de 1.250 d.C. (sítio MT-SL-04, Wüst 1990) e a mais recente 1.420 d.C. (sítio GO-NI-35, Schmitz *et alii* 1981/82). Tem-se ainda 1.360 d.C. para MT-SL-51 (Wüst 1990) e duas datações relativas para GO-RV-31 e 47, ambos relacionados ao nível temporal 5 (estimado entre o século XIII e o contato com o colonizador europeu – Wüst 1983).

A implantação dos sítios na paisagem se dá de forma diversificada, indicando inclusive o aproveitamento de locais ainda não observados nos demais Conjuntos de Sítio: topos de morro, morro testemunho, encosta de chapadão, encosta média-inferior, colina baixa, planos e terraços.

A morfologia dos sítios a céu aberto indica estruturas anulares com 1 a 2 anéis. Apenas 1 sítio (GO-RV-31) permitiu o reconhecimento do total de concentrações, em número de 11. De qualquer forma, os outros sítios não forneceram números mais elevados. A média de área dos sítios é de apenas 14.816 m². Define, portanto, aldeias consideravelmente menores do que as reunidas nos demais Conjuntos. Já o sítio em abrigo MT-GA-42 é formado por uma única concentração de material, de formato irregular e área de 29 m².

A área de dispersão dos sítios apresenta, sem dúvida, características ambientais bastante diversificadas. Os de sigla MT-SL, MT-RN e MT-GA se encontram no relevo da Bacia Sedimentar do Paraná; os de sigla GO-NI e GO-RV no Planalto Goiano; e o de sigla GO-JU na Depressão do Araguaia/Tocantins. Quanto à cobertura vegetal, o cerrado reúne a maior parte dos sítios (siglas MT-SL, MT-RN, MT-GA e GO-NI). Em áreas de tensão ecológica está o sítio de sigla GO-JU e em área de floresta caducifólia os sítios GO-RV. Solos de me-

lhor potencial agrícola ocorrem para os sítios GO-RV (média/alta fertilidade) e GO-NI (localizados em área que apresenta manchas de solos de baixa, alta e média/alta fertilidade). Todos os demais sítios estão em unidades de fertilidade baixa a fortemente limitada. Com isto, os sítios do Conjunto 4 apresentam características mais diversificadas de implantação e localização na paisagem que as definidas para os Conjuntos 1 e 2 (dos quais possivelmente tenham originado), parecendo corresponder a um misto de ambos.

Como vimos acima, o mesmo se observou na análise da indústria cerâmica. Seus artefatos reúnem traços mais relacionados à indústria do Conjunto 2 (Aratu) nos sítios: GO-RV-31, 47 e GO-NI-35. Os 2 primeiros haviam sido, de fato, inicialmente relacionados àquela tradição; já GO-NI-35 foi associado à Uru. Por outro lado, MT-SL-04 e GO-JU-27 apresentam elementos da indústria Tupiguarani, inclusive na forma de artefatos inteiros. O sítio MT-SL-04 foi inicialmente classificado como Tupiguarani/Uru.

Uma análise do dendrograma fornecido pelos teste de Cluster (figura 2) também indica a formação inicial de dois blocos, um formado pelos 5 sítios Uru e o sítio Una (MT-GA-42) e o outro bloco pelos 2 sítios classificados como Aratu.

Uma vez que as datações indicam um período de ocupação mais recente, a emergência de uma nova indústria, que reúne características de diferentes ocupações ceramistas já anteriormente presentes na região, sugere uma situação de intensos contatos culturais, relacionada a um fenômeno notadamente distinto dos sugeridos para os Conjuntos de Sítio 1, 2, 3 e 5, anteriormente analisados.

Por fim, a presença de 1 sítio da tradição Una parece atribuir ao Conjunto 4 uma matriz ainda mais complexa e diversificada, que poderia estar relacionada ao próprio desaparecimento dos assentamentos de ceramistas Una e Aratu na região Centro-Oeste (esta discussão será retomada mais adiante).

Conjunto 6

Reúne 2 sítios: MT-RN-36 e 47, o primeiro relacionado a grupos Bororo, o segundo a grupos Bororo e tradição Tupiguarani (Wüst 1990).

Embora sua indústria seja morfologicamente simples, com largo predomínio de vasos diretos (92,1%), além de infletidos (6,1%) e raros complexos (1,8%), são tecnicamente melhor con-

feccionados do que as demais indústrias analisadas. O número de artefatos presentes, bem como o próprio tamanho que apresentam (entre pequenos, médios e grandes) permite inferir uma utilização mais generalizada e diversificada do que a sugerida pelo Conjunto 5, onde também contamos com uma indústria simples. Em ambos os sítios nota-se a presença de atributos típicos da tradição Tupiguarani. Em MT-SL-47 é notável a clareza com que se definem seus artefatos, sugerindo um nível mais complexo de relações culturais.

Este Conjunto é formado por 2 sítios a céu aberto localizados no vale do São Lourenço (alto Paraguai - Figura 5). A presença em MT-RN-36 de vidro e metal indica uma ocupação bastante recente, do final do século XIX ou início do XX (Wüst 1990).

Por estarem bastante próximos entre si, revelam um ambiente homogêneo. Ocupam a unidade de relevo denominada Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná, que apresenta uma cobertura vegetal de cerrado e solos de fertilidade baixa a fortemente limitada. Os sítios estão implantados em terraço fluvial e em área de mata. A morfologia é provavelmente anular. Dimensões totais não foram obtidas, mas de qualquer maneira os sítios não seriam muito pequenos, já que o eixo mínimo é de 120m.

Embora a análise da cerâmica tenha indicado variações, o fato de se contar apenas com 2 sítios dificulta uma definição mais precisa. A presença de cerâmica Tupiguarani (embora de forma bem mais evidente em MT-RN-47) pode ser considerada uma característica da indústria e não intrusão de elemento externo, como sugerem outros Conjuntos analisados. Como veremos adiante, de fato a formação do grupo Bororo teria recebido contribuições de ceramistas Tupiguarani e, ao menos em MT-RN-47, é possível que seus artefatos ocorram na forma de vasilhames inteiros, em paralelo a uma cerâmica distinta, que remete à relacionada aos grupos Bororo.

Por fim, a presença de uma peça com antiplástico cauixi em MT-RN-36 deve constituir um indicador de contatos externos, talvez relacionado a grupos amazônicos ou chaquenhos.

Conjunto 7

Reúne apenas 1 sítio, Morro do Cará-Cará, que parece ter sido utilizado por diferentes gru-

pos culturais, entre eles os ceramistas Tupiguarani. De fato, alguns elementos de sua cerâmica podem lhe ser relacionados, embora outros pareçam remeter à tradição Chaquenha, típica dos aterros do Pantanal. O fato de este sítio ter sido tão marcadamente isolado pelo teste de Cluster sugere que se trate de um novo contexto de ocupação, que necessita ser melhor investigado.

O sítio não apresenta datação. Localizado na porção noroeste da zona do Pantanal (Figura 3), encontra-se em relevo de planície, com cobertura vegetal formada por áreas de cerrado e áreas de tensão ecológica. O solo apresenta fertilidade fortemente limitada.

Trata-se de um sítio em abrigo, de morfologia tendendo à ovalada. A indústria cerâmica é bastante simples, talvez reflexo da pequena quantidade de peças disponíveis. Mesmo assim, tem-se informação de que este sítio reuniria ao menos vestígios de duas ocupações distintas, uma delas Tupiguarani (M. Lúcia Pardi, comunicação pessoal). A cerâmica não permite, entretanto, evoluir a questão.

A ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas

As análises desenvolvidas indicam que os 7 Conjuntos de sítio apresentam grande diversidade de características tanto na distribuição dos assentamentos, implantação na paisagem, morfologia, cronologia, como nas indústrias cerâmicas que lhes são associadas. Algumas destas características remetem, como veremos adiante, a diferentes contextos arqueológicos extra-regionais; outras parecem derivar de processos locais de interação cultural, podendo até mesmo resultar da emergência de grupos culturais localizados. Com isto, partimos da suposição de que cada Conjunto de Sítio esteja relacionado a um grupo cultural distinto, e como tal passam a ser considerados nas discussões que se seguem.

Certamente estaremos lidando, no atual estágio de conhecimento, com categorias sociológicas extremamente genéricas, sobretudo se pretendemos investigar as variações embutidas em cada Conjunto, que podem até mesmo compreender unidades sócio-culturalmente diversas. Mesmo porque, o conceito de “grupo cultural” aqui utilizado diz respeito à análise relacional entre padrões, sem vínculo à identidade étnica (para uma discussão

do problema vide Schortman 1989). Apresentamos aqui, assim, uma discussão sobre os processos mais amplos de desenvolvimento de cada grupo, bem como seus principais pontos de convergência ou dissociação.

O início da ocupação ceramista no Centro-Oeste

Os primeiros grupos ceramistas a ocuparem a região estariam relacionados, na presente pesquisa, ao Conjunto de Sítios nº.5 e, no contexto arqueológico regional, à parte dos sítios da tradição Una. Embora sua origem certamente esteja vinculada a processos tanto de ordem interna quanto externa, suas proporções teriam variado significativamente de área para área. Uma melhor compreensão dos processos internos esbarra, todavia, no quadro de conhecimento ainda extremamente genérico sobre as antigas ocupações de grupos caçadores e coletores dos quais teriam, ao menos em parte, derivado.

A bibliografia discute que, aproximadamente a partir de 6.500 anos a.C., contaríamos com a emergência na região Centro-Oeste de diferentes grupos caçadores e coletores, correspondendo a uma adaptação frente a transformações ambientais ocorridas durante o período Altitermal (que se estende de 8.500 a 4.000 A.P.), quando a temperatura e a pluviosidade ter-se-iam elevado, causando modificações no sistema de abastecimento dos grupos – e, conseqüentemente, no quadro de artefatos que apresentam (Schmitz 1987: 71; Ab'Saber 1977; Bigarella 1971). Esta situação também teria influenciado na definição de um padrão de assentamento diverso do observado para os grupos caçadores-coletores mais antigos (“paleo-índio”), que ocupavam a região ao menos a partir de 10.000 anos a.C.: enquanto os vestígios destes últimos parecem ocorrer por toda a região Centro-Oeste, permitindo inferir uma distribuição generalizada e principalmente na forma de sítios a céu aberto, os vestígios relacionados aos caçadores mais recentes são raros e quase exclusivamente em abrigos, com localização restrita a áreas de relevo atormentado (altos vales do Paranaíba, Araguaia, Tocantins e São Lourenço, além da Chapada dos Parecís).

Embora a questão da origem dos caçadores-coletores mais recentes ainda esteja em aberto (se representam uma adaptação dos grupos mais antigos, uma substituição populacional ou um misto de ambos) é notável que, em primeiro lugar, seus

padrões gerais de assentamento parecem ser não apenas diferentes dos observados entre os “paleo-índios”, mas excludentes, na medida em que demonstram um aproveitamento de áreas com características ambientais notadamente diversas das anteriores. Um estudo bastante detalhado desta situação é fornecido por Wüst (1990) para o vale do São Lourenço.

Em segundo lugar, é notável que este padrão tenha persistido até o período de surgimento dos primeiros grupos ceramistas na região, quando as condições ambientais já se haviam modificado, permitindo, *a priori*, uma distribuição mais generalizada dos assentamentos. A falta de maiores dados torna difícil analisar quais os fatores que teriam definido a ocupação e possível permanência dos caçadores-coletores recentes nas áreas mais íngremes. Sem dúvida estas questões fogem ao campo de atuação da presente pesquisa, embora se mostrem fundamentais quando revelam definir, igualmente, o padrão geral de assentamento dos primeiros grupos ceramistas.

Uma série de evidências materiais e estratigráficas indica de forma cada vez mais clara uma continuidade entre as ocupações de caçadores-coletores e dos primeiros grupos ceramistas. Assim é que sítios do alto Araguaia, alto Tocantins e vale do São Lourenço não apresentam ruptura estratigráfica entre as ocupações, além de suas indústrias líticas conservarem os mesmos padrões gerais tecnológicos e morfológicos (Schmitz *et alii* 1986, Robrahn 1989, Simonsen *et alii* 1983/84, Wüst 1990). Embora esta associação tenha sido explicitada para alguns sítios, seu reconhecimento a nível regional é importante, na medida em que permite estabelecer uma continuidade não apenas tecnológica, mas principalmente relacionada ao padrão de assentamento dos grupos. A distribuição dos sítios revela uma preferência bastante clara pelas porções de relevo mais atormentado, referentes aos altos cursos dos rios principais ou de seus afluentes, onde se encontram os abrigos, paredões rochosos e morros testemunhos que passam a ser ocupados – coincidindo com as áreas e, na grande maioria dos casos, com os próprios abrigos ocupados pelos caçadores-coletores recentes.

Outro fator importante é que, como em nenhum outro contexto cerâmico do Centro-Oeste, neste caso os grupos locais já vinham passando, desde longa data, por processos de mudança cultural que tornariam a adoção da cerâmica um “cami-

nho natural". Ao menos no vale do São Lourenço grupos caçadores-coletores teriam desenvolvido a prática do cultivo séculos antes da ocorrência da primeira cerâmica (Wüst 1990) e é possível que o mesmo tenha ocorrido em outras áreas.

Nas demais porções do Centro-Oeste, embora muitas vezes as sondagens novamente indiquem a presença de vestígios de grupos caçadores-coletores, observa-se uma ruptura entre as camadas, sugerindo tratar-se de momentos distintos de ocupação. São elas: o baixo Paranaíba (região de Seranópolis – Schmitz *et alii* 1989), o abrigo Santa Elina na Serra das Araras e o sítio Ferraz Egreja no vale do Vermelho (embora as informações não sejam muito claras para os 2 últimos casos – Vialou 1983/84, 1987). As poucas datações disponíveis indicam aqui uma ocupação mais tardia (séculos X-XI de nossa era), talvez correspondendo ao deslocamento de grupos ceramistas dentro da própria região Centro-Oeste. De qualquer maneira, continuam mantendo os padrões de distribuição, implantação e morfologia de sítio.

Dentro de todo este contexto, parece possível concluir que a formação dos primeiros grupos ceramistas do Centro-Oeste abranja grupos caçadores-coletores que anteriormente ocupavam a região. Entretanto, as diferentes situações observadas, bem como a própria distância geográfica que as concentrações de sítio apresentam entre si, parecem remeter muito mais a fenômenos locais do que a uma substituição tecnológica e/ou mudança cultural a nível regional. Mesmo porque, os dados disponíveis não indicam uma ocupação anterior intensiva: ao que tudo indica os sítios relacionados aos grupos caçadores-coletores recentes ocorrem apenas em determinadas porções do Centro-Oeste e em número reduzido. Desta forma os primeiros grupos ceramistas potencialmente já deveriam apresentar, desde sua origem, significativas variações locais.

De fato, estudos mais amplos e recentes sobre as primeiras ocupações ceramistas da América (Hoopes 1994) alertam que os modelos difusionistas tradicionalmente apresentados não conseguem explicar as consideráveis variações que apresentam. A adoção da cerâmica estaria relacionada, portanto, a processos altamente variáveis, não tendo sido nem rápida nem uniforme, indicando inclusive uma maior probabilidade de invenção local (idéia já apresentada por Roosevelt em seu trabalho de 1992: 68).

É possível que a presença de ceramistas iniciais nas diferentes áreas do Centro-Oeste derive de fenômenos com diferentes combinações e intensidades nos fluxos de informação, objetos e pessoas. Isto é sugerido, em primeiro lugar, pela própria cronologia dos assentamentos. Os sítios mais antigos foram identificados em áreas bastante distantes entre si: o médio Tocantins (410 a.C. – Barbosa *et al.* 1982) o alto Guaporé (5 d.C. – Miller 1983, 1987) e o vale do São Lourenço (430 a.C. – Irmhild Wüst, comunicação pessoal). As demais datações indicam uma lacuna temporal considerável: séculos VIII a XIII d.C. para o Tocantins e baixo Paranaíba, porções igualmente distantes entre si.

Embora se conte com poucas datas, a descontinuidade temporal dos assentamentos sugere ao menos dois momentos distintos de ocupação. Estes dados permitem supor que as diferentes formas de contato teriam mantido um caráter independente e isolado, não apenas na origem como provavelmente durante todo o período em que estes grupos continuam presentes na região. Esta suposição pode ser reforçada, ainda, pelo teste de Cluster, onde a análise do dendrograma indica uma forte separação entre GO-NI-06 e GO-JA-01, 2 sítios que pertenceriam ao mesmo movimento de ocupação (segundo movimento, séculos X-XI de nossa era).

O caráter independente e isolado destas ocupações é também sugerido pela descontinuidade geográfica de seus assentamentos. Como é possível visualizar na Figura 3, os sítios reunidos no Conjunto 5 se localizam em determinadas porções do Centro-Oeste e sempre em número reduzido. A situação é a mesma se considerarmos o total de sítios relacionados à tradição Una, mesmo que nem todos façam parte desta ocupação ceramista inicial (como é ao menos o caso de MT-GA-42, pertencente ao Conjunto 4).

Especialmente no caso destes sítios a realização de pesquisas mais sistemáticas de campo deve alterar, ao menos em parte, a situação que apresentam. Isto porque, em primeiro lugar, a maioria dos sítios conhecidos foi definida como de atividade específica, carecendo que se identifiquem, obviamente, seus contextos de ocupação. Por outro lado, a baixa quantidade de vestígios arqueológicos, aliada à sua antiguidade e possível profundidade estratigráfica dificulta, sem dúvida, seu reconhecimento em campo. Mesmo que uma maior quantidade de sítios com cerâmica Una venha a ser identificada,

sua distribuição deve se limitar, de fato, a determinadas porções do Centro-Oeste, já que prospecções amplas e sistemáticas realizadas, por exemplo, em área do Mato Grosso de Goiás não identificaram sua presença.

Outro indício a favor do isolamento está relacionado aos contatos externos a que os sítios de cada área parecem remeter. Como vimos anteriormente, os sítios do alto Tocantins apresentam elementos da indústria Tupiguarani e o sítio do baixo Paranaíba elementos da indústria Uru, enquanto o sítio do médio Tocantins parece não apresentá-los. O problema, certamente, não está na diversidade dos contatos, uma vez que dependem da própria presença, em uma ou outra área, de grupos externos. O problema está na sua individualidade, ou seja, no fato de que as inovações parecem não ter sido transmitidas, mesmo tendo desempenhado um papel fundamental no próprio desenvolvimento tecnológico e morfológico da indústria.

Esta é, ainda, a indústria cerâmica que, em termos regionais, mais apresentou dúvidas para a associação de sítios. O próprio GO-RS-01, integrante de nosso Conjunto 5, ao lado de outros 3 sítios próximos, deu origem à “fase Pindorama”, que por muitos anos não foi associada a qualquer indústria do Centro-Oeste. Mais tarde foi classificada enquanto “aparentemente Aratu” (Schmitz *et alii* 1981/82), estando hoje relacionada à tradição Una. Da mesma forma, sítios em abrigo identificados no vale do São Lourenço não tiveram uma associação imediata à tradição Una, embora se tenham reconhecido semelhanças gerais de suas indústrias (Wüst 1990: 255).

Assim, as características de distribuição desta primeira ocupação ceramista no Centro-Oeste, bem como as variações que apresenta em termos cronológicos e materiais, parecem indicar uma forte individualidade de suas manifestações, remetendo a insumos independentes, embora talvez com uma origem cultural comum. Não seria possível, portanto, definir uma única rota de penetração para estes grupos, mas sim diferentes rotas que teriam convergido ao Centro-Oeste, bem como se movimentado em seu interior.

Este esquema pressuporia a presença de grupos ceramistas externos nas circunjunções da região Centro-Oeste, embora não necessariamente de forma sincrônica. No modelo de Brochado, os assentamentos relacionados à tradição Una estariam vinculados a um processo lento de difusão da

cerâmica mais antiga da América do Sul, denominada Estilo Pedra do Caboclo e originária do médio Amazonas (Brochado 1984). Daí resultaria uma série de tradições e fases cerâmicas identificadas ao longo de todo o território nacional, apresentando as mesmas características gerais na indústria cerâmica, embora consideráveis variações na morfologia e localização dos sítios (sítios a céu aberto, em abrigo, sambaquis costeiros e fluviais, casas subterrâneas) levarem o problema de estar-se lidando com contextos sócio-culturais diversos.

Considerando a hipótese de que os grupos portadores da cerâmica Estilo Pedra do Caboclo teriam seguido duas rotas maiores de migração (uma do baixo Amazonas para leste, descendo pela costa, e outra do médio Amazonas para o sul, descendo pelo vale do Paraguai – Brochado, *op. cit.*), seria possível que determinados assentamentos do Centro-Oeste se vinculassem a ambas, atingindo diferentes áreas e tornando ainda mais clara a hipótese de isolamento. Enquadra-se aqui bastante bem a datação anteriormente citada de 430 a.C. para um sítio do São Lourenço (Loca da Panela).

Dentro deste esquema e considerando, ainda, as características de localização e implantação dos sítios na paisagem (privilegiando as porções mais íngremes dos altos vales de rio), seria possível sugerir que os deslocamentos não teriam sido feitos por via fluvial, mas sim via contrafortes.

As datas mais recentes de sítios Una oscilam por volta do ano 1.000 d.C., tendo sido ao menos no baixo Paranaíba parcialmente contemporâneos à ocupação de ceramistas Aratu. A própria presença, no sítio GO-JA-01, de fortes elementos da indústria Uru, bem como no sítio GO-NI-06 de elementos Tupiguarani, indica que estes ceramistas iniciais mantiveram contato com diferentes grupos de grandes aldeias.

A bibliografia discute um possível desaparecimento e/ou absorção destes grupos ceramistas iniciais frente à expansão das grandes aldeias (Schmitz *et alii* 1978/79/80b; 1985), embora nenhum vestígio mais concreto tenha sido apresentado. É provável que a baixa densidade demográfica sugerida pelos ceramistas iniciais, bem como a simplicidade de sua indústria cerâmica, dificultem a identificação de um fenômeno de incorporação por que tenham passado. As análises parecem demonstrar as primeiras pistas a favor desta hipótese, uma vez que o sítio MT-GA-42, inicialmente clas-

sificado como da tradição Una, foi reunido pelo teste de Cluster no Conjunto de Sítios nº. 4, que apresenta um misto de sítios Aratu, Uru e Una, possivelmente retratando o período final de sua ocupação e representando a emergência de um novo grupo cultural, cuja análise é apresentada mais adiante.

Os agricultores de grandes aldeias do Leste

Nos séculos VIII-IX inicia-se uma gradativa e maciça ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas agricultores instalados em grandes aldeias, levando a um novo perfil na arqueologia regional. Embora seja possível definir ao menos duas frentes de ocupação, relacionadas a grupos culturais distintos (uma ao leste e outra a oeste), a do leste indica uma antiguidade um pouco maior, sendo relacionada ao Conjunto de Sítios nº 2 e, no contexto arqueológico regional, a parte dos sítios da tradição Aratu.

A questão da origem destes grupos ainda é incerta. O fato de que mesmo os assentamentos mais antigos, que recuam para os primeiros séculos d.C., apresentam uma estrutura anular muito bem definida, seguem um padrão de implantação na paisagem absolutamente distinto do mostrado pelos grupos ceramistas iniciais, remetem a uma economia baseada na agricultura do milho e exibem uma indústria cerâmica bastante desenvolvida, parece fortalecer a hipótese de origem externa, além de não se contar com sítios que indiquem um possível processo de mudança cultural a partir de grupos já assentados na área.

Nas demais regiões brasileiras onde ocorrem sítios Aratu (do nordeste ao Estado de São Paulo) também não existem dados conclusivos sobre a questão. De um modo geral, as datações são até mais recentes do que as apresentadas pelos sítios do Centro-Oeste (século XI). Uma única datação por termoluminescência parece revelar, entretanto, um sítio no norte paulista, de 426 ± 152 d.C. (sítio Água Limpa, Alves e Machado 1995), indicando a possibilidade de existirem vestígios mais antigos.

Por outro lado, sítios localizados nas cabeceiras do Paraná (Estado de Minas Gerais), relacionados à fase Jaraguá e formados por uma única concentração de material, constituem até o momento as únicas evidências de uma estrutura de aldeia menos complexa do que a apresentada pelos de-

mais sítios. Poderia constituir um indicador de processos locais de mudança cultural, não fossem as datações recentes que apresentam (século X - Dias & Carvalho 1978).

As informações disponíveis para a área de ocorrência da tradição mostram-se ainda insuficientes para fazer evoluir a questão. Uma vez que todos os sítios atualmente relacionados à tradição Aratu se concentram nas regiões centro-oeste, nordeste e sudeste brasileiras, seria mais plausível supor que novas descobertas dentro deste grande perímetro tragam luz ao problema. Todavia, não podemos deixar de mencionar que determinados contextos amazônicos guardam certas semelhanças com a tradição Aratu (notadamente a fase Jamari, com sítios localizados no alto Madeira, Estado de Rondônia, com datações do século VI a.C. - Miller 1992), mostrando frentes alternativas de pesquisa.

Dentro de uma discussão mais ampla Brochado (1991: 86) defende a hipótese de os grupos relacionados à tradição Aratu serem filiados ao tronco linguístico Macro-Gê, que constituiria uma segunda e tardia expansão da tradição Pedra do Caboclo. Os grupos portadores da indústria Aratu representariam o deslocamento de grupos Gê e dos Cariri, saindo da Amazônia em direção ao Centro-Oeste. De fato, durante o primeiro milênio d.C. a Amazônia apresentaria um quadro bastante intenso de ocupação, a partir do qual, seja por questões expansionistas e de crescimento demográfico (Roosevelt 1992: 71-72), seja por grandes mudanças ambientais provocadas pelo fenômeno do "El Niño" (Meggers 1995, 1992, 1991) teriam derivado expressivos deslocamentos populacionais.

Em se confirmando uma origem amazônica, as incursões ao Centro-Oeste não teriam utilizado as vias fluviais do Xingu e Tapajós. A distribuição dos sítios torna mais plausível supor uma rota inicialmente no sentido oeste-leste, do Amazonas/Rondônia para o centro de Goiás, cruzando as redes fluviais Tapajós, Xingu e Araguaia. A partir daí pode ter se desmembrado, por um lado, em direção ao nordeste e, por outro lado, descido até o sul de Goiás, Minas Gerais e norte de São Paulo. Neste último caso provavelmente teriam utilizado o vale do São Francisco. Ao menos em Goiás a rota continuaria via terrestre, do alto São Francisco a oeste até o vale do Araguaia. Desta forma, também a ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas Aratu não parece ter privilegiado o uso dos rios enquanto eixos de penetração. A própria distância

que os sítios apresentam em relação aos rios maiores parece fortalecer a hipótese de utilização restrita. O povoamento da área provavelmente não estaria relacionado a uma única onda migratória, mas várias sequenciais. Isto parece ser definido pela presença isolada de um sítio Aratu em 171 d.C., que poderia estar relacionado a um primeiro e ainda tímido movimento.

De qualquer forma, a hipótese pressuporia a existência de sítios antigos no centro-norte de Goiás, a efetiva associação dos sítios de Rondônia à tradição Aratu e a ocorrência de um maior número de assentamentos nestas áreas. A hipótese carece ainda, portanto, de melhor sustentação. Não se pode descartar a possibilidade da formação destes agricultores do leste derivar tanto de deslocamentos externos como do desenvolvimento de comunidades locais, envolvendo diferentes formas de contato cultural. A diversidade arqueológica apresentada pela região Centro-Oeste parece sempre apontar, aliás, para uma pluralidade de processos de desenvolvimento cultural.

A área inicial de ocupação destes agricultores teria sido o sudeste de Goiás, onde estão as datações mais antigas e onde se localizam os sítios do Conjunto 2 (Figura 5). É provável que ao menos as porções de relevo íngreme tenham sido concomitantemente ocupadas por grupos ceramistas iniciais e/ou caçadores coletores, cujos vestígios são ainda encontrados até os séculos IX-X. Entretanto, o fato de não se ter identificado qualquer evidência de contato cultural na cerâmica, além de não haver referência a relações entre os grupos caçadores-coletores e os agricultores Aratu, permite supor certa autonomia entre as ocupações.

Esta autonomia pode ter sido favorecida (embora não explicada) pela diversidade dos padrões de localização: enquanto os caçadores-coletores e grupos ceramistas iniciais têm seus sítios preferencialmente em abrigo e assentados nas porções de relevo atormentado e vegetação de cerrado, os agricultores do leste estão nas porções de relevo mais suave, com cobertura vegetal variando entre floresta e área de tensão ecológica.

Partindo da região leste/sudeste, vão dominar todo o centro e centro/sul de Goiás, estendendo seus assentamentos até as margens do rio Araguaia, constituindo seu limite de ocupação. Isto teria ocorrido dentro de um período aproximado de 700 anos, considerando desde a datação mais antiga, de 171 d.C. para GO-CA-02, até meados do século IX,

quando já se conta com uma série de assentamentos pela área. Entretanto, seria válido inferir que tenha havido uma intensificação do processo somente a partir do século VIII, uma vez que os assentamentos antigos são bastante raros.

Nas porções mais distantes, como a região do Mato Grosso de Goiás, os assentamentos ocorrem somente a partir do século IX. A penetração dos grupos já se deu, ali, de forma sistemática e maciça: os 17 assentamentos que correspondem à primeira fase de ocupação da área (nível temporal 1), apresentam os maiores tamanhos, maior incidência de sítios com 2 anéis, maior duração da ocupação e densidade populacional (Wüst 1983: 318). Para o nível temporal 2, que apresenta características semelhantes ao anterior, estimativas demográficas em GO-RV-66 indicam uma população de 1.043 a 2.024 indivíduos (*op. cit.*: 258).

Embora pesquisas sistemáticas tenham sido realizadas apenas nesta região do Mato Grosso de Goiás, a grande quantidade de sítios identificados por toda a porção centro-sul do Estado, seguindo padrões culturais extremamente semelhantes, permite supor que a ocupação tenha se processado, desde o início, com intensidade e características análogas. Assim, ao contrário da ocupação definida pelos grupos ceramistas iniciais, estes agricultores teriam dominado um território extenso e contínuo. A proximidade geográfica de seus assentamentos e a grande homogeneidade observada na morfologia e implantação dos sítios, bem como em sua indústria cerâmica, permitem inferir a manutenção de intensas redes inter-comunitárias, como aliás foi proposto por Wüst (1983) em seu estudo para a região do Mato Grosso de Goiás.

Como vimos anteriormente, dos 12 sítios reunidos no Conjunto 2 apenas 7 apresentam evidências cerâmicas de contatos extra-grupais, embora de natureza variável. Quatro sítios (GO-CA-02, GO-RV-02 e 66, GO-NI-31) indicam a adoção de elementos tecnológicos e morfológicos da indústria Tupiguarani, sendo que ao menos em GO-CA-02, GO-RV-66 e GO-NI-31 eles podem ocorrer na forma de vasilhames inteiros, sugerindo contatos feitos a partir do fluxo de informações, objetos e/ou pessoas. Os demais três sítios (GO-CA-01, GO-RV-34 e 35) indicam a adoção de elementos morfológicos da tradição Uru, sugerindo contatos somente a partir do fluxo de informações e/ou pessoas.

Procurando compreender o significado destas interferências, percebe-se que não obedecem a uma

distribuição geográfica específica, parecendo vincular-se a fenômenos locais e relativos a determinados assentamentos. Por outro lado, é notável que estes contatos se relacionam a períodos distintos: do grupo formado pelos sítios com elementos Tupiguarani, GO-CA-02 e GO-RV-02 fornecem as datas mais antigas do Conjunto (171 e 830 d.C.), enquanto GO-RV-66 tem uma datação relativa entre os séculos IX-X. Situam-se, portanto, no período inicial-médio definido pelo Conjunto. Já do grupo formado pelos sítios com elementos Uru, vemos que todos se relacionam ao período médio/tardio, ou seja, do século XI em diante. Sugere-se, portanto, que a ocupação de agricultores do leste teria inicialmente mantido contatos com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani, envolvendo um fluxo de objetos (vasilhames inteiros) e de informações (pela incorporação de determinados elementos tecnológicos e estilísticos). Não parece que tenham interferido, todavia, em outras esferas da cultura.

Estes contatos desaparecem por volta do século X, por causas desconhecidas. É curioso que a cerâmica Tupiguarani apresenta também associação, nesta mesma área e período, com a fase final de ocupação dos ceramistas iniciais, parecendo indicar uma relação significativa com diferentes grupos culturais.

Aproximadamente por volta do século XI os grupos do leste passariam a manter contato com portadores de cerâmica Uru. Possivelmente tenha envolvido tanto a circulação de informações (definida através das análises cerâmicas) como a de pessoas (sugerida através da presença, em GO-RV-66, de uma concentração de material Uru a 100m da aldeia; e em GO-RV-58 de 2 concentrações Uru no meio da aldeia Aratu – Wüst 1983). Para este último caso, o fato de terem sido mantidas áreas específicas para ceramistas Uru tanto fora como dentro de aldeias Aratu sugere uma forma mais complexa de contato cultural, onde a manutenção da cerâmica poderia, inclusive, funcionar como marcador de etnicidade (Schortman 1989).

É possível que isto se relacione a um fenômeno mais amplo por que os grupos ceramistas Aratu teriam passado, já a partir do século X. Neste período, os assentamentos começam a apresentar significativas variações, principalmente nos aspectos de implantação, morfologia e tamanho. Também a indústria cerâmica apresenta modificações, na forma de uma maior quantidade e diversidade de elementos relacionados a indústrias externas, que pas-

sam a ser adotados. Estas variações estariam relacionadas, segundo Wüst (1983: 284), a pressões de grupos externos, sugerindo a existência de uma “zona de tensão” ou mesmo de uma “fronteira cultural” no vale do Araguaia e alto Tocantins.

Estes dados sugerem que os contatos mantidos com ceramistas Uru teriam levado, em um primeiro momento e ao menos nos sítios mais próximos ao Araguaia, a profundos re-arranjos internos e, num segundo momento, à fusão dos grupos. A interação evidenciada pela cerâmica (embora não necessariamente originada por ela) parece ter constituído um fator significativo em processos de mudança cultural.

É necessário avaliar, entretanto, até que ponto estas modificações estariam unicamente relacionadas a um contato mais intensivo com portadores de cerâmica Uru, ou se não poderiam estar aliadas a um esgotamento que a ocupação de grupos Aratu apresentaria. Algumas evidências parecem apontar nesta direção, como a ausência de sítios a partir do século XII no que poderíamos denominar área “core” da ocupação Aratu (vale do Paranafba) e a separação, pelo teste de Cluster, dos sítios mais recentes do vale do Araguaia, que passam a fazer parte do Conjunto 4, representando a emergência de um novo grupo cultural.

Através destes dados sugerimos que as mudanças culturais identificadas por Wüst (1983) em sítios da região do Mato Grosso de Goiás não sejam resultado da expansão do colonizador europeu, mas sim que tenham ocorrido em período anterior, em consequência de contatos com grupos indígenas externos, levando a uma intensa dinâmica de mudança cultural.

A presença de material de contato em alguns sítios da região de Mato Grosso de Goiás sugere que estes grupos tenham persistido até o contato com o colonizador europeu (Wüst 1983). Entretanto, até o momento não existe qualquer datação segura posterior ao século XII. Parece possível supor, assim, que contaríamos com uma densidade muito menor de sítios nos últimos séculos antes da conquista. As próprias variações apresentadas pelos sítios mais recentes apontam nesta direção.

Assim, embora sítios da tradição Aratu continuem ocorrendo, apresentariam características notadamente diversas e, segundo nossa hipótese de trabalho, fariam parte de novas unidades culturais, não mais relacionadas ao contexto original de ocupação dos “agricultores do leste”.

Os agricultores de grandes aldeias do Oeste

A partir do século VIII-IX a região Centro-Oeste começa a ser paralelamente ocupada por outros grupos agricultores ceramistas, relacionados ao Conjunto 1 e, no contexto arqueológico regional, a parte dos sítios da tradição Uru.

Para a questão de sua origem é notável que, embora sítios da tradição Uru tenham sido localizados em diferentes porções do Centro-Oeste (alto/médio Araguaia, alto Tocantins e vale do São Lourenço), o Conjunto 1 reúne, do total de 19 sítios Uru analisados na presente pesquisa, os 13 que se localizam apenas do Araguaia para oeste (Figura 4). Estes 13 sítios reúnem, ainda, as datações mais antigas, além de sua cerâmica apresentar características gerais bastante homogêneas, bem como as porcentagens menos expressivas de atributos relacionados a indústrias externas. Dentro deste contexto, consideramos que os 13 sítios estariam relacionados ao início da ocupação dos agricultores do oeste, reunindo seus sítios originais. A ocupação ter-se-ia primeiramente processado, assim, na porção oeste da região estudada (onde pode ter persistido até próximo ao contato com o colonizador europeu), expandindo-se daí para a porção leste.

Ainda sobre a questão da origem, o fato de os sítios se localizarem predominantemente em áreas de cerrado e apresentarem assadores de cerâmica fez com que se inferisse uma subsistência apoiada na mandioca tóxica, com origem amazônica (Schmitz *et al.* 1982). De fato, tanto no alto Tapajós como no alto Xingu alguns sítios forneceram cerâmica com características gerais comparáveis, como bases em pedestal, trempes, forma com gargalo e assadores, bordas reforçadas, além da decoração com banho vermelho, motivos plásticos com predomínio da incisa e apliques zô e antropomorfos (Simões 1972; Dole 1961/62; Pardi 1995; Simonsen & Oliveira 1976; Becquelin 1973) favorecendo a possibilidade de deslocamentos humanos externos.

A região amazônica apresenta ainda vários sítios semelhantes (como no baixo/médio Tocantins e no alto/médio Guaporé), a maior parte relacionados à tradição Incisa-Ponteada (Miller 1983, 1992; Simões e Araújo Costa 1987; Simões e Gentil Corrêa 1987; Simões e Machado 1987, entre outros). Além disto, elementos característicos da indústria Uru são largamente utilizados em diferentes contextos etnográficos amazônicos (Andrade

Lima 1986), novamente remetendo à ocupação do norte brasileiro e região andina.

Também estudos recentemente desenvolvidos no alto curso do Xingu discutem que os sítios cerâmicos ali identificados e relacionados à fase Ipavu apresentam características tanto da Amazônia (com a fase Barrancóide/ Borda Incisa e tradição Incisa Ponteada) como da região Centro-Oeste (tradição Uru), revelando sua posição de transição cultural e ecológica e sugerindo comunicações culturais em ambos os sentidos (embora com maior tendência ao contexto amazônico – Heckenberger 1996). O autor afirma ainda que os grupos portadores de cerâmica Ipavu seriam os ancestrais dos Aruwak, correspondendo à expansão mais a leste da migração que tiveram, originária da região andina.

Assim, mesmo que ainda seja impossível precisar a relação de grupos agricultores do oeste com algum contexto específico de ocupação Amazônica/Andina, parece inegável que suas características remetam a esta macro-região. Os vales do Xingu e Tapajós teriam sido utilizados enquanto eixos de penetração, fornecendo a primeira evidência do uso dos rios enquanto vias de acesso para grupos ceramistas do Centro-Oeste.

O processo de formação destes grupos agricultores do oeste certamente envolve, por outro lado, uma série de contatos culturais mantidos com grupos caçadores-coletores locais. Pesquisas desenvolvidas por Wüst (1990) no vale do São Lourenço permitiram a discussão de algumas hipóteses. Analisando as modificações apresentadas pelos assentamentos de caçadores-coletores da área a autora verifica que, de início, ocupam exclusivamente ambientes de cerrado. Mas por volta de 600 a.C. passam a localizar seus assentamentos em ambientes de transição entre mata-cerrado (“ecotones”). Estas novas áreas, além de permitir, de um modo geral, o acesso a recursos diversificados, apresentam solos melhores e mais propícios ao cultivo. Além disto, os assentamentos apresentariam extensões bem maiores do que os padrões anteriores (chegando a 400m de eixo), possivelmente relacionado a um aumento demográfico. A partir daí, é discutida a hipótese de ter havido a passagem do estágio predador para produtor ainda em período acerâmico, ao redor de 600 a.C. Como não existem evidências de ter se desenvolvido um processo de domesticação de plantas no Centro-Oeste, a hipótese de adoção seria mais plausível, através de contatos inter-culturais (Wüst 1990: 377).

As camadas superiores destes sítios líticos de transição, datadas entre 250 a 800 d.C., apresentam baixa presença de fragmentos cerâmicos, certamente alóctones, indicando que estes agricultores incipientes teriam mantido, apenas bem mais tarde, contato com grupos ceramistas, com os quais iniciariam um processo de interação cultural. Os primeiros contatos estariam relacionados a grupos portadores da cerâmica Una, que de fato revelam, em diferentes pontos da região Centro-Oeste, sítios bastante antigos. Já os contatos com ceramistas Uru ocorreriam em período tardio, mais próximo de 800 d.C.

Assim, na hipótese de Wüst, no mínimo 850 anos antes de os grupos locais terem mantido contatos com grupos ceramistas (que tenham resultado na presença de artefatos nos sítios), teria ocorrido o que a autora define como pressões ecológicas e/ou demográficas responsáveis pela procura de uma diversidade de recursos entre os até então caçadores-coletores, que passam a adotar a prática do cultivo. Já daí para a formação das grandes aldeias teriam passado, aproximadamente, 1.400 anos (de 600 a.C. a 800 d.C.).

Sem dúvida, a passagem do estágio de predador/horticultor para o de agricultor de grandes aldeias pode ter-se dado de forma lenta e localizada, além de seus vestígios, pela própria antiguidade, serem mais dificilmente recuperáveis. Seria de esperar, entretanto, que este processo resultasse em um número maior de assentamentos, ou ao menos em evidências que caracterizassem melhor uma fase de mudança cultural que, estima-se, teria ocorrido dentro de um período cronológico tão extenso e abrangendo, em período mais recente, contingentes populacionais comparáveis aos apresentados pelas primeiras aldeias Uru (que reuniram uma média de 800 pessoas – Wüst 1990: 387-396).

Por outro lado, as grandes aldeias se estabeleceram em um ambiente notadamente diverso dos sítios líticos de transição. Enquanto estes últimos passaram a ocupar áreas de ecotone, cujos solos de melhor fertilidade favoreceriam a prática da horticultura, as aldeias Uru, ocupadas por grupos efetivamente agrícolas, se localizam em áreas de cerrado, com solos de fertilidade baixa a fortemente limitada. Se de fato os grupos agricultores de grandes aldeias fossem resultado do desenvolvimento de grupos horticultores locais, seria de esperar que seguissem um padrão de distribuição semelhante, e não que remetesse ao que poderia ser interpre-

tado com um retrocesso, uma vez que voltariam a ocupar um ambiente menos favorável ao cultivo.

Um fator que, a nosso ver, torna ainda mais complexa a discussão, é referente à própria morfologia das grandes aldeias, diretamente relacionada a toda uma organização sócio-política, que abrange esferas culturais de transformação bem mais complexa do que introduções pontuais de caráter tecnológico e/ou econômico. Mesmo que uma complexificação sócio-política tenha-se desenvolvido mais tarde, como resultado de um processo evolutivo dos próprios grupos que ocupavam as aldeias, o fato de se contar, desde o início, com assentamentos obedecendo a uma morfologia tão específica permite, a nosso ver, pressupor a existência de uma estrutura social semelhante, não identificada nos chamados sítios de transição.

O problema, certamente, exige maiores investigações, principalmente com a expansão de pesquisas sistemáticas para novas áreas ao norte. Nosso interesse recai, entretanto, na intensidade dos contatos culturais que ocorreram entre os grupos locais (sejam caçadores-coletores, sejam horticultores, sejam um misto de ambos) e ceramistas agricultores do norte. Segundo Wüst, os ocupantes das aldeias Uru corresponderiam a uma evolução dos horticultores locais, embora possam ter mantido contatos culturais e recebido uma série de influências de origem externa. Estas influências se restringiriam, entretanto, à circulação de objetos e/ou informações, uma vez que dificilmente se estaria diante de um processo migratório (Wüst 1990: 381).

Entretanto, é notável que tenham prevalecido, em praticamente todos os níveis, características não reconhecidas em sítios do Centro-Oeste, sugerindo uma supremacia de grupos externos. De fato, se considerarmos os itens sugeridos por Rouse (1986) para avaliar a hipótese de migração, a resposta seria positiva. A ocupação dos agricultores do oeste traz expressivas mudanças em relação aos padrões culturais manifestados pelos originais habitantes da região (grupos caçadores/coletores/horticultores e grupos ceramistas iniciais), na medida em que introduz uma indústria cerâmica não apenas absolutamente diversa em seus atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos, mas também nas atividades a que se relacionam (beneficiamento da mandioca amarga e grande importância na estocagem/armazenamento de alimento). Modifica-se também o ambiente a ser explorado (que passam de áreas

de ecotone para áreas de cerrado), a morfologia dos sítios (extensas aldeias anulares), além de todos os aspectos sociais, políticos e simbólicos que possam representar.

Assim, embora certamente tenha havido um processo de integração entre os dois grupos, estar-se-ia lidando com um fenômeno que teria um grau mais elevado de influências externas, certamente engrossado por consideráveis levas migratórias. Estaríamos, portanto, mais próximo da primeira hipótese defendida por Wüst, de que “uma certa continuidade de tradição lítica anterior, presente nas aldeias destes agricultores, sugere um processo inicial de difusão cultural, mas que provavelmente foi acompanhado por uma suplantação de um novo contingente étnico e cultural, apreensível não só a partir de um aparente aumento demográfico significativo, mas também pela presença de um novo quadro tecnológico e de uma nova tradição das representações coletivas nos abrigos” (Wüst 1989: 164).

A origem externa destes agricultores do leste provavelmente está relacionada à região amazônica (talvez vinculada com a expansão de grupos proto-Caribe), na medida em que parece haver, como vimos nas páginas anteriores, uma continuidade na distribuição de seus assentamentos, além das características gerais da indústria cerâmica estarem presentes em diferentes contextos desta região. Estes elementos não se mostram suficientes, entretanto, para encaminhar a discussão de forma mais adequada, uma vez que ainda não se desenvolveram estudos comparativos específicos entre ambos os contextos e, principalmente, que considerem uma maior variedade de atributos culturais. A princípio, os grupos etnográficos da Amazônia apresentam sistemas sociais e padrões de estabelecimento muito diferentes daqueles do Centro-Oeste. Os dados arqueológicos são ainda frágeis, embora grupos como os Bakairi (Caribe) já nas primeiras fontes etnográficas do século passado apresentam aldeias circulares e, portanto, comparáveis aos sítios do Centro-Oeste.

De qualquer forma, não é possível conceber que tenha ocorrido uma simples transplantação de grupos do norte para o Centro-Oeste e, portanto, que apresentem modelos idênticos de ocupação. Processos migratórios pressupõem uma série de ajustes culturais, quer relacionados a um novo meio ambiente a ser explorado, a um novo contexto de relações extra-tribais, ou mesmo a um novo posicionamento dos indivíduos dentro de seu próprio

grupo, considerando o número e posição social daqueles que migraram, bem como as condições que geraram o processo. Assim, mesmo que grupos migrantes possam guardar semelhanças culturais com suas origens, irão constituir um reflexo de adaptações a condições locais específicas.

Pesquisas genéticas sem dúvida forneceriam dados seguros e os grandes avanços conseguidos nos últimos anos já permitem vislumbrar suas contribuições. O estudo de N. Black, por exemplo, mostra que grupos Kayapó do Norte (localizados no vale do Araguaia) apresentam relações genéticas com todas as demais populações amazônicas, sejam Caribe, Aruak ou Tupi (Black 1991). Mostra-se imprescindível, portanto, expandir as possibilidades de investigação do problema, de forma a obter subsídios que permitam definir hipóteses mais concretas de trabalho.

Tendo como território original de ocupação a porção oeste, o início da ocorrência de grandes aldeias ter-se-ia dado entre os séculos VIII-IX (a data mais antiga é de 800 d.C para MT-SL-29), permanecendo ao menos até o século XIV (a data mais recente é de 1.360 d.C. para MT-SL-24 – Wüst 1990).

Os elementos cerâmicos que remetem a indústrias externas podem ser divididos em dois grupos. O primeiro reúne 11 sítios localizados a oeste do Araguaia (siglas MT-GA, MT-RV e MT-SL), que podem apresentar raros elementos relacionados à indústria Tupiguarani (vasilhames de contorno complexo, ombros, antiplástico cariapé + caco moído), além de artefatos com antiplástico cauxi (sugerindo contatos com a região amazônica/andina). O segundo grupo reúne os 2 sítios localizados a leste do Araguaia (sigla GO-JU), que apresentam porcentagens um pouco mais elevadas de elementos Tupiguarani, além de maior ocorrência de elementos que também são característicos da tradição Aratu (maior presença de vasilhames diretos e diminuição na capacidade dos infletidos, por exemplo), sugerindo variações nas atividades desenvolvidas (substituição do cultivo da mandioca pelo milho). Isto já foi, inclusive, apontado por Wüst (1990: 368) para os sítios do vale do São Lourenço, atribuído pela autora a aumento na densidade demográfica regional. O papel que cada um destes elementos (contato com grupos externos e necessidade de aumento na produção de alimentos) teria desempenhado no processo de mudança no sistema de abastecimento ainda permanece, entretanto, em aberto.

No caso dos elementos que remetem à indústria Tupiguarani, não foi possível identificar a presença, nos sítios, de vasilhames inteiros, parecendo ocorrer apenas emprego aleatório e ocasional de diferentes traços tecnológicos, morfológicos e estilísticos, sugerindo um contato restrito ao fluxo de informações e/ou pessoas. Por outro lado, as interferências apresentadas em sítios do São Lourenço indicaram porcentagens tão elevadas (até 90,0%) que levaram à definição de uma classe distinta de sítios, a Uru/Tupiguarani (Wüst 1990).

Evidências de contato com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani foram, ainda, largamente registradas em sítios de outras áreas. Na margem direita do Araguaia o sítio GO-JU-36 apresenta 3 manchas de material, sendo uma relacionada à indústria Tupiguarani, uma à Uru e uma à Aratu. O sítio GO-JU-05 apresenta uma situação semelhante: das 5 manchas, 4 seriam Uru e uma Tupiguarani. Estas evidências parecem apontar para um processo de contato cultural diverso do observado nos sítios do Conjunto 1 e que mereceria estudos mais aprofundados, inclusive definindo a relação que estes diferentes vestígios apresentam entre si.

A presença de elementos externos parece ter obedecido, segundo Wüst (1990: 394-6), a uma divisão hierárquica entre os assentamentos, onde as aldeias maiores podem ter figurado como uma “praça central” incipiente, para onde acorreria um maior fluxo de informação, inclusive de natureza extracultural. O estudo da distribuição de elementos externos na cerâmica dos grupos agricultores do oeste parece permitir, portanto, o desenvolvimento de análises relativas à hierarquia embutida nos processos de interação cultural (para uma discussão do tema vide Schortman & Urban 1987: 63-65).

Os assentamentos dos agricultores do oeste apresentam consideráveis variações na localização, implantação e morfologia, que permitem dividi-los em 2 grupos: a oeste e a leste do Araguaia. Dos 11 sítios localizados a oeste, 1 abrigo e 1 sítio a céu aberto permitem inferir locais de atividade específica. Já os 2 sítios a leste estão em área de maior diversidade ambiental, apresentam variações de implantação (ocorrendo em porções notadamente mais baixas da paisagem) e possivelmente variações morfológicas (com 1 sítio em forma de ferradura e 1 sítio alongado, em oposição aos demais sítios anulares do Conjunto).

Assim, se por um lado os sítios parecem compartilhar de um quadro de artefatos extremamente

semelhante, as variações morfológicas, de implantação e localização na paisagem sugerem variações internas ao assentamento. Esta situação também foi reconhecida para os sítios do vale do São Lourenço, interpretada como indicadora da presença simultânea de grupos locais distintos, relacionada a um processo de complexificação sócio-política (Wüst 1990: 368, 383). Com isto os grupos agricultores do oeste apresentam diversidades regionais bem maiores que os grupos agricultores do leste (cerâmica Aratu), certamente envolvendo comportamentos territoriais distintos.

Por outro lado, as variações no padrão de assentamento verificadas nos sítios a leste do Araguaia talvez constituam os primeiros indicadores de transformações mais amplas, que se intensificam ao longo do tempo e que estão relacionadas a uma grande intensidade de contatos culturais mantidos, principalmente, com grupos ceramistas Aratu. Esta situação teria levado, por volta do século X-XI, a profundos processos locais de mudança cultural, através da fusão de grupos originalmente relacionados a diferentes indústrias, resultando na emergência de novo(s) grupo(s) cultural(ais).

Assim, da mesma maneira como se definiu para os sítios relacionados à tradição Aratu, também os da tradição Uru não formam uma única unidade, ao mesmo tempo que parecem ter passado por um período de esgotamento interno. Todavia, enquanto o esgotamento dos grupos a leste parece ter ocorrido por volta dos séculos X-XI, o dos grupos a oeste teria sido posterior. Isto porque as evidências sugerem, em primeiro lugar, que os agricultores do oeste teriam constituído o elemento invasor e dominante no processo de fusão com os agricultores do leste no vale do Araguaia; em segundo lugar, porque somente próximo ao período colonial seus remanescentes parecem ter de fato se extinguido, participando do processo de formação dos grupos Bororo. Assim, é possível que os agricultores do oeste tenham persistido ainda alguns séculos ao menos na porção mais central do atual Estado do Mato Grosso, uma vez que nas margens do Araguaia teriam participado, já por volta do século X, da formação de novos grupos culturais.

A ocupação de ceramistas Tupiguarani

A ocupação de grupos Tupiguarani na região Centro-Oeste sem dúvida se processou em proporções bastante inferiores às demais: enquanto seus

sítios correspondem a 7,8% do total, os agricultores da tradição Aratu ficam com 25,8% e os da tradição Uru com 21,8%. Seus assentamentos apresentam, ainda, características bastante heterogêneas, tendo sido inclusive por vezes classificados como sítios intra-componenciais (Tupiguarani/Aratu, Tupiguarani/Uru, Tupiguarani/Bororo). O próprio Conjunto 3 reúne apenas 1 sítio originalmente associado à tradição Tupiguarani, 2 Tupiguarani/Uru, 2 Aratu e 1 sítio em aterro, possivelmente relacionado ao grupo Guató.

Estes sítios se distribuem em diferentes porções do Centro-Oeste (Figura 5), apresentando uma série de variações ambientais. Os sítios diferem, também, quanto à implantação e morfologia, além de apresentarem uma cerâmica fortemente associada a outras indústrias, como os 2 sítios Tupiguarani/Uru e os 2 sítios Aratu.

A maior concentração de sítios Tupiguarani atualmente conhecida está no vale do São Lourenço (14 sítios). Apresentam fortes evidências de contatos culturais, sendo que 6 deles (ou 42,7%) foram classificados como intra-componenciais.

O sítio GO-JA-07, localizado no vale do Paranaíba, foi o que, dentre os analisados, apresentou menos evidências de contatos externos, parecendo representar o mais “puro” do Conjunto. Infelizmente não foi datado, mas é possível que se relacione a um momento inicial da ocupação Tupiguarani e, neste sentido, atestaria ao menos uma das rotas de penetração no Centro-Oeste.

Quanto aos sítios Tupiguarani/Uru (MT-SL-03 e MT-RN-22) e os sítios inicialmente relacionados à tradição Aratu (GO-CA-05 e GO-JU-06), apresentam uma série de elementos relacionados a uma ou outra tradição. Devemos notar, ainda, que em MT-SL-03 os níveis estratigráficos inferiores indicam uma ocupação de ceramistas Tupiguarani e Uru, enquanto nos níveis superiores tem-se apenas ocupação Tupiguarani (Wüst 1990). Já GO-JU-36 é um sítio formado por concentrações de material Uru e Tupiguarani (Schmitz 1975).

Outros sítios do Centro-Oeste apresentam situações semelhantes. Em GO-JU-05, das 5 concentrações de material identificadas, 4 foram relacionadas à tradição Aratu e 1 à Tupiguarani (Schmitz *et al.* 1989). Estes mesmos autores discutem a possibilidade de se contar com um processo bastante avançado de miscigenação (*op. cit.*: 7). Em nem todos os sítios foi possível realizar investigações em profundidade, confirmando se

esta diversidade de estruturas e evidências esteja de fato relacionada a uma mesma ocupação. Entretanto, ao menos nos sítios MT-SL e MT-RN não parece haver dúvidas de que se tratam de estruturas intra-componenciais.

Embora tais sítios não sejam exclusividade da tradição Tupiguarani, sem dúvida é nela que alcança uma das porcentagens mais elevadas (33,3%), só superada pelos sítios Bororo (com 37,5%). Porcentagens bem inferiores de sítios intra-componenciais ocorrem na tradição Uru (8,9%) e Aratu (2,4%), na maioria das vezes associados com os próprios ceramistas Tupiguarani.

Assim, embora alguns sítios do Centro-Oeste devam constituir assentamentos essencialmente Tupiguarani (como é o caso de GO-JA-07), esta ocupação estaria fortemente relacionada a processos diversificados de fusão com unidades sócio-culturais diversas. As raras datações disponíveis não permitem definir se estas situações estão relacionadas a períodos distintos ou não, embora alguns autores sugiram que os sítios intra-componenciais façam parte de um momento mais recente (Schmitz *et al.* 1989).

Esta discussão esbarra no problema da própria origem dos ceramistas Tupiguarani. Em primeiro lugar, devemos notar que os sítios enquadrados na tradição Tupiguarani se localizam apenas na porção centro-sudeste (baixo Paranaíba, alto Araguaia, vale do São Lourenço, médio Paraná e alto Paraguai – Figura 5). Variações observadas na indústria cerâmica parecem poder distinguir diferentes eixos de contato. Os assentamentos do Estado de Goiás e Mato-Grosso que apresentam vasilhames com decoração policrômica (siglas GO-JA, GO-CP e MT-GA) poderiam ser enquadrados na tradição Polícroma Amazônica, sub-tradição Pintada (Fensterseifer & Schmitz 1975). Já os sítios do Mato Grosso com sigla MT-SL e MT-RN (localizados no vale do São Lourenço) apresentam algumas variações, como vasilhames de menores proporções e baixa porcentagem de peças pintadas, que remeteriam ainda a um contexto diverso, possivelmente relacionado, segundo Wüst (comunicação oral) à sub-tradição “Pintada inicial”, representando os primeiros grupos que se deslocaram para o sul. Por outro lado, os assentamentos do Mato Grosso do Sul (siglas MS-IV e MS-CP), com decoração predominantemente plástica e presença de urnas funerárias, foram relacionados à sub-tradição Corrugada, mantendo fortes relações com o con-

texto sul-brasileiro (Oliveira 1995: 41; Rogge & Schmitz 1994/5: 173; Chmyz 1974).

Segundo Brochado (1991), a sub-tradição Pintada (que envolve a Pintada Inicial) e a Corrugada corresponderiam a duas extensões da tradição Polícroma Amazônica, produzidas por dois grupos distintos (os Guarani e os Tupinambá), que apresentam histórias marcadamente diversas. A tradição Polícroma Amazônica teria como data mais recuada 1.500 a.C., com origem na Amazônia Central, próximo à desembocadura do Madeira (Brochado & Lathrap 1982). O primeiro desmembramento, relacionado a grupos Guarani, ter-se-ia dado no sentido norte-sul, por volta do ano 100 d.C. A rota seguiria rio acima pelo Madeira e Guaporé, passando para o Paraguai, descendo por este e pelo Paraná. Subiriam, então, ao longo da costa até certa distância ao norte. Seriam características destes grupos a cerâmica com decoração plástica (com predomínio do corrugado) e a presença de urnas funerárias. O segundo desmembramento, relacionado a grupos Tupinambá, teria seguido em direção ao nordeste por volta do ano 500 d.C., descendo pela faixa litorânea até se encontrar com os grupos Guarani ao sul de São Paulo. Sua cerâmica se caracterizaria pela presença de decoração pintada policrômica (Brochado 1984). Assim, ainda segundo Brochado (1991: 86), o Centro-Oeste “teria sido rodeado pelo movimento de pinças da expansão colonizadora dos Guarani e dos Tupinambá”.

De fato, quando analisamos a distribuição da cerâmica Tupiguarani pelo território brasileiro, vemos a sub-tradição Pintada rodeando a região Centro-Oeste pelas porções nordeste, leste e sudeste. Já a sub-tradição Corrugada a rodeia pelo flanco norte e oeste, ocorrendo no Pará (com as fases Itacaiúnas e Carapanã), no Paraguai (em Asunción e no rio Ipané) e na Argentina (junto ao rio Paraná, com a fase Yaguari). Mais ao sul, conta-se com uma série de fases definidas para o Paraná e Rio Grande do Sul (Scatamacchia 1981).

Dentro deste contexto, os assentamentos do Mato Grosso do Sul estariam relacionados à primeira grande expansão da tradição Polícroma Amazônica, que corresponderia à sub-tradição Corrugada. As únicas datas disponíveis remetem ao século XII de nossa era. Uma vez que aos grupos portadores de cerâmica Tupiguarani é sugerido um grande aproveitamento da rede fluvial (Schmitz *et al.* 1981/82), provavelmente a rota de penetração corresponderia aos rios Guaporé e Juruena, passan-

do ao Paraguai. Constituiria, assim, a segunda ocupação ceramista a utilizar preferencialmente o transporte fluvial como via de penetração.

Por outro lado, os sítios a leste do Araguaia, que apresentam predomínio de cerâmica policrômica, estariam relacionados à segunda expansão da tradição homônima, formados por grupos Tupinambá. Uma vez que toda a borda leste do país apresentava ocupação Tupiguarani, deveriam ter ocorrido rotas no sentido leste-oeste, através das quais teriam alcançado a região Centro-Oeste. Por fim, os sítios do vale do São Lourenço talvez representem uma terceira frente de penetração Tupiguarani. Os dados se mostram, entretanto, insuficientes para sugerir sua rota de penetração.

Uma vez que se aceite a idéia de que a origem de toda esta ocupação tenha sido a Amazônia Central, seria necessário analisar a razão de terem sido identificados sítios apenas na porção centro-sul do Centro-Oeste, quando eventualmente poderiam ocorrer desde a porção norte, em maior quantidade e com datações mais recuadas. Sem dúvida, toda a arqueologia da porção norte é praticamente desconhecida. Além do mais, no norte do Mato Grosso conta-se com uma série de sítios com filiação pouco clara (sítios cemitério no vale do Paraguai, sítios a céu aberto no alto Xingu, Juruena, Aripuanã e Guaporé), alguns deles apresentando características que parecem, de fato, remeter à tradição – Tupiguarani (Pardi 1995). Por outro lado, as intensas pesquisas desenvolvidas na porção central do Estado de Goiás sugerem, ao menos, uma ocorrência extremamente discreta de assentamentos Tupiguarani (podendo ser inexistente em determinadas áreas, como o Mato Grosso de Goiás). Torna-se necessário, assim, compreender a razão de eles não terem, durante 4 séculos, ocupado a região nos mesmos moldes dos grupos anteriores, como os agricultores do leste e do oeste, ou seja, através da propagação de assentamentos.

Schmitz & Barbosa (1985: 5) interpretam esta ocupação esparsa como resultado da dificuldade dos grupos em ocuparem um espaço fortemente dominado por agricultores das tradições Aratu e Uru. Entretanto, uma vez que o sítio Tupiguarani mais antigo remonta ao século IX (MT-SL-03 – Wüst 1990) e que uma presença mais intensiva de assentamentos de ceramistas Uru e Aratu só se daria por volta dos séculos X-XI, não haveria *a priori* impedimentos para uma instalação mais expressiva de assentamentos Tupiguarani.

O esquema apresentado por Brochado parece se adequar bastante bem a esta discussão. Segundo ele, os deslocamentos de grupos ceramistas Tupiguarani teriam rodeado a região Centro-Oeste pelo fato de apresentarem um sistema de agricultura intensiva que só poderia ser duplicado nas férteis várzeas ao longo dos maiores rios do interior e, em menor escala, no curso inferior dos rios costeiros (Brochado 1991: 86). O ambiente de cerrado, onde predominam solos de fertilidade baixa a fortemente limitada, talvez não tenha exercido atração. O fato de muitos sítios Tupiguarani no Centro-Oeste serem em abrigo levou ainda alguns autores a considerar a hipótese de aproveitamento temporário (Fensterseifer & Schmitz 1975), talvez relacionado a assentamentos localizados nas regiões circunjacentes. Os argumentos são ainda, entretanto, bastante genéricos, principalmente se considerarmos que a ocupação de grupos Tupiguarani estaria relacionada ao menos a 3 incursões independentes, que se processaram em porções geográficas distintas e que, portanto, devem apresentar especificidades próprias.

Por outro lado, ao longo de toda a ocupação Tupiguarani (do século IX até pelo menos o XV-XVI) seus integrantes teriam tido acesso generalizado à maioria dos demais assentamentos ceramistas da região, através da circulação de artefatos e de certos elementos tecnológicos, morfológicos e estilísticos de sua indústria cerâmica.¹ Indicaria uma rede de relações e uma possibilidade de acesso não observadas para qualquer outro grupo cultural da época. Mesmo que as demais ocupações ceramistas tenham mantido diferentes formas de contato entre si, não alcançaram uma distribuição com a amplitude da Tupiguarani. Ainda que em diferentes escalas seus vasilhames parecem circular entre quase todos os grupos ceramistas, seus elementos são reproduzidos por todos e nos mais diferentes períodos de suas histórias de ocupação.

No que se refere aos grupos ceramistas iniciais, dos sítios reunidos no Conjunto 5 apenas os localizados no alto Tocantins (sigla GO-NI) indicam a presença de pequenos vasilhames Tupiguarani,

bem como a adoção de alguns de seus elementos tecnológicos e decorativos. Para os agricultores do leste, as relações parecem ter sido mais intensas no período inicial/médio da ocupação (séculos VIII-IX). Seus sítios apresentam tanto vasilhames inteiros Tupiguarani, como a adoção de alguns de seus elementos tecnológicos e morfológicos. Já os agricultores do oeste ter-se-iam mantido mais fechados. Não foi possível definir, com segurança, a presença em seus sítios de artefatos inteiros Tupiguarani, mas apenas de certos elementos tecnológicos, morfológicos e decorativos e em proporções reduzidas.

Como apresentaremos mais adiante, também os Conjuntos 4 e 6 indicam contatos com ceramistas Tupiguarani. No Conjunto 4, alguns sítios apresentaram artefatos inteiros, bem como a adoção de elementos tecnológicos e morfológicos. Já no Conjunto 6, os grupos ceramistas Tupiguarani teriam participado, segundo Wüst (1990), de um processo de fusão cultural, dando origem aos Bororo etnograficamente conhecidos.

A partir de toda esta discussão parece-nos plausível inferir que, se os grupos portadores de cerâmica Tupiguarani deixaram certamente poucos, fugazes e heterogêneos assentamentos, constituem os grupos que mais estiveram presentes em toda a história da ocupação ceramista pré-colonial do Centro-Oeste. Ainda é difícil definir as causas destas manifestações, bem como o grau de interferência que tiveram no tempo e no espaço. De qualquer forma estes ceramistas mantiveram uma considerável via de acesso entre todos os grupos ceramistas regionais, através de um constante fluxo de objetos e informações. É possível que os ceramistas Tupiguarani tenham tido acesso sincrônico a grupos que, entre si, não fornecem evidências de contato (como grupos ceramistas da tradição Una com ceramistas Aratu, grupos ceramistas Aratu com Bororo, por exemplo).

Este conjunto de relações permite inferir a existência de uma complexa rede de contatos extra-culturais alavancada pelos ceramistas Tupiguarani. Por outro lado, o fato de os 6 sítios reunidos no Conjunto 3 remeterem a situações de contato com portadores de indústrias cerâmicas distintas, além de apresentarem, também, significativas variações na morfologia dos assentamentos e na própria indústria cerâmica associada, parecem apontar para uma grande diferenciação interna, bem como uma elevada permeabilidade a interferências

(1) É possível que esta interferência seja ainda mais antiga, uma vez que o sítio GO-CA-03, relacionado aos agricultores do leste e com data de 171 d.C., também apresenta elementos Tupiguarani. Tratando-se, entretanto, de datação isolada, sua análise necessita de maior embasamento.

as externas, sugerindo uma diversificação cultural e um isolamento de grupos locais no tempo e/ou no espaço.

Embora em caráter ainda absolutamente exploratório, seria possível sugerir que a ocupação de ceramistas Tupiguarani se caracterize pela interação. Entretanto, constituem os grupos que mais parecem ter mantido sua identidade: mesmo tendo interagido, por exemplo, com grupos ceramistas Aratu e Uru, não participaram de seu processo de fusão, voltando a interagir, mais tarde, com o grupo cultural resultante. O próprio fato de 33,3% dos assentamentos Tupiguarani constituírem sítios intra-componenciais fornece novo argumento: embora representem um fenômeno bastante forte de interação (uma vez que pressupõe a convivência em uma mesma aldeia de indivíduos portadores de indústrias cerâmicas distintas), mantém a identidade de seus participantes. Até mesmo no caso da formação do grupo Bororo, que contaria com a participação do elemento Tupiguarani, é nítida a divisão que os sítios analisados apresentam em relação à cultura material, sugerindo que cada grupo (Bororo e Tupiguarani) teria mantido, durante certo período, sua tradição cerâmica, e possivelmente também o conjunto de atividades e representações a que se relacionam.

A ocupação de grupos Tupiguarani no Centro-Oeste parece ser particularmente favorável, assim, para um estudo mais detalhado de interação, que necessariamente deverá abordar problemas referentes à sua intensidade e volume, ao tamanho da rede de troca estabelecida e ao próprio significado dos bens que circulam (temas explorados por autores como Earle e Ericson 1977, 1982; Bankes 1985; Schortman 1989, Van der Leeuw 1984, entre outros).

Datas obtidas no alto Araguaia e no baixo Paranaíba (séculos XIV-XV de nossa era – Schmitz 1976/77) indicam que grupos Tupiguarani teriam permanecido em certas áreas até o contato com o elemento europeu. Já ao menos em 2 outras áreas (vale do Araguaia e vale do São Lourenço) as evidências parecem apontar para um desaparecimento de seus sítios, provavelmente relacionados a processos locais de mudança cultural. No vale do Araguaia, a ocorrência de sítios intra-componenciais Tupiguarani/Aratu/Uru indicaria, conforme discussão acima, um provável fenômeno de incorporação, uma vez que as estruturas dos sítios e o processo mútu-

de empréstimos decorativos e tecnológicos entre as tradições parece excluir a possibilidade de reocupação dos locais (Fensterseifer & Schmitz 1975; Schmitz & Barbosa 1985). Já no vale do São Lourenço, a presença de sítios intra-componenciais das tradições Tupiguarani/Bororo indicariam possível processo de fusão (Wüst 1990).

Resta-nos discutir as possíveis relações entre o sítio aterro Capivara e a ocupação de grupos Tupiguarani. Nas páginas anteriores foi possível detectar uma série de características específicas que este sítio traz, indicando uma situação bastante diversa dos demais casos reunidos no Conjunto 3. Difere nas características ambientais apresentadas pela área onde está localizado (zona do pantanal), difere na morfologia (sítio em aterro) e na filiação cultural atribuída (possivelmente ao grupo Guató). Quanto à cerâmica, embora apresente elementos característicos da indústria Tupiguarani, a ausência de vasilhames de contorno complexo, o predomínio quase absoluto de bases convexas e a alta porcentagem de antiplástico concha moída constituem modificações significativas. Por outro lado, enquadra-se bastante bem nas características gerais apresentadas pela cerâmica dos aterros do Pantanal (Oliveira 1995).

O quadro etnográfico a que estes aterros se relacionam se mostra, entretanto, bastante complexo, tornando difícil desenvolver a questão da origem de seus ocupantes. Tanto do ponto de vista cultural quanto econômico a região do Chaco é uma zona de transição entre a planície da bacia amazônica, a planície argentina e a zona sub-andina. As culturas de todas estas regiões ter-se-iam misturado no Chaco, resultando em considerável densidade demográfica e onde ocorreriam intensas influências e conflitos culturais (Carvalho 1992; Susnik 1972; Métraux 1944). Alguns autores discutem a hipótese de os grupos Guató serem relacionados ao tronco lingüístico Macro-Gê (Schmidt 1912; Oliveira 1993, 1995). Estes problemas necessitam de maior fundamentação, tanto no campo da Arqueologia como da Etnologia. De qualquer forma, parece que envolvem um quadro de ocupação pré-colonial específico e diverso das demais porções analisadas no Centro-Oeste. É possível que grupos ceramistas Tupiguarani tenham participado da origem multi-cultural sugerida para a ocupação do Chaco. Mesmo porque esta área estaria dentro da rota migratória sugerida por Brochado (1984) para o deslocamento dos grupos Guarani.

Os agricultores do Centro-Norte

Como vimos anteriormente, os Conjuntos 1 e 2 reúnem sítios com características bastante específicas, respectivamente relacionados às indústrias cerâmicas Uru e Aratu. Apresentam suas datações mais antigas, além de se localizarem em porções geográficas bem definidas e adjacentes às suas prováveis regiões de origem. Já o Conjunto 4, embora também reúna sítios inicialmente relacionados à tradição Uru (6 deles, ou 66,6%) e à Aratu (22,2%), além de 1 sítio da tradição Una (11,1%), apresenta um quadro notadamente diverso. Em primeiro lugar, seus sítios estão relacionados a um período mais recente das ocupações dos grupos portadores de cada uma destas indústrias, entre os séculos XIII e XV. Em segundo lugar, se para o Conjunto 1 define-se uma área de ocupação do Araguaia para oeste e, para o Conjunto 2, do Araguaia para leste, os sítios do Conjunto 4 ocorrem preferencialmente no que poderíamos denominar “área de contato” (o alto/médio Araguaia e o alto Tocantins – 5 sítios). Podem localizar-se ainda no território originalmente exclusivo dos agricultores do oeste, no Mato Grosso (2 sítios) e no território originalmente exclusivo dos agricultores do leste, no baixo Paranaíba (2 sítios – Figura 4).

A ocupação destas áreas remete a uma maior diversidade ambiental. A implantação dos sítios na paisagem se dá de forma diversificada, indicando o aproveitamento de locais mais íngremes. Embora mantendo a morfologia anular, são estruturas consideravelmente menores, tendo um reduzido número de concentrações de material. Além disto, sua indústria cerâmica pode ser definida enquanto um misto de elementos do Conjunto 1 (Uru) e do Conjunto 2 (Aratu), reunindo sítios com diferentes níveis de variação.

Da mesma forma como alertamos para o Conjunto 3 (Tupiguarani), seria necessário contar com investigações estratigráficas para definir que a natureza intra-componencial de seus vestígios esteja indubitavelmente relacionada a uma mesma ocupação. Entretanto, ao menos os sítios do vale do Araguaia e os do São Lourenço sofreram investigações mais detalhadas, dando suporte à discussão que se segue.

As informações sugerem que o Conjunto 4 retrate a emergência de novos grupos culturais, aqui denominados “agricultores do centro-norte” (em oposição aos “agricultores do leste”, relacionados

aos ceramistas Aratu iniciais, e aos “agricultores do oeste”, relacionados aos ceramistas Uru iniciais). A origem dos agricultores do centro-norte parece estar ligada a profundas modificações ocorridas tanto entre os grupos portadores da cerâmica Aratu como da Uru, aproximadamente a partir do século X.

Conforme Wüst (1983) e segundo análises desenvolvidas para a região do Mato Grosso de Goiás, os grupos ceramistas Aratu apresentariam, nos sítios relacionados aos níveis temporais 3 e 5 (século X-XI em diante) uma série de movimentações nos assentamentos, como resposta a pressões de grupos externos, exercidas nas fronteiras territoriais a norte e oeste (vales do Tocantins e Araguaia). Um aumento populacional interno, agravado pela dificuldade de expansão territorial, teria levado a constantes deslocamentos, acompanhados por cisões e junções de comunidades, bem como um aproveitamento mais generalizado do meio físico, refletido na ocupação de ambientes diversos (como o cerrado), além da utilização mais intensiva de seus territórios, através da implantação de sítios em morros com vertentes anteriormente não aproveitadas.

A redução no tamanho dos assentamentos em períodos recentes foi relacionada por Wüst (*op. cit.*) a um considerável declínio populacional devido ao contato com a sociedade nacional. Nossos estudos indicam, entretanto, que o processo teria iniciado em período anterior, a partir de uma grande intensidade de contatos extra-tribais, embora possam ter se intensificado com a chegada do colonizador europeu.

Já para os grupos de cerâmica Uru, pesquisas desenvolvidas no vale do São Lourenço indicam, segundo Wüst (1990), um período de tensão relacionado aos sítios reunidos nos componentes U2 e U4, cujas datações também remetem do século X em diante. Segundo a autora, esta ocupação teria passado por um processo de profundas transformações internas, definindo a formação do que denomina “comunidades locais” e que teriam, inclusive, alcançado diferentes níveis de complexificação sócio-cultural (Wüst *op. cit.*: 368, 383).

As mudanças culturais por que cada grupo teria passado sugerem, assim, uma natureza diversa: enquanto os ceramistas Aratu modificam seus padrões a partir de estímulos externos, os ceramistas Uru indicariam transformações decorrentes de um desenvolvimento interno. É possível que

isto se deva, entretanto, à própria localização geográfica das áreas estudadas. Enquanto o quadro sugerido para os ceramistas Aratu se baseia no estudo de uma área justamente no limite territorial com os ceramistas Uru (e portanto muito mais vulnerável a apresentar seus impactos), o quadro sugerido para os ceramistas Uru se baseia no estudo de uma área “core”, no centro do Mato Grosso, onde talvez estas evidências de contato apresentassem-se com menor intensidade. Neste sentido, seria interessante contar com estudos semelhantes em áreas “core” de ceramistas Aratu, que pudessem fornecer dados sobre transformações culturais amplas por que o grupo tenha passado.

Por outro lado, é notável que não foram identificados sítios da tradição Aratu a oeste do Araguaia, enquanto que existem sítios da tradição Uru a leste. Em outras palavras, os ceramistas Uru teriam não apenas mantido contato com ceramistas Aratu no vale do Araguaia, mas também instalado alguns assentamentos em meio à área “core” Aratu (o vale do Paranaíba), revelando uma intromissão não observada em seu próprio território. Além disto, as indústrias cerâmicas relacionadas ao Conjunto 1 (Uru originais) e Conjunto 2 (Aratu originais) indicam diferentes permeabilidades à intromissão de elementos externos: enquanto os ceramistas Uru se mostram mais fechados, com poucos sítios apresentando elementos Aratu, estes últimos foram, desde o início, mais permeáveis. A partir de todos estes dados seria possível sugerir que os ceramistas Uru teriam correspondido muito mais ao elemento “dominador”, enquanto os ceramistas Aratu ao elemento “dominado”.

Esta situação parece encontrar reflexo, ainda, nas características apresentadas pela indústria cerâmica do Conjunto 4. O predomínio de vasilhames diretos, bem como a rara presença de pratos assadores de mandioca indicariam um abastecimento baseado no milho, remetendo ao contexto da ocupação de ceramistas Aratu. É difícil identificar, entretanto, se isto se deve ao fato de, na formação dos “grupos agricultores do centro-norte”, terem predominado as atividades econômicas desenvolvidas pelos ceramistas Aratu, ou se a adoção do milho também já teria ocorrido entre os Uru, como sugere o trabalho de Wüst no vale do São Lourenço (1990). Neste caso, o abastecimento baseado no milho representaria uma conjunção de fatores e não o predomínio de padrões econômicos dos ceramistas Aratu.

Por outro lado, a indústria cerâmica do Conjunto 4 apresenta uma supremacia de elementos tecnológicos e estilísticos da cerâmica Uru, talvez indicando uma maior influência de seus ceramistas (em termos qualitativos e quantitativos), bem como uma continuidade de seus valores estéticos e simbólicos.

Também o próprio número de sítios inicialmente relacionados à tradição Uru no Conjunto 4 (6 sítios, em oposição a apenas 2 da tradição Aratu) sugere um predomínio de contingentes populacionais originários dos agricultores do oeste. Não podemos esquecer que o quadro arqueológico regional parece indicar que os sítios mais recentes da tradição Aratu passariam por um processo de esgotamento, enquanto os sítios da tradição Uru indicariam não apenas um aumento populacional, mas o desenvolvimento de um processo de complexificação sócio-política. Assim, no período de formação dos “grupos agricultores do centro-norte” os ceramistas Uru parecem ter reunido maior condição de supremacia.

A emergência dos grupos agricultores do centro-norte parece ter participado de um processo de inversão na estrutura maior da ocupação regional: se até o século X-XI os vales do Paranaíba e São Lourenço teriam constituído áreas “core” de ocupação, vão se tornar periféricas, enquanto o vale do Araguaia, que sempre teria correspondido a algum tipo de limite na distribuição dos sítios, passa a constituir área central.

Ainda não é possível fornecer uma caracterização precisa destes agricultores do centro-norte, uma vez que podem ser seguramente relacionados apenas os 6 sítios do Conjunto 4. Mesmo que sua formação deva ter se processado no vale do Araguaia e alto Tocantins, nem todos os sítios aí localizados podem, *a priori*, ser-lhes relacionados. Isto porque tanto os Conjuntos 1 e 2 apresentam sítios nestas áreas, como o Conjunto 4 apresenta, em contrapartida, sítios localizados nas porções mais centrais dos territórios inicialmente definidos para cada grupo (como é o caso do sítio MT-SL-04 e 51, localizados no vale do São Lourenço).

É mesmo possível, como já alertamos anteriormente, contarmos no Conjunto 4 com sítios que, embora não possam mais ser considerados enquanto integrantes dos denominados agricultores do leste e do oeste, estejam relacionados a processos locais e específicos de mudança cultural, revelando portanto a emergência de um

maior número de grupos pelo Centro-Oeste. As análises desenvolvidas no presente trabalho, fundamentadas nas indústrias cerâmicas, permitem lançar apenas as primeiras pistas de uma situação que, certamente, envolve processos bem mais complexos. A própria distância geográfica apresentada pelos sítios do Conjunto 4, bem como as especificidades que apresentam quanto à localização e à implantação dos sítios na paisagem parecem remeter a favor desta hipótese.

Devemos ainda analisar o significado da presença, no Conjunto 4, do sítio MT-GA-42, originalmente relacionado à tradição Una. Em primeiro lugar, parece reafirmar a hipótese de o Conjunto reunir representantes de diferentes processos de mudança cultural, que no caso do alto vale do Araguaia, onde MT-GA-42 se localiza, envolveria a incorporação de remanescentes ceramistas Una. Em segundo lugar, fornecem as primeiras pistas para compreender o processo de extinção por que estes ceramistas teriam passado.

Devemos notar, entretanto, que a forma de incorporação destes grupos teria sido notadamente distinta. Conforme discussões acima, embora seja possível que os ceramistas Uru tenham desempenhado um papel predominante sobre os ceramistas Aratu, ambos contribuíram com elementos de seus grupos culturais originais para a formação do novo. O mesmo não se aplica, entretanto, com relação ao sítio Una. O fato de perpetuar o conjunto de padrões culturais definido pela tradição (continua sendo um sítio em abrigo, localizado em área de relevo acidentado e pouco fértil, com uma indústria tecno-morfológicamente simples) sugere que seus ocupantes não tenham incorporado os padrões culturais dos demais grupos envolvidos. O inverso também parece válido, uma vez que as características apresentadas pelo Conjunto 4 não parecem ter absorvido padrões culturais dos ceramistas Una. A partir daí, seria válido supor que estes últimos ou teriam sido incorporados aos “agricultores do centro-oeste” em condições hierárquicas inferiores, ou que teriam sido dizimados, em um segundo momento.

O Conjunto 4 reúne, portanto, vestígios das indústrias Aratu, Uru e Una, além da presença de artefatos e/ou elementos da cerâmica Tupiguarani. Embora em proporções bastante variadas, parecem apontar para uma complexa matriz de associações intra-regionais. Isto sem mencionar as interferências que provavelmente tenham sofrido por parte

de grupos instalados nas regiões circunjacentes ao Centro-Oeste, cujas movimentações sem dúvida interferiram, motivaram e/ou aceleraram seus processos internos.

Os grupos Bororo

Embora a maior parte da história Bororo se desenvolva após o contato com o colonizador europeu (escapando, assim, do período de interesse da presente pesquisa), constitui mais um exemplo da emergência de uma nova unidade sócio-cultural, resultado da movimentação e intensas redes de relações estabelecidas entre grupos do Centro-Oeste. Com isto, nosso interesse se projeta para o período de formação do grupo, estreitamente relacionado ao próprio declínio de grupos pré-coloniais analisados, como seria o caso dos agricultores do oeste (Conjunto 1).

A origem dos Bororo ainda é bastante discutida, embora todos concordem que sejam resultado de um processo de integração e hierarquização sócio-política entre contingentes populacionais linguística e culturalmente diferenciados, ocorrido no interior da região Centro-Oeste (vide discussão em Wüst 1990: 86-90). De fato, os Bororo apresentam a maior porcentagem de sítios intra-componenciais de todos os demais grupos ceramistas analisados (37,5), indicando uma situação de intensas relações extra-culturais.

A formação do grupo teria ocorrido no início do século XVIII, motivada por deslocamentos e pressões regionais e extra-regionais. Uma vez que sua indústria cerâmica e lítica indica uma considerável ruptura frente aos quadros apresentados pelos ceramistas regionais, Wüst (1990: 445-6) considera mais pertinente definir-lhes uma origem externa, onde uma possível minoria, detentora de uma tecnologia cerâmica específica (semelhante à dos Bororo etnográficos) consegue impor aos agricultores regionais Uru um novo valor estético.

É notável que a cerâmica Bororo apresente características bastante semelhantes à cerâmica Una (fato inclusive já mencionado por Wüst 1990), reforçando a hipótese de que grupos “proto-Bororo” teriam alguma relação com os grupos ceramistas iniciais, em sua origem.

De qualquer forma, o processo de formação dos grupos Bororo teria tido lugar dentro do próprio Centro-Oeste, uma vez que todos os seus sítios se localizam, até o momento, no vale do Paraguai

(Figura 5). O processo pressuporia, portanto, o deslocamento de grupos externos à região. Pela localização geográfica provavelmente viriam da margem esquerda do Paraguai, seja em sua porção norte, oeste ou sul.

O processo de incorporação de grupos portadores de cerâmica Uru à sociedade Bororo foi definido tanto pela presença de sítios intracomponenciais, pelo fato de não se contar com sítios de cerâmica Uru a partir do século XVIII, bem como por diferentes fatores que sugerem uma continuidade no complexo quadro de mudanças culturais que ceramistas Uru teriam sofrido nos séculos anteriores (onde se incluem mudanças no sistema de abastecimento, que passa a se basear no milho, uma complexificação sócio-política, além de intensas redes de fluxos de informação entre as anteriores comunidades locais).

Quanto aos ceramistas Tupiguarani, sua participação na formação dos grupos Bororo foi também atestada, em nossas análises, pelo sítio MT-RN-47 (classificado como Tupiguarani/Bororo), reunido pelo teste de Cluster ao sítio MT-RN-36 (exclusivamente Bororo). A presença bem marcada em MT-RN-47 de artefatos Tupiguarani em paralelo a uma cerâmica distinta, relacionada aos grupos Bororo, parece remeter, igualmente, a um processo de fusão entre grupos distintos e não a uma mera intromissão de elementos isolados de uma ou outra indústria cerâmica. Por outro lado, as condições ambientais apresentadas pelos assentamentos Bororo parecem mais semelhanças com os padrões observados na área para os grupos Tupiguarani (implantados ao longo dos rios, em áreas de mata e solo mais fértil) do que com os ceramistas Uru, remetendo a um quadro de influências que não se restringiria à cultura material. Elementos da língua Tupi também estão presentes na língua Bororo (Wüst 1990).

Os Bororo seriam, portanto, resultado da fusão entre grupos com cultura material significativamente diversa, que levaria a um certo nivelamento de diferenças regionais e locais anteriores, através do surgimento de um sistema regional único ligado por intensas redes e fluxos de informação (Wüst 1990: 445). Entretanto, variações observadas especialmente no padrão de implantação indicariam, segundo Wüst (1990: 420), a interferência de fatores de natureza sócio-política, gerada pela pressão do colonizador europeu. Com um sistema de abastecimento baseado no

milho, os Bororo escolhem áreas de maior potencial agrícola, ocupando as margens de rios de maior porte e obedecendo um padrão essencialmente linear na distribuição dos assentamentos. Esta estratégia acabou agilizando o contato com a sociedade nacional, que igualmente desejava explorar estas porções de elevado potencial agrícola. O precoce contato com o colonizador efetou profundas transformações culturais na emergente sociedade Bororo, motivados por processos que fogem ao tema da presente tese.

A ocupação do Pantanal Mato-Grossense

O fato de o sítio Morro do Cará-Cará, localizado na zona do Pantanal, ter sido isolado pelo teste de Cluster no Conjunto 7, permite elaborar algumas questões, embora a escassez de dados faz com que sejam, ainda, de difícil desenvolvimento.

Em primeiro lugar, é notável que os 2 sítios do Pantanal analisados (Morro do Cará-Cará e aterro Capivara) tenham sido relacionados a Conjuntos distintos pelo teste de Cluster (respectivamente Conjunto 7 e 3). Apresentam, de fato, variações na morfologia e localização (o primeiro constituindo um abrigo na média vertente de um morro, o segundo é um aterro a céu aberto na planície do Pantanal). Quanto à cerâmica, o Morro do Cará-Cará apresenta uma indústria mais simples do que o aterro Capivara (que já tem a cerâmica mais simples do Conjunto 3). Os sítios mostram, todavia, alguns elementos comuns, como o predomínio de vasilhames pequenos e médios, de contornos diretos, de bordas simples e reforçadas, exclusividade de bases convexas e planas, presença de tratamento de superfície por enegrecimento, além de antiplástico areia, cariapé, caco moído e concha moída.

Embora o Morro do Cará-Cará tenha sido descrito como sítio que reuniria ao menos duas ocupações distintas, uma delas Tupiguarani (Fichas de Sítio do IPHAN/Cuiabá), sua cerâmica não tem vasilhames decorados, presentes no aterro Capivara nas categorias engobo, pintura, motivos plásticos e apêndices. Provavelmente este atributo tenha influído na inclusão do aterro Capivara ao Conjunto 3 (Tupiguarani). Por outro lado, a região do rio Cará-Cará é historicamente ocupada pelo grupo Guató (Oliveira 1995: 192), ocorrendo de fato grande quantidade de seus sítios nas imediações (Figura 3).

Estes dados permitem supor que o sítio deve apresentar uma situação bem mais complexa do

que a que foi possível observar. Ou que, de fato, corresponda a uma ocupação distinta da relacionada aos aterros, uma vez que a região parece ter sido ocupada, como vimos nas páginas anteriores, por grupos culturais diversificados.

Considerações finais

Finalizando as análises do presente texto, faremos uma breve consideração do objetivo maior do trabalho frente aos dados que foram obtidos.

Nossa proposta era discutir a posição do Centro-Oeste enquanto **área de confluência** para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (sejam deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas), oriundos das regiões circunja-centes em período pré-colonial. Esta proposta divergia, em vários sentidos, da apresentada por outros pesquisadores, que tradicionalmente consideravam a região como **um corredor de deslocamento** (Schmitz 1976/77; Schmitz *et alii* 1978/79/80). Esta suposição se baseava, em primeiro lugar, nas características ambientais da região, principalmente relacionadas à hidrografia e à sua localização em relação ao restante do país, permitindo a passagem de grupos indígenas, que teriam utilizado tanto os rios enquanto eixos e/ou referenciais de deslocamento, como o próprio transporte terrestre, facilitado pelo relevo geralmente plano da região. Além disto, o fato de os diversificados vestígios de grupos ceramistas remeterem, por vezes, a origens externas, parecia favorecer a sugestão. Certamente cada uma destas situações (corredor de passagem X área de confluência) remete a um quadro de ocupação com características distintas, notadamente no que diz respeito à intensidade e significado das relações de interação social no processo de desenvolvimento cultural.

Retomando as vias de ocupação que puderam ser identificadas para cada um dos grupos ceramistas analisados, vemos que remetem a situações bastante diversificadas. Analisemos, em primeiro lugar, o conceito de “corredor de passagem”. Dos 7 grupos culturais tratados, a origem de ao menos 5 parece ter tido, primordialmente, insumos externos: os agricultores do leste, os agricultores do oeste, os ceramistas Tupiguarani, os grupos Bororo e os grupos Guató. É notável, entretanto, que não se conte com qualquer indício de que tenham atra-

vessado a região Centro-Oeste e continuado a ocupar outras regiões. Assim, por exemplo, não se tem notícia, no sul do país, de ceramistas Uru, nem notícia de grupos Bororo ou Guató na região sudeste. Única exceção seria formada pelos ceramistas Tupiguarani, cujos vestígios ocorrem, de fato, por todo o território nacional. Mas são, curiosamente, os grupos que apresentam os vestígios mais fugazes de ocupação, embora certamente tenham desempenhado um papel significativo em todo o processo regional. Além disto, o fenômeno de difusão a que estariam relacionados indica dois eixos maiores, a leste e a oeste, que *circundam* a região, e não passam por ela.

Dos 2 grupos culturais restantes, o formado pelos grupos ceramistas iniciais, embora possivelmente também tenha recebido insumos externos, estaria fortemente ligado ao processo de desenvolvimento cultural dos grupos caçadores-coletores locais, podendo apresentar grandes variações. Além disto, a distribuição dos sítios na borda leste do Planalto e em sua porção centro-sul sugerem, em primeiro lugar, um acesso via contrafortes e, em segundo lugar, uma expressiva individualidade de suas manifestações. Não parece resultar, mais uma vez, de um eixo de passagem na região.

Outro ponto a ser abordado é que, dos 7 grupos culturais estudados, apenas 3 parecem ter utilizado o transporte fluvial como via de penetração: os agricultores do oeste, os grupos Bororo e Guató. Apenas o primeiro ter-se-ia servido da rede de transporte formada pelos afluentes do Amazonas (Xingu e Tapajós e, talvez ainda, Araguaia e Tocantins). Já os grupos Bororo e os Guató, de provável origem na região do Chaco, podem ter-se servido do sistema Paraná/Paraguai (que, entretanto, não atravessa o Centro-Oeste, mas apenas serve sua porção leste). Os demais 2 grupos de provável origem externa (agricultores do leste e Tupiguarani) apresentam indícios de terem vindo via contrafortes. Mesmo os agricultores Tupiguarani, tradicionalmente canoieiros, podem ter se valido das vias fluviais para alcançar as regiões circunjacentes ao Centro-Oeste, mas não para nele penetrar. Com isto parece que a região Centro-Oeste definitivamente não se apresenta como “corredor de passagem” e o conceito de “área de confluência” parece adequado.

Estas análises levam à formulação de importantes problemas de pesquisa. O fato de as grandes vias fluviais não terem tido maior aproveitamento enquanto eixos de penetração parece

contrariar, inclusive, uma das grandes vantagens ambientais que a região apresenta. O desenvolvimento destes problemas extrapola a arqueologia regional, como também carece de um conhecimento muito mais aprofundado das condições ambientais da região à época de cada ocupação. Oferece já, entretanto, um fértil campo de discussão.

* * *

Certamente toda a discussão desenvolvida no presente trabalho apresenta ainda um caráter provisório e exploratório, devido às próprias condições da pesquisa arqueológica na região Centro-Oeste, bem como ao restrito número de sítios que puderam ser analisados nesta primeira etapa do projeto. Pesquisas anteriores revelavam já a presença de 4 grandes categorias de grupos ceramistas para a região: uma relacionada a sítios com cerâmica Una, outra a sítios com cerâmica Aratu, outra Uru e outra Tupiguarani. De fato, estariam relacionados a grupos com origens distintas, cujas especificidades e processos gerais de desenvolvimento foram discutidos no decorrer do presente trabalho.

Entretanto, diferentes dados permitem inferir que a partir do século X, quando toda a extensão do Centro-Oeste já se apresentaria principalmente ocupada por grupos ceramistas, os contatos extra-tribais ganhariam um novo significado, desenvolvendo-se com grande intensidade e através de estímulos diversos. Embora as características destas relações certamente apresentem enormes variações no tempo e no espaço, acreditamos que tenham envolvido a ocupação pré-colonial do Centro-Oeste como um todo, motivando profundos processos locais de mudança cultural, fusões inter-grupais, emergência de novas unidades culturais ou, até mesmo, a confinada manutenção de determinados núcleos originais.

Assim não é mais possível, por exemplo, persistir com a classificação dos sítios através das características gerais que suas indústrias cerâmicas apresentam, porque estaríamos relacionando vestígios de ocupações notadamente diversas. Os 122 sítios atualmente relacionados à tradição Aratu não formam, definitivamente, um único grupo cultural, apresentando significativas variação no tempo e no espaço. O mesmo ocorre com os 112 sítios relacionados à tradição Uru. O procedimento básico está em reconhecer que as variações não constitu-

em exceção a serem forçosamente incorporadas a uma ou outra tradição arqueológica preexistente, mas sim a uma situação de fato que necessita emergir com todas as multi-faces que possui. O reconhecimento do que denominamos “grupos agricultores do centro-norte”, bem como a formação dos grupos Bororo, constituem as primeiras evidências deste processo mais amplo, ainda que no primeiro caso provavelmente reunindo diferentes grupos culturais localizados.

Não podemos esquecer que o presente trabalho ainda não lidou com alguns contextos da região Centro-Oeste, relacionados a sítios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (fases Aguapéí, Traçajá, Camararé, etc.; sítios como o Abrigo do Sol, os “cemitérios” do vale do Paraguai e um maior conhecimento dos aterros do Pantanal). Sua investigação certamente dará uma complexidade ainda maior à arqueologia regional.

Com tudo isto, concluímos ser de fato pertinente considerar o Centro-Oeste enquanto área de confluência, para onde grupos ceramistas oriundos de diferentes regiões se teriam deslocado e desenvolvido. Inicialmente ter-se-iam formado, de certa maneira, áreas “exclusivas” de ocupação, adjacentes às regiões de origem. Embora contatos extra-grupais tenham ocorrido durante todo o período, com o tempo, os grupos tenderiam a se defrontar, estabelecendo formas de contato mais intensas. Como resultado teríamos o surgimento de uma série de variações locais, que passam a constituir o padrão arqueológico regional. Desta situação é que derivaria, na época do contato com o colonizador europeu (principalmente nos séculos XVII e XVIII), a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos.

Para que as discussões possam evoluir faz-se necessário, por um lado, contar com uma maior amostragem de sítios analisados, não apenas dentro da própria região Centro-Oeste, como envolvendo áreas circunjacentes que se mostraram estratégicas, principalmente relacionadas ao norte, nordeste e sudeste brasileiro. Por outro lado, enquanto nossa unidade de análise continuar a ser formada por sítios arqueológicos dispersos no tempo e no espaço, as discussões dificilmente ultrapassarão o nível descritivo. Somente com a multiplicação de projetos regionais (que tenham por objetivo o estudo de sistemas sócio-culturais em sua estrutura, funcionamento e mudança), aliados ao estudo sistemático de sítios que permitam analisar em detalhe a

dinâmica destes processos de mudança (Household Archaeology) é que se poderá chegar mais além. Isto exigirá, sem dúvida, o desenvolvimento de estratégias metodológicas distintas e específicas, para que os dados arqueológicos possam, definitivamente, revelar não apenas aspectos descritivos mas interpretativos, capazes de contribuir para a construção de modelos cujo interesse ultrapassa o nível regional.

A cerâmica, enquanto vestígio básico de nossas análises, permitiu não apenas reconhecer uma série de fenômenos culturais, mas também indicar que teria exercido papéis distintos nos grupos considerados. Mesmo assim, os resultados necessitam ser revistos à luz de outras fontes de informação, para que se possa avaliar o próprio potencial da cerâmica como indicador de interação e/ou mudança cultural.

ROBRAHN GONZALEZ, E.M. Prehistoric ceramic societies from the Central-Western Brazil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 83-121, 1996.

ABSTRACT: This article discusses the Central-West Brazil as a confluence area for population and/or cultural information movements from surrounding cultural areas. These movements seem to have had a great influence in the very formation of the Central-West agricultural societies, as well as in their historical evolution. This work has been performed not only through systematic review of the bibliographic information, but also involved careful re-evaluation, by means of multivariate statistical methods, of data and collections from 47 outstanding ceramic sites from that area.

UNITERMS: Ceramic societies – Central-West Brazil – Migration – Cultural relations.

Referências bibliográficas

- AB'SABER, A.N.
1977 Espaços ocupados pela extensão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas*, Inst. de Geogr. USP, São Paulo, 3.
- ALVES, M.A.; MACHADO, L.C.
1995 Estruturas Arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. *Programa Oficial de Resumos da VIII Reunião Científica da SAB*, PUCRS, Porto Alegre.
- ANDRADE LIMA, T.
1986 Cerâmica indígena brasileira. D. Ribeiro (Ed.) *Suma Etnológica Brasileira*, FINEP-Vozes, Petrópolis, vol 2: 173-230.
- ANDREATTA, M.D.
1982 *Padrões de povoamento em pré-história goiana: análise de um sítio tipo*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo.
- BANKES, G.
1985 The manufacture and circulation of paddle and anvil pottery on the north coast of Peru. *World Archaeology*, 17 (2): 269-277.
- BARBOSA, A.S.; SCHMITZ, P.I.; STOBHAEUS, A.; MIRANDA, A.F.
1982 Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 34: 49-92.
- BECQUELIN, P.
1973 *Relatório de pesquisas arqueológicas no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Depto. de Arqueologia, Belém.
- BIGARELLA, J.J.
1971 Variações climáticas no Quaternário superior do Brasil e sua datação radiométrica pelo método do C14. *Paleoclimas*, USP, 1.
- BLACK, F.L.; PANDEY, J.P.; SANTOS, E. B.
1991 Evidências baseadas em HLA e IgG sobre as relações intra e intercontinentais das populações nativas da Amazônia. W.Neves (Ed.) *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém, MPEG: 55-84.

- BROCHADO, J.J.
 1984 *An ecological model of the sprad of pottery and agriculture into eastern South America*. Ph.D. Thesis, Univ. of Illinois.
 1991 Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *Anais do I Simpósio de pré-história do nordeste brasileiro*, Univ. Federal de Pernambuco, Recife: 85-88.
- BROCHADO, J.J.; LATHRAP, D.W.
 1982 *Amazonia*. Dep. of Anthropology, Univ. of Illinois.
- CARVALHO, S.M.S.
 1992 Chaco: encruzilhada dos povos e melting pot cultural. M.C. Cunha (Org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, SMC/Companhia das Letras: 457-474.
- CHMYZ, I.
 1974 Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e alto Paraná. PRONAPA, *Publicações Avulsas*, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 26.
- DIAS, O.F. Jr.; CARVALHO, E.
 1978 Uma habitação semi-subterrânea em Minas Gerais – dados arqueológicos. *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, Belo Horizonte, III: 239-260.
- DOLE, G.E.
 1961/62A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. *Revista do Museu Paulista* N.S., USP, 13: 399-423.
- EARLE, T.K.; ERICSON, J.E.
 1977 Exchange Systems in Archaeological Perspective. Earle & Ericson (Eds.) *Exchange Systems in Prehistory*. Academic Press, New York: 3-14.
 1982 *Contexts for Prehistoric Exchange*. Academic Press, New York.
- FENSTERSEIFER, E.; SCHMITZ, P.I.
 1975 Fase Iporá. Uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, II (2): 19-79.
- HODDER, I.
 1979 Pottery production and use: a theoretical discussion. H.Howard; E.L.Morris (Eds.) *Production and distribution: a ceramic viewpoint*. BAR International Series, 120, Oxford: 215-220.
- HOOPEES, J.W.
 1994 Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World 6000-1500 BC. *Journal of World Prehistory*, 8(1): 1-49.
- MEGGERS, B.J.
 1991 Cultural evolution in amazonia. A.T.Rambo; K.Gilligly (Eds.) *Profiles in cultural evolution*. Papers from a Conference in Honor of Elman R. Service. Anthropological Papers. Mus. of Anthropology, Univ. of Michigan 85: 191-216.
 1992 Prehistoric population density in the Amazon Basin. J.W.Verano; D.H.Ubelaker (Eds.) *Disease and demography in the Americas*. Smithsonian Institution Press, Washington DC: 197-205.
- 1995 Judging the Future by the Past. J. Sponsel (Ed.) *Indigenous peoples and the future of Amazonia*. Univ. Arizona Press: 15-43.
- MÉTRAUX, A.
 1944 Estudios de etnografia chaquense. *Anales del Inst. de Etnografia Americana*, Univ. Nacional de Cuyo, 5: 263-314.
- MILLER, T.E.
 1983 *História da cultura indígena do alto-médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. Dissertação de Mestrado na PUC/RS. Porto Alegre.
 1987 Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. *Estudos Atacamenos*, Univ. del Norte, San Pedro de Atacama, 8: 37-61.
 1992 Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte. *Arqueologia, Ambiente e Desenvolvimento*. Eletronorte, Brasília.
- OLIVEIRA, J.E.
 1993 A utilização da analogia etnográfica no estudos dos aterros da região pantaneira de Corumbá, MS. *Anais da VII Reunião da SAB*, João Pessoa: 159-169.
 1995 *Os Argonautas Guató – aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- PARDI, M.L.O.
 1995 Frentes de expansão. Seu potencial e impacto sobre o patrimônio arqueológico – o caso da Amazônia Mato-grossense a partir de um reconhecimento da 14. "CR/IPHAN". *Anais da VIII Reunião Científica da SAB*, Vol. 2, Porto Alegre: 289-308.
- ROBRAHN, E.M.
 1989 *Relatório de Impacto Ambiental. Área: Arqueologia. Usina Hidrelétrica de Barra do Peixe*. Relatório entregue ao IPHAN.
 1990 *Projeto de Pesquisa Arqueológica das UHEs de Serra da Mesa e Cana Brava – Relatório I*. IGPA/UCG, Goiânia. Relatório entregue ao IPHAN
- ROBRAHN GONZÁLEZ, E.M.
 1995 Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento. *Anais da VIII Reunião Científica da SAB*, Vol. 2, Porto Alegre: 233-248.
 1996 *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- ROGGE, J.H.; SCHMITZ, P.I.
 1992 Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. *Anais da VI Reunião Científica da SAB*, Rio de Janeiro: 781-791.
 1994/95 Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2): 169-180.
- ROOSEVELT, A.
 1992 Arqueologia Amazônica. M. Carneiro da Cunha

- (Org.) *História dos Índios do Brasil*, FAPESP/SMC, Cia das Letras, São Paulo: 53-86.
- ROUSE, I.
1986 *Migrations in Prehistory*. New Haven, Yale Univ. Press.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.
1981 *Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
- SCHMIDT, M.
1912 *Reisen in Mato Grosso im Jahre 1910. Zeitschrift fuer Ethnologie*, Berlin, 44: 130-174.
- SCHMITZ, P.I.
1975 Projeto Paranaíba – Relatório prévio das atividades de campo. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, II(2): 9-17.
1976/77 Arqueologia de Goiás. Sequência cultural e datações de C14. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, 3/4: 1-15.
1987 Caçadores antigos no sudoeste de Goiás, Brasil. *Estudios Atacameños*, Univ. del Norte, San Pedro de Atacama, 8: 16-35.
1993 *Programa arqueológico do MS – projeto Corumbá*. Trabalhos apresentados no VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas. PUC/RS, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO, M.B.
1978/79/80 Temas de Arqueologia Brasileira n.5 - Os cultivadores do planalto e do litoral. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, 9: 33-34.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; WÜST, I.; MOEHLECKE, S.
1982 Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 32: 85-106.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.
1985 *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; JACOBUS, A.L.; RIBEIRO, M.B.
1989 Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Seranópolis I. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 44.
- SCHORTMAN, E.M.
1989 Interregional interaction in Prehistory: the need for a new perspective. *American Antiquity*, 54(1): 52-65.
- SCHORTMAN, M.; URBAN, P.A.
1987 Modeling interregional interaction in Prehistory. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 11: 37-95.
- SIMÕES, M.F.
1972 Fases arqueológicas brasileiras 1950-1971. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Belém, 18: 13-75.
- SIMÕES, M.F.; ARAUJO COSTA, F.
1987 Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 11-28.
- SIMÕES, M.F.; GENTIL CORREA, C.
1987 Pesquisas arqueológicas no baixo Uatamã-Jatapu (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 29-48.
- SIMÕES, M.F. & MACHADO, A.L.
1987 Pesquisas arqueológicas no lado de Silves (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 49-82.
- SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, A.P.
1976 *Cerâmica da Lagoa Miararré. Notas prévias*. Museu Antropológico, UFGO, Goiânia.
1983/84 Sítios cerâmicos da bacia do Paranã – Goiás. *Arq. do Mus. de Hist. Natural*, UFMG, Belo Horizonte, VIII-IX: 121-129.
- SUSNIK, B.
1972 Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento antropológico*, Univ. Católica, Asunción, 7(1-2): 85-107.
- VAN DER LEEUW, S.E.
1984 Pottery manufacture: some complications for the study of trade. P.M. Rice (Ed.) *Pots and Pottery*. Los Angeles: 55-70.
- VIALOU, D.
1983/84 Un nouveau site rupestre au Mato Grosso, l'abri Ferraz Egreja. *Rev. do Mus. Paulista*, USP, XXIX: 39-53
1987 Santa Elina: Fouilles dans un abri rupestre du Mato Grosso, Brésil. *Bulletin de la Soc. Préhistorique Française*, 89 (10-12): 407-410.
- WÜST, I.
1983 *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás – tentativa de análise espacial*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
1989 Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área nuclear Bororo entre os rios Vermelho e Garças, MT. *Dédalo*, Publicações Avulsas, São Paulo, 1: 161-171.
1990 *Continuidade e mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo-Goiânia.
- WÜST, I.; SCHMITZ, P.I.
1975 Fase Jataí, estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, II(2): 71-93.

SÍTIO DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO – ESTRUTURAS DE COMBUSTÃO, RESTOS ALIMENTARES E PADRÕES DE SUBSISTÊNCIA

*Márcia Angelina Alves**

*Myriam Elizabeth Velloso Calleffo***

ALVES, M.A.; CALLEFFO, M.E.V. Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 123-140, 1996.*

RESUMO: Este trabalho resulta de aplicações de um programa sistemático de escavações no sítio de Água Limpa, município de Monte Alto, SP, no âmbito do Projeto “Turvo”. O sítio de Água Limpa é a céu aberto, com nível estratigráfico lito-cerâmico; foi datado por TL em 1524 A.P. e está sendo escavado pelo método de Superfícies Amplas. As pesquisas de campo evidenciaram Manchas Escuras, Fogueiras, uma área de sepultamentos primários fora de urnas, sepultamentos secundários e vestígios faunísticos. O cerne deste artigo é a apresentação e relação das estruturas de combustão e restos alimentares com a documentação faunística a qual indicou os padrões de subsistência das populações que ocuparam o sítio. A análise dos “restos alimentares”-vestígios faunísticos aponta para um modo de vida voltado para a horticultura, confecção de cerâmica e prática de coleta, caça e, em menor escala, pesca. Essas populações consumiam vertebrados (Pisces, Reptillia, Mammalia) e invertebrados (Gastropoda, Bivalvia, Crustacea). Esses resultados foram comprovados devido à quantidade de fragmentos ósseos associados a dentes, dérmicos e de conchas presentes no sítio. Muitos dos fragmentos apresentam traços que indicam a confecção de artefatos além de marcas de uso. Estes dados elucidam os hábitos alimentares dos povos horticultores-ceramistas que ocuparam o sítio.

UNITERMOS: Escavação sistemática – Superfícies Amplas – Estruturas de combustão – Restos alimentares e vestígios faunísticos.

Introdução

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas em terrenos do município de Monte Alto, Estado de São Paulo, iniciaram-se em novembro de 1992,

com a realização de uma prospecção sistemática no bairro rural de Água Limpa.¹

Esta prospecção detectou um sítio a céu aberto tipo “lito-cerâmico colinar” (Pallestrini 1975) de assentamento horticultor/ceramista, o qual recebeu

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Instituto Butantan – São Paulo.

(1) Solicitada formalmente pelo Sr. Prof. Antonio Celso de Arruda Campos, Diretor do Museu Municipal de Paleontologia de Monte Alto.

o nome de *Água Limpa* em homenagem ao bairro onde ele se localiza.

Nele, foram coletados vestígios representados por elementos cerâmicos, peças líticas (lascadas e polidas) e restos faunísticos (fragmentos ósseos, dérmicos e de conchas).²

Em julho de 1993, foi desenvolvida a primeira campanha de pesquisa de campo que delimitou a extensão da área do sítio, detectou a estratigrafia e evidenciou as estruturas arqueológicas.

A diversidade dos vestígios coletados nesta campanha, associada à extensão do sítio de *Água Limpa* e às informações orais relacionadas à ocorrência de testemunhos arqueológicos em minifúndios do município de Monte Alto, levaram Alves e equipe a realizarem prospeções sistemáticas no bairro rural de Anhumas.

Estas prospeções indicaram a existência de dois novos sítios “lito-cerâmicos” localizados em propriedades do Sr. Melves Pivetta, agricultor montealtense, os quais receberam os nomes de *Anhumas I* e *Anhumas II*.

Assim, diante do potencial arqueológico de Monte Alto, Alves elaborou um projeto de pesquisa em pré-história para ser executado no vale do principal coletor de águas do município, o rio Turvo, afluente do Grande. Foi denominado projeto arqueológico “Turvo”.³

A elaboração do projeto Turvo propiciou o prosseguimento das pesquisas arqueológicas no sítio de *Água Limpa*.

Foram realizadas até o presente (julho/1996) três campanhas de pesquisas de campo: julho/93 (17 dias), setembro/94 (23 dias) e setembro/outubro/95 (15 dias), custeadas pela Prefeitura Municipal de Monte Alto, com o apoio logístico e infra-estrutura do Museu Municipal de Paleontologia; do Prefeito Municipal, Sr. Aparecido Donizete Sartor e do Diretor do referido Museu, Sr. Prof. Antonio Celso de Arruda Campos.

(2) Toda a documentação coletada está depositada no Museu Municipal de Paleontologia de Monte Alto.

(3) Representa o segundo projeto de pesquisa de Alves junto ao MAE-USP. O primeiro corresponde ao projeto “Quebra Anzol”, que desenvolve, desde 1980, um programa sistemático de prospeções e escavações no vale do Paranaíba, concentradas nos municípios de Perdizes, Guimarânia e Centralina, região do Triângulo Mineiro (Minas Gerais).

As interpretações dos dados arqueológicos parciais foram apresentadas por Alves e Cheuiche Machado (1995) e por Calleffo e Alves (1996).

Localização e meio ambiente

O sítio de *Água Limpa* situa-se a 7 km de Monte Alto (21° 05' S e 48° 29' W), Estado de São Paulo, município que ocupa uma área de 347 km², estando a sede municipal a 735 m de altitude (IBGE 1995) (Mapas 1 e 2).

Localiza-se em área limítrofe entre três minifúndios pertencentes a agricultores montealtenses: Srs. Antônio Aparecido Salvador, Fioravante Casanova e José Delavecchia; neles são cultivadas lavouras permanentes (manga e goiaba) e temporárias (cebola, milho, etc.), além da plantação de capim gordura.

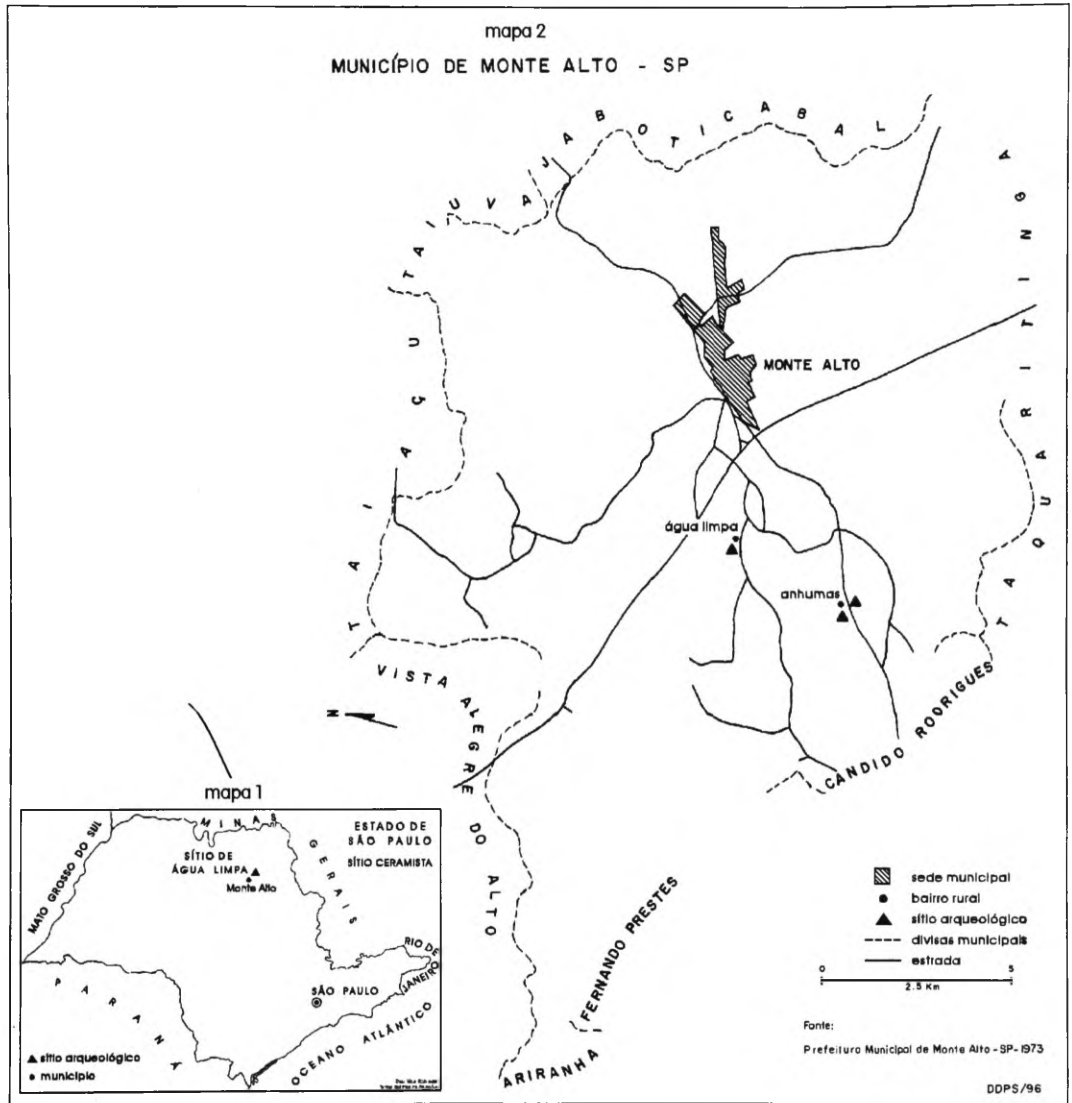
A cidade de Monte Alto dista 380 km da capital paulista pelas rodovias Anhanguera e Washington Luís. Limita-se ao Norte com municípios de Taiapu e Taiuva, ao Sul com Taquaritinga, a Oeste com Fernando Prestes, Cândido Rodrigues, Vista Alegre do Alto e Ariranha e a Leste com Jaboticabal (Mapa 1).

O relevo da região de Monte Alto é ligeiramente ondulado e apresenta dois tipos de solo: latossolo roxo e vermelho escuro. A umidade relativa do ar é de 21,4° com clima quente temperado e inverno seco. A temperatura média anual é de 22°C, com ventos Sul predominante, e o índice pluviométrico anual oscila em torno de 1552,1 mm (cálculo da média nos últimos quatro anos, fornecida pelo Instituto Nacional de Meteorologia).

A vegetação da área a que pertence o município de Monte Alto e, portanto, do sítio de *Água Limpa*, é de matas subtropicais decíduas e mesofíticas do Brasil oriental e meridional, em parte com alta proporção de espécies sempre verdes (Hueck 1972). Pertence ao domínio de Floresta Estacional Semidecidual, ou seja, de clima tropical com épocas de intensas chuvas de verão seguidas por estiagens acentuadas⁴ (Velloso *et al* 1991).

A abordagem dessas informações é importante para o estudo do sítio, pois pode-se localizar as

(4) As espécies vegetais da área circundante ao sítio de *Água Limpa* estão sendo coletadas e classificadas pela bióloga Mestre Elizabeth de Faria Penhalber.



fontes de matéria-prima com os remanescentes do habitat pré-histórico inseridos no contexto e também utilizar a fauna como instrumento de reconstrução de paleoambientes.

Objetivos e metodologia de campo

O objetivo do presente artigo é apresentar os resultados das interpretações arqueológicas e zoológicas referentes às documen-

tações coletadas nas campanhas de 1993 a 95 relacionadas à estratigrafia, ao padrão de assentamento, à datação, tendo como cerne a classificação e análise das estruturas de combustão e restos alimentares (faunísticos) – os quais representam os padrões de subsistência das populações hortícolas ceramistas que ocuparam o sítio de *Água Limpa* em tempos progressos.

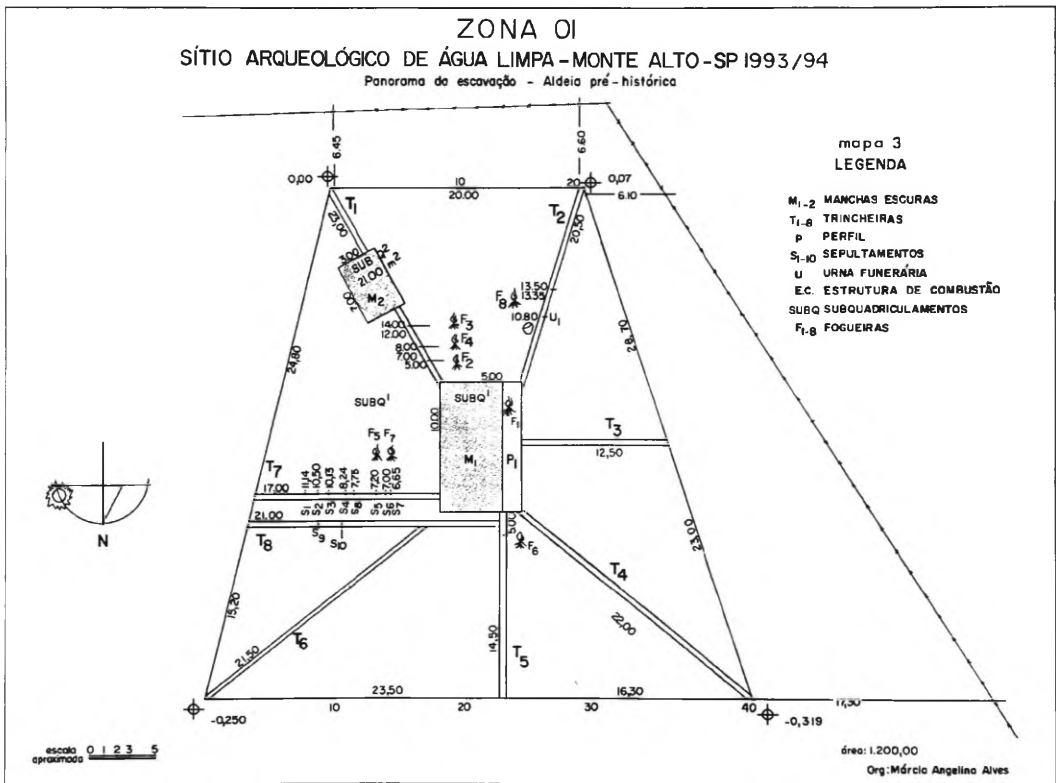
A classificação e análise dos restos faunísticos objetiva resgatar o maior número possível

de dados culturais a partir da análise dos restos alimentares – vestígios faunísticos,⁵ que outra foram consumidos por indivíduos que ocuparam essa região na pré-história. O Quadro 1 elucida a disposição espacial do material zooarqueológico encontrado. Considerando o fato de que cada cultura desenvolve um modo peculiar de se apropriar, interagir e se integrar com o meio ambiente, e com os animais, a Zooarqueologia tem como objetivo fundamental de estudo o resgate desses padrões de comportamento e adaptação cultural, através de exaustivas análises em restos de vertebrados e invertebrados provenientes de contextos arqueológicos (Lima 1989).

Os modelos propostos com base em Ecologia Humana têm o objetivo de explicar como funciona a interface entre populações pré-históricas e a seção faunística da comunidade biótica com a qual interagem (Smith 1976).

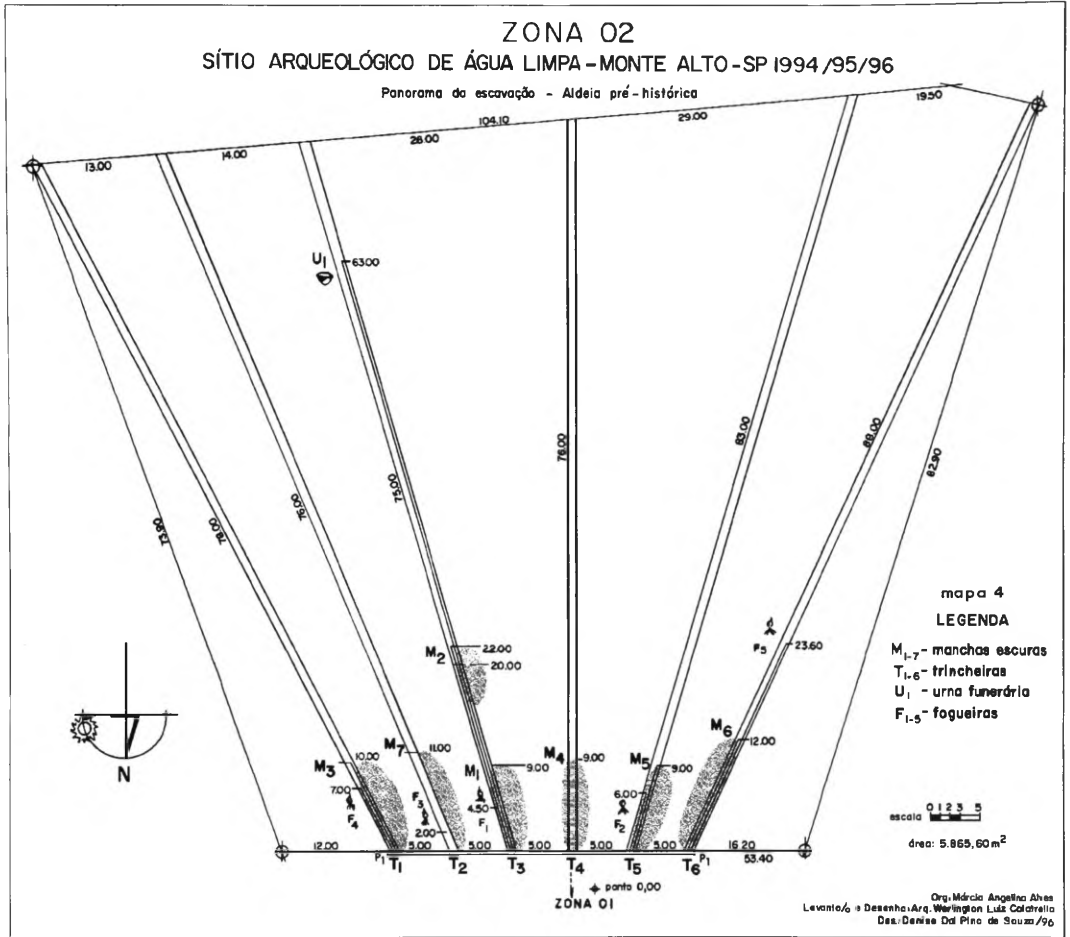
Nas pesquisas de campo desenvolvidas no sítio de *Água Limpa*⁶ empregou-se o método de “Superfícies Amplas” em decapagens por níveis naturais de Leroi-Gourhan (1972) adaptado ao solo tropical do Brasil por Pallestrini (1975).

No sítio de *Água Limpa*, com apenas um depósito estratigráfico foram recuperados restos alimentares em grande quantidade, tais como



(5) Vários fragmentos ósseos e conchas foram transformados em artefatos, tais como raspadores, pingentes, pontas, etc.

(6) Contaram com a participação de pesquisadores e técnicos da USP (Prof. Dra. Márcia Angelina Alves – coordenadora; Profa. Dra. Luciana Pallestrini - colaboradora), Museu Nacional, UFRJ (Filomena Crâncio), Instituto Butantan (Myriam Elizabeth Velloso Calleffo), de estagiários do MAE – USP (Luciane Monteiro Oli-



fragmentos de conchas, ossos, além de carapaças, dentes e cornos.

Foi datado por Termoluminescência⁷ (amostra de cerâmica coletada na Fogueira₁, Zona₁). Resultou em 1524 ± 152 anos antes do Presente,

veira – mestranda em Arqueologia), dos seguintes graduandos em História (Regina Célia dos Santos Neto, Luciana Conrado Martins e Cristiane Ferreira Kawatoko) e em Física (Luís Antônio Ferreira Vasconcelos e Edmilson Linguanotto), além de um ecólogo montalestense (Luís Ernesto Busch Cestari).

(7) Processada no Laboratório de Dosimetria do Instituto de Física (USP), realizada por Edmilson Linguanotto (Geofísica) e Luís Antônio Ferreira Vasconcelos (Geologia) sob a orientação do Prof. Dr. Shiguo Watanabe.

o que o coloca como um dos mais antigos assentamentos ceramistas do Estado de São Paulo, com prática cotidiana de caça, coleta, pesca, horticultura, confecção de cerâmica, lascamento e polimento da pedra.

O sítio arqueológico foi dividido em duas zonas de escavação: Zona₁ (Z₁) e Zona₂ (Z₂). A Z₁ corresponde a 1200 m² (Mapa 2) e a Z₂ a 5.865 m² (Mapa 3).

Nas duas Zonas de escavação foram executados perfis que detectaram a estratigrafia do sítio e trincheiras de verificação as quais evidenciaram “manchas de terra preta” (estruturas habitacionais), “fogueiras” internas e externas às manchas, dois “sepultamentos secundários” depositados em urnas de cerâmica lisa e uma área de “sepultamentos primários” de

indivíduos adultos estendidos (maioria) e fletidos acompanhados de artefatos cerâmicos e peças líticas (Alves e Cheuiche Machado 1995).

A evidenciação de fogueiras internas e externas às Manchas possibilitou a coleta de restos alimentares que se encontravam associados a vasilhames cerâmicos, carvão e peças líticas.

Estruturas de combustão e restos alimentares

O conceito de estrutura no âmbito da “arqueologia” (Leroi-Gourhan 1972) refere-se à disposição de determinados vestígios que se agrupam de maneira significativa no sítio, formando o contexto arqueológico. Subdivide-se em supra-estruturas e infra-estruturas (Pallestrini 1972/73).

A classificação das estruturas aqui representadas baseiam-se em dois artigos: Alves (1992) e Alves e Cheuiche Machado (1995).

As estruturas arqueológicas do sítio de *Água Limpa* que contextualizaram preparo e consumo de alimentos, obtidos através de caça, coleta e pesca, são as seguintes:

Combustão

Configuradas pela evidenciação de 14 “fogueiras circulares” detectadas nas duas zonas de pesquisa.

Eram formadas por elementos de cerâmica utilitária associados a vestígios faunísticos – constituídos por fragmentos (ósseos, dérmicos e de conchas), peças líticas (lascas, raspadores, pontas, etc) e carvão (Mapas 3 e 4).

Inseriam-se nas Manchas Escuras (estruturas habitacionais); denominadas de fogueiras internas.

Registrou-se a ocorrência de cinco fogueiras internas: uma na Z_1 (F_1) e quatro na Z_2 (F_{1-4}), (Mapas 3 e 4), (Fotos 1 e 2).

As fogueiras externas foram detectadas nos espaços de circulação do sítio, isto é, fora das manchas escuras.



Foto 1 – Zona₁ – Realização da primeira decapagem na Mancha₁ concomitante à execução do Perfil, com detecção da Fogueira₁. Foto: M.A. Alves.



Foto 2 – Zona₁ – Evidenciação da Fogueira, que contextualiza o preparo de alimentos: vasilhame de cerâmica fragmentada associada a carvão e a fragmentos de ossos e conchas cuja datação de amostra cerâmica resultou em 1524 anos A.P. Foto: M. A. Alves.

– os vestígios de alimentos encontravam-se concentrados em maior quantidade, principalmente, no solo da M₂, Z₁ e no P₁, T₅, Z₂ (Mapa 4), (Foto 3).

Algumas conchas e ossos encontravam-se parcialmente calcinados o que sugere o consumo de moluscos cozidos e carne de animais assada.

A ocorrência dos documentos malacológicos,⁸ ósseos e dérmicos⁹ indicam os padrões de subsistência das populações horticultoras ceramistas que ocuparam o sítio de *Água Limpa*, cujos alimentos eram obtidos através de atividades sociais: coleta, caça e em menor escala pesca.

(8) A documentação malacológica, referente à campanha de 1994, foi encaminhada ao Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme (Museu de Zoologia-USP).

(9) A documentação faunística, formada por fragmentos de conchas, ósseos e dérmicos, foi e está sendo estudada pela bióloga Myriam Elizabeth Velloso Calleffo (Instituto Butantan), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Emílio Vanzolini (Museu de Zoologia-USP). Os fragmentos não identificados foram encaminhados ao Sr. Herculano Alvarenga,

Padrões de subsistência

Este trabalho visa compreender a interação da comunidade biótica existente na época da ocupação, através de resultados obtidos a partir da análise de “restos alimentares” - vestígios faunísticos no Sítio Arqueológico de *Água Limpa*. Com um modo de vida voltado para a horticultura, confecção de cerâmica, coleta, caça e pesca, consumiam: moluscos, crustáceos, mamíferos, répteis, peixes em menor quantidade e, possivelmente, aves e vegetais. Confeccionavam artefatos em conchas e ossos o que indica habilidade do grupo em transformar matéria prima em artefatos.

Os estudos das culturas materiais de populações pré-históricas coletoras-pescadoras, caçadoras-coletoras e horticultoras-ceramistas são importantes para o resgate da história mais anti-

médico residente em Taubaté, ornitólogo, os quais não foram identificados como pertencentes a aves (devido ao estado de fragmentação).



Foto 3 – Zona₂ -Evidenciação de restos alimentares no Perfil, em direção à Trincheira₃, representados por fragmentos de ossos e conchas. Foto: M.A. Alves.

Padrões de subsistência

Este trabalho visa compreender a interação da comunidade biótica existente na época da ocupação, através de resultados obtidos a partir da análise de “restos alimentares” - vestígios faunísticos no Sítio Arqueológico de *Água Limpa*. Com um modo de vida voltado para a horticultura, confecção de cerâmica, coleta, caça e pesca, consumiam: moluscos, crustáceos, mamíferos, répteis, peixes em menor quantidade e, possivelmente, aves e vegetais. Confeccionavam artefatos em conchas e ossos o que indica habilidade do grupo em transformar matéria prima em artefatos.

Os estudos das culturas materiais de populações pré-históricas coletoras-pescadoras, caçadoras-coletoras e horticultoras-ceramistas são importantes para o resgate da história mais antiga do Brasil, cujas análises devem ser recuperadas no espaço e no tempo. A caracterização das espécies que ocuparam os ambientes é de sumo interesse para a melhor compreensão dos mecanismos que envolveram o modo de vida de populações progressas.

Fatores ambientais bióticos e abióticos associados a fatores históricos (local de origem do grupo, época de dispersão) entre outros, determinam a distribuição geográfica das espécies animais. Os restos alimentares, que não passam de fragmentos, outrora compuseram a fauna viva dos animais nessa região. Analisando esses fragmentos pudemos reconstituir parte da fauna bem como os hábitos alimentares das populações que aí se abrigavam.

Dentro do contexto, para melhores análises, dividimos o estudo desses fragmentos e artefatos ósseos do sítio de *Água Limpa* em vestígios faunísticos representados pelos seguintes grupos sistemáticos: Mollusca (Gastropoda e Bivalvia), Arthropoda (Crustacea) e Vertebrata (Pisces, Reptilia, Aves e Mammalia). A idade dos vertebrados e invertebrados fica condicionada à datação dos carvões contidos nos sedimentos, presentes em vários níveis.

Os fragmentos de conchas (FC), dérmicos (FD) e ósseos (FO) coletados foram devidamente preparados para análises posteriores e encon-

tram-se depositados e catalogados no museu de Paleontologia de Monte Alto.

Vestígios Faunísticos: Para melhor compreensão, o estudo desses vestígios foi caracterizado por táxons (Quadro 2). A distribuição dos fragmentos encontrados no sítio, está representada de acordo com a espécie (Quadro 4). Houve dificuldade para a identificação taxonômica mais precisa, por falta de coleções de referência com espécimens da região. Essas coleções são de suma importância para trabalhos de Zooarqueologia.

Coleta

Para a identificação das espécies e dados biológicos dos invertebrados através dos fragmentos (NF = número de fragmentos) foram utilizados: Barnes (1977), Boffi (1979) e Coleção de Moluscos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.¹⁰

Mollusca – O conteúdo malacológico compõe-se de conchas de bivalves dulçaquícolas (NF=40) e de gástrópodes terrestres (NF=286), (Quadro 2).

Os moluscos parecem ter tido importância significativa na dieta do grupo, porém complementar aos outros tipos de alimentos. Há de se considerar que a interferência humana para a extração das partes moles, deixa marcas características do uso de instrumentos para essa finalidade. As partes moles dos moluscos fornecem menos calorias e proteínas que a de vertebrados, porém possuem maior quantidade de cálcio (Wing e Brown 1979).

Estimativas quanto ao peso da carne e do próprio peso das conchas ou carapaças não puderam ser realizadas mediante insuficiência de material; esses dados podem variar de acordo com o estágio de desenvolvimento do molusco e da época do ano em que foi feita a coleta. Os moluscos dulçaquícolas provenientes de rios e lagoas por vezes suportam condições de estagnação.

Os bivalves encontrados pertencem à família Hyriidae, possuem charneira esquizodonte, raramente com pequenos dentes; escultura na região do umbo formada por costelas radiais, por

vezes dispostas em “V” e raramente pouco desenvolvidas.

Economicamente, foram utilizados como alimento. A camada nacarada das conchas poderia ser empregada na confecção de adornos.

Os gastrópodes terrestres encontrados, *Megalobulimus oblongus* (Müller 1974), são conhecidos vulgarmente por aruá-do-mato, caramujo-berrador ou berra-berra, e no dialeto caipira por “cumbé”, que significa lesma. Vivem em lugares úmidos e sombrios, permanecendo enterrados ou sob folhagens em decomposição durante o dia, saindo à noite para se alimentar. Durante os meses frios e secos permanecem enterrados ou inativos. Atingem tamanhos de médio a grande porte e a abertura é proporcionalmente grande. Possuem o lábio externo fletido e espessado quando atingem a maturidade sexual. Apresentam escultura de finas estrias e superfície frequentemente martelada. São hermafroditas, os ovos possuem casca calcária e são deixados semi-enterrados em áreas sombreadas.

Marcas de queimas nas conchas parecem resultar do contato com fogueiras pré-históricas conforme indicação das estruturas de combustão e de restos alimentares. Entretanto, as marcas de queima nas conchas não provam por si mesmas o cozimento para consumo alimentar pois, os gastrópodes podem enterrar-se naturalmente.¹¹ Talvez por sua beleza externa poderiam ser usados como adornos ou espécie de oferenda. A importância do comércio intertribal desde os tempos primórdios pode ser uma característica marcante. Embora abundantes, estão presentes no sítio em forma esfarelada e bastante fragmentada (Foto 4), portanto, só foi possível detectá-los através dos fragmentos das conchas (FC) das frágeis carapaças.

Arthropoda – Foi detectada a presença de três fragmentos de exoesqueleto quitinoso de crustáceos (Foto 5), classe dos artrópodos que é dominante no ambiente aquático. Podem ter sido utilizados na alimentação por serem muito comestíveis e fornecerem carne com valor proteico significativo. Devem ter sido capturados com redes ou engodados em armadilhas

(10) Com a colaboração de Luis Ricardo Lopes de Simone (Museu de Zoologia-USP), na identificação dos vestígios malacológicos coletados na campanha de 1993.

(11) O estudo tipológico de artefatos e fragmentos de conchas será realizado pela arqueóloga Mestre Eliane Teixeira Carvalho (Instituto de Arqueologia Brasileira), corroborará ou não o problema em questão.

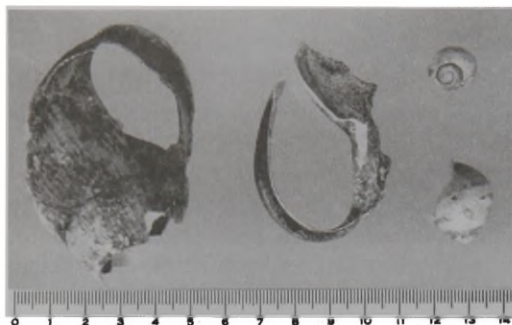


Foto 4 – Fragmentos de conchas, *Gastrópoda*, *Pulmonata*. Foto: G.L. Pimentel.

(arapuca) com iscas. Esse tipo de alimento exige cozimento para ser consumido.

Para identificação das espécies e dados biológicos dos vertebrados, foram utilizados: Ihering (1968), Santos (1981), Storer (1984), Saunders (1959), Flowers (1966) e comparação anatomo-morfológica com espécimens das Coleções de Répteis e Mamíferos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Caça

Reptillia – Foram encontrados vários fragmentos ósseos: mandíbulas e maxilares com dentes e ossos cranianos de lagartos (Foto 6), vértebras de serpentes, placas dérmicas de quelônios e crocodilos, além de fragmentos de ossos

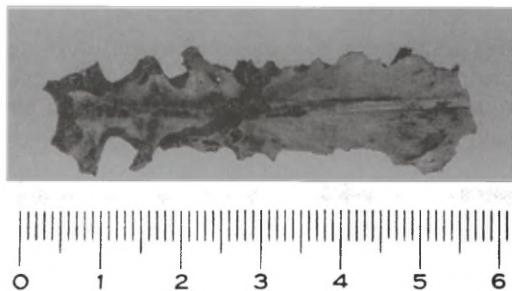


Foto 5 – Fragmento de exoesqueleto quitinoso, *Crustacea*, *Decapoda*. Foto: G.L. Pimentel.

não identificados. Ao que parece, os répteis (Quadro 2) eram bem vistos nas populações pré-históricas devido à quantidade de material encontrado no sítio (NF=91), com maior concentração de fragmentos na Z₂.

Muitas características morfológicas e fisiológicas desses animais possibilitaram a invasão e distribuição em diferentes habitats. Os *Crocodylia* vivem em áreas pantanosas ou rios e se alimentam de várias espécies de animais. A pele é coriácea resistente e esculpada com escamas córneas na maior parte do tronco e da cauda, e a carne branca é bastante apreciada. Adultos têm exoesqueleto formado por placas dérmicas ou placas ósseas, frequentemente encontradas.

Tartarugas e cágados podem ter sido utilizados como fonte de alimento, sua carne fresca ou seca é rica em proteínas e sua carapaça poderia servir como cuia ou reservatório para água e alimentos. Couros de cobra, lagarto e jacaré foram e têm sido utilizados para diversos fins. O lagarto teiú ou teju, como é conhecido, pode medir mais de um metro e chega a pesar quatro quilos. Quando perseguidos, alguns lagartos e lagartixas se escondem mostrando apenas a cauda para chamar atenção. Essa cauda muitas vezes é mutilada, recompondo-se novamente. O relacionamento das cobras com a humanidade foi sempre muito intenso e muito emotivo. Comestíveis no geral, forneciam boa quantidade de carne branca correspondente a médio valor, bastante apreciada.

Mammalia – Foram encontrados muitos fragmentos e peças ósseas de mamíferos entre os quais: vértebras, calcâneos, epífises de fêmur, úmero e íleo, falanges e falangetas, fragmentos de ossos longos, de calotas cranianas, de maxilas e mandíbulas com e sem dentes, dentes molares, caninos e incisivos, além de outros fragmentos que não puderam ser identificados. Vários ossos pequenos e alguns dentes não nos permitiram melhor reconhecimento. Alguns ossos apresentavam vestígios de queima e muitas vezes estavam associados a carvão de fogueiras e vasilhames cerâmicos fragmentados, o que indica que esses animais foram consumidos e que a dieta desse grupo foi baseada quase que exclusivamente na caça,¹² onde os valores da carne podem ser determinados de alto valor.

(12) Nas pesquisas de campo do sítio de *Água Limpa*, ainda não foram realizadas análises palinológicas; por

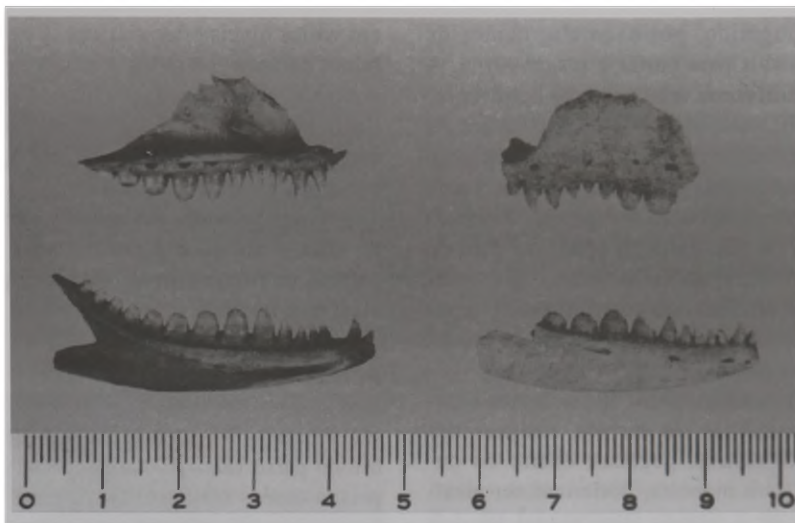


Foto 6 – Fragmentos de mandíbula e maxila com dentes, *Reptillia, Squamata, Teiidae, Tupinambis sp.* Foto: G.L. Pimentel.

Alguns fragmentos de ossos trabalhados atestam ter sido utilizados para a transformação de matéria-prima em artefatos, possivelmente pontas de ossos para cortar, furar e raspar.

Através dos vestígios faunísticos, evidenciaram-se várias espécies (Quadro 2). Certas espécies selvagens deveriam ser caçadas para o consumo alimentar, além de fornecer sua pele para vestimentas ou outras necessidades. Não encontramos vestígios de mamíferos grandes que pudessem servir de transporte ao homem naquela época. A anta ou tapir é o maior mamífero herbívoro da fauna terrestre brasileira e o único representante da ordem Perissodactyla nas Américas. Fragmentos ósseos dessa espécie associados a dentes foram frequentemente encontrados (NF=54), assim como os de catetos e queixadas (NF=58) (Foto 7). Estes porcos do mato apresentam o casco dividido em duas metades enquanto as extremidades dos membros locomotores das antas apresentam dedos parcialmente isolados (4 dianteiros e 3 traseiros). Essa diferença, entre outras, os coloca em ordens dis-

tintas (Quadro 2). O veado mateiro, representante da mesma ordem que os catetos e as queixadas, devia ter grande importância para os primitivos, já que arcadas dentárias encontradas em grande escala, além de cascos e cornos (Foto 8), em menor frequência, totalizaram 52 fragmentos. Em vários mamíferos os dentes são especializados na forma e função de acordo com o tipo

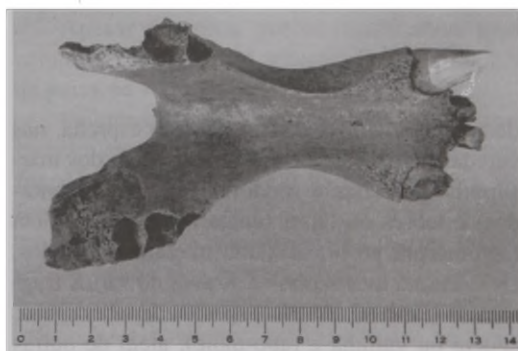


Foto 7 – Fragmento ósseo de sínfise mandibular com dentes, *Mammalia, Artiodactyla, Tayassuidae, Tayassu sp.* Foto: G.L. Pimentel.

tanto, não se tem dados sobre as espécies vegetais da época da ocupação.

de alimento ingerido, por exemplo: dentes de felinos são usados para cortar e rasgar carne. A ordem dos carnívoros também está bem representada no sítio (NF=12). O terceiro dente da maxila superior, após o canino, em conjunto com o terceiro dente da maxila inferior formam o chamado “par carniceiro” que os nomeia. Levantase a hipótese de que as populações do sítio de *Água Limpa* utilizaram esses dentes, presentes no solo, como artefatos de guerra (armas), utensílios de uso cotidiano (pontas, raspadores, etc.) e adornos (pingentes).

Já que muitos mamíferos são noturnos e podem viver escondidos em abrigos, sua presença é revelada por rastros, pegadas, cheiro ou outros sinais. Desta maneira, poderiam ser atraí-

em vários níveis estratigráficos. Estes animais habitam campos, cerrados e matas de galeria, são noturnos, terrestres e solitários. Geralmente utilizam covas, foram e continuam sendo muito caçados devido à excelência de sua carne, além da serventia do rabo e da carapaça.

As populações de animais variam de acordo com o abrigo e a alimentação disponível e sofrem interferências de outras populações, inclusive a humana.

Pesca

Pisces – Foi encontrada somente uma vértebra de peixe (Foto 10) pertencente ao grupo dos peixes ósseos (Osteichthyes). Esse grupo inclui

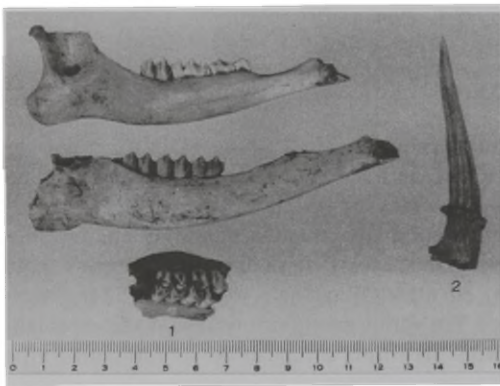


Foto 8 – (1) Fragmentos ósseos de mandíbula com dentes e (2) corno Mammalia, Artiodactyla, Cervidae, *Mazama* sp Foto: G.L. Pimentel.



Foto 9 – Placas dérmicas e fragmentos ósseos, Mammalia, Edentata, *Dasypodidae*. Foto: G.L. Pimentel.

dos por armadilhas ou caçados sob espreita, nas veredas ou no interior das matas. Além dos marsupiais, primatas e roedores (bem representados) e lebres ou tapiti (única espécie da ordem *Lagomorpha* no Brasil) também eram apreciados. Os Edentata mostraram-se através de vários fragmentos (Foto 9), de três espécies de tatus (peba, tatuetê ou galinha e rabo-mole), além de outras espécies não identificadas da Família *Dasypodidae* (NF=56). São animais de médio porte com escudos córneos sobre o dorso, cabeça e cauda, esses fragmentos dérmicos estão presentes

os animais com esqueleto ósseo e revestimento com escamas dérmicas. Habitam todos os tipos de água, inclusive os rios, e são um armazém de alimento proteico para a humanidade desde a antiguidade, além de muitas espécies fornecerem recreação para pescadores amadores e servirem de iscas para captura de outras espécies. Durante a seca, com a água escassa e o desaparecimento dos animais e das plantações, os peixes deviam ser um dos poucos alimentos disponíveis. Pode-se assim, reiterar o fato de esta população utilizar a pesca como um recurso, não exclusivo.

Considerações finais

O atendimento formal à solicitação de prospecção arqueológica no bairro rural Água Limpa, localizado no município de Monte Alto, SP, possibilitou, a partir de 1993, a detecção de um dos sítios cerâmicos mais antigos do Estado (1524 ± 152 A.P.).

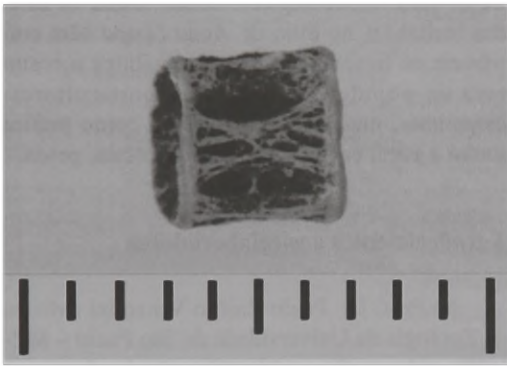


Foto 10 – Vértebra óssea, Pisces, Osteichthyes.
Foto: G.L. Pimentel.

Este sítio, a céu aberto, com um único nível, o lito-cerâmico, aguardava, no silêncio estratégico, a realização de pesquisa de campo.

Desde a primeira campanha foi evidenciada uma diversificada e rica documentação arqueológica: uma área de sepultamentos primários de indivíduos adultos, sepultamentos secundários (Alves e Cheuiche Machado 1995), manchas escuras, fogueiras, além de uma farta quantidade de restos alimentares representados por vestígios faunísticos (fragmentos ósseos, dérmicos e de conchas).

A conservação dos esqueletos humanos e dos restos alimentares é espantosa, tendo em vista que o clima é tropical e o sítio (aberto) sofre as intempéries do tempo.

Em decorrência da pesquisa desenvolvida no sítio de *Água Limpa* (campanha/93) foram realizadas prospecções no bairro rural vizinho, Anhumas, que possibilitaram a elaboração de

um programa sistemático anual de escavações (Projeto Turvo) para resgatar o patrimônio Arqueológico do município de Monte Alto.

A aplicação de metodologia de “Superfícies Amplas” resultou na evidenciação das estruturas do sítio de *Água Limpa* e na coleta da documentação mencionada.

Os vestígios faunísticos contextualizados (estruturas de combustão e restos alimentares) indicaram os padrões de subsistência das populações horticultoras-ceramistas que ocuparam o sítio em tempos pregressos. Estes foram obtidos através da coleta, caça e pesca em menor escala.

Os vestígios faunísticos encontram-se distribuídos espacialmente nas zonas um e dois (Z_1 e Z_2); os fragmentos ósseos e de conchas são frequentes nas duas zonas e com menor frequência os dérmicos (Quadro 1). Lembrando que, neste trabalho, os fragmentos de conchas da campanha/94 não foram ainda catalogados e classificados.

O Quadro 4 distribui as espécies de acordo com o número de fragmentos (NF) encontrados por espécie em relação as campanhas/93 a 95.

Topograficamente, a Z_2 encontra-se a aproximadamente três metros mais alta do que a Z_1 . Nela, o nível horticultor-ceramista está abaixo da superfície atual, localizando-se a partir de 40cm até 70-80cm de profundidade, o que impossibilitou a coleta de superfície (CS) como ocorreu na Z_1 (Quadro 1).

Os fragmentos ósseos pertencentes à classe Mammalia e as conchas de Gastropoda e Bivalvia e Reptillia em menor número, foram encontrados com maior frequência junto às fogueiras internas (Z_2) e às externas (Z_1) (Quadro 1).

Apesar de única, porém significativa para comprovar a pesca, foi recuperada uma vértebra de peixe na fogueira interna (F_3), da M_7 , Z_2 .

Fragmentos de exoesqueleto de Crustacea apareceram em duas campanhas: em 93 na zona um, fogueira externa (F_3) e em 95 na zona dois, P_1 , fogueira interna (F_2).

É importante reconhecer que não se encontraram restos alimentares associados aos sepultamentos, o que indica que não ocorreram oferendas alimentares, relacionadas a vestígios faunísticos, aos mortos.

Os espaços ocupados pelas populações pré-históricas no sítio de *Água Limpa*, por estarem assentados em relevo de vertentes suaves (colí-

nas), indicam que os recursos naturais eram favoráveis à fixação humana.

Mudanças de habitats, busca de fontes de matéria-prima como argila, coleta e estratégia de forrageio (Binford 1980) para procura de alimentos parece ser a base dos povos caçadores-coletores.

Pode-se inferir que esse sítio a céu aberto foi um local de captação de recursos representado por ocupações sazonais ou esporádicas conforme comprova a documentação faunística.

Alguns dos animais encontrados nesse sítio são tipicamente de ambiente de floresta, enquanto outros são típicos do cerrado ou áreas não florestadas. Porém, observou-se através das espécies identificadas (Quadro 2) predominância dos animais que ocorrem em ambientes de florestas. Isto pode indicar preferência por estes animais ou então uma maior quantidade de espécies disponíveis neste ambiente. Áreas de florestas e matas poderiam ter sido a principal fonte de caça e de coleta dos alimentos. Essas atividades deveriam ocorrer em grupo já que a maioria dos mamíferos encontrados eram animais de grande porte. Para isso, deveriam utilizar instrumentos cortantes confeccionados a partir dos fragmentos encontrados, além de força e disposição para dominar os animais.

Quanto à dieta alimentar do grupo, seguindo os resultados obtidos, foi composta principalmente por répteis e mamíferos (caça), moluscos e artrópodes (coleta) e peixes (pesca) em menor quantidade. A quantidade do número de fragmentos (NF) e suas respectivas porcentagens, encontram-se no Quadro 3 que se refere à distribuição das classes sistemáticas.

É sabido que a horticultura dos povos pré-históricos e a agricultura de coivara desenvolvi-

da pelos índios na época do contato resultam em clareiras no interior da mata, abertas em várias sucessões ecológicas que colaboram com o aumento da biodiversidade local. O estudo de práticas relacionadas ao modo de subsistência elucidam os padrões do comportamento humano enfatizando as relações Homens-Animais e seus padrões evolutivos através dos tempos. Segundo Binford (1980), sistemas humanos de adaptação podem ser diferenciados, e essas diferenças podem caracterizar ações e lugares de diferentes comportamentos. Isto explica a desigualdade entre os sítios arqueológicos. Sendo assim, os estudos realizados no Sítio de *Água Limpa* vêm corroborar os meios ancestrais dos hábitos e costumes de populações que eram horticultores-ceramistas, mas que conservavam como prática social a caça, coleta e, em menor escala, pesca.

Agradecimentos aos colaboradores

Ao Prof. Dr. Paulo Emílio Vanzolini (Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP), pelo auxílio na identificação dos fragmentos ósseos das três campanhas (1993,94 e 95), ao Prof. Herculano M. F. Alvarenga, médico e ornitólogo, residente em Taubaté - SP, pela identificação de alguns fragmentos ósseos (campanha de 1993), a Gabriel Lima Pimentel, ex-fotógrafo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo-MAE-USP, pela realização das fotos 4 a 10 e a Alessandra Fernandes Bizerra, mestranda em Zoologia (Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo – IB-USP), pela colaboração na catalogação do material e auxílio na execução das tabelas.

QUADRO 1

Distribuição Espacial do Material Zooarqueológico											
Fragmentos	Procedência										
	CS		P ₁		T ₁₋₈		M ₁₋₂		F ₁₋₈		F
	Z ₁	Z ₂	Z ₁	Z ₂	Z ₁	Z ₂	Z ₁	Z ₂	Z ₁	Z ₂	
Ossos	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Placas dérmicas	X	-	-	-	X	-	-	X	-	-	X
Conchas	X	-	X	X	X	X	X	*	X	-	*

* Este material encontra-se em estudo no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP, sob os cuidados do Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme. Observa-se na distribuição espacial do material zooarqueológico, que os diferentes fragmentos ósseos, associados a dentes ou não, dérmicos e conchas estão presentes em quase todos os setores de pesquisa: Coleta de superfície (CS), Perfil (P), Trincheiras (T), Manchas (M) e Fogueiras (F) correspondentes às zonas (Z₁ e Z₂). O que indica que não houve alterações ambientais significantes da época da ocupação até os dias de hoje. Isso é corroborado uma vez que a fauna permanece a mesma no sítio arqueológico e no meio ambiente atual.

QUADRO 2

Identificação Taxonômica			
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE
Gastropoda	Pulmonata	Megalobulimidae	<i>Megalobulimus oblongus</i> (caramujo-do-mato)
Bivalvia	Schizodonta	Hyriidae	<i>Diplodon</i> sp.
Crustacea	Decapoda		
Pisces (Osteichthyes)			
Reptilia	Chelonia		
	Crocodylia		
	Squamata	Teiidae	<i>Tupinambis</i> sp. (teiu)
		Boidae	<i>Boa</i> sp. (jibóia) <i>Eunectes</i> sp. (sucuri)
Mammalia	Marsupicarnivora	Didelphidae	<i>Philander oposum</i> (cuíca) <i>Didelphis</i> sp. (gambá)
	Edentata	Dasypodidae	<i>Dasybus novemcinctus</i> (tatu-galinha) <i>Cabassous tatouay</i> (tatu-de-rabo mole) <i>Euphractus sexcinctus</i> (tatu-peba)
	Primates	Cebidae	<i>Cebus appela</i> (macaco-prego)
	Rodentia	Cricetidae	
		Erethizontidae	<i>Coendou</i> sp. (porco-espinho)
		Caviidae	<i>Galea</i> sp. (preá)
		Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i> (cotia)
		Echimiidae	
	Lagomorpha	Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (lebre)
	Carnivora	Canidae	<i>Dusicyon thous</i> (cachorro-do-mato)
		Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i> (mão pelada) <i>Nasua nasua</i> (quati)
		Mustelidae	<i>Eira barbara</i> (irara)
		Felidae	<i>Felis tigrina</i> (gato-do-mato) <i>Felis pardalis</i> (jaguatirica)
	Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i> (queixada) <i>Tayassu</i> sp. (porco-do-mato)
		Cervidae	<i>Mazama</i> sp. (veado)
	Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i> (anta)

QUADRO 3

Distribuição das Classes Sistemáticas								
CLASSE	NF - 93	%	NF - 94	%	NF - 95	%	Σ NF	
							93-94-95	%
Gastropoda	160	21.30	*	*	126	14.70	286	15.34
Bivalvia	26	3.47	*	*	14	1.62	40	2.15
Crustacea	1	0.13	-	-	2	0.22	3	0.16
Osteichthyes	-	-	1	0.40	-	-	1	0.05
Reptilia	12	1.60	34	13.50	45	5.25	91	4.88
Mammalia	167	22.24	199	79.30	187	21.82	553	29.64
Identificados	366	48.73	234	93.22	374	42.82	974	52.25
Não-identificados	385	51.26	17	6.80	490	57.47	892	47.80
TOTAL	751	100.00	251	100.00	864	100.00	1866	100.00

* Este material encontra-se em estudo no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP, sob os cuidados do Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme.

Número de fragmentos (NF) encontrados em cada campanha de escavação no sítio "Água Limpa" – com respectivas porcentagens e Somatória (Σ) das três campanhas (1993 a 1995).

QUADRO 4

Distribuição das espécies			
ESPÉCIES	NF-93	NF-94	NF-95
<i>Megalobulimus oblongus</i>	160	*	126
<i>Diplodon</i> sp.	26	*	-
<i>Tupinambis</i> sp.	-	5	6
<i>Boa</i> sp.	1	1	7
<i>Eunectes</i> sp.	-	1	-
<i>Philander opossum</i>	-	2	2
<i>Didelphis</i> sp.	-	1	2
<i>Dasybus novemcinctus</i>	-	4	2
<i>Cabassous tatouay</i>	-	1	-
<i>Euphractus sexcinctus</i>	-	1	-
<i>Cebus appela</i>	2	2	1
<i>Cebus</i> sp.	-	-	1
<i>Coendou</i> sp.	-	1	-
<i>Galea</i> sp.	-	1	-
<i>Dasyprocta azarae</i>	2	5	15
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	-	-	1
<i>Dusycion thous</i>	1	-	1
<i>Dusycion</i> sp.	2	0	-
<i>Procyon cancrivorus</i>	-	-	2
<i>Nasua nasua</i>	-	1	-
<i>Eira barbara</i>	-	2	-
<i>Felis pardalis</i>	1	1	-
<i>Felis tigrina</i>	-	1	-
<i>Tayassu pecari</i>	2	1	-
<i>Tayassu</i> sp.	2	36	16
<i>Mazama</i> sp.	5	24	23
<i>Tapirus terrestris</i>	7	19	26

* Este material encontra-se em estudo no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – MZUSP, sob os cuidados do Prof. Dr. José Luiz Moreira Leme.

De acordo com o número de fragmentos (NF) encontrados por espécie, em relação ao ano amostrado.

ALVES, M.A.; COELHO, M.E.V. The Site of Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – structures of combustion, food remains and subsistence patterns. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 123-140, 1996.

ABSTRACT: This paper results from the application of a systematic program on the excavations in the site of Água Limpa, Monte Alto, State of São Paulo, a project called “Turvo”. The site of Água Limpa is wide open, with one stratigraphic level – the litho-ceramic, dated by TL in 1524 B.P. It has been excavated by the method of “Wide Surfaces”. Field work showed dark spots, remains of burnt material (coal), one area where primary burials were found out of urns, secondary burials and evidences of fauna. This paper aims to report the structures of combustion and food remains in the site of Água Limpa and relate this presence with the documentations of fauna. Based on this correlation we intend to infer the type of populations which inhabited the place and their pattern of subsistence. The analysis of the food remains associated with the vestiges of fauna showed that the local population had a pattern of living related to horticulture, manufacturing of ceramic, collecting of fruit and small animals, hunting and fishing; the last one less frequently. Results also indicated the presence of a large amount of bones, teeth and both dermic and shell fragments in this site. This population used in their daily life vertebrates (Pisces, Reptillia, Mammalia) and invertebrates (Gastropoda, Bivalvia, Crustacea), not only as food items, but also as ornaments and tools. Many of these fragments present traces indicating the manufacture of artifacts, besides the wear marks. These data elucidate the alimentary habits of the local ceramic-horticulturalist population.

UNITERMS: Systematic excavations – Wide Surfaces – Structure of combustion – Food remains – Vestiges of fauna.

Referências bibliográficas

- ALVES, M. A.; CHEUCHE MACHADO, L.M.
1995/96 Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamento no sítio de Água Limpa, Monte Alto - SP. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Coleção Arqueologia*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1,v.2: 295-310.
- ALVES, M.A.
1992 As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro – Minas Gerais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 27-47.
- BARNES, R.D.
1977 *Zoología de los Invertebrados*. México, Tercera edición, Nueva Editorial Interamericana.
- BINFORD, L.R.
1980 Willow smoke and dogs tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45 (1): 4-20.
- BOFFI, A.V.
1979 *Moluscos Brasileiros de interesse Médico e Econômico*. São Paulo, FAPESP/HUCITEC.
- CALLEFFO, M.E.V.; ALVES, M.A.
1996 Zooarqueologia: análise de vestígios faunísticos através de evidências biológicas e documentação óssea, recuperados do sítio de Água Limpa, Monte Alto, SP (Projeto Turvo). “Resumos” – XXI Congresso Brasileiro de Zoologia, UFRS, Porto Alegre: 262.
- FLOWER, W.H.
1966 *An introduction to the Osteology Of The Mammalia*. Third edition, Amsterdam, A. Asher & Co.
- HOFLING, E.; OLIVEIRA, A.M.S.; RODRIGUES, M.T.; TRAJANO, E.; ROCHA, P.L.B.
1995 *Chordata – Manual para um curso prático*. São Paulo, Edusp.
- HUECK, K.; SEIBERT, P.
1972 *Mapa de la Vegetación de America del Sur*. Stuttgart, Gustav Fischer Verlag.
- IBGE
1995 *Plantão informativo*. São Paulo.

ALVES, M.A.; CALLEFFO, M.E.V. Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 123-140, 1996.

IHERING, R.V.

1968 *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo, Editora Universidade de Brasília.

LEROI-GOURHAN, A.

1972 Vocabulaire, Fouilles de Pincevent–Essai ethnographique d'un habitat Magdalénien. *VII^{ème} supplément à Gallia Préhistoire*. Paris, CNRS: 321-327.

LIMA, T.A.

1989 Zooarqueologia: considerações teórico-metodológicas. *Dédalo*, São Paulo, Publicações avulsas n.º 1: 175-189.

PALLESTRINI, L.

1975 *Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo*. Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia, I, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, USP, SP.

1972/73 Supra-estruturas e infra-estruturas arqueológicas no contexto ecológico brasileiro. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, Museu Paulista-USP, XX:7-32.

SANTOS, E.

1981 *Anfíbios e répteis*, *Zoologia Brasileira*, Vol.3. 3ª edição, Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda.

SAUNDERS, J. T.; MANTON, S.M.

1959 *A manual practical vertebrate morphology*. Third edition, Oxford, Oxford University Press.

SMITH, B.D.

1976 "Twitching": a minor Ailment Affecting Human Paleo-Ecological Research. C.E. Cleland (Ed.) *Cultural Change and Continuity*. New York, Academic Press: 275-292.

STORER, T.I.; USINGER, R.L.; STEBBINS, R.C.; NYBAKKEN, J.W.

1984 *Zoologia Geral*. Sexta Edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

VELLOSO, H.P., RANGEL FILHO, A.L.R.; LIMA, J.C.A.

1991 *Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal*. Rio de Janeiro, IBGE, Depto. de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, RJ.

WING, E.S.; BROWN, A.B.

1979 *Paleolithic Method and Theory in Prehistoric Foodways*. New York, Academic Press.

Recebido para publicação em 20 de julho de 1996.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GRÈS NO SÍTIO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO JARDIM DAS PRINCESAS, MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Helianne de Niemeyer Mendonça*
Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão*

MENDONÇA, H.N.; BELTRÃO, M. da C.M. Considerações sobre o grès no sítio histórico-arqueológico Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 141-154, 1996.

RESUMO: Partindo do estudo preliminar dos vasilhames de grès de meados do século XIX, encontrados no Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro, tornou-se necessária a pesquisa no local, numa tentativa de resgatar, por meio de vestígios materiais, aspectos sócio-econômicos e culturais que ali viveram. Para isso, foram realizadas pesquisas arqueológicas – escavação, análise do material encontrado, entre outras atividades – resultando na reconstituição de alguns vasilhames utilizados.

UNITERMOS: Arqueologia – História – Jardim das Princesas – Grès.

Introdução

“... A Arqueologia Histórica é a que utiliza técnicas e métodos arqueológicos para a reconstituição ou elucidação de fatos históricos ...” (Beltrão 1995)

Utilizam-se métodos de trabalho da Arqueologia (vestígios materiais) e da História (documentação escrita e iconográfica). O emprego dos dois métodos permite compreender a estrutura social, política, econômica e cultural de uma sociedade passada. “... da qual conhecemos ou podemos conhecer documentos escritos e restos materiais ...” (Beltrão *et al.* 1988)

O presente trabalho apresenta o estudo inicial de uma das categorias de material encontrado em trabalhos de sondagem no Jardim das Princesas – o grès – em decorrência de obras de reparo hidráulico realizadas no local.

No período em que foi efetuada a primeira etapa de pesquisa, ressaltou-se a importância de aprofundar o estudo da louça (incluindo o grès) nos sítios históricos brasileiros [incluímos o grès na designação louça, seguindo a classificação de Pileggi (1958)].

Segundo Blasi (1963) “... as evidências artesanais, igualmente, podem ser conhecidas pela descoberta de objetos cerâmicos, metálicos, líticos, ósseos, etc., os quais elucidam muitos aspectos das atividades da população ...”

Pequeno histórico sobre o grès

A fabricação do grès tem sua origem em épocas bem longínquas, sendo os dois centros de maior destaque no Oriente, a China, desde o século III a.C. e a Coreia do Sul, 57a.C. (Brancante 1981). Segundo o mesmo autor, citando Augusto Demmin, “O grès foi fabricado já no século VIII e a antiga Alemanha teve sua cerâmica comum e impermeável, como a Gália teve a sua desde o começo da era cristã.”

(*) Museu Nacional do Rio de Janeiro.



Fig. 1 – Aspecto do patamar superior do Jardim das Princesas.



Fig. 2 – Aspecto do patamar inferior do Jardim das Princesas.

Sua descoberta por povos distintos, orientais e ocidentais, em épocas diferentes, revela a perspicácia e a criatividade do ser humano, em pontos distantes do mundo (Brancante 1981). Deste modo, com a variação de usos e costumes de civilizações diferentes, o grès teve sua utilização, forma, manufatura, decoração, etc., significativamente ampliadas. Com a evolução das técnicas de manufatura, acaba por contribuir para o crescimento da arte cerâmica.

Com o grès, o chinês alcança a porcelana e o inglês descobre a faiança fina (Brancante 1981). A produção germânica tem sua maior influência até o final do século XVIII, seguindo-se a ela a inglesa que, com sua descoberta, traz acréscimo de variadas formas, cores e decorações. No Brasil do século XVIII, o grès já era conhecido devido ao contato com os holandeses que aqui vieram trazendo garrafas em grande quantidade.

A vinda de D. João VI para o Brasil ocasionou uma série de mudanças na colônia, afetando diretamente a vida dos habitantes, intensificando-se com a abertura dos portos às nações amigas. Uma série de tratados de aliança

e comércio assinados com a Inglaterra, em 1810, proporcionou a entrada de produtos no mercado brasileiro, incluindo, inclusive, no comportamento social (Lima *et al.* 1989). O comércio no Rio de Janeiro crescia de ano a ano (Ebel 1972). A entrada de uma quantidade extraordinária de produtos ingleses, abarrotava as lojas com mercadorias tais como sal, pregos, chapéus, queijo, louça de barro e vidro, armas, garrafas de cerveja, tintas (Mawe 1944). Muitas vezes, com objetos totalmente inadequados ao nosso uso, como por exemplo, patins de gelo (Monteiro 1978).

Dentre a infinidade de produtos importados que lotavam o comércio brasileiro, estava o grès, sob variados tamanhos, formatos e cores. Os vasilhames de grès (garrafas, meias garrafas, botijas e garrafões) foram muito utilizados no armazenamento de líquidos como cerveja, vinho, tinta, azeite, etc. Porém predominava a importação de garrafas para o acondicionamento de cerveja. No século XIX, fábricas que aqui se instalaram utilizavam as garrafas importadas para engarrafar suas bebidas (Brancante 1981).



Fig. 3 – Local onde foi encontrado o material em estudo.

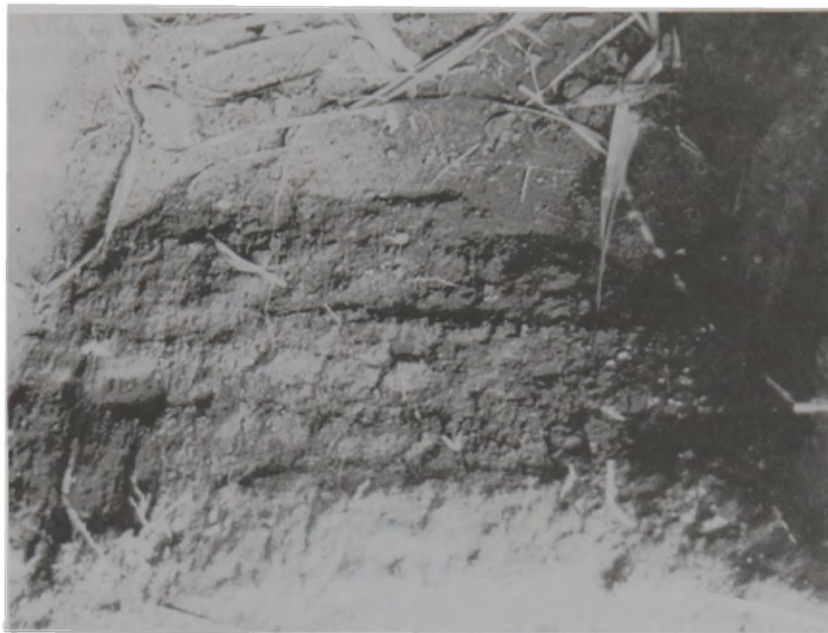


Fig. 4 – Poço-teste aberto no patamar superior do Jardim das Princesas.

Material e métodos

Após o afloramento de material em decorrência das obras executadas no Jardim das Princesas (Figs.1,2)¹ resolveu-se realizar um estudo mais aprofundado, consistente em pesquisas na área de História. Segundo Albuquerque (1992), as fontes utilizadas pela História começaram a se desenvolver e crescer a partir do século XIX na medida em que se sucediam “novas formas de abordagem”. Diz o autor:

“O século XIX incorpora às fontes históricas, elementos significativos: amplia a documentação figurada através da invenção da fotografia e passa a utilizar de modo bem mais sistemático que anteriormente uma classe de documentos mencionada em seu conjunto como Restos. São vestígios de elementos do passado que não foram produzidos visando a transmissão de conhecimento às futuras gerações; nem mesmo à geração coeva. Antes constituíam-se, a sua época, em elementos do

cotidiano destas sociedades. Entre eles figuram do mesmo modo as ruínas de uma cidade, restos de instrumentos, de utensílios, e de quaisquer outros elementos produzidos pelo homem. Mesmo os restos humanos passam a integrar esta classe de documento.”

A etapa inicial da pesquisa consistiu em um levantamento iconográfico e bibliográfico sobre a área a ser trabalhada. Levando em consideração o material aflorado, somado ao resultado obtido nas pesquisas históricas, resolveu-se efetuar uma pequena sondagem (Fig.3) em local próximo de onde foram realizadas as obras de reparo hidráulico, por meio da abertura de uma trincheira com profundidade média de 90cm no sentido leste/oeste. O material aí encontrado era composto em sua maioria por fragmentos de grès e, em sua minoria por fragmentos de vidro, material de construção (telhas e tijolos) e metal (pregos e cravos).

Em outra sondagem (Fig.4) realizada na parte superior do Jardim, de proporções menores, também foram encontrados fragmentos de vidro, metal, composto por pregos e cravos, além de dois botões, provavelmente da época do Império.

(1) Fotografias e desenhos: Helianne de Niemeyer Mendonça.

Após a pesquisa histórica e as sondagens, foi realizado o tratamento em laboratório do material encontrado. O mesmo foi separado por categorias, considerando, para este trabalho, o grès, tendo sido lavado em água corrente, tomando-se o cuidado necessário para não esfregar em demasia as peças, a fim de não prejudicá-las. Foram colocadas para secar de forma natural, efetuando-se, em seguida, a numeração individual e o devido acondicionamento. As peças foram desenhadas, fotografadas e medidas.

Com o material preparado foi realizada uma tentativa de remontagem dos fragmentos existentes, visando a possível reconstituição dos vasilhames e o posterior estudo dos mesmos, com a finalidade de contribuir para a compreensão dos aspectos sócio-econômicos e culturais de grupos sociais não mais existentes.

Após a remontagem de alguns fragmentos foram feitas novas medições, agora dos vasilhames total ou parcialmente reconstituídos, tendo sido tomadas as seguintes medidas: comprimento total do corpo, do ombro, do pescoço ou gargalo; larguras da base e da abertura da boca (Figs. 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11).

Informações gerais sobre o grès

1. Definição

Para melhor compreensão do trabalho, é necessário que se conheça o significado do termo *grès*. Vários autores o definem de forma bem semelhante. Lopez (1943) apresenta:

“... su fractura no es terrea, sino vitrea o ligeramente granujienta; no se adhiere a la lengua; produce chispas con el acero, su masa es densa, sonora y compacta, de modo que no necesita cubierta para ser impermeable ...”

Já Pileggi (1958) define o grès da seguinte maneira:

“... é uma composição de contextura muito forte, impermeável, de grão fino, cozido a alta temperatura, entrando em semifusão ou vitrificação total ...”

Brancante (1981) fornece duas definições de grès, citando dois autores, respectivamente Gustavo Barroso e E.S. Ausher:

“... pasta dura, muito densa, sonora e impermeável, de grão fino, opaca ou lustrada, feita com argila silicosa e saibro ...”

“... Les céramiques à pâtes très cuites, non absorbantes, constituent la grande famille des grès ...”

Todos acabam por unificar o significado do grès cerâmico como tendo massa compacta, grão fino, sendo sonora e impermeável, cozida a alta temperatura.

2. Composição

Quanto à composição, Lopez (1943) esclarece:

“... la pasta del grès comum se compone de arcilla plástica sin lavar, o sea limpia, a mano, separando los fragmentos gruesos de cuarzo o caliza, y se la cementa con arena cuarzosa; comúnmente la arcilla empleada se extrae de los bancos que recubren las capas de creta en los terrenos secundários, y ha de ser de tal composición que pueda sufrir un principio de fusión ...”

Diz ainda que, para obter boas massas, no que diz respeito à resistência, coloração, choque, etc. deve-se misturar vários tipos de argila plástica. As argilas utilizadas na fabricação do grès comum não são lavadas, pois seria uma etapa muito cara do processo de fabrico. A diferença entre o grès comum e o grès fino estaria presente, também, na composição da massa. A massa do grès fino inglês se assemelharia às faianças feldspáticas, entrando nela menos sílex e mais pegmatita.

3. Coloração

O grès pode variar do bege claro ao marrom, passando por várias tonalidades, existindo também um tom avermelhado ou até mesmo preto (“Black Basalt”), além de um cinza variando entre o claro e o escuro.

Lopez (1943) refere-se à coloração do grès explicando que, se uma argila possui pouco ferro ou até mesmo nenhum, será obtido o grès branco ou de tonalidades claras. Contendo ferro, consegue-se o grès com tonalidades avermelhadas, existindo, entre os dois tons, uma série de variações.

A temperatura do forno onde será cozida a cerâmica também é fator determinante de cor.

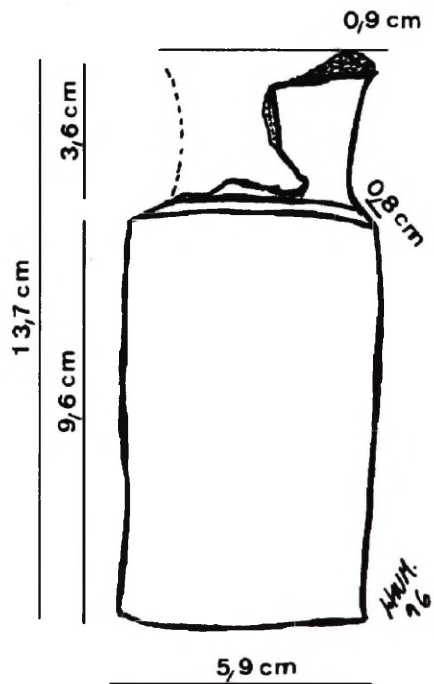
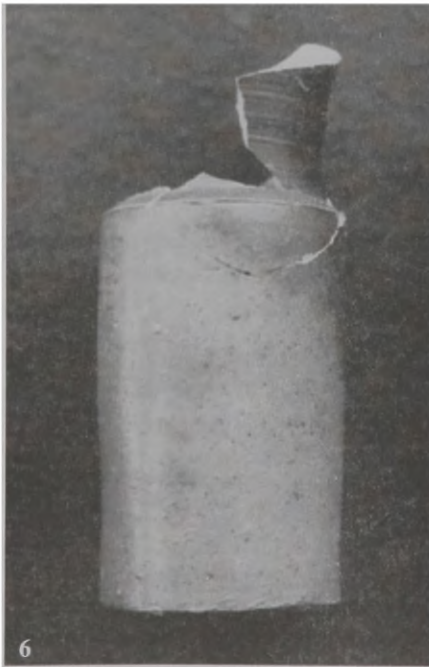
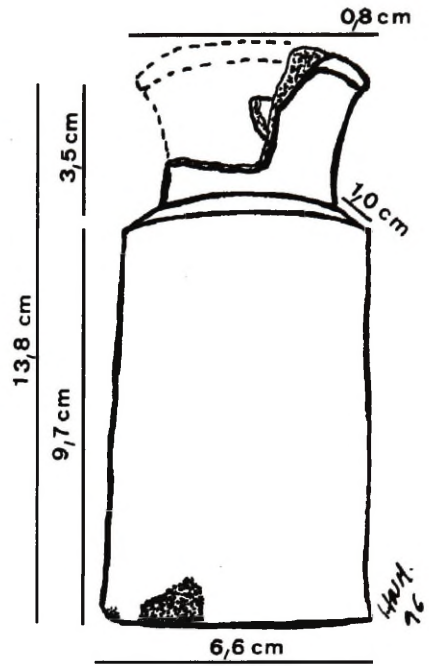
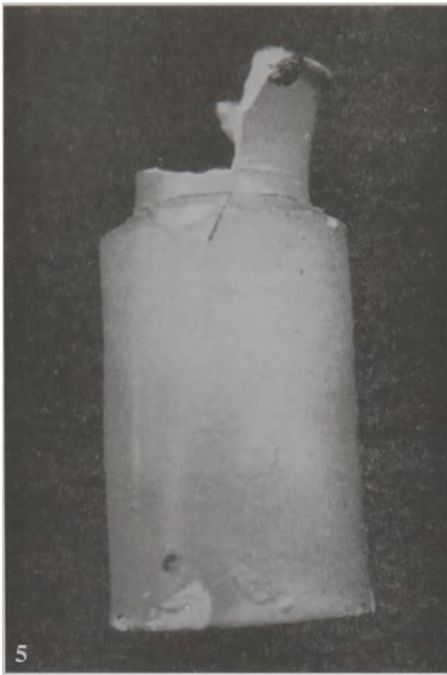


Fig. 5 e 6 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

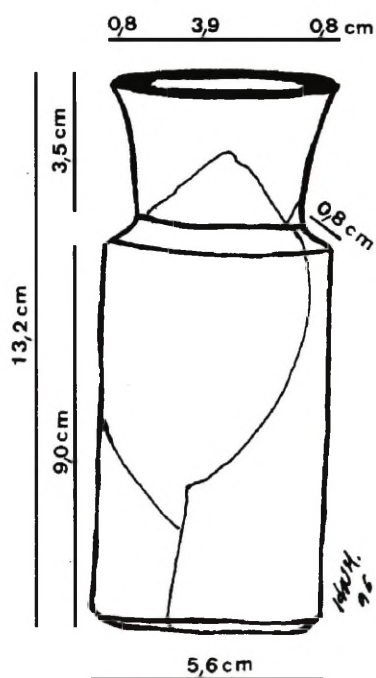
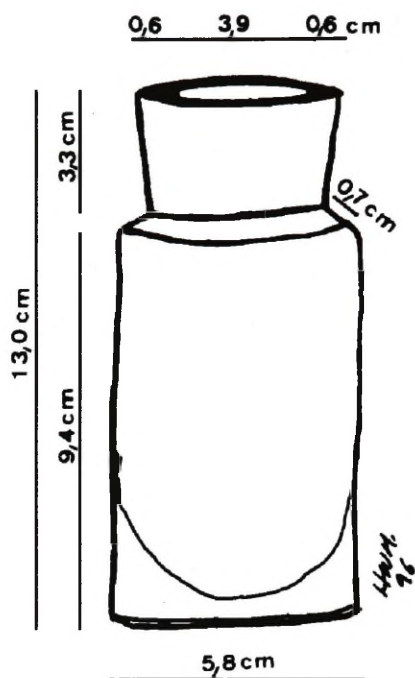


Fig. 7 e 8 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

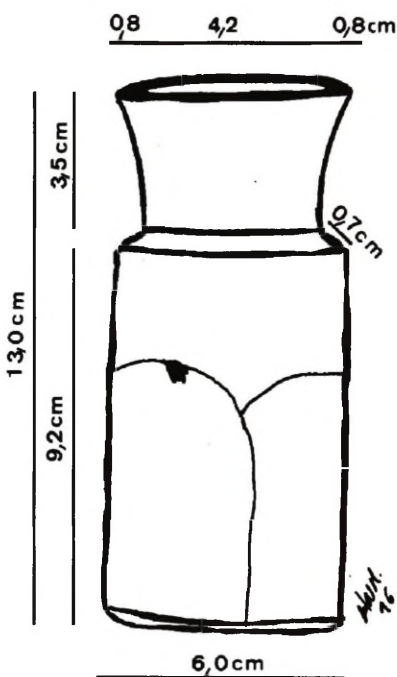
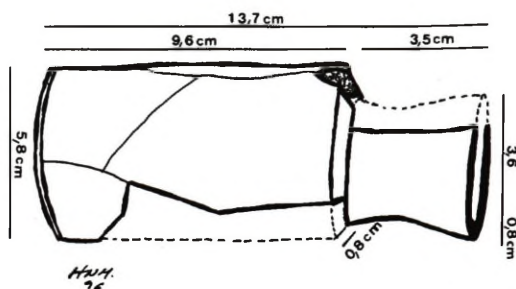


Fig. 9 e 10 – Exemplos de vasilhames encontrados nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

Usando, por exemplo, o fogo baixo, será obtido um produto de cor clara.

Lopez (1943) esclarece que, ao banhar o grès, colocando-o numa água que contenha ocre amarelo, dependendo da qualidade deste e da intensidade do fogo, resulta uma camada amarelo pardo, mais ou menos bronzeado.

Outra explicação é fornecida por Rosenthal (1958) acerca da coloração: os tons dominantes são

os amarelados ou pardo escuros, cinzas ou azulados, dependerá da quantidade de impurezas contidas na argila e das circunstâncias de cocção.

4. Utilização

Com a evolução das técnicas de produção, o grès teve seu uso cada vez mais expandido. Exis-

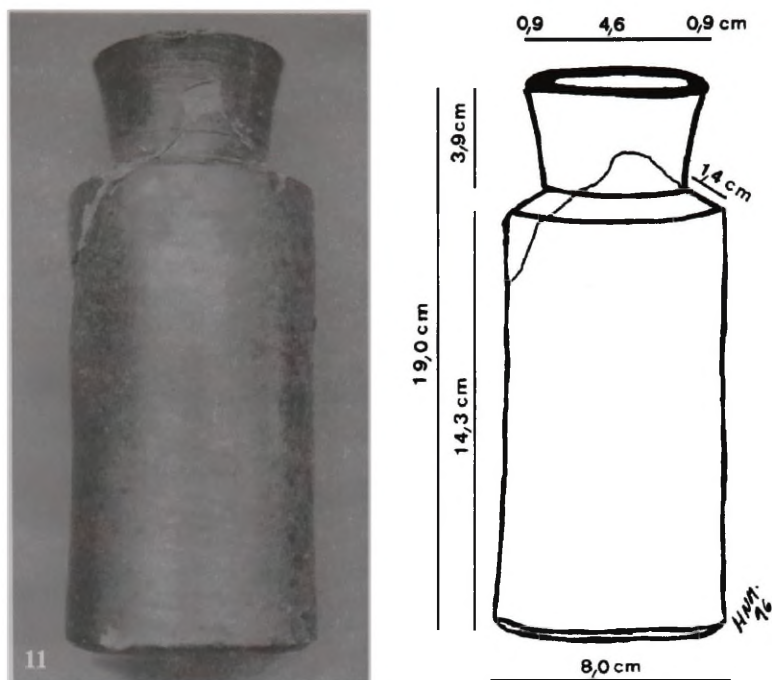


Fig. 11 – Primeiro vasilhame, sem inscrição, encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico.

tem basicamente duas linhas de fabrico: a de grès industrial e a de grès fino. A primeira destinada a materiais de construção, tais como manilhas, tubulações, etc. A segunda, destinada a louças, garrafas, adornos, broches, etc. (Brancante 1981).

Descrição da área

A área onde hoje está situado o Museu Nacional do Rio de Janeiro (Fig.12), no bairro de São Cristóvão, abrigou grupos sociais diversos, habitando as terras que, até 1759 pertenceram aos jesuítas. Foram então expulsos do Brasil por um ato do Marquês de Pombal. As terras foram confiscadas, divididas e vendidas em leilão. Um comerciante português, Elias Antônio Lopes, comprou o lote onde estava situada a sede da fazenda.

Mais tarde, a construção foi por ele reformada e doada a D. João VI, quando de sua chegada ao Brasil. Até o ano de 1889, abrigou a Família Imperial, passando o Palácio por uma série de refor-

mas (Fig.13). Em 1892 passou a abrigar o Museu Nacional, antes situado no Campo de Sant' Anna. Sofreu várias reformas resultando na configuração atual do prédio.

Segundo Lima (1989) "... os espaços são ocupados, abandonados, reutilizados, transformados, reciclados, restringidos ou ampliados através dos tempos, determinando diferentes assentamentos que se superpõem no espaço e se sucedem cronologicamente, com freqüentes perturbações estratigráficas ..." É o que acontece com a área estudada, tendo sido transformada, reutilizada, etc. no correr dos anos, resultando num provável "depósito histórico".

O Jardim das Princesas acompanha toda a lateral esquerda do prédio do Museu Nacional, sendo limitado ao norte pelo próprio prédio, ao sul/oeste por muros e a leste por um portão de grades de ferro. É formado por dois patamares (Fig.14): o superior, dividido em 2 áreas retangulares, com área de aproximadamente 261m² e 420m², respectivamente, separadas por um caminho de pedras e tijolos, extremado por dois portões de ferro; o in-



Fig. 12 – Fachada principal do prédio do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A seta indica a localização do Jardim das Princesas.

ferior é uma área alongada, com aproximadamente 2.060m², estreitando em direção à frente do prédio e terminando num portão de ferro. A altura entre o patamar superior e o inferior é de 3,50m. Possuem canteiros centrais, algumas árvores e arbustos.

Segundo a bibliografia existente, teria sido o jardim utilizado pela Princesa Isabel em seus estudos, passeios e brincadeiras.

Resultados e conclusões

Este trabalho apresenta as etapas iniciais da pesquisa histórico-arqueológica realizada no Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A amostragem do material estudado, embora pequena, foi considerada significativa e suficiente para a elaboração deste trabalho.



Fig. 13 – Configuração, em 1831, do atual prédio do Museu Nacional.

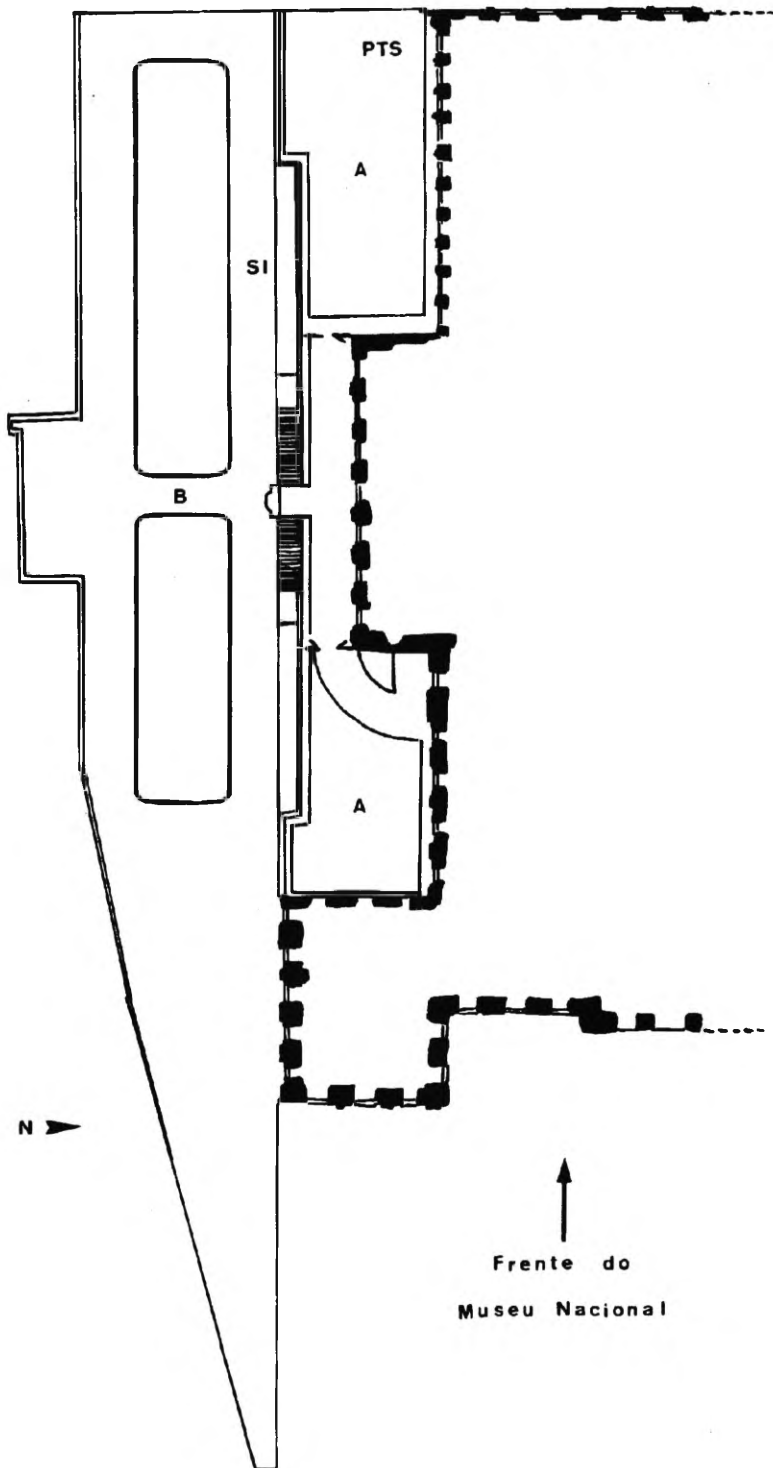


Fig. 14 – Planta do Jardim das Princesas: (A) patamar superior; (B) patamar inferior; (PTS) poço-teste aberto no patamar superior; (SI) sondagem realizada no patamar inferior.

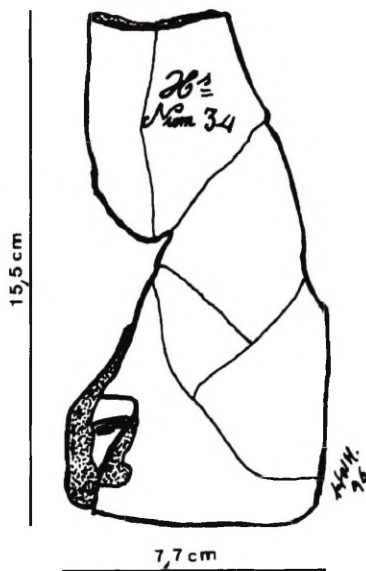


Fig. 15 – Segundo vasilhame, com inscrição, encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico.

O material encontrado por ocasião das obras de reparo hidráulico, base para a realização deste trabalho, consiste em duas garrafas de grès, parcialmente conservadas. O primeiro exemplar não pos-



Fig. 16 – Detalhe do vasilhame da figura anterior, mostrando a inscrição presente.

sui marcas ou inscrição (Fig. 11). O segundo exemplar (Fig. 15) possui uma inscrição na parte superior do corpo do vasilhame (Fig. 16) que indicaria, provavelmente, a série e o ano de produção, servindo para o armazenamento de água ou de alguma bebida alcoólica.

A amostragem evidenciada na sondagem realizada próximo à obra revelou a presença de uma única garrafa inteira (Fig. 17) e com presença de inscrição (Fig. 18), revelando sua origem inglesa, com período de atividade de fabrico entre 1833 e 1867.

Dos fragmentos encontrados, dois continham inscrição igual à do exemplar acima citado. O material remontado resultou em alguns vasilhames de variadas formas, tamanhos e cores, indo do bege claro ao marrom escuro ou avermelhado. Possui um revestimento também variado, sendo, às vezes, parcialmente vidrado internamente ou externamente e outras totalmente vidrado. De todos os vasilhames ainda não foi possível estabelecer a origem. Quanto à utilização, teriam servido para o armazenamento de líquidos, tais como tinta, água, bebidas alcoólicas.

As pesquisas bibliográfica e iconográfica revelaram vistas antigas do prédio do Palácio Impe-

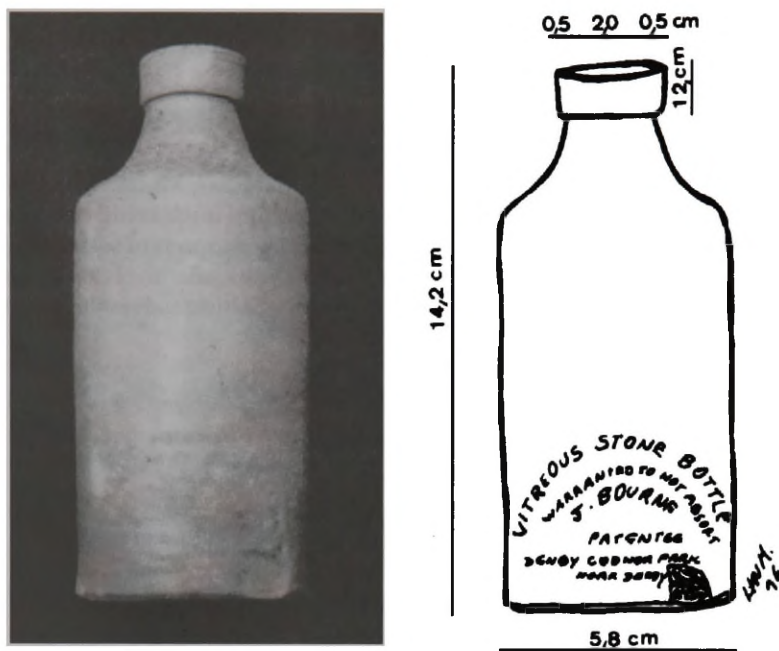


Fig. 17 – Vasilhame inteiro encontrado nas sondagens realizadas no patamar inferior do Jardim das Princesas.

rial/Museu Nacional, onde aparecem aspectos internos e externos do Jardim das Princesas, podendo vir a auxiliar em sua reconstituição no correr do desenvolvimento do projeto.

Agradecimentos

Helianne de Niemeyer Mendonça agradece a Ulisses Caramaschi pelo apoio, incentivo, leitura do manuscrito ...



Fig. 18 – Detalhe do vasilhame da figura anterior, mostrando a inscrição presente.

MENDONÇA, H.N.; BELTRÃO, M. da C.M. Considerations about the grès in the historic-archaeological site Jardim das Princesas, Museu Nacional of Rio de Janeiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 141-154, 1996.

ABSTRACT: Starting from a preliminary study of the vessels of grès from the middle of XIX Century found in the "Jardim das Princesas", Museu Nacional of Rio de Janeiro, it becomes necessary to investigate the area, in the attempt to rescue, through material vestiges, the socioeconomic and cultural aspects of social groups that there lived. For these, archaeological researches were made, involving digging out and analysis of the material found, among other activities, and resulting in the reconstitution of some vessels then utilized.

UNITERMS: Archaeology – History – Jardim das Princesas – Grès.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, M.
1992 Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. *CLIO*, Série Arqueológica, 1(8): 131-151.
- BELTRÃO, M.
1995 A Arqueologia e a Caatinga. *Carta Mensal*, 40(479): 23-40.
- BELTRÃO, M. da C.M.C.; DÓRIA, M.R.; DÓRIA, F.A.
1988 Sobre o método da Arqueologia e o Método da História. *CLIO*, Série História do Nordeste, Recife, 10: 15-51.
- BLASI, O.
1963 Aplicação do Método Arqueológico no estudo da Estrutura Agrária de Vila Rica do Espírito Santo - Fênix - PR. *Boletim da Universidade do Paraná*, 4: 1-13.
- BRANCANTE, E.F.
1981 *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. São Paulo, Cia. Lithographica Ypiranga.
- EBEL, E.
1972 *O Rio de Janeiro e seus Arredores em 1824*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- LIMA, T.A.; FONSECA, M.P.R. da; SAMPAIO, A.C. de J.; FENZL-NEPOMUCENO, A.; MARTINS, A.H.D.
1989 A Tralha Doméstica em Meados do Século XIX: Reflexos da Emergência da Pequena Burguesia do Rio de Janeiro. *DÉDALO*, São Paulo, Publicações Avulsas nº 1: 205-230.
- LIMA, T.A.
1989 Arqueologia Histórica: Algumas Considerações Teóricas. *CLIO*, Série Arqueológica, 5: 87-99.
- LOPEZ, M.G.
1943 *Manual Completo de Cerâmica*. Tomo I. Buenos Aires, Editorial Pan America.
- MAWE, J.
1944 *Viagens no Interior do Brasil Principalmente dos Ouros e dos Diamantes*. Rio de Janeiro, Zélio Valverde.
- MONTEIRO, M.P.
1978 A Visão Colonialista dos Viajantes Europeus no Século XIX. *CLIO*, 11: 73-81.
- PILEGGI, A.
1958 *Cerâmica no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Livraria Martins Editora.
- ROSENTHAL, E.
1958 *Alfareria y Cerâmica*. México, Editorial Rever-té S.A.

Recebido para publicação em 20 de julho de 1996.

HIPEROSTEOSE POROSA EM CRÂNIOS DE ÍNDIOS E MULATOS DO SUDESTE BRASILEIRO: CORRELAÇÃO ENTRE AS LESÕES NA CALVÁRIA E NA ÓRBITA

Marília Carvalho de Mello e Alvim†
Dorath Pinto Uchôa*

MELLO e ALVIM, M.C. de; UCHÔA, D.P. Hiperosteose porosa em crânios de índios e mulatos do Sudeste brasileiro: correlação entre as lesões na calvária e na órbita. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 155-168, 1996.

RESUMO: A pesquisa da hiperosteose em crânios de índios e mulatos do Sudeste brasileiro, feita pelas autoras, correlaciona as lesões na calvária e na órbita. O trabalho soma-se aos inúmeros estudos publicados por anatomistas, antropólogos físicos, médicos e paleopatologistas que consideram a hiperosteose porosa como marcador de estresse biológico, decorrente de anemias de origens várias.

A análise macroscópica da hiperosteose na órbita e na calvária foi feita numa amostra de 409 indivíduos (141 índios e 268 mulatos), distribuídos em grupos de idade e sexo. A correlação entre as lesões nos dois grupos, distintos e distanciados do pontos de vista racial, cultural e temporal, foi feita sob perspectivas antropológicas. Considerou-se também, na produção desta patologia, a complexa interação dos fatores biossocial e ambiental.

UNITERMOS: Anemia – *Cribra orbitalia* e lesões na calvária – Índios e mulatos.

Introdução

Considerada como marcador de estresse biológico decorrente de anemias de origens várias (Stuart-Macadam 1989), a hiperosteose porosa (Angel 1964) tem sido estudada em amostras cranianas representativas de inúmeras populações pré-históricas e atuais, por anatomistas, antropólogos

físicos, médicos e paleopatologistas (Angel 1964; Hamperl & Weiss 1955; Hengen 1971; Hrdlicka 1914; Mello e Alvim & Gomes 1991; Mello e Alvim, Uchôa & Gomes 1991; Mensforth *et al* 1978; Nathan & Haas 1966; Stuart-Macadam 1985; Welcker 1888).

As lesões da hiperosteose porosa consistem em alterações patológicas, freqüentemente bilaterais e simétricas, caracterizadas por uma aglomeração de pequenos orifícios que ocorre inicialmente na porção anterior do teto da órbita, podendo estender-se por toda a cavidade orbitária bem como na parte inferior da escama do osso frontal, além de outras áreas da tábua externa do crânio nos parietais, occipital, temporais e esfenóide.

(†) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

As lesões se apresentam nos estágios iniciais com aspecto poroso (grau de intensidade baixo) evoluindo para o estágio crivoso (grau médio), com expressão máxima de severidade no trabecular e esponjoso (grau alto).

O efeito das lesões produz uma expansão do espaço diplóico e conseqüente delgamento da tábua externa do crânio, com evidente hiperplasia da medula óssea. Nas modificações mais intensas e extensas há o comprometimento da integridade do tecido ósseo compacto (Angel 1964 e 1966; Hamperl & Weiss 1955; Nathan & Haas 1966; Stuart-Macadam 1989). Estudos radiológicos em crânios que apresentam lesões tanto na órbita quanto na calvária evidenciam modificações ósseas de maior amplitude que os crânios afetados apenas na órbita. Outrossim, crânios com lesões orbitárias têm maior espessamento diplóico na calvária que os sem *cribra orbitalia* (Hengen 1971, Pietrusewsky 1976, Stuart-Macadam 1982 e 1989). A análise quantitativa em crânios com *cribra orbitalia* revela espessamento da calvária, embora macroscopicamente as lesões não possam ser visualizadas (Stuart-Macadam 1989).

As lesões na órbita, ainda denominadas *cribra orbitalia* e as na calvária, outrora conhecidas por *cribra cranii* externa (Miller-Christensen & Sandison 1963), embora similares quanto aos aspectos e graus de intensidade, nem sempre se encontram associadas em um mesmo indivíduo. Segundo Steinbock (1976) e Ortner & Putschard (1981), esta

associação ainda não está claramente estabelecida. Entretanto, a simultaneidade das lesões em ambas as áreas do crânio é registrada pela maioria dos pesquisadores, atribuindo-lhe base etiológica num fator comum (Angel 1964; El Najjar 1976; Hengen 1971; Hilson 1980; Hrdlicka 1914; Lallo, Armelagos & Mensforth 1977; Mello e Alvim & Gomes 1989; Mello e Alvim, Uchôa & Gomes 1991; Pietrusewsky 1976; Stuart-Macadam 1982, 1987, 1987a e 1989).

Neste trabalho, examinou-se sob as perspectivas antropológica e demográfica a correlação entre as lesões da hiperosteose porosa na órbita e na calvária em duas amostras cranianas: a de índios (grupos testemunhais de sambaquis) e a de mulatos, ambas do Sudeste brasileiro, embora representativas de segmentos raciais distintos e distanciados do ponto de vista temporal e cultural. Considerou-se também, na produção dessa patologia, a complexa interação dos fatores biossocial e ambiental.

Materiais e métodos

Para o estudo macroscópico da hiperosteose porosa na órbita (*cribra orbitalia*), na calvária e em ambas as áreas do crânio, foram analisados 409 indivíduos (141 índios – 268 mulatos) cuja distribuição por grupos de idade e sexo pode ser visualizada na Tabela 1.

TABELA 1

Distribuição dos crânios de índios e mulatos do Sudeste do Brasil: grupo de idade e sexo

GRUPO DE IDADE			ÍNDIOS			MULATOS			
			SEXO			SEXO			
			nº crânios	♂	♀	nº crânios	♂	♀	
Imaturo	1ª infância	0 – 2,5	21	–	–	0	–	–	
	infância média	3 – 6	5	–	–	1	–	1	
	infância grande	7 – 12	3	–	–	1	–	1	
	adolescente	13 – 18	12	–	–	6	–	6	
			41	–	–	8	–	8	Total
Adulto	jovem	19 – 29	35	20	15	37	8	29	
	maduro	30 – 49	37	35	2	125	60	65	
	velho	50 – x	18	10	8	98	58	40	
			100	65	35	260	126	134	Total
		141	65	35	268	126	142	Totais	

O material representativo do segmento indígena pré-histórico consiste de 141 crânios exumados em pesquisas realizadas em sambaquis do litoral centro-sul do Estado de São Paulo pela equipe do antigo Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, hoje, Museu de Arqueologia e Etnologia, e integra o acervo desta Instituição. Os sambaquis pesquisados estão inseridos no período compreendido entre 3950 AP (1110 a.C.) e 1875 A.P. (75 d.C.) e seus ocupantes se originaram de grupos pampico-patagônicos que habitaram na Pré-História uma grande extensão da costa sudeste-sul do Brasil no período pré histórico.

O material representativo do segmento mulato (brancos x negros) consiste de 268 crânios de indígenas, exumados de covas rasas na década de 40 (Messias 1958), e faz parte do acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os dados demográficos referentes a idade e sexo dos esqueletos indígenas foram estimados com base nas recomendações propostas por especialistas europeus no Simpósio de Praga em 1972 – Recommendation for age (Putschar 1980)...; os crânios de mulatos, no entanto, já se encontravam diagnosticados quanto à idade e o sexo. Tanto o material indígena como o de mulato foi subdividido por grupos de idade em imaturo (infantil e adolescente) e adulto (jovem, maduro e velho) (Ortner & Putschard 1981). Os resultados da análise feita no grupo imaturo – mulato ficaram prejudicados por haver apenas oito crânios femininos com idade de 5 a 18 anos.

As freqüências da ocorrência da hiperosteose porosa na órbita e na calvária e em ambas as áreas do crânio nas amostras de índios e mulatos, considerando os grupos de idade e sexo, podem ser visualizadas na Tabela 2.

A distribuição dos graus de intensidade (poroso, crivoso e trabecular) e a localização da hiperosteose porosa em crânios de indivíduos imaturos e adultos de ambas as amostras, podem ser visualizadas na Tabela 3.

A distribuição dos aspectos “ativo”, “cicatrizado” e ou “remodelado” das lesões em crânios de indivíduos imaturos e adultos em ambas as amostras, pode ser visualizada na Tabela 4.

Foram também observadas a simetria ou a assimetria, a bilateralidade ou unilateralidade, bem como a expansão das lesões na órbita e ou na calvária em ambas as amostras cranianas.

Na análise das lesões em ambas as amostras, foram aplicados os testes do qui-quadrado e do coeficiente de correlação.

Resultados

Os resultados obtidos na análise macroscópica da hiperosteose porosa na órbita, na calvária e em ambas as áreas do crânio em 141 índios e 268 mulatos, foram tomados em relação à idade, intensidade e sexo.

A amostra indígena está representada por um total de 141 crânios, dos quais 122 (65 masculinos, 35 femininos e 22 imaturos) são portadores de hiperosteose porosa (86,5%) e 19 não apresentam quaisquer lesões (3,5%). Dentre os 122 crânios afetados, 13 apresentam apenas a *cribra orbitalia* (9,2%), 9 somente lesões na calvária (7,4%) e 100 em ambas as áreas do crânio (82,0%).

A amostra de mulatos está representada por 268 crânios dos quais 176 (92 ♂ - 84 ♀) são portadores de hiperosteose porosa (65,7%) e 92 (33 ♂ - 59 ♀) não apresentam quaisquer dessas lesões (34,3%). Dos 176 crânios afetados, 135 (73 ♂ - 62 ♀) apresentam a hiperosteose porosa simultaneamente na órbita e na calvária (76,7%), 23 indivíduos (10 ♂ - 13 ♀) apresentam lesões apenas na órbita (13,1%) e 18 (11 ♂ - 7 ♀) somente na calvária (10,2%) havendo, portanto, 158 crânios lesados na órbita (89,8%) e 154 na calvária em 87,5%.

Lesões na órbita

Nos crânios de índios e mulatos, a *cribra orbitalia* está localizada, predominantemente, na face orbitária do osso frontal em sua porção ântero-lateral, expandindo-se em alguns casos pela face orbitária da asa maior do esfenoide e, excepcionalmente, pela face orbitária da asa menor do esfenoide, não atingindo, entretanto, as faces orbitárias do maxilar e do malar. Os demais ossos que formam a cavidade orbitária não apresentam as lesões iniciadas na maioria das vezes, no teto da órbita (Figs. 1 e 1a).

Nos 409 crânios de índios e mulatos as lesões são bilaterais, simétricas, de mesma intensidade e amplitude em 405 casos com percentual de 97,8%. Apenas em 4 crânios a *cribra orbitalia* é unilateral, direita e ou esquerda.

TABELA 2

Frequência da hiperosteose porosa por grupo de idade e sexo - órbita, calvária e órbita + calvária: crânios de índios e mulatos do Sudeste do Brasil

Grupo de idade			CRÂNIOS AFETADOS					
			ÓRBITA		SEXO			
			Índio	Mulato	Índio		Mulato	
			nº	nº	♂	♀	♂	♀
Imaturo	1ª infância	0 - 2,5	14	-	-	-	-	-
	infância média	3 - 6	3	-	-	-	-	-
	infância grande	7 - 12	2	1	-	-	-	1
	adolescente	13 - 18	10	4	-	-	-	4
			29 (70,7%)	5	-	-	-	5
Adulto	jovem	19 - 29	27	25	18	9	5	20
	maduro	30 - 49	41	73	31	10	39	34
	velho	50 - x	16	55	9	7	37	18
			84 (84,0%)	153 (58,8%)	58 (89,2%)	26 (74,3%)	81 (64,3%)	72 (53,7%)
			113 (80,1%)	158 (59,0%)	58 (89,2%)	26 (74,3%)	81 (64,3%)	77 (54,2%)

TABELA 2 (cont.)

Grupo de idade			CRÂNIOS AFETADOS					
			CALVÁRIA		SEXO			
			Índio	Mulato	Índio		Mulato	
			nº	nº	♂	♀	♂	♀
Imaturo	1ª infância	0 - 2,5	8	-	-	-	-	-
	infância média	3 - 6	4	-	-	-	-	-
	infância grande	7 - 12	3	-	-	-	-	-
	adolescente	13 - 18	12	4	-	-	-	4
			27 (65,9%)	4	-	-	-	4
Adulto	jovem	19 - 29	26	22	17	9	6	16
	maduro	30 - 49	40	76	30	10	42	34
	velho	50 - x	16	52	9	7	34	18
			82 (82,0%)	150 (56,0%)	56 (86,1%)	26 (74,3%)	82 (65,1%)	68 (50,7%)
			109 (77,3%)	154 (57,5%)	56 (86,1%)	26 (74,3%)	82 (65,1%)	72 (50,7%)

TABELA 2 (cont.)

Grupo de idade			CRÂNIOS AFETADOS					
			ÓRBITA + CALVÁRIA		SEXO			
			Índio	Mulato	Índio		Mulato	
			nº	nº	♂	♀	♂	♀
Imaturo	1ª infância	0 - 2,5	6	-	-	-	-	-
	infância média	3 - 6	3	-	-	-	-	-
	infância grande	7 - 12	2	-	-	-	-	-
	adolescente	13 - 18	8	3	-	-	-	3
			19 (65,9%)	3	-	-	-	3
Adulto	jovem	19 - 29	26	20	17	9	5	15
	maduro	30 - 49	39	66	29	10	35	31
	velho	- x	16	49	9	7	33	16
			81 (81,0%)	73 (57,9%)	55 (67,1%)	26 (32,1%)	73 (57,9%)	62 (46,3%)
			100 (70,9%)	135 (50,4%)	55 (67,9%)	26 (32,1%)	73 (57,9%)	65 (45,8%)

TABELA 3

Distribuição do grau e localização da hiperosteose porosa em crânios de imaturos e adultos: índios e mulatos do Sudeste do Brasil

		Imaturo: 41 crânios							
		Poroso		Crivoso		Trabecular		Total	
Área afetada		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Índios	calvária	18	66,70	8	29,60	1	3,70	27	65,90
	órbita	19	65,50	9	31,00	1	3,50	29	70,70
	calvária + órbita	10	52,60	8	42,10	1	5,30	19	46,30
		Imaturo: 8 crânios							
Mulatos	calvária	3	75,00	0	–	1	25,00	4	50,00
	órbita	3	60,00	2	40,00	0	–	5	62,50
	calvária + órbita	0	–	2	66,70	1	33,30	3	37,50

TABELA 3 (cont.)

		Imaturo: 41 crânios							
		Poroso		Crivoso		Trabecular		Total	
Área afetada		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Índios	calvária	64	78,00	15	18,30	3	3,70	82	82,00
	órbita	63	75,00	18	21,40	3	3,60	84	84,00
	calvária + órbita	63	77,80	15	18,50	3	3,70	81	81,00
		Adulto: 260 crânios							
Mulatos	calvária	117	78,00	29	19,30	4	2,70	150	57,70
	órbita	98	64,10	41	26,80	14	9,10	153	58,80
	calvária + órbita	99	75,50	29	22,00	4	3,00	132	50,80

TABELA 4

Distribuição dos aspectos ativo e cicatrizado da hiperosteose porosa em crânios de imaturos e adultos: índios e mulatos do Sudeste do Brasil

		Imaturo: 41 crânios						Adulto: 100 crânios					
		Aspecto ativo		Aspecto cicatrizado		Total		Aspecto Ativo		Aspecto cicatrizado		Total	
Área afetada		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Índios	calvária	14	51,80	13	48,20	1	65,80	11	12,10	71	87,90	82	82,00
	órbita	18	62,10	11	37,90	1	70,70	11	13,10	73	86,90	84	84,00
	calvária + órbita	12	63,20	7	36,80	1	46,30	11	13,60	70	86,40	81	81,00
		Imaturo: 8 crânios						Adulto: 260 crânios					
Mulatos	calvária	3	75,00	1	25,00	1	50,00	52	34,00	101	66,00	153	58,80
	órbita	3	60,00	2	40,00	0	62,50	51	32,30	107	67,70	158	60,70
	calvária + órbita	2	66,60	1	33,30	1	37,50	8	5,90	127	94,10	135	51,90

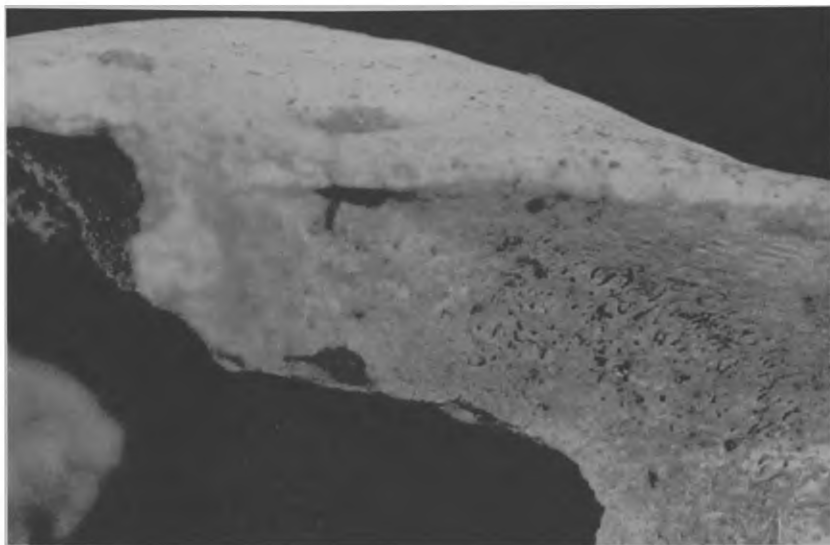


Fig. 1 – Amostra indígena – Sambaqui Piaçaguera, B. Santista, SP: indivíduo adulto masculino, apresentando cribra orbitalia, tipo crivoso, de aspecto “cicatrizado” na face orbitária do osso frontal, na porção antero-lateral.



Fig. 1a – Amostra indígena – Sambaqui COSIPA 3, B. Santista, SP: indivíduo adulto masculino, apresentando cribra orbitalia, do tipo crivoso em transição para o trabecular, de aspecto “ativo”, na face orbitária esquerda do frontal.

O grau e a extensão das lesões nem sempre se correlacionam. As de grau mais baixo são, por vezes, mais amplas do que as de grau mais elevado.

Nos crânios de índios imaturos, o aspecto “ativo” das lesões é mais freqüente do que nos indivíduos adultos, sendo que as de aspecto “cicatrizado” se apresentam nos adultos no percentual de 86,9 (Fig. 2).

Nos crânios de mulatos em idades de 8, 14 e 15 anos, as lesões se apresentam de aspecto “ativo” e nos de 16 e 18 anos, de aspecto “cicatrizado”. Nos mulatos adultos, essas lesões são de aspecto “cicatrizado” (Tabela 4).

Os crânios dos índios, embora mais afetados que os dos mulatos, mostram maior recuperação do processo patológico, deduzido pela maior incidência do aspecto “cicatrizado” das lesões.

Lesões na calvária

Nos crânios de índios e de mulatos, a hiperosteose porosa localiza-se no frontal, onde o processo patológico se inicia na região glabellar e nas arcadas supraorbitárias acima das cristas temporais e, ex-

cepcionalmente, nas regiões bregmática e frontoesfenoidal (Fig. 3) Nos parietais, o processo se inicia nas porções média e inferior, comumente limitado à linha temporal do superior, sem contudo alcançar o plano temporal (Fig. 4).

Nos temporais, o processo se inicia na porção timpânico-mastóidea, raramente alcançando as porções eseno-escamosa e escamosa. No occipital, esse processo se inicia na porção escamosa – poucas vezes em forma de ilha e raramente nas porções basilar e astérica (Fig. 5).

Nos ossos pares, as lesões são simétricas, bilaterais e de mesmo grau de intensidade.

Lesões simultâneas na órbita e na calvária

As lesões simultâneas na órbita e na calvária nas amostras de índios e mulatos, apresentam grande similaridade. Em ambas as partes do crânio há uma variação de modificações que expressam desde a presença de aglomerações de pequenos orifícios até atingir o aspecto trabecular. Essas lesões são quase sempre bilaterais, simétricas e de mesma intensidade e amplitude. Na maioria dos casos,

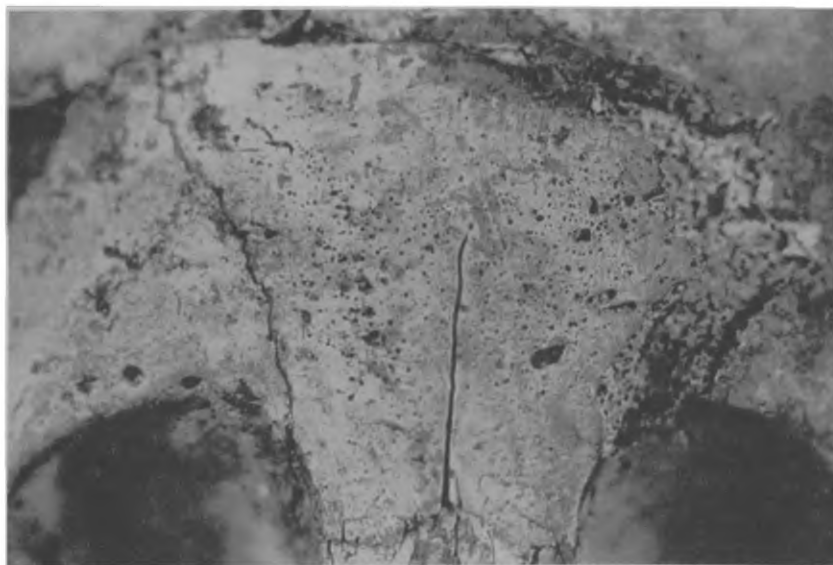


Fig. 2 – Amostra indígena – Sambaqui Buracão, B. Santista, SP: indivíduo imaturo, apresentando cribra cranii externa, do tipo crivoso, de aspecto “ativo”, na região glabellar do frontal (detalhe da Figura 3).

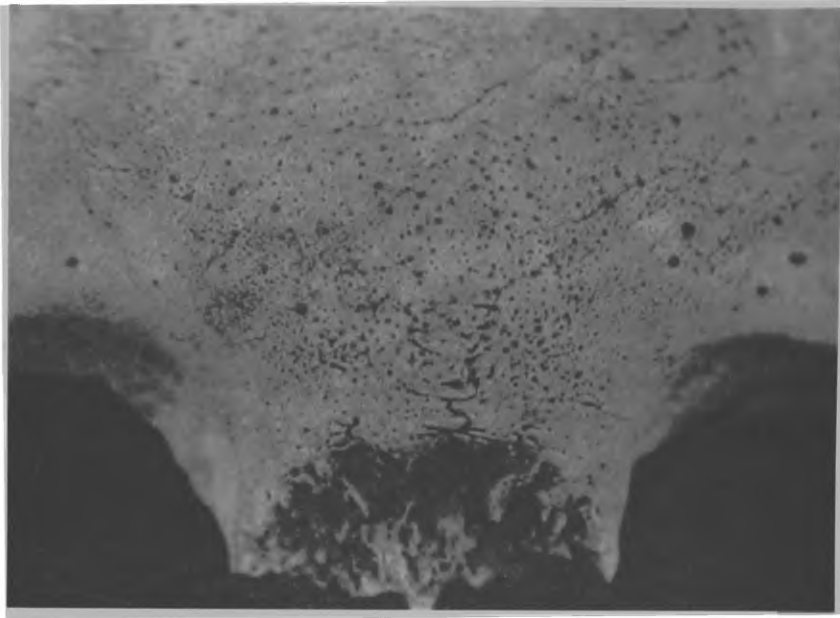


Fig. 3 – Amostra indígena – Sambaqui COSIPA 3, B.Santista, SP: indivíduo adulto masculino, apresentando cribra cranii externa, do tipo crivoso, de aspecto “ativo”, na região glabellar do frontal.

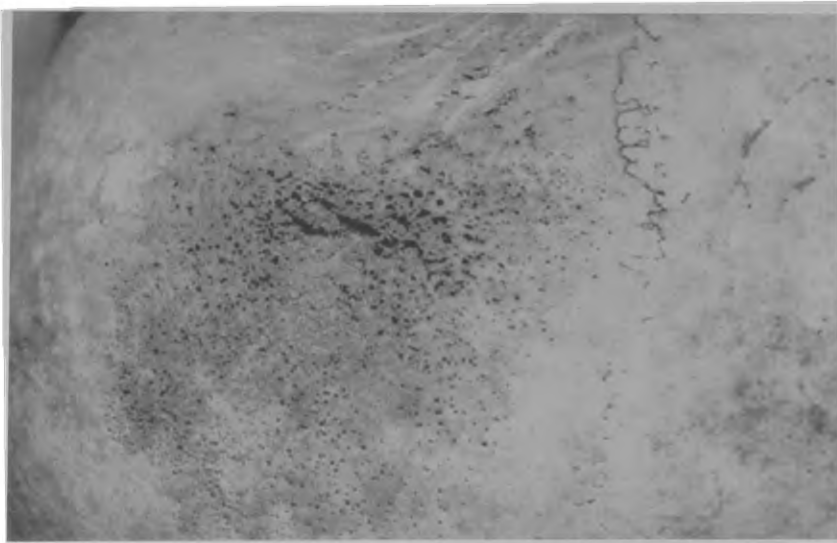


Fig. 4 – Amostra de mulatos – Rio de Janeiro: indivíduo adulto masculino, apresentando cribra cranii externa, do tipo trabecular, de aspecto “ativo”, na porção média do parietal esquerdo.



Fig. 5 – Amostra indígena – Sambaqui Bogaçu, B. Santista, SP: indivíduo adulto masculino, apresentando *cribra cranii externa*, do tipo crivoso, de aspecto “citrizado”, na porção escamosa do occipital.

crânios com lesões na calvária apresentam as órbitas afetadas.

Em ambas as amostras, as lesões mais severas na calvária são de graus médio e alto e estão sempre associadas às orbitárias (Fig. 6).

Amostra indígena

Lesões na órbita

Num total de 141 crânios de índios (41 imaturos – 100 adultos), 113 apresentam a *cribra orbitalia*. Dos crânios afetados, 29 são de indivíduos imaturos e 84 de adultos (84,0%). Dos vários grupos etários, o menos afetado é o da primeira infância, com 14 crânios lesionados com percentual de 66,7 (Tabela 2). A diferença nas frequências da *cribra orbitalia* entre indivíduos imaturos e adultos, não é estatisticamente significativa ($X^2 = 3,21$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Considerando-se a intensidade das lesões no grupo de imaturos, 19 crânios apresentam *cribra*

orbitalia do tipo poroso, 9 do tipo crivoso e 1 do tipo trabecular; no grupo de adultos, 63 crânios apresentam lesões do tipo poroso, 18 do tipo crivoso e 3 do tipo trabecular (Tabela 3). A diferença nas frequências dos três tipos de lesões entre os crânios de indivíduos imaturos e adultos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 1,10$ gl = 2 $p \leq 0,01$).

Considerando-se as lesões em relação ao sexo, dos 100 crânios de índios adultos, 58 indivíduos masculinos e 26 crânios femininos apresentam *cribra orbitalia* (Tabela 2).

A diferença nas frequências das lesões entre os sexos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 3,78$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Lesões na calvária

Num total de 141 crânios de índios, 109 apresentam a hiperosteose porosa na calvária no percentual de 77,3.

Em relação à idade dos crânios afetados, 27 são de indivíduos imaturos e 82 de indivíduos adultos



Fig.6 – Amostra indígena – Sambaqui Buracão, B. Santista, SP: indivíduo imaturo, apresentando no teto da órbita cribra cranii; ambas as lesões bilaterais, simétricas, do tipo crivoso e de aspecto ativo.

com percentuais de 65,9 e 82,0 respectivamente. A diferença nas frequências da hiperosteose porosa entre indivíduos imaturos e adultos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 4,20$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Em relação à intensidade da hiperosteose porosa na calvária, dos 27 crânios de indivíduos imaturos afetados, 18 apresentam lesões do tipo poroso, 8 do tipo crivoso e 1 do tipo trabecular registrado numa criança de aproximadamente dois anos de idade. Nos crânios de adultos, 64 possuem lesões do tipo poroso, 15 do tipo crivoso e 3 do tipo trabecular (Tabela 3). A diferença nas frequências dos três tipos de hiperosteose porosa entre os crânios de indivíduos imaturos e adultos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 1,68$ gl = 2 $p \leq 0,01$).

Considerando-se as lesões em relação ao sexo, dos 100 crânios de índios adultos (65 ♂ - 35 ♀), 56 indivíduos masculinos e 26 femininos apresentam *cribra cranii* (Tabela 2).

A diferença nas frequências das lesões na calvária entre os sexos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 2,17$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Lesões simultâneas na órbita e na calvária

Em relação à idade, nos crânios indígenas as lesões em ambas as áreas do crânio só estão presentes em indivíduos com mais de sete meses de idade e o processo de “cicatrização” e ou remodelação óssea se inicia aos dez anos evoluindo ao longo do tempo, embora muitas vezes os indivíduos mantivessem as lesões de aspecto “ativo” por toda a vida. Nos indivíduos imaturos, o aspecto “ativo” das lesões é mais frequente do que nos adultos com percentuais de 62,2 e 13,6 respectivamente.

Relacionando-se as frequências das lesões da órbita às da calvária, verifica-se que há uma correlação linear positiva forte em todos os grupos de idade ($r = 0,98$ gl = 5 $p \leq 0,05$).

Relacionando-se ainda as frequências das lesões da calvária às da órbita, verifica-se uma correlação linear positiva perfeita em todos os grupos de idade ($r = 1,6$ gl = 5 $p \leq 0,05$).

Amostra de mulatos

Lesões na órbita

Num total de 268 crânios de mulatos (8 imaturos - 260 adultos), 158 indivíduos apresentam a *cribra orbitália* no percentual de 59,0.

Em relação à idade, foram considerados entre os crânios afetados, 5 indivíduos imaturos e 153 adultos (81 ♂ - 72 ♀).

Quanto à intensidade das lesões, no grupo de imaturos, 3 indivíduos com idade de 8, 16 e 17 anos exibem as lesões do tipo poroso e 2 com idades de 14 e 15 anos, do tipo crivoso. No grupo de adultos, 98 indivíduos apresentam as lesões do tipo poroso, 41 do tipo crivoso e 14 do tipo trabecular (Tabela 3).

Considerando-se as lesões em relação ao sexo, dos 260 crânios de mulatos adultos (126 ♂ - 134 ♀), 81 indivíduos masculinos e 72 femininos apresentam a *cribra orbitalia* (Tabela 2). A diferença nas frequências das lesões entre os sexos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 2,98$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Lesões na calvária

Num total de 268 crânios de mulatos, 154 apresentam hiperosteose porosa na calvária. Em relação à idade dos crânios afetados, 4 são de indivíduos imaturos e 150 de adultos (82 ♂ - 68 ♀) (Tabela 2).

Quanto à intensidade das lesões, no grupo de indivíduos imaturos, três com idade de 14, 15 e 18 anos apresentam lesões do tipo poroso e um com idade de 14 anos, do tipo trabecular. No grupo de adultos, dos 150 crânios afetados, 117 apresentam as lesões do tipo poroso, 29 do tipo crivoso e 4 do tipo trabecular (Tabela 3).

Considerando-se as lesões em relação ao sexo, dos 260 crânios de mulatos adultos, (126 ♂ - 134 ♀) 82 indivíduos masculinos e 68 femininos apresentam *cribra cranii* (Tabela 2). A diferença nas frequências das lesões na calvária entre os sexos não é estatisticamente significativa ($X^2 = 5,46$ gl = 1 $p \leq 0,01$).

Lesões simultâneas na órbita e na calvária

Em relação à idade dos 135 crânios de mulatos portadores de hiperosteose porosa em ambas

as áreas do crânio, 3 são de indivíduos imaturos e 132 de adultos, nos percentuais de 2,2 e 97,8 respectivamente. Nos crânios de imaturos, as lesões têm os aspectos "ativo" nos indivíduos com as idades de 8 e 14 anos e "cicatrizado" na idade de 18 anos, em apenas um indivíduo. Nos adultos, as lesões são de aspecto "ativo" em 3 indivíduos, no percentual de 28,1. Dos 154 crânios com lesões na calvária, 135 têm as órbitas também afetadas no percentual de 87,6.

Relacionando-se às frequências das lesões da órbita às da calvária, verifica-se que há uma correlação linear positiva forte em todos os grupos de idade ($r = 0,99$ gl = 3 $p \leq 0,05$).

Relacionando-se às frequências das lesões da calvária às da órbita, verifica-se também uma correlação linear positiva forte em todos os grupos de idade ($r = 0,99$ gl = 3 $p \leq 0,05$).

Discussão e conclusão

Para se verificar o relacionamento entre as lesões da hiperosteose na órbita e na calvária nas amostras de crânios de índios e mulatos, considerou-se os dados sobre os aspectos "ativo" e "cicatrizado", os três graus de intensidade e a extensão das lesões em relação aos grupos de idade e sexo.

Macroscopicamente, encontrou-se grande similaridade entre as lesões em ambas as áreas do crânio. Em termos de severidade, as lesões na órbita e na calvária têm diversas formas de expressão que variam desde pequenas modificações com aglomerações de minúsculos orifícios, evoluindo para conglomerados de orifícios maiores e mais próximos uns dos outros, até as modificações mais severas com aspecto de "anel". Entretanto, não é estatisticamente significativa a diferença na ocorrência dos graus de intensidade das lesões (poroso, crivoso e trabecular) entre crânios de imaturos e adultos, em ambas as amostras, com o grau mais baixo e mais frequente. Lesões em ambas as áreas do crânio são quase sempre bilaterais, simétricas e de mesmo grau (Fig. 7). Na maioria dos casos, os crânios portadores de lesões na calvária apresentam também lesões na órbita. Relacionando-se as frequências das lesões da calvária às da órbita, verifica-se nos crânios indígenas que há uma correlação linear positiva perfeita, enquanto que nos de mulatos, há uma correlação linear positiva forte. Relacionando-se as frequências das lesões da órbita às da

calvária, verifica-se que em ambas as amostras há uma correlação linear positiva forte.

Nas amostras de índios e mulatos, as lesões registradas em relação à intensidade, se apresentam de graus médio e alto, de aspectos crivoso e trabecular, estando sempre associadas às lesões orbitárias.

Em relação aos grupos de idade e sexo para ambas as amostras, a incidência das lesões na órbita e na calvária é a mesma. Entretanto, na amostra indígena os indivíduos imaturos na primeira infância, apresentam ambas as lesões com pequena incidência, provavelmente pelo pouco contato que tiveram com o solo, da mesma forma que essas lesões só aparecem na órbita e na calvária após os sete meses de vida.

Em relação à idade em ambas as amostras, o aspecto ativo das lesões na órbita e na calvária dos imaturos é mais freqüente que nos adultos. Os percentuais elevados das lesões simultâneas na órbita e na calvária, e a maior "cicatrização" dessas lesões nos adultos indicam prolongada condição de hiperplasia da medula óssea, enquanto os ossos do crânio ainda se encontravam em processo de

ossificação, persistindo por um período de tempo suficiente para produzir modificações, caracterizadas na maioria das vezes por uma patologia da infância, podendo permanecer em alguns indivíduos até a sua morte. Todavia, na maioria dos casos, não registrou-se nenhum episódio anêmico temporariamente limitado, mas sim somente pequenas marcas no teto da órbita.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Sílvia Cristina Piedade, pelo desempenho estatístico do trabalho e a Astolfo Araújo, Prof. Visitante do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pela versão do resumo.

Estendem também seus agradecimentos ao pós-graduando Sérgio F. S. Monteiro da Silva, pela colaboração no levantamento de dados, sugestões durante o trabalho e concepção das tabelas, e à estagiária Cláudia Ferrari, por sua participação na revisão do texto; ambos da área de concentração de Arqueologia Brasileira MAE/USP.



Fig. 7 – Amostra indígena – Sambaqui Piaçaguera, B. Santista, SP: indivíduo adulto masculino, apresentando cribra orbitalia externa, simétrica, bilateral, do tipo trabecular, de aspecto "ativo", nas porções ântero-laterais do teto das órbitas.

MELLO e ALVIM, M.C. de; UCHÔA, D.P. Porotic hyperostosis in Indians' and Mulattos' skulls from Southeastern Brazil: correlation between calvarium and orbital lesions. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 155-168, 1996.

ABSTRACT: The research of hyperostosis on indians and mulattos' skulls from Southeast Brazil made by the authors correlates calvarium and orbital lesions. This work is added to the various studies published by anatomists, physical anthropologists, physicians and paleopathologists that consider the porotic hyperostosis as a biologic stress marker, deriving from anaemias of different origins.

The macroscopic analysis of orbital and calvarium porotic hyperostosis was made within a sample of 409 individuals (141 indians and 268 mulattos), distributed in groups of age and sex. The correlation between the lesions in both groups, racially, culturally and temporally distincts, was based on demographic and anthropological perspectives. In the formation of this pathology, it was also considered the complexity of interaction between biosocial and environmental factors.

UNITERMS: Anaemia - *Cribr orbitalia* and calvarium lesions - Indians and Mulattos.

Referências bibliográficas

- ANGEL, J.L.
1964 Osteoporosis: thalassemia? *American Journal of Physical Anthropology*, Philadelphia, 22: 369-74.
1966 Porotic hyperostosis, anaemia, malarías and marshes in the prehistoric Eastern Mediterranean. *Science*, Washington, 153: 760-2.
- CARLSON, D.S.; ARMELAGOS, G.J.; GERVEN, D.P. van
1974 Factors influencing the etiology to *cribra orbitalia* in prehistoric Nubia. *Journal of Human Evolution*, London, 3: 405-10.
- EL NAJJAR, M. Y. et al.
1976 The etiology of porotic hyperostosis among the prehistoric Anasóni indians of Southwestern United States. *American Journal of Physical Anthropology*, Philadelphia, 44: 477-88.
- HAMPERL, H.; WEISS, P.
1955 Über die spongiöse Hyperostose an Schädeln aus Alt-Peru. *Archiv für Pathologie, Anatomie und Physiologie*, 327: 629-42.
- HENGEN, O. P.
1971 *Cribra orbitalia*: pathogenesis and probable etiology. *Homo*, Stuttgart, 22: 57-75.
- HILSON, S.
1980 *Human biological variation in the Nile Valley in relation to environmental factors*. PhD dissertation, University of London.
- HRDLICKA, A.
1914 Anthropological Work in Peru in 1913, with notes on pathology of the ancient Peruvians. *Smithsonian Miscellaneous Collections*, Washington, 61: 57-9.
- KOGANEI, Y.
1911/12 *Cribra cranii und cribra orbitalia*. *Mitteilungen aus der Medizinischen Fakultät*, Kyuschu, 10: 113-54.
- LALLO, J.W., ARMELAGOS, G.I.; MENSFORTH, R.P.
1977 The role of diet, disease and physiology in the origin of porotic hyperostosis. *Human Biology*, Detroit, 19: 471-83.
- MELLO e ALVIM, M.C. de; GOMES, J.C.O.
1989 Análise e interpretação da hiperosteose porótica em crânios humanos do Sambaqui de Cabeçuda (SC - Brasil). *Revista de Pré-História*, São Paulo, 7: 125-43.
- MELLO e ALVIM, M.C. de; UCHÔA, D.P.; GOMES, J.C. de O.
1991 *Cribra orbitalia* e lesões cranianas congêneres em populações pré-históricas da Costa Meridional do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 1: 21-53.
- MENSFORTH, R.P. et al.
1978 The role of constitutional factors, diet and infections disease in the etiology of porotic hyperostosis and periosteal reactions in prehistoric infants and children. *Medical Anthropology*, Washington, 2: 1-60.
- MESSIAS, T.T.
1958 *Contribuição ao estudo dos mestiços no Brasil*. Tese para concurso de Naturalista MEC (manuscrito).
- MILLER-CHRISTENSEN, V.; SANDISON, A. T.
1963 *Usura orbitae (cribra orbitalia)* in the collection of crania in the Anatomy Department of the

MELLO e ALVIM, M.C. de; UCHÔA, D.P. Hiperosteose porosa em crânios de índios e mulatos do Sudeste brasileiro: correlação entre as lesões na calvária e na órbita. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 155-168, 1996.

- University of Glasgow. *Pathologia et Microbiologia*, Basel, 26: 175-83.
- NATHAN, H.; HAAS, M.
1966 *Cribra orbitalia*: a bone condition of the orbit of unknown nature. *Israel Journal Medical Science*, Jerusalem, 2: 171-91.
- ORTNER, J.D.; PUTSCHARD, W.G.J.
1981 *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. Washington: Smithsonian Institution Press, 479 p.
- PIETRUSEWSKY, M.
1976 Prehistoric human skeletal remains from Papua-New Guinea and the Marquesas, *Asian Pacific Archaeology*, 7: 58.
- PUTSCHARD, W.G.J.
1980 Recommendations for age and diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, London, 9: 517-49.
- STEINBOCK, R.T.
1976 *Paleopathological diagnosis and interpretation of bone diseases in ancient human populations*, Springfield, Illinois, C. C. Thomas.
- STUART-MACADAM, P.L.
1982 *A correlative study of paleopathology of skull*. PhD thesis, Department of Physical Anthropology, Cambridge University.
- 1985 Porotic hyperostosis: representative of childhood condition. *American Journal of Physical Anthropology*, Philadelphia, 66: 391-98.
- 1987 Porotic hyperostosis: new evidence to support the anaemia theory. *American Journal of Physical Anthropology*, Philadelphia, 74: 521-26.
- 1987 A radiographic study of porotic hyperostosis. *American Journal of Physical Anthropology*, 74: 511-20.
- 1989 Porotic hyperostosis: relationship between orbital and vault lesions. *American Journal of Physical Anthropology*, New York, 80: 187-9.
- VIRCHOW, H.
1984 Altpatagonische, Altchilenische und Moderne Pampas-Schaedel. *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, Berlin, 6: 51-64.
- WELCKER, H.
1888 *Cribra orbitalia*: ein ethnologischdiagnostisches merkmahl an schädeln mehrerer Menschenrassen. *Archiv für Anthropologie*, Braunschweig, 17: 1-18.
- WILLIAMS, H.U.
1929 Human paleopathology: with some original observations on asymmetrical osteoporosis of the skull. *Archives of Pathology*, Chicago, 7: 839-902.

Recebido para publicação em 26 de agosto de 1996.

RESULTADOS PRELIMINARES DOS VESTÍGIOS ZOOARQUEOLÓGICOS DO SAMBAQUI ESPINHEIROS II (JOINVILLE, SC)

Levy Figuti*
Daniela Magalhães Klökler**

FIGUTI, L.; KLÖKLER, D.M. Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 169-187, 1996.

RESUMO: Este estudo trata sobre a composição faunística dos sedimentos de um sambaqui e evidencia certos aspectos sobre a própria formação desses sítios. Através da análise proposta, os autores tentam demonstrar dois episódios diferentes na construção deste sítio, que refletem diferentes modos de acumulação das conchas. Entretanto, a análise de outros elementos, como os vestígios ictiológicos, fornece alguns indícios sobre a pesca praticada pelos construtores de sambaquis. A comparação com os sambaquis COSIPA reforça certas hipóteses levantadas anteriormente sobre o modo de vida deste grupo pré-histórico.

UNITERMOS: Composição faunística – Sedimentos – Componentes – Substância – Coleta – Pesca.

Introdução

Neste artigo será apresentada uma discussão baseada nas primeiras análises do material coletado no sítio Espinheiros II, localizado em Joinville, Santa Catarina. Houve um interesse na caracterização dos processos de formação e subsistência deste sambaqui, além da coleta de informações referentes à composição macrofaunística das diferentes camadas arqueológicas do sítio estudado.

Consideramos estes sedimentos fontes importantes para compreendermos o meio ambiente, a subsistência das populações sambaqueiras e o processo de formação desses sítios. Esta pesquisa tem

como base a metodologia apresentada por Castell (1970) e utilizada por Figuti (1987, 1989, 1992) que tem como pressuposto a composição heterogênea do sedimento dos sambaquis e atenta para a necessidade de coleta utilizando colunas para se obter uma amostragem relevante da matriz.

A partir dos resultados obtidos em nosso trabalho laboratorial realizamos uma comparação com as conclusões geradas pelos estudos dos sambaquis COSIPA 1, 2, 3 e 4, objetos de análise de Figuti (1989). Nosso trabalho é pioneiro na medida em que se propõe comparar dados advindos da mesma metodologia aplicada a sambaquis, no caso, os considerados sambaquis sujos devido à predominância em sua composição de valvas de *Mitella sp.* e por sua aparência terrosa, com o sítio Espinheiros II que integra os sambaquis limpos, compostos majoritariamente por berbigões (*Anomalocardia brasiliiana*).

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Estagiária de Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP.

Nossa intenção ao examinar os resultados foi verificar a validade das hipóteses de trabalho da pesquisa nos sítios COSIPA em relação aos resultados obtidos no sambaqui Espinheiros II.

O sítio – localização e histórico

O sítio Espinheiros II foi sujeito a intervenção arqueológica no ano de 1991, por uma equipe coordenada por dois arqueólogos do MAE – Profs. Drs. Marisa Coutinho Afonso e Paulo A. D De Blasis.

Os trabalhos de campo compreenderam duas etapas e tiveram o intuito de efetuar uma escavação de salvamento, visto que a Prefeitura de Joinville estava iniciando o processo de arruamento da área em torno do sítio (Afonso & De Blasis 1994). O mesmo está localizado em zona de mangues ocupada como consequência do crescimento da cidade (Fotos 1 e 2).

Foram escolhidas como áreas de intervenção a extremidade norte e sul do sambaqui, por serem as que seriam mais afetadas pelas obras municipais que visavam arruamento, saneamento e a transformação do sambaqui em praça com a intenção de protegê-lo da destruição (Figura 1).

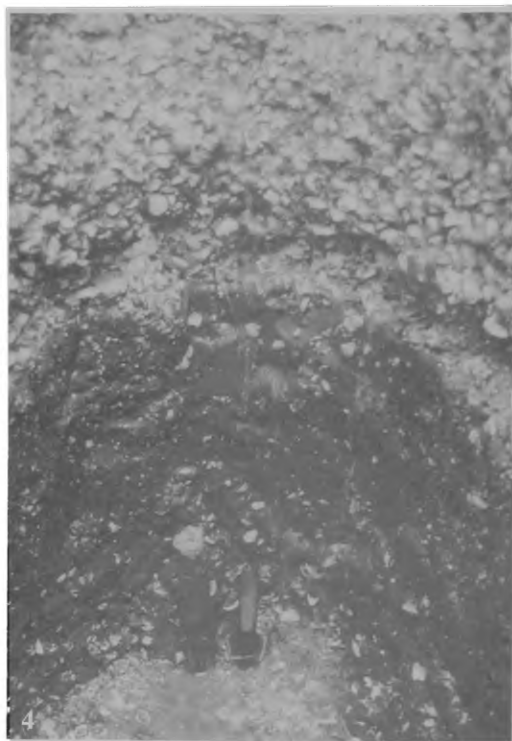
A primeira intervenção foi efetuada no PERFIL B (Foto 3), que foi delimitado a partir de um corte artificial na parte norte do sambaqui Espinheiros II; esta área apresentava indícios da ação dos moradores do bairro que se utilizavam do sedimento do sítio como material de aterramento. Como consequência do corte artificial foi possível observar a grande complexidade da estratigrafia do sambaqui, tendo sido identificados vestígios desarticulados como artefatos líticos e ósseos, dentes de animais de caça, abundantes restos de peixes e moluscos, além de uma mandíbula humana.

Durante os trabalhos, optou-se pela realização de levantamento estratigráfico e coleta de sedimentos para pesquisas de zooarqueologia quantitativa. Para isso foi limpo um trecho do PERFIL B com direção aproximada NE-SW e as seguintes dimensões: 302cm de comprimento, 358cm de altura (a NE) e 298cm (a SW). Uma coluna de sedimentos foi escolhida para a coleta.

A SONDAGEM 3 (Fotos 4 e 5) foi realizada a sudeste em uma área onde muito material já havia sido retirado do sambaqui pelos moradores locais ao longo dos anos e utilizado para aterramento das moradias, tendo a forma de um “U” na planta. Desta forma, a superfície da sondagem não representa







aquela original do sambaqui, mas sim o nível do solo no momento da intervenção, mais especificamente, acompanhando a rua (Figura 2).

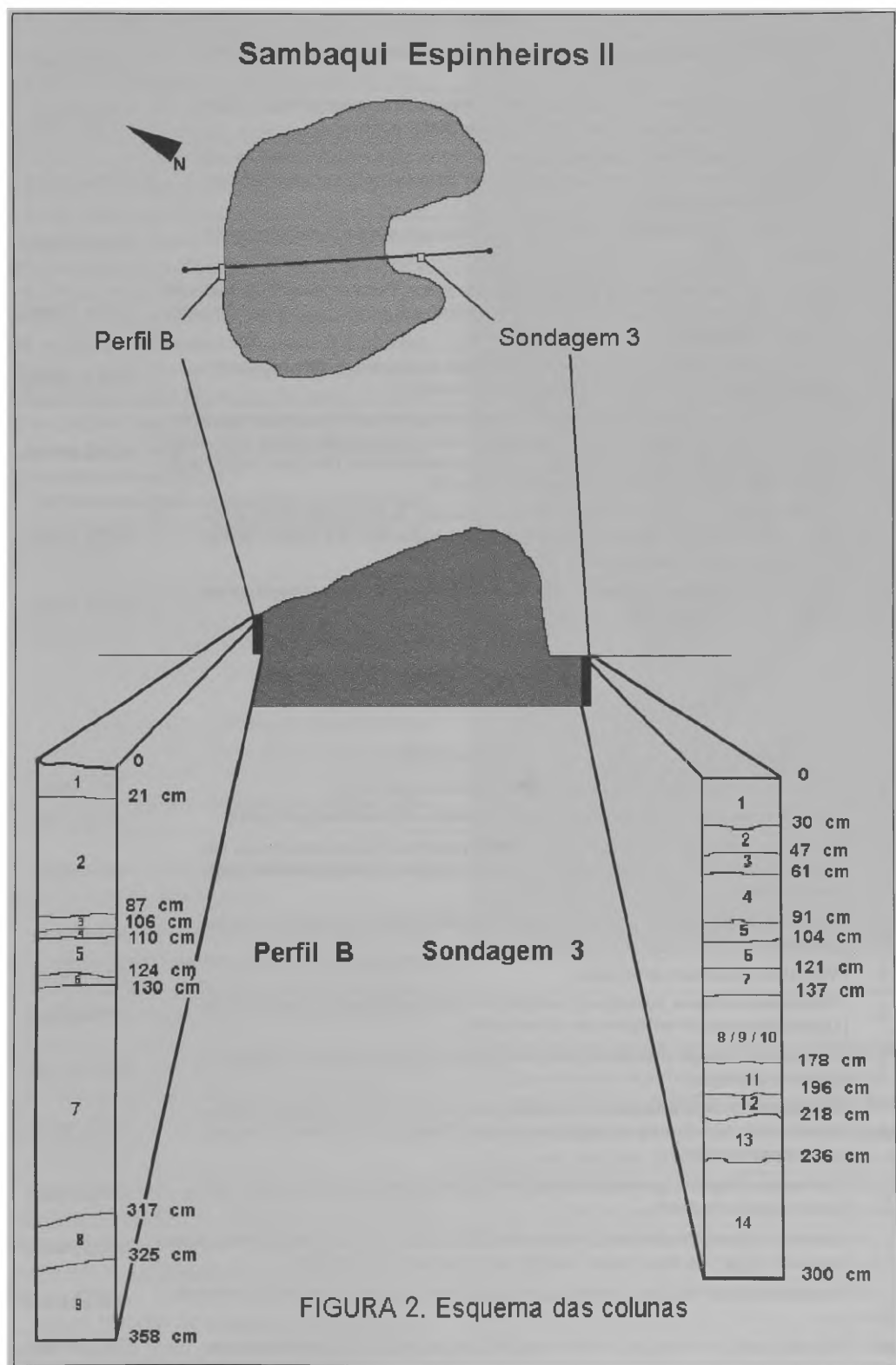
O material que estava depositado no nível da superfície atual não foi investigado por tratar-se de material contaminado com sedimentos *modernos*. O nível mais profundo da sondagem foi identificado como sendo a base do Espinheiros II e, como foi observado nas demais sondagens realizadas, apresenta sedimentos de mangue. Possui-se uma datação referente a uma amostra da sondagem 8, correspondente à faixa de contato com o sedimento do mangue, datada de 2970 ± 60 anos AP.

As duas colunas escolhidas para a análise zooarqueológica detalhada representam duas faces distintas do sambaqui (N e S) e podem contribuir para percebermos a complexidade estratigráfica do Espinheiros II.

A partir de dados fornecidos por integrantes da equipe que realizou a coleta em campo apresentaremos uma descrição sucinta das colunas:

Em laboratório, as amostras coletadas em Joinville no ano de 1992, referentes à SONDA GEM





PERFIL B

1	Camada húmica, apresentando raízes de gramíneas, textura arenosa de coloração marron escura	(0 a 21cm)
2	Textura arenosa, fragmentos ósseos milimétricos, abundantes restos de peixes, com áreas de concentração de conchas fragmentadas, poucos berbigões inteiros.	(21 a 97cm)
3	Diversos fragmentos de conchas de mariscos e berbigões com as duas valvas, restos de peixes e pouca matriz sedimentar arenosa. As ostras encontradas são de tamanho pequeno, algumas com cracas.	(97 a 106cm)
4	Apresenta fragmentos de conchas e peixes de tamanhos milimétricos, coloração marrom clara.	(106 a 110cm)
5	Apresenta carvão, conchas centimétricas e restos de peixes. Pouca presença de berbigão. Há outras com valvas inteiras. Há fragmentos de mamíferos e de peixes, estes últimos formando "manchas", semelhante ao que ocorre na camada 4.	(110 a 124cm)
6	Fragmentos centimétricos de conchas, principalmente de mariscos, e sedimentos argilo-arenosos: assemelha-se à camada 3 pelo conteúdo faunístico.	(124 a 130cm)
7	Textura argilo-arenosa com fragmentos conchíferos e ossos de peixes de dimensões variadas formando a "matriz". Ostras e carvões são abundantes, com vários seixos de quartzo. Há manchas amareladas formadas por ossos de peixes e berbigões, muitos inteiros. Em alguns pontos o sedimento torna-se mais escuro pela grande presença de carvão.	(130 a 287cm)
8	Apresenta uma coloração esbranquiçada devido à presença de conchas de ostras e cracas que se misturam a fragmentos de peixes. Esta camada assemelha-se à 3 pelos vestígios malacológicos. Há abundância de carvão.	(287 a 305cm)
9	Textura areno-argilosa, abundantes fragmentos de peixes e conchas, com ostras inteiras em grande quantidade. Há bolas de argila esverdeadas.	(305 a 358cm)

SONDAGEM 3

1	Camada com muito entulho, muito compactada, com coloração escura	(0 a 30cm)
2	Apresenta grande quantidade de berbigões moídos e inteiros, em faixas Presença de pedras.	(30 a 47cm)
3	Camada avermelhada. As valvas encontram-se impregnadas de algum elemento que lhes confere esta coloração, predominância absoluta de berbigões. Esta faixa está mais dura e concrecionada.	(47 a 61cm)
4	Composição semelhante à camada 2, predominância de berbigões e presença de conchas queimadas.	(61 a 91cm)
5	Valvas bem preservadas de berbigão.	(91 a 104cm)
6	Textura areno-arenosa, coloração do sedimento é escura, presença de carvão e fibras. Quantidade maciça de berbigões com valvas moídas.	(104 a 121cm)
7	Camada com coloração avermelhada, conchas centimétricas muito compactadas. Quantidade grande de concreções.	(121 a 137cm)
8/9/10	Inicialmente a coleta distinguiu três camadas, porém devido à sua composição idêntica, houve a união do sedimento em momento posterior. Presença de sedimento esverdeado, com moluscos moídos.	(137 a 178 cm)
11	Textura areno-argilosa, grande quantidade de berbigões, presença de ostras moídas. Material vegetal carbonizado.	(178 a 196cm)
12	Camada compacta, concrecionada, presença de sedimento argiloso e de vestígios botânicos carbonizados. A partir deste momento, há infiltração de água do lençol freático.	(196 a 208cm)
13	Presença significativa de fibras vegetais e carvão. Sedimento argiloso, camada muito compactada.	(208 a 235cm)
14	Faixa de contato com o mangue, sedimento argiloso e pouca presença de valvas de moluscos.	(235 a 300cm)

3 (S3) e ao PERFIL B (PB) foram pesadas; através deste processo foi possível perceber que as amostras não foram coletadas segundo padronização de volume ou peso, o que seria mais indicado para este tipo de análise, mas sim retiradas de maneira sequencial em função da exposição das camadas, acompanhando a representatividade (espessura) das mesmas.

Após obter-se o P0 (peso inicial), o material foi peneirado com água em peneiras de malha de 2mm para separar o material passível de análise do sedimento mais fino e de difícil triagem. Com as amostras secas processou-se o segundo momento de pesagem – obtendo o P1 – peso do material analisável – e o processo de triagem realizada com auxílio de pinça e lupa binocular. Foi possível constatar a contínua fragmentação do material em função de sua fragilidade, sendo os elementos ósseos e os mariscos mais afetados.

Durante a triagem, os elementos constituintes do sedimento analisado foram separados nas seguintes frações:

Componentes primários (conchas): berbigão (*Anomalocardia brasiliiana*), mariscos (*Mitella sp*), ostras (*Ostrea sp* e *Crassostrea rhizophorea*), outros bivalves, conchas queimadas.

Componentes secundários: ossos/otólitos, gastrópodes, siris, cracas, fibras, restos vegetais, carvão.

Componentes inorgânicos: pedras, argila, concreções.

É importante explicitar a conceituação de três tipos de macrorestos botânicos:

- as *fibras* são vestígios identificados como sendo folhas de gramíneas ou palmáceas, carbonizadas, e que em muitos casos apresentam-se trançadas por ação humana (Foto 6).
- *restos vegetais* são vestígios identificados como sementes ou frutos carbonizados.
- *carvão* – demais vestígios botânicos carbonizados.

Sob a denominação de “concreções” foram agrupados conjuntos de fragmentos de valvas de moluscos amalgamados por uma mistura de argila, conchas e carapaças de siris decompostas (Figuti 1989).

Após o término da triagem, as frações foram pesadas visando obter uma quantificação com o



objetivo de comparação de valores absolutos e percentuais da presença do material nas amostras.

Identificou-se o material ósseo visando a determinação da presença e frequência de espécies de peixes nas camadas através do NMI (número mínimo de indivíduos). A classificação foi realizada através de ossos diagnósticos (Gregory 1933) mas, devido à extrema fragmentação dos mesmos, utilizamos principalmente os otólitos – concreções compostas majoritariamente por carbonato de cálcio que se localizam no ouvido dos peixes ósseos (Garcia 1969) – para a classificação. Os otólitos

preservam-se razoavelmente dentro dos sambaquis e podem permitir a identificação da espécie do peixe, assim como seu tamanho aproximado (Bastos 1990, Lima 1992).

Identificamos, em seguida, as espécies de bivalves que estavam presentes nas amostras em quantidades mínimas. Por estarem excessivamente fragmentados, os vestígios impediram qualquer tipo de quantificação em valores absolutos.

Infelizmente, não houve a possibilidade de um trabalho pormenorizado no material botânico, o que exigiria um pesquisador especializado em antracologia para a identificação das espécies

Resultados

Granulometria

PB – Percebeu-se o aumento da porção triável no eixo superfície-base (Gráfico 1).

S3 – Porção triável ocorrendo em maior expressão que no PB sendo que se pode notar uma redução da mesma nas camadas inferiores. (Gráfico 2).

Composição

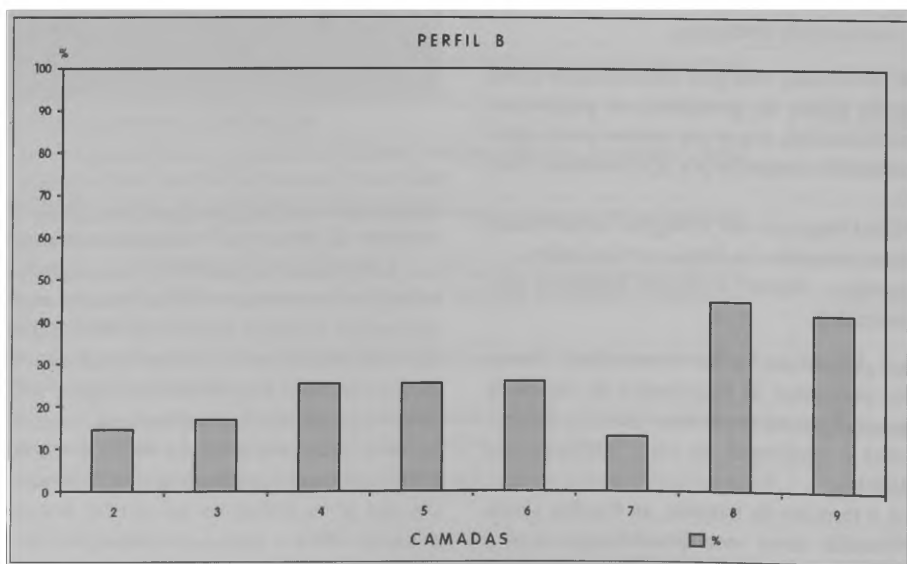
PB – Conchas – Observamos que os berbigões são presentes em maior abundância nas camadas

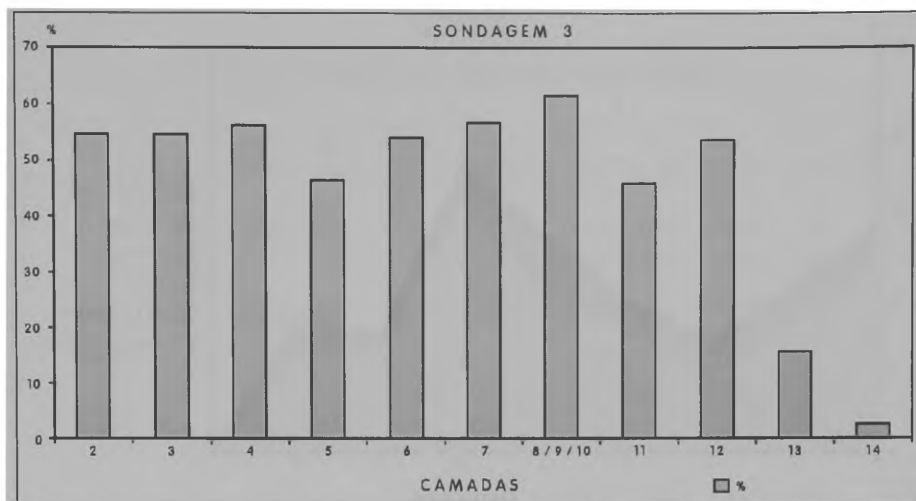
4 e 5, tendo uma porcentagem reduzida nas demais camadas, chegando a apenas 3% nas camadas 8 e 9. Os mariscos apresentam porcentagens altas nas amostras 3, 6 e 8 sendo que na camada 3 alcança a taxa de 50,58%. As ostras mostram as mais altas porcentagens nas camadas 7, 8 e 9, compondo nestes casos metade ou mais do sedimento triado. Conchas queimadas demonstram porcentagens significativas nas camadas 2, 3, 4 e 5 (Gráfico 3 e Tabela 1).

Componentes secundários – Os ossos e os otólitos são os únicos componentes relevantes nesta categoria, principalmente nas camadas 2 e 7 (Gráfico 4).

Componentes inorgânicos – As pedras são o componente majoritário na camada 2, com o espantoso índice de 30%, e apresentam uma porcentagem significativa na camada 4. A argila apresenta alguma relevância na camada 2 não estando presente nas camadas 4, 5 e 6 (Gráfico 5).

S3 – Conchas – Nessa amostragem os berbigões são a espécie predominante em todas as camadas em porcentagens superiores a 40% (exceto nas camadas 13 e 14). Os mariscos estão ausentes nas camadas de 2 a 6, que se encontram mais próximas ao nível do solo atual e apresentam porcentagens significativas, ao redor de 15 % nas camadas 11, 12 e 13 (às mais profundas). As ostras estão presentes em todas as amostras mas em porcentagens relativamente ínfimas, exceto na camada 11,



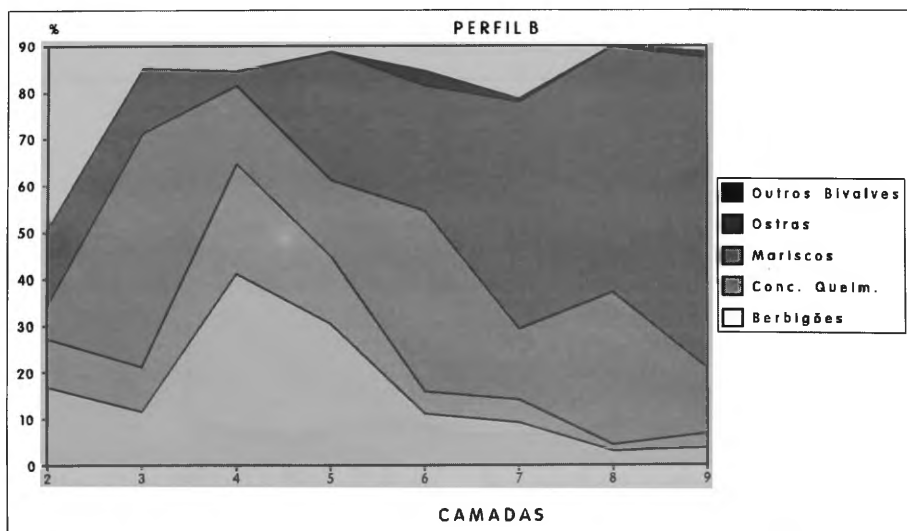


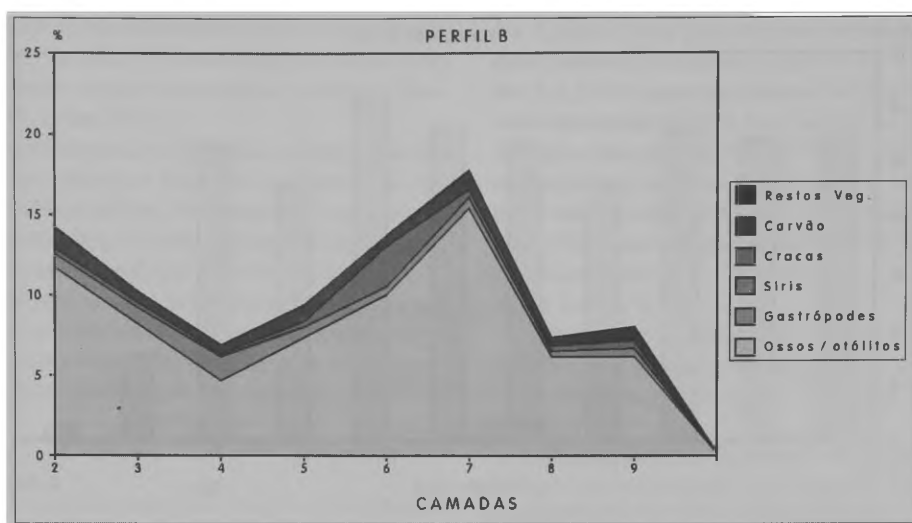
onde atingem a taxa de 8,56%. As conchas queimadas estão em quantidades superiores a 10% em quase todas as camadas, exceto 11, 13 e 14, encontrando seu ápice nas camadas 12 (21,64%) e na camada 4 (28,24%). Estes dados estarão disponíveis na Tabela 2 e no Gráfico 6.

Componentes secundários – Nesta categoria todos os componentes estão presentes em porcentagens mínimas. Todavia, é importante notar a presença de vestígios botânicos, principalmente fibras

vegetais (incluindo-se aqui dois exemplares com vestígios de trabalho humano), restos vegetais e carvão, nas camadas 11 e 13 (Gráfico 7).

Componentes inorgânicos – As pedras estão presentes em porcentagens significativas nas amostras 2, 7 e 14 alcançando nas mesmas mais de 10%. Grânulos de argila aparecem com porcentagem predominante na amostra 14 (23,63%) e porcentagens significativas – ao redor de 8% – nas amostras 12 e 13 (Gráfico 8).





De modo geral, há diferenças conspícuas entre as duas seqüências amostrais (Tabelas 3, 4 e 5):

– Sobre os componentes primários, as conchas, pode-se constatar a predominância do berbigão na sondagem, com uma porcentagem média de 63,77% e os demais elementos com porcentagens inferiores a 13%. Por outro lado, o perfil apresenta a ostra como componente mais importante com porcentagem média de 32,39%, mas os mariscos e berbigões estão presentes com porcentagens significativas, 24,22% e 14,51% respectivamente.

– Com relação aos componentes secundários, observamos que na sondagem apenas as fibras se destacam com 2,36%, enquanto os demais componentes mostram porcentagens mínimas. O perfil apresenta os ossos e otólitos como os componentes dessa categoria com maior relevância, atingindo a marca de 8,80%, e os demais componentes com porcentagens inferiores a 1%.

– Sobre os componentes inorgânicos, ambas as seqüências amostrais têm quantidades significativas de pedras, mas a sondagem apresenta uma participação mais importante da argila que o perfil.

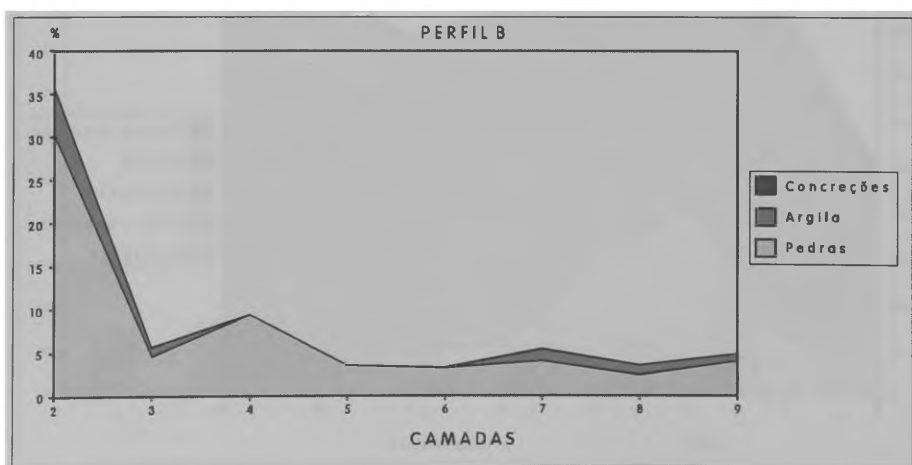


TABELA 1

Pesos e porcentagens dos componentes presentes na Sondagem 3												
Camada	2		3		4		5		6		7	
componente	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%
berbigão	645.80	70.92	612.50	79.16	707.20	68.50	570.40	80.99	431.70	81.52	443.30	66.72
mariscos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.21	0.33
ostras	10.55	1.16	3.82	0.49	13.45	1.30	13.65	1.94	8.41	1.59	7.26	1.09
outros bivalves	0.20	0.02	-	-	0.12	0.01	0.02	0.002	0.40	0.07	2.26	0.34
conchas queimadas	157.20	17.26	137.80	17.81	291.60	28.24	76.30	10.83	71.10	13.42	86.9	13.08
ossos	0.25	0.03	0.35	0.04	0.18	0.02	0.22	0.03	0.04	0.007	0.10	0.02
gastropodes	0.53	0.06	0.27	0.03	0.84	0.08	1.13	0.16	0.21	0.04	0.44	0.07
siris	0.42	0.05	0.31	0.04	0.44	0.04	0.68	0.09	0.03	0.005	0.09	0.01
cracas	0.52	0.06	1.86	0.24	1.96	0.19	1.81	0.26	2.16	0.41	1.56	0.23
fibras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
restos vegetais	-	-	-	-	1.02	0.10	0.81	0.11	0.10	0.02	0.09	0.01
carvão	1.43	0.16	1.79	0.23	1.42	0.14	6.06	0.86	0.84	0.16	2.20	0.33
pedras	93.70	10.29	14.41	1.86	14.14	1.37	33.22	4.72	14.59	2.75	102.60	15.44
argila	-	-	0.65	0.08	-	-	-	-	-	-	-	-
concreções	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15.37	2.31
total triado	910.60	54.41	773.76	54.88	1032.37	56.41	704.00	46.64	529.58	54.31	664.38	56.78
TOTAL	1705.00		1410.00		1830.00		1510.00		975.00		1170.00	

TABELA 1 (cont.)

Pesos e porcentagens dos componentes presentes na Sondagem 3											
Camada	8/9/10		11		12		13		14		
componente	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%	
berbigão	789.1	76.66	230	46.99	450.60	51.27	74.20	36.87	12.97	41.86	
mariscos	45.32	4.4	95.04	19.49	136.30	15.51	28.53	14.18	2.61	8.42	
ostras	5.29	0.51	41.9	8.56	2.70	0.31	4.02	2.00	0.93	3.00	
outros bivalves	3.52	0.34	0.33	0.07	0.02	0.002	3.93	1.95	0.62	2.00	
conchas queimadas	134.5	13.06	12.42	2.54	190.20	21.64	12.67	6.30	1.43	4.61	
ossos	0.62	0.06	0.60	0.12	2.69	0.31	0.82	0.41	0.05	0.16	
gastropodes	1.35	0.13	2.01	0.41	0.27	0.03	0.27	0.13	0.12	0.39	
siris	0.17	0.01	-	-	0.17	0.02	0.14	0.07	0.12	0.39	
cracas	1.9	0.18	1.24	0.25	0.77	0.09	0.25	0.12	0.01	0.03	
fibras	-	-	55.5	11.34	1.27	0.14	29.14	14.48	-	-	
restos vegetais	3.39	0.33	15.45	3.16	1.06	0.12	11.97	5.95	-	-	
carvão	8.55	0.83	11.89	2.43	14.79	1.68	6.67	3.31	0.73	2.36	
pedras	24.7	2.40	22.54	4.60	-	-	2.83	1.41	4.07	13.14	
argila	10.97	1.06	0.21	0.04	67.10	7.64	17.90	8.90	7.32	23.63	
concreções	-	-	-	-	10.98	1.25	7.89	3.92	-	-	
total triado	1029.38	61.64	489.49	45.96	878.92	53.76	201.23	15.72	30.98	2.62	
TOTAL	1670.00		1065.00		1635.00		1280.00		1180.00		

A análise dos otólitos e demais vestígios ósseos possibilitou a identificação e a determinação do NMI das seguintes espécies:

A quantidade de restos ictiológicos no perfil é eminentemente superior à da sondagem, o que é coerente com as porcentagens observadas no sedimento.

TABELA 2

Pesos e porcentagens dos elementos presentes no perfil B								
Camada	2		3		4		5	
componente	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%
berbigão	63.80	15.91	14.60	10.30	39.11	40.10	83.40	29.28
mariscos	30.87	7.70	71.70	50.58	16.90	17.33	47.78	16.78
ostras	61.70	15.39	19.64	13.86	2.67	2.74	77.30	27.14
outros bivalves	0.92	0.23	0.02	0.01	-	-	0.05	0.02
conchas queimadas	42.17	10.51	13.91	9.81	23.20	23.79	41.09	14.43
ossos	47.74	11.90	11.57	8.16	4.81	4.93	21.52	7.56
gastropodes	2.40	0.60	1.16	0.82	1.25	1.28	1.41	0.49
siris	0.63	0.16	0.24	0.17	-	-	0.12	0.04
cracas	1.35	0.33	0.39	0.27	0.17	0.17	0.78	0.27
restos vegetais	0.65	0.16	-	-	-	-	0.10	0.03
carvão	4.59	1.14	1.10	0.78	0.51	0.52	2.61	0.92
pedras	120.70	32.10	6.53	4.61	8.90	9.13	8.30	2.91
argila	22.65	5.65	0.88	0.62	-	-	-	-
concreções	0.84	0.21	-	-	-	-	0.32	0.11
total triado	401.01	14.27	141.74	16.48	97.52	24.69	284.78	24.44
TOTAL	2810.00		860.00		395.00		1165.00	

TABELA 2 (cont.)

Pesos e porcentagens dos elementos presentes no perfil B								
Camada	6		7		8		9	
componente	peso	%	peso	%	peso	%	peso	%
berbigão	20.38	9.06	25.04	7.50	6.72	1.67	13.43	2.26
mariscos	89.10	39.64	50.81	15.22	131.10	32.63	82.80	13.95
ostras	62.20	27.67	165.1	49.45	217.70	54.19	407.80	68.69
outros bivalves	6.070	2.70	1.72	0.51	-	-	0.84	0.14
conchas queimadas	10.47	4.66	16.63	4.98	5.44	1.35	18.31	3.08
ossos	22.23	9.89	51.6	15.45	25.09	6.24	37.42	6.30
gastropodes	1.09	0.48	1.19	0.36	0.58	0.14	1.93	0.33
siris	0.10	0.04	0.50	0.15	0.31	0.08	0.51	0.08
cracas	5.44	2.42	0.98	0.29	0.77	0.19	1.79	0.30
restos vegetais	-	-	0.19	0.05	-	-	0.23	0.04
carvão	1.86	0.83	4.10	1.23	2.61	0.65	4.34	0.73
pedras	5.83	2.59	11.00	3.29	7.39	1.84	20.16	3.40
argila	-	-	4.34	1.30	4.04	1.00	4.09	0.69
concreções	-	-	0.67	0.20	-	-	-	-
total triado	224.77	24.97	333.87	11.80	401.75	43.67	593.65	40.25
TOTAL	900.00		2830.00		920.00		1475.00	

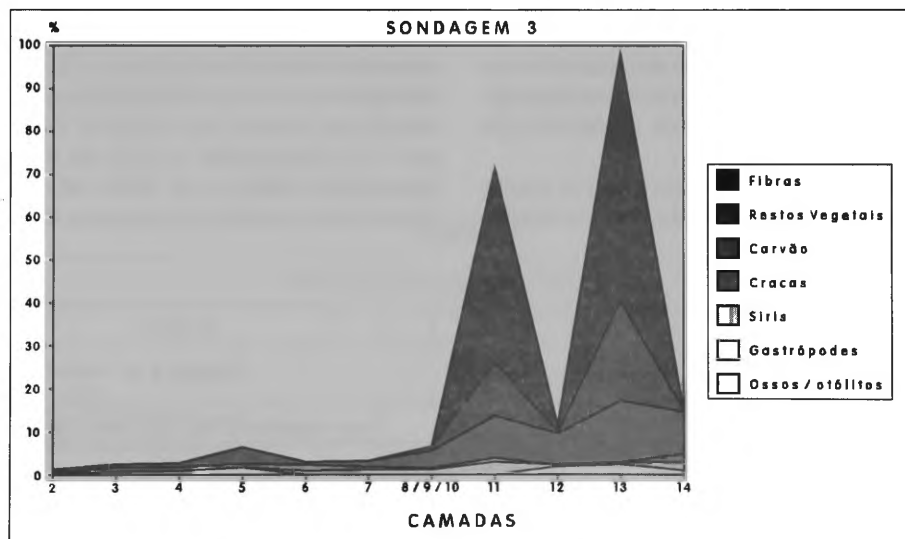
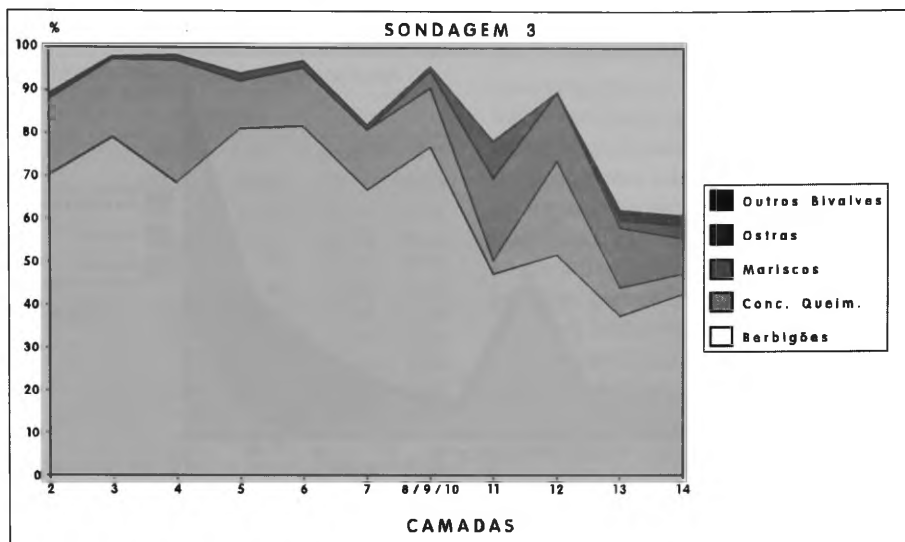
As espécies predominantes no perfil são a corvina (26,55%), o cangauá (24,89%) e a pescada-branca (15,35%). As espécies mais significativas na sequência são o baiacu (7,46%), o roncadador (4,97%) e a tortinha (4,56%) (ver Tabelas 6 e 7).

Na sondagem, a quantidade de vestígios ictiológicos é muito baixa e não permite quaisquer observações.

Análise

A partir dos dados expostos anteriormente podemos constatar as seguintes tendências:

PB - O aumento da porção triável nas camadas mais profundas parece estar associado à presença mais importante de ostras, estas possuem



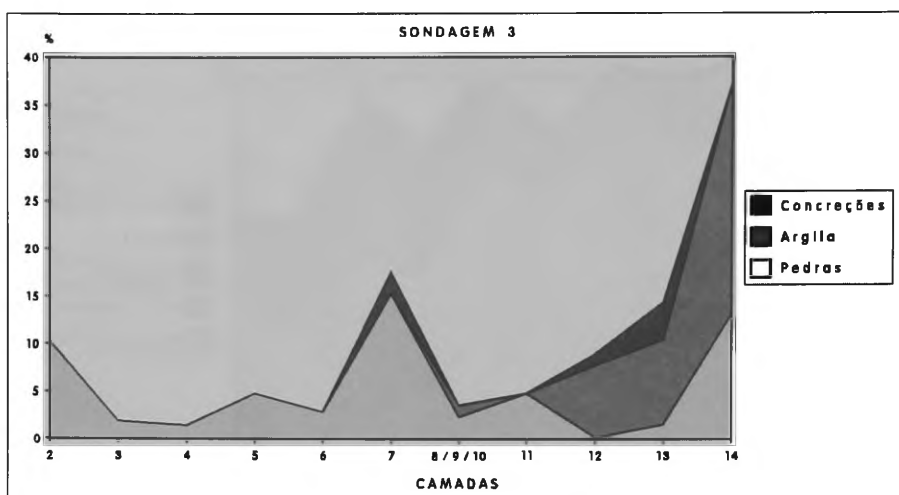
valvas de tamanho superior e peso elevado em relação às conchas de mariscos e berbigões.

O fato de esta sequência amostral apresentar três espécies de bivalves como componentes majoritários indica que a coleta foi diversificada, demonstrando uma alternância na importância das ostras, mariscos e berbigões na coleta. Isto deve-se provavelmente a variações na disponibilidade desses moluscos no meio.

A presença significativa de ossos e otólitos em todas as camadas indica uma atividade pesqueira importante e constante.

Os índices percentuais presentes na camada 2 com relação às pedras e argila são consequências prováveis da infiltração de elementos oriundos da camada húmica superficial.

S3 – A redução da porção triável observada nas camadas 13 e 14 pode ser interpretada como



consequência de estas não serem mais camadas arqueológicas, mas faixas de contato entre a base do sambaqui e o substrato argiloso.

A predominância evidente dos berbigões em todas as camadas demonstra uma coleta muito especializada. Tal ocorrência pode ser derivada de dois fatores:

- ausência/raridade de outros bivalves, evento que implica na redução do manguezal nos arredores do sítio.

Para que isso ocorra deveria haver um aumento do nível marinho suficiente para reduzir o mangue a uma faixa mínima, mas permitindo o assentamento na área dos Espinheiros. Tal conjunção ambiental nos parece muito improvável, embora a datação das camadas das sondagens, de 2970 ± 60 anos AP, corresponda ao final de um período transgressivo (Martin *et al.* 1984) em que o nível do mar estaria cerca de 1 m acima do nível atual.

TABELA 3

Pesos e porcentagens dos componentes triados		
sítio	Espinheiros II	
componentes	peso	%
berbigão	5234.25	53.83
mariscos	831.43	8.55
ostras	1126.09	11.58
outros bivalves	21.04	0.22
conchas queimadas	1343.34	13.81
ossos	227.90	2.34
gastropodes	18.45	0.19
siris	4.98	0.05
cracas	25.71	0.26
fibras	85.91	0.88
restos vegetais	35.06	0.36
carvão	78.09	0.80
pedras	515.61	5.30
argila	140.15	1.44
concreções	36.07	0.37
TOTAL	9724.08	

TABELA 4

Pesos e frequências totais das colunas analisadas				
Amostragens	Sondagem		Perfil	
	peso	%	peso	%
berbigão	4967.77	68.57	266.48	10.75
mariscos	310.37	4.28	521.06	21.02
ostras	111.98	1.55	1014.11	40.91
outros bivalves	11.42	0.16	9.62	0.39
conchas queimadas	1172.12	16.18	171.22	6.90
ossos	5.92	0.08	221.98	8.95
gastropodes	7.34	0.10	11.01	0.44
siris	2.57	0.03	2.41	0.09
cracas	14.04	0.19	11.67	0.47
fibras	85.91	1.18	-	-
restos vegetais	33.89	0.47	1.17	0.05
carvão	56.37	0.78	21.72	0.87
pedras	326.80	4.51	188.81	7.61
argila	104.15	1.44	36.00	1.45
concreções	34.24	0.47	1.83	0.07

TABELA 5

Pesos e frequências médios das colunas analisadas				
Amostragens	Sondagem		Perfil	
	peso médio	% média	peso médio	% média
berbigão	451.61	63.77	33.31	14.51
mariscos	28.21	5.66	65.13	24.22
ostras	10.18	1.99	126.76	32.39
outros bivalves	1.04	0.44	1.20	0.45
conchas queimadas	106.55	13.52	21.40	9.07
ossos	0.54	0.11	27.74	8.80
gastropodes	0.67	0.14	1.37	0.56
siris	0.23	0.06	0.27	0.09
cracas	14.04	0.19	11.67	0.47
fibras	7.81	2.36	-	-
restos vegetais	3.08	0.89	0.15	0.03
carvão	5.12	1.13	2.71	0.85
pedras	29.70	5.27	23.60	7.23
argila	9.47	3.76	4.5	1.16
concreções	3.11	0.68	0.23	0.06

• exploração proposital dos bancos de berbigões, visando a construção do sambaqui. O argumento para essa hipótese é apoiado pela quantidade

de ínfima de vestígios de outras atividades – as porcentagens de ossos e restos de caranguejos são pouco expressivas – ou seja, constatamos pelos vestígios analisados que a pesca e a caça foram pouco praticadas, tendo a coleta de berbigões ocupado quase integralmente os esforços do grupo. Tamanha especialização na dieta alimentar tem pouco suporte do ponto de vista nutricional e é pouco provável que o grupo não tivesse acesso ao pescado, portanto, essa coleta não deve ter sido praticada com o objetivo primário de alimentação, mas provavelmente se desenvolveu no intuito de criar o depósito conchífero.

A presença de fibras – folhas de gramíneas e/ou palmáceas – com sinais evidentes de trabalho – trançadas – nos níveis mais profundos da sondagem confirma a origem antropogênica do depósito inicial deste sambaqui, descartando a hipótese de se tratar de um terrazo conchífero natural.

Sobre a pesca:

– as espécies observadas mostram um ambiente lagunar-estuarino similar ao atual.

– há poucos indícios de pesca para as ocupações associadas a S3, ou seja, sua prática não foi efetuada de modo significativo.

TABELA 6

NMI das espécies de peixes presentes no PB											
Perfil B	2	3	4	5	6	7	8	9	Total	%	
Seláquio	-	-	-	-	-	1	1	-	2	0.83	
Ariidae	-	1	1	1	1	-	1	1	6	2.48	
<i>Sciadeichthys luniscutis</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0.83	
<i>Micropogonias curvieri</i>	14	3	-	10	3	16	4	14	64	26.55	
<i>Isopisthus sp.</i>	-	-	-	-	-	6	1	4	11	4.56	
<i>Pogonias chromis</i>	1	-	-	-	-	-	1	1	3	1.24	
<i>Cynoscion acoupa</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	1	0.41	
<i>Cynoscion leiarchus</i>	10	5	1	3	2	4	6	6	37	15.35	
<i>Cynoscion virescens</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	2	0.83	
<i>Nebris microps</i>	3	-	-	-	-	-	-	-	3	1.24	
<i>Stellifer sp.</i>	15	1	2	7	6	17	5	7	60	24.89	
<i>Bairdiella ronchus</i>	-	1	-	-	-	3	-	2	6	2.48	
<i>Lagocephalus laevigatus</i>	-	-	1	1	6	3	3	4	18	7.46	
<i>Conodon nobilis</i>	5	1	1	1	-	1	1	2	12	4.97	
<i>Centropomus sp.</i>	5	-	-	-	-	1	1	-	7	2.90	
<i>Chaetodipterus faber</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0.41	
<i>Archosargus probatocephalus</i>	-	-	-	1	-	1	-	-	2	0.83	
<i>Trichiurus lepturus</i>	-	-	-	1	-	-	1	-	2	0.83	
<i>Mugil sp.</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0.41	
<i>Oligoplites sp.</i>	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0.41	
Total	55	13	6	25	18	53	25	42	241		

TABELA 7

Sondagem 3	NMI das espécies de peixes presentes na S3													
	2	3	4	5	6	7	8/9/10	11	12	13	14	Total		
Seláquio	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1		
Ariidae	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1		
<i>Micropogonias curvieri</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
<i>Larimus breviceps</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1		
<i>Isopisthus sp.</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
<i>Pogonias chromis</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2		
<i>Cynoscion leiarchus</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1		
<i>Lagocephalus laevigatus</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1		
Total	2	-	-	1	-	-	3	-	2	-	1	9		

– a análise do NMI mostra que as espécies mais pescadas, interpretadas como sendo as mais disponíveis – corvina, cangauá e pescada-branca – têm seu período de maior abundância nos meses de abril-maio e setembro-outubro. Espécies de maior pesca no inverno ou no verão – tainha e robalo, respectivamente – estão presentes em quantidades mínimas. Esse conjunto de dados parece indicar que a pesca associada ao PB, ocorreu na primavera e/ou outono (Figuti 1992).

– a abundância de cangauás – *Stellifer sp.* e *Bairdiella ronchus* –, peixes de pequeno porte (cerca de 15cm de comprimento), indica a utilização de redes ou aparato de pesca equivalente pelos habitantes do sambaqui Espinheiros II. Essa hipótese é reforçada pela grande quantidade de otólitos de reduzidas dimensões de outras espécies, como a corvina, a pescada-branca e a tortinha, o que indica indivíduos pequenos, provavelmente formas juvenis.

Comparação com os COSIPA

Os sítios COSIPA apresentam-se nesse trabalho como parâmetro pois são os únicos que foram estudados com o mesmo tipo de metodologia. Os resultados foram obtidos através de análise de quatro sambaquis localizados no litoral paulista: os COSIPA 1, 2, 3 e 4. Esses sítios apresentam características que os incluem na categoria de sambaquis sujos, devido ao fato de possuírem sedimento terroso e serem compostos por grande quantidade de mariscos (Figuti 1993).

O desenvolvimento posterior desta linha de trabalho foi o de se estimar o rendimento líquido das atividades apresentadas pelas vestígios faunísticos. A partir das pesquisas de Figuti (1992) foi possível detectar a colaboração de cerca de 85% de valvas de bivalves para a composição da matriz do sambaqui e cerca de apenas 6% de ossos. Porém ao realizar a conversão para se precisar o volume de carne comestível o autor percebeu uma inversão: os moluscos colaborariam com 15% da carne consumida enquanto que os peixes surgiram como principal elemento da dieta fornecendo 80% da carne.

Observando a composição do sedimento das amostragens do Espinheiros II e dos COSIPA, pode-se constatar a diferença mais evidente entre um sambaqui dito “limpo” e os “sujos”, ou seja, a presença massiva do berbigão – *Anomalocardia brasiliiana* – no Espinheiros II, e as altas porcentagens de mariscos nos COSIPA. Todavia, é preciso notar que a sondagem apresenta uma estrutura muito distinta das demais seqüências amostrais da Tabela 8, pela total predominância do berbigão. Por outro lado, o perfil mostra semelhanças com os COSIPA, pela diversidade de espécies de moluscos e pela maior porcentagem de restos ictiológicos.

Do ponto de vista ambiental, a forte presença de berbigões no Espinheiros pode estar associada ao fato de este sítio estar localizado próximo à baía do Babitonga (Figura 1), onde ocorrem grandes bancos areno-argilosos, habitat preferencial dos berbigões. Nos COSIPA, não há esse tipo de ocorrência, o que justifica a pouca importância dos berbigões nestes sítios (Figuti 1993).

Evidenciados alguns dados sobre o meio, ainda é necessário estabelecer algumas estimativas

sobre as atividades de subsistência do Espinheiros, o que torna obrigatório tentar avaliar os rendimentos líquidos da pesca e da coleta nesse sítio. Assim, para estabelecer a quantidade de matéria comestível correspondente utilizaram-se índices de conversão que exprimem valores médios para cada

TABELA 8

Peso(g) e porcentagens dos componentes principais da matriz				
Amostragem	S3		PB	
	peso	%	peso	%
berbigão	4967.77	92.06	266.48	13.16
marisco	310.37	5.75	521.06	25.74
ostra	111.98	2.07	1014.11	50.11
ossos	5.92	0.11	221.98	10.97
Amostragem	COSIPA 1		COSIPA 2	
	peso	%	peso	%
ameijoia	27.30	0.54	403.00	14.07
marisco	1516.30	29.42	2103.90	73.40
ostra	3276.30	63.56	234.10	8.16
ossos	334.35	6.48	125.20	4.37
Amostragem	COSIPA 3		COSIPA 4	
	peso	%	peso	%
ameijoia	55.60	2.30	55.90	1.10
marisco	1304.10	53.84	4455.20	87.40
ostra	915.60	37.80	143.20	2.80
ossos	146.50	6.05	443.60	8.70

tipo de vestígio. Os índices são expressos em gramas de parte mole por grama de parte dura: ostras – 0.14 g de carne por 1g de concha; mariscos – 0.34 g de carne por 1g de concha; ameijoas/berbigões – 0.30 g de carne por 1g de concha; peixe – 20 g de carne por 1g de osso (Figuti 1993)

Aqui se evidencia a diferença entre a sondagem e as demais sequências amostrais, uma vez que esta indica uma subsistência com base no berbigão. Por outro lado, o perfil demonstra mais similaridade com os COSIPA, como já observado anteriormente, tendo a pesca como atividade principal de subsistência.

Considerações finais

Antes de tudo é necessário um adendo sobre toda e qualquer conclusão que se apresente neste

texto: embora compreenda um volume considerável de trabalho, a quantidade de amostras analisadas é apenas uma parte do universo amostral disponível no sítio; escolhemos apenas as duas colunas mais completas, ou seja com maior quantidade de unidades estratigráficas descritas. É evidente que nossos resultados são muito parciais e para uma confirmação estatística adequada seriam necessárias análises sobre diversas colunas que completassem e confirmassem (ou não) nossas observações. Todavia, segundo as descrições feitas por Afonso, De Blasis *et al*, a aparência geral das amos-

TABELA 9

Peso (g) e porcentagens estimadas de matéria comestível				
Amostragem	S3		PB	
	peso	%	peso	%
berbigão	1490.33	86.15	79.94	1.65
marisco	105.52	6.10	177.16	3.66
ostra	15.67	0.90	141.97	2.93
ossos	118.40	6.84	4439.60	91.75
Amostragem	COSIPA 1		COSIPA 2	
	peso	%	peso	%
ameijoia	8.19	0.11	120.90	3.60
marisco	530.50	7.00	715.32	21.24
ostra	360.36	4.75	26.52	0.78
ossos	6687.00	88.14	2504.00	73.38
Amostragem	COSIPA 3		COSIPA 4	
	peso	%	peso	%
ameijoia	16.68	0.47	16.77	0.16
marisco	443.39	12.70	1514.76	14.54
ostra	100.71	2.88	15.75	0.15
ossos	2930.00	83.93	8872.00	85.15

tras coletadas nos níveis do PB são muito semelhantes, sendo ainda mais semelhantes as amostras coletadas nos níveis correspondentes às sondagens.

A análise dos sedimentos do Perfil e da Sondagem parece indicar a presença de dois momentos diferentes na ocupação desse sítio. Na sondagem, ou seja nos níveis mais antigos, observamos a predominância absoluta de apenas uma atividade, a coleta de berbigões. No perfil onde temos os níveis mais recentes do sambaqui, constatamos atividades mais diversificadas, com a pesca como atividade principal e a complementar coleta de moluscos, dividida entre

mariscos e ostras dos manguezais e a coleta de berbigões nos bancos lodosos, caracterizando um padrão de subsistência de grupos nômades mais complexo.

Conforme a afirmação de Meehan em seu trabalho com o grupo Anbarra "...*Thus at no time during the year was shellfish more than a supplementary food even in the flesh diet.*" (Meehan 1977), e levando em consideração os dados de outros trabalhos arqueológicos e relatos etnográficos, a ocorrência de grupos com economias baseadas na coleta de bivalves é muito improvável. Daí inferimos que as camadas associadas a S3 são possivelmente o produto de uma coleta com o intuito formal de "construir o sambaqui", ou, utilizando a tipologia definida por Widmer (1989) estariam inseridas na seguinte categoria: "*Shell-bearing habitation site – primarily shell debris in site matrix used for architectural needs; the shell may or may not have originated as food debris.*"

Por isso entende-se que a sondagem seria produto de uma fase de formação de um terraço, ou um aterro de conchas, sobre o qual estão assentadas as camadas superiores associadas ao PB, onde ocorre um acúmulo resultante de um conjunto mais complexo de atividades, correspondendo a um padrão similar ao observado nos sítios COSIPA, ou seja, gerado por grupos com economia baseada na pesca complementada por coletas intensivas de moluscos. A grosso modo, temos uma fase de ocupação "limpa" sucedida por uma "suja". O que tor-

na a utilização dos termos sambaqui "limpo" e "sujo" muito relativa.

Outra questão importante levantada é a pesca ocorrida no PB, cujo caráter sazonal (primavera/outono) indicado pelos NMIs obtidos parece sugerir que as ocupações correspondentes teriam tido a mesma sazonalidade.

Creemos que demonstramos através deste trabalho o potencial informativo da análise adotada, mas o desenvolvimento das hipóteses aqui emitidas dependerá não somente de estudos análogos em outros sambaquis mas também de outros tipos de análises que completem o quadro que queremos traçar sobre os processos formativos dos sambaquis.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos ao MASJ e aos Profs. Drs. Marisa C. Afonso e Paulo A.D. De Blasis, que gentilmente forneceram o material analisado.

Ao Prof. Roberto M. Shimizu, pelo gentil atendimento nos trabalhos de pesagem efetuados no Depto. de Ecologia Geral.

Aos geógrafos Luciane M. Kamase e Job Lobo, pelo auxílio na confecção das figuras, e a Gislaíne C. Fernandes, pela assessoria dada nas questões relativas à informática.

Finalmente, agradecemos o apoio financeiro da FAPESP.

FIGUTI, L.; KLÖKLER, D.M. Preliminary analysis of the faunal remains from the shell-mound Espinheiros II (Joinville, SC). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 169-187, 1996.

ABSTRACT: This study treats about the faunal composition of the sambaqui's sediments and shows some aspects about its formation. The analysis exposed by the searchers try to show two different moments in the construction of this site, moments with different kinds of shell deposition. The analysis of other elements, the fish bones, gives other ideas about the kind of fishing used by the mound builders. The similarities with the COSIPA shell mounds seem to reforce some hypothesis about the way of life of this prehistoric group.

UNITERMS: Faunal composition – Sediments – Components – Subsistence – Colect – Fishing.

Referências bibliográficas

- AFONSO, M.C.; DE BLASIS, P.A.D.
1994 Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4:21-30.
- BASTOS, G.C.G.
1990 *Morfologia de otólitos de algumas espécies de perciformes (Teleostei) da costa sudeste-sul do Brasil*. Dissertação de mestrado, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo
- CASTELL, R.W.
1970 Core and column sampling. *American Antiquity*, 35(4):465-467.
- CLAASEN, C.
1991 Normative thinking and shell-bearing sites. M.B. Schiffer (Ed.) *Archaeological Method and Theory*. Univ. of Arizona Press, Tucson 3:249-298.
- FIGUTI, L.
1989 Estudo dos vestígios faunísticos do Sambaqui COSIPA-3, Cubatão. *Rev. de Pré-História*, São Paulo, 7:112-126.
1992 *Les sambaquis COSIPA (4200 à 1200 ans BP): étude de la subsistance chez les peuples préhistoriques de pêcheurs-ramasseurs de bivalves de la côte centrale de l'état de São Paulo, Brésil*. Thèse de Doctorat, Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris.
1993 O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3:67-80.
1994/95 Os sambaquis Cosipa (4200 a 1200 anos AP): Estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pré-históricos da Baixada Santista. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8 (2): 267-283.
- GARCIA, C.D.R.
1969 Levantamento ictiológico em jazidas pré-históricas *Estudos de Pré-História Geral e Brasileira*. Instituto de Pré-História, São Paulo: 474-486.
- 1972 *Estudo comparativo das fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista*. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- GASPAR, M.D.; De BLASIS, P.A.D.
1992 Construção de sambaquis: Síntese das discussões do grupo de trabalho e colocação da proposta original. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, V.II: 811-820.
- GREGORY, W.K.
1933 Fish skulls: a study of the evolution of natural mechanisms. *Transactions of the American Philosophical Society (New Series)*, 23 (2):75-481.
- LIMA, T.A.
1991 *Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J.- M.
1984 Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quaternária: exemplos da costa do Brasil. *Revista de Pré-História*, São Paulo, 6:128-147.
- MEEHAN, B.
1977a Hunters by the seashore. *Journal of Human Evolution*, 6 (4): 363-370.
1977b Man does not live by calories alone: the role of shellfish in a coastal cuisine. J. Allen (Ed.) *Sunda and Sahul: prehistoric studies in Southeast Asia*. London, Academic Press: 493-531.
- OLIVEIRA, M.S.C.; HOENICKE, N.F.
1994 *Projeto 25: Sítios arqueológicos em Joinville – SC. Inventário descritivo básico*. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville.
- WASELKOV, G.A.
1987 Shellfish gathering and shell-midden archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*. Academic Press, New York, 1:93-209.

Recebido para publicação em 20 de agosto de 1996.

PREMIERS RESULTATS DE LA FOUILLE SUBAQUATIQUE DE L'ÉPAVE DU HAUT MOYEN AGE DE PORT-BERTEAU II, CHARENTE-MARITIME (FRANCE)

Eric Rieth*
Catherine Carrierre-Desbois**
Virginie Serna***

RIETH, E.; DESBOIS, C.C.; SERNA, V. Premiers resultats de la fouille subaquatique de l'épave du Haut Moyen Age de Port-Berteau II, Charente-Maritime (France). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 189-221, 1996.

RESUMO: Este artigo descreve os resultados preliminares da escavação subaquática de restos de uma embarcação naufragada da alta Idade Média. As ruínas do Port-Berteau II estão situadas a uma profundidade de 7m no rio Charente, no sudoeste da França, entre Saintes e Rochefort. 1 – As técnicas e métodos usados são discutidos. 2 – O novo método francês de registro de dados por computador denominado Archeo-Data é analisado. A escolha deste método particular foi feita em relação com nosso conceito de arqueologia náutica, na qual os destroços e seu entorno geomorfológico são estudados em sincronismo. 3 – Os restos arquitetônicos do naufrágio são descritos. Parece que este barco costeiro (14,60m de comprimento x 4,60m de largura) foi contruído segundo o modo “Skeleton first carvel”. 4 – Uma tipologia dos pregos que uniam as pranchas à proa e à popa foi feita. 5 – O ambiente geomorfológico foi estudado para reconstruir as características do rio Charente na alta Idade Média e para explicar os diferentes estágios da formação das ruínas.

UNITERMOS: Arqueologia subaquática – Métodos e técnicas – Registro computadorizado de dados.

Introduction

1. Le site

L'épave de Port-Berteau II a été découverte en 1973, il y a plus de vingt ans, dans les derniers jours de la campagne de fouille subaquatique du site portuaire médiéval et moderne de Port-

Berteau localisé le long de la rive droite de la Charente, sur la commune de Bussac, en Charente-Maritime.

L'épave est située à 50m en aval des vestiges portuaires, par 7m de fond (profondeur moyenne), sensiblement au centre du lit mineur du fleuve qui, à ce niveau, possède une largeur de l'ordre de 45m. Elle est orientée nord-ouest (extrémité aval) sud-est (extrémité amont), selon un axe comparable à celui de la Charente à Port-Berteau (Fig. 1).

Le site (entre les points kilométriques PK 31/PK 32) se trouve, par voie fluviale, à environ 4,5km en aval de la ville de Saintes, important

(*) CNRS.

(**) AFAN.

(***) Musée de la Marine.

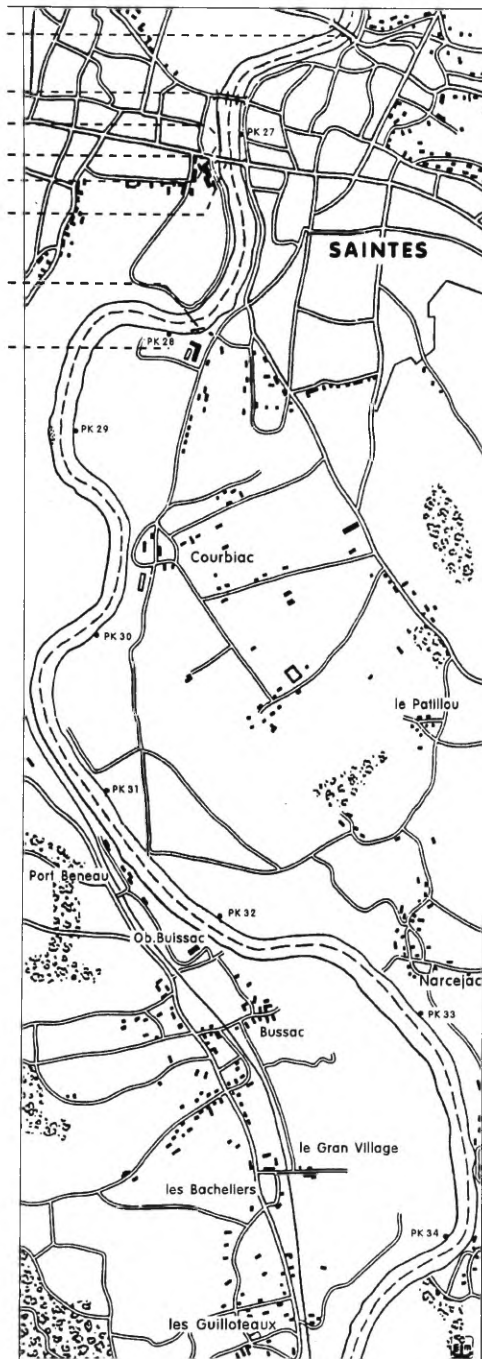


Fig. 1 – La Charente entre le PK 27 et le PK 34. Extrait de la carte guide de navigation fluviale, la Charente d'Angoulême à l'Océan, par Michel Sandrin, Editions cartographiques Maritimes, Le Perreux: 1987.

centre urbain de l'Antiquité, et à près de 64km, toujours par voie fluviale, en amont de l'embouchure du fleuve (lieu-dit Port-Menu, PK 96) (Fig. 2). Cette localisation dans la partie aval de la Charente, a deux conséquences principales.

D'une part, le secteur de Port-Berteau est soumis aux effets de la marée. En dépit de la présence d'un barrage de régulation de la Charente en aval de Port-Berteau (barrage de Saint-Savinien), le flot, lors des marées de vives eaux notamment, inverse encore aujourd'hui le courant de la Charente vers l'amont. En outre, le marnage peut atteindre près de 1m de hauteur lors de ces marées de fort coefficient. D'autre part, ces effets sensibles de la marée se traduisent, du point de vue des conditions de navigation, par la création d'un espace nautique très particulier unissant la partie aval du fleuve à la zone maritime littorale, l'estuaire de la Charente représentant l'espace de transition entre le milieu maritime et le milieu fluvial. Cet espace nautique mixte, fluvio-maritime, est très différent de celui de la partie amont de la Charente (celle située en amont de la ville de Saintes) qui relève essentiellement d'une navigation fluviale. Il est bien évident qu'à ces deux espaces nautiques, aux caractéristiques hydrologiques différentes, correspondent, au Moyen Age et à l'époque moderne, des modes d'échanges fluviaux et des types de bateaux, c'est-à-dire des systèmes techno-économiques, que l'on retrouve, en l'occurrence, sur tous les grands fleuves de la façade ponantaise de la France.

Ce secteur de la Charente compris entre les PK 31 et 32 forme actuellement une ligne droite précédée de méandres en amont et suivie d'autres méandres en aval. Au niveau de l'épave, la rive gauche du fleuve, comprenant des parcelles cultivées et des prairies, est plate et inondable. Elle est située à environ 1,50m au-dessus du niveau moyen de la Charente. La rive droite, quant à elle, est bordée par un escarpement rocheux.

2. Les premières observations

En 1973, alors que nous achevions la fouille du site portuaire médiéval et moderne de Port-Berteau, un relevé sommaire des vestiges apparents de l'épave a permis d'évaluer ses grandes dimensions et sa forme générale (coque aux extrémités pointues pratiquement symétriques). En 1984, lors du programme entrepris dans le cadre de

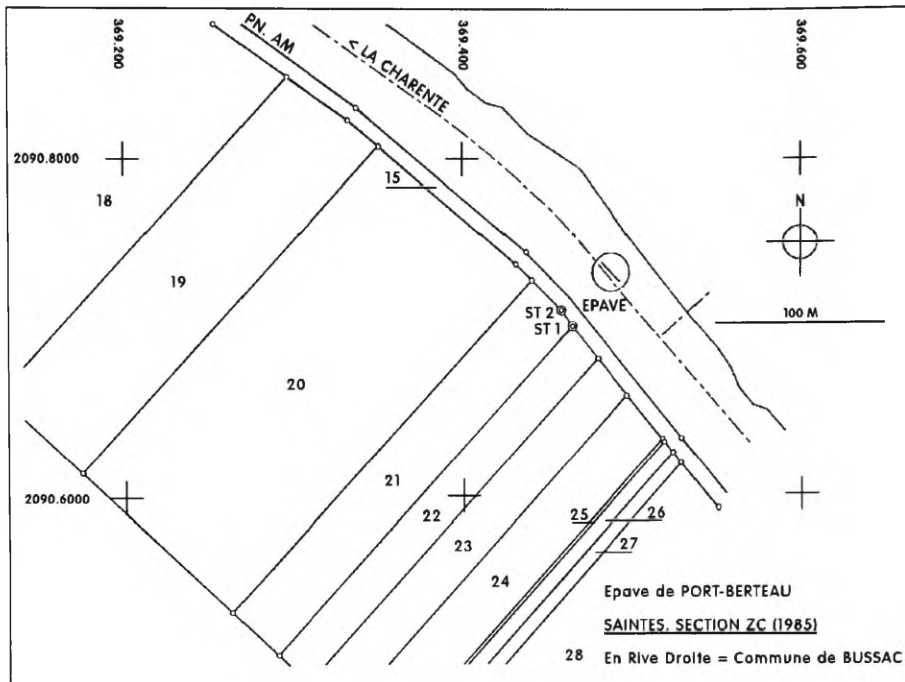


Fig. 2 – Localisation cadastrale de l'épave (A. Marguet, Ph. Nowacki, 1986).

l'Action Thématique Programmée du CNRS "Archéologie métropolitaine", un échantillon de la coque a été prélevé pour une première mesure d'âge au carbone 14 dans le but de situer chronologiquement l'épave (résultat: GIF. 6685 1360 ± 50 BP, soit une date calibrée Tucson comprise entre 580 et 780 après J.C.). En 1986, dans le cadre de ce même programme, un second prélèvement a été opéré (résultat: GIF. 7396. 1450 ± 50 BP, soit une date calibrée Tucson comprise entre 445 et 635 après J.C.). Concernant ce problème de datation, précisons dès à présent que depuis le début de la fouille, en 1992, des échantillons de la coque ont été systématiquement prélevés à des fins d'analyse dendrochronologique. Selon les conclusions (bilan 1994) des chercheurs du laboratoire de Chrono-Écologie de Besançon, sur un total de 95 échantillons en chêne, 61 se sont révélés inutilisables pour les analyses et 34 ont donné lieu à des mesures. Pour l'instant, aucun résultat probant n'est apparu si ce n'est une première proposition de datation, avec toutefois une probabilité encore faible, située à la fin du VIII^e s.

En 1986, un sondage (triangle équilatéral de 1m de côté) a été entrepris au niveau de l'extrémité aval de l'épave. Ce sondage a confirmé l'hypothèse émise en 1973 selon laquelle les vestiges de la coque reposaient à l'envers sur le fond de la Charente.

C'est sur la base de ces observations qu'une campagne préalable d'évaluation archéologique de l'épave fut entreprise en 1992, suivie par la réalisation d'un premier programme de fouille pluriannuelle entre 1993 et 1995. Ce sont quelques résultats, parmi les plus significatifs, de ces quatre années de fouille que nous allons présenter dans le cadre de cet article.

Les objectifs de la fouille

1. Un programme d'archéologie nautique

Les objectifs de la fouille de l'épave de Port-Berteau II s'inscrivent dans le prolongement de recherches d'archéologie subaquatique menées depuis les années 1971 dans la Charente et consa-

créées à l'étude de la batellerie médiévale de ce fleuve. A cet égard, il importe de rappeler en quelques mots la signification d'une telle étude.

Si les bateaux, de la pirogue monoxyle au bâtiment à l'architecture intégralement assemblée, ont été et demeurent toujours au centre de notre recherche, ils ne constituent pas le seul objet d'étude. En effet, leur existence, en tant que moyens de transport, est, au-delà des facteurs économiques, étroitement dépendante d'un espace de navigation aux limites étroites (celles imposées par les rives et la hauteur d'eau tout particulièrement), aux caractéristiques hydrologiques instables (selon les périodes de crue ou d'étiage notamment), et modifiables (par l'intermédiaire d'aménagements divers de son lit). Dès lors, l'étude de cet espace de navigation doit être également prise en compte. C'est dans cette perspective scientifique nouvelle, celle d'une archéologie nautique associant le bateau à son milieu d'utilisation, que nos recherches ont été conduites.

Jusqu'en 1992, c'est principalement dans la partie amont de la Charente que les opérations ont été menées, c'est-à-dire dans le contexte d'un espace nautique essentiellement fluvial. La fouille du site archéologique d'Orlac, daté du Haut Moyen Age, a représenté un premier aboutissement de ce programme d'archéologie nautique en permettant de restituer, au niveau d'Orlac, le paysage ancien du fleuve, un aménagement caractéristique de son lit mineur (une structure formée d'un ensemble de pieux), un gisement de pierres de mouillage, tout aussi révélateur de l'utilisation de la Charente, et l'épave d'un grand chaland à fond plat (près de 15 mètres de long) et à architecture monoxyle-assemblée dont la construction remonte à la fin de la première moitié du XI^e s.

2. Les objectifs de la fouille du site de Port-Berteau II

Avec la fouille de l'épave de Port-Berteau II, c'est dans le cadre de la partie aval du fleuve, en rapport avec un espace nautique de dimension fluvio-maritime, que les objectifs du programme d'archéologie nautique ont été définis.

Le premier objectif concerne l'étude de l'épave dans la perspective de restituer, en fonction des vestiges préservés, l'intégralité du

système technique formé par un bateau: le principe architectural de la structure de la coque, les modalités de conception (structure et formes de carène), les procédés de construction, les techniques de façonnage des bois de la charpente et du bordé, les systèmes de direction et de propulsion, les caractéristiques techniques (capacités de charge, déplacement)...

Le second objectif porte sur l'étude des relations entre d'une part les vestiges de la coque, en tant qu'espace archéologique ouvert, en opposition par conséquent avec le concept classique de l'épave comme espace clos, et, d'autre part, le milieu fluvial. En d'autres termes, il s'agit d'essayer de comprendre le processus selon lequel l'épave s'est formée, de reconstituer l'histoire du passage de l'état de bateau à celui de l'épave de Port-Berteau II.

Le troisième objectif, enfin, est relatif à l'analyse du milieu fluvial même dans le but, notamment, de restituer la hauteur d'eau, de retrouver les limites et la forme des anciennes berges ainsi que la morphologie du fond du lit mineur, de cerner au mieux les caractéristiques hydrologiques de la Charente, d'esquisser finalement le paysage fluvial à l'époque où le bateau de Port-Berteau II navigait sur la Charente.

En fonction de ces trois objectifs majeurs, l'organisation du programme et les responsabilités au sein de celui-ci ont été définies de la manière suivante :

- direction générale de la fouille et étude de l'épave: Eric Rieth (chargé de recherche au CNRS, Musée de la Marine);
- responsable de l'étude géo-archéologique: Virginie Serna (conservateur, responsable du service d'études du Musée de la Marine);
- responsable de l'étude du mobilier archéologique (enregistrement, analyse et conservation): Catherine Carrière-Desbois (contractuelle AFAN, équipe de recherches sur le château de Vincennes).

La fouille subaquatique de l'épave de Port-Berteau II: aspects techniques

1. Les conditions matérielles

De 1992 (campagne d'évaluation archéologique) jusqu'à 1995, près de 885 heures de travail

subaquatique représentant environ 680 plongées ont été consacrées à l'étude du site de Port-Berteau II. A ce temps de travail en plongée s'ajoute, bien entendu, celui relatif aux opérations de surface. En règle générale, le temps de travail journalier (de la préparation du matériel avant le départ vers le chantier à la mise au net des observations et au rangement du matériel au retour du terrain) est de l'ordre d'une douzaine d'heures. La durée de chaque campagne de fouille est de quatre semaines comprises entre le début du mois de Septembre et le début du mois d'Octobre.

Depuis l'origine du programme, le matériel de plongée et de fouille (compresseur, moto-pompes, suceuses à eau, groupe électrogène, blocs de plongée, combinaisons, gabarits, équipement photographique ...) a été vérifié, préparé et mis à notre disposition par le Centre National de Recherches Archéologiques Subaquatiques (ministère de la Culture, sous-direction de l'Archéologie) devenu depuis 1996 le Département des Recherches Archéologiques Subaquatiques et Sous-Marines (à la suite de la fusion avec l'ancien Département des Recherches Archéologiques Sous-Marines). A cet égard, il est certain que sans la collaboration sans faille, en matériel comme en personnel, de cet organisme du ministère de la Culture, il n'aurait pas été possible de mener à bien les campagnes de fouille dans les conditions rigoureuses de sécurité imposées par un travail subaquatique dans un milieu particulièrement difficile.

Les plongées autonomes à l'air, à une profondeur moyenne de 7m, ont été assurées soit avec des combinaisons humides, soit avec des vêtements étanches. Par ailleurs, des masques intégraux EXO 26 munis d'un téléphone sans fil ont été utilisés à diverses reprises, notamment lors des opérations de planimétrie des vestiges de la coque. Ces masques permettent d'établir une liaison téléphonique permanente entre les plongeurs d'une part, entre ces derniers et la surface d'autre part.

Les conditions de plongée dans la Charente sont difficiles. Le principal obstacle, propre au demeurant à toute plongée en milieu fluvial, est celui de la visibilité qui, dans le meilleur des cas, ne dépasse pas quelques dizaines de centimètres dans une eau toujours fortement troublée par des particules en suspension, et qui, dans le pire des cas (malheureusement fréquent) est réduite

à moins de 10cm. Un éclairage (phares autonomes ou alimentés depuis la surface par un groupe électrogène) est indispensable lors des phases de relevés et d'observations.

Une seconde difficulté, rencontrée à la suite de fortes précipitations (assez habituelles en Septembre et Octobre), provient du courant important, augmenté lors des périodes de marées de vives eaux. Lors d'une fin de campagne de fouille, un début de crue de la Charente nous obligea même à mettre prématurément un terme aux recherches, les risques d'accident devenant beaucoup trop élevés. Ce fut cependant la seule fois où la fouille fut interrompue.

2. Organisation du chantier

La position de l'épave, sensiblement au centre de la Charente, implique la mise en place d'un support de surface au-dessus du site. La mise à notre disposition par la Direction Départementale de l'Équipement de la Charente-Maritime d'un bac (19m de long sur 3,50m de large) ou d'une barge (11,50m de long sur 2,75m de large) a permis de disposer d'un support de surface idéal. Celui-ci est embossé perpendiculairement à l'axe de la Charente, arrière amarré à la rive gauche, avant affourché sur deux ancrs. Ainsi positionné, le support de surface permet d'accéder directement de la rive gauche, où se trouve stocké le matériel de fouille et de plongée, au site.

Sur le bac ou la barge sont placés tous les équipements lourds (moto-pompes, groupe électrogène) nécessaires à la mise en oeuvre des suceuses à eau et des éclairages.

La sécurité de la zone de fouille est assurée par une ceinture de bouées disposée en aval et en amont du site créant ainsi un espace protégé à l'intérieur duquel les plongeurs peuvent évoluer. En outre, une ligne de vie permet d'accéder directement du support de surface à l'épave. Ajoutons que deux plongeurs sont désignés, chaque demi-journée, l'un en tant que plongeur de sécurité prêt à intervenir immédiatement en cas de besoin, l'autre en tant que surveillant de surface assurant le contrôle technique des plongées. Une embarcation motorisée peut être mise en oeuvre, à tout moment, pour une opération de sauvetage.

Un dernier aspect relatif aux plongées est à souligner. Tous les plongeurs sont possesseurs soit du certificat d'aptitude à l'hyperbarie délivré par

le ministère du Travail (décret du 28 Mars 1990, arrêté d'application du 28 Janvier 1991), soit d'une dérogation (arrêté du 5 Mars 1993, circulaire d'application du 9 Mars 1993). Le respect de cette réglementation nouvelle est indispensable à toute autorisation de fouille archéologique subaquatique.

3. *L'équipe de fouille*

En règle générale, l'équipe de fouille comprend huit à dix personnes, personnel du ministère de la Culture, du CNRS, du Musée de la Marine, de l'AFAN, étudiants en archéologie nautique médiévale et moderne de l'Université de Paris I et de l'Université d'Aix-en-Provence, bénévoles de la Société d'Archéologie et d'Histoire de la Charente-Maritime. Depuis le début de la fouille, une collaboration avec des archéologues étrangers est développée: archéologues canadiens de l'équipe fédérale d'archéologie subaquatique de Parcs Canada (Marc-André Bernier et Willis Stevens), archéologue brésilien de l'Université de São Paulo (Gilson Rambelli).

L'équipe de fouille est répartie en deux groupes. Le premier, le plus important numériquement, effectue la fouille de l'épave. Le second, plus réduit mais occupant une position essentielle dans la chaîne de travail, assure à terre, dans un local particulier, l'enregistrement et le dessin du mobilier archéologique.

4. *Le problème des relevés*

Compte tenu des conditions très mauvaises de visibilité, un système de références particulièrement stable est implanté au-dessus de l'épave. Ce système comprend un ensemble de gabarits d'aluminium de 10cm de haut sur 2cm de large, fixés par des mâchoires métalliques à des piquets en fer galvanisé profondément enfoncés dans le sédiment. Il est essentiel, en effet, de pouvoir utiliser ces mêmes piquets de référence d'une année sur l'autre afin d'assurer la cohérence des relevés.

Ces gabarits forment un cadre rectangulaire de 6m de large sur 15m de long décomposé en trois rectangles de 6m de large sur 5m de long (ABCD, CDEF, EFGH). L'épave est inscrite, pour l'essentiel, à l'intérieur de ce cadre dont les gabarits, étalonnés et établis horizontalement à l'aide d'un

niveau à bulle, servent de plan de référence constant lors des relevés.

Sur les deux axes longitudinaux du cadre (ACEG, BDFH) repose une barre transversale mobile étalonnée. Sur cette barre coulisse une sorte de cavalier métallique muni d'un double mètre à ruban disposé verticalement. Les cotes en X et Y sont prises à partir des distances inscrites sur les gabarits (le point 0 se trouvant sur l'axe transversal AB) et la barre transversale mobile (le point 0 étant fixé sur l'axe longitudinal rive droite BDFH). Les cotes en Z sont prises, quant à elles, à partir des valeurs inscrites sur le double mètre (le point 0 correspondant à l'extrémité inférieure du double mètre, la lecture de la mesure s'effectue au niveau de la barre transversale). En fin de fouille, les gabarits sont démontés. Les piquets sont laissés en place et un témoin matérialisant en altimétrie la position des gabarits est fixé sur un piquet (point B).

Aux relevés effectués à partir de ce cadre de référence (pour toute la planimétrie de l'épave notamment) s'ajoutent ceux réalisés à l'échelle 1 à l'aide de calques (pour le relevé du bordé en particulier).

Depuis 1994, grâce à la collaboration d'un architecte (Jean-Philippe Gautier) à l'équipe de fouille, tous les relevés sont traités à l'aide de procédés informatiques. Les données brutes, après avoir été saisies, sont traitées au moyen de logiciels graphiques (Photoshop, Mincad et 3D Turbo Plus). De la sorte est constituée une banque de données graphiques permettant de nombreuses analyses. Par ailleurs, en faisant ce choix, aucune interprétation graphique des données de fouille n'est introduite lors de la saisie et de la mise au net des relevés.

5. *La protection de l'épave en fin de campagne*

Chaque année, au terme de la campagne de fouille, la totalité de la zone de fouille dégagée est recouverte à l'aide de sacs en plastique remplis de sable. Au total, près de 15m³ de sable rapporté recouvrent actuellement l'épave. Depuis le début de nos recherches en Charente, ce mode de protection in situ s'est avéré le plus efficace et le plus économique. Le recours à des sacs en plastique, peu écologique il est vrai, est cependant indispensable. En effet, déposé en vrac sur le fond de la Charente, le sable se trouverait très rapidement dispersé par le courant.

Les sacs de sable, en revanche, ne bougent pas d'une année sur l'autre. En outre, ils forment des obstacles qui retiennent les branches transportées par le courant. Au bout d'un certain temps, se constitue de la sorte une sédimentation naturelle au-dessus de l'épave.

La méthode d'enregistrement des données: le système ArcheoDATA

1. Le choix d'une méthode

Dans le cadre de la fouille du site de Port-Berteau II, dont les méthodes et les problématiques s'inscrivent dans le prolongement de celles définies lors de la fouille du site d'Orlac, l'originalité de la démarche consiste à s'interroger sur l'épave, son milieu d'utilisation et son processus d'abandon. Au niveau de ces deux derniers objectifs ont été recueillies des données qui font l'objet d'études systématiques en archéologie terrestre mais qui, jusque là, dans le cas de la fouille subaquatique d'une épave, avaient été mises à l'écart. Ces données sont celles du paysage dans lequel le bateau circule, s'est échoué et a pris place en tant qu'épave. Identifiées sur l'épave de Port-Berteau II et désormais prises en compte, ces données deviennent, dès lors, des indices nouveaux et nécessaires à l'étude architecturale du bateau.

L'idée de refuser, à priori, de faire de l'épave la limite même de la zone d'investigations, induisait la nécessité d'élargir l'enquête archéologique à une zone plus vaste, en substituant à la notion de site archéologique d'épave celle de site fluvial, et en faisant appel à la reconnaissance d'unités stratigraphiques, la fouille par carrés et l'enregistrement des artefacts par couches distinctes.

Dans cette nouvelle hypothèse de travail, il a paru cohérent d'étudier l'épave de Port-Berteau II d'une façon similaire à celle d'une structure trouvée en fouille terrestre et de l'aborder, au même titre qu'une habitation, avec ses bordés à l'instar des murs, ses aménagements internes comparables à des pièces d'habitation et son lieu de navigation puis d'échouage comme un paysage. Passer du concept de milieu clos, leitmotiv des fouilles sous-marines d'épaves, à une définition de site ouvert, impliquait de modifier notre appréhension du site. Le site de Port-Berteau II n'était plus perçu, dès lors, comme un site

d'épave mais comme un site fluvial à l'intérieur duquel un bateau avait navigué, circulé, assuré certaines fonctions; un site sur lequel ce même bateau s'était échoué et avait été abandonné, était devenu une épave puis un accident topographique dans le fleuve jusqu'à ce qu'il acquiert le statut de site archéologique en 1992.

L'hypothèse de travail formulée, les conditions réelles de la fouille demeuraient contraignantes.

Le système ArcheoDATA mis au point par Daniel Arroyo-Bischof (CNRS, GDR 880, Paris I) se prêtait à cette démarche. L'adoption de ce système d'enregistrement des données et son adaptation au site de Port-Berteau II ne correspondait pas seulement à un choix méthodologique. Il se traduisait aussi, et surtout, par un choix scientifique: celui de substituer à la notion de site d'épave celle, plus riche en perspectives historiques, de site fluvial.

Après la première campagne de fouille en 1992, plusieurs problèmes se sont posés durant l'étude des informations recueillies. Des réflexions sont venues, non pas mettre en doute le travail effectué, mais confirmer la complexité de l'analyse du site archéologique fluvial.

Les contraintes de fouille subaquatique propres à la Charente (courant, visibilité réduite, influence de la marée) et la structure archéologique si particulière qu'est le bateau en relation, par ailleurs, avec son environnement, ont obligé à revoir les principes d'enregistrement des données. La fouille et l'enregistrement des données devaient, nous semblait-il, s'inscrire dans une relation active en mettant en évidence des éléments témoins d'une part et en assurant leur identification d'autre part.

Rappelons à cet égard un principe important: le bateau reste un élément éminemment dynamique. C'est autour de lui et de son paysage que la réflexion se déploie. Or le bateau est une structure construite, un "produit fini" comparable à une maison, à la différence près que sa construction ne s'est pas faite sur le site. C'est une donnée essentielle qui a plusieurs conséquences. La phase de construction du bateau et l'ensemble des gestes et pratiques techniques qui en découlent sont indépendants du site archéologique propre. Le site de Port-Berteau II est donc composé d'une structure construite "isolée" – le bateau –, de matériel archéologique lié à son échouage et de dépôts sédimentaires relevant de la dynamique fluviale de la Charente.

L'enregistrement de ces trois groupes de données n'est pas aisé et le système ArcheoDATA a été modifié afin de mieux répondre à ce type de données. Ce système d'enregistrement a l'avantage de pouvoir être utilisé à partir d'un environnement informatique simple (logiciel File Maker pro pour Macintosh et PC).

En choisissant le système ArcheoDATA comme unique système d'enregistrement, le bateau pouvait s'intégrer à l'intérieur d'un cadre plus vaste prenant en compte à la fois les berges gauche et droite ainsi qu'une partie du terrain situé en rive gauche où sont localisés les points topographiques. L'enregistrement, et en particulier le numéro d'inventaire donné à chaque unité stratigraphique, dépend de sa position sur le site. Dans le système ArcheoDATA, la division géographique s'effectue en aires. L'aire est une surface d'un hectare qui enveloppe virtuellement l'épave. Cette aire est divisée en cent carrés ou ares de 10 mètres de côté qui

portent en abscisse les chiffres 0 à 9 et en ordonnée les dizaines (de 0 à 90). L'origine de la numérotation se trouve en rive droite. Grâce à ce système, le repérage et le relevé in situ des objets en place sont facilités par l'identification du carré à l'intérieur duquel sont localisés les objets. Ce procédé tente de remédier au manque de visibilité rencontré dans la Charente et à l'imprécision qu'il engendre (Figs. 3 et 4).

L'épave et son environnement immédiat sont situés dans les ares 53 et 63 formant la zone 1 qui est délimitée par des gabarits représentant un rectangle de 6m de large sur 15m de long. Cette zone est elle-même subdivisée en carrés de 1m de côté matérialisés par des élastiques déplaçables à souhait.

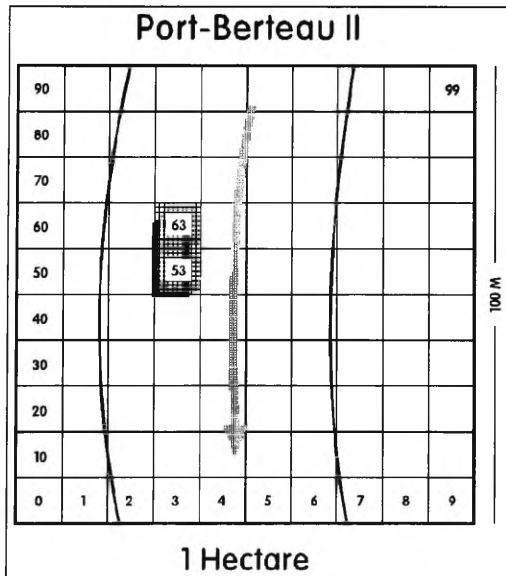


Fig. 3 - Schéma du gabarit de fouille à l'intérieur de la zone d'emprise de l'aire de Port-Berteau II. L'épave et son environnement immédiat se trouvent dans l'aire 53 et l'aire 63 (Daniel Arroyo-Bishop).

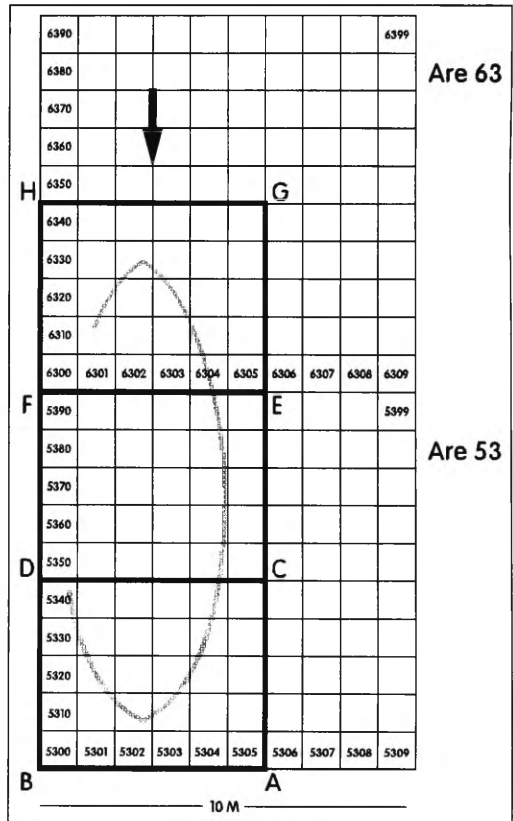


Fig. 4 - Carroyage de l'épave à l'intérieur des ares 53 et 63 (Daniel Arroyo-Bishop).

2. La pratique de l'enregistrement

Sur le terrain, deux classeurs rassemblent l'un les fiches d'enregistrement des unités stratigraphiques, l'autre les fiches d'enregistrement du matériel archéologique. Les deux types de fiches sont complémentaires et s'articulent sur la base du numéro de zone et du numéro d'inventaire. L'enregistrement des unités stratigraphiques repose sur le principe simple de la reconnaissance des couches archéologiques naturelles ou culturelles. L'ensemble du matériel archéologique est enregistré dans l'unité stratigraphique dans laquelle il a été trouvé et porte le numéro de cette US. Dans ce système, on enregistre aussi bien un objet, une membrure, un clou, une gournable, une céramique, un cordon de calfatage qu'un élément en bois non identifié. L'inventaire des artefacts repose sur le principe de la description hiérarchisée qui permet tris et recherches à chaque niveau de description.

Les données stratigraphiques sur le site de Port-Berteau II sont, nous l'avons vu précédemment, de trois types différents: le bateau, le matériel archéologique et les dépôts sédimentaires. Afin de les insérer dans une même stratigraphie et d'offrir une lecture "verticale" de l'ensemble du site, allant de l'échouage du bateau à son recouvrement total, il nous a paru nécessaire de les enregistrer selon les principes simples de la stratigraphie.

3. L'enregistrement de l'épave

L'épave se trouve soumise à deux lectures différentes. Elle est à la fois une construction "isolée" et un événement stratigraphique majeur dont témoigne la couche archéologique contemporaine de son échouage. Cette double lecture est mise en évidence par le système d'enregistrement.

Le bateau est une construction. Il porte donc un numéro d'unité stratigraphique construite, USC 1001, qui le fige et l'enregistre dans sa totalité. Ce numéro, accompagné d'un indice, est porté par le plus petit élément de l'épave se trouvant en connexion avec l'épave. Cette convention permet d'assurer une bonne lisibilité des éléments architecturaux encore en connexion et d'établir une distinction importante entre une pièce appartenant à l'épave et un objet isolé.

L'élément en connexion avec l'épave porte le même numéro que cette dernière tandis que l'objet isolé est doté naturellement du numéro de la couche dans laquelle il est situé. Cette distinction privilégie une lecture des dépôts sédimentaires qui forment le site fluvial de Port-Berteau II et permet également une lecture globale de l'architecture du bateau.

Afin d'affiner celle-ci, deux principes ont été adoptés. Lorsque l'interprétation architecturale de la pièce est acquise, cette dernière porte également un code de trois lettres permettant une lecture immédiate de sa fonction. Ainsi, VRD1 signifie virure droite 1 et MBG2 membrure gauche 2. Quand une pièce est remontée en surface pour étude, son observation se fait sur une fiche d'étude qui permet une description détaillée, précise, tant des modes d'assemblage que des traces d'outils.

Le mode d'assemblage d'une pièce à une autre ou à plusieurs autres est défini ici comme le procédé de liaison des pièces entre elles par pénétration et combinaison de section. Lorsque des pièces sont assemblées entre elles, elles travaillent ensemble et forment un tout qui, dans le cas du bateau, constitue le bordé, le pont, l'appareil de direction...

Deux types de relations des pièces architecturales ont été déterminés: la relation de contact et la relation d'assemblage. La relation de contact est simple. Une pièce a une relation de contact avec une autre pièce lorsque l'une prend appui sur l'autre. On dit que la pièce est posée. La relation d'assemblage est plus complexe. Deux assemblages principaux ont été distingués sur l'épave de Port-Berteau II: l'assemblage par encastrement (exemple: entaille à mi-bois) et l'assemblage par fixation (clou ou gournable). A cela s'ajoutent des doubles assemblages où les pièces ont des relations combinées entre elles comme par exemple un encastrement auquel se superpose une fixation par un clou.

L'enregistrement de l'unité stratigraphique se fait suivant les mêmes principes qu'en fouille terrestre. L'unité stratigraphique est la plus petite division stratigraphique reconnue sur le site. Chaque couche est enregistrée avec un numéro différent de celui de l'épave et commence par le numéro de zone (exemples: 1002, 1003 ...). Ce procédé d'enregistrement permet d'associer l'étude de l'architecture du bateau à la recom-

position du paysage fluvial dans lequel l'épave est inscrite.

Les premiers résultats de l'étude architecturale de l'épave

1. Les caractéristiques générales

L'épave, comme nous l'avons souligné, présente la caractéristique originale, voire exceptionnelle, de reposer à l'envers sur le fond de la Charente, à une profondeur moyenne de 7m. Il est bien évident, cependant, que cette hauteur d'eau devait être beaucoup plus réduite à l'époque où naviguait le bâtiment de Port-Berteau II. L'un des objectifs de l'étude géo-archéologique du site consiste, en l'occurrence, à déterminer cette hauteur d'eau d'origine lorsque le fleuve ne se trouvait pas contrôlé en aval par des ouvrages hydrauliques comparables au barrage de Saint-Savinien.

La position renversée de l'épave, associée à une profondeur plus réduite de la Charente, a provoqué une destruction d'une partie importante des œuvres vives de la coque et, notamment, de ses fonds. En revanche, les hauts de la coque sont parfaitement conservés alors que, dans la majorité des cas, cette partie du bateau se trouve détruite. Par ailleurs, la partie de la coque orientée vers la rive droite est très partiellement préservée alors que celle disposée en regard de

la rive gauche de la Charente présente, au contraire, un bon état de conservation générale.

En plan, la coque possède une forme de fuseau, aux capacités relativement généreuses, s'achevant par deux extrémités en pointe au niveau des pièces d'étrave et d'étambot (Fig. 5).

Les dimensions principales de la coque sont de 14,60m pour la longueur totale (face externe de l'étrave à celle de l'étambot) et de 4,80m pour la plus grande largeur. Ces deux grandes dimensions donnent un rapport d'allongement (longueur/largeur) de l'ordre de 1/3. Ce rapport d'allongement est très différent, par exemple, de celui du chaland à fond plat d'Orlac (XI^e s.) doté d'une architecture adaptée à une navigation purement fluviale. Avec une longueur de 15,50m et une largeur de 2,10m, son rapport d'allongement est en effet de l'ordre de 1/7,4, rapport que l'on retrouve d'une manière classique en architecture navale fluviale, à d'autres époques et sur d'autres milieux fluviaux au demeurant. Avec un rapport d'allongement de 1/3, le bateau de Port-Berteau II paraît s'inscrire, quant à lui, dans les normes traditionnelles de l'architecture navale maritime.

Un exemple de comparaison très significatif est fourni par un bâtiment côtier de la rade de Brest dont un relevé architectural a été réalisé en 1830 et publié par l'amiral Pâris. Le bateau de Lanvéoc ou gabare de la rade de Brest possède une longueur de tête en tête de 12,60m pour une largeur au maître-couple de 3,85m. Le rapport

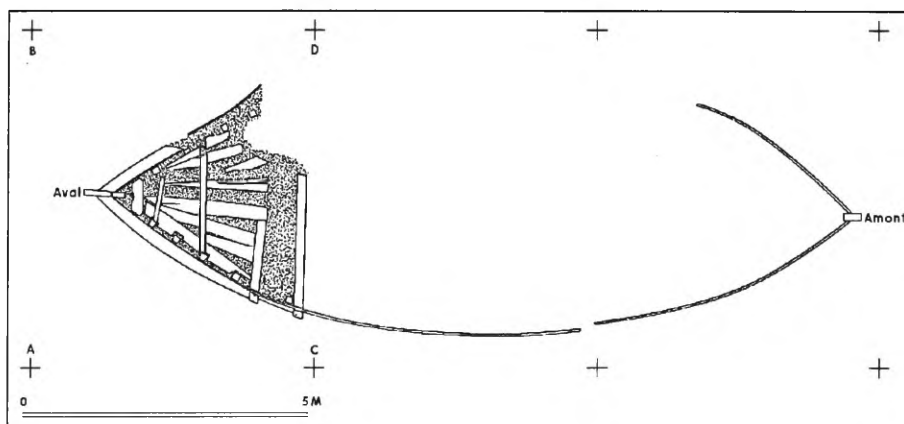


Fig. 5 – Plan de l'épave au terme de la campagne de fouille 1993.

d'allongement L/l est donc de $1/3,25$, c'est-à-dire très proche de celui de l'épave de Port-Berteau II. D'autres indices, nous le constaterons, viennent renforcer ce rattachement à une tradition architecturale maritime.

Dans le plan longitudinal, l'épave possède une légère inclinaison de l'aval vers l'amont (c'est-à-dire à contre-courant) d'environ 5 degrés qui se traduit par un enfoncement plus important dans le sédiment de la partie amont de la coque. Un autre objectif de l'étude géo-archéologique du site est de répondre, justement, à la question posée par cet enfoncement dissymétrique de l'épave qui se traduit, en tout état de cause, par une meilleure conservation en élévation de la partie amont de la coque. C'est ainsi qu'en aval, la pièce d'extrémité EXB1/2 – l'identification étrave ou étambot n'étant pas encore définitivement acquise – est conservée en élévation sur une hauteur de 75cm avec seulement 4 virures en place. La pièce d'amont EXA1, au contraire, est préservée en élévation sur près de 1,70m de hauteur et comprend 12 virures en place (au niveau du bordé rive gauche tout au moins, de VRG0 à VRG11).

Outre le fait qu'une partie du bordé des oeuvres vives de la carène se trouve très probablement conservée dans cette partie amont de la coque, un indice architecturalement significatif est fourni par la hauteur du bordé préservé en élévation au niveau de la pièce d'extrémité EXA1. La hauteur en développé des 12 virures conservées est de 1,40m. A titre de comparaison, rappelons que la hauteur totale conservée de la coque du chaland d'Orlac de 15,50m de long est de l'ordre de 55cm. Si toute restitution de la hauteur de la coque de l'épave de Port-Berteau II apparaît actuellement prématurée, il est très vraisemblable qu'elle tendra à s'inscrire dans les normes d'une architecture maritime, c'est-à-dire d'une coque dotée de flancs suffisamment élevés et défendus pour permettre une navigation en milieu maritime côtier.

2. Le bordé

L'ensemble du bordé est constitué de virures en chêne disposées à franc-bord, can contre can, sans aucune liaison entre les bordages. Ceux-ci présentent en section deux formes bien distinctes: une forme rectangulaire, avec une épaisseur

moyenne de 3cm et une forme sensiblement demi-circulaire, avec une épaisseur moyenne de 6,5cm. Cette seconde série de bordages peut être assimilée à des préceintes destinées à renforcer longitudinalement la structure de la coque (Figs. 6, 7, 8 et 9).

Ces deux types de bordages à franc-bord se répartissent d'une façon particulière sur l'ensemble du bordé. Au niveau de la partie amont de la coque où le bordé est le mieux conservé, deux ensembles peuvent être distingués.

Entre VRG0 et VRG7, bordages de section rectangulaire (VRG1, VRG3, VRG6) et bordages de section demi-circulaire (VRG0, VRG2, VRG3, VRG4, VRG7) sont alternés à l'exception des ensembles successifs de bordages de section demi-circulaire VR3 et VRG4 constituant une double ceinture particulièrement puissante. Cette première partie de la coque, manifestement renforcée longitudinalement, et à laquelle se trouve associé le système de barrotage (c'est-à-dire de renfort transversal de la structure architecturale), correspond aux hauts du bordé.

De VRG8 à VRG11, le bordé ne comporte, en revanche, que des bordages de section rectangulaire. Cette seconde partie de la coque aux bordages moins épais se rattache, probablement, aux oeuvres vives du bâtiment.

L'analyse du plan en développé du bordé, mode de représentation d'un grand intérêt pour appréhender la conception du bordé dans la mesure où les bordages sont figurés avec leur forme réelle, fait apparaître quatre caractéristiques principales. En premier lieu, les éléments conservés du bordé appartenant probablement aux oeuvres vives de la carène (VRG8 à VRG11) viennent se fixer sur la pièce d'extrémité EXA1 avec une obliquité marquée. En second lieu, certaines virures (VRG2 par exemple) présentent un brochetage sensible de leurs cans. En troisième lieu, on observe une diminution progressive de la largeur de certaines virures à proximité de la pièce d'extrémité EXA1 (VRG3, VRG4, VRG5 notamment). En quatrième lieu, enfin, plusieurs bordages (VRG6, VRG8, VRG9) s'achèvent en pointe à une certaine distance de la pièce d'extrémité EXA1.

Ces quatre caractéristiques principales du bordé de l'épave de Port-Berteau II sont étroitement liées à la forme de la coque et à l'évolution de son volume relativement plein

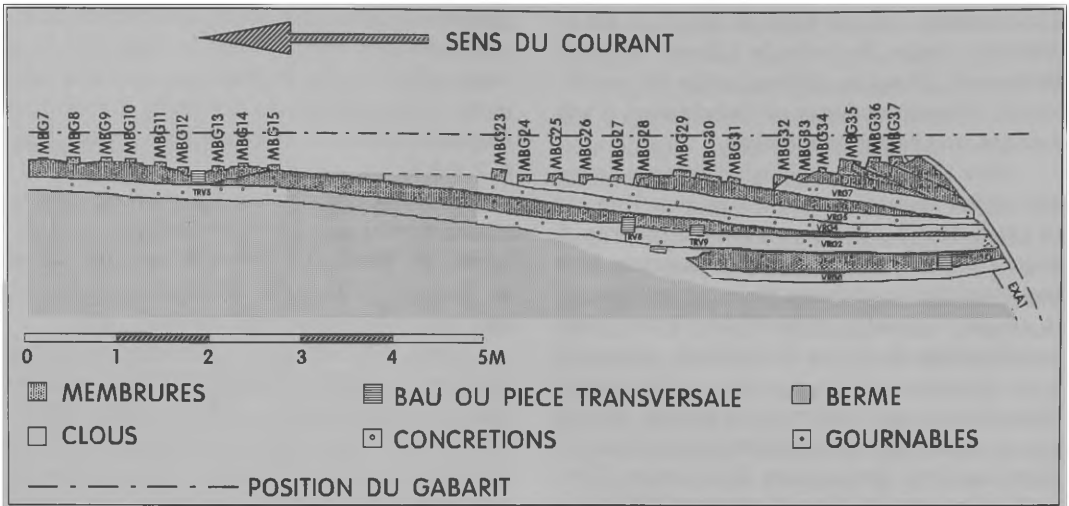


Fig. 6 – Plan développé du bordé rive gauche avec l'indication (trame grise) des virures de section rectangulaire.

dans sa partie centrale et réduit (du fait du pincement de la carène) à l'approche d'une de ses extrémités en pointe. Cette dissymétrie de volume, qui se traduit par un plan de bordé

particulier, semblerait se rattacher à une conception architecturale beaucoup plus maritime que fluviale. En effet, cette dernière se matérialise, en règle générale, par la définition de formes plus

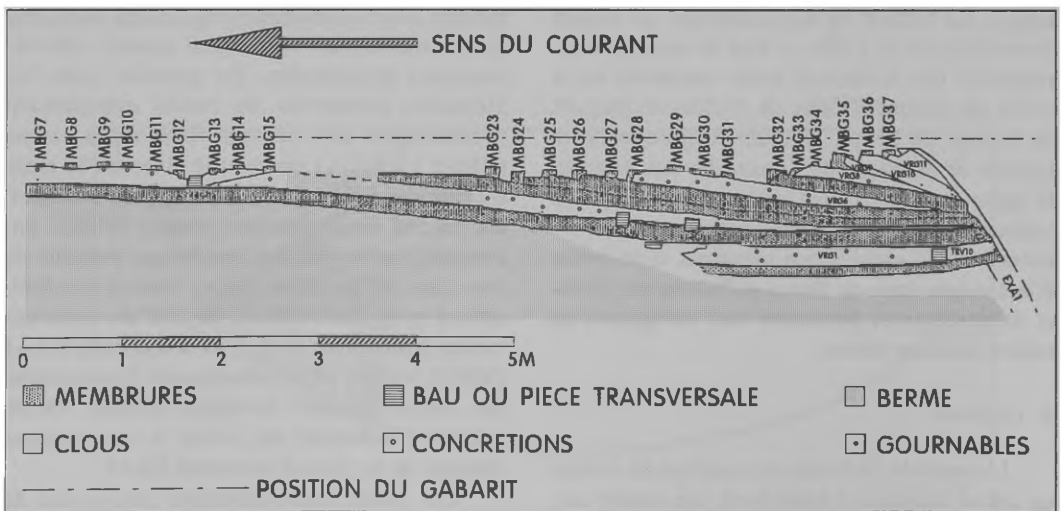


Fig. 7 – Plan développé du bordé rive gauche avec l'indication (trame grise) des virures de section demi-circulaire ou en surépaisseur.

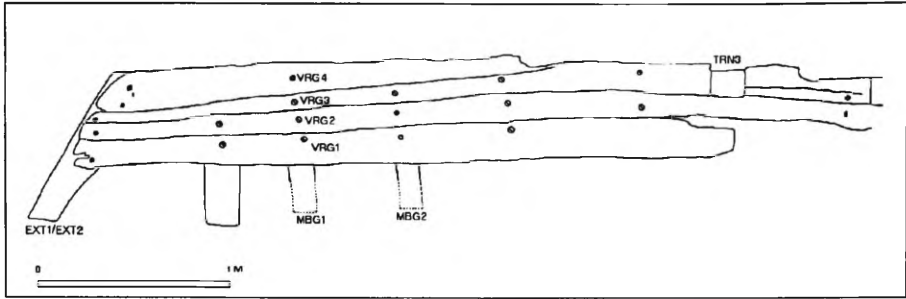


Fig. 8 – Relevé en développé, à partir d'un calque à l'échelle 1, du bordé rive gauche.

simples, en relation avec une coque à fond plat, des extrémités en levée s'achevant en pointe (comme dans le chaland d'Orlac) ou en seuil, et des sections transversales plus ou moins rectangulaires. Le bordé associé à de telles formes de carène se compose, généralement, de virures non brochetées, plus ou moins parallèles

les unes aux autres et disposées par conséquent selon un plan très différent de celui du bordé de l'épave de Port-Berteau II.

Ajoutons une dernière remarque. La cohérence du plan du bordé, telle qu'elle se dessine au regard de l'avancement de la recherche, dénote manifestement de la part des charpentiers

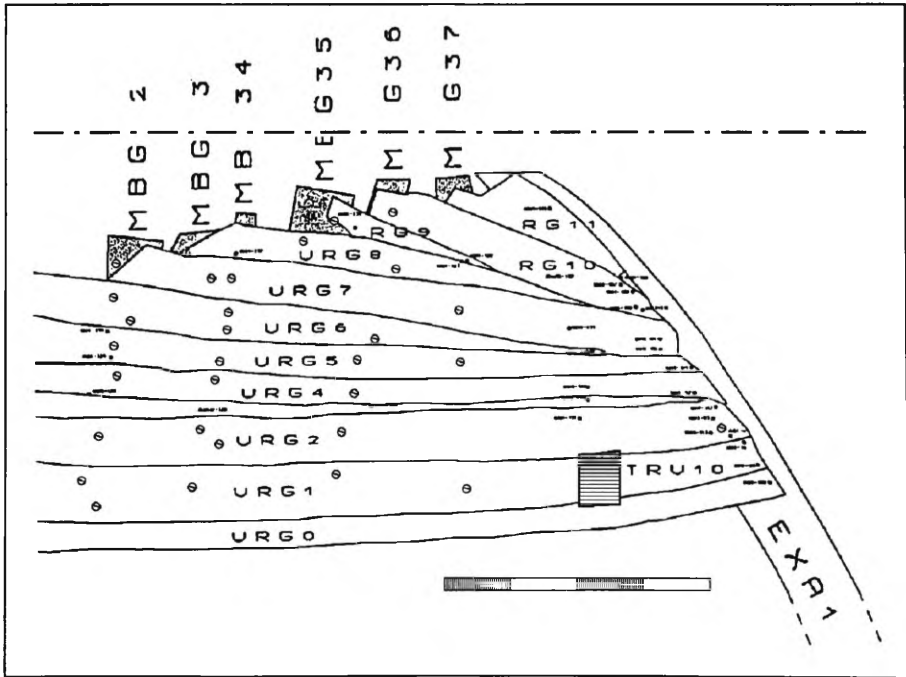


Fig. 9 – Détail du plan développé du bordé au niveau de la fixation par clouage des abouts des virures sur la pièce d'extrémité EXA 1.

une maîtrise technique dans la réalisation du bordé qui ne peut se comprendre que dans le contexte d'un système de construction doté d'un certain passé.

3. Le calfatage

Une caractéristique majeure associée au bordé à franc-bord de la coque de l'épave de Port-Berteau II est le calfatage des joints observé tant au niveau du bordé qu'à celui de l'assemblage des bordages dans la râblure de la pièce d'extrémité amont EXA1.

Ce calfatage est constitué d'une étoupe végétale de couleur brun clair. Lors des prélèvements, plusieurs caractéristiques particulières à cette étoupe ont été relevées. D'une part, l'étoupe a été mise en place dans le joint séparant deux bordages à partir de la face externe du bordé. D'autre part, cette étoupe, en apparence non filée, est très tassée dans le joint, indice vraisemblable, mais non obligatoire, d'un enfoncement forcé. Enfin, les joints semblent présenter une coupe en biais (joint de calfat) destinée à faciliter la mise en place de l'étoupe.

Ce mode de calfatage présente la plupart des caractéristiques classiques du calfatage des coques à franc-bord de structure "membrane première" de tradition maritime. En revanche, il est très différent de celui attesté habituellement dans la construction navale fluviale.

Quatre échantillons de calfatage ont été prélevés pour des analyses d'identification (en cours) conduites par le Centre National de Préhistoire de Périgueux (ministère de la Culture). L'identification du (ou des) composant de cette étoupe végétale et, éventuellement, de son aire d'origine, contribuerait notablement à la connaissance de l'épave en indiquant le dernier lieu de mise en place du calfatage qui, au demeurant, ne se confondrait pas nécessairement avec celui de l'origine de la construction. En effet, le calfatage est une opération qui, au cours de l'existence d'un bateau, se renouvelle annuellement, voire plusieurs fois par an, et parfois bien loin du lieu de construction du bâtiment.

4. Les membrures

Les membrures en chêne de l'épave de Port-Berteau II ont une section sensiblement rectan-

gulaire et un échantillonnage moyen compris entre 10cm (dimension sur le tour) et 13cm (dimension sur le droit). Quelques largeurs sur le droit sont cependant beaucoup plus fortes (maximum de 28cm). La maille, relativement irrégulière, se situe entre 10 et 20cm, moyenne correspondant plus ou moins à une ou deux fois la largeur sur le tour. Toutefois, plusieurs valeurs extrêmes ont été observées (minimum de 2cm et maximum de 40cm). Au stade d'avancement de la fouille, aucune interprétation de ces irrégularités ne peut être avancée.

L'analyse détaillée des membrures a fait apparaître une caractéristique morphologique intéressante: une absence d'équerrage des membrures dont les faces de tour sont perpendiculaires au plan du bordé. Cette absence d'équerrage au niveau des extrémités de la coque, tout particulièrement, a deux conséquences. D'une part, les membrures proches des pièces d'étrave et d'étambot sont disposées obliquement par rapport à l'axe longitudinal du bateau et présentent donc un dévoiement. D'autre part, leur façonnage sans équerrage réduit les pertes de bois entre la pièce brute et la pièce ouvragée.

L'assemblage des membrures au bordé qui a donné lieu, depuis le début de la fouille, à une analyse systématique, est assuré au moyen de gournables (chevilles en bois) enfoncées, après perçage d'un avant-trou (dans le bordé et la membrure), à partir de la face externe des bordages. Ces gournables à pans abattus, dotées d'une section moyenne de 2,5cm, ont une tête qui dépasse fréquemment de la face externe du bordé. Leur extrémité inférieure, au niveau de la face interne de la membrure, est par ailleurs souvent épitée (Figs. 10 et 11).

Les abouts des bordages, quant à eux, sont systématiquement et uniquement assemblés aux pièces d'extrémité amont et aval (EXA1, EXB1/2) par des clous en fer dont une première étude est présentée dans cet article. Ce clouage se retrouve également au niveau des écarts entre deux bordages d'une même virure et au niveau des garnitures (réparations) mises en place dans le bordé. Il semble vraisemblable que le choix d'utiliser des clous pour la fixation des extrémités des bordages dans la râblure des pièces d'étrave et d'étambot est destiné principalement à réduire l'affaiblissement des abouts des bordages, affaiblissement qu'un usage de gournables de

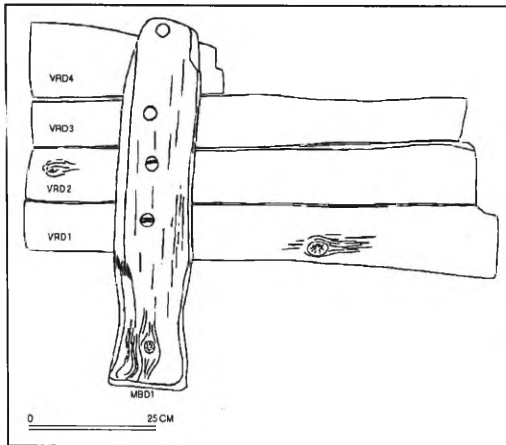


Fig. 10 - Plan de la face intérieure du prélèvement: membrure MBD 1, bordages VRD 1 à VRD 4.

2,5cm de section (avec perçage préalable d'un avant-trou) aurait très vraisemblablement provoqué. Ajoutons, en outre, que ce clouage est dense et paraît assurer une bonne tenue des bordages sur les pièces d'étrave et d'étambot.

Il est intéressant de rappeler que dans le chaland d'Orlac, dont la structure monoxyle assemblée se rattache à une tradition architecturale strictement fluviale, les assemblages des différentes pièces de charpente étaient exclusivement réalisés au moyen de gournables. Dans le cas du bateau de Port-Berteau II, le choix de faire appel à des gournables et à des clous révèle une autre logique d'assemblage.

Mais l'aspect sans nul doute le plus important concerne la relation entre le bordé à franc-bord et son assemblage à la membrure. Il ne fait aucun doute que les bordages de la coque de l'épave de Port-Berteau II ne possèdent aucune liaison entre eux. Les observations systématiques montrent que chaque bordage est indépendant l'un de l'autre. Le seul assemblage qui existe est celui des bordages à la membrure au moyen de gournables enfoncées à partir de la face externe du bordé. De ce fait, l'interprétation la plus logique est de considérer que le bordé a été mis en place puis fixé aux membrures préalablement établies, en partie ou en totalité (il est impossible actuellement de le préciser).

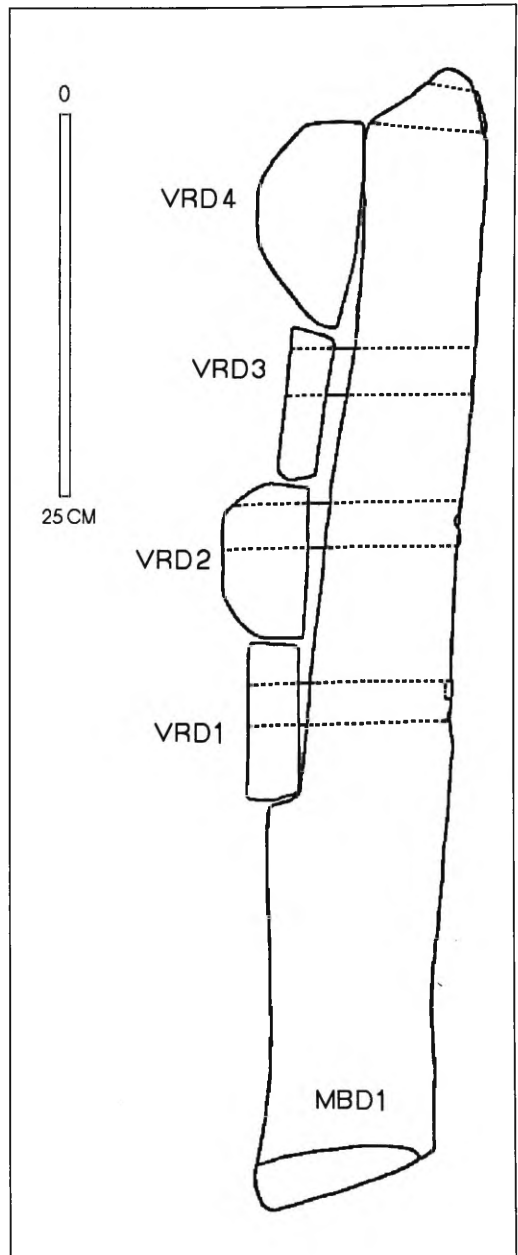


Fig. 11 - Profil du prélèvement: membrure MBD 1, bordages VRD 1 à VRD 4.

L'hypothèse d'un assemblage provisoire du bordé à franc-bord au moyen de taquets suivi de l'introduction des membrures, selon des

procédés de construction comparables à ceux attestés à l'époque moderne dans les chantiers navals de Hollande du nord, paraît actuellement devoir être écartée. Aucun indice d'un tel système d'assemblage provisoire des bordages préalablement à la mise en place de la membrure n'a été, pour le moment tout au moins, observé.

Par ailleurs, il est certain que la nature de la relation entre le bordé et la membrure de la partie la plus basse de la carène du bateau de Port-Berteau II demeure, et demeurera sans nul doute, inconnue. Or, l'exemple de l'épave du caboteur du VII^e s. de Yassi Ada I (Turquie), de construction "mixte", vient rappeler qu'une coque peut présenter au niveau de ses fonds un bordé à franc-bord constitué de bordages assemblés entre eux (avec insertion de la membrure postérieurement à cet assemblage) et, au niveau de ses hauts, un bordé à franc-bord doté de bordages, sans assemblage entre eux et fixés à une membrure établie antérieurement.

Au regard des données actuellement recueillies, et sans rejeter définitivement l'hypothèse d'une construction "mixte" au niveau de ses procédés de construction ou, même, de son principe de construction, la relation systématiquement observée entre le bordé à franc-bord (ainsi que le calfatage) et la membrure de l'épave de Port-Berteau II est significative, nous semble-t-il, d'une structure architecturale de principe "membrure première", c'est-à-dire d'une structure à l'intérieur de laquelle la membrure occupe une position privilégiée. Il est bien évident que ce principe architectural "membrure première" ne se confond pas avec les procédés de construction même si, rappelons-le, aucun indice de procédés "bordé premier" similaires à ceux des chantiers navals de Hollande du nord n'a été décelé.

Nous reviendrons dans la conclusion sur la signification de cette interprétation des vestiges architecturaux de l'épave de Port-Berteau II.

5. Les baux

La structure générale de la coque est renforcée transversalement par un ensemble de cinq baux-traversants (TRV3, TRV4, TRV5, TRV8, TRV9) dont l'extrémité est disposée en saillie (sur une quinzaine de centimètres de longueur) par rapport à la face externe du bordé. Ces baux, d'une

section moyenne de 15cm de côté, présentent une répartition régulière. Deux baux sont établis près de chacune des extrémités de la coque: TRV3 et TRV4 dans la partie aval, le premier bau-traversant TRV3 étant situé à 3m de l'extrémité EXB1/2 (mesure prise à partir du haut de la face externe de la pièce d'extrémité); TRV8 et TRV9 dans la partie amont, le dernier bau TRV9 étant localisé à 3m de l'extrémité EXA1 (mesure prise à partir du haut de la face externe de la pièce d'extrémité). L'intervalle entre chaque groupe de ces deux baux est, de même, pratiquement égal: 60cm entre TRV3 et TRV4; 56cm entre TRV8 et TRV9. Le bau-traversant TRV5, quant à lui, est disposé dans la partie centrale de la coque, décentré par rapport au milieu de la longueur de la coque: à 6m de la pièce d'extrémité aval EXB1/2 (haut de sa face externe) et à 8,30m de la pièce d'extrémité amont EXA1 (haut de sa face externe) (Fig. 12).

Avant de revenir sur l'interprétation architecturale de cette série de baux-traversants, il importe de considérer la façon très particulière dont les baux sont assemblés au bordé. Soulignons que les observations n'ont porté que sur le flanc rive gauche, le seul intégralement conservé.

Les quatre faces des baux présentent une gorge d'une largeur moyenne comprise entre 3 et 4cm pour une profondeur qui varie, selon les baux et les faces considérées, entre 0,5 et 3cm. Dans la gorge de la face inférieure des baux vient s'encastrent, plus ou moins profondément selon les baux, le haut de la virure VRG2, virure de section demi-circulaire formant préceinte. Dans la gorge supérieure vient largement s'encastrent la virure de section rectangulaire VRG3 à laquelle succèdent deux virures de section demi-circulaire, VRG4 et VRG5. Aucun indice d'une bauquière ni d'une courbe de liaison n'a été observé au niveau des cinq baux-traversants. L'assemblage des baux au bordé est uniquement réalisé par encastrement. Par ailleurs, la présence de trois virures fortement échantillonnées (VRG2, VRG4 et VRG5) au-dessus et au-dessous des baux aboutit à un assemblage de type moisé renforçant la cohérence de la coque. Du point de vue du principe architectural, les baux-traversants et les trois virures formant préceintes peuvent être assimilés à une structure de type "en caisson".

L'analyse de l'assemblage des baux permet de proposer un premier schéma, provisoire, de



Fig. 12 – Port Berteau II – 1994 TRV 3 (1001-27).

construction de la coque. Au niveau de ces procédés de construction, l'hypothèse retenue, en fonction des observations archéologiques, est celle d'une construction sur un principe "membrane première":

- mise en place et fixation aux membrures de la virure 4;
- pose et assemblage aux membrures de la virure 3 préalablement entaillée au niveau de l'encastrement des baux;
- encastrement des baux-traversants dans la virure 3;
- pose et encastrement dans les baux-traversants de la virure 2, préalablement entaillée au niveau de son encastrement dans les baux.

Ajoutons deux remarques complémentaires. D'une part, l'emploi de baux-traversants paraît se rattacher avant tout à une tradition architecturale maritime. D'autre part, les plus anciennes attestations en Europe septentrionale datent du XII^e s. (épave de Galtaback en Suède) et en Europe méditerranéenne du Haut Moyen Age (épaves de Pantano Longarini et Yassi Ada I). Dans tous les cas, ces épaves présentent un principe de construction très différent de celui observé dans l'épave de Port-Berteau II.

6. Les différentes fonctions des baux-traversants

Ces baux, directement encastés dans le bordé, sans assemblage à une bauquière ni à une courbe de liaison, ont à l'évidence une fonction de renfort et de raidisseur transversal de la structure d'ensemble de la coque. C'est le cas des deux ensembles de baux des extrémités (TRV3 et TRV4; TRV8 et TRV9), à un niveau où le bordé possède une courbure marquée en relation avec la fermeture de la coque. Soulignons à cet égard qu'à proximité immédiate de la pièce d'extrémité aval EXB1/2, une pièce fortement échantillonnée (EXB3) en forme de fourche assure également un important renfort interne. Ce rôle de renfort et de raidisseur transversal de l'ensemble de la coque est également tenu par le bau TRV5 localisé dans la partie centrale, la plus large, de l'épave.

Mais certains de ces baux-traversants possèdent également une autre fonction. C'est ainsi que le bau TRV3, en relation avec les barrotins TRV2 et TRV1 dont les extrémités ne sont pas encastées dans le bordé, sert de support et de plan d'assemblage (principalement par clouage) à un plancher de pont dont huit bordages en chêne (PLP1 à PLP8), d'une épaisseur comprise entre 2 et 4cm, sont conservés. L'extrémité amont de ce pont s'interrompt au niveau du bau-traversant TRV3.

Ce pont localisé près de l'extrémité aval de la coque représente une surface de l'ordre de 4m². Il importe de rappeler qu'à ce pont sont associées les membrures MB1 et MB2 d'une part, la pièce EXB3 d'autre part, dont les extrémités formant apertures s'élèvent au-dessus de la virure VR1 sur une hauteur maximum de 30cm. Une relation fonctionnelle directe apparaît ainsi entre cet ensemble de six

apotureaux (trois sur chaque bord) destinés à l'amarrage de cordages et le pont aval servant de surface de manoeuvres à l'équipage.

La partie amont de l'épave n'ayant pas encore été fouillée, la présence d'un pont amont, disposé symétriquement à celui de l'aval, n'est pas connue. Toutefois, la similitude de position des baux TRV3 et TRV4 d'un côté, TRV8 et TRV9 de l'autre, ainsi que l'intervalle pratiquement égal entre chaque groupe de baux, constituent des indices très vraisemblables de l'existence d'un pont amont comparable à celui de l'aval. Dans cette hypothèse, que la prochaine campagne de fouille permettra de confirmer ou d'infirmer, l'espace interne s'organiserait en trois parties: un pont au niveau de chaque extrémité de la coque disposé de part et d'autre d'une cale ouverte. Cette dernière s'étendrait alors sur une longueur correspondant à un peu moins de quatre fois celle (dans l'axe de la coque) de chaque pont.

Cette organisation en trois parties de l'espace interne d'une coque (deux espaces de manoeuvres à l'avant et à l'arrière, un espace central de chargement) est attestée dans maints exemples d'épaves antiques et médiévales de caboteurs comme, aussi, dans de nombreux exemples de bâtiments de cabotage de l'époque moderne et contemporaine.

Dans l'hypothèse d'une coque organisée en trois espaces, le bau-traversant TRV5 serait établi au niveau de la cale ouverte, décentré par rapport au milieu (7,30m) de la longueur totale de la coque (14,60m). Par rapport à l'extrémité amont EXA1, le bau se trouve en effet à 1m en avant du milieu de la longueur totale de la coque. Par rapport à l'extrémité aval EXB1/2, il se situe à 1,30m en arrière du centre de la longueur totale.

Les exemples de comparaison, et notamment celui du bateau de Lanvéoc déjà cité, permettent de proposer une hypothèse d'interprétation de la fonction du bau-traversant TRV5. Dans les caboteurs gréés d'une seule voile carrée, le mât est souvent localisé légèrement en avant du milieu de la longueur de la coque. Dans le cas du bateau de Lanvéoc dont la longueur totale est de 12,60m, le mât est ainsi établi à 60cm en avant du milieu de la longueur totale. Une disposition comparable (mât en avant du milieu de la longueur) se retrouve dans l'épave de Port-Berteau II si l'on considère que la pièce

d'extrémité amont EXA1 de la coque constitue l'étambot et la pièce d'extrémité aval EXB1/2 représente l'étrave. Dans cette hypothèse d'identification de l'étrave et de l'étambot, le bau-traversant TRV5 serait assimilable à un bau faisant fonction d'étambrai, le mât venant prendre appui sur la face amont (postérieure) de ce bau.

Une donnée archéologique est à associer à cette hypothèse d'identification du bau TRV5 comme étambrai et d'orientation (étrave/aval; étambot/amont) de l'épave. Le long du bordé rive gauche a été observée une pièce transversale (TRV10). Celle-ci est située à 50cm du haut de la face externe de la pièce d'extrémité amont EXA1. Cette pièce de charpente, de section comparable à celle des baux-traversants, est encastrée dans le bordé au niveau de la virure VRG1 et se prolonge, au-delà de la face externe du bordé et en formant un angle avec celui-ci, sur une longueur (partie dégagée) de 1,05m.

Au regard des données de comparaison, cette pièce TRV10 pourrait être interprétée comme le support d'un gouvernail latéral, seul type de gouvernail correspondant à la datation de l'épave. Il est évident que cette interprétation n'est cohérente qu'en relation avec une identification de la pièce d'extrémité amont EXA1 comme un étambot.

7. Les modes de débitage des pièces de charpente

Depuis le début de la fouille, une attention particulière a été portée à l'étude des modalités de débitage des pièces de charpente, c'est-à-dire au processus de transformation menant de la pièce brute à la pièce ouvragée. Rappelons au préalable que les 95 échantillons prélevés et appartenant à des éléments différents (pièces d'extrémité, bordages, membrures, gournables, baux-traversants, plancher de pont) sont tous en chêne à feuilles caduques.

Tous les bordages observés ont été obtenus par fendage, tangentiel ou radial selon les cas, puis repris à la hache et à l'herminette. Sur les dizaines de traces d'outils relevés, aucune ne s'apparente à une trace de sciage.

Toutes les membrures étudiées ont été réalisées par réduction d'un tronc ou d'un demi-tronc en utilisant une hache et une herminette. De nouveau, aucun indice d'un usage d'une scie n'a été localisé.

Sans établir de rapprochements autres que purement techniques, on peut simplement noter que ce mode de débitage du bois, sans emploi d'une scie, se retrouve au Haut Moyen Age dans les pratiques des chantiers navals de l'Europe septentrionale. En Méditerranée, en revanche, l'usage de la scie est attesté dès la période antique.

Une catégorie particulière de mobilier archéologique: les clous

1. Le mobilier métallique

Depuis les premières campagnes de fouille, de nombreux objets métalliques ont été découverts sur le site. En dehors des clous faisant partie de l'épave, quelques outils ont aussi été mis à jour, uniquement dans la couche sableuse de surface. Ces objets, très lourds, n'ont pu être transportés par le courant et les crues. Il est vraisemblable qu'ils ont été perdus depuis la rive ou d'un bateau à différentes époques. Il s'agit d'une hache (n° inv. 92999-4), d'une serpette (n° inv. 92999-3), d'un pic de tailleur de pierre (n° inv. 92999-5) et d'un fer de lance (n° inv. 1999-5) pour les plus gros objets.

Le petit mobilier métallique concerne exclusivement des clous (à l'exception d'un anneau de diamètre réduit et d'un très petit fragment de réchauffoir). Soixante-cinq clous ont été prélevés sur les vestiges mêmes de la coque de l'épave depuis le début de la fouille ainsi que vingt-quatre autres trouvés dans diverses couches, désolidarisés des éléments de la coque.

Les clous découverts en relation directe et fonctionnelle avec les pièces de charpente de l'épave ont été démontés après avoir été précisément localisés et inventoriés (marquage des clous sur l'épave, relevé à l'échelle 1/1 de l'emplacement de ces clous étiquetés, consolidation des bois avant démontage). L'ensemble de ces clous directement reliés à l'épave ne présentait aucune concrétion (à l'exception du clou n° inv. 1001-93) ni corrosion.

Lors des campagnes de fouille précédentes, ces objets étaient déposés au Musée Archéologique de Saintes pour y subir une déchloruration dans des bains de sulfite. Il s'est avéré, après analyse, que ces clous ne contenaient aucun chlorure. Le traitement de déchloruration

fragilisant les clous, il a été décidé de l'abandonner. Les clous découverts en 1995 dans l'épave ont donc été traités selon un processus différent. Un séchage lent de quinze jours a été effectué. Puis un décapage des clous a été réalisé par brossage (brosse métallique, brosse dure et souple synthétique) et ponçage au papier de verre afin d'éliminer toutes traces de sédiment et d'oxydation naissante. Ces objets ont ensuite été séchés à l'étuve pendant quatre heures avant d'être recouverts d'un film protecteur de paraloïd B72 à 5%. Enfin, ils ont été stockés en milieu à humidité contrôlée sous gel de silice bleu. Ce traitement a été effectué par deux personnes pendant quinze jours.

2. Typologie des clous de l'unité stratigraphique 1001

Soixante-cinq clous ont été démontés de l'épave depuis le début des fouilles. Ces clous se répartissent en quatre grandes catégories et trois sous-catégories.

2.1. Les clous à tête ronde ovale

Un premier groupe comprenant cinq clous (n° inv. 94, 111, 113, 114, 131) est parfaitement homogène. Ce sont des clous de belle facture dont la jambe diminue régulièrement jusqu'à la pointe. Seuls deux clous sont complets. La jambe est épaisse sous la tête. Sa section, grossièrement carrée, mesure 10mm de côté en moyenne. Au milieu de la jambe, la section carrée est régulière et mesure 6mm de côté. Cette jambe est systématiquement décentrée au niveau de la tête (à 5mm en moyenne du bord de la tête d'un côté et à 15mm en moyenne de l'autre). Ce déplacement de la tête semble liée à la frappe des clous lors de leur enfoncement. En effet, la tête ronde ou ovale ne possède pas une épaisseur régulière. De 3mm à 2mm du côté où la jambe est la plus proche du bord, elle diminue pour ne faire plus qu'un à 2mm. Les bords, quant à eux, présentent de nombreuses déchirures, en particulier du côté le plus mince. Des replis des bords réalisés à chaud forment le bord le plus épais. Cette caractéristique est particulièrement visible sur le clou n° inv. 114 (Fig. 13).

En fait, la jambe et la tête sont composés d'une seule pièce. La tige, une fois formée et

amincie d'un côté, est ensuite écrasée de l'autre pour former la tête. Les déchirures sur les bords sont alors repliées et le sommet du clou martelé afin de présenter une tête arrondie. On observe une marque rectiligne sous la tête du clou n° inv. 131 indiquant que cette tête a été aplatie par martelage sur un guide possédant une surface plane et un bord rectiligne (une pince, une tenaille ou une petite barre métallique maintenant la jambe ont peut-être provoqué cette marque). Toutes les têtes de clou de ce groupe présentent de nombreuses traces de martelage sur le dessus et aucune découpe à l'aide de pince n'est visible au niveau des bords.

Un deuxième groupe de clous à tête grossièrement arrondie a été fabriqué comme les précédents, mais la finition des têtes est de mauvaise qualité et surtout leurs dimensions sont plus réduites (les têtes épaisses sont réalisées par aplatissement de la jambe, martelage et replis grossiers; aucune découpe à la pince n'est visible). La longueur de ces clous varie entre 145 et 90mm et les diamètres des têtes sont compris entre 25 et 30mm. Ces clous présentent parfois un angle résultant d'un repli marqué (ou d'une coupure à la pince bien qu'il n'y en ait aucune évidence). On est ici devant un groupe sensiblement intermédiaire

entre les clous ronds ovales et les clous à tête carrée.

2.2. Les clous à tête triangulaire

Quatre clous appartiennent à ce groupe (n° inv. 1, 3, 34, 50) dont trois sont complets. Il semble qu'il existe deux ensembles distincts selon la longueur des jambes. Les clous du premier ensemble (n° inv. 34 et 50) ont une longueur de 153mm, celui du second mesure 203mm. Leur tête forme un "as de pique" épais s'inscrivant dans le prolongement de la jambe. Ces clous sont faits d'un seul tenant et montrent une grande régularité de fabrication. Ce sont des clous particulièrement solides qui peuvent supporter des tensions importantes.

La jambe est épaisse sous la tête. Sa section, grossièrement rectangulaire, mesure en moyenne 10mm par 7mm (le clou n° inv. 50 est plus épais; sa section carrée est de 10mm).

Une fois la jambe amincie, la tête a été réalisée par martelage en maintenant l'extrémité la plus épaisse à l'aide d'une pince. Les marques de fabrication sont facilement observables. Sur la tête du clou n° inv. 34, par exemple, l'écrasement du métal est bien visible ainsi que les replis formés sur les bords de la tête. Il semble que la tête de ces clous a été réalisée lorsque ceux-ci étaient maintenus à plat. Cette position expliquerait qu'une face soit plus lisse que l'autre.

2.3. Les clous à tête en bouton

Cinq clous représentent ce groupe (n° inv. 9, 49, 93, 95, 139) à tête et jambe d'un seul tenant. Il semble que l'on puisse séparer cet ensemble en deux sous-groupes: un sous-groupe A à tête et jambe épaisses et forte section; un sous-groupe B composé de clous plus fins. Les clous n° inv. 93, 95 (le seul complet), 139 appartiennent au premier sous-groupe. Les clous n° inv. 49 et 9, de part leurs dimensions mais aussi leur mode de fabrication, se rattachent au second sous-groupe.

Le sous-groupe B est en fait très proche de celui formé par les clous à tête rectangulaire. Sous la tête, la section de la jambe est carrée (de 8 à 10mm). Dans sa partie supérieure, la jambe semble s'évaser pour former le départ des côtés

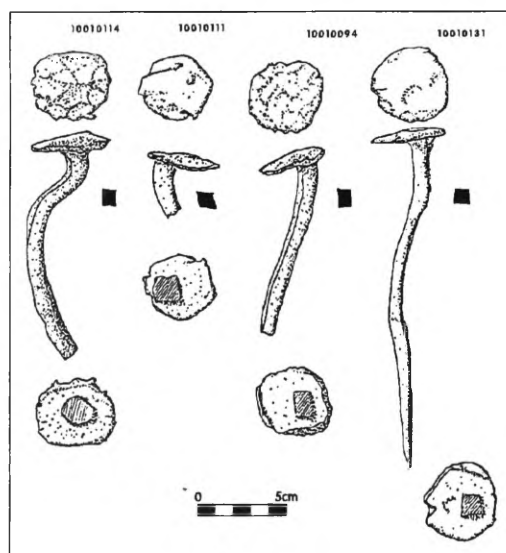


Fig. 13 – Clous à tête ronde ovale.

d'un "as de pique". Mais cette tête, martelée ensuite sur toute sa périphérie, forme un gros bouton se présentant en pyramide plus ou moins tronquée. Il semble qu'ici le mode de fabrication soit semblable à celui des clous triangulaires avec, pour seule différence, une mise en forme plus poussée des têtes ayant abouti à cette forme en bouton.

Le sous-groupe A est constitué de clous plus forts. La section des jambes, au plus large

sous la tête, est de 10 à 12mm. Contrairement au sous-groupe B, cette section se resserre et s'arrondit avant de s'élargir pour aboutir à une grosse tête globuleuse en forme de grossière pyramide tronquée. Il semble que la tête a été écrasée, le haut de la jambe maintenue par une pince ou une tenaille. Cette tête a ensuite été façonnée par un mouvement de rotation de la jambe (et non à plat comme les clous triangulaires et ceux du sous-groupe B) (Fig. 14).

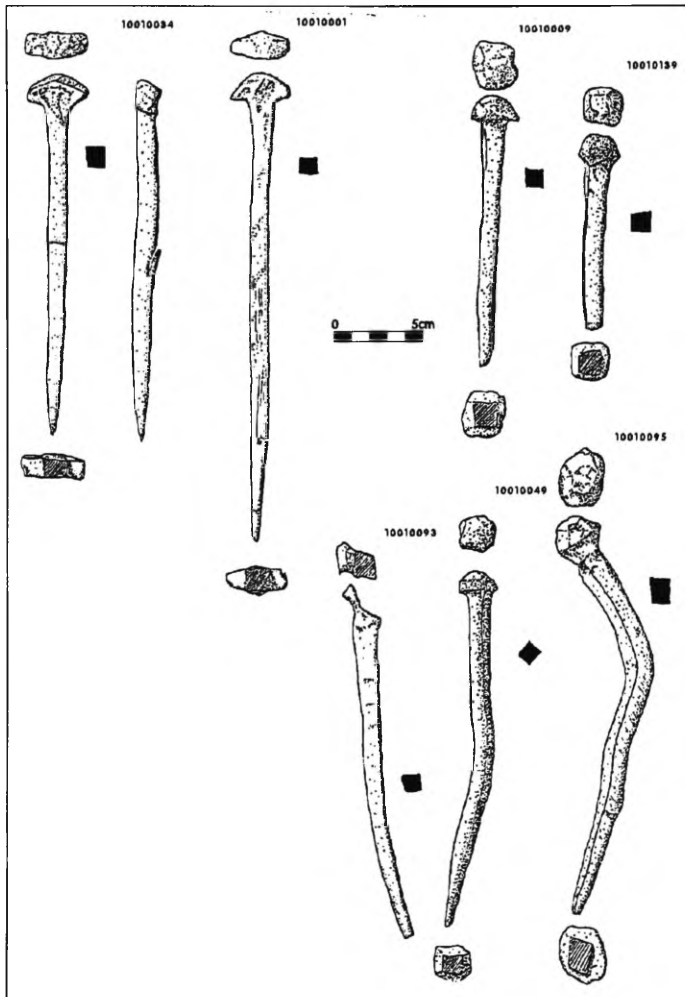


Fig. 14 – Clous à tête triangulaire "en as de pique" appartenant à l'épave US 1001. Clous à tête en bouton appartenant à l'épave US 1001. Dessins C. Carrierre, D. Thorpe, D. Lebeurier.

2.4. Les clous à tête rectangulaire

Ce groupe de huit clous (n° inv. 32, 33, 79, 80, 82, 83, 84, 85) est particulièrement homogène. Les clous ont une longueur à peu près semblable d'environ 90mm. Tous présentent une jambe fine et une tête rectangulaire mince (les clous n° inv. 32, 80, 85 possèdent les têtes les plus minces), découpée à la pince (le plus caractéristique étant le n° inv. clou 32). Il semble bien que la tête a été formée par aplatissement de la jambe (le clou n° inv. 79 présente certaines déchirures et replis de métal assez caractéristiques; pour les autres clous ces traces sont moins évidentes). Tous ces clous sont reliés au pont aval (Fig. 15).

2.5. Les clous à tête carrée

Vingt-six individus appartiennent à ce groupe qui est le plus important. Tous les clous présentent, au minimum, quatre découpes à la pince après aplatissement de la jambe pour former la tête. Deux ensembles se dégagent d'après la longueur des clous. Le premier est composé de petits clous représentés par un seul élément (n° inv. 137, longueur 40mm, tête 8mm). Le second

est constitué des autres clous dont la longueur est comprise entre 90 et 110mm (13 clous ont une jambe incomplète). La dimension des têtes des clous de ce second ensemble est variable: de 30mm pour les plus larges (clou n° inv. 6 et 106) à 15mm pour les plus petites têtes). On notera le clou n° inv. 96 dont la jambe a été ratée et présente une pointe aplatie et non effilée (Figs. 16 et 17).

2.6. Les clous atypiques

On peut qualifier ce groupe de clous à tête ratée ou présentant des défauts de réalisation. On note sept clous atypiques par la forme de leur tête qui possèdent des replis et des déchirures caractéristiques du groupe des clous à tête ronde ovale. Mais leurs dimensions, la forme des têtes et quelques découpes à la pince, les différencient de ce groupe. Leurs longueurs varient de 90 à 100mm.

L'ensemble de ces clous forgés étant de fabrication artisanale, il n'est pas surprenant que certains d'entre-eux soient difficiles à classer.

Au terme de ces observations sur les clous, il semble exister, dans l'état d'avant-

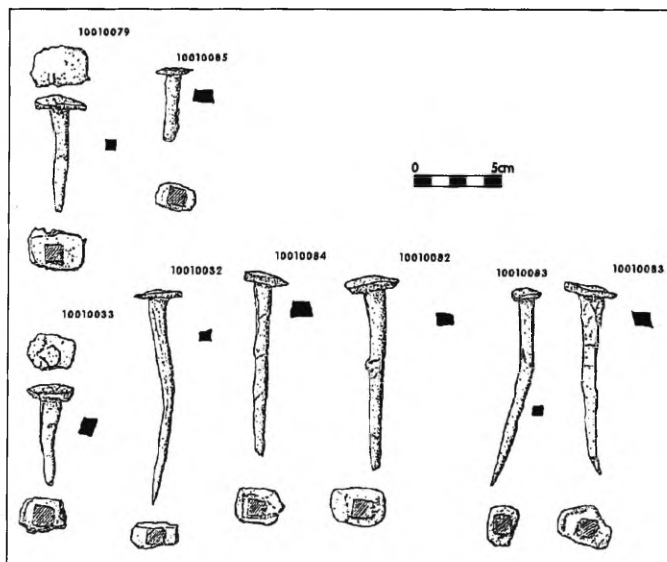


Fig. 15 – Clous à tête rectangulaire appartenant à l'épave US 1001. Dessins C. Carrierre, D. Thorpe, D. Lebourrier.

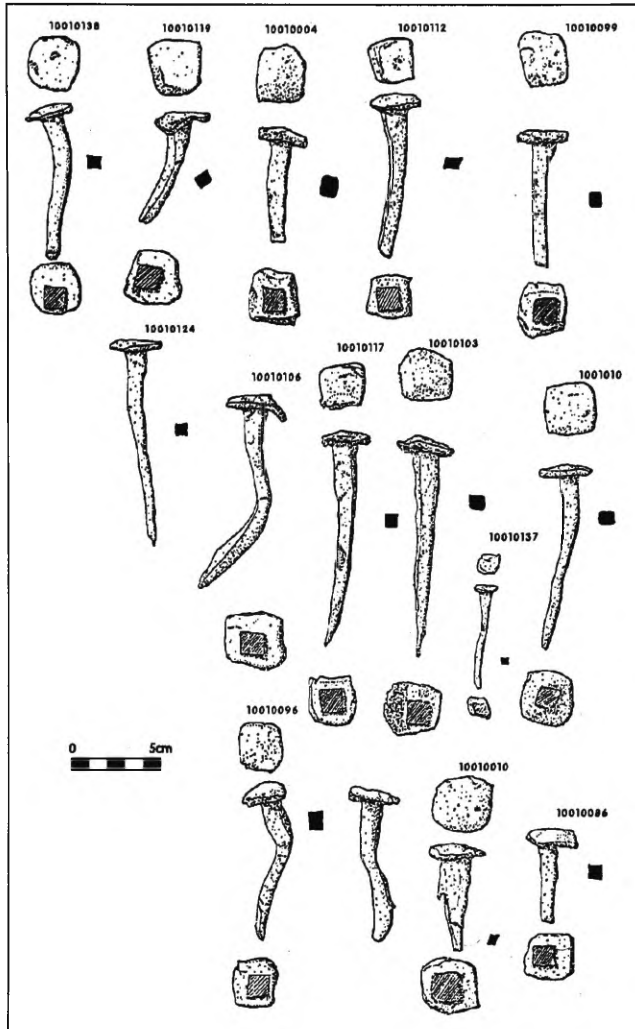


Fig. 16 – Clous à tête carrée appartenant à l'épave US 1001. Dessins C. Carrière, D. Thorpe, D. Lebourrier.

cement de la fouille, quatre catégories principales de clous :

- clous à têtes triangulaires en “as de pique”;
- clous en bouton (mais deux de ces clous – n° inv. 49 et 9 - sont en réalité un sous-groupe des ensembles des clous en “as de pique” et des clous en bouton);
- grands clous à tête ronde ovale (les clous à tendance ovale étant un sous-groupe de ce dernier);

- clous à tête carrée (les clous à tête rectangulaire sont en fait une particularité des clous à tête carrée).

La morphologie des têtes est un aspect important à observer. Les clous à tête triangulaire et les clous à tête en bouton s'enfoncent profondément dans le bois et il est difficile de les arracher pour effectuer, par exemple, une réparation. Au contraire, les clous à large tête ronde ovale et les clous à tête carrée peuvent se

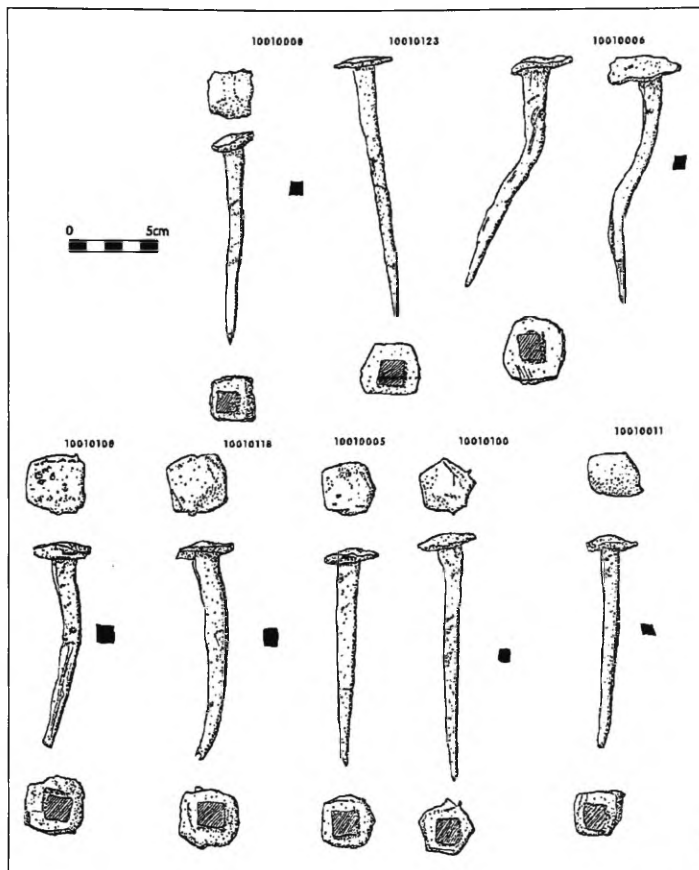


Fig. 17 – Clous à tête carrée appartenant à l'épave US 1001.
Dessins C. Carrierre, D. Thorpe, D. Lebourrier.

démonter plus facilement. La résistance des têtes est aussi en jeu suivant leur forme. C'est ainsi que les clous en "as de pique" et en bouton dont la tête est solidaire de la jambe peuvent subir des tensions plus importantes que ceux à tête ronde et carrée. Il apparaît donc important d'associer les clous aux différents assemblages auxquels ils sont reliés fonctionnellement pour mieux saisir leur spécificité.

Premier bilan de l'étude géo-archéologique

L'étude géo-archéologique du site a pour objet de retracer les événements de la dynamique

fluviale contemporaine de la circulation du bâtiment et immédiatement postérieure à son échouage. Cette recherche ne prétend pas être exhaustive, mais tend à préciser certains moments clés de l'histoire du bateau sur le site, de son échouage à son recouvrement par les sédiments.

La Charente se prête particulièrement bien à ce type d'étude en raison de la diversité de ses processus sédimentaires (crues importantes, étiages, forte influence de la marée), de la vitesse relative de la sédimentation et de la grande sensibilité des sédiments fluviaux aux perturbations provoquées par l'homme.

L'approche géo-archéologique du site s'est faite à trois niveaux différents afin de rendre

compte tout à la fois des contraintes de navigation aux époques anciennes, de l'accident topographique dans le lit de la Charente que constitue l'épave et de l'évolution du paysage fluvial. Ces différentes échelles (axe longitudinal du fleuve, site de Port-Berteau II et remplissage de l'épave) ont livré chacune des observations intéressantes.

1. L'échelle de la Charente

L'espace fluvial envisagé dans cette étude se situe dans une zone sans méandres, formant une ligne droite limitée en amont par le grand méandre de Saintes (PK 22 à 26) et, en aval, par le méandre de Saint-Savinien (PK 48 à 51). Le site de Port-Berteau II se trouve exactement entre les PK 31 et 32 et se compose de deux rives dissymétriques: une rive droite haute et concave, formée par une ligne de plateaux de 50 à 70m d'altitude; une rive gauche basse, formant la plaine alluviale, recouverte régulièrement par les eaux de la Charente lors des crues.

Le niveau actuel de la Charente est maintenu à une hauteur moyenne de + 2,20m NGF. Les recherches historiques de Jean Chapelot ont révélé l'importance du seuil de Saint-Savinien dans l'étude de la navigation ancienne sur la Charente. C'est à cet endroit que fut construit une première écluse en 1868 qui, selon les services de la Direction Départementale de l'Équipement de la Charente-Maritime (service hydrologique de Rochefort), aurait remonté le niveau de l'eau de 2m environ. La construction d'un barrage mobile cent ans plus tard, en 1968, a rehaussé de nouveau le niveau moyen du fleuve d'au moins 3m. La restitution de la hauteur d'eau aux époques anciennes est donc une donnée essentielle pour la compréhension du paysage de la Charente. L'hypothèse d'un niveau ancien à moins 5m de la hauteur d'eau actuelle (7m) fait apparaître un tout autre paysage que celui que nous connaissons aujourd'hui.

2. Relevés bathymétriques

Afin de mieux préciser la position de l'épave par rapport au lit du fleuve, quinze profils perpendiculaires à l'axe de la Charente ont fait l'objet d'une bathymétrie. Cette technique de relevés a pour objet la mesure des profondeurs du fleuve,

la détermination et le report, sur une carte ou un profil, des anomalies du relief subaquatique.

Une embarcation équipée d'un sondeur suit, à allure lente et régulière, l'axe des profils choisis en amont et en aval de l'épave. Chaque profil enregistré sur une bande étalonnée tous les 10m livre, une fois corrigé, une image du fond de la Charente qui, restituée, représente un remarquable outil de travail tant pour le positionnement des anomalies – en dépit de leur diachronocité – que pour l'aide fournie à l'étude du paléofond du fleuve.

Les résultats obtenus sur le site de Port-Berteau II ont mis en évidence les trois faits suivants. D'une part, le fond de la Charente est très plat sur 150m de long, sans obstacles ou seuils évidents, et sa profondeur varie peu (7m en moyenne). D'autre part, la pente de la Charente est faible à cet endroit. Enfin, le schéma traditionnel – plaine inondable / berge en pente douce en rive gauche; plateaux escarpés / berge escarpée en rive droite – est inversé. Les berges actuelles, en rive gauche particulièrement, ont été profondément modifiées par la "rénovation" du chemin de halage. Ce dernier se trouve en retrait par rapport aux anciens tracés et fait l'objet d'un faucardement annuel qui, en rectifiant les berges, modifie le paysage. Il se produit aujourd'hui un véritable encaissement du fleuve qui coule entre des berges escarpées, ce qui n'est pas sans poser certains problèmes lors des crues notamment.

Cette première lecture du fond et des berges doit être corrigée au vue de la restitution des lignes d'eau anciennes de la Charente. En effet, nous avons vu précédemment que l'écluse puis le barrage mobile de Saint-Savinien ont élevé la hauteur d'eau de la Charente d'au moins 5m. La situation antérieure à la création de ces deux équipements était nécessairement très différente. Le profil des berges ne présente plus une image inversée et s'inscrit à nouveau dans le paysage d'une plaine inondable. La rive gauche se présente bien comme une grève sédimentaire, la partie abrupte de la berge n'étant qu'une anthropisation récente.

Cette reconstruction hypothétique du paysage fluvial – reconstruction qui se fait en l'occurrence en "déséquipant" le fleuve et en lui ôtant 5m d'eau – met en évidence des reliefs auparavant masqués.

En suivant cette hypothèse, deux seuils ou levées localisés, sur les profils transversaux 10 et 11, en amont de l'épave, ont pu effectivement constituer un obstacle à la navigation. Un sondage sur le profil 10 a permis, au demeurant, de confirmer cette hypothèse. A une dizaine de mètres en amont de l'épave et à une vingtaine de mètres de la rive gauche, la coupe stratigraphique du sondage 1 montre clairement une couche épaisse – US 51005 – dont le profil révèle une nette remontée de 20cm en direction de la rive gauche. Cette anomalie témoigne de la présence d'un seuil (NGF: + 0,45m et à la partie inférieure NGF: 0) dont le sondage 2 a confirmé l'extension en direction de la rive gauche (Fig. 18).

3. Les problèmes de stratigraphie sur le site de Port-Berteau II

3.1. La position retournée de l'épave et son pendage

L'épave a été trouvée en position retournée sur le fond de la Charente, ce qui est inhabituel et quasi exceptionnel. En outre, les premiers relevés des altitudes des planches formant le plancher du pont (PLP1 à PLP8) révèlent un pendage de certaines pièces. L'extrémité aval de la planche PLP6, par exemple, se trouve 8cm plus haut que son extrémité amont. Ce pendage du pont est confirmé par le relevé des altitudes planches PLP5 (4cm de différence entre l'aval et

l'amont), PLP7 (5cm de différence) et PLP8 (8cm de différence). La pente semble s'accroître, pour l'ensemble du plancher du pont ainsi que pour le bordé rive gauche, entre 3m et 3,50m à partir du gabarit transversal AB, c'est-à-dire en amont du barrotin TRV2.

3.2. Le recouvrement de l'épave

La fouille à l'extérieur de l'épave s'est effectuée sur deux zones bien distinctes. La première est la zone dite aval. Elle correspond aux carrés 5355, 5365 et 5375. Cette zone était apparue sensible à la fin de la campagne 1994 lorsque de nombreux éléments en bois furent dégagés. La présence d'une pièce appelée PLI2 (1001-88) qui semblait assemblée à la tête du bau TRV5 incita à ouvrir cette surface en 1995.

La fouille fine du carré 5375, tout en dégagant le bordé rive gauche au niveau de la membrure MBG5, a révélé la présence d'une mince couche de sable très friable et léger courant le long de la face externe du bordé rive gauche (US 1014). Jusqu'alors, cette couche n'avait été décelée qu'à l'intérieur de l'épave. La localisation de cette couche 1014 à l'extérieur de l'épave tend à confirmer son équivalence avec la couche 1007 enregistrée et relevée en 1993 (coupe stratigraphique n° 13, zone 1, secteurs 44 et 45).

Cette couche de sable soulève de nouvelles questions car elle est venue se déposer en même temps que la longue pièce de bois PLI2 (1001-

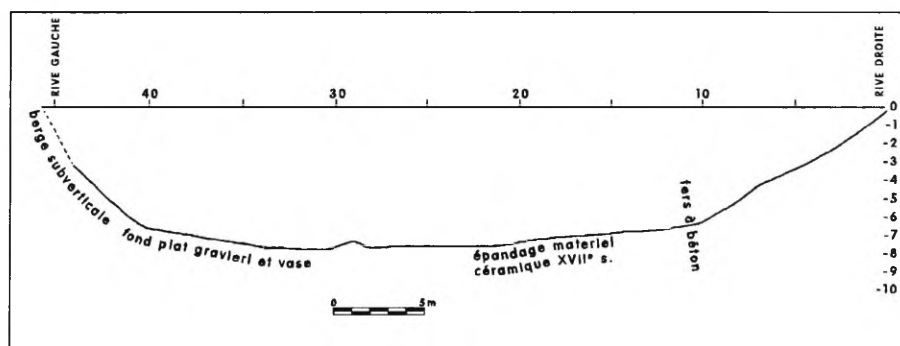


Fig. 18 – Restitution du profil transversal 11 à partir de l'enregistrement fait au sondeur. V.S.

88). La stratigraphie n° 13, zone 1, secteurs 44 et 45, rend bien compte de cet événement, la pièce PLI2 venant "coincer" le début de la couche 1007 (Fig. 19).

Cette mince couche de sable de 5 à 7cm d'épaisseur, composée également de branches, présente une granulométrie nettement supérieure à celle du bri. Même si cette formation sableuse n'a pas fait l'objet d'un tamisage, nous pouvons supposer qu'elle a été déposée à la faveur d'écoulements hydrologiques importants capables de déplacer des sables. Ce dépôt signifierait ainsi une séquence hydrologique marquée par un fort courant.

Le décapage de l'US 1014 a laissé apparaître une couche de bri comportant de nombreuses brindilles (US 1006). Cette couche, déjà signalée (coupe stratigraphique n° 14, zone 1, secteur 45), est une couche qui, par son matériel archéolo-

gique et sa localisation, semble correspondre à une ou à la première couche "d'épandage" de l'épave. Très hétérogène au niveau de la dimension des bois qui la composent, allant du petit rondin à la brindille en passant par des bois travaillés (1006-8, 1006-9 et 1006-11), dense dans les artefacts qu'elle a retenus (tegulae, céramiques et pierres calcaires), cette couche évoque bien une "coulée" due à la fracture (intentionnelle ou non) de l'épave. L'étude ultérieure du matériel jointe à ces remarques devrait affiner cette hypothèse (Fig. 20).

La deuxième zone dite zone amont se situe à l'extrémité amont de l'épave. L'observation de la stratigraphie devait fournir, en particulier, des informations sur le mode de recouvrement de l'épave par les sédiments fluviaux. Elle avait également pour objectif de replacer l'épave dans l'hydrosystème fluvial. La fouille commença au

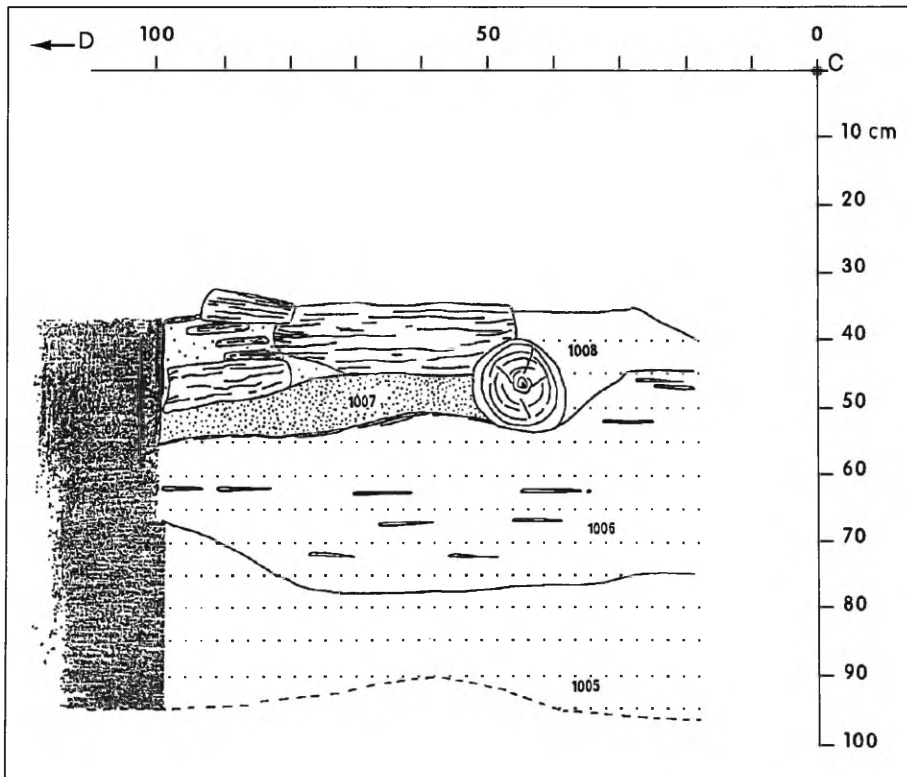


Fig. 19 – Port Berteau II – 1993. Coupe stratigraphique n° 13 Zone 1 Secteurs 44 et 45 V.S.

niveau des carrés 6342 et 6343. Très vite fut dégagée une accumulation de bois ronds piégés par le bordé. Ces bois étaient tous pris dans une couche de bri (US 1016).

L'US 1016 est un dépôt sédimentaire qui se présente sous la forme d'un bri collant, homogène, très plastique. Il se trouve directement sous la première couche de surface. La coupe stratigraphique n° 64 montre une stratigraphie constituée de deux couches. Sous l'US 1999 se situe l'US 1016 (NGF: - 4,59m) qui possède des particularités qu'il convient de signaler. On distingue trois horizons différents.

La couche 1016, à prépondérance argileuse, est homogène sur une très grande hauteur (1,24m). Elle est seulement interrompue par des apports

végétaux sous forme de rondins ou de branchettes. La formation sommitale de la couche ne présente pas de différences sensibles par rapport à l'ensemble de l'épaisseur de la couche. La couche 999 est venue la recouvrir directement. Il n'y a pas d'évolution progressive notable de la sédimentation sur toute la hauteur de la couche 1016, aucune séquence granulométrique médiane ou grossière ne venant l'interrompre. Cette homogénéité de la granulométrie résulte, sans doute, de dépôts effectués dans un environnement hydrologique très calme, pratiquement sans écoulements, pendant un temps relativement long. Cet apaisement de l'activité hydrologique de la Charente, qui s'est produit entre l'échouage de l'épave et le début de son

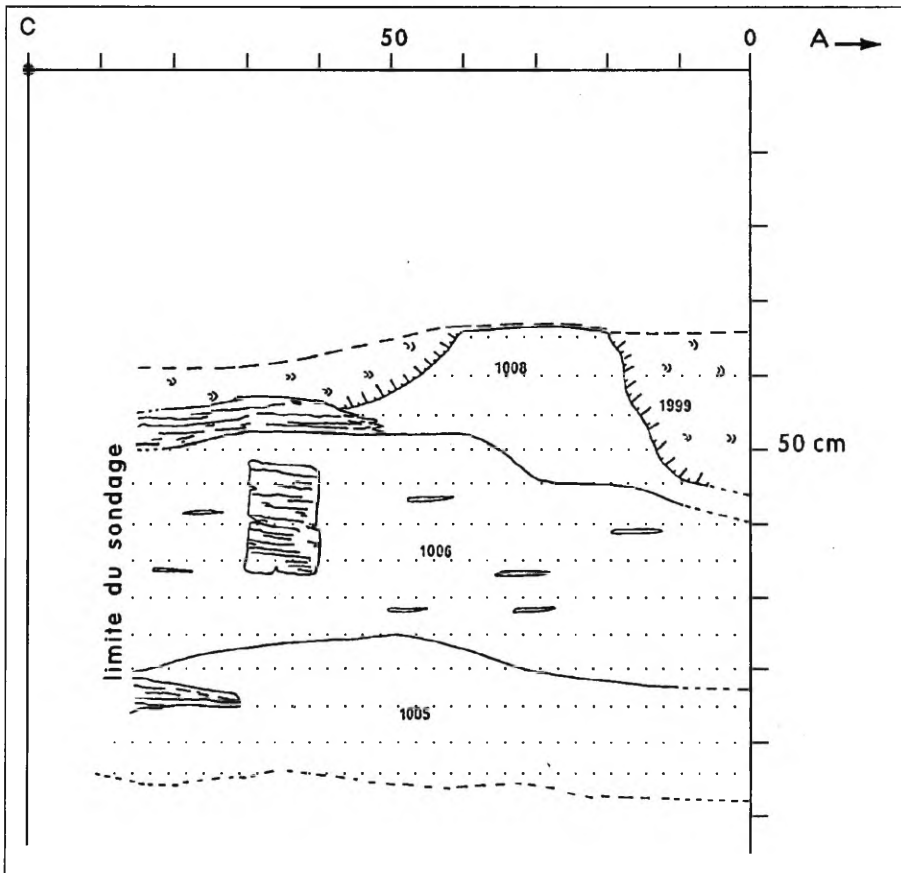


Fig. 20 – Port Berteau II – 1993. Coupe stratigraphique n° 14 Zone 1 Secteur 45 V.S.

recouvrement, a ensuite été interrompu par une reprise d'écoulements pouvant mobiliser des sables (couche 1017), puis par un écoulement plus important encore (couche 1999) transportant des céramiques concrétionnées provenant du site portuaire médiéval et moderne de Port-Berteau.

Cette hypothèse d'apaisement du régime hydrologique de la Charente est-elle compatible avec les autres séquences stratigraphiques reconnues?

Au cours des précédentes campagnes de fouille, quatre stratigraphies furent relevées à l'intérieur de la zone délimitant le site même de l'épave et trois autres dans des sondages extérieurs au site de l'épave.

Deux sondages (sondages 1 et 2 de la zone 51) se situent à environ une dizaine de mètres en amont de l'épave et à une vingtaine de mètres de la rive gauche. La coupe stratigraphique du sondage 1 montre, sur une hauteur de 50cm, une épaisse couche de bri interrompue çà et là de bois flottés, de rondins ou de pierres. Ce sondage avait été entrepris pour confirmer la présence d'un seuil observable au sondeur sur le tracé du profil transversal 10. La stratigraphie observée montre nettement une couche épaisse (US 51005) dont le profil révèle une claire remontée de 20cm en direction de la rive gauche, confirmant la localisation d'un seuil (NGF: + 0,45m et à la partie inférieure NGF: 0).

La coupe stratigraphique du sondage 2 (coupe n° 44) indique de bas en haut une couche (US 51007) compacte de bri, de couleur grise noire et de structure feuilletée, conservée sur 20cm d'épaisseur sans inclusions végétales. La couche de surface (51006) évoque, quant à elle, une granulométrie plus grossière révélant une phase de reprise hydrologique active (Fig. 21).

La coupe stratigraphique réalisée en 1995 (coupe n° 64) se situe à un niveau très inférieur. La couche sommitale est à - 4,53m, soit pratiquement 4m plus bas. Elle montre, nous l'avons déjà souligné, une sédimentation en milieu calme que ne semble pas évoquer les stratigraphies précédentes.

Les coupes stratigraphiques n° 12 et 13 localisées chacune le long du gabarit transversal CD, coupe n° 12 en rive droite et coupe n° 13 en rive gauche, permettent de distinguer un pendage important des couches de bri de la rive gauche

vers la rive droite. Rive gauche, les couches viennent buter contre l'épave qui, formant obstacle, ont piégé certains éléments comme le bois en particulier. La partie sommitale de la couche est à - 4,52m. Rive droite, la couche supérieure est à - 4,58m et la couche inférieure à - 5,12m. Le pendage des couches est marqué en rive droite. Il est de l'ordre de 15cm sur une largeur de 1m pour la couche 1003 et de 30cm pour la couche 1004 (Fig. 22).

4. Conclusion:

la reconstitution du paysage ancien

Des coupes stratigraphiques ont été effectuées à chaque campagne de fouille lors des décapages du remplissage de l'épave. Ces observations habituelles, rappelons-le, sur les sites terrestres s'avèrent des opérations complexes en milieu fluvial. La turbidité du fleuve, alliée à un courant parfois fort, même à une profondeur de 7m, rend difficile la collecte des données géomorphologiques.

Les premiers résultats des analyses de ces coupes stratigraphiques révèlent la présence de couches mêlant bri, brindilles et sable, témoignant de la séquence d'abandon de l'épave. La finesse des informations fournies par la lecture de ces stratigraphies conduit à proposer une trame interprétative de l'histoire du bateau en tant qu'épave. Ajoutons que les calages chronologiques restent encore imprécis et que les données ponctuelles devront être confirmées au cours des deux dernières campagnes de fouille.

Nous proposons de restituer, pour la période allant du Haut Moyen Age à 1868, date de construction de l'écluse de Saint-Savinien, une profondeur de la Charente de l'ordre de 2m, soit une réduction de 5m par rapport à la hauteur d'eau actuelle. Il s'agit de la modification majeure du paysage fluvial.

Naviguant sur le fleuve (de l'amont vers l'aval?), le caboteur de Port-Berteau II se serait échoué sur un seuil localisé, vers la rive gauche, à environ une dizaine de mètres en amont du site actuel de l'épave, ce seuil pouvant, peut-être, correspondre à une ancienne île. Juste en aval de ce seuil, le fond de la Charente se trouve 3m plus bas. Cette "fosse" est, sans doute, à l'origine du pendage de l'épave. Cette dernière est localisée, par ailleurs, sur une très légère pente bien visible en rive gauche, moins marquée en

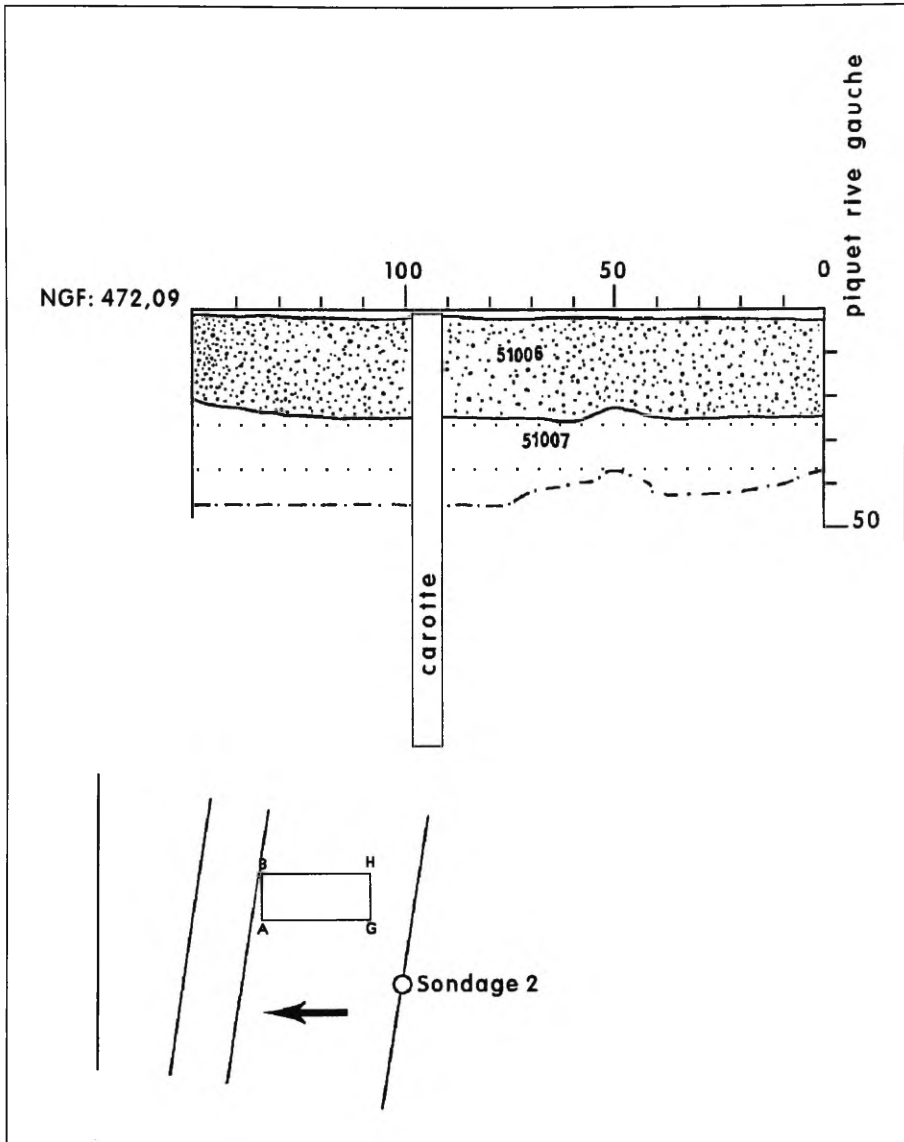


Fig. 21 – Port Berteau II – 1993. Coupe stratigraphique n° 44 Zone 51 sondage n° 2 Profil transversal 10 V.S.

rive droite. Pour autant la position retournée du bateau n'est pas expliquée par cette morphologie particulière du fond de la Charente.

Dans un premier temps, l'épave, à l'envers sur le fond du fleuve, se situe en rive gauche, sa coque intacte à l'exception d'une partie du bordé rive droite fracturée, peut-être, lors de l'échouage. Dans un

second temps, la quille ou la sole et les virures inférieures du bordé sont arrachées ou démontées. Dans un troisième temps, enfin, l'épave est recouverte par les alluvions fins en relation avec un apaisement hydrologique de la Charente.

Ces alluvions qui sont venus recouvrir peu à peu l'épave sont représentés par la couche

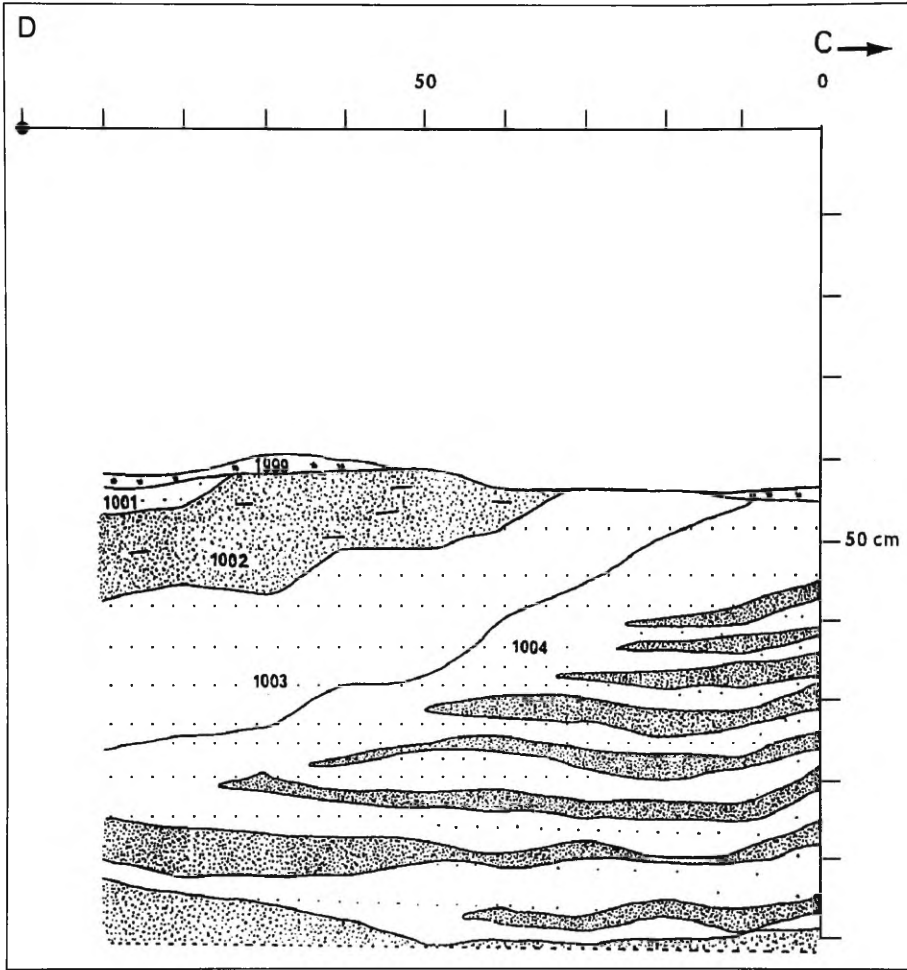


Fig. 22 – Port Berteau II – 1993. Coupe stratigraphique n° 12 Zone 1 Secteurs 40 et 41 V.S..

1016, à prépondérance argileuse, homogène sur une très grande hauteur (1,24m).

La formation sommitale de cette couche ne présente pas de différences sensibles avec l'ensemble de l'épaisseur de la couche. Cette homogénéité de la granulométrie résulte, sans aucun doute, de dépôts effectués dans un environnement calme, pendant un temps relativement long, aucune séquence granulométrique médiane ou grossière ne venant interrompre ce dépôt. Cet épisode d'apaisement a ensuite été interrompu par une reprise des écoulements

pouvant mobiliser des sables (couche 1017), puis par d'autres, plus importants encore (couche 1019), transportant des céramiques concrétionnées provenant du site portuaire médiéval et moderne de Port-Berteau localisé à 50m en amont de l'épave.

Conclusion

Avec les réserves qu'impose l'état d'avancement de la fouille (deux campagnes sont encore

à réaliser en 1996 et 1997) et en fonction des données archéologiques recueillies, il est possible désormais de mettre en évidence un certain nombre de caractéristiques architecturales particulières à l'épave de Port-Berteau II.

Cette coque en chêne de 14,60m de long pour une largeur de 4,80m repose sur une structure intégralement assemblée qui, au niveau de ses éléments architecturaux majeurs se décompose de la manière suivante :

- une pièce d'étrave et d'étambot;
- une charpente transversale constituée de membrures non équerrées et dont celles des extrémités sont dévoyées;
- une série de cinq baux-traversants directement encastrés dans le bordé;
- un bordé à franc-bord dont chaque bordage, obtenu par fendage, est indépendant l'un de l'autre;
- une alternance de bordages de section rectangulaire et demi-circulaire (ou en surépaisseur) dans les hauts (en position restituée de l'épave) de la coque et de bordages de section rectangulaire dans la partie basse de la carène (en position restituée de l'épave);
- un calfatage des joints entre les bordages à franc-bord mis en place à partir de la face externe du bordé;
- un assemblage dominant du bordé à la membrure par des gournables enfoncées à partir de la face extérieure des bordages;
- un assemblage systématique par clouage des abouts des virures dans la râblure des pièces d'étrave et d'étambot;
- un pont aval prenant appui sur deux barrotins et un bau-traversant.

A ces éléments architecturaux majeurs se greffent des éléments secondaires comme par exemple le recours à un écart en sifflet pour assembler deux bordages d'une même virure, l'utilisation de garnitures du bordé ou encore l'emploi de clous en fer, en complément des gournables, pour l'assemblage du bordé à la membrure (au niveau d'un écart ou d'une réparation par garniture).

Au regard de ces caractéristiques architecturales, la structure de la coque de l'épave de Port-

Berteau II semblerait faire appel à un principe de construction "membrure première" où la membrure serait donc préexistante (en partie ou en totalité) à la mise en place du bordé. D'autre part, les éléments architecturaux intervenant dans la structure de la coque, par leur diversité et leur morphologie, paraîtraient relever avant tout d'une architecture de tradition maritime. Enfin, la forme générale de la coque (extrémités en pointe) et ses proportions principales (le rapport longueur/largeur notamment) sembleraient être adaptées à une navigation en milieu maritime. Au regard de ces caractéristiques, l'épave de Port-Berteau II pourrait être rattachée à la catégorie des caboteurs de mer pratiquant une navigation fluvio-maritime.

En dépit du caractère encore imprécis de la datation (entre le V^e et le VIII^e s.), cette épave semblerait constituer, à double titre, une source exceptionnelle pour l'histoire des techniques de la construction navale.

En premier lieu, il pourrait s'agir du plus ancien navire de tradition maritime découvert et étudié dans le contexte de notre espace fluvio-maritime atlantique. En second lieu, ce caboteur semblerait constituer le premier témoignage architectural d'une construction à franc-bord "membrure première" inscrite dans le cadre du Ponant. Certes, l'origine du bâtiment - son lieu de construction - n'est pas connue et, sans doute, ne le sera-t-elle jamais. Pour autant, cette incertitude ne réduirait en rien l'intérêt exceptionnel de l'épave de Port-Berteau II du point de vue de ce phénomène majeur, du point de vue de l'histoire des techniques de la construction navale, que représente le développement, au Moyen Age, de la construction à franc-bord "membrure première" le long des rivages ponantais.

Remerciements

Nous remercions notre ami Gilson Rambelli, de l'Université de São Paulo, de nous avoir proposé de rédiger cet article consacré à la fouille subaquatique de l'épave de Port-Berteau II à laquelle il a collaboré.

RIETH, E.; DESBOIS, C.C.; SERNA, V. Preliminary results of the underwater excavation of the early medieval wreck of Port Berteau II, Charente-Maritime (France). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 189-221, 1996.

ABSTRACT. This article describes the preliminary conclusions of the underwater archaeological excavation of an early medieval wreck. The remains of the wreck of Port Berteau II are situated, at a depth of 7 meters, in the river Charente, in South West France, between Saintes and Rochefort. 1. The technics and methods used during this underwater excavation are discussed. 2. The new french method of computer data recording named Archeo-Data is analysed. The choice of this particular method has been made in relation with our concept of nautical archaeology in which the wreck and her geomorphological environment are studied in synchronism. 3. The architectural remains of the wreck are described. It seems that this coaster (14,60 meters long, 4,60 meters breadth) has been built in a "skeleton first carvel" fashion. 4. A typology of the nails joined the planks to the stem and the stern is made. 5. The geomorphological environment is studied to reconstitute the early medieval characteristics of the river Charente and to explain the different steps of the wreck's creation.

UNITERMS: Underwater Archaeology – Methods and technics – Computer data recording.

Note bibliographique sur les recherches d'archéologie subaquatique en Charente

- CHAPELOT, J. (Dir.)
1975 *Potiers de Saintonge. Huit siècles d'artisanat rural*, catalogue de l'exposition du Musée National des Arts et Traditions Populaires, Paris.
- CHAPELOT, J.; RIETH, E.
1995 *L'épave d'Orlac (Charente-Maritime). Navigation et milieu fluvial au XI^e s.*, Documents d'Archéologie Française, 48, Paris, 165 pages.
- GRANDJEAN, P.; MARGUET, A.; RIETH, E.
1989 Archéologie d'une rivière: la Charente. *La Ville et le Fleuve*, Paris, Editions du CTHS: 157-169.
- GRANDJEAN, P.; RIETH, E.
1987 *Histoire d'une rivière. La Charente de Cognac à Saint-Savinien*, catalogue de l'exposition du Musée Archéologique de Saintes, Saintes.
1990 La pirogue monoxyle du pont de Saintonge à Saintes. *Revue de la Saintonge et de l'Aunis*, XVI: 575-587.
1992 Note relative à la seconde pirogue monoxyle du pont de Saintonge à Saintes. *Revue de la Saintonge et de l'Aunis*, XVIII: 7-16.
- RIETH, E.
1979 Pirogue monoxyle et port fluvial de Port-Berteau (Charente-Maritime). S. Mc Grail (Ed.) *Medieval Ships and Harbours*, British Archaeological Reports, International Series, 66: 117-144.
1983 Epaves et vestiges portuaires de Port-Berteau. *Cahiers de l'Université Francophone d'Été Saintonge-Québec*: 25-39.
1991 Traditions de construction monoxyle, monoxyle-assemblée et assemblée sur la rivière Charente (France). R. Reinders, K. Paul (Ed.) *Carvel Construction Technique*, Oxbow Monograph, 12: 146-153.
1992 Approche archéologique de la batellerie médiévale de la Charente. *Cahiers de l'Université Francophone d'Été Saintonge-Québec*: 129-149.
1994 The flat-bottomed medieval (11th cent.) boat from Orlac, Charente (France): regional boat-building tradition ?. C. Westerdahl (Ed.) *Cross Road in Ancient Shipbuilding*, Oxbow Monograph, 40: 121-124.

UMA CONTRIBUIÇÃO DA EPIGRAFIA PARA O ESTUDO DA AÇÃO MÁGICA: AS *TABELLAE DEFIXIONUM**

Maria Luiza Corassin**

CORASSIN, M.L. Uma contribuição da epigrafia para o estudo da ação mágica: as *tabellae defixionum*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 223-231, 1996.

RESUMO: Este artigo estuda inscrições latinas denominadas *tabellae defixionum* no mundo romano antigo. Historiadores como Lívio e Tácito mencionam rituais de maldição e as fontes epigráficas demonstram sua difusão em diferentes níveis sociais.

UNITERMOS: Inscrições latinas – *Tabellae defixionum* – Sociedade romana – Magia.

Na Antigüidade, uma das práticas mágicas mais comuns consistia em devotar às divindades infernais um adversário ou inimigo, escrevendo seu nome acompanhado de fórmulas imprecatórias sobre uma tableta, que a seguir era enterrada. Acreditava-se que esta mensagem dirigida aos habitantes das regiões subterrâneas paralizava os inimigos, colocando-os fora de condições de provocar aborrecimentos. Muitas destas pequenas inscrições foram recuperadas e são conhecidas em epigrafia com o nome de *tabellae defixionum*.

Em várias partes do mundo antigo foram encontradas estas epígrafes, sendo conhecidas mais de quinhentas. Em 1904, Auguste Audollent publicou sua tese de doutorado, uma obra que até hoje é fundamental: *Defixionum tabellae quotquot innotuerunt* (Paris: Albert Fontemoing) reunindo o material até então disponível. Em periódicos especializados foram publicadas as descobertas posterior-

res, mas sem alterações significativas no que já era conhecido. Na década de 90 a leitura deste material epigráfico está sendo retomada.¹

As inscrições mais antigas datam do final do século V a.C. Sob o império romano tornam-se mais numerosas. Com raras exceções, o material utilizado como suporte para elas foi o chumbo. Alguns autores levantaram conjecturas a este respeito, imaginando que a natureza deste metal, considerado na Antigüidade como frio, vil, dedicado a Saturno, divindade hostil aos homens, seria a razão do seu uso, contribuindo para aumentar o efeito pernicioso do malefício. Um outro motivo talvez seja mais provável: o chumbo era um metal barato e fácil de ser gravado, com a vantagem adicional de que uma lâmina de chumbo, sendo maleável, podia ser dobrada ou enrolada de modo a ocupar pouco espaço e ser introduzida em locais considerados como adequados para entrar em contacto com o outro mundo.

(*) Este trabalho foi apresentado como seminário no MAE, em abril de 1992, dentro das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho “Os Sentidos do Apotropaico”, sob a coordenação da Profa. Dra. Haiganuch Sarian.

(**) Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

(1) Annequin em “*Recherches sur l'action magique et ses représentations*” considerava “inútil estudá-las uma a uma” (p. 65). Já Fritz Graf em “*La magia nel mondo antico*”, de 1995, reserva todo um capítulo (p. 115-168) para “*Defixiones e immagini di maledizione*”.

A maioria das tabletas foram encontradas em sepulturas e urnas funerárias, algumas sob a forma de *volumen*; eram introduzidas às ocultas, provavelmente à noite, nestes esconderijos onde acreditava-se que entrariam em contacto com os manes dos mortos. Elas não tinham nenhuma outra relação com as pessoas ali sepultadas, pois não diziam respeito ao defunto. Às vezes foram introduzidas até atingir a superfície de uma urna cinerária através do orifício destinado às libações existente no cipo de pedra que a protegia (Lafaye s/d: 4).

Outras vezes foram pregadas contra uma das paredes da sepultura, tendo sido encontrado o prego juntamente com a folha de metal. Este prego, o *clavus*, talvez desempenhasse um papel importante na cerimônia da *defixio*, pois ele ocasionalmente acompanha as tabletas que foram dobradas ou enroladas, sem que tenham sido pregadas. Considerava-se que o *clavus* continha propriedades mágicas, transpassando o adversário e mantendo-o imobilizado.

As *tabellae* foram colocadas também em locais como templos, especialmente aqueles dedicados aos deuses infernais, como as encontradas em Cnido no *temeno* de Ceres. Outros pontos privilegiados eram os poços e fontes termais, sobretudo aqueles que exalavam vapores sulfurosos, como os de Arécio na Itália. Eram ainda lançadas em rios ou no mar, sendo confiadas aos manes dos afogados e dos que pereceram em naufrágios.

Quanto à língua, a maioria das tabletas foram redigidas em grego, sendo seguidas em número pelas escritas em latim ou numa mistura de grego e latim, ocorrendo mesmo o caso de textos em língua latina escritos com letras gregas. Em número muito reduzido aparecem aquelas escritas em etrusco, osco, céltico e púnico.

Podemos considerar as *defixiones* como uma forma especial de *devotio*, por intermédio da qual pessoas ou objetos eram entregues aos deuses infernais expressamente nomeados, sem que o autor deste voto executasse pessoalmente o sacrifício das vítimas consagradas. As divindades subterrâneas eram intimadas a agir, isto é, a destruir aquilo que lhes era oferecido pela *devotio*. Os deuses infernais se apossavam das vítimas humanas que lhes eram abandonadas pelo ofertante, justamente porque este não estava em condições de destruí-las por si mesmo.

A *devotio* podia ser uma arma utilizada pelos magistrados romanos como um instrumento sobre-

natural voltado contra o inimigo em casos de perigo extremo. Bouché-Leclercq no verbete sobre “*Devotio*” no *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines* menciona um exemplo impressionante relatado por Tito Lívio (VIII, 9) em que o cônsul Décio, durante um combate no qual os romanos estavam recuando, pediu ao pontífice que lhe ensinasse as palavras que deveria pronunciar:

O pontífice ordenou-lhe que vestisse a toga pretexta, e com a cabeça velada, a mão saindo debaixo da toga e levantada até o queixo, os pés sobre um dardo estendido no chão, dissesse: “Jano, Júpiter e Marte, pai dos romanos; Quirino, Belona e Lares, divindades Novensiles, deuses Indígetes, deuses que tendes em vossas mãos a sorte dos romanos e a de seus inimigos, e vós, deuses Manes, eu vos conjuro, eu vos suplico respeitosamente, vos peço a graça e nela confio, de que concedais força e vitória ao povo romano dos quirites, e insinueis nos inimigos do povo romano dos quirites o terror, o pânico e a morte. Como declarei por minhas palavras, sacrifico-me pela República, pelo exército, pelas legiões, pelas tropas auxiliares e ofereço juntamente comigo as legiões e as tropas auxiliares do inimigo aos deuses Manes e à Terra”.

Tito Lívio compara o cônsul a “um ente sobre-humano enviado do céu para expiar a cólera dos deuses, libertar seu povo de um flagelo e fazê-lo recair sobre o inimigo”. O autor da *devotio* age para desviar o mal, a inveja das potências sobrenaturais. O sacrifício de Décio pelo seu exército se completa quando ele cai transpassado pelos dardos; o inimigo em seguida debandou tomado de pânico e os romanos recomeçaram a luta com vigor renovado. A vitória foi obtida não só pela habilidade e coragem do outro cônsul, colega de Décio, mas também pela ação deste, ao atrair sobre si todas as ameaças e a cólera dos deuses celestes e infernais.

Ainda é em Lívio (VIII, 10-11) que encontramos um detalhado registro desta antiga tradição romana:

Devo explicar que um cônsul, um ditador ou um pretor, quando dedica as legiões inimigas aos deuses, não é obrigado a sacrificar-se a si próprio, podendo escolher livremente qualquer outro cidadão, desde que pertença a uma legião romana. Se o homem escolhido morre,

considera-se o sacrifício completamente consumado. Mas se ele sobrevive, sepulta-se então uma estátua de sete ou mais pés de altura e sacrifica-se uma vítima expiatória. O magistrado romano não pode, sem cometer sacrilégio, pisar no local onde é enterrada a estátua. Se o chefe quer sacrificar-se a si mesmo, como fez Décio, e não morre, qualquer ato religioso, público ou particular, realizado por ele será considerado impuro, seja o sacrifício de uma vítima, seja outro qualquer. Aquela que se sacrifica tem o direito de consagrar suas armas a Vulcano ou a outra divindade. O dardo sobre o qual o cônsul pisou durante sua prece não deve cair nunca em poder do inimigo. Mas se tal acontecer oferece-se um suovetaurílio em expiação a Marte. Embora haja desaparecido a lembrança de nossos costumes civis e religiosos, pela preferência outorgada aos costumes novos e estrangeiros em detrimento das velhas instituições ancestrais, julguei que não me afastaria do tema de minha obra ao mencionar essas tradições nos próprios termos em que nos foram transmitidas e enunciadas.

Este relato é importante para a compreensão do mecanismo da *devotio*; neste caso, tratou-se de uma cerimônia pública, oficial, realizada pelo magistrado superior em comando, sob a orientação do pontífice. Embora sejam invocados os deuses superiores, a imprecação termina com a menção aos Manes e à Terra, sendo-lhes oferecidas as vítimas. Se as divindades as aceitam, atendem à solicitação.

Audollent considera que a *defixio*, ao contrário do caso relatado acima, constituía uma cerimônia secreta, ilegal, realizada por iniciativa de particulares (Annequin 1973: 77). Em Tácito (Anais, II, 69, 3) encontramos um exemplo clássico, com a descrição da morte de Germânico:

A terrível violência da doença aumentava com a convicção (de Germânico) de que havia sido envenenado por Pisão; foram encontrados, extraídos do solo e das paredes, restos de corpos humanos, fórmulas de invocação e o nome de Germânico inscrito em tabletas de chumbo, ossos semi-cremados e cobertos de sangue pútrido e outros encantamentos com os quais se acredita ser possível consagrar as almas às forças infernais. Ao mesmo tempo acusavam-se

alguns emissários de Pisão de terem vindo sondar o agravamento da doença.²

Tácito menciona expressamente “*plumbeis tabulis insculptum*” cujo uso era considerado crime passível de acusação formal, como é referido mais adiante, quando Pisão, seguro de sua força militar, faz motejo sobre a possibilidade de ter de comparecer a Roma para defender-se, afirmando que iria quando o pretor encarregado de fazer o inquérito por venefício fixasse a data do processo (*Ann.* II, 79, 1). Finalmente a acusação foi levada perante o Senado: “denunciaram que Pisão, impelido pelo ódio contra Germânico e por desejar uma revolução, havia corrompido o exército, permitindo abusos e injúrias contra os aliados, a ponto de fazer-se chamar pela pior parte do exército de “pai das legiões”; ao invés, contra os melhores, sobretudo contra os companheiros e amigos de Germânico, havia praticado crueldades; finalmente havia eliminado o próprio Germânico com sortilégios e veneno; ele mesmo e Plancina executaram sacrifícios e imolações ímpias. Havia tomado armas contra o Estado, de modo que para trazê-lo a juízo fora necessário vencê-lo em batalha” (*Ann.* III, 13, 2). O caso alcançou grande repercussão, tendo o povo se concentrado diante da Cúria onde o Senado estava reunido, gritando que não poupariam Pisão mesmo se os senadores o absolvessem. Sem apoio de ninguém, abandonado até pela esposa Plancina, Pisão preferiu suicidar-se (III, 14, 4; 15, 3).

Outro caso envolvendo a prática de *devotiones* é descrito em *Ann.* IV, 52, 1:

Em Roma a família imperial foi abalada, uma vez que para iniciar a série de futuras insídias contra Agripina, a prima dela, Cláudia Pulcra, foi processada por denúncia de Domício Afro. Este, pouco estimado, tendo deixado há pouco o cargo de pretor, buscando tornar-se famoso rapidamente por qualquer meio, acusou Cláudia Pulcra de devassidão, de adultério com Fúrnio e de venefícios e sortilégios contra o príncipe.

(2) O texto em latim permite verificar a terminologia empregada por Tácito: *Saevam vim morbi augebat persuasio veneni a Pisoni accepti; et reperiebantur solo ac parietibus erutae humanorum corporum reliquiae, carmina et devotiones et nomen Germanici plumbeis tabulis insculptum, semusti cineres ac tabo obliti aliaque malefica, quis creditur animas numinibus infernis sacrari.*

Deste vez o caso também conclui-se tragicamente: “Pulcra e Fúrnio foram condenados” (IV, 52, 3).

Estes dois episódios ocorreram durante o reinado do imperador Tibério. Já na época de Cláudio, Tácito registra um novo processo; desta feita, é Agripina, esposa do imperador Cláudio e filha da outra Agripina mencionada acima, que acusa sua prima Lépida, com quem rivalizava especialmente na influência sobre o jovem Nero, de praticar *devotiones* (Ann. XII, 65, 1):

Foram feitas a Lépida acusações de outro gênero: era acusada de ter com sortilégios urdido insídias contra a mulher do príncipe e de perturbar a paz na Itália pouco controlando a massa de seus escravos na Calábria. Por esta acusação foi condenada à morte.

Estes testemunhos transmitidos por um historiador como Tácito são preciosos pois comprovam a crença em *devotiones*, ou pelo menos o perigo de uma acusação de seu uso, em ambientes da alta aristocracia. Os envolvidos eram indivíduos próximos ao imperador, julgados legalmente por crime passível de pena capital contra o príncipe ou seus familiares.

As referências de Lívio e Tácito fornecem dados insubstituíveis para o conhecimento desta prática mágica que, no entanto, deixou outro tipo de documentação: as numerosas inscrições disseminadas por várias partes do mundo romano. Estas *tabellae defixionum* nos revelam um outro universo: o das pessoas comuns, envolvidas em problemas e dramas que permaneceram distantes do registro da historiografia. Imersos na obscuridade, não fazem parte do mundo retratado pela literatura, embora alguns autores, como Apuleio possam ser úteis para o conhecimento da magia no mundo antigo.

A leitura do documento epigráfico apresenta uma qualidade diferente: as *tabellae defixionis* são testemunhos que abrem uma comunicação direta com personagens ignorados pelos escritores. Sem arriscar interpretações “psicológicas” é inegável que elas revelam sentimentos básicos do homem, tais como o ódio, o amor, o medo, a ira. Um elemento comum a elas é a presença de uma situação de conflito, em que a insegurança gerada pela expectativa de resultados provoca o apelo ao sobrenatural. O fundamento destas práticas de *devotio* e *defixio* é a crença na intervenção de divindades e

espíritos para a obtenção de um resultado favorável ao invocador.³

Este trabalho consiste no levantamento de epígrafes latinas disponíveis nas *Inscriptiones Latinae Selectae* (ILS) de Dessau, no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL) e na própria obra de Audollent já citada. Foi selecionado um *corpus* documental com inscrições cuja leitura permite evidenciar o conteúdo da fórmula imprecatória. Escrita sobre uma das faces da tableta, embora por vezes possa ocupar ambos os lados, esta fórmula de maldição apresenta extensão variada e é dirigida contra um ou vários indivíduos que por alguma razão são considerados inimigos. Basicamente seus componentes são:

1. O nome do destinatário da *defixio*, o que em magia significa a própria pessoa. Por motivo de maior clareza e precisão, a fim de evitar confusão com homônimos, podia ser acompanhado pelo nome do cônjuge ou com mais frequência pelo nome da mãe (o do pai podia ser duvidoso). Por vezes era incluída a profissão e o local de residência da vítima: *qui manet in regione nona*, isto é, que vive na nona região de Roma, a do Circo Flamínio (ILS 8750). Numa das inscrições, contra *Naevia Secunda*, foi acrescentado *seive ea alio nomine est*.
2. Um ou vários verbos indicando a ação da maldição. Os verbos por si mesmos continham a energia, a força para arruinar o inimigo pelas artes mágicas, entregando-o em poder das divindades para imobilizá-lo. Em latim usava-se o verbo *defigere*, daí a expressão *defixiones*. Entre as acepções registradas pelo dicionário encontramos “espetar” (de cima para baixo); “pregar”; no sentido figurado significa “atar, prender, tornar imóvel”; tem ainda o significado de “amaldiçoar, encantar”. O uso do *clavum*, o prego de bronze ou ferro para furar a lâmina de chumbo nos esclarece na compreensão do que se esperava da ação mágica executada. O indivíduo consagrado – *devotum* – era entregue nas mãos dos deuses das regiões infernais; daí serem encontrados ainda nas inscrições os verbos *commendare*, *dedicare*, *deferre*, *demandare*, *tradere*. Também *devovere*, *desacrificare*, *denuntiare* eram empregados. Para chamar os *numina* em auxílio as tabletas registram *adiurare*, *excitare*, *precari*, *rogare*.

(3) Graf (1995: 149) ressalta que a *defixio* não é um ato de vingança que acompanha a derrota, mas um meio que visa influir no desenvolvimento da competição (p. 149).

O uso do subjuntivo acompanhado de *ut* era freqüente: *collidas, crucies, occidas, relinquis*. O imperativo também era usado: *exterminate, occide, peroccide, vulnerate*. Outros verbos expressam o que se espera que ocorra com a vítima, como *interemates, interficiates, obliga*.

3. O nome da divindade ao qual o amaldiçoado era entregue. Frequentemente eram invocados Plutão, Prosérpina, a Terra e de modo geral as divindades das regiões infernais e seus auxiliares (*dii inferi, dii manes, dii parentes*). Principalmente na época do Império aparecem os nomes de divindades do Oriente e certos *daemones* cujas atribuições e mesmo os nomes nos são desconhecidos. Também os Manes eram invocados, especialmente daqueles que pereceram de morte violenta, prematura e dos *insepulti*, pois eram considerados particularmente perigosos para os vivos.

4. Em algumas constava um elenco de todas as partes do corpo que deviam ser atingidas (cf. ILS 8751 e CIL X, 8249).

5. Complementos como palavras mágicas, signos cabalísticos, vogais gregas enfileiradas em determinada ordem.

6. Algumas eram acrescidas de sinais, símbolos ou um esboço de retrato da pessoa visada, a qual também podia ser representada à parte por figurinhas (*sigilla*).

Os motivos da *defixio* nem sempre são mencionados, mas quando isto ocorre é possível enquadrá-la numa das quatro categorias (Lafaye: 4) definidas por Audollent:

1. Judiciárias, contra adversários envolvidos numa causa em julgamento. Podem ser dirigidas também contra os advogados ou as testemunhas. Tendo como alvo um indivíduo envolvido num processo em andamento, elas têm como objetivo fazê-lo perder a causa. Geralmente contêm expressões do tipo: “para que não possam dizer nada contra mim”; “fiquem mudos e não possam responder”; “que os advogados não possam responder”; “que os adversários não possam falar”

2. Contra ladrões e caluniadores. Naquelas dirigidas contra um ladrão de quem se deseja obter a restituição do objeto ou valor roubado aparecem expressões como “contra quem nega ter recebido vinte denários em depósito”, “para reaver o bracelete roubado” ou ainda “contra quem não quer devolver as vestes que tomou emprestado”.

3. *Amatoriae*, dirigidas contra um rival bem sucedido com o qual se disputa os favores da mulher amada, ou ainda para obter os favores do ser amado. Podem também ser contra a mulher e seu amante.

4. Contra *agitatores* e *venatores*. São muito comuns, tendo sido encontradas em Roma, Cartago e Adrumeto. São dirigidas contra os cocheiros (*agitatores*) das facções rivais; frequentemente foram feitas por um outro auriga que por efeito de magia quer reduzir o competidor à imobilidade, desejando-lhe um acidente mortal no dia das corridas no circo. O mesmo gênero tem como alvo também os gladiadores e *venatores* (os lutadores que enfrentavam as feras no circo).

Nas epígrafes transcritas a seguir ficam evidenciados os elementos que constituem a fórmula imprecatória.

ILS 8746; CIL X, 1604.

nomem delatum Naeviae L. l. Secunda seive ea alio nomine est.

Esta inscrição foi encontrada em Cumas numa lâmina de bronze originalmente dobrada e fechada por um fio. O verbo usado aqui é *defero*, que tem a acepção de “levar”, “trazer”, muitas vezes com a idéia acessória de “cima para baixo”. É, portanto, apresentado o nome de Névia, sendo especificado que ela é uma “liberta de Lúcio” (L. l.), e, para garantir contra qualquer dúvida, é acrescentado “ou qualquer outro nome que seja o dela”.

ILS 8748; CIL XI, 1823; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, Paris, 1904, n. 129. Arécio (Museo Archeologico).

Q. Letinium Lupum qui et vocatur Caucadio, qui est filius Sallusties Veneries sive Venerioses hunc ego aput vostrum

(no reverso) *numen demando, devoveo, desacrifico, uti vos Aquae ferventes, sive vos Ninfas sive quo alio nomine voltis adpellari, uti vos eum interemates interficiates intra annum tusm.*

A *defixio* cobre as duas faces de uma tableta de 12 cm de altura por 9 cm de largura, tendo sido encontrada junto a uma fonte em Poggio Bagnoli, nas vizinhanças de Arécio. O texto é constituído de um único período com o nome da vítima no acusativo, enquanto nas outras *defixiones* costuma estar no nominativo; é completada com a indicação do sobrenome e com o nome da mãe em duas versões. Os verbos indicando a maldição são em número de três (*demando, devoveo, desacrifico*)

e outros dois verbos significando “matar” (*interemates*, *interficiates*) são empregados, indicando a preocupação em reforçar o sentido; o mesmo cuidado com a precisão aparece ao citar o nome das divindades, que são as ninfas da fonte. É especificado que tudo deve ocorrer dentro de um ano. As letras finais (*tusm*) são ininteligíveis. O motivo pelo qual foi feita a *defixio* não é explicitado.

ILS 8751. Proveniente de Nomento.

Malcio Nicones oculos, manus, dicitos, bracias, uncis, capilo, caput, pedes, femus, venter, natis, umlicus, pectus, mamilas, collus, os, bucas, dentes, labias, mentus, oclus, fronte, supercili, scaplas, umerum, nervias, ossu., medulas, venter, mentula, crus, quastu, lucru, valetudines, defico in as tabelas

(no reverso) *Rufa Pulica manus, detes, oculos, bracia, venter, mamila, pectus, osu., medulas, venter, crus, os, pedes, frontes, uncis, dicitos, venter, umlicus, cunus, ulvas, ilae, Rufas Pulica defico in as tabelas.*

Esta epígrafe foi encontrada próximo a Nomento (Mentana), em uma urna cinerária, gravada nas duas faces de uma tableta com dois nomes de vítimas: Málcio Nicão e Rufa Pulica, sendo considerada pertencente ao gênero *amatoria*. A enumeração de órgãos e membros a serem atingidos é comum em *tabellae*, sendo encontrada em outras como em CIL X, 8249, uma inscrição recuperada próximo a Minturnas, uma cidade do Lácio, no rio Lírís, dedicada aos *dii inferi*, atravessada por um prego e colocada sob o crânio de um morto.

ILS 8752

1. *denuntio personis infra scribitis Lentino et Tasgilo, ut adsin ad Plutonem – quomodo hic catellus nemini nocuit, sic que olosicod ma nec illi hanc litem vincere possint; quomodi nec mater huius catelli defendere potuit, sic nec advocati eorum eos defendere non possint; sic ilos inimicos – atracatetractigallara precata egdarata hehes celata mentis ablata – et at Proserpinam hinc abeant –*
2. *aversos ab hac lite esse; quomodi hic catellus aversus nec surgere potesti, sic nec illi; sic traspecti sint quomodi ille. Quomodi in hoc monimont. animalia ommutuerun nec surgere possun, nec illi mutant. Atracatetractigallara precata egdarata he hes celata mentis ablata.*

Encontrada próximo a Chagnon, em território dos Sântones, na Aquitânia, gravada em duas

lâminas de chumbo. É um exemplar de *tabella* judiciária, contra Lentino e Tasgilo, envolvidos em um processo (*lites*), de modo que os seus advogados não possam defendê-los; para que isso ocorra, o autor da *defixio* os entrega a Plutão e Prosérpina; por engano o nome desta última foi omitido, sendo inserido depois, no final da texto da inscrição 1. Há várias outras peculiaridades a serem observadas: a primeira é o uso logo no início da inscrição de expressões que lembram linguagem própria de documentos legais, como “as pessoas abaixo mencionadas”; outra é a presença de palavras mágicas. Finalmente, a referência ao animal, “*catellus*”, que está “*aversus*”, isto é, voltado para o outro lado e imobilizado; do mesmo modo, os adversários na lite judicial não poderão levantar-se.

ILS 8753; A. Audollent, *Defixionum Tabellae*, n. 286. Proveniente de Adrumeto.

adiuro te demon quicumque es et demando tibi ex and ora ex anc die ex oc momento, ut equos prasini et albi crucies ocidas, et agitatore Clarum et Fellice et Primullum et Romanum ocidas collida, neque spiritum illis lerinquas; adiuro te per eum qui te resolvit temporibus deum pelagicum aerium. Iaw Iasdaw ooriw ahia.

(no reverso) *Noctivagus Tiberis Oceanus.*

Inscrição em ambas as faces de uma tableta de 11 cm por 8-9 cm, datada do século III A.D., encontrada na sepultura de uma criança em Adrumeto, na África do Norte; hoje encontra-se no Louvre.

Esta *defixio* é contra os *agitatores*, ou seja, os cocheiros Claro, Félix, Prímulo e Romano; como Dessau observa, nenhuma espécie de homem foi mais atacado nas *tabellae* do que os aurigas. A fórmula invoca um demônio, qualquer que seja ele, para que mate os cavalos das facções verde e branca; os verbos empregados são *crucies* e *ocidas*. Contra os cocheiros os verbos são *ocidas* e *collida*, acrescentando-se “que não reste vida neles”. Há vários erros na escrita; um deles foi escrever *lerinquas* por *relinquas* e *collida* por *collidas*. Há menção do deus do mar e do céu (ar), cujo nome vem em grego, seguido de vogais a, e, i, a. No reverso, há a figura de um demônio barbudo com uma espécie de crista na cabeça; na mão direita segura um vaso munido de alça e na esquerda um candelabro com uma lucerna ou incenso; está de pé sobre uma barca. Ao lado, palavras mágicas com sentido desco-

nhecido; sobre seu peito lê-se o nome Baitmo Arbitto (o seu nome?); na barca, os nomes latinos *Noctivagus*, *Tiberis*, *Oceanus*, que segundo Audollent seriam os nomes dos cavalos que disputavam as corridas no circo (Fig. 1). É possível observar o furo por onde passava o prego pelo qual a tableta era suspensa. As corridas representavam um dos mais populares esportes no mundo romano e nada mais compreensível que os aficionados recorressem a estes meios para garantir a vitória; existiam quatro facções representadas pelas cores (vermelha, branca,



Fig. 1 – ILS 8753; Audollent, A. n. 286. Lafaye, G. s.v. “Tabella”. E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, p. 4, fig. 6717.

verde, azul). A tableta deve ter sido feita por um torcedor entregando os oponentes – cocheiros e cavalos – a um demônio anônimo.

ILS 8754; CIL VIII, 12504; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, n. 233. Proveniente de Cartago. ...renalius, Venator, Exsuperus, Augur, Volens, Sidereus, Atonitus, Beronica, Chrysiphus (à direita) *Sidereus* (e outros dezoito nomes)

(Embaixo) *Excito te demon qui ic conversans, trado tibi os equos ut deteneas illos et implificentur nec se movere possint.*

Também referente a corridas no circo, esta *tabellae* de 32 cm por 17 cm foi encontrada em um dos sepulcros da “família” dos escravos e libertos imperiais na África, em Cartago. É acompanhada de um desenho representando a imagem do circo, com os cárceres de onde partiam os cavalos nas corridas. Ao todo vinte e oito cavalos, cujos nomes são escritos, são entregues ao demônio, que é invocado, para que este os detenha, para que fiquem embaraçados e não possam se mover. Letras gregas são colocadas em coluna nas margens esquerda, superior e direita; acompanhando a inscrição há ainda termos mágicos incompreensíveis (Fig. 2).



Fig. 2 – ILS 8754; Audollent, A. n. 233; CIL VIII, 12504.

ILS 8755; A. Audollent, *Defixionum tabellae*, n. 247. Proveniente de Cartago.

...occidite exterminate vulnerate Gallicu, quen peperit Prima, in ista ora in ampiteatri corona..... obliga illi pedes membra sensus medulla; obliga Gallicu, quen peperit Prima, ut neque ursu neque tauru singulis plagis occidat neque binis plagis occidat neque ternis plagis occidat tauru ursu; per nomen dei vivi omnipotentis ut perficeatis; iam iam; cito cito; allidat illu ursus et vulneret illu.

Pouco mais de cem tabletas foram escavadas nos sepulcros e no anfiteatro de Cartago, no local para onde os cadáveres dos gladiadores mortos eram removidos, ou sob os ossos semicremados em urnas cinerárias. Esta tableta de chumbo também é proveniente da África, tendo sido encontrada neste anfiteatro de Cartago e refere-se a um *bestiarius*, um gladiador que combate contra as feras no anfiteatro. Falta o início da inscrição, onde sem dúvida alguma divindade é invocada para que “mate, destrua, fira Gálico, filho de Prima”; o habitual uso de vários verbos (*occidite*, *exterminate*, *vulnerate*) é complementado com o desejo de que sejam atados seus pés, membros, sentidos, entranhas, “para que não mate nem urso nem touro”. São invocados os deuses vivos e onipotentes, “já e depressa”, para que seja ferido pelo urso.

Um aspecto facilmente observável em todas estas inscrições é a presença da língua latina não culta, repleta de incorreções. Diferentemente da epigrafia oficial ligada aos centros do poder, estas não representam o produto do trabalho de lapicidas bem treinados. Talvez existissem especialistas (Graf, 1995: 143-144) a quem se podia recorrer para escrever uma fórmula de

maldição, mas muitas devem ter sido redigidas pelo próprio interessado. De todo modo, elas revelam aspectos culturais e religiosos de meios sociais distantes das elites. Constituem uma fonte para o conhecimento de usos linguísticos fora das normas cultas, testemunhando a linguagem corrente. Confirmam a hipótese de que a utilização da escrita era mais ampla em meios populares do que geralmente se costuma admitir.

É possível inferir ainda que determinadas crenças estavam amplamente difundidas, sendo compartilhadas por indivíduos de diversos níveis sociais. Se em Lívio é apresentado um cônsul ilustre que antes de uma batalha pronuncia uma invocação mágica, se em Tácito encontramos os vestígios de processos políticos contra indivíduos próximos ao poder, já as tabletas revelam o cotidiano do homem romano antigo: o torcedor de corridas no circo preocupado com a vitória deste cavalo ou daquele auriga, o litigante às vésperas de um processo ou um amante interessado numa conquista amorosa. Se as inscrições oficiais são dedicadas a *Iuppiter Optimus Maximus* e a outros deuses semelhantes, as *tabellae* mencionam as divindades ctônias e entidades próprias ao mundo subterrâneo, revelando um complexo conjunto de crenças.

Negligenciadas durante longos anos, estão agora merecendo a atenção de historiadores preocupados com novas abordagens da cultura antiga. As inúmeras tabletas já publicadas, acrescidas das que ainda poderão ser descobertas em novos achados nas áreas que foram romanas, constituem testemunhos que interessam a historiadores e a especialistas de outras disciplinas; afinal representam sobrevivências de crenças que permaneceram até a atualidade.

CORASSIN, M.L. An epigraphic contribution to the study of the magic action: the *tabellae defixionum*. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 223-231, 1996.

ABSTRACT: This article studies some Latin inscriptions called *tabellae defixionum* in the Ancient Roman world. Historians like Livy and Tacitus mention curse rituals and the epigraphic sources demonstrate their diffusion among different social levels.

UNITERMS: Latin inscriptions – *Tabellae defixionum* – Roman society – Magic.

Referências bibliográficas

- ANNEQUIN, J.
1973 *Recherches sur l'action magique et ses représentations*. Paris, Belles Lettres.
- AUDOLLENT, A.
1904 *Defixionum tabellae*. Paris, Albert Fontemoing.
- BOUCHÉ-LECLERCQ, A.
1892 s.v. "Devotio". Ch. Daremberg; E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, Vol. II, 1^{ère} partie. Paris, Librairie Hachette.
- CALABILIMENTANI, I.
1974 *Epigrafia latina*. Milano, Cisalpino-Goliardica.
- CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM (CIL)
1863 Berolini, Academiae litterarum Borussicae.
- DESSAU, H.
1906 *Inscriptiones Latinae Selectae*. Berolini, Weidmannos.
- GRAF, F.
1995 *La magia nel mondo antico*. Roma, Bari, Laterza.
- LAFAYE, G.
s/d s.v. "Tabella". E. Saglio (Dir.) *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*. Vol. V. Paris, Librairie Hachette.
- LUCK, G.
1987 *Arcana mundi. Magic and the occult in the Greek and Roman worlds*. Crucible.

Recebido para publicação em 18 de agosto de 1996.

NOTAS DISCURSIVAS DIANTE DAS MÁSCARAS AFRICANAS*

Marta Heloísa Leuba Salum**

SALUM, M.H.L. Notas discursivas diante das máscaras africanas. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 233-253, 1996.

RESUMO: Procuramos aqui discutir algumas idéias e conceitos correntes na abordagem de máscaras africanas em catálogos e exposições. Fora de seu contexto de origem, e integradas no universo das coleções, o que significam “máscaras-antílope”, “máscaras representando um ser mítico”? Como poderíamos, em poucas palavras, explicar o que é “máscara ancestral”? Refletindo sobre isso numa perspectiva estético-antropológica, e na de quem as vê pela primeira vez, apresentamos vinte máscaras de madeira provenientes da África do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, inéditas em sua grande maioria.

UNITERMOS: Arte africana: estilística – Arte africana: tipologia – Antropologia – Escultura – Estética – Etnografia africana – História da arte – Máscaras: etnografia – Museus: coleções africanas.

Fora de seu contexto de origem, e integradas no universo das coleções, o que nos transmitem as máscaras africanas? O que significam “máscaras-antílope”, “máscaras representando um ser mítico”? Como poderíamos, em poucas palavras, explicar o que é “máscara ancestral”? Nossas considerações são feitas sob duas óticas: a de quem observa e a de quem pesquisa; esta, se fragilizada pela falta da observação empírica, é fortalecida pela presença do imaginário, uma tentando amparar a

outra, corrigindo distorções provocadas pela unilateralidade – seja ela mais à estética, ou mais à antropologia.

No MAE estão inventoriadas cerca de cinquenta máscaras africanas em madeira. Provêm de sociedades repartidas pelas divisas coloniais, que hoje se encontram em nove países da África ocidental (cf. mais sobre a Coleção e sua procedência em Salum & Cerávolo 1993). Seleccionamos vinte delas para serem aqui apresentadas. Ainda que sem

(*) Este artigo é um desdobramento de um levantamento de peças iniciado em 1982-3 intitulado provisoriamente “Trabalho sobre máscaras africanas”, realizado durante estágio de pós-graduação no MAE, orientado e supervisionado pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga, embora não fosse esse o tema de minha dissertação. Na época, eu recebia uma bolsa de Mestrado do CNPq através do então Depto. de Ciências Sociais da FFLCH da USP. No primeiro semestre de 1996, em fase de redação de minha tese de doutoramento, e com bolsa também

do CNPq e do atual Depto. de Antropologia da mesma FFLCH, o MAE solicitou-me um dado sobre uma das máscaras de sua coleção, estimulando-me a retomar o referido “trabalho”, que resultou neste texto. Ele é fruto de um longo processo de reflexão museológica e da colaboração das equipes técnicas de Documentação e Conservação do Museu, a quem dirijo meus agradecimentos.

(**) Doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

pretender dar conta da sua curadoria, peça por peça, nem do potencial científico dessa coleção, esperamos contribuir para a valorização cultural, histórica e artística desse patrimônio com que os povos africanos nos honram, e alimentar razão para que essas máscaras permaneçam entre nós.

Forma-função e tempo-espaço

Conforme diz Paulme (1956: 114), “na ausência de uma datação exata, podemos ao menos distinguir duas épocas na escultura africana: antes e depois da colonização”. Ocorre que nesse período, segunda metade do século XIX à segunda metade do XX, que chamamos de *situação colonial* (Balandier 1971), mesmo que nele tenham surgido formas novas, muitas produções *tradicionais* ou “pré-coloniais” permaneceram, ou foram feitas

nos padrões tradicionais. Entre estas temos peças “muito antigas”, “antigas” (talvez entre 60 a 80 anos) e “recentes” (35 a 50 anos); as recentes que contêm inovações de material e estilo poderiam ser chamadas de contemporâneas. A maioria das peças africanas da coleção do MAE são tradicionais. O problema da cronologia leva ao da funcionalidade: não basta ter sinais de uso para que a consideremos “tradicionais”, nem “autênticas” (cf. a esse propósito Cornet 1975).

Aqui, propomo-nos a refletir, independente de serem antigas, “modernas”, recentes, “contemporâneas”, sobre qual é o tipo de olhar que resta às *máscaras da África* tal qual se apresentam nos museus, e qual o seu testemunho.

Iniciemos pela forma. Como encarar uma máscara como a representada na Fig. 1 – pela face, que, aliás, é o topo da máscara? Trata-se de uma peça registrada como “Máscara de Oxumaré, Geledé, (...)” (conforme listas de inventário). Vemos no “crâ-

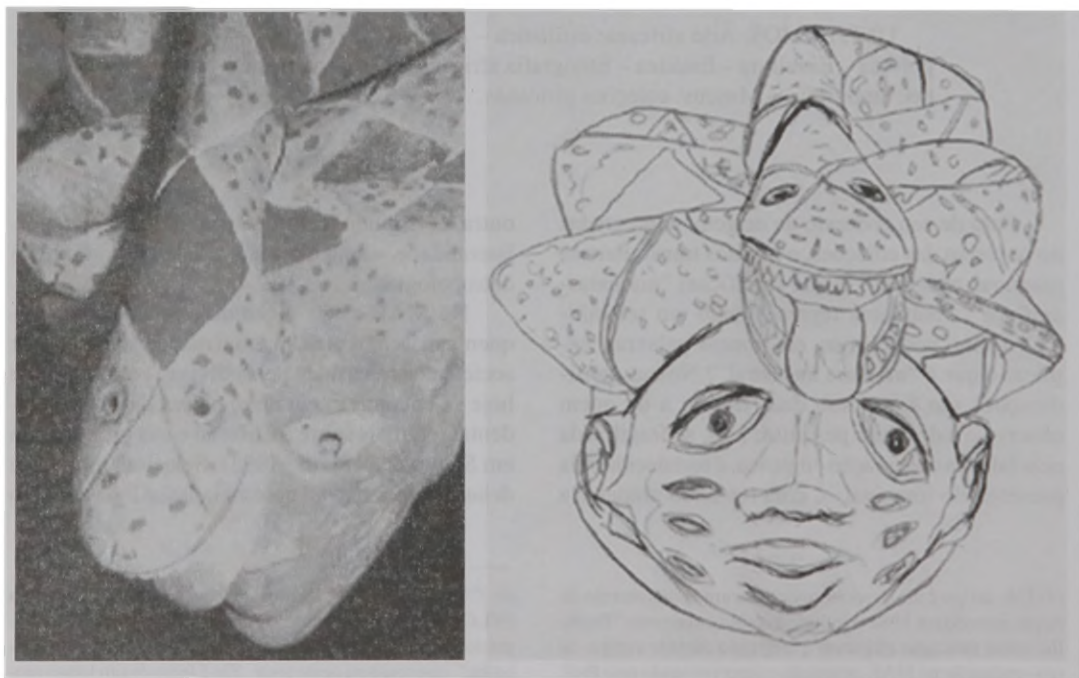


Fig. 1 – Máscara Gueledê. Grupo étnico: Nagô. País: Rep.Pop. do Benin. Recente. Provavelmente, um dos estilos contemporâneos. Comprimento: 39cm. Diâmetro da base: 27,5cm. Policromada (têmpera?) em branco, azuis, alaranjado. Coleção MAE-USP Inv. 7/d.4.347. Foto (vista de topo) e desenho (vista conforme uso): Lisy Salum.

nio” da máscara uma cobra enrolada (ou plissada), que avança (ou evolui) estirando (ou pendendo) a cabeça paralelamente ao seu “rosto”. Esse exemplar foi confeccionado, ao que parece, sob encomenda para fins didáticos (como é o caso das peças representando o processo de escultura desse tipo de máscara em exposição no MAE), havendo uma peça praticamente idêntica no Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais-CEAO da Universidade Federal da Bahia (a formação desses dois acervos tem fortes relações históricas). As máscaras “geledê”, da associação feminina de mesmo nome dos Yorubá (Nigéria) ou Nagô (República Popular do Benin) não são faciais, nem propriamente “elmos”, ou “máscaras-capacete”: a maioria delas são, normalmente, feitas para serem colocadas no topo da cabeça, num plano quase horizontal, apenas cobrindo a testa (mais como um boné do que como um capacete propriamente dito). Confira um importante estudo dessas máscaras, cultivadas no

Brasil e observadas nas primeiras décadas do século na Bahia, por Carneiro da Cunha (1983: 1014-7). Cf. também Lawal (1983: 50-2), que vê as Geledê como “tentativa iorubá de lidar com os problemas de feitiçaria e controle social, usando a Arte como uma arma”.

Há no MAE outros objetos pertencentes à categoria de máscaras que poderiam ser encarados com mais propriedade, pelo menos do ponto de vista formal, como “elmos”. É o caso do “adorno de cabeça em forma de capacete com quatro figuras esculpidas” (conforme listas de inventário) dos Senufo (Costa do Marfim). As figuras não são do mesmo tamanho, nem iguais, e ainda que comportem grandes mamas, são assexuadas. Vem aqui representado na Fig. 2. Qual seria sua verdadeira face?

Será que os africanos pensaram em fazer de suas máscaras – destas em forma de capacete – “armaduras para cabeça” (sentido original de *elmo*)? – Não nos parece exato pensar que, apenas



Fig. 2 – Topo de máscara. Grupo étnico: Senufo. País: Costa do Marfim. “velha e usada” (conforme listas de inventário). Altura: 34,5cm. Diâmetro: 21,5cm. Madeira escurecida (provavelmente patinada). Coleção: MAE-USP Inv. 78/d.1.6. Desenho e fotos (detalhes das quatro figuras): Lisy Salum.

pela forma, máscaras africanas do tipo *elmo* sejam “de proteção”; doutra parte, podemos verificar que máscaras bi- ou multi-faciais, do mesmo modo como algumas estatuetas da África tradicional, podem evocar algo relacionado se não à proteção, à defesa. A forma pode denunciar esse fenômeno, mas ele só pode ser argumentado diante de outros fatores concorrentes, como mitos e ritos relacionados à prática escultural, ou o uso e a função. Afinal, o que pode existir de ameaçador – ou de apaziguador –, ou de qualquer outro juízo de valor em simples objetos-máscaras, se não aquilo que nós projetamos neles? Desse modo, sendo a máscara capaz, como todo objeto de arte, de dizer o “indizível”, podemos, por fim, nos questionar: a máscara revela ou mascara? O princípio dual na concepção da máscara representada na Fig. 3 significa pluralidade ou ambiguidade?

Extrapolando a interpretação funcional da máscara vulgarizada entre nós (algo que dissimula, oculta), parece restar-nos a abordagem estética (algo mimético, que transpõe). Mas esta, distante

do paradigma *tradição-modernidade*, se curva diante da omissão: as fontes da maioria das máscaras em coleção já estão praticamente perdidas de forma irremediável. No universo tradicional africano, as máscaras não se constituíam apenas do “rosto” ou da “cabeça” esculpida. Na verdade, para as populações de onde se origina, a máscara é o “mascarado”, a “dança”. O que chamamos *máscara africana* é apenas uma parte dela, aquilo que, nas coleções e museus, conseguiu-se preservar de um “conjunto multi-mídia” da máscara. Cabe aqui tomar por empréstimo a reflexão de Grimaldi (1983: 6): “o que a arte visa produzindo um objeto, não é o que ela visa assim [através dele] produzir. Mas é esse objeto que contemplamos (...)”.

No entanto, a parte da *máscara africana* que recobre o rosto, ou o topo do crânio, era bem diferenciada. A ela eram atribuídos nomes especiais, e algumas sociedades, como os Guro (Costa do Marfim), chamavam-na pelo nome da dança em que era utilizada, ou, tendo como referência a matéria de que era feita, por *Yri*, “madeira” (Kacou 1978: 77). O significado da madeira na escultura tradicional africana (cf. Salum 1996) reforça o direcionamento da apreciação das máscaras com vistas às relações *natureza-meio ambiente-cultura*.

A preocupação com esses níveis de *alteridade*, às vezes de forma distorcida, parece já cristalizada, tendo uma relação direta com parâmetros morfológico-estilísticos de interpretação estética. Apesar

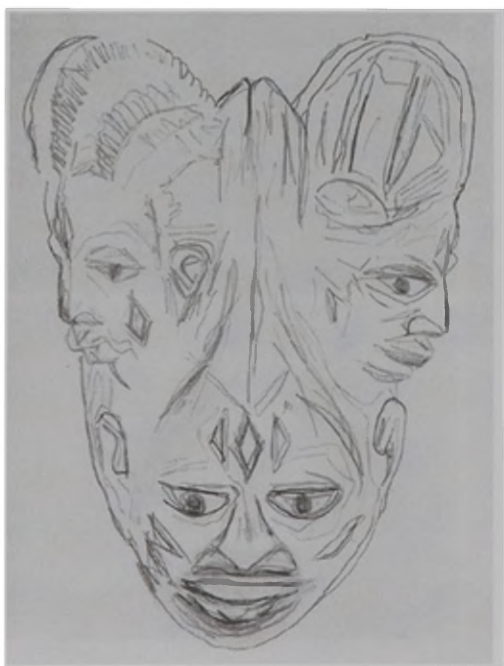


Fig. 3 – Máscara Gueledê. Grupo étnico: Nagô. País: Rep. Pop. do Benin. Tricéfala. Provavelmente miniatura (para crianças? emblemática?). Comprimento: aprox. 25cm. Coleção MAE-USP Inv. 77/d.3.59. Desenho: Lisy Salum. Foto: MAE-USP (Vista lateral $\frac{3}{4}$ direita conforme uso).

da configuração plástica de uma máscara africana ser eventualmente abstrata, ela não é necessariamente *simbólica*. Ela pode ser *realista* mesmo comportando distorções. Isso pode ser atestado no artigo de Wingert (1971), em que analisa o conhecimento de anatomia humana do escultor como fator de expressividade da máscara antropomórfica. Um exemplo clássico é o de máscaras dos Bayaka e dos Bapende do Zaire (cf. Petridis 1992); na coleção do MAE, máscaras dos Wobe-Guerê, Kran, Niabwa (povos contíguos da Costa do Marfim e Libéria), ilustram o problema. A máscara da Fig. 4 é “responsável pela manutenção da ordem social” (conforme listas de inventário), pertencente provavelmente a uma associação político-jurídica tradicional dos Niabwa, que possivelmente se estenda aos seus vizinhos.

Esse abstracionismo geométrico que vemos com certa frequência nas máscaras antropomórficas da África tradicional, e nessas em particular, impressiona-nos de maneira diferente do que aquelas de animais, já que, como diz Leuzinger (1962: 103)

a respeito dos traços da arte dos Yaurê (Costa do Marfim), elementos zoomorfos – chifres, pássaros – indicam “seres mitológicos”. Mas a geometrização, acrescida dos materiais superpostos – como se vê na máscara da Fig. 4 –, pode inspirar-nos também esse paradoxo *natureza-cultura*. Referindo-se a uma máscara *We* similar a ela, Verger-Fevre (1982: 59) diz de “uma fisionomia tão afastada do humano que ela evocaria talvez algum animal fantástico.”

No entanto, na escultura tradicional africana parece haver algo de relevante no abstracionismo das máscaras, mais notado nelas do que nas estátuas e estatuetas, talvez porque estas, sejam de caráter propiciatório ou comemorativo, apresentam uma concepção realista da figura humana, representando um ser humano, ou humanizado.

O talhe da ferramenta, os veios da madeira, os traços de pintura são recursos gráficos da escultura que parecem procurar sua visibilidade na máscara, se lhes fosse possível escolher entre essa e uma estátua; mesmo não sendo exclusivos dela, nela



Fig. 4 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Niabwa. País: Costa do Marfim. “antiga e muito usada” (conforme listas de inventário). Altura: 31cm. Madeira policromada, pele animal, fibras. MAE-USP Inv. 78.d.1.9. Desenho: Lisy Salum. Foto: MAE-USP (perfil $\frac{3}{4}$ esquerdo).

têm seu suporte preferencial. Esses recursos acentuam por vezes as “feições” da máscara, transformando-as, aludindo a seres pertencentes a um outro espaço, que não seria exatamente o “religioso”, mas diverso do espaço cotidiano, da vivência sócio-ambiental concreta. Um é o *espaço-concebido*, o outro, o *espaço-vivido* – que Roumèguere-Eberhardt (1963) sintetiza tão bem em populações *bantu*.

Esse exercício pode ser transposto, bem ou mal, à experiência estético-artística universal, à nossa própria experiência ao examinar as máscaras africanas. Na Fig. 5 vemos uma fotografia lateral de uma máscara dos Igbo (Nigéria), que parece ser do tipo *Agbogho Mmwo* (“máscara do primeiro espírito” ou “do espírito, ou ser, primordial” – do inglês *Maiden Spirit*) vestida em funerais por membros da associação iniciática masculina, representando atividades femininas (cf. Willet 1995: 94-5). São máscaras cujas faces recebem uma pin-

tura branca chapada, sobre a qual são, como que impressos, outros traços fisionômicos lineares em preto, alterando – ou reforçando? – os moldados pelo talhe. Dos planos e volume ao tratamento linear da superfície pode-se abstrair – é só querer – várias expressões, ou “feições” da máscara, ao gosto do espectador, conforme sugerem os desenhos que se seguem à foto.

A mística do mito

Podemos ter em mente que os “seres” figurados nas máscaras eram tidos como do mesmo “espaço” dos heróis civilizadores, das divindades, dos antepassados e dignitários célebres da estatuária da África tradicional, com a diferença de que estes eram situados, normalmente, dentro

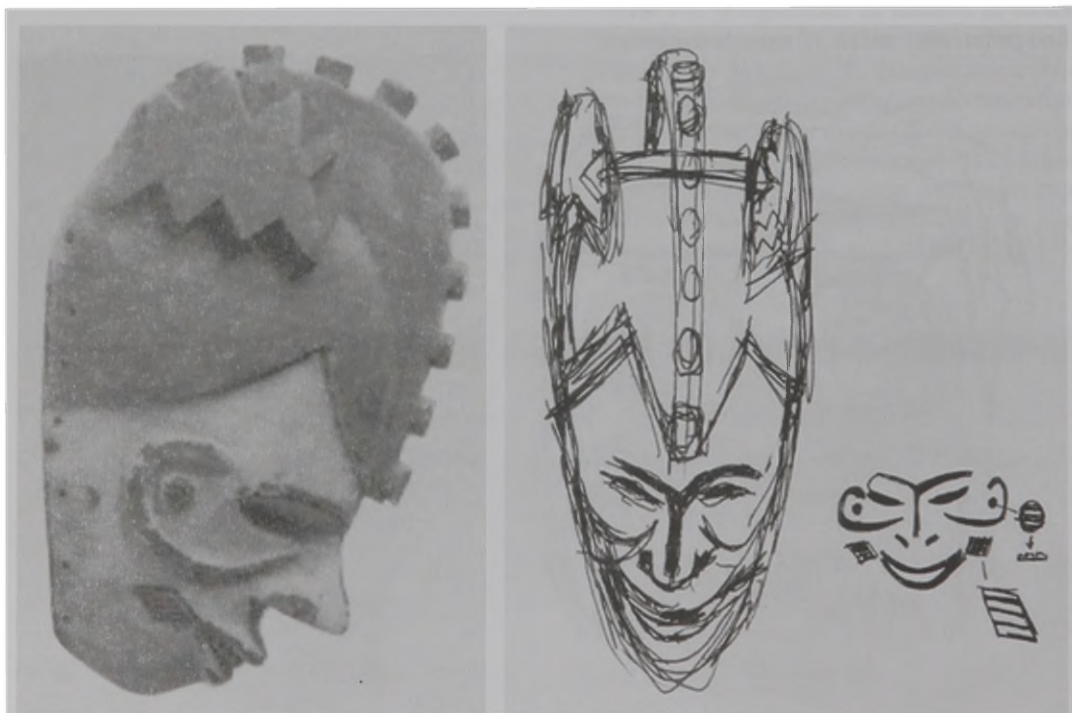


Fig. 5 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Ibô. País: Nigéria. Altura: aprox. 35cm. Madeira policromada, base de pintura branca com traços pretos e vermelhos. Motivos decorativos esculpidos. MAE-USP Inv. 77/d.3.39. Desenhos: Lisy Salum (vista frontal e um dos esquemas gráficos possíveis da pintura facial sobre a máscara). Foto: MAE-USP (vista de perfil).

de uma cronologia precisa. Conformando a idéia do ser primordial ou o fundador do grupo, a estatuária cultural tinha um *valor representativo* dentro de uma idéia de *espaço-tempo* localizador. De outro teor, a “experiência estética” que as máscaras africanas teriam possibilitado ao indivíduo que a vestia aproximava-os de uma “zona confiando o sobrenatural” (Leiris & Delange *apud* Grimaldi 1983: 15-16).

Mas não se pode marginalizar a atenção dada ao fato de que as máscaras, e mais especificamente as “associações de máscaras”, eram, na África pré-colonial, e mesmo no período colonial, atuantes em todas as áreas da vida social. Da inspiração ao uso, as máscaras jogavam com a noção de *temporalidade*, compatível não apenas com o seu apa-

recimento ritual, mas também compromissadas com a de *tempo-espaço*, estabelecendo vínculo histórico entre passado-presente-futuro. Isso significa que partilhavam do *tempo histórico*, ainda que os seres nela figurados fossem atemporais, já que nem sempre eram reconhecidos na genealogia específica do *espaço histórico*. Equivale dizer que seriam seres de um “tempo mítico”.

É isso que pode explicar porque duas peças provenientes da Costa do Marfim conservadas no MAE foram cadastradas como “máscara representando um ser mítico”. Mas, na falta de informações complementares de contexto, temos diante de nós apenas as máscaras em si mesmas. A primeira máscara, dos Baulê (Fig. 6), é antropomórfica, de fino talhe e ricamente



Fig. 6 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Baulê. País: Costa do Marfim. “muito usada” (conforme listas de inventário). Altura: 32cm. Madeira esculpida, cauris. MAE-USP Inv. 78/d.1.13. Desenho: Lisy Salum. Foto: MAE-USP (vista de perfil).

adereçada com cauris, cujo valor de adorno e prestígio social é bem conhecido, em particular nos povos da África sudanesa. Mas a segunda, dos Senufo (Fig. 7), é zoomórfica – e com chifres –, de feições rudes.

Que seja ou não cultural, a sensação provocada pelo contraste entre o hieratismo de uma sobre o expressionismo da outra não explica o que elas têm de *mítico*. Elas mesmas não são míticas.

Diferentemente dessas, encontramos no MAE outras máscaras representando um “ser mítico”, mas que não estão assim especificadas. Trata-se, por exemplo, de algumas máscaras “com chifres de antílope”, cujo figurativismo, ainda que com graus de abstracionismo, nos distancia de impressões subjetivas.

O antílope é uma fonte de inspiração artística bastante frequente na África de uma maneira geral, especialmente nas sociedades que margeiam o norte e o sul da floresta tropical. É um animal de sa-

vana, uma zona de vegetação habitada predominante no Continente. Mas não é o único animal cornudo e de face oblonga e prognática que se vê representado na tradição escultural, em particular das máscaras, apesar da profusão de “máscaras-antílope” anunciadas em catálogos e publicações de divulgação.

Com essas características existem na coleção do MAE máscaras provenientes dos Senufo, Bambara, Dogon, Mossi, Bobo, Marka, Bamileke. Embora esses povos, com exceção do último, se situem em território de continuidade geográfica, há especificidades importantes das quais não poderíamos aqui dar conta, a começar pela questão de, em vez de antílopes, estarem nessas máscaras figurados cachorros, veados, búfalos, e, pássaros, entre outros animais – “bichos” ou “seres”?

Denominadas ora “esculturas-antílopes”, ora “pássaros-antílopes” ou simplesmente “antílopes”, as máscaras *Tyi Wara* tornaram-se uma iconografia clássica das sociedades agrárias. São máscaras que



Fig. 7 – Máscara zoomórfica. Grupo étnico: Senufo. País: Costa do Marfim. “antiga” (conforme listas de inventário). Altura: 27cm. Madeira esculpida, pêlo animal. MAE-USP Inv. 78/d.1.19. Desenho: Lisy Salum (vista frontal $\frac{3}{4}$ direito). Foto: MAE-USP (vista de perfil $\frac{3}{4}$ direito).

saíam sempre em par, atuando na sementeira e na colheita, entre o campo de plantio e a aldeia (cf. Imperato 1971).

São representadas nas coleções e museus por “adornos de cabeça”, como a peça dos Senufo da Fig. 2, mas preferimos chamá-las de topos *de máscara*, pois são complementadas por longas fibras, do alto aos pés dos “dançarinos”, além de não serem máscaras faciais. O eixo (vertical ou horizontal) é acentuado pelo prolongamento dos chifres. Paulme (*in* Balandier & Maquet 1968) distingue três tipos formais associados a estilos regionais do território dos Bambara. O mais conhecido deles é o vertical, simulando uma crina com motivos geométricos vazados. O MAE conserva um exemplar horizontal e dois verticais: uma réplica miniaturizada e um original (cf. Fig. 8), “representando antílope macho” (conforme



Fig. 8 – Topo de máscara Tyi Wara. Grupo étnico: Bambara. País: Mali. Altura: 96,5cm. MAE-USP Inv. 77/d.1.11. Foto: MAE-USP (vista lateral $\frac{3}{4}$ esquerda).

listas de inventário). Os verticais são normalmente considerados masculinos, e têm a “face” parcialmente (no bico ou focinho do animal representado) chapeada com metal com incisões geométricas. Os motivos decorativos, esculpidos ou forjados, assim como a pintura e a aplicação de metal são um recurso plástico muito usual não apenas em outras máscaras faciais dos Bambara, como também característico de uma máscara dos Marka (Mali e Níger), que, “disposta em pares”, segundo Leuzinger (1960: 72), se presta a “representar a côrte que um homem faz a uma mulher” (Fig. 9). Esta, que pode ser considerada uma “máscara-capacete”, apresenta uma figura de queixo pontudo, cuja fronte possui dois prolongamentos pontiagudos esculpidos e quase paralelos. Eles podem aludir a um zoomorfismo, mas, na falta de outros dados, é mais prudente que sejam tomados como recursos de abstração figurativa e não temática.

Pode-se dizer que o tema do pássaro-antílope na escultura de máscaras, particularmente visto nas *Tyi Wara* (Fig. 8), é mais ou menos generalizado nas confluências do atual Mali e Burkinafasso, reconhecido especialmente na plástica dos Bobo-Fing e Bwa, permitindo-nos apresentar aqui uma peça dos Bobo (Burkinafasso) cadastrada no MAE como “adorno de cabeça representando antílope-pássaro” (Fig. 10) – outra “máscara-capacete”. Nela podemos observar, além da suposta identidade temática, uma similaridade gráfica-formal entre seus motivos pictóricos com os entalhados nas *tyi wara* verticais.

O interessante é que *tyi wara*, originalmente, não é exatamente nem antílope, nem pássaro. Animal civilizador, ele é filho da terra e de uma serpente. Com garras e um bastão pontudo, ensinou-os a revolver e a cultivar o solo. Quando veio a abundância, os homens começaram a desperdiçar e Tyi Wara, decepcionado, enfiou-se na terra. A máscara, então, foi talhada em sua memória. Como um trabalhador incansável, a dupla de máscaras saltitava sobre o solo, à moda do ser mítico que lhe inspirou, numa dança que é “uma propiciação dos espíritos da terra perturbados com a atividade dos homens (...), ao mesmo tempo que um rito mágico de fecundidade” (Paulme *in* Balandier & Maquet 1968: 22).

A variação de elementos formais da máscara e a *alteridade* do personagem do tema-enredo – afinal é antílope, pássaro ou serpente? – nos remete à Awa, associação de máscaras dogon, que conjuga antílopes e outros animais. Encabeçados pela máscara *Kanaga*, ela “dança o sistema do mun-

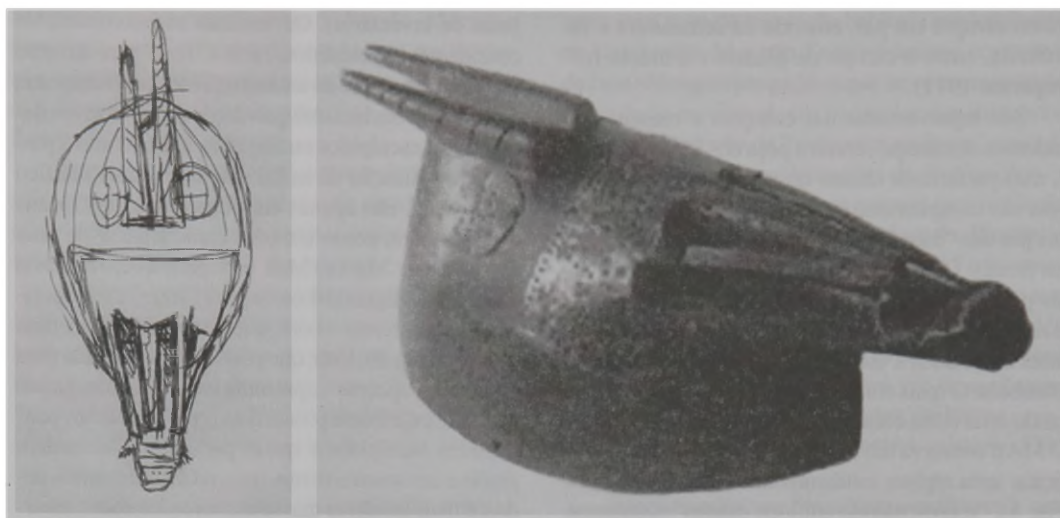


Fig. 9 – Máscara. Grupo étnico: Marka. País: Mali. Comprimento: 34cm. Madeira, tecido, metal. Revestida de metal na parte inferior central; dois círculos de metal com textura pontilhada aplicados na frente, bem como nas duas hastes laterais, onde há sobras de pano vermelho original. MAE-USP Inv. 77/d.1.49. Desenho: Lisy Salum (vista de topo). Foto: MAE-USP (vista lateral; conforme uso?).

do”, usando uma figuração corrente na obra de Marcel Griaule, a partir da imagem da cerimônia do Sigui (de fertilidade e renovação de *força vital*) transmitida por seu informante Ogotomeli: “é o sistema do mundo se movendo em cores” (Griaule 1966: 179-80).

Observa-se que dessas máscaras *dogon*, o MAE possui dois exemplares. Um deles é a *Kanaga*, que significa “pássaro”, embora sua forma tenha sugerido primeiramente, no Ocidente, uma “cruz de Lorraine” (Fig. 11), sendo às vezes assim chamada na literatura de divulgação. Ela pertence à associação funerária, ativa e registrada em anos recentes nos funerais que os Dogon renderam ao etnólogo Marcel Griaule, celebrizado pelo convívio durante décadas entre eles. O outro exemplar é uma “máscara de madeira com chifre de antílope” (Fig. 12). Apesar da semelhança com máscaras dos Bambara – com quem de fato os Dogon partilham de uma mesma tradição plástica e cultural – ela tem tudo para ser um autêntico exemplar *dogon*, não apenas pelo estilo, motivos decorativos, mas sobretudo pelo tipo de talhe, e pelo procedimento técnico de corte e modelagem escultural. Mas ela não tem similar nos catálogos especializados, nem

tampouco foi descrita na literatura específica (cf. Griaule 1963).

Tudo isso para dizer que as *Tyi wara* dos Bambara, assim como as máscaras da associação Awa *dogon* que “representam o mundo”, tinham algo referente a uma consciência de *espacialidade*, que não é somente da circunscrição política ou da economia, mas do meio ambiente e do *ethos* cultural, muito própria à discussão dos mitos e das máscaras. Mas isso também nos leva de novo ao ponto de partida, colocando em dúvida todo esforço de interpretação, parecendo-nos, sobretudo, ser desnecessário “decifrar” a máscara – mesmo que saibamos: sim, é um antílope! – sem ter o “conhecimento local” a que se refere Geertz (1994).

O mito e a máscara

Para tentar refazer uma “leitura” de uma “máscara-antílope” a partir do objeto tomemos por base uma magnífica máscara da coleção do MAE (Fig. 13). Ela provém dos Guro (Costa do Marfim). Essa máscara impõe-se pela precisão de talhe e acaba-

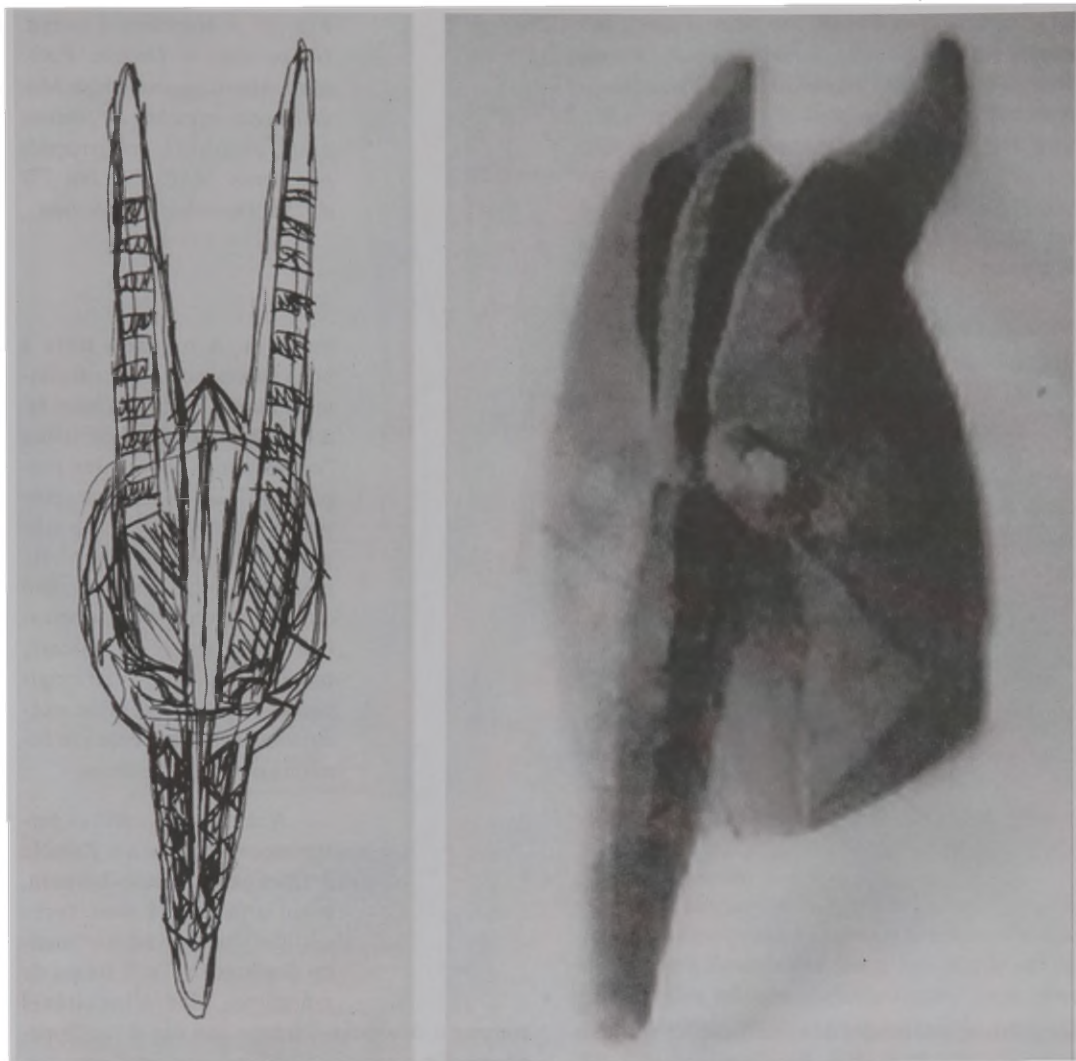


Fig. 10 – Topo de máscara. Grupo étnico: Bobo. País: Burkinafasso. “Velha e muito usada” (conforme listas de inventário). Altura: 16cm. Madeira policromada. Motivos decorativos pintados. MAE-USP Inv. 78/d.1.8. Desenho: Lisy Salum (vista de topo). Foto: MAE-USP (vista frontal; conforme uso?).

mento, pela robusteza de formas e elementos, e pela policromia vigorosa. Cabeça de antílope; três escarificações ou cicatrizes na frente; boca aberta, à maneira da de um réptil, guarnecida de dentes esculpidos. Ela se enquadra na tipologia de máscaras *Zamble* dos Guro estabelecida em Kacou (1978).

O termo *zamble* de fato não é desconhecido na literatura especializada, designando máscaras similares a essa, ou com essa descrição (cf. Segy 1976, entre outros). Mas recorrendo mais uma vez à tipologia de Kacou (1978), encontramos uma segunda variação das máscaras *Zamble*: rosto humano encimado por dois cornos acima da cabeça e

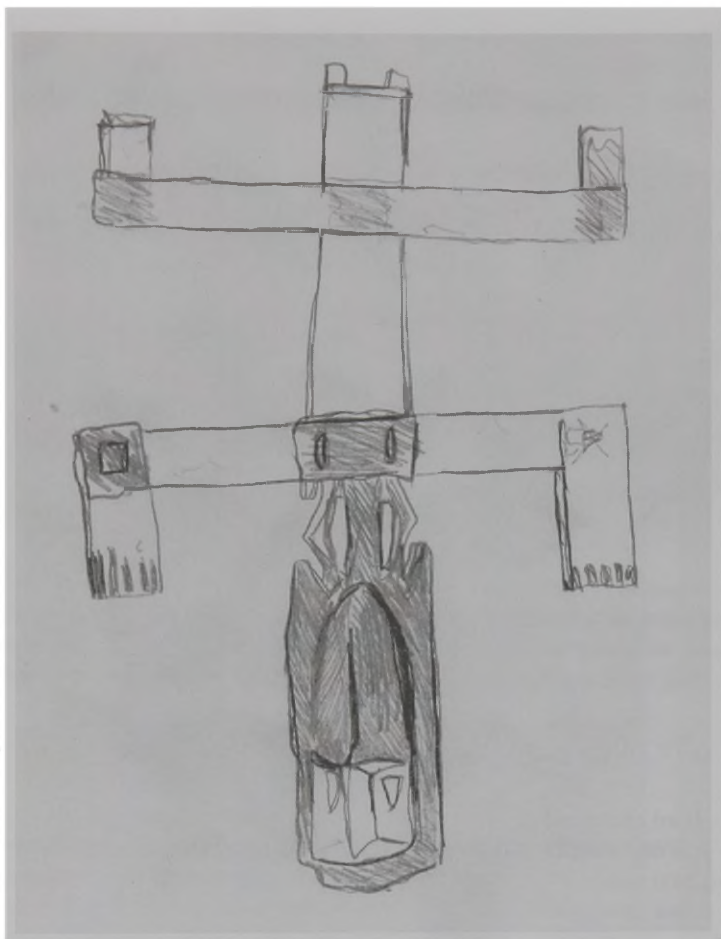


Fig. 11 – Máscara Kanaga. Grupo étnico: Dogon. País: Mali. Altura: aprox. 75cm. Madeira com manchas de pintura preta, encaixes e amarrações por fibras. MAE-USP Inv. 77/d.1.58. Desenho: Lisy Salum.

máscara. A máscara teria a boca aberta, como que ofegante, aludindo ao mito. Chamou-se de *Zamble*, que significa “comedor dos bens de seu proprietário”: ela foi feita para perpetuar a lembrança de sua mãe e do ser da savana. A partir de então, ao ser perguntado como corria o *Zamble*, o caçador-escultor, vestido com a máscara, imitava seus saltos, daí originando-se a dança *Zamble*, executada particularmente em funerais de homens sábios.

A semelhança entre os personagens *Twi Wara* e *Zamble* é fascinante: meio-homem, meio-animal, os dois seres civilizadores entram no “mundo dos homens” sob forma de máscaras. Mas é inevitável

boca aberta; três tríades de escarificações verticais na frente, e, sob os olhos, duas horizontais.

Parece claro que sendo cabeça de antílope ou rosto humano, a principal especificidade da máscara se encontra no termo *zamble*, sendo inevitável reportar-se de novo ao mito. Segue-se o resumo de uma lenda que trata da origem da máscara *Zamble*, conforme exposta em Kacou (1978: 78-9):

Um caçador se deslumbra com um ser da savana “veloz como uma pantera, inteligente como o Homem e elegante como um antílope”. Inteligente e veloz que era seu alvo, o caçador consegue rendê-lo extenuado pela perseguição insistente, e aprisionou sua presa ofegante num esconderijo interdito. Mas a mãe do caçador, rompendo a interdição, foi ao esconderijo e viu o animal, motivo pelo qual o caçador a matou. Em seguida esculpiu uma

romper o devaneio, lembrar que um é “antílope-pássaro” e o outro é “antílope-leopardo” mas, sobretudo, que são máscaras claramente diferenciadas, de origens e sociedades diferentes, sendo providencial a reflexão de Lévi-Strauss (1979: 124): “(...) Uma máscara não é aquilo que representa, mas principalmente aquilo que transforma, isto é, o que escolhe representar. Como um mito, uma máscara nega tanto quanto afirma. (...)”. Diferentes mundos de idéias interpretativas – da universalidade e da especificidade (nossa, dos Bambara e dos Guro) –, nos oferecem a possibilidade de tratar as máscaras como sistema de idéias e não de sintomas, parodiando Geertz (1994: 146).

A máscara *Zamble* era usada, sob a égide de uma associação, em danças sagradas e em cultos funerários (Kacou 1978); Segy (1976) menciona outras ocasiões, como, à noite, para “caçar feitiçei-

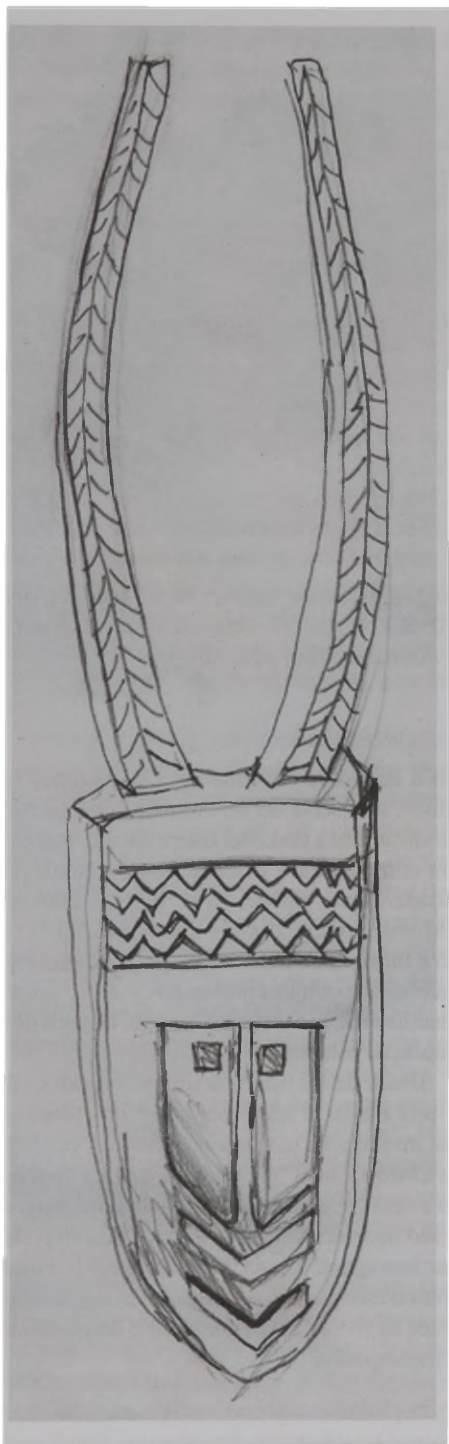


Fig. 12 – Máscara zoomórfica. Grupo étnico: Dogon. País: Mali. Altura: 69,5cm. Madeira escurecida. MAE-USP Inv. 77/d.1.1. Desenho: Lisy Salum.

ros”; para Leuzinger (1961) “serve de máscara de guerra”. Seria pertinente, aqui, evocarmos também o binômio *natureza-cultura*. Em um número especial sobre os Guro da *Swissair Gazette*, que inclui três artigos sobre máscaras de E. Fischer, entre outros, vê-se reproduzida uma notável foto de contexto da máscara *Zamble* (Fischer 1985: 27). Nela observa-se que “a indumentária da máscara conjuga materiais da floresta virgem (fibras, pele de leopardo) e da aldeia (pano tecido)”.

O ponto de compatibilidade de todas essas atribuições da máscara poderia estar na *noção de território*, predominante na construção cultural de todos os setores emergenciais das sociedades africanas tradicionais, o que é especialmente assinalado no clássico de Evans-Pritchard (1978). Considerando o mito em que se origina, é natural dizer-se que a máscara *Zamble* engendra uma forma imaginária de “assegurar a vida coletiva em todas as suas atividades” (Laude *apud* Kacou 1978: 81), tendo em vista a importância da caça nessas sociedades agrícolas. Isso é reforçado pela economia pré-colonial dos Guro centrada na caça (Tauxier *apud* Kacou 1978). Isso explicaria as várias funções da máscara e também sua fonte de inspiração: da mesma forma que as *Tyi Wara* – sob forma de pássaro-antflope – se afinam ao tema da agricultura, as *Zamble* – sob forma de antflope-leopardo – remeteriam ao espaço da caça.

Mas não parece bastante relacionar o *modelo econômico* com o *personagem mítico*. No caso da máscara *Zamble* dos Guro, haveria de se considerar uma relação intrincada entre caça, guerra, agricultura, sistema de propriedade, parentesco, etc. E, finalmente, tudo isso pareceria mais significativo do que a própria máscara, especialmente tendo em vista, entre outros fatores, a importância da figura materna no mito, e o fato de a dança *Zamble* se dar ainda que “excepcionalmente no casamento de uma jovem da família [associação] *Zamble* para ‘assentar’ seu lar”, segundo Kacou (1978: 78).

Observando uma nuance entre função, uso, e ocasião é interessante ainda notar que conforme informantes de Kacou (1978), a máscara teria tido duas “funções” consecutivas: só podia ser utilizada para “adorar”, depois de ter sido usada na dança. Hoje é utilizada em festas populares, como registrou Segy (1976: 243), evidenciando-se outros caminhos de investigação, que não é mais do mito, mas da atualidade da máscara, muito mais um pro-



Fig. 13 – Máscara Zamble. Grupo étnico. Guro. País: Costa do Marfim. Altura: 38cm. Madeira polida, com policromia em vermelho, branco e preto. MAE-USP Inv. 77/d.1.57. Desenho: Lisy Salum (vista frontal conforme uso). Foto: MAE-USP (vista lateral $\frac{3}{4}$ direita inferior, pela base).

blema de uso e ocasião, do que propriamente funcional.

Isso não elimina seu papel de intermediação, como é o de outras máscaras. De acordo com Kacou, como foi dito, o uso primordial da *Zamble* seria funerário, o que nos faz retomar o tema da “ancestralidade” na plástica africana. Mesmo assim, independentemente da razão *tempo-espaço* dessa “ancestralidade”, ela resta – mais do que antílopes, leopardos e répteis – materializada na máscara. E é nesse nível que ela deveria se apresentar, viva, diante de nossos olhos.

É evidente que, em uma sala de exposição, como espectadores, não precisamos nos furtar, caso ele surja, de um “sentimento místico” diante dessa máscara, mas é certo também que, tomando conhecimento da sua história de origem, seremos capazes de usufruir muito mais do pensamento e existência do “outro” – que essa máscara concretiza – em vez de deleitarmo-nos num mistério dileitante e ensimesmado. Esse exercício que a Antropologia traz à construção do conhecimento parece muito compatível com o papel da máscara africana nas sociedades tradicionais, de reprodução e de reciclagem do mito.

Antes de sabermos que *zamble* é nome de máscara, nome de dança e de “mascarado”, e que tudo

isso é inspirado em uma cena de enredo – num mito –, não seria de se estranhar que muitos de nós viéssemos a conceber essa máscara, como qualquer outra máscara africana, como fruto de religiosidade – mais “mística” que “mítica” – dissociando sistemas de crenças dos sistemas sociais. O tema não é inusitado e Lévi-Strauss (1976) nos ajuda a perceber que os mitos podem nos parecer tanto “sistemas de relações abstratas”, como “objetos de contemplação estética”.

Diante dessas máscaras somos obrigados a discernir *arte e mito*, e não é por acaso que propusemos uma inversão da leitura a que estamos condicionados a fazer de uma “máscara etnográfica”, por oposição a uma “máscara teatral”. Tanto uma como a outra são necessariamente “cênicas”, mas só podemos falar isso agora, depois de tentar integrar a máscara dentro de seu próprio contexto, mesmo que seja ele a parede da vitrine, desde que seja ele descontaminado de pressupostos.

O mito da mística

Não se pode dizer de predominância de feições zoo-antropomórficas na *máscara africana* diante de peças como a dos Dan (Costa do Mar-

fim, Libéria e Serra Leoa), difundidas pelos artistas e críticos da Europa no início deste século. Foram renomadas pela combinação de planos côncavos-convexos. Delas o MAE possui apenas um exemplar (Fig. 14), uma peça de menor rigor estilístico-formal se comparada à produção que lhes foi característica. Inspiraram obras como uma instalação-escultura assinada por Arman em 1972, que tem muito a ver com o nosso assunto. No mínimo extravagante, essa obra – que aglutina num bloco de poliéster 26 máscaras autênticas e tradicionais dos Dan – intitula-se *Accumulation of Souls*, ou “Acumulação de almas” (cf. reprodução em Rubin, Vol.I, 1988: 81). Himmelheber (*apud* Verger-Fevre 1982) reconhece três categorias de máscaras *dan* na Libéria: as “de circuncisão”, as “de função social e pacificadoras” e as “de divertimento”. A máscara que está no MAE poderia enquadrar-se nas que são destinadas a proteger uma criança ou uma mulher que se muda em casamento (cf. Verger-Fevre 1982: 58). Nenhuma delas são “almas”, “espíritos”, nem propriamente “personificações”.

Os Guro, apesar de serem reconhecidos através da máscara policromada *Zamble*, também produziram máscaras faciais antropomórficas e naturalistas. Apesar de sua origem não ter sido ainda estabelecida com precisão, eles teriam vindo do norte, em época anterior à instalação dos seus vizinhos Baulê no início do XVIII, de quem teriam tido o modelo, segundo vários autores, para criação de sua *máscara facial antropomórfica*. Temos um exemplo dela no MAE, de extrema simplicidade e beleza (Fig. 15). Ela expressa a serenidade do naturalismo das máscaras *baulê-yaurê*, tidas como comemorativas, ora identificando um estatuto social, ora usadas em ritos de *culto de antepassados* (Leuzinger 1961; Holas 1973; Segy 1976, entre outros), não deixando de ter um certo grau de personalismo. Talvez por isso a máscara *guro* do MAE tenha sido cadastrada como “máscara possivelmente mortuária”.

Na coleção do Museu há três exemplares *baulê* e dois *yaurê*, merecendo um estudo em separado, pela diversidade tipológica dentro do conjunto de mesma procedência (os Yaurê, um grupo étnico pequeno da Costa do Marfim, muitas vezes são tomados por seus vizinhos Baulê, ou como sub-grupo deles). Apresentamos breve descrição de cada uma delas, alimentando esse propósito.

O primeiro exemplar é uma “máscara miniatura” (Fig. 16), com ranhuras no topo da cabeça, à gui-

sa de um penteado. O rosto ovalóide, a fina definição dos elementos faciais e a polidez da superfície nos faz lembrar das máscaras *dan*, acima mencionadas.

Já citado no início (Fig. 6), no segundo exemplar destaca-se a decoração em fibras e cauris, que dão ar expressionista aos traços antes extremamente serenos quando da escultura original, se pudéssemos destituir da máscara o material que foi sobreposto à madeira esculpida.

O terceiro exemplar (Fig. 17), finamente esculpido, é encimado por dois pássaros justapostos pelos bicos. Possui como o anterior um “tratamento

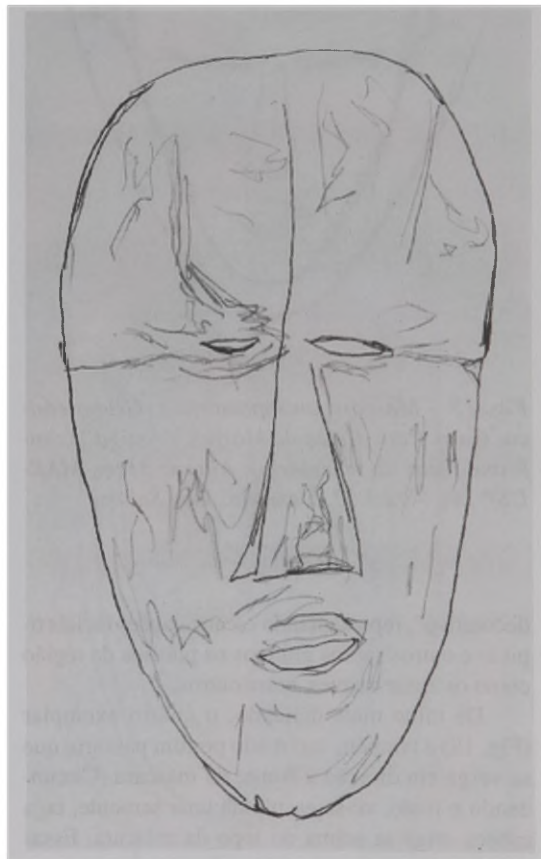


Fig. 14 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Dan. País: Serra Leoa. Miniatura (para crianças? emblemática?). “Antiga” (conforme listas de inventário). Altura: 24cm. Madeira escurecida. MAE-USP Inv. 78/d.1.18. Desenho: Lisy Salum.

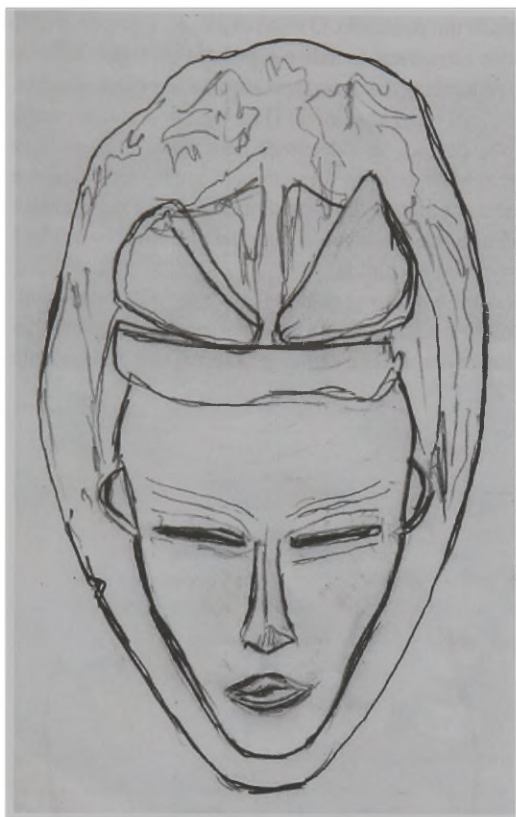


Fig. 15 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Guro. País: Costa do Marfim. “Antiga” (conforme listas de inventário). Altura: 31cm. MAE-USP Inv. 78/d.1.17. Desenho: Lisy Salum.

decorativo”, representando escarificações faciais típicas e outros signos gráficos na plástica da região como os zigue-zagues, entre outros.

De talhe mais delicado, o quarto exemplar (Fig. 18) é também encimado por um pássaro, que se verga em direção à frente da máscara. Circundando o rosto, vê-se esculpida uma serpente, cuja cabeça erige-se acima do topo da máscara. Essas duas formas, uma curvada para baixo, e a outra, em sentido helicoidal, para cima, garantem uma dinâmica dos elementos que compõem a máscara, enfatizando sua expressão hierática, típico dos ancestrais representados na estatuária.

O quinto exemplar (Fig. 19), como os anteriores, é uma máscara enquadrada por uma moldura de zigue-zagues e várias hachuras cuidadosamente

gravadas em baixo relevo no topo do crânio, onde se encontra assentada uma forma estilizada muito próxima à de um pássaro: uma massa trifoliada que vai se alongando em direção ao topo, quando se verga em direção à frente abaulada da máscara.

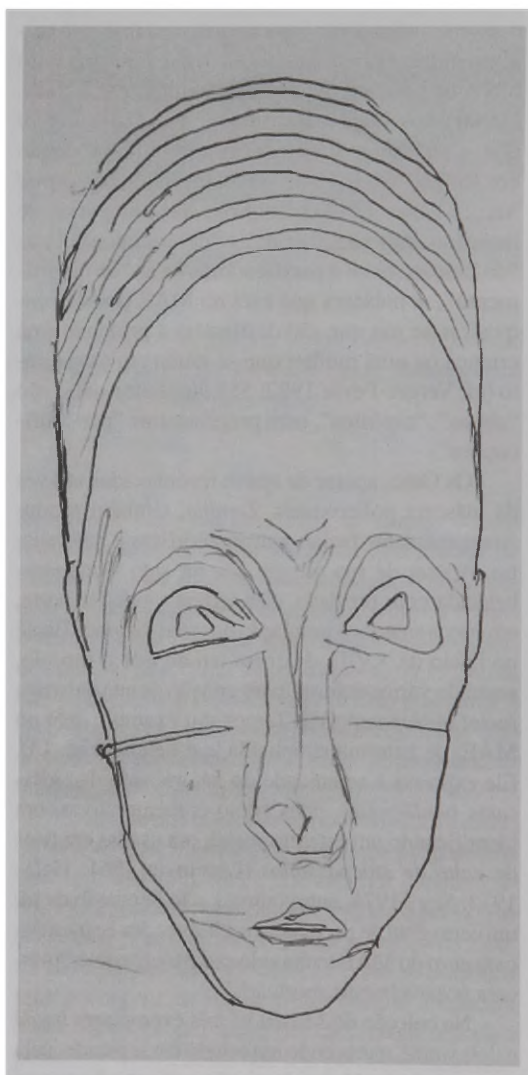


Fig. 16 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Baulê. País: Costa do Marfim. Miniatura (para crianças? emblemática?). “Antiga com traços de uso” (conforme listas de inventário). Altura: 19cm. Policromia em vermelho, branco e preto nos olhos, nariz, boca e ouvido. MAE-USP Inv. 78/d.1.22. Desenho: Lisy Salum.

Esta última máscara é mais rígida e estática que as anteriores. É interessante que se observe a boca cilíndrica, vazada e proeminente: um sinal do “sopro vital”? Afinal sabe-se do quanto o poder da

palavra falada é denotado na plástica africana, tendo por exemplo clássico as machadinhas de aparato, símbolo de prestígio dos escultores em sociedades tradicionais do centro-sudeste do Zaire (cf. descrição de um desses objetos em Hampaté Ba 1979: 17).

Mas é na decoração – facial e dos penteados – que é comum verem-se assinalados elementos do significado das máscaras *yaurê* e *baulê*. Vemos em Ki-Zerbo (1979: 10), uma peça *baulê* muito semelhante

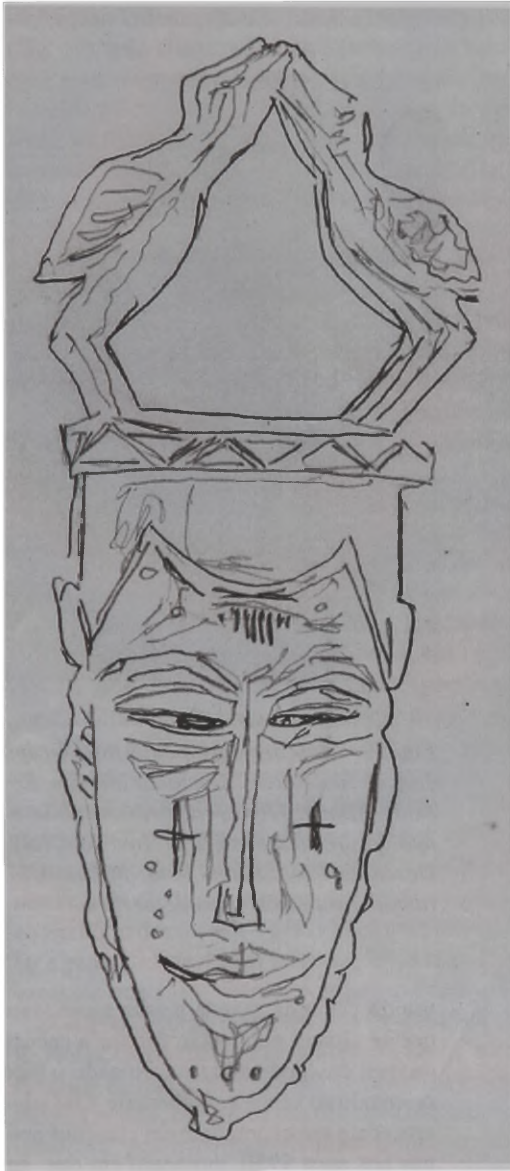


Fig. 17 – Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Baulê. País: Costa do Marfim. Recente. Altura: 24cm. Madeira escurecida. MAE-USP Inv. 78/d.1.21. Desenho: Lisy Salum.

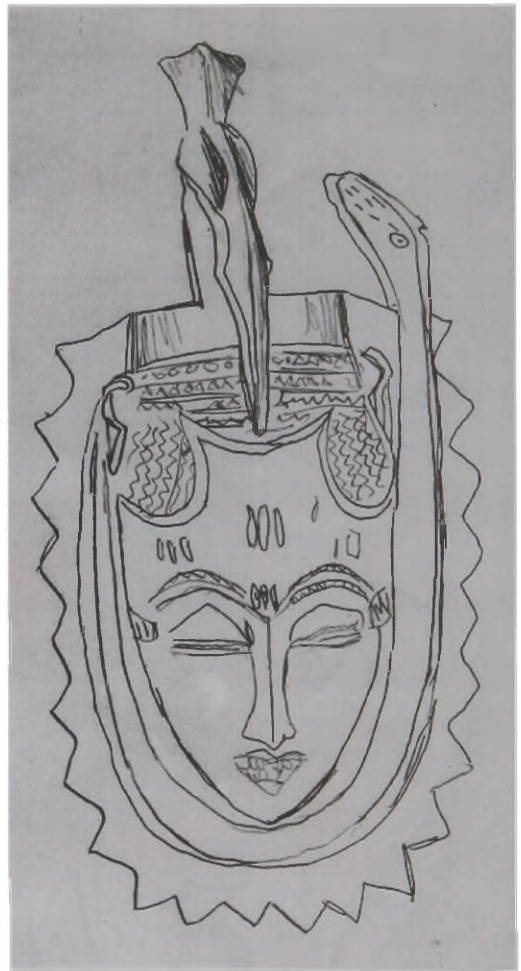


Fig. 18 - Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Yaurê. País: Costa do Marfim. Altura: aprox. 45cm. MAE-USP Inv. 73/10.3. Desenho: Lisy Salum.

à da Fig. 19, mas com o toucado em forma de disco: as ranhuras longitudinais simbolizariam “raios luminosos das divindades celestes”, e a sucessão de pequenos triângulos em torno do seu rosto representariam “gotas de chuva”.

Talvez parecesse precipitado do ponto de vista interpretativo, mas, numa apreciação formal, não

seria descabido associar o cimo dessa última máscara à forma do *pássaro Calao* dos Senufo. Esse pássaro é sempre muito estilizado, e nele destacam-se o “bico fecundador” e a “barriga da futura mãe” (Holas 1978: 150). Representado em grandes esculturas formas polidas e arredondadas, assentado frontalmente e na vertical, seu corpo é cons-

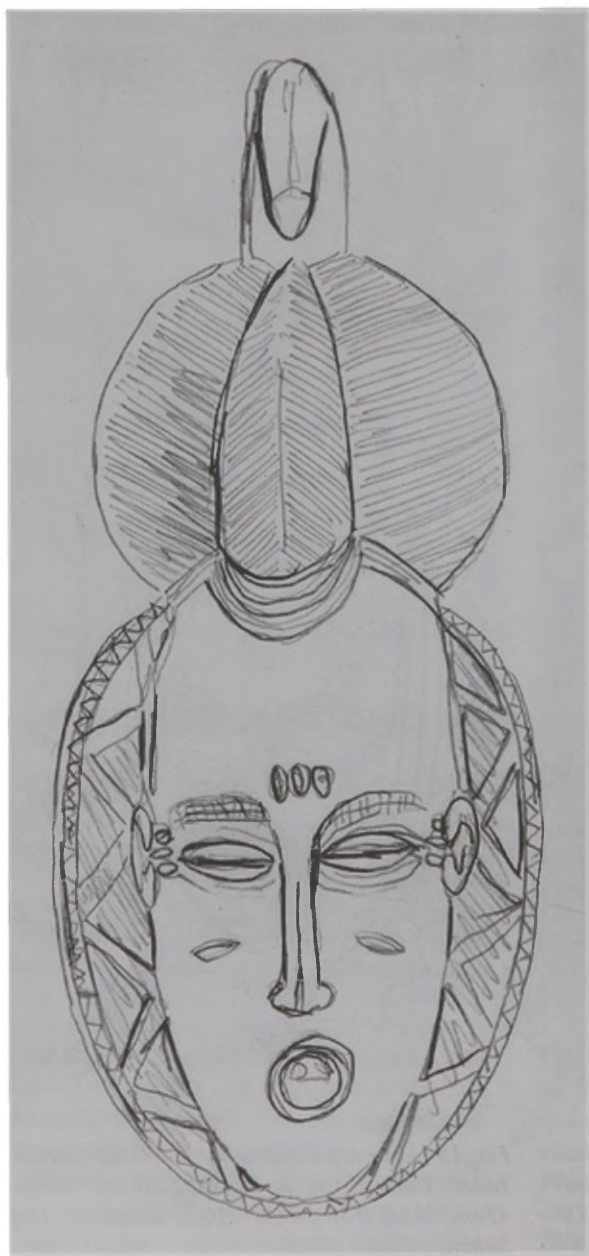


Fig. 19 - Máscara antropomórfica. Grupo étnico: Yaulê. País: Costa do Marfim. Recente. Altura: 47cm. Madeira com policromia escurecida. MAE-USP Inv. 78.d.1.12. Desenho: Lisy Salum. Foto: MAE - USP (detalhe superior, vista de perfil)

tituído por uma grande massa ascendente que se alonga para então formar a cabeça da qual descende a haste formando o bico orientado ao ventre protuberante. Os *Calao* aparecem em quantidade em coleções apenas nos anos 1950, momento em que, segundo Herold (1989: 29), cultos iconoclastas se difundem entre os Senufo. Até então essas estátuas eram colocadas perto de aldeias, nos “bosques sagrados”, acessíveis apenas a iniciados.

É oportuno que se diga que apesar dos Yaurê e dos Baulê, assim como os Guro atrás mencionados, sejam avizinados há dois ou três séculos dos Senufo, todos são povos diferentes. Desse modo, se houver alguma convergência entre a máscara e a escultura, ela deve ser encarada, aqui, em princípio, como plástica e não étnica.

Foi essa imagem – a do pássaro Calao – que nos vinha quando descrevíamos o cimo da máscara *yaurê* (Fig. 19), e ao chegarmos à protuberância da boca, pareceu-nos impossível, como que reforçando símbolos da plástica *senufo*, deixar de lembrar da presença no MAE de uma peça muito importante, cadastrada como “máscara ancestral” dos Senufo (Costa do Marfim) que também tem um prolongamento cilíndrico configurando a boca (Fig. 20). É interessante que nessa máscara *senufo* também se observe o talhe, no mesmo bloco matriz e no topo, de uma figura feminina de ventre inflado. Essa figura, através da imagem de *fecundidade*, é perfeitamente compatível com a idéia de “sopro vital” construída a partir da configuração da boca, e ambos os fatores justificam, e podem explicar, o fato de ela ter sido cadastrada como do “culto de ancestrais”.

Infelizmente não temos dados específicos dessa máscara, a não ser sua proveniência. De fato, ela contém elementos formais-estilísticos de um tipo de máscara chamado “*kpeliê*” de origem *senufo*: dois pares de hastes voltados para cima e dois para baixo, uma aba trapezoidal de ambos os lados na altura das orelhas, além de um prolongamento cilíndrico da boca e do queixo e incisões de elementos gráficos.

De algumas informações sobre a ocasião de uso das *Kpeliê* – “festivais de fertilidade”, “ritos funerários”, proteção da aldeia (cf. Segy 1976) – destaca-se o fato de ela “representar o defunto”, sendo a ela creditado o papel de “guiar o espírito ao território dos mortos”. Mas não se podendo atestar a generalidade dessas informações, é mais conveniente que essas máscaras sejam consideradas “iniciáticas”, como nos transmite os trabalhos de B. Holas. Segundo o autor, a máscara *kpeliê* toma diversas formas e nuances em diferentes agrupamentos *senufo*; ele nos dá um exemplo bifacial que considera “provavelmente resultado de uma contração funcional”. Um sinal do apotropaismo (postura ou movimento de ataque e defesa) característico da estatuária africana?

Na análise estilística de uma máscara do tipo “*kpeliê*” a maior parte dos autores destaca que, co-

mo os componentes morfológicos da máscara, a decoração alude a formas de existência terrestre – homens e animais. As excrescências sobre o contorno são, de acordo com Himmelheber (*apud* Herold 1989: 30), remígios, retrizes e patas do Calao, e a fronte abaulada, perfaz sua garganta – seu colo? seu seio?. Afinal, a máscara *Kpeliê* está, segundo Holas (1978: 92), sob a égide do *Pássaro Calao* que simboliza a natureza celeste, e participa de sequências de dança cuja finalidade é de lembrar as diferentes etapas da criação, e também “de contribuir com os



Fig. 20 - Máscara zoo-antropomórfica. Grupo étnico: Senufo. País: Costa do Marfim. Provavelmente Máscara *Kpeliê*. “Antiga” (conforme listas de inventário). Altura: aprox. 45cm. Madeira pintada, tecido e cauris. MAE-USP Inv. 75/4.20. Foto M. Isabel Fleming (vista lateral ¾ direita).

movimentos do mundo, tendo como centro a noção de força vital.”

Diante dessa citação, podemos considerar que não estivemos tão ao largo quando relacionamos a boca das máscaras *senufo* (Fig. 20) e *yaurê* (Fig. 19) ao “sopro vital”. E não é que as ranhuras de uma máscara dos Yaurê poderiam ser, como compreendemos de Ki-Zerbo, da mesma natureza – celeste – do *Calao* dos Senufo? Ainda que no meio de sobrevôos geográficos e flutuações do imaginário (deles e nosso), o que é inevitável recuperar desse discurso é sua semelhança com o de M.Griaule sobre a associação de máscaras dos Dogon ... *ela dança a marcha do mundo, ela dança o sistema do mundo...*

E aqui, onde se encontra motivo para retomar a discussão sobre mitos, aparece a chance de prosseguir pelo viés da arte, e da máscara. Nesse ponto encontra razão a análise de Boas (1945) sobre os valores que ele atribui às artes plásticas e decorativas, se pudermos isolar da máscara o tratamento de superfície e, da estátua, o talhe estrutural. Nesse caso veríamos constatado que, na África, a produção tradicional de estátuas era mais representativa enquanto que a de máscaras era mais simbólica, muito embora restritos ao plano formal. O estudo de Jamin (1979) examina a precipitação de atribuir-se um caráter sagrado, e simbólico, a certas máscaras dos Senufo, que o autor encara como

mais dramático, na qualidade que teriam como instrumentos alternantes entre a “ordem do rito e do religioso” e a do “teatro e da representação”. Vai daí o caráter espetacular de algumas máscaras africanas que no plano social era mais “concreto” do que “simbólico”.

É indiscutível, porém, que no centro disso tudo estava o Homem por quem e para quem a produção estética estava originalmente destinada. Os critérios de avaliação são diferentes e os de interpretação devem ser dialetizados (cf. a esse propósito o artigo de Borgatti 1982).

Por isso, seria interessante se pudéssemos agora retomar a palavra *mítico* pensando num tempo imemorial, mas que se rememoriza, que se atualiza, cujo abstracionismo se revigora no real. Mesmo diante da força interpelativa das máscaras, talvez isso nos ajude a distanciar-nos, não das feras e da selva, mas de sua sedução, já que sua imagem não é “deles”, mas nossa e estará sempre presente dentro de nós.

Poderíamos então compreender porque é tão corrente dizer-se que máscaras africanas representam um “ser mítico”, dando-nos conta, ainda que por símbolos, da origem nuclear e dinâmica de nossa própria visão de mundo e da interferência do nosso imaginário na razão interpretativa. Isso, no mínimo, preservaria a integridade do elemento sensível da máscara na sua forma material.

SALUM, M.H.S. Discursive notes in front of African masks. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 233-253, 1996.

ABSTRACT: We discuss some current ideas and concepts concerning African masks in catalogues and exhibitions. Outside of their context of origin and incorporated in the universe of collections, what do the “antelope masks”, “masks which represent a mythical being” mean? How could we explain, in a few words, the meaning of “ancestor mask”? Reflecting upon that under an aesthetic-anthropological perspective, as well as from the perspective of one who is seeing them for the first time, we present twenty wooden African masks, most of them unpublished, now at the Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo asset.

UNITERMS: African Art: Stylistic – African Art: Typology – Anthropology – Sculpture – Aesthetics – African Ethnography – Art History – Masks: Ethnography – Museums African Collections.

Referências bibliográficas

- BALANDIER, G.
1971 *Sociologie actuelle de l'Afrique noire*. Paris, PUF.
- BALANDIER, G.; MAQUET, J.
1968 *Dictionnaire des civilisations africaines*. Paris, Hazan.
- BOAS, F.
1945 *El arte primitivo*. México, Fondo de Cultura Económico.
- BORGATTI, J.
1982 Okpella Masks: In Search of the Parameters of the Beautiful and the Grotesque. *Visual Communication*, 8(3): 28-40.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.
1983 Arte afro-brasileira. W. Zanini (Ed.) *História Geral da Arte no Brasil*. Vol. 2. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles: 975-1033.
- CORNET, J.
1975 African Art and Authenticity. *African Arts*, 9(1): 52-5.
- EVANS-PRITCHARD, E.
1978 *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva (Estudos, 53).
- FISCHER, E.
1985 Masken für den Kult – Masken als Zeichen von Macht. *Swissair Gazette*, 3: 24-9.
- GEERTZ, C.
1994 El arte como sistema cultural. *Conocimiento local: Ensayos sobre la interpretación de las culturas*. Barcelona, Paidós: 117-146.
- GRIAULE, M.
1963 *Masques dogon*. Paris, Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris.
1966 *Dieux d'Eau: entretiens avec Ogotemmêli*. Paris, Fayard.
- GRIMALDI, N.
1983 La leçon des masques. *L'art ou la feinte passion: Essai sur l'expérience esthétique*. Paris, PUF: 5-18.
- HAMPATÉ BA, A.
1979 Los archivos orales de la historia. *El Correo de la UNESCO*, XXXII: 17-23.
- HEROLD, E.
1989 *Rites et costumes dans l'art africain*. Paris, Cercle d'Arts.
- HOLAS, B.
1978 *L'art sacré sénoufo*. Abidjan, Les nouvelles éditions africaines.
- IMPERATO, P.
1971 The dance of Tyiwara. *African Arts*, 4(1): 8-13;71-80.
- JAMIN, J.
1979 Le double monstrueux: les masque-hyène des Senoufo. *Cahiers des Études Africaines*, XIX(1-4): 125-42.
- KACOU, V.
1978 Les masques et leur fonction sociale chez les Gouro. *Annales de l'Université d'Abidjan (Ethno-sociologie)*, VII: 77-84.
- KI-ZERBO, J.
1979 Un continente en busca de su pasado. *El Correo de la UNESCO*, XXXII: 7-11;70.
- LAWAL, B.
1983 A arte pela vida: a vida pela arte. *Afro-Asia*, 14: 41-59.
- LEIRIS, M.; DELANGE, J.
1967 *Afrique noire: la création plastique*. Paris, Gallimard.
- LEUZINGER, E.
1962 *Afrique: l'art des peuples noirs*. Paris, Albin Michel.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1976 A ciência do concreto. *O pensamento Selvagem*. São Paulo, Nacional.
1979 *A via das máscaras*. Lisboa, Presença.
- PAULME, D.
1956 *Les sculptures de l'Afrique noire*. Paris, PUF. (L'oeil du connaisseur).
- PETRIDIS, C.
1992 *Gipogo et Pumbu a mfumu: masques du pouvoir cheffal chez les Pende du Kasai*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 75-89.
- ROUMEGUÈRE-EBERRHARDT, J.
1963 *Pensée et société africaines*. Paris, Mouton.
- RUBIN, W. (Ed.)
1988 "Primitivism" 20th Century Art. 2 Vol. New York, Moma.
- SALUM, M.H.
1996 *A madeira e seu emprego na arte africana: um exercício de interpretação a partir da estatuária tradicional bantu*. Tese de doutorado em Antropologia Social; FFLCH, USP.
- SALUM, M., CERÁVOLO, S.
1993 Considerações sobre o perfil da Coleção Africana e Afro-Brasileira no MAE-USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 3: 167-85.
- SEGY, L.
1976 *Masks of Black Africa*. New York, Dover.
- VERGER-FEVRE, M.-N.
1982 Masques faciaux de l'Ouest de la Côte d'Ivoire. *Africa-Tervuren XXVIII*(3): 54-63.
- WILLET, F.
1995 *African Art*. London, Thames and Hudson.
- WINGERT, P.
1971 Anatomical Interpretations in African Masks. C. Jopling (Ed.) *Art and Aesthetics in Primitive Societies: a Critical Anthology*. New York, Dutton & Co.: 35-44.

VÍDEO & PESQUISA ANTROPOLÓGICA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Carlos Francisco Pérez Reyna*

REYNA, C.F.P. Vídeo & pesquisa antropológica: encontros e desencontros. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 255-267, 1996.

RESUMO: Desde a sua invenção, as imagens em movimento vêm sendo utilizadas de diferentes maneiras. Tanto como ferramenta de pesquisa nos fenômenos culturais, quanto instrumento para ilustração e difusão das pesquisas. A *práxis* videográfica precisa de propostas metodológicas que possam ir muito além da simples utilização das imagens animadas como instrumento de registro. É por isso que, baseados em nossas experiências e análises imagéticas tentamos refletir as especificidades, potencialidades e, sobretudo, algumas considerações metodológicas a respeito da utilização videográfica em pesquisa de campo. Como resultado disso, levantamos certos fragmentos incômodos destes encontros e desencontros entre o vídeo e a pesquisa antropológica.

UNITERMOS: Pesquisa de campo – Filme antropológico – Imagem animada – Observador – Observado – Feedback – Observação compartilhada – Observado filmado – Análises imagéticas – Observação diferida – Bastidores – Antropologia Visual.

Encontros

Desde que em 1870, o fotógrafo inglês Edward Muybridge demonstrou através do uso de fotografias paradas em intervalos controlados, que as quatro patas de um cavalo em pleno galope ficavam suspensas no ar ao mesmo tempo. Inquestionavelmente colocou-se a base fundamental do uso do filme na pesquisa científica. Esse estudo foi o primeiro reconhecimento científico sobre detalhes efêmeros do movimento que não são facilmente capturados a olho nu. Em 1882, Etienne Jules Marey, conseguiu construir nas dimensões de um fuzil de caça um aparelho capaz de fotografar doze

vezes por segundo um mesmo objeto na linha de mira. Dava origem com ele a cronofotografia que, pela primeira vez, permitia a produção de imagens em movimento.

A câmara moderna está estreitamente vinculada a esta primeira invenção, a qual registrou uma imagem dez a doze vezes por segundo em uma bobina contínua de papel sensibilizado. A partir de então, a imagem animada tem sido usada abundantemente nas pesquisas científicas desde a astronomia e zoologia até as ciências humanas. Em todos esses campos vem sendo a melhor ferramenta para registrar o movimento. Os psicólogos a têm usado, tanto no estudo animal como no comportamento humano, Gessell gostava de trabalhar o desenvolvimento da criança (1934,1945), o seu trabalho baseava-se não somente no estudo da metragem do filme mas na comparação e análises deta-

(*) Departamento de Multimeios do Insituto de Artes da Universidade de Campinas, SP. Pós-Graduação, mestrado.

lhadas de *frames* ampliados e únicos (Collier Jr. 1986 140).

A antropologia experimentou a utilização deste novo meio de comunicação quando, no final do século XIX, o médico Félix-Louis Regnault¹ filmou uma mulher *oulove* enquanto fabricava potes de cerâmica durante uma exposição sobre África Ocidental, em Paris (Piault, 1995: 23). Um destacado e pouco valorizado precedente é encontrado na obra de Edward S. Curtis, que passou mais de 30 anos realizando documentários sobre os índios norte-americanos. Segundo Brisset, "*Curtis passou três temporadas entre os Kwakiutl da ilha de Vancouver realizando filmes de ficção, de amor e de guerra, revivendo mitos, danças tradicionais, ambientados em cenários nos quais tratou de reconstruir formas culturais anteriores à chegada do homem branco.*" (Brisset, 1989 134).

Mas foram Margaret Mead e Gregory Bateson (1936-38), que fizeram uso efetivo da imagem animada para a análise cultural do comportamento. Marvin Harris considera que a capacidade demonstrativa das observações destes antropólogos, publicando ou exibindo esses registros juntamente com as descrições verbais, foram práticas fundamentais para a instauração de uma nova *práxis* no trabalho de campo. Hoje em dia esses primeiros documentos visuais alcançam o *status* de clássicos.²

A partir dessas primeiras experiências o audiovisual tem sido utilizado de duas maneiras. Marc-Henri Piault diferencia esses usos: "*para a antropologia, o cinema e os diversos métodos au-*

diovisuais são tanto instrumentos de observação, instrumentos de transcrição e interpretação de realidades sociais diferentes quanto instrumentos para ilustração e difusão das pesquisas." (Piault, 1994: 63). A primeira diz respeito a uma ampla gama de investigações que envolve o audiovisual como ferramenta de pesquisa nos fenômenos culturais. A segunda, ao grande interesse pelos filmes antropológicos – e à produção destes – na utilização em salas de aula e outros auditórios.

Algumas características da imagem animada

Embora não seja nossa pretensão entrar em discussões sobre as diferenças entre a imagem videográfica e a imagem fílmica, para efeito de uma melhor separação entre os dois tipos de imagens, o faremos a partir do ponto de vista técnico. Para tanto vamos nos manter àquilo que diz Jacques Aumont a propósito desta distinção:

“ Enquanto a imagem videográfica é gravada em suporte magnético; a imagem fílmica é uma imagem fotográfica;

- a imagem do vídeo é gravada por varredura eletrônica que explora as linhas horizontais superpostas; a imagem fílmica é gravada de uma vez;

- a imagem fílmica resulta da projeção sucessiva de fotogramas separados por faixas pretas; a imagem videográfica, de uma varredura da tela por um spot luminoso.” (Aumont, 1993 170-171). Cabe assinalar que além de “ruídos” e “chuviscos” de transmissão, “não há entre vídeo e cinema nenhuma diferença perceptível no que tange ao movimento aparente” acrescenta o autor. Baseado nestas “coincidências”, é que, ao falar de imagens em movimento, estamos nos referindo tanto ao vídeo quanto ao filme.

Depois desta prévia consideração, podemos nos perguntar o que caracteriza as imagens em movimento? Podem essas imagens captar o caráter do comportamento humano? Para John Collier Jr., com as imagens em movimento, a natureza e o significado do comportamento social tornam-se fáceis para uma descrição com detalhes responsáveis. A linguagem do movimento define o amor e o ódio, a indignação e a alegria, a raiva e o prazer entre outras qualidades de comportamento (Collier Jr. 1986: 140).

(1) Segundo Piault, Regnault, autor do primeiro filme etnográfico, proclamou, várias vezes, o interesse do cinema para a etnografia, chegando até propor a criação de museus audiovisuais de etnografia, associando as fontes do cinema e do fonógrafo.

(2) Não é necessário enfatizar que os exemplos aqui citados no campo da antropologia visual (ou fílmica) são apenas alguns poucos de um leque muito extenso. Não é nossa intenção entrar em terrenos históricos; para uma melhor compreensão do processo de formação do filme etnográfico, sugerimos leituras dos seguintes textos: (versão em francês) Emilie de Brigard. “Historique du film ethnographique”, in Claudine de France (Org.) *Pour une anthropologie visuelle*, Paris (EHESS), 1979, pp. 21-51. (versão em inglês); *Op. Cit.*, “The History of Ethnographic Film”, in Paul Hockings (Org.) *Visual Anthropology*, La Haye (Mouton), 1975, pp. 13-43; e Pierre Jordan “Primeiros contatos, primeiros olhares”, in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, UERJ, 1995, pp. 11-22.

Tomando como ponto de partida os motivos explicados por este autor, surge uma série de pesquisas que servem como ilustração. A experiência realizada por Edward T. Hall no verão de 1968 é um bom exemplo disso. Usando um equipamento Super-8, registrou três diferentes tipos de famílias: uma anglo, uma tewa (índia) e uma espanhola, todos desfrutando de um passeio em uma feira de uma cidade ao norte de New México. À primeira vista, o filme parece conter cenas de comportamento habitual, mas ao projetá-lo em câmara lenta e quadro a quadro, revela detalhes e contrasta estilos não verbais de cada família, sincronismo e aspeireza dos movimentos e comunicações entre pessoas de diferentes práticas sociais (Collier Jr. 1986: 141). Nesta experiência, o filme constitui-se numa ferramenta ideal para o estudo do comportamento e processos de análises culturais.

Só o filme e o vídeo podem chegar mais próximos do realismo do tempo e do movimento ou as variedades de realidades psicológicas nas relações interpessoais. Um exemplo disso está na difícil avaliação do caráter do amor entre pais e filhos com fotografias, enquanto que tanto o filme quanto o vídeo podem registrar a natureza, a duração e a frequência do contato familiar. O que não acontece com a fotografia, porque ela quebra a cadeia de atitudes e reações em face do meio social; estes cortes no tempo são fragmentos de vestígios emocionais fluentes de um processo qualquer de comunicação.

O filme e o vídeo são meios operacionais que nos introduzem em novos domínios do estudo antropológico. Desde a captação de sutilezas imperceptíveis a olho nu como as relações sociais, até as cerimônias, as danças ou qualquer evento complexo onde muitos elementos estão em movimento conjunto e/ou permanente. Barrie Machin,³ questiona os resultados da pesquisa “*A Performative Approach to Ritual*” do etnólogo Tambiah (1981), que trata do exorcismo em Sri Lanka. Tendo trabalhado na mesma região e com dados coletados em vídeo, as observações de Machin,⁴ diferem daque-

las levantadas por Tambiah que só utilizou a observação direta (Machin 1988: 64-68).

Neste caso, a dificuldade de reunir dados para desvendar eventos complexos – rituais – coloca aos pesquisadores não usuários da imagem animada certos problemas de observação. Os clássicos métodos para a coleta de dados são pouco questionados, não obstante se constituam em, assim chamados, dados primários, têm que ser com antecedência analiticamente reconstituídos. Nesta situação, o “*cru*”⁵ caderno de campo e a memória chegam a ser, em conjunto, altamente incompletos e inadequados (Janckins 1988: 160). O valor especial do vídeo na citação mencionada, está, bem entendemos, na capacidade de registrar as nuances do processo, da emoção e outras sutilezas do comportamento e da comunicação, que a fotografia, a memória e o caderno de campo não estão em condições de prover.

É muito natural que o material recolhido no trabalho de campo requeira muitos exames, uma vez que os fenômenos observados são compostos por vários elementos às vezes dispersos, que formam um conjunto. Tradicionalmente, o pesquisador só dispõe de sua memória para, a partir de suas notas, recompor esse conjunto. O vídeo modifica radicalmente esse processo pois os elementos constituintes do fenômeno observado podem agora ser vistos, revistos e envolver os informantes em sua interpretação.

Especificidades do vídeo: o feedback como processo

Historicamente, temos muitos pioneiros que utilizaram a imagem animada como meio de documentar o que se entendia na época como sociedades pouco evoluídas. A realização desses documen-

tudos sobre rituais (...) dependendo da natureza da pesquisa, os dados coletados no trabalho de campo precisam provar certo grau de exatidão, o qual é inusual. Por isso, remeto-me à natureza revolucionária do trabalho de campo com câmera de vídeo. Os avanços da ciência frequentemente vêm com melhoras técnicas, e a meu ver o vídeo é um novo instrumento radical para antropologia. Eu acredito nisto porque se faz observações instantâneas de si mesmo, dos informantes, e em parte porque produz um aumento de atenção no operador, uma espécie de ‘*Cinéma-transe*’ a que Rouch referia-se.” (5) “*raw*”, expressão utilizada por Clifford e Marcus (1986) para chamar o bloco de notas, após as pesquisas de Mead e Bateson em Bali.

(3) Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Oeste da Austrália, Nedlands, Austrália.

(4) “Eu não reconheci os processos rituais, sobre as quais as suas análises foram supostamente baseadas. A limitação das descrições no seu artigo não parece pertencer aos mesmos trabalhos de exorcismos que eu tenho estudado em Sri Lanka (...) a maioria das omissões importantes está no fato de que certos etnógrafos têm tido resistência para aprofundar os es-

tários fez deles precursores da transformação dos métodos clássicos de pesquisa antropológica. Entre os mais nomeados e conhecidos, o geólogo Robert Flaherty – considerado o *patriarca* do filme antropológico, filmou o dia-a-dia do esquimó *Nanook*. Ainda jovem, Flaherty acompanhava seu pai, proprietário arruinado de uma pequena mina, em suas viagens de exploração para grandes companhias de mineração. Em uma dessas expedições pela Baía de Hudson, levou uma câmara para filmar, em seus momentos livres, os esquimós. A sua idéia era mostrar aos *Innuít* suas próprias imagens, porém o resultado da montagem não chegou a satisfazê-lo. Abandonadas as explorações, Flaherty e a esposa voltaram ao norte do Canadá para continuar seu projeto. *Por que não registrar um típico esquimó e sua família, e fazer uma biografia de suas vidas durante um ano?* Esta foi sua idéia central, estruturando-a em torno da constante luta contra a fome no terrível clima polar. Com o apoio financeiro de um curtume, e uma câmara de 35mm, os Flaherty levaram 16 meses para filmar o caçador Nannok e sua família, encarregando-se de sua alimentação para assim poder dedicar-se exclusivamente às filmagens. *A essência de seu método foi no mesmo dia revelar e projetar aos seus personagens as imagens registradas.* O filme converteu-se na mais famosa das crônicas sobre formas de vida primitiva. Surgia, então, o que Jean Rouch chamaria “*a invenção de toda nossa ética*”, para responder à sua principal preocupação: “*como filmar pessoas sem lhes mostrar as suas imagens?*” (Rouch, 1993: 16). É a partir desta observação compartilhada ou participante,⁶ que se abre a colaboração mútua entre pessoas filmadas e o antropólogo-cineasta (Rouch 1979: 56). *A participação imediata*⁷ e direta dos personagens ob-

servados no registro, constitui a singularidade deste método de pesquisa, uma vez que aumenta o campo de observação, de análise e interpretação conjunta. Isto é, mostrar aos personagens suas próprias imagens e motivá-los a comentá-las, debatê-las e discuti-las após os registros. Este procedimento implica, muitas vezes, o que Clarice Peixoto salienta como “*encontro ou confronto de lógicas e culturas diferentes, de conceitos de identidade ou ‘alteridade’, do problema da realidade e da representação ou ainda o lugar do visual nos modos de expressão*” (Peixoto 1994: 13). Em outras palavras, o vídeo,⁸ enquanto ferramenta, além de animar e instigar o conhecimento mútuo, tem a capacidade de provocar uma auto-contemplação, levando o agente filmado a rever e reencontrar momentos e situações nos quais foram observadas. Em razão disso, a imagem provoca estados de ânimo em harmonia à aceitação ou rechaço, de riso ou de choro, ou simples silêncio, do mesmo modo que estimula à fala e a reflexão sobre si mesma. Jean Rouch explica exemplarmente estas situações quando narra os bastidores da projeção do seu filme “*Bataille sur le Grand Fleuve*” (1993 19-20).

Portanto, esta especificidade é meio de transmissão de conhecimento que leva o espectador à descoberta de uma outra cultura, e aqui não somente nos aspectos mais espetaculares, mas nas suas interações, representações ou dimensões menos evidentes (relações interpessoais, espaços geográficos, etc.). Nesse sentido, a experiência da pesquisadora Clarice Peixoto (1993) evidencia essas dimensões. A sua proposição fundamental foi apresentar os copiões às pessoas filmadas e realizar, em sua companhia, o exame das imagens de seu cotidiano tanto na praça Batignolles, bem como aquelas que mostravam as atividades dos personagens brasileiros. O ato de filmar desempenhou, desse modo, um papel importante tanto no estabelecimento dos contatos com os personagens quanto no acompanhamento de suas práticas sociais. Neste caso, filmar é muito mais uma investigação

(6) Acepção extraída do texto de Jean Rouch, ao citar Luc de Heusch, para definir a *câmara participante* como um terceiro personagem nesta relação de troca de informações. Este feedback, é também chamado por alguns autores de *effemiror* (efeito espelho), Jean Rouch de *anthropologie partagée* (antropologia compartilhada).

(7) “Marc-Henri Piault prefere designar a este processo pelo termo de *anthropologie de l’échange* (antropologia das trocas), ela objetiva a confrontação de duas culturas. Segundo o autor, traduz mais adequadamente o trabalho de localização recíproca entre o pesquisador/cineasta e seus personagens, já que coloca a distância e a proximidade em um processo de troca recíproca. Mesmo se a troca é desigual” (Peixoto 1995: 118).

(8) Depois do aparecimento do gravador (magnetofono) e da câmara Polaroid, o vídeo é uma das últimas etapas das tecnologias de instantaneidade. Sabe-se também, apesar dessas virtudes, que o vídeo tecnicamente é inferior ao filme pela sua baixa definição e maior escala de contrastes, da ordem de 100 contra 30. Finalmente, a conservação do vídeo, vulnerável aos campos magnéticos, ameaça uma melhor durabilidade de seus sinais.

do processo de conhecimento do que um instrumento para escrever os sistemas.

As potencialidades da prática videográfica recebe um destaque especial na obra de Claudine de France, a qual elabora toda uma proposta metodológica que vai muito além das simples utilização das imagens animadas como instrumento de registro. France mostra com clareza as suas principais funções: “Podemos inicialmente afirmar que colocar em evidência os fatos que são impossíveis de estabelecer somente com a observação direta e descrever aqueles dificilmente restituídos pela linguagem constituem as duas funções principais do filme etnográfico.” (1976: 140). Assim sendo, a imagem animada tornaria evidente as diferentes manifestações sensíveis e impossíveis de estabelecer com a observação naturalista; e descreveria aqueles dificilmente restituídos pela linguagem escrita. Nesse caso, a imagem animada permite uma utilidade científica, a sua originalidade de *evidenciar fatos que são impossíveis de estabelecer* em relação a outras formas de observação e de expressão clássica.

Qual seria então o papel das expressões verbais e escritas? Segundo a autora, as expressões verbais e escritas têm na imagem animada um suporte que lhes permite desempenhar-se melhor sobre constantes e inalteráveis fenômenos fluentes, e não mais sobre a persistência cristalizada das representações artísticas de características figurativas estáticas (desenhos, pinturas, fotografias), ou sobre o fluente efêmero do mesmo modo que apreende a observação direta, imediata. France enfatiza essa relação: “Tomando o lugar da escrita, a imagem animada libera assim linguagem de seu papel de espelho aproximativo do fluente, sobre o qual pode ser dito agora um discurso totalmente diferente.” (1989: 7). Como resultado disso, a adoção da imagem animada nas pesquisas modifica profundamente as relações entre a observação e a linguagem (oral ou escrita). A autora chama a esta nova relação “*observação imediata / observação diferida / linguagem.*” (1989: 7).

A observação diferida

Observar e descrever são ações inerentes a toda prática antropológica, sobretudo nos moldes da *práxis* clássica. Com a introdução das novas propostas imagéticas – o vídeo, neste caso – as possibilidades de enriquecer e incrementar um outro

exercício além destas duas técnicas, revolucionaram o método empírico natural dirigido a revelar e explicar as características observáveis dos fatos reais. Essas particularidades pressupõem determinadas operações práticas, tanto com os objetos estudados quanto com os meios materiais de apreensão de conhecimento utilizados. Entenda-se este método de observação como o *método de conhecimento empírico*, isto é, “*a percepção dirigida à obtenção de informação sobre objetos e fenômenos da realidade constitui a forma mais elementar de conhecimento científico, na qual encontra-se a base dos demais métodos empíricos.*” (Rodríguez 1984 40). Em outras palavras, este tipo de observação se produz da ação do objeto exterior sobre os órgãos sensitivos do homem e, como conseqüência, desta atividade origina-se a percepção da realidade objetiva.

Destas práticas – observar e descrever – julgava-se ter dito tudo. A partir de 1969, após numerosos exames e realizações de filmes, Claudine de France⁹ levanta interrogações, questões, opções e dificuldades de ordem metodológica que, no filme antropológico, permaneciam obscuras, ainda que existissem aportes teóricos metodológicos efetuados por diferentes pesquisadores usuários da imagem animada. Dos resultados destas análises, a autora entra num terreno importante a ser desvendado, sobretudo no que diz respeito à utilização do audiovisual como meio de obter conhecimento na antropologia. Com o intuito de propor certas considerações de rigor metodológico, ela parte da seguinte interrogação: “*sobre os aspectos da atividade humana os mais acessíveis à imagem animada e sobre os meios específicos à disposição do etnólogo-cineasta para mostrá-los ou colocá-los em relevo, fomos levados a nos colocar a seguinte questão: até que ponto a introdução do cinema na etnologia modificou a maneira que tinha o etnólogo de observar e descrever?*” (1989 3).

Sabemos que em todo processo de observação podem ser reconhecidos basicamente cinco componentes:

(9) Da Formação de Pesquisadores Cinematográficos da Universidade de Paris X-Nanterre sobressai, notadamente, a obra *Cinéma et Anthropologie*, de Claudine de France, tese que releva fundamentalmente as opções e dificuldades particulares que todo cineasta depara no desenrolar dos registros visuais em antropologia.

- o objeto de observação;
- o sujeito de observação;
- as condições de observação;
- os meios de observação; e
- o sistema de conhecimentos a partir do qual formula-se o objetivo da observação.

Tanto o objeto quanto o sujeito de observação são elementos imprescindíveis para que esta se realize; não há observação sem objeto quanto menos sem sujeito. Por outra parte, as condições de observação se constituem nas circunstâncias através das quais esta se realiza; quer dizer, o contexto natural ou artificial no qual o fenômeno social se manifesta ou se reproduz. Por sua vez, o sistema de conhecimentos, onde se demarca o processo de observação, é o corpo de conceitos, categorias e fundamentos teóricos da antropologia.

No entanto, são os meios materiais de observação – neste caso, o vídeo – que possibilitam a ampliação, a transformação das qualidades, as características e/ou as particularidades do objeto da observação. É neste estágio do processo de observação que nos detemos a pensar na seguinte questão: *será que antes de passar a observar outras fases do objeto de pesquisa ou, eventualmente, a elaborar e descrever os primeiros resultados da observação sensorial,*¹⁰ *não deveríamos verificar se esta observação foi minuciosamente realizada?* Aqui, a imagem animada desempenha um papel fundamental porque ela oferece às práticas de observar e descrever um novo suporte a usufruir,¹¹ colocando assim um novo olhar, desta vez “mecânico”, naquilo que nos é dado ver. No entanto, reconhece-se que pela mediação¹² deste olhar “mecânico” o pesquisador usuário deste novo suporte orienta a observação e a descrição, ao sujeito sensível de registro imagético.

(10) Mesmo quando esta observação for participante, sem a utilização de uma ferramenta de registro audiovisual, não deixa de ser sensorial e imediata.

(11) Útil o termo usufruir nos dois sentidos: *de posse*, porque a observação uma vez cristalizada ou registrada, nos outorga a possibilidade do *feedback*; e *de gozo*, para tirar proveito de dados essenciais das variadas manifestações concomitantes que compõem a atmosfera de um grupo humano, e que geralmente passam despercebidos na observação natural.

(12) É também mediação, na medida que se estabelecem as relações entre o etnólogo e as pessoas filmadas no próprio local de observação, antes que o instrumento invasor possa provocar rejeição de parte dos agentes e assim ocasionar ruptura das relações entre observador e observado.

São exemplos de pesquisas e filmes que nos permitem sustentar este propósito, entre outros, o de Barri Machin, sobre a restituição de rituais de exorcismo em Sri-Lanka; as experiências fílmicas descritivas como *Dead Birds*,¹³ de Robert Gardner, fundada nas atividades guerreiras (com arcos, flechas e lanças) e rituais funerais dos Dani¹⁴ (Heider 1995 41-44). Ou para citar outros ensaios fílmicos micro-descritivos de Claudine de France em *La Charpaigne e Laveusses* (France 1989: 38-70), cujos exercícios baseados na descrição do referencial espacial do movimento individual humano, de que o maior exemplo é o trabalho das mãos em oposição ao conjunto do corpo. Neste caso, a descrição aproxima a restituição das cadeias de gestos e operações concernentes a esses momentos.

O fato de fixar de forma persistente todo um fluxo de atividades sensíveis que podem ser analisados pelo pesquisador-cineasta, pelo informante e pelos dois juntos, no próprio campo ou no laboratório, inúmeras vezes, torna-se fundamental para novas descobertas. A abertura de uma nova relação de troca de informações, graças à potencialidade deste novo meio, segundo France (1989: 308), dá origem a uma nova proposta – *a pesquisa exploratória* –¹⁵ na antropologia:

Face a esta proposição, *a observação diferida* possui duas funções metodológicas:

1) com a mesma essência técnica e metodológica da observação partilhada, substitui a observação imediata no exame aprofundado do processo, a partir do momento em que: “*o registro cinematográfico, suporte da observação diferida, torna-se o primeiro ato da pesquisa. O filme abre a*

(13) Detalhes mais profundos sobre outras faces das guerras foram completados após a terceira viagem de Karl Heider aos Dani.

(14) Localizados na então Nova Guiné (hoje, a província de Irian Jaya, na Indonésia).

(15) “Três fatos parecem estar na origem da generalização da pesquisa exploratória. São eles: a existência de processos repetidos; a possibilidade técnica de repetir o registro contínuo destes processos; e a possibilidade de repetir, no próprio local da filmagem, o exame da imagem, ou seja, a observação diferida do processo estudado (...) De fato, a partir do instante em que o pesquisador dispõe do meio de reproduzir de maneira repetida a fluência do processo estudado e de observar à vontade sua imagem – o sensível filmado reversível –, por que persistiria em tomar por referência o sensível imediato irreversível? E por que se incomodaria com uma observação direta anterior ao registro do processo?”.

pesquisa. A entrevista com as pessoas filmadas e a inquirição dos informantes apoiam-se no exame do registro e deixam de ser uma etapa preliminar à filmagem, sendo eles próprios diferidos." (France 1989: 309).

2) instaura uma nova relação na construção dos resultados finais na pesquisa, pois enquanto na metodologia tradicional a verificação dos resultados pode ser prejudicada na passagem da observação sensorial, direta e imediata, uma vez que essa passagem traz como suporte o caderno de notas e a memória, na observação diferida esta passagem é mediada pelo observado filmado que gera um novo tipo de construção dos resultados finais pois estes se baseiam na observação diferida, que possibilita dois tipos de análises.

– Do ponto de vista do *antropólogo*: em primeiro lugar para examinar e interpretar os dados repetidamente com o propósito de obter respostas às interrogantes da pesquisa ou descobrir novas, e ao mesmo tempo oferecer alternativas de análise a outros pesquisadores sobre os mesmos dados visuais.

– E em segundo lugar, do ponto de vista do *cinesta*: para tomar conhecimento das diferentes relações entre as imposições instrumentais (neste caso, videográficas), e os procedimentos de descrição fílmica e principalmente de certas circunstâncias e situações¹⁶ do processo observado que não figuram sobre a imagem. Permitindo desta maneira um melhor ajuste nos métodos particulares de registro fílmico.

A conjunção destes olhares é um dos fatores que explicitam as vantagens de uma proposta metodológica colocadas na *observação diferida* (France 1989: 335-336). Desta maneira, temos um bom exemplo de decifração nas análises das imagens que Annie Comolli faz do filme de Jean Rouch *Architectes Ayorou* (*Op. Cit.* 1989: 339). Dito filme tinha sido pacientemente analisado pela pesquisadora antes que descobrisse em segundo plano da imagem, a presença de uma garota observando atentamente o trabalho das mulheres. Embora o cineasta não tenha tido a intenção de colocar em evidência esta forma particular de aprendizagem,

a observação diferida resulta neste caso ser um meio eficaz de encontrar no observado filmado, elementos ocultos da imagem. Deste modo, a fundamental preocupação para Annie Comolli, não é ver só os fatos e gestos da vida cotidiana ou cerimonial, mas de sublinhar, sobre a imagem, alguns de seus aspectos melhor do que outros.

Mas, o aproveitamento conjugado destes dois pontos de vista, é encontrado, entre outras pesquisas, nas análises imagéticas de Jane Guéronnet,¹⁷ que usufruiu das particularidades do vídeo e procedeu ao estudo da vida de uma família francesa de classe média alta em Paris. Nessa perspectiva, o seu objetivo foi estudar os cuidados do corpo a partir do comportamento que os pais dispensam na proteção higiênica de seus filhos na infância. Segundo a autora, os resultados desta sociologia elementar são eloquentes: "*O filme foi visto cerca de trinta vezes. Deste modo, o fluxo contínuo foi estabelecido: a revisão do vídeo, o comentário oral das imagens e a descrição por escrito das análises. A partir da visualização das imagens fomos capazes de formular algumas perguntas e respostas concernentes ao material observado.*" (Guéronnet 1993: 25-43). Nestes casos, as análises dos filmes permitem descobrir as relações e modos de cooperação e manipulação ou ritmo corporal dos pais durante o ato de banhar os filhos. Estes, por sua vez, mostram as diferentes formas de rituais de divertimento. Deste modo, todo movimento costumeiro é expressivo no coração das relações sociais entre os componentes da mesma família.

Enfim, a observação diferida fundamentada no observado filmado, propicia o esclarecimento, a explicação, a decomposição eventual e/ou mapeamento das diferentes formas de expressão ocultas ou de difícil percepção nos processos a descrever. Os diferentes exemplos aqui expostos admitem a possibilidade de outros resultados finais nas pesquisas. A *observação diferida* abre um novo suporte à escrita. Isto é, após múltiplos exames das imagens, tornarão possíveis maiores informações descritivas no texto final. Claudine de France o sublinha pertinentemente¹⁸ (1989: 346-347).

(16) Circunstâncias, aspectos, situações, momentos ou também chamados de *Bastidores*. A investigação destes *bastidores* concederão outros elementos à análise do processo de observação global.

(17) Jane Guéronnet (1953-1989), antropóloga/cineasta e especialista em procedimentos corpóreos, da Universidade de Paris X Nanterre, fez muitos filmes sobre rituais cotidianos na França. Publicou "*Le Geste cinématographique*" (1987), uma genuína teoria do ato de filmar no filme documentário. (18) "Das informações obtidas durante as entrevistas feitas a partir da visão repetida das imagens surge o material para

Acreditamos, portanto, que o registro videográfico em antropologia não limita-se à mera ação de filmar ou “disparar” o “olho mecânico” de qualquer maneira. Muito pelo contrário, o uso do vídeo força-nos a considerar a importância de procurar, investigar e evidenciar novas estratégias de pesquisa de campo. Quer dizer, produzir uma espécie de manifesto de estratégias que possam obrigar-nos a ir além da natureza clássica do trabalho de campo. Esta ferramenta pode guiar-nos ao desempenho emancipatório na pesquisa de campo, com a sagrada observação compartilhada e, fundamentalmente – graças às análises das imagens –, tornarem-se verdadeiros suportes não só ao diálogo com as pessoas filmadas, mas à abertura de brechas na análise multidisciplinar daquilo que a imagem nos deixa ver. Desta forma, podemos ter uma real ruptura com as formas tradicionais de observar e descrever, já que as especificidades que a imagem animada nos oferece pode tornar possível a produção social do conhecimento em certas áreas da antropologia.

Desencontros

Já se passaram mais de 60 anos desde que Robert Flaherty apresentou *Nanook* pela primeira vez; a partir de então, têm se realizado muitos filmes e recentemente muitos vídeos que nos mostram e descrevem “outras” culturas. No entanto, só algumas dessas realizações se elaboraram tomando como base aquilo que fez de *Nanook* uma das principais lições. Juntaram-se de alguma maneira duas modalidades culturais para assim poder observar tanto a vida cotidiana quanto os meios derivados de conhecimentos sistematizados. A

um texto escrito apoiado no observado filmado. O texto não possui a dupla função de fixar e de estabelecer os fatos móveis e irreversíveis, mas permite que o pesquisador/cineasta proceda ao estabelecimento e à análise fina destes fatos, cujas manifestações a imagem capta e retém, e explicita, sob uma forma mais ou menos coesa, segundo as necessidades, as relações que lhe são subjacentes (...) a escrita, mesmo contribuindo para elucidar a imagem, permanece sua serva, porque submete-se antes de tudo às leis de desenvolvimento do fluxo gestual. O texto nada mais é do que o momento necessário deste paciente trabalho de decifração do sensível do qual participa conjuntamente com a observação diferida e a palavra”.

opção de Flaherty no seu filme foi provavelmente o primeiro passo para a introdução dos meios de comunicação (cinema, vídeo e fotografia) na aquisição de conhecimento antropológico. Conhecimento através do qual tanto os povos que têm enfrentado o desafio que supõe a representação de suas próprias histórias e culturas, quanto dos antropólogos usuários do audiovisual que tentam ou reconstruir culturas no sentido contrário aos processos de aculturação, e divulgar elementos do comportamento tradicional para a posteridade, ou analisar os diferentes fenômenos culturais apoiados nas imagens como fonte reveladora de descoberta antropológica.

Já se passou também quase meia década desde que André Leroi-Gourhan apresentou seu trabalho intitulado “*Le film ethnographique existe-t-il?*” ao *Congrès International du film d’Ethnologie et de Géographie* (Leroi-Gourhan 1948: 42-50), artigo que contempla segundo Claudine de France, o nascimento do filme etnográfico. Mas, a sua integridade e constituição continuam a colocar em pauta a discussão assim como o lugar que lhe deve ser atribuído na pesquisa antropológica e na exposição de resultados. A mesma France constata tal evidência: “*tentar responder a esta questão de uma outra maneira que não seja através da exposição de um conjunto de receitas metodológicas é uma tarefa delicada porque ela supõe parcialmente resolvidos certos problemas fundamentais. Destes, os mais complexos dizem respeito às funções cognitivas da imagem animada, aos aspectos da vida social e cultural aos quais tem acesso o cinema e às maneiras como se processa este acesso.*” (1989: 1). De tal maneira que não é de surpreender que estes princípios metodológicos do filme etnográfico ainda permaneçam obscuros, não obstante os importantes esclarecimentos trazidos por aqueles que tentaram e continuam a fazer por várias vezes um balanço do emprego do filme etnográfico e considerar seus novos horizontes.

É por isso que, baseados em nossas experiências e análises videográficas, gostaríamos de fazer algumas considerações metodológicas e teóricas a respeito da utilização videográfica em pesquisa de campo. Sem a pretensão de um balanço exaustivo, não será nossa intenção constituir um panorama completo sobre a antropologia e o audiovisual. Cientes dessa de(limitação), quando muito, teremos composto certos *fragmentos incômodos*, acerca de reflexões que visem insistir na importância

do aprofundamento metodológico e epistemológico, de que adoece os encontros ou desencontros destas duas *práxis*.

a) Em comparação com outras áreas das ciências sociais, a antropologia visual mantém abertas brechas decisivas no campo epistemológico. Isto como resultado dos diferentes usos que confere ao filme antropológico. Quer nas pesquisas que envolvem tanto o filme quanto o vídeo como ferramentas de registros audiovisuais dos fenômenos culturais, quer pelo grande interesse na produção de filmes etnográficos com o intuito de serem utilizados em salas de aula e outros auditórios. Quer como possibilidade de interação com os próprios grupos estudados. Quer como meio de utilização e expressão político-cultural dos próprios personagens, enquanto realizadores. Marc-Henri Piault, confirma esta falta de constituição da antropologia visual: “*infelizmente, estes usos variados são em geral, confusos, e atribuem ao cinema antropológico um estatuto relativamente sombrio, o que torna sua utilização, de certo modo, ambígua.*” (1994: 62-63). Hoje em dia, é reconhecido que como consequência dos resultados dos registros imagéticos com objetivos antropológicos, é conferida ao cinema antropológico ou à antropologia visual uma constituição sem a robustez de outras disciplinas nas ciências sociais. Manifestando-se, por um lado, as diferentes complicações encontradas na difusão dos filmes que são, em grande parte, um pouco menos que informações confidenciais, limitados a um pequeno grupo. Sem poder conseguir, assim, um estatuto de rigor científico para os resultados, nem a recepção de um grande público.

Por outro lado, urge, acreditamos, um aprendizado da leitura dos dados audiovisuais, pois o desconhecimento da linguagem cinematográfica é um obstáculo tanto para os usuários que buscam desenvolver esta técnica quanto para os antropólogos que analisam os resultados. Concordamos com o que David MacDougall considera atentamente: “*Quando recorremos ao filme, devemos saber se é como método de trabalho de campo ou como simples meio de publicação, pois produzir um filme é não tanto saber olhar através de uma câmera quanto ver o que há na tela.*” (1994: 72). O autor pretende dizer, bem entendemos, que também são preocupações de todo antropólogo, apreender elementos próprios de uma leitura cinematográfica, videográfica ou fotográfica, implícita ne-

las. Estas manifestações tornam-se obstáculos para aqueles que tentam instituir-se nesta área quer como um campo de práticas quer como um motivo de reflexão que favoreça a compreensão antropológica da diversidade humana.

b) O fato de que a antropologia seja por excelência uma disciplina da observação, faz, por um lado, que esta – sobretudo, a pós-moderna – formule rigores atribuídos ao texto escrito, enquanto expressão científica. Nesse sentido, a antropologia e o audiovisual permanecem muito afastados. Evidentemente, para isto não acontecer é preciso que tanto a escrita quanto o audiovisual possam tocar ao ritmo de uma mesma partitura, isto é, submeter-se a interpretações, a leituras, e análises análogas, o que, de forma alguma, é o caso. Enquanto para o antropólogo, por um lado, refuta Bela Bianco, “*a ênfase no texto escrito relegou a uma posição marginal e oculta o fato de que a prática da pesquisa antropológica implica também, de um lado, na produção de artefatos visuais enquanto documentos constitutivos da pesquisa; e de outro, não só na elaboração de textos escritos mas também na produção de etnografias visuais.*” (1993: 55-56). Por outro lado, para o cineasta, a desaprovação dos resultados da utilização do filme nas pesquisas sempre foram explícitas, sob a denominação de *enfadonhas* e tecnicamente pouco significantes às exigências mínimas, para agradar uma larga e antiga audiência. Entendemos que, tanto para o antropólogo, em razão de uma resistência epistemológica, quanto para o cineasta, pela valorização de uma qualidade instrumental e artística, o lugar que ocupa o filme está em função de uma sociedade estimulada pelo espetáculo. O complicado para a antropologia visual, é que ambas têm as suas razões por serem historicamente construídas. Filmar não é de forma alguma o mesmo que pesquisar. No que diz respeito à observação, ao bloco de notas e a entrevistas, são meios de reflexão diferentes do que o filmar. Visionar o material filmado não é a mesma coisa que classificar e sistematizar as notas de campo, a não ser que o audiovisual em antropologia seja aplicado – e como de fato é – às pesquisas que contemplem descrições rituais, operações técnicas, o ritmo e movimento, descrições espaciais, relações culturais e manifestações culturais. Neste caso, o audiovisual é, portanto, quem melhor captura e percebe, sob outro ângulo, as manifestações simbólicas. Isto em íntima relação a Clifford Geertz, quando afirma

que: “a única maneira para descrever os eventos culturais repousa precisamente na interpretação deles.” (Chiozzi 1989: 19).

c) Os *bastidores* do processo de registro. Isto é, tanto o diálogo verbal que possa se estabelecer entre as pessoas filmadas e o cineasta, quanto as diferentes relações interpessoais originados pelo desenrolar do processo, mostram-se altamente expressivos. Estes *bastidores* provocam uma outra forma de antropologia, a *antropologia da produção audiovisual em antropologia*. Assim, proporcionaria maiores subsídios de análise global do processo de utilização do audiovisual na antropologia. Nesta linha de raciocínio permite-nos coincidir com duas análises concretas: a primeira, quando Etienne Samain reflete: “Não são somente problemas de natureza mais teórica – como aqueles, por exemplo, do estatuto epistemológico das imagens e dos médiuns – que, ao se impor, requerem toda a atenção do antropólogo visual; são ainda, esses tantos outros questionamentos relativos aos processos, códigos e condições – e de produção, e de transmissão, e de recepção/leitura – dessas mensagens e dessas estéticas imagéticas que se tornam imprescindíveis de serem desvendados, se quisermos constituir uma antropologia visual” (Samain 1993: mimeo). Nessas circunstâncias, a produção de um outro vídeo em tempo real (longos planos de seqüência), seria a melhor forma de fixar esse *continuum*. A limitação aqui seria de ordem financeira, já que destinar-se-ia um grande volume de fitas para sua execução. Neste caso, antropologia e audiovisual não convencionariam sobre uma determinada questão.

A segunda é uma outra forma de antropologia da produção em antropologia, determinada pela falta de uma postura crítica da parte dos usuários e destinatários, diante do resultado imagético dos registros utilizados (cinema, vídeo, fotografia). Necessita-se, então, perguntar sobre suas estruturas manifestas e incluídas que todo processo de produção audiovisual em antropologia sempre carrega. Aqui, os *bastidores* funcionam como espaços de construção histórica e fontes reveladoras de concepções filosóficas e ideológicas. Todo ato de produção de imagens, diz respeito ao desvendamento das propostas ideológicas e culturais dos *observadores* utilizadas no seu desencadeamento, como meio de persuasão em um determinado contexto histórico. Sob essas considerações são poucas as pesquisas consagradas nessa direção, obje-

tivo pouco exequível na atual sociedade do espetáculo e simulação, estimulada ao despojo ou galvanização do sentido do real.

d) Os benefícios outorgados à *observação diferida* são evidentes uma vez que, a participação das próprias pessoas filmadas nas constantes repetições asseguram um maior aproveitamento do material registrado. Entretanto, faz-se necessário sublinhar que tal princípio metodológico dependerá fundamentalmente da natureza do fenômeno social registrado. Essa mesma natureza, inscrita no tema de pesquisa, decidirá se é preciso a intervenção dos informantes. Nem toda aplicação do audiovisual na antropologia pode ser sujeita à aplicação do *feedback*, com certeza esse espírito metodológico ficou muito longe de ser aplicado nos registros de Robert Gardner, em *Dead Bird*. De outro lado, nem sempre as pessoas filmadas mostram-se disponíveis para informar e/ou comentar, quer para analisar sua própria imagem e comportamento, quer para comentar imagens ou comportamentos coletivos, pelo fato de estarem envolvidas outras pessoas, outros indivíduos. Neste caso, vai depender, de um lado, de um certo grau de consciência da parte do observado em relação ao que o observador pretende com sua participação *a posteriori* no processo mesmo de registro. Ora, se o mesmo processo de registro alterou seu comportamento enquanto personagem, a tortura a que é submetido pelas constantes visões repetidas das imagens acaba muitas vezes por aborrecer aos informantes. Levantam-se deste modo, certas considerações *éticas* que todo pesquisador deveria prestar em relação a seu informante/participante, considerações que dizem respeito à necessidade de submetê-los a uma explanação *global* do processo de pesquisa. Como resultado desta atenção, contemplam-se o consentimento voluntário do informante e o mútuo respeito entre observador e observado/participante, a fim de conseguir os objetivos procurados. Na *observação diferida*, esta relação de partilha entre observador e observado sobre os registros imagéticos, torna-se essencial desde que sejam realizadas nos primeiros momentos das análises. No entanto, esta estratégia revela-se, ao nosso ver, mais válida e relevante a partir das análises tanto do antropólogo quanto do cineasta, ou desde que o observado filmado seja acompanhado de outros pontos de vista, que se interessem por dado fenômeno social. Das informações obtidas a partir destas análises finas das imagens sur-

giram o material para o texto escrito, como suporte do observado filmado. Neste caso, a escrita é submetida à imagem.

e) Especificamente, no que diz respeito às perspectivas da proposta de Claudine de France (1989: 320), apoiadas na repetição do processo observado, de seu registro e de seu exame na imagem, na companhia das pessoas filmadas,¹⁹ são as bases do *filme de exploração* que permitem transformar o filme de simples espetáculo em instrumentos de pesquisa. Estas não servem de obstáculo para dar lugar a certas críticas que põem principalmente em causa o objetivo destas. Em princípio, levantam-se três pontos críticos da sua proposta, a dois deles a própria autora refere-se: o primeiro, é originado no fato de que a “*repetição dos esboços tende a recuar indefinidamente a apresentação de um produto acabado, demonstrativo e sintético*” (France 1989: 350). Isto leva a que a lógica da apresentação seja sacrificada em favor daquela da descoberta. Reconhece também que este método se vê reduzido “*preferencialmente aos processos cotidianos, aos gestos maquinais familiares ao antropólogo/cineasta, ou seja aos atos mais comuns de sua própria sociedade*” (*Op. Cit.* 1989: 350). A isto soma-se que, além de ser dispendioso demais, para se cristalizar, os *esboços* precisam que o processo seja repetível - curta duração -, e que bem entendemos, nem sempre acontece. Este é o caso de nosso vídeo *O Carrossel*,²⁰ devido a seu extenso processo técnico de transformação em brinquedo artesanal, os registros videográficos sofreram uma série de contingências temporais, que determinaram a não aplicação do espírito metodológico precedente. Contudo, todos estes argumentos põem em causa toda a reflexão sobre, por exemplo, a posição secundária que poderia e deveria conferir-se à observação direta. O caráter inovador da reflexão e da proposta de Claudine de

France, que coloca definitivamente os problemas teóricos e metodológicos do cinema etnográfico no contexto específico dos seus meios de trabalho, parece-nos, ainda assim, de inegável interesse.

f) Finalmente, acreditamos, que não há por que deixar de buscar, além dos limites tradicionais da antropologia visual. Nestes momentos de objetivação e mundialização, os vínculos finalmente concebidos como específicas unidades compactas, e ao mesmo tempo como relações em um equilíbrio dinâmico, deveriam apagar muitos dos artificiais limites entre disciplinas que têm traçado as ciências ocidentais. Um antropólogo que tem este tipo de perspectiva deve ser capaz de recolher informações significativas suficientes para responder a seus próprios objetivos, enquanto, ao mesmo tempo, desenvolve-se um compromisso político com os indivíduos e as racionalidades que as rodeiam. Por outro lado, esta prática e as perspectivas derivadas dela permitiriam à antropologia ampliar em alcance e incorporar os meios audiovisuais, vários assuntos relacionados às potencialidades e especificidades destes, e as restrições que enfrentam para lograr seu objetivo proposto anteriormente. Exigirão que se tratem de aspectos que são críticos para a comunicação, como as mensagens, os códigos, a difusão, o impacto com os espectadores/destinatários. Então poderiam revelar a estrutura e as características das mensagens difundidas para procurar definir aspectos formais das estratégias que normalmente produzem a fragmentação do público e a submissão dos principais agentes culturais. Não duvidamos que, tanto a *práxis* antropológica quanto a empreitada audiovisual, mesmo com a produção teórica e prática de que se enriqueceu nestes últimos anos, continuarão a procurar regras elementares e pontos de convergência. Apesar dessas contingências de ordem metodológica, teórica e ética, para as ciências sociais, o audiovisual lhe outorga um leque de possibilidades de lucro que não deve ser deixado de lado, por um pretenso rigor acadêmico.

Os fragmentos que antecederam são critérios muito particulares, que dizem respeito a uma experiência pessoal sobre um discurso e uma prática produzida na utilização do audiovisual em antropologia, ou melhor, *antropologia visual*.

(19) Continuidade e repetição dos registros, associados a seu exame repetido, fundamentam juntas o que Claudine de France denomina “*método de esboços*”. Segundo a autora, este método é inspirado nos procedimentos dos pintores figurativos, que realizam croqui por croqui de um mesmo tema, sob diferentes ângulos, acrescentando detalhes antes de pintar o quadro definitivo.

(20) O vídeo, *O Carrossel* é o resultado dos momentos mais significativos de minha pesquisa de Mestrado *Continuidade cultural & Continuidade videográfica: duas leituras nos Brinquedos Artesanais* (título provisório), no departamento de Múltiplos Meios – UNICAMP.

REYNA, C.F.P. Anthropology research and video: encounters and disencounters. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 255-267, 1996.

ABSTRACT: Ever since its invention, the moving images have been used in different ways. As a tool of culture phenomenon research, also as instrument for illustration and broadcast of the researches. The videographic *praxis* needs methodical proposals that go much beyond of the simple use of animated images as a register. That's why based on our experiences and imagetive analysis we try to reflect the particularities, potentialities and overall, some methodological considerations about the using of videographics on fieldwork. As result of this, we bring up some annoying fragments of these encounters and disencounters between the video and the anthropology research.

UNITERMS: Fieldwork – Anthropologic film – Moving images – Observer – Observed – Shared observation – Recorded observed – Defer observation – Making off – Visual Anthropology.

Referências bibliográficas

- AUMONT, J.
1993 *A Imagem*. Campinas-SP, Ed. Papirus: 170-171.
- BIANCO, B. F.
1993 *Antropologia e Cinema: Questões de linguagem, InteriorProduções. Cinema e Antropologia, Horizontes e Caminhos da Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: 55-56.
- BRISSET, D.
1989 *Aportación visual al análisis cultural. Revista Telos, 31*, Madrid: 134.
- CHIOZZI, P.
1989 *Reflections on Ethnographic Film with a General Bibliography. Visual Anthropology*, Harwood Academic Publishers, 2, Pennsylvania: 19p.
- COLLIER JR, J.; COLLIER, M.
1986 *Visual Anthropology*, University of New Mexico Press, Albuquerque.
- FRANCE, C. de (Ed.)
1976 *Corps, Matière et Rite dans le Filme Ethnographique. Pour une Anthropologie Visuelle*. Paris, EHSS: 140p.
1989 *Cinéma et Anthropologie*. Paris, EHSS.
- GUÉRONNET, J.
1993 *Ritual and Cooperation in a Bodely Procedure, P. Hockings (Ed.) Visual Anthropology*. Switzerland, Harwood Academic Publishers, 6(1): 25-43.
- HEIDER, K. G.
1995 *Uma História do filme etnográfico. C. Peixoto (Ed.) Cadernos de Antropologia e Imagem*, UERJ, RJ: 41-44.
- JANCKINS, I.
1988 *Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: Their use of Photography and Film. Cultural Anthropology (American Anthropological Association) 3(2)*, Washington: 160p.
- LEROI-GOURHAN, A.
1948 *Cinéma et sciences humaines – Le filme ethnologique existe-t-il? Revue de géographie humaine et d'ethnologie*, Paris, 3: 42-50.
- MACDOUGALL, D.
1994 *Mas afinal, existe realmente uma antropologia visual? Interior Produções, Catálogo II Mostra Internacional do filme etnográfico*, Rio de Janeiro: 72.
- MACHIN, B.
1988 *Video and Obsevation of Complex Events – The New Revolution in Anthropology. Glasnik – Bulletin of Slovene Ethological Society, Zagreb, 28: 64-68*.
- PEIXOTO, C.
1993 *Reencontro do pequeno paraíso: um estudo sobre o papel dos espaços públicos na sociabilidade dos aposentados em Paris e Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado na EHSS, Paris.
1994 *Filme etnográfico e documentário: questões conceituais, marcos históricos e tradições*. Interior Produções, *Cinema e antropologia – Horizontes e Caminhos da Antropologia Visual*, Rio de Janeiro: 13.
1995 *Kaléidoscope d'images – les contraintes et les contributions de l'audiovisuel à l'analyse des relations sociales. Journal des Anthropologues – Dossier les territoires de l'altérité*, (AFA), Paris, 59:118.
- PIAULT, M.H.
1995 *A antropologia e a "passagem à imagem". C. Peixoto (Ed.) Cadernos de Antropologia e Imagem, 1*, UERJ, RJ:23-30.
1994 *Antropologia e Cinema. Interior Produções, Catálogo II Mostra Internacional do Filme Etnográfico*, Rio de Janeiro:62-63.

ROUCH, J.

1979 O homem e a Câmara. C. de France (Ed.) *Pour une anthropologie visuelle*. Paris, EHESS.

1993 Os 'Pais Fundadores' dos 'Ancestrais Totêmicos aos pesquisadores de Amanhã', Interior Produções, *I Mostra Internacional do Filme Etnográfico*, Rio de Janeiro.

RODRIGUEZ, F. J. et al.

1984 *Introducción a la Metodología de las Investigaciones Sociales*. La Habana, Ed. Política: 40.

SAMAIN, E.

1993 *Para que uma antropologia consiga tornar-se visual*. Campinas, Multimeios-Unicamp, Mimeo.

Recebido para publicação em 29 de novembro de 1996.

EL OBJETO Y LA CONSTRUCCIÓN DE SENTIDO EN COLECCIONES ETNOGRÁFICAS

María Marta Reca*

RECA, M.M. El objeto y la construcción de sentido en colecciones etnográficas. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 269-273, 1996.

RESUMO: As condições de análise da cultura material e os marcos conceituais, a partir dos quais podem ser lidos os objetos, adotam um caráter singular no estudo de coleções etnográficas. A partir da apresentação dos aspectos teórico-metodológicos vinculados ao tipo de referente tratado e aos processos de interrogação a que são submetidos os «objetos» pelo investigador, se põem diversos níveis de contextualização que põem em evidência a passagem da dimensão material à dimensão simbólica, constituindo as instâncias referenciais de atribuição de sentido. Este processo se exemplifica em um conjunto de máscaras que fazem parte do Departamento Científico de Etnografia do Museu de La Plata.

UNITERMOS: Cultura material – Coleção – Etnografia – Contexto de significação – Estudio descriptivo.

Introducción

El objetivo del presente trabajo es el de exponer un conjunto de consideraciones en torno al análisis de la cultura material y sus posibilidades de interpretación. Las mismas surgen del estudio de colecciones del Departamento Científico de Etnografía del Museo de La Plata.

El estudio de colecciones etnográficas constituye un área de investigación que generalmente es dejado para los museólogos o descuidado por los etnógrafos que encuentran en la inmediatez del trabajo de campo el modo de aprehensión de los contextos de significación en los que se inscribe un objeto. Este campo de estudio presenta condiciones particulares y es propicio para la reflexión teórica, y permite por un lado, la aproximación de la práctica museológica al conocimiento antropológico,

por otro, indagar acerca de las condiciones de representatividad que el objeto encierra en su materialidad.

Un objeto cualquiera puede ser considerado como etnográfico en la medida en que es posible reconocer un **contexto de recolección** que se genera a partir de la presencia del etnógrafo en un grupo particular y del cual el objeto es extraído para formar parte de una colección.

Así, a diferencia del objeto arqueológico, cuyo contexto de recolección sin sujeto, está compuesto por las asociaciones materiales en terreno, el objeto etnográfico ocupa un lugar entre otro conjunto de documentos tales como textos etnográficos, libretas de campo, registros fílmicos y fotográficos, por medio de los cuales es posible recomponer sus usos y significados en una cultura en particular.

Esta aparente «ventaja» del segundo respecto del primero, se vuelve paradójicamente negativa si pensamos que ha llevado, en muchos casos, a restringir el estudio de colecciones a una práctica de adjudicación de sentido basada en la correspon-

(*) Departamento Científico de Etnografía del Museo de Ciencias Naturales de La Plata. U.N.L.P.

dencia del discurso etnográfico con el objeto aludido, proceso de reconstrucción de un contexto en el que el investigador queda fuera de la secuencia interpretativa. No es la intención minimizar el valor de la documentación etnográfica, por el contrario, supone un observador activo e involucrado en la valorización del objeto.

Recientes estudios han desmistificado el trabajo de campo, cuestionando las condiciones en las cuales es posible generar un conocimiento acerca de otra cultura (Marcus 1991). Estos análisis críticos, de los que no nos ocuparemos aquí, han llevado al reconocimiento, en mayor o menor medida, de la intervención del antropólogo observador en la secuencia explicativa del fenómeno observado, intervención que ya no queda resguardada en la etnografía por la presencia de el "otro" y que, en todo caso hay que explicitar en los procesos de construcción de sentido.

En el tratamiento de la cultura material, la posibilidad de su manipulación, la cuantificación de sus caracteres, la perdurabilidad de sus condiciones, hacen que se constituya como evidencia. Sin embargo, todo objeto podrá ser interpretado sólo si se lo incluye en un contexto, ya que "...los valores no están en los objetos sino que dependen de las valoraciones que de ellos hacemos." (Mathieu 1987).

Es así que un mismo objeto admite distintas lecturas según el marco de referencia elegido para desbordar los límites de su materialidad e ingresar en un campo más difuso e interpretativo.

Corpus de referencia

Trataremos de ejemplificar algunos de los niveles de contextualización de los objetos a través de un corpus constituido por un conjunto de más de cien máscaras que forman parte de las colecciones del Departamento de Etnografía. Las mismas fueron recolectadas por el Dr. Enrique Palavecino entre los grupos chiriguano chané de la región chaqueña argentina, en los años 1947- 49. Esta colección presenta condiciones favorables para su análisis, ya que además de contar con un número significativo de ejemplares, se encuentra en buen estado de conservación, y acompañada de publicaciones basadas en información de campo (Palavecino 1954, Roca 1972).

A estas consideraciones museológicas se suman otras que abren múltiples vías de acceso en el análisis, a saber:

- 1) **Universalidad:** la máscara aparece como un elemento que, asociado al ritual, la muerte, la guerra, etc. ha sido registrada en la mayoría de las culturas, tanto del pasado como en el presente, en sociedades simples y complejas, sobre todo si pensamos que dentro de este concepto se incluyen diversas modalidades de enmascaramiento tales como pinturas corporales, tatuajes, figuras de mascarillas grabadas en otros objetos como bastones de mando, etc. Es decir que todas las culturas encontramos la presencia, explícita o no, de este tipo de elemento.
- 2) **Diversidad de rasgos:** la máscara es un tipo de objeto que presenta una gran riqueza en la combinación de formas, colores, diseños y elementos decorativos. Esta característica permite la construcción de un sistema complejo de combinación de rasgos que definen diversas posibilidades estilísticas. Ella puede ser considerada una obra de arte aludiendo a la creatividad del artesano, y por lo tanto presentar un alto grado de ambigüedad. "...las máscaras deben ser creaciones de la imaginación humana y, en consecuencia, ambiguas. De hecho demuestran ambigüedad por su propia estructura." (Tonkin 1979).
- 3) **Práctica actual:** la práctica actual de la confección de máscaras por parte de los grupos chané y la vigencia de su uso en el contexto del carnaval, permite abordar estudios comparativos en un eje diacrónico, de manera de evaluar las transformaciones tecnológicas y sus posibles causas. Estos grupos desarrollan una verdadera artesanía de la máscara distinguiendo, en la actualidad, aquellas que responden a una tradición y que son confeccionadas para su uso en el evento del carnaval, y aquellas que son confeccionadas para la venta y que, en consecuencia pierden su valor ritual para adquirir un valor económico. Este cambio de valor se traduce en la materialidad de la máscara que, si bien conserva ciertos rasgos identificatorios de esta cultura en particular, incorpora nuevos elementos y combinación de formas.

Metodología

En una primera aproximación al análisis descriptivo de los referentes, se practicaron los lineamientos generales del método analítico-descriptivo

definido por J.C. Gardin (1975) para el tratamiento de los materiales arqueológicos. Este autor expone un conjunto de reglas que permiten orientar, segmentar y diferenciar la información perceptual de manera de elaborar una base de datos firme para posteriores interpretaciones. A partir de la descripción del referente, se genera un conjunto de datos primarios bajo la condición de explicitar los criterios desde los cuales un elemento es distinguido como significativo. Se busca estandarizar las descripciones a través de la construcción de un lenguaje descriptivo entendido como un sistema de reescritura o código desde el cual es posible recomponer la unidad de referencia. En un principio se asumió este método en todas sus dimensiones, diluyendo los aspectos diferenciales de los materiales arqueológicos y etnográficos. Sin embargo, las dificultades surgidas en el análisis llevaron a un ajuste de los procedimientos metodológicos, atendiendo principalmente a la heterogeneidad con que se nos presentan las máscaras y a la ambigüedad propia del acto creativo.

Así, fueron definidos los planos de orientación privilegiando aquel que, por analogía con el rostro, presenta la mayor cantidad de elementos tales como ojos, nariz, boca, mentón, etc. Allí se “concentra” la mayor cantidad de elementos que combinados otorgan a la máscara su carácter representativo. A su vez, esta cara fue segmentada en una serie de regiones según la presencia y/o ausencia de estos elementos, en cada una de las cuales fue posible describir una serie de variables tales como materia prima, forma, dimensiones, técnica, emplazamiento, entre otros. Cada una de estas variables asume distintos valores hasta llegar a componer un grilla de alternativas y sus posibles relaciones.

De igual manera, respetando la orientación y segmentación para la morfología, se describieron los elementos decorativos u ornamentales, definidos como aquellos elementos agregados que se suman a la conformación del rostro tipo. Así, por ejemplo se consideró un nuevo nivel de emplazamiento (por encima de, por debajo de, sobre, entre, etc.), al que se acopla el tipo y modo de elemento agregado. Por ejemplo, incrustaciones de plumas en el contorno del rostro.

El objeto, sometido a este proceso de descontextualización en el que se definen las unidades descriptivas, podrá ser recompuesto desde el sistema descriptivo construido, el cual deberá incluir los criterios, los niveles lógicos y las categori-

zaciones. En principio cualquier componente aislado puede constituir un rasgo descriptivo, sin embargo, es en la definición de parámetros, en un juego de ida y vuelta desde el objeto al criterio y viceversa, que es posible definir los **Niveles de comparabilidad** en que el rasgo adquiere **Capacidad descriptiva** dentro de un corpus de objetos dados. De esta manera se instaura un proceso de jerarquización del rasgo discriminando:

- a) aquellos rasgos con capacidad descriptiva en la totalidad del corpus y cuya relación define el tipo de referente. Consiste en el conjunto de rasgos que responden a los requisitos morfológicos por los cuales un elemento es considerado una máscara y distinguido de otra serie de objetos. Por ejemplo, que este permita cubrir parcial o totalmente el rostro, que pueda ser portada durante cierto tiempo, etc.
- b) aquellos rasgos compartidos por un subtipo y cuya relación define una identidad de clase. Es decir, características morfológicas diferenciales que definen, por ejemplo, tendencias estilísticas que, en el caso estudiado, responden a la identificación de los seres que representan y al momento del día en que son usadas.
- c) aquellos rasgos que definen un único objeto y cuya relación le otorga identidad individual.

Contextos de significación

A partir de aquí es posible sistematizar las particularidades formales del objeto y retener las similitudes y diferencias de un objeto a otro, pudiendo ser reconocidos aquellos elementos y sus modos de combinación que le otorgan a cada una su carácter representativo. Es decir, permite identificar los sistemas relacionales que dentro de una gran variedad de combinatorias, mantiene ciertas constantes en su articulación, poniendo de manifiesto los elementos estructurales.

Llamaremos a este primer nivel de análisis, **contexto analítico-descriptivo**, concebido como una red de relaciones formales. Un segundo nivel o **contexto funcional**, que alude al conjunto de acciones y actitudes, circunstancias de uso, confección, participantes, que reflejan una práctica social. Permite leer la correspondencia entre la forma, la materia y la función específica que le es culturalmente asignada al objeto.

Por último, un **contexto simbólico** que refiere a su carácter representativo. La máscara, entre los chané, constituye el elemento mediatizador entre el mundo de los vivos y el mundo de los muertos, el puente entre el mundo natural y el mundo sobrenatural a través de la identificación en ella de los espíritus de los muertos. El portador de una máscara adquiere una nueva identidad, con carácter transitorio y desarrolla un comportamiento acorde al personaje que representa. Así, las máscaras pueden ser interpretadas como operadores en eventos comunicativos, e interrogarnos acerca de cuáles son los requisitos formales que debe cumplir para transmitir el mensaje adecuado.

Comentarios finales

De qué manera la información acerca de una cultura se encuentra contenida en la materia? Qué conjunto de relaciones contextuales permiten trascenderla y abordar sus significados?

Los objetos pueden ser concebidos como elementos portadores de valores culturales. Sabemos que antes de ser construido, el objeto fue pensado; la técnica, antes de ser utilizada, fue aprendida; la materia, antes de ser modelada, fue adquirida, fue concebida como posibilidad. Su análisis devela aspectos multifacéticos y sus mensajes podrán ser decodificados en la medida en que se los incluya en contextos significativos, de manera de crear el juego de correspondencias entre las diferenciaciones formales y sus significados funcionales, estilísticos, simbólicos, económicos, sociológicos, étnicos, etc. (Bromberger 1979).

El análisis descriptivo constituye un primer paso en este proceso de contextualización, asumiendo la condición de explicitar los criterios a partir de los cuales se aísla un elemento como significativo de manera de exponer los procedimientos y argumentaciones intercontextuales. En el caso de los materiales etnográficos, ellos presentan características particulares referidas al contexto de recolección, que deben ser incorporadas a la hora de construir un modelo de análisis.

RECA, M.M. The object and the construction of meaning in ethnographic collections. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 269-273, 1996.

ABSTRACT: The conditions for analysis of the material culture and the conceptual marks from which the objects can be read, acquire a singular character in the study of ethnographic collections. Starting from the presentation of methodologic-theoretic aspects related to the considered type of referent and to the enquiry procedures to which the «objects» are submitted by the researcher, we propose several levels of contextualization which make the passage from the material dimension to the symbolic one, which constitute the referential instances of attribution of meaning, to stand out. This process is exemplified in a set of masks which belong to the Ethnography Scientific Department of the La Plata Museum.

UNITERMS: Material culture – Collection – Ethnography – Meaning context – Descriptive study.

Bibliografía

- | | |
|--|--|
| ADAMS, M.
1984 Mediatizar nuestro saber. <i>Museum</i> , XXXVI. | BROMBERGER, C.
1979 Technologie et analyse sémantique des objets: pour une sémio technologie. <i>L'Homme</i> , XIX(1): 105-140. |
| BATESON, G.
1976 <i>Pasos hacia una ecología de la mente</i> . Buenos Aires, De. Lohlé. | |

- CLIFFORD, J.; MARCUS, G.
1991 *Retóricas de la Antropología*. Madrid, de Jucar.
- GARDIN, J. C.
1968 Análisis documental y análisis estructural en arqueología. Lévi Strauss (Org.) *Estructuralismo y dialéctica*. Bs. As., Paidós: 121-128.
- GARDIN, J.C. et al.
1975 *Essais d'analysis du discours arqueologique. Notes et monographies techniques*, 7.
- GEERTZ, C.
1978 *La interpretación de las culturas*. Barcelona, Gedisa.
- HODDER, I.
1988 *Interpretación en arqueología*. Barcelona, de crítica.
- LEVI-STRAUSS, C.
1981 *La vía de las máscaras*. México, Siglo XXI.
- LAHITTE, H.
1992 Sistemas cognitivos y representación en piezas etnográficas. La Plata, U.N.L.P., cuadernos *LARDA*, 12 (3).
- MATHIEU, J.
1987 L'objet et ses contextes. *Bulletin d'histoire de la culture materielle*, 26, Canadá.
- MOLES, A.
1969 Objeto y comunicación. París, *Communications*, 13.
- PALAVECINO, E.
1954 *La máscara y la cultura*. Bs. As., Ediciones de la Municipalidad de Bs. As.
- ROCA, M. et al
1972 El carnaval chiriguano chané. *Cuadernos del INA*, Bs. As., 8.
- TONKIN, E.
1979 Mask and powers. *Man*, 14 (2) june: 237-248.

Recebido para publicação em 21 de novembro de 1996.

A IMAGEM COMO MÉTODO DE PESQUISA ANTROPOLÓGICA: UM ENSAIO DE ANTROPOLOGIA VISUAL

Sandra Maria C.T. Lacerda Campos *

As forças imaginantes de nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes.

Umhas encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já vivas, elas produzem flores.

As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história”.

G. Bachelard

CAMPOS, S.M.C.T.L. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 275-286, 1996.

RESUMO: Este artigo busca contribuir para o debate acerca da Antropologia Visual, refletindo sobre aspectos da história da antropologia brasileira relacionados à adoção da imagem como método de investigação.

UNITERMOS: Antropologia Visual – Etnologia – Cultura material – Filme etnográfico.

Introdução

Desde os tempos mais remotos nossos ancestrais manifestavam a necessidade de explicar e representar os fenômenos que observavam em seu tempo. Podemos afirmar que a primeira forma de apreensão da natureza e dos elementos que cercam o universo humano se dá através da percepção visual e auditiva, ou seja, os homens sempre busca-

ram utilizar as imagens para dar contornos aos conceitos da realidade constituída de matéria.

A observação também é responsável por possibilitar a constatação de que muitos elementos materiais não são perenes, e se cristalizam na imaginação ou na memória humana, que por sua vez também pode se perder, dependendo da forma como ficarem registradas as informações.

Existem vários testemunhos que acumulam provas da necessidade de representação dos modos de vida através da linguagem visual. O registro através de imagens foi um dos primeiros artificios criados pela humanidade para grafar a materialidade e possibilitar, com isso, que ela não se per-

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Serviço de Curadoria, Equipe Técnica de Laboratório de Arqueologia e Etnologia.

desse no tempo e na memória, a exemplo das pinturas rupestres que documentam o olhar milenar da realidade vivenciada pelo homem, em período muito anterior à criação da linguagem escrita. Talvez até possamos pressupor que a escrita tenha sido uma forma de grafia visual das palavras.

Progressivamente, as formas de representação do universo, ou seja, do diverso, do desconhecido, ou daquilo que se julgava inusitado, foram se expandindo ao longo dos tempos.

Durante o século XVI, os viajantes retrataram o mundo desconhecido utilizando a iconografia como registro da memória, visto que a escrita não dava conta de descrever com fidelidade as imagens e cenários que iam sendo desbravados, de uma terra que se apresentava sem contornos definidos, povoada por povos e animais estranhos a serem desvendados.

As formas de representação através de imagens estiveram também, sempre muito presentes em livros de viagens que forneciam informações sobre as populações indígenas do interior do Brasil, fazendo apelo ao estado natural dos homens e ao estágio de civilização dos índios. Pintores como Rugendas, Debret e vários outros que incursionaram pelo território brasileiro, tornaram-se famosos por matizarem imagens detalhadas do Brasil em suas viagens e expedições, que ao mesmo tempo em que pareciam pitorescas diante de alguns olhares, diante de outros assumiam o caráter de registros inéditos das diferenças e desigualdades humanas no Brasil. Um dos exemplos mais marcantes é a obra “Viagem Pitoresca através do Brasil”, do desenhista e pintor Johan Moritz Rugendas, que veio em expedição ao Brasil no início do século XIX. Entre várias representações, encontramos imagens dos mesmos índios Botocudos, que foram fotografados em 1909 por Walter Garbe, filho e assistente de Ernesto Garbe, naturalista e viajante contratado pelo Museu Paulista em 1901 para ampliar as coleções etnográficas. (Imagens 1 e 2).

Poderíamos arrolar uma série infindável de exemplos em que a imagem tem sido utilizada como registro do olhar sobre o diverso através de formas simbólicas inovadoras de representação pictórica, que a história vem se encarregando de desenvolver. E a partir do século XIX, com o advento da fotografia, a captação de informações através de imagens tomará maior destaque, vindo como artifício revolucionário da capacidade da memória

visual de seu próprio criador. “Aparece na primeira metade do século XIX, na Europa, ganhando rápido desenvolvimento. No Brasil, já por volta de 186 constituía-se um acervo valioso de imagens preservadas hoje nas coleções fotográficas de autores como Fidenza, Frisch, Mulock, Gaensle Leuzinger e Marc Ferrez, que percorreram o país’

No entanto, a fotografia não surgiu com o intuito de substituir as técnicas de registros iconográficos adotados até então, mas conquista gradativamente a garantia de uma fidelidade maior da realidade captada, por não depender da memória de um pintor, desenhista etc., que muitas vezes se sujeitava a falhas e conseqüentemente à construção de um retrato distorcido ou até idealizado do elemento enfocado.

Desde a sua criação, a técnica fotográfica vem se desenvolvendo rapidamente, sendo ampliada e aperfeiçoada cada vez mais. Com isso, a câmera torna-se um instrumento de grande potencial de pesquisa fundando, entre outros aspectos, uma nova metodologia de análise de fenômenos culturais.

A fotografia como técnica na pesquisa antropológica

A invenção da fotografia possibilitou, já a partir da primeira metade deste século, que antropólogos adotassem essa técnica inovadora em suas pesquisas de campo, incorporando o registro de imagens aos processos de investigação, coleta, ordenação e interpretação dos dados. A exemplo de Malinowski, que buscou instrumentos próprios de trabalho e investigação que fossem capazes de registrar, tanto quanto possível, as atividades cotidianas dos habitantes das ilhas Trobriens na Melanésia, utilizando a fotografia como um de seus instrumentos para coleta e registro de dados.

O início da carreira de Malinowski, em Londres, se deu em um período em que a antropologia debatia e criticava os métodos de interpretação vigentes e, por sua vez, buscava novas técnicas de pesquisa em que a obtenção das informações

(1) Monte-Mor (1995: 83) faz uma observação pertinente, de que essas imagens podem fornecer hoje um retrato da diversidade cultural do Brasil na virada do século.

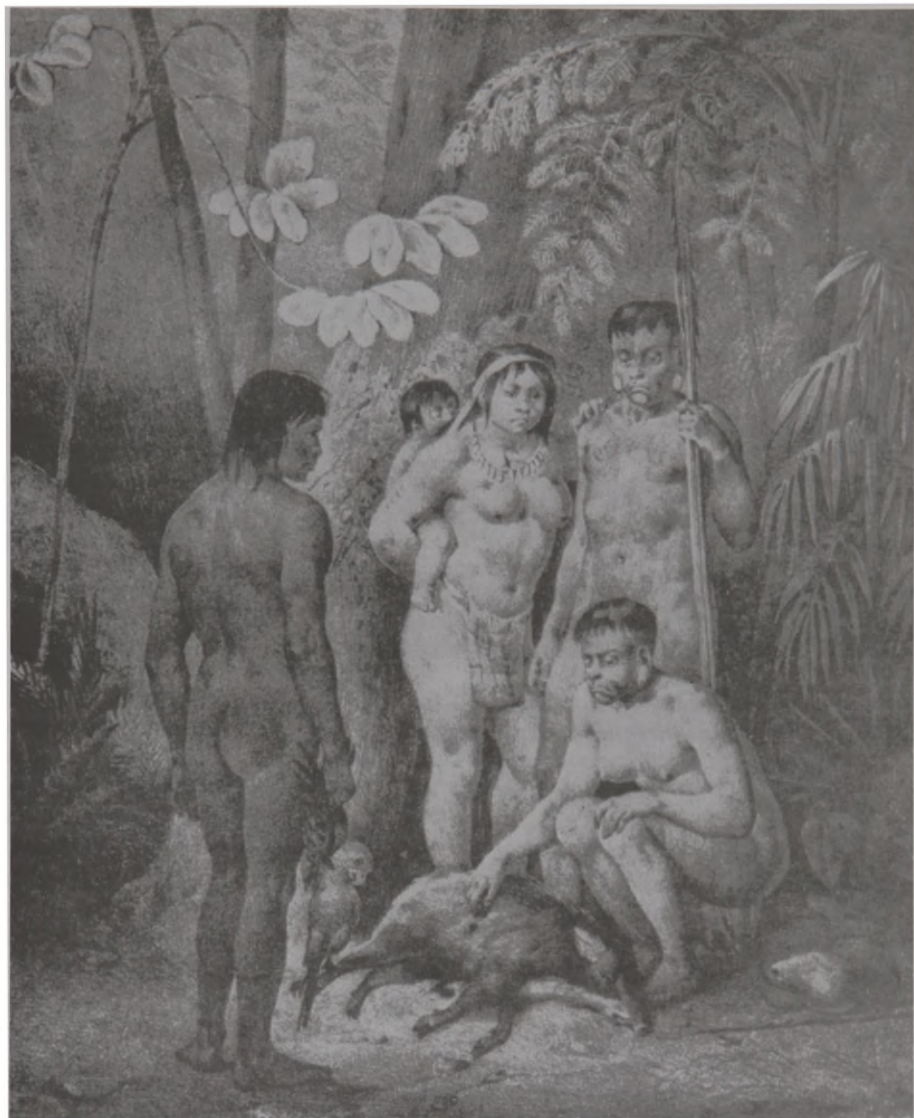


Imagem 1 – Família de índios Botocudos – J.M. Rugendas, início do século XIX.

mações deveriam ser baseadas na observação direta. Em consequência da declaração da primeira Guerra Mundial, Malinowski se viu obrigado a sair do país, por motivo de sua nacionalidade polonesa. Partindo para a Nova Guiné, marca uma nova época de sua vida e do desenvolvimento de uma prática inovadora de investigação etnográfica conhecida e adotada até os

dias de hoje, como observação participante.

Embora não fosse fotógrafo, em sua primeira monografia publicada em 1915, *os nativos de Mailú*, já havia inserido 34 fotografias. Uma quantidade razoável, considerando-se as dificuldades enfrentadas em campo no que diz respeito a transportar na bagagem um equipamento pesado e de manuseio delicado, pois o autor, além de



Imagem 2 – Índios Botocudos do Espírito Santo. Entre eles, o fotógrafo e naturalista do Museu Paulista, Ernesto Garbe. A foto é de seu filho Walter Garbe, 1909.

fotografar, revelava os filmes em pesadas placas. “Uma primeira coisa que nos chama a atenção é o uso crescente que Malinowski faz da fotografia. (...) Um total de 283 fotografias espalhadas ao longo das 1.883 páginas nas três obras” (Samain 1995: 26).²

O manuseio das obras de Malinowski nos permite verificar a importância dada pelo autor aos registros visuais. As fotografias, desenhos e pranchas são inseridos no corpo de seus livros como parte integrante dos textos e não apenas como apêndice ilustrativo. Não bastava falar sobre as populações da Melanésia, era necessário mostrá-las em seu cotidiano. As criações visuais assumem, em seus trabalhos, o status de fontes reveladoras das sociedades humanas em momentos diversos de sua história, mostrando suas formas de ser, vestir, suas expressões, posturas, aparências, assim como

as diversas características culturais.

Os resultados da busca de uma metodologia inovadora de pesquisa veio a público em 1922, com sua obra prima *Os argonautas do Pacífico ocidental*, que além do mérito do conteúdo e riqueza de imagens, tornou-se um modelo de investigação etnográfica adotado por várias gerações de antropólogos que, mesmo diante das dificuldades de acesso ao campo, carregavam em suas bagagens as pesadas câmeras fotográficas e os equipamentos acessórios para a sofisticada operação.

Vinte anos mais tarde, em 1942, Margaret Mead e Gregory Bateson publicavam um trabalho pioneiro sobre a utilização da fotografia como documento: *Balinese Character: a Photographic Analysis*, confirmando a importância da utilização da fotografia para a coleta de dados de interesse antropológico (Bateson & Mead 1942).

O registro fotográfico passa a transportar-se gradativamente para a esfera das funções sociais, aplicando-se à conservação da natureza e das novas descobertas, como forma de perpetuação de momentos da vivência histórica do homem. A fotografia capta a “aura” da realidade e a trans-

(2) As três obras citadas são: *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1914-1918), *A vida sexual dos selvagens* (1929) e *Jardins de coral* (1935).

forma em imagem singular composta de elementos espaciais e temporais, mesmo que sejam apenas registros de frações das descobertas. Porém, para que o registro fotográfico chegasse ao ponto de assumir o status de documento, não bastou estar por trás da câmera apenas um fotógrafo experiente e com pleno domínio técnico do equipamento, mas alguém dotado de sensibilidade investigadora capaz de elaborar uma seleção consciente entre a realidade observada e a captada, fundando-se assim, um outro olhar sobre o diverso que passava a ampliar as possibilidades de registro das singularidades e diversidades de grupos sociais desconhecidos.

Antropologia e fotografia: histórias paralelas?

Não devemos nos furtar da lembrança, de que o reconhecimento da antropologia enquanto ciência, não se deu em período muito anterior ao advento da fotografia. Ao mesmo tempo, uma mudança metodológica adotada nas técnicas de pesquisa, acompanha o desenvolvimento da técnica fotográfica, quando os antropólogos passam a coletar diretamente seus dados e não apenas a interpretar os registros e informações dos viajantes, missionários e exploradores. Essa postura foi implantada no princípio deste século justificada pela necessidade cada vez maior da presença do pesquisador em campo, fato que determinou o surgimento de duas vertentes da pesquisa antropológica: a Etnologia e a Etnografia.

O contexto histórico da invenção da fotografia acompanha o período de desenvolvimento da antropologia, onde problemas se ampliam diante de um vasto universo de pesquisas e, com isso, as polêmicas conceituais se tornam mais complexas diante da necessidade de estabelecimento das fronteiras de atuação entre antropologia, etnologia e etnografia, principalmente pelo fato da existência de uma imprecisão distintiva entre os três estudos dos fatos sócio culturais.

Lévi-Strauss arriscou uma distinção, mesmo que assumida por ele como sumária e provisória, dizendo que “a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (...), e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles; ao passo que a etnologia utiliza de modo

comparativo (...) os dados apresentados pelo etnógrafo” (1975: 14). Num sentido de correspondência, o autor aproxima a etnologia da antropologia social e cultural. Ou seja, são novas faces de outros olhares acerca dos estudos dos fatos e realidades sócio-culturais distintos.

A partir do início do século, a antropologia vem intensificando suas pesquisas, buscando colocar os processos culturais em evidência com o propósito de focar as condições de existência do homem. No cumprimento de seus objetivos, vem elaborando teorias sistemáticas sobre o comportamento humano em suas dimensões transculturais, bem como o desenvolvimento de técnicas de coleta e análise de dados que possibilitem uma aproximação mais fiel da realidade evidenciada. Nesse sentido, a fotografia e o filme etnográfico conquistam e consolidam um importante espaço junto às Ciências Sociais.

Desde o primeiro instante da descoberta da fotografia, ou de formas de congelar momentos que antes só eram preservados pela memória, não cessaram as buscas de aperfeiçoamento da técnica, surgindo, como decorrência, formas da preservação de imagens em movimento. Da união de vários fotogramas em seqüência obteve-se o efeito de continuidade da ação, o que possibilitou a criação de técnicas que fossem transformando gradativamente a imagem estática da fotografia na imagem em movimento. O *Kinetoscópio* de Edison foi o primeiro equipamento criado no final do século capaz de mostrar o efeito da imagem continuada, que consistia na montagem de uma série de instantâneos fotográficos passados rapidamente diante de um único espectador. No entanto, foi a invenção do *cinematógrafo* dos irmãos Lumière que possibilitou, de fato, a difusão de imagens em movimento, e em tamanho natural, a um número maior de espectadores.

No Brasil, a fotografia vem se tornar popular e acessível por volta de 1860. Trinta anos mais tarde, por volta de 1894 as primeiras imagens fílmicas são apresentadas, às elites do Rio de Janeiro, com o Kinetoscópio. E, em 1907, com aparelhagem mais desenvolvida, era inaugurada a primeira sala de cinema no Brasil – o Cinema Pathé.³

(3) Segundo Clarice Peixoto, as primeiras imagens em movimento produzidas no país foram apresentadas em

O olhar antropológico: o debate acerca da Antropologia Visual

Nas últimas décadas, a Antropologia Visual no Brasil vem sendo alvo de estudos e atenção, ampliando gradativamente o número de pesquisadores empenhados em defender e demonstrar que a imagem pode ser uma peça fundamental enquanto fonte primária de pesquisa científica, capaz de evidenciar a diversidade social em seu contexto histórico e cultural.

Como toda ciência que se busca, a Antropologia Visual gera polêmicas no processo de elaboração de um estatuto próprio, pois existe ainda uma grande complexidade em quebrar paradigmas da maneira clássica do fazer antropológico, que consagra a escrita como a linguagem científica mais virtuosa e capaz de dar consistência ao texto teórico.

Por se tratar de estudo recente, embora sua prática venha sendo adotada desde o princípio do século, há ainda a dificuldade em se delinear um perfil analítico, entendendo-se aqui por antropologia visual o estudo das significações de imagens singulares sobre a diversidade cultural, que transportam as representações sociais para os suportes fotográficos e filmográficos. Este, no entanto, é um esboço provisório de compreensão, estando muito longe da busca de elaboração de um conceito. Nesse sentido, compreende-se que os registros que não ganham forma verbal tenham o potencial de transmitir informações necessárias para a construção de conjuntos referenciais capazes de resgatar o *locus* de ação de universos sociais particulares, pelo fato de materializarem o espaço de ação do indivíduo.⁴

A partir do agrupamento seriado de imagens existe a possibilidade de observar o gesto em ação, em momentos significativos do cotidiano sócio cultural, assim como a construção de diagramas das relações espaciais. Tomando como

base que os espaços refletem o comportamento social e que cada sociedade manifesta de forma distinta seu relacionamento espacial, esses aspectos de comportamento dificilmente poderiam ser documentados de outro modo que não fosse o visual. Neste caso, imagem e escrita tornam-se complementares, diante do binômio: descrever/mostrar.

Uma das formas de realização das pretensões do registro iconográfico é a de refazer, através das imagens, a trajetória de engendramento de muitas histórias do diverso, seja resgatando o conteúdo conjectural de uma realidade, ou focalizando o passado como fonte privilegiada da memória. A imagem toma forma narrativa da ação que se dispõe diante da câmera como indicativo de transmissão de conhecimentos que possam ser dimensionados historicamente, selecionados e dispostos de acordo com os sentidos que ora venham desempenhar. Com a retomada de uma referência cronológica anterior busca-se uma nova historicidade, procurando a quebra das barreiras lineares do tempo a ser inserido em um outro contexto que estabelecerá a dialógica com o atual. Podemos dizer que o retrato de uma circunstância refaz o itinerário da ressignificação simbólica no discurso presente, recolocando-o dentro de uma nova realidade.

A análise de um conjunto de imagens como recurso metodológico, possibilita vivenciar recortes de um tempo passado que se reconstitui no presente, permitindo o confronto de processos distintos de construção de identidades étnicas. Torna-se possível evidenciar a diversidade a partir da comparação de registros referentes a várias etnias, mesmo que tais momentos tenham sido filtrados pelo olhar do autor que domina a câmera.

No entanto, a fotografia como qualquer outro instrumento de registro, tem seus limites e apresenta seus riscos, devendo-se ficar atento à questão colocada por Morin, de que “o testemunho ocular é um elemento capital, mas não passa de um elemento para um trabalho de reconstrução e verificação, através de confrontações. A estratégia de conhecimento desenvolve-se estabelecendo concordâncias e coerências, mas a concordância não tem sempre valor comprobatório e a coerência pode ser destruída pelo aparecimento de um dado que a contradiga”. (1986: 29).

A antropologia é uma disciplina que se constrói através da observação, descrição, compre-

dezembro de 1894, retratando: uma briga de galos, uma dança serpentina e uma briga de bar (1995: 76). Mais pormenores em Peixoto 1995: 75-80.

(4) Esboço do conceito exposto, como forma de reflexão na dissertação de mestrado: *O olhar antropológico: O índio brasileiro sob a visão de Harald Schultz* (Campos 1995: cap. 3).

ensão e interpretação de fatos da cultura humana e vem atribuindo ao texto escrito o rigor de sua expressão científica. O objeto de observação geralmente é descrito em cadernos de campo acumulando-se dados para uma posterior compreensão e interpretação. Desde que a imagem vem sendo incorporada aos métodos de registro, percebe-se a possibilidade de uma conjugação de olhares, em que a memória pode recompor com maior amplitude a realidade observada a partir da combinação das várias formas de registros. Por essas razões, a fotografia, o filme e o vídeo vêm conquistando novos domínios, transformando a imagem em fonte reveladora do conhecimento antropológico.

Antropologia e imagem: um exemplo brasileiro

O desenvolvimento da antropologia no Brasil se divide em dois momentos significativos, sendo que o grande “divisor de águas” foi a fundação da Universidade de São Paulo, momento em que se deu a implantação da faculdade de Ciências Sociais, em 1936, e da Escola de Sociologia e Política, no mesmo ano. Anterior a esta data as investigações de caráter antropológico eram debatidas e subsidiadas pelos museus e pelas missões exploratórias européias.⁵ Entretanto, um dos grandes acervos sistemáticos de imagens fotográficas de populações indígenas foi coletado pela Comissão Construtora das Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas - CLTEGMA. Tratava-se de uma missão militar comandada pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecida como Comissão Rondon, que atravessou o país de sul a norte no final do século XIX, destacando-se por registrar os diversos agrupamentos sociais encontrados.

A missão durou muitos anos e o Marechal Rondon tornou-se nome de destaque na ação indigenista. Suas relações com os grupos tribais

se estreitavam de tal modo que, por vezes, contava com a participação dos índios, dada a grande dificuldade de mão de obra.⁶

Era pública a posição humanista de Rondon e seu empenho em manter o indígena em seu habitat, como forma de proteger sua cultura. Essa posição levou-o à designação governamental de chefe do Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910 como órgão do Ministério da Agricultura com a finalidade de conduzir os índios ao estágio de “civilização” para posterior integração à sociedade nacional, segundo os ideais positivistas.

Para afirmar sua posição, empenhou-se em registrar e divulgar a situação de cada grupo contatado através de imagens fotográficas e filmicas, aglutinando inúmeros registros da situação geográfica de regiões brasileiras quase inexploradas, bem como das populações nativas que as ocupavam. Com a divulgação das imagens foi possível desvendar um Brasil pouco conhecido, despertando o interesse em estudos acerca dos aspectos culturais tão distintos. Como decorrência, em 1912 o antropólogo Roquette Pinto integrou a equipe de Rondon realizando as primeiras imagens dos índios Nhamiquara, e a ele, sucedeu uma série de fotógrafos, antropólogos e etnólogos que registraram momentos de contato com várias populações indígenas, vindo a demonstrar como o registro de imagens foi sendo incorporado rapidamente como recurso para a pesquisa etnológica.

Alguns autores ainda continuam no anonimato, a exemplo de Harald Schultz, que a partir de 1939 passou a integrar o quadro de funcionários do Serviço de Proteção ao Índio, incumbido por Rondon de organizar um centro de documentação fotográfica e filmográfica. A partir dessa data, passou a acompanhar as expedições fotografando e filmando aspectos do cotidiano dos povos indígenas que eram encontrados nas rotas de instalação da rede telegráfica. Com o material produzido, criou-se o Departamento de Documentação Cinematográfica e Etnográfica, que veio a transformar-se na

(5) Maiores informações acerca do contexto histórico que marca o debate estabelecido entre a Universidade de São Paulo, Escola de Sociologia e Política e Museu Paulista, consultar Campos, S.L. *O olhar antropológico: O índio brasileiro sob a visão de Harald Schultz*, Dissertação de mestrado, PUC/SP, 1996.

(6) Em muitos momentos, observa Gagliardi (1989: 145), “os índios estiveram incorporados à comissão, substituindo os soldados mortos, doentes e desertores(...) colaborando ingenuamente com uma sociedade que em breve iria tirar-lhes impiedosamente a terra em que viviam”.

Seção de Estudos do SPI.⁷ Entre 1942 e 1945, período em que foi funcionário do SPI, efetuou pesquisas com os grupos Terêna, Kadiuêu, Bakairi e Umutina, sendo que, entre os filmes que produziu e aos quais ainda se pode ter acesso, destaca-se o “Danças de culto aos mortos”, por documentar um dos rituais de maior relevância da sociedade Umutina, que hoje não o pratica mais. Foi produzido em 1944/45 em película colorida de 16mm com duração de 4’30”, registrando em detalhes, 3 das 17 danças cerimoniais relacionadas ao culto. Foi seu último trabalho junto ao SPI, pois discordava da ortodoxia positivista impressa aos ideais desse serviço.

Nos relatórios das expedições comandadas por Rondon encontra-se uma farta e detalhada documentação escrita e fotográfica, porém, não foi possível resgatar os registros oficiais dos três primeiros anos de atuação de Schultz junto ao SPI, pois a prática de citação da autoria das fotografias nem sempre era comum nesse período; ao lado disso, parte considerável dos documentos do SPI foi destruída por um incêndio e outra se encontra dispersa.

Entretanto, sua maior atuação tem início na década de 40, quando mudou-se para São Paulo, o que favoreceu sua aproximação a um dos mais importantes centros difusores do conhecimento etnológico. Passou o ano de 46 freqüentando os cursos de Etnologia Brasileira, como aluno de Herbert Baldus, Curt Nimuendajú e outros, na Escola de Sociologia e Política, tendo a oportunidade de iniciar sua formação acadêmica conforme as exigências do período que estimulavam a formação de novos profissionais na área. Porém, não a concluiu, pois dava prioridade à pesquisa de campo e não à formação teórica que o obrigava a ficar restrito às salas de aula ou aos gabinetes de estudo.

Seu talento fotográfico e filmográfico aliado à sua capacidade e interesse de investigação das culturas indígenas, colaboraram para que se tornasse assistente de Baldus em suas pesquisas de campo, dedicando-se à coleta de material etnográfico e arqueológico e à documentação fotográfica e filmográfica de culturas indígenas, principalmente nas regiões Norte e Central do

Brasil. Em 1946 já trabalhava como assistente de pesquisa junto à Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, em 1947, foi contratado como Assistente de Etnologia do Museu Paulista, seção recém-criada e dirigida por Herbert Baldus.

Era um momento em que se investia na formação de uma intelectualidade brasileira e na investigação de realidades nacionais, quando as temáticas folclóricas e principalmente as indígenas encontravam destaque na afirmação de um espírito de brasilidade. Ao mesmo tempo debatiam-se as articulações entre a pesquisa teórica e a pesquisa aplicada em Antropologia, as áreas e realidades a serem pesquisadas e a difusão dos resultados das pesquisas que se realizavam no Brasil. Alguns estrangeiros vieram debater e ampliar as reflexões brasileiras sobre o trabalho de campo, corroborando a idéia difundida por Radcliffe-Brown de que “a coleta de dados devia mudar de caráter e só o antropólogo profissional podia fazê-lo”.⁸ (Mercier 1974: 93-144).

A parceria de Schultz com Baldus resultou em intensa atividade de pesquisa, apoio e divulgação da cultura indígena, destacando-se a participação de ambos como membros da Sociedade Amigos do Índio,⁹ fundada em São Paulo no ano de 1948, que tinha, segundo Baldus, o objetivo de “trabalhar em prol do nosso silvícola, pondo ao alcance do grande público, por meio de publicações, conferências, exposições cinematográficas e exposições etnográficas, a verdade até agora acessível a um pequeno grupo de especialistas”. (Baldus: 1949).

Nesse sentido, Schultz ocupou lugares estratégicos de atuação, pois teve a oportunidade de acompanhar de perto os debates teóricos, quando aluno na Escola de Sociologia e Política, e divulgar seus filmes, fotografias e artigos, no Brasil e fora do país, enquanto membro da Sociedade Amigos do Índio e, ainda, divulgar as manifestações mágico-simbólicas de várias etnias, através da produção material, favorecido por seu

(8) Para maiores detalhes sobre a história da antropologia, consultar a obra de Mercier, 1974.

(9) A Sociedade Amigos do Índio, tinha como estatuto: a) promover e fomentar atividades científicas e artísticas relacionadas com o índio e sua cultura; b) divulgar, por todos os meios possíveis, os conhecimentos a respeito do índio e sua cultura, de modo a torná-los cada vez mais compreendidos; c) cooperar com qualquer instituição ou pessoa que tenha objetivos iguais ou similares.

(7) Com a extinção do SPI, o acervo foi transferido para o Museu do Índio, do Rio de Janeiro.

vínculo ao Museu. Nos vinte anos que trabalhou como assistente de etnologia no Museu Paulista, coletou mais de um terço do acervo etnográfico, registrou suas experiências em inúmeros artigos etnográficos publicados na revista do museu, além de produzir cerca de sessenta filmes etnográficos.

Sua produção tem uma característica peculiar e, por isso, muito rica, pois documentou as culturas indígenas utilizando os recursos textuais, visuais e de coleta sistemática de artefatos. Em muitos casos, os artefatos que foram exibidos nos filmes em processo de confecção, foram descritos e contextualizados nos artigos e levados para o museu, sendo que muitos deles já não são mais confeccionados, pois a técnica se perdeu no tempo, ou estão bem simplificados como consequência do contato intercultural.

O agrupamento de todo o material produzido ao longo de 30 anos de pesquisa sistemática e ininterrupta nos permite mapear a trajetória e transformação de vários grupos étnicos, alguns hoje extintos ou aculturados. O fato de seus filmes apresentarem as cenas em tempo real, não impede a visão etnográfica dos grupos evidenciados. São filmes de curta duração e temáticos possibilitando ao observador a constatação da existência da diversidade cultural, ou seja, quando o autor explora a temática da aquisição de alimento, destacando a pesca, fornece ao espectador a noção das várias técnicas utilizadas entre os distintos grupos, além das diferenças de aparência física, de comportamento, de meio ambiente, entre outros traços distintivos.

Cabe observar as limitações de seus filmes, pois o autor não era cineasta e não manifestava uma grande preocupação estética na composição das imagens, tanto é que, os filmes não foram editados e nem sonorizados. Entretanto, seus objetivos eram claros: “divulgar, por todos os meios possíveis, os conhecimentos a respeito do índio e sua cultura, de modo a torná-los cada vez melhor compreendidos”, seguindo um dos itens do estatuto da Sociedade Amigos do Índio, buscando ainda tornar suas imagens acessíveis ao público em geral e não apenas ao pequeno grupo de especialistas.

Conclusão

O contexto de desenvolvimento da Antropologia brasileira tornou oportuna a adoção do mé-

todo de investigação praticado por Schultz, pois se tratava de um momento de intensa reflexão e ampliação das tendências teóricas trazidas da Europa e sua aplicação na realidade brasileira. A prática da pesquisa sobre as sociedades indígenas mostrava resultados conflitantes aos ideais positivistas e à teoria evolucionista, pois tornava evidente que não só havia uma resistência cultural, como estavam muito longe de desaparecerem ou se integrarem à sociedade abrangente.

Harald Schultz foi testemunho de um período no qual surgiu uma nova consciência sobre a questão indígena, gerada, talvez, pela grande crise por que passou o Serviço de Proteção ao Índio, e pelas evidências que se chocavam com a teoria positivista. Podemos dizer que Schultz é um dos representantes de uma geração de antropólogos indigenistas, que se preocupava em delinear o papel decisivo do etnólogo na preservação das populações, pois, segundo Baldus, “ao etnólogo caberia, enquanto investigador, estudar a fundo a estrutura e função de uma etnia, para depois, como interventor, dar a sua opinião a respeito do tratamento a ser empregado para eliminar ou preservar certos traços culturais. O etnólogo se diferenciava do funcionário administrativo e do missionário, porque se dedicava exclusivamente à ciência”. (Gagliardi 1989: 252-248).

Deixa-nos também, um material visual representativo sobre o qual possa-se refletir metodologicamente no campo da antropologia visual, mesmo que esta ainda não tenha ampla aceitação nas áreas de ensino e pesquisa no Brasil.

O alcance dos registros através de imagens não tem limites, por avançar as barreiras do tempo. A exemplo de Schultz, que pretendia divulgar a um público mais abrangente a diversidade das culturas indígenas. Hoje, as mesmas imagens ampliam as pretensões do autor, no sentido de se tornarem fontes reveladoras que possibilitam o resgate da memória cultural de povos que já estão extintos ou aculturados. Mesmo que questionada, trata-se de mais uma comprovação de que a adoção do recurso de imagens pode cumprir seu objetivo enquanto registro, junto à pesquisa antropológica.

Outro ponto polêmico para reflexão, refere-se à pertinência da expressão fílmica, e à indagação se a palavra “fala” mais que a imagem. Ou será que ambas refletem aspectos parciais da realidade?, ou ainda, se a imagem não pode assumir um papel de equivalência à própria escrita?.

Enquanto buscamos as respostas a estas e a outras inúmeras questões, não podemos perder a dimensão de que o potencial da linguagem imagética merece ser mais investiga-

do e explorado, por se tratar de uma nova construção do depoimento antropológico, fundada sob uma nova ótica e um outro olhar sobre o diverso.

Quadro sintético da produção filmográfica de Harald Schultz

DATA	ETNIA	TÍTULO	DURAÇÃO
1944/45	Umutina	Danças de culto aos mortos	4'30''
1949	Krahô	Queimada	1'30"
		Corrida de revezamento ritual com toras de madeira	5'
		Cerimonia matinal	2'
		Preparando um grande bolo de mandioca para festa	10'30''
1951	Kaxináwa	Expedição de festa e pesca	8'30
1959	Karajá	Trançando um ornamento de penas para a cabeça	5'
	Javaé	Crochetando ornamentos das penas	8'30''
		Escarificação	4'30''
	Krahô	Trançando uma máscara Kokrit	'14
		Fazendo uma flecha	9'
		Expedição de caça de dois grupos cerimoniais	24'30''
	Javaé	Cerâmica: fazendo uma panela para cozinhar	11'
		Danças de máscaras Aruanã	20'30''
	Krahô	Dança de máscara Kokrit	3'
		Expedição de pesca	17'39''
		Trançando um cesto	6'
	Javaé	Trançando uma pequena esteira com rebordo forte	7'
	Krahô	Fiação um fio de algodão	3'30''
		Tecendo um cinturão para carregar crianças	4'30''
1960	Txukahamai	Comer, beber e fumar: homem com botoque	2'
	Suyá	Fabricação de um botoque	13'
		Fazendo uma flecha	9'
		Obtenção de sal de plantas aquáticas	10'
		Cultivo de campo queimado	5'
	Karajá	Pescando por envenenamento de água	11'
		Pescando um pirarucu com arrastão	14'30"
	Suyá	Pesca por envenenamento da água	12'30"
	Karajá	Trançando uma esteira grande	12'
	Tukuna	Fazendo pano de casca	22'
1962	Erigpatsá	Fazendo um colar de presas de javali	3'30''

Quadro sintético da produção filmográfica de Harald Schultz (cont.)

1964	Waurá	Cultivo de campo queimado	5'
		Obtenção de fogo	6'30''
		Trançando um cesto	10'
		Fazendo uma tanga de fibras de casca	6'30''
		Fabricando um cocar	7'30''
		Fazendo um colar	11'
		Fazendo um enfeite de cabeças para meninos	5'30''
		Pintando o corpo	6'
		Buscando água	3'30''
		Jogo de luta Javari	11'
		Luta romana	5'30''
		Obtenção de sal de plantas aquáticas	18'
		Fazendo uma tábua para ralar mandioca	9'
		Procissão de máscaras das figuras Sapokuyaná	3'30''
		Trançando um leque para fogo	6'
1965	Krahô	Colheita e preparo da mandioca	15'30''
		Cozendo beijus	15'30''
		Obtenção do corante urucu	8'
		Apontando os dentes	4'
		Perfurando o lóbulo da orelha	6'
		Pintura de corpo	5'30''
		Juntando e preparando tartarugas	12'
		Preparando frutas de palmeira	13'30''
		Cozendo tortinhas	2'30''
		Fazendo brinquedos de folhas de palmeira	10'30''
Trançando um cesto	7'30''		

The image as a method of anthropological research: an essay on Visual Anthropology.

CAMPOS, S.M.C.T.L. The image as a method of anthropological research: an essay on Visual Anthropology. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 275-286, 1996.

ABSTRACT: This article aims to contribute to the debate about Visual Anthropology, and also regards aspects of the history of Brazilian Anthropology, related to the use of images as a research method.

UNITERMS: Visual Anthropology – Ethnology – Material culture – Ethnographic film.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G.
1989 A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Martins Fontes Editora.
- BALDUS, H.
1965/66 Harald Schultz, 1909-1966. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*. São Paulo, XVI: 7-20.
- BATESON, G.; MEAD, M.
1942 *Balinese Character: a Photographic Analysis*. N.Y., Academy of Sciences.
- CAMPOS, S.M.C.T.L.
1994 Antropologia visual: velhas fronteiras disciplinares, novas abordagens. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 167-172.
1966 O olhar Antropológico: o índio brasileiro sob a visão de Harald Schultz. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DEBRET, J.B.
1940 *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Milliet, São Paulo, Livraria Martins, v. I e II (Biblioteca Brasileira).
- GAGLIARDI, J.M.
1989 *O Indígena e a República*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP (Estudos Brasileiros, 25).
- HOCKINGS, P. (Ed.)
1988 Ethnographic filming and the development of anthropological theory. *Cinematographic theory and new dimensions in ethnographic film*. Osaka/Japan, National Museum of Ethnology. (Senri Ethnological Studies, 24): 205-224.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1975 *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- MERCIER, P.
1974 *História da Antropologia*. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado, Tijuca Ltda.
- MICELI, S. (Org.).
1989 *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Edições Vértice/IDESP/FINEP, v.1.
- MONTE-MÓR, P.
1995 Descrevendo Culturas: Etnografia e Cinema no Brasil. *Cadernos de Antropologia Visual e Imagem*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1: 81-88.
- MORIN, E.
1986 *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PEIXOTO, C.
1995 A Antropologia Visual no Brasil. *Cadernos de Antropologia Visual e Imagem*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1: 75-80.
- SAMAIN, E.
1995 “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, 2: 19-48.

Recebido para publicação em 16 de dezembro de 1996.

A GESTÃO DOCUMENTAL DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E ETNOGRÁFICO

Marilúcia Bottallo*

BOTTALLO, M. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 287-292, 1996.

RESUMO: A Documentação de Gestão Museológica, baseada em coerência de procedimentos e sistemática de organização, não é anterior a uma postura ética e científica que a orienta. Este texto pretende discutir as implicações de caráter conceitual que fornecem o perfil dos métodos e técnicas, dirigindo-os para objetivos específicos.

UNITERMOS: Documentação Museológica – Museologia – Gestão Documental.

O trabalho de gerenciamento patrimonial nos museus possui várias, e nem sempre conhecidas, facetas que vão desde as diversas especialidades ligadas à preservação de aspectos materiais e imagéticos dos objetos até a extroversão de seu potencial por meio de conceituações e processos que culminam nas exposições museológicas.

Um dos princípios básicos da idéia de museologia é o seu aspecto de permanência e a este alia-se, quase como uma consequência, o de reiteração. Em vista desta característica, a questão ideológica vem no cerne da discussão da museologia enquanto fazer. A Ciência Histórica modificou muito seus parâmetros de análise e sabemos agora que, como construção, é passível de modificar-se, de ser revista de acordo com as ‘necessidades’ ou mesmo possibilidades relativas ao tempo e espaço vividos.

Nesse aspecto, percebemos como mudanças conceituais afetaram profundamente a prática

coleccionista e interpretativa nos museus, gerando uma nova disciplina: a museologia.

A museologia possui um corpo conceitual e, trabalhando com os princípios da *cultura material*, traz à tona questões que cada vez mais potencializam os objetos para que seja possível, através dos trabalhos curatoriais, rever ou revelar aspectos científicos, culturais, sociais, biológicos, etc., que estão vinculados ao entendimento do próprio homem, seu ser e estar no mundo.

A faceta ideológica torna-se cada vez mais uma questão discutida de maneira aberta: a pluralidade social e cultural são, já há algum tempo, conjecturas necessárias da abordagem científica da História assim como da Museologia.

No entanto, há áreas de atuação mais sutis – no campo do tratamento da cultura material – que, muitas vezes, por uma questão de pressuposto, torna-se difícil abordar ou entender onde se encontram os aspectos conceituais e, portanto, ideológicos, que as norteiam.

É o caso dos diversos procedimentos relativos aos objetos em um museu – e aqui, aqueles de caráter arqueológico ou etnográfico – e que antecedem à exploração de sua musealização e as preocupa-

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Serviço de Curadoria, Equipe Técnica de Documentação Museológica.

ções expositivas. São os tratamentos Laboratoriais (extensão necessária do trabalho de campo do arqueólogo ou etnólogo), de Documentação de Gestão Museológica e das Ciências da Conservação.

Proponho a discussão de alguns aspectos conceituais do *tratamento documental* de objetos arqueológicos e etnográficos, embora acredite que tais questionamentos possam incluir a documentação de qualquer classe de objetos de museus ou aqueles com perspectiva de musealização.

Conquanto atualmente se tornem cada vez mais claras as diferenças, ainda é preciso ressaltar que os objetivos da Documentação de caráter Museológico são diferentes daqueles de um arquivo ou uma biblioteca. Essa diferença gera mudanças nas técnicas de abordagem, armazenamento e recuperação de documentos e informações. A própria formação dos vários profissionais também é distinta. O Documentalista de museus é um museólogo que trabalha em uma das áreas aplicadas da Museologia.

A informação tratada através dos procedimentos da Documentação de Gestão Museológica está diretamente associada à musealização dos objetos. De acordo com Waldisa Rússio, o processo de musealização de objetos e artefatos pressupõe três preocupações fundamentais: documentalidade, testemunhalidade e fidelidade (Rússio 1990). Tais aspectos remetem diretamente a questões que vão desde a busca, organização e sistematização das fontes geradoras dos fatos e seus testemunhos materiais, até a veracidade dos documentos e o compromisso com a possibilidade de expansão do conhecimento derivado de pesquisas junto às fontes, considerando a exposição museológica como momento culminante de todo esse processo e pensada sobre os pilares da preservação (material e potencial) dos registros (sobre qualquer tipo de suporte).

Os objetos de um museu são documentos que podemos considerar como fontes primárias: registros e testemunhos da existência do Homem e sua trajetória. Não obstante, restrinjo-me aqui àquela documentação primária (ou de outros graus) que é relativa àqueles mesmos objetos museológicos e que, de alguma forma, precedem ou, muitas vezes, substituem a consulta ou manipulação daqueles. Essa documentação é aquela que potencializa a enorme carga informativa dos objetos museológicos propriamente ditos.

A discussão sobre a Documentação Museológica parece fundamental uma vez que, cada vez

mais, as especializações nas diversas áreas aumentam e dão uma visibilidade ampla do campo de atuação do Museólogo.

Houve, no passado recente da museologia no Brasil e no mundo – em alguns ambientes museológicos isso ainda persiste –, uma confusão entre especialidades, áreas afins e aplicadas e, muitas vezes, o Museólogo Documentalista teve sua atividade identificada com a própria idéia do fazer museológico. Essa confusão não é de se estranhar, uma vez que sua origem está na própria maneira como foram estruturados os primeiros museus: em base a coleções que deveriam ser classificadas, catalogadas, descritas e, *eventualmente*, expostas ao público.

Nesse sentido, identifico aproximações e similitudes entre as abordagens da arqueologia e da etnologia como fazer, em seus conceitos primordiais e o caminho da museologia como ‘Ciência em construção’ (Rússio 1989).

Para abordar certas semelhanças, em primeiro lugar é preciso partir do pressuposto que a Arqueologia e a Etnologia são muito mais que atividades de observação, coleta, classificação e descrição de ‘fatos’ arqueológicos e/ou etnológicos, conceito esse que historicamente imperou porque validado por vários profissionais dessas áreas ao longo dos anos e que sucessivas gerações de cientistas tratam de modificar (Funari 1988). Essas atividades formam um *corpus* conceitual e possuem estatuto científico e, portanto, são ciências de construção de conhecimento, enquanto tal próximas da História ou das outras ciências sociais.

A idéia de construção implica que nos apoiemos nos fatos como pontos de partida para incursões mais sofisticadas e geradoras de conceitos, visões de mundo e interpretações que, também por característica, não podem abarcar a universalidade dos fenômenos históricos, sociais e culturais da humanidade.

Cada vez mais se evidenciam essas questões através das diversas ideologias políticas e econômicas que sustentam ou são sustentadas pela estreita ligação que mantêm com a área científica, a tecnologia e todas suas aplicações.

Assim, a Museologia não é o estudo dos museus, mas dos fenômenos sócio-culturais que envolvem fazeres diferenciados da produção humana e orientadas por uma abordagem específica: a da cultura material em um espaço institucional. O

museu não é mais apenas uma vitrina,¹ mas um local de produção (e por vezes, reprodução) de conhecimento.

Louis Althusser (1985), pensando na questão do fazer científico na área da educação – além de tratar das organizações ‘para-oficiais’, tais como a Igreja e a burocracia –, desenvolveu a teoria de controle social introjetado através desses organismos que se mantêm aparentemente desvinculados do poder estatal e policialesco, mas que são fundamentais no processo de doutrinação e submissão da sociedade de maneira que esta não tenha mecanismos de percepção da rede de relações implícita nos procedimentos burocráticos, formalismos, costumes, etc.. Althusser não aborda a questão dos museus. Porém, essa ligação não me parece uma impossibilidade, pois o processo de reiteração nestes, seja de um determinado conceito educacional e cultural, assim como o de sociedade é mais do que uma simples intuição: é reforçado através de uma aparente desvinculação de questões ideológicas imediatas. Se assim não fosse, muitos professores de cursos de 1º e 2º grau não procurariam os museus como forma de ilustração tri-dimensional de suas aulas – em geral – de história e geografia.²

Não se pode falar de uma intenção ideológica clara ou evidente no que se refere aos Documentos e, principalmente, à *documentação primária*³ que alimenta nossos arquivos, fichários, etc.. No entanto, não apenas o formato, suporte e gênero dos documentos e seus procedimentos de registro, assim como o tipo de informação selecionada, são indicadores do caráter de uma sociedade e sua

maneira de transmissão de cultura e valores e, muitas vezes, da própria manutenção do status quo dado pela permanência das instituições, a inculcação de valores e a explicação mesma do princípio gerador daquela sociedade.⁴

É preciso deixar claro que entre o ‘fato’ – arqueológico e etnológico – e seu registro há uma reflexão sobre o mundo que permitiu que tal registro tivesse determinado aspecto. As informações que temos condições de extrair de um objeto ou artefato estão condicionadas por valores que incluem *a priori* científicos, históricos, sociais, comportamentais e até burocráticos, não somente dos observadores e estudiosos dos fenômenos como daqueles que vivenciam e perpetuam práticas, procedimentos, crenças, ritualísticas, etc..

Essa característica não apenas condiciona a apreensão de determinadas informações que são pertinentes em relação aos fatos, como também sua forma de registro e, por consequência, determina o *esquecimento* ou descarte de outros dados: aqueles que não ‘interessam’.

A forma do registro não é sinônimo de seu gênero documental: registros escritos, orais, visuais, sonoros e que estabelecem, muitas vezes, estudos especializados. Porém, seu formato já nos dá indicações do tipo de dados que podemos extrair no processo de elaboração de teorias. São os cadernos de campo, mapas, diários, narrativas, processos e procedimentos diversos, mas também tradições orais, contos, costumes ancestrais, hierarquias, gestuais, regras de etiqueta, etc., que dão para o pesquisador uma fonte de informações, muitas vezes, distinta daquela que corresponderia à ‘função original’⁵ do documento.

Atualmente, acresce que o discurso da pluralidade tornou-se uma premissa: é preciso, se quisermos ser coerentes e científicos, incorporar os discursos dos vários ‘excluídos’ da História oficial e

(1) Na verdade nunca o foi. Essa maneira de pensar também foi fruto de uma construção histórica onde a discussão sobre a alteridade foi colocada em segundo plano em nome de uma pretensa neutralidade equivocadamente reivindicada como princípio científico.

(2) Há por parte de amplo número de profissionais de museus e da educação um entendimento desse tipo de distorção e que vem sendo corrigida com um atendimento especializado a professores e alunos através dos vários serviços educativos de museus, além da reformulação conceitual das exposições museológicas.

(3) Também chamada de fonte primária, o que em Ciência Histórica é considerado o próprio Documento, ou seja, o registro produzido junto ao fato, servindo, então, de base para a formulação de teorias e interpretações de caráter conceitual. São as cartas, testamentos, depoimentos, cadernos de campo, os objetos de cultura material, etc..

(4) Que pode ser religioso, místico, científico, etc., mas que sempre aparece como anterior à própria estruturação da sociedade enquanto tal, resultando em uma divisão hierárquica específica assim como estruturas econômicas e políticas que correspondam a tais princípios fundadores.

(5) Esta função pode ser dada por uma característica primeira como, por exemplo, a dos testamentos, criados como instrumento jurídico de expressão de último desejo, mas muito utilizados para construção de teorias que amparam as abordagens das histórias econômicas, das mentalidades, do cotidiano, das instituições, etc..

a documentação existente precisa pensar essa questão. No entanto, esse desejo legítimo de voz e expressão acabou gerando – porque mal apreendido – armadilhas que beiram um tipo de carceragem sob a aparência do ‘politicamente correto’.

Os documentos em seus vários suportes e formatos devem tratar de alguma forma a diversidade das diferentes culturas. No entanto, nunca será possível abarcar a totalidade dos fenômenos que nos circundam, seu registro e todas as infinitas possibilidades de memórias que podem gerar aqueles fatos (matéria-prima). Essa angústia documental, além de inesgotável, criaria o que Bezerra de Menezes classifica como ‘simulacro de presente petrificado em memória’ (Menezes 1990).

Por causa desta impossibilidade de registro constante e permanente, que poderia produzir o oposto do que se deseja, percebemos como a documentação pode fornecer dados para uma interpretação de aspecto múltiplo. Um documento, assim como um objeto de museu,⁶ são ‘fontes’ para interpretações, mas que, de alguma forma, já refletem uma determinada visão de mundo, o que não impede que, como documentos, sejam constantemente reavaliados e reinterpretados pelas várias teorias e princípios que norteiam a história e, por conseguinte, a arqueologia e a etnologia.

Cabe questionar qual o pressuposto da documentação e onde encontrar o que se classifica como a ‘verdade’ dos fatos ou a manutenção de princípios científicos. Existe sempre um processo de intermediação: entre os fatos e seu registro há uma forma de ver o mundo que vai condicionar a maneira como este será conhecido, reconhecido e interpretado. A ‘verdade’ passa a ser um outro conceito e, portanto, relativo e vinculado ao olhar que interroga e responde àquelas informações.

A elaboração dos processos de memória trabalha com uma dualidade que, aparentemente, se relaciona por oposição: permanência e esquecimento. Se a Memória, assim como a História, necessita do esquecimento para adquirir relevância e, no limite, seu próprio estatuto enquanto tal, então podemos pensar se a seleção se dá por um processo ‘natural’ – psicológico ou biológico – ou cultural, que implica em um condicionamento prévio do olhar, do

sentir e da própria vivência. Essa imposição aparece não somente nos processos mnemônicos mas também envolve a seleção implícita nos procedimentos técnicos próprios da documentação.

Portanto, a pretensão ‘pré-ideológica’ apresenta-se como uma impossibilidade cultural, assim como o desejo de coletar, registrar, arquivar e divulgar o conhecimento *total* e as infinitas interpretações derivadas das várias e múltiplas memórias. Corre-se o risco de uma incursão neo-iluminista ou neo-enciclopédica pelo mundo da informação e, no entanto, interminável, pouco reflexiva ou esclarecedora.

A consistência dos procedimentos documentais e técnicos está justamente na possibilidade de proporcionar o contato com algo que se aproxima muito da fonte dos ‘fatos’, da matéria-prima da História. No entanto, não é possível reivindicar para a documentação o estatuto de verdadeira no seu sentido mais conceitual – de portadora de uma exatidão ou certeza incontestável relativamente às informações e idéias que expressa – mas sim nos seus aspectos de correção, legibilidade, autenticidade, legitimidade e fidelidade, que tornam o documento aquilo que mais próximo existe relativamente à realidade experimentada. Essas discussões são resolvidas em relação à Documentação através de questões de Método.

Os arquivistas são muito claros quando abordam o princípio da ‘verdade documental’ baseando-se não em aspectos reflexivos ou de conteúdo mas no que concerne ao aspecto jurídico e à idéia de unicidade e objetividade das séries documentais (Herrera 1992).

Os documentos são os únicos testemunhos que nos restam como resultado da passagem do ser humano através do tempo e do espaço. Através deles geramos informações, construímos, constantemente, memórias e processos histórico-sociais e culturais.

O uso dos documentos na elaboração de sintaxes teórico-metodológicas vai ser condicionado tanto pelos seus diferentes suportes – escritos, visuais, sonoros, auditivos e, incluindo agora os suportes virtuais – como pelas formas de registro – textos, cartas, vídeos, filmes, fotografias, etc..

O mundo sofreu uma grande transformação com a revolução que impôs a palavra escrita como força de registro sobre a oralidade. Suas características específicas aliadas ao advento da imprensa proporcionaram mudanças nas formas de ver e inter-

(6) Esta tautologia ainda se faz necessária como afirmação do potencial documental de qualquer forma de registro, ou ainda de qualquer tipo de produção, destacando os objetos de cultura material.

pretar os fatos do mundo. Até mesmo a idéia de poder foi modificada: a democratização do conhecimento através da oportunidade de amplo acesso à informação tornou-se um aspecto tão valorizado da cultura ocidental que até hoje somos influenciados por esse fator. Por isso a necessidade que temos de 'imprimir', de transformar em palavra escrita, qualquer tipo de produção e experiência, científica ou não.

A virtualidade das novas formas de registros, a facilidade de reproduções e a extrema rapidez das possibilidades de falsificações que têm sido impostas a usuários e gestores, seja pela sofisticação dos meios informatizados como por um acesso muito ampliado e sujeito a revisões constantes, exige dos museólogos documentalistas novas formas de abordar os documentos sob os pontos de vista de sua armazenagem, recuperação, conservação e controle de acesso. É necessário, também, rever conceitos como o de originalidade.

No entanto, persiste a questão sobre quais recortes da realidade os documentos continuarão sendo usados como instrumentos de seleção de fontes.

Em um ambiente museológico, o princípio que norteia a organização das informações é pensado pelo museólogo documentalista tendo como preocupação principal a coleta, triagem, organização, controle, armazenagem, recuperação e divulgação dos registros que possam servir de base para o desenvolvimento dos trabalhos de caráter curatorial e sua extensão através das exposições relativas às coleções que o museu abriga.

Todo o controle relacionado à movimentação dos objetos dentro e fora do museu são de responsabilidade do museólogo documentalista, além de cuidar também do gerenciamento de risco e da formalização da situação legal das coleções. Para alcançar tais objetivos trabalha com sistemáticas controladas que vão dar forma e sentido às informações armazenadas, racionalizando seu uso e acesso.

Algumas das estratégias de sistematização são: o uso de vocabulários controlados, normatização, padronização na produção de novos documentos, arquivamento hierarquizado, procedimentos baseados em legislação existente, submissão aos códigos de ética específicos da área, etc..

A importância da documentação, considerada como o método de controle de unidades de informação e dados, e a inovação nas suas formas de registro, alcançaram limites em que, mui-

tas vezes, a própria experiência foi trocada pelo seu registro.⁷

Para a museologia, essa questão parece fundamental, pois a experiência museológica de contato (basicamente visual) com os testemunhos autênticos do nosso passado muitas vezes é substituída pelas linguagens de apoio e materiais de caráter didático ou de divulgação (linguagens multimídia, CD's ROM, cartelas de slides, postais, etc.).

Não existe técnica que se sobreponha ao conceito ou que o anteceda. Do contrário não caberiam as críticas aos sistemas burocratizados e suas redes organizadas – ou não – de 'papéis', hierarquias, etc., que acumulam demasiada e desnecessariamente o ser humano, mas que servem a um propósito claro: a manutenção do próprio sistema.

Da mesma forma, não há descrição⁸ que anteceda uma narração. Aquela, assim como os sistemas de classificação, obedece a uma lógica determinada e que implica em hierarquizações.

Para que possamos nos aproximar da 'verdade' ou, com mais certeza, da legitimidade da experiência ou realidade vividas e registradas, os documentos precisam manter uma linguagem extremamente controlada porque é através desses procedimentos que poderemos democratizar a informação.

A técnica serve, em momentos distintos, para vários fins. No que tange à Documentação Museológica, os gestores buscam servir ao conhecimento, de caráter científico ou não. Mas não é anterior ou diferente deste no seu aspecto de produção. A técnica é construída e, por isso mesmo, sujeita a revisões e atualizações constantes em busca da manutenção dos princípios aos quais serve.

Para servir aos princípios da pesquisa e da ciência e valendo-se de metodologia própria, o documentalista de museus deve ser um profissional que pauta sua atuação em bases éticas rígidas que garantam a permanência do estatuto do

(7) É o caso dos rituais de passagem (casamentos, batizados e outros) cuja importância enquanto prática normalizada, em diversos meios sócio-culturais, foi substituída pela possibilidade de permanência do evento através dos registros - especialmente os visuais: fotografias, filmes e vídeos.

(8) Método bastante empregado na Documentação Museológica para identificação de objetos, por meio de vocabulário controlado.

documento enquanto tal. Como especialista e gerenciador de informações, esse profissional lança mão de métodos de organização, classificação, ordenação, graduação e recuperação de fontes

como resultado de reflexões que buscam alcançar um objetivo claro: a reelaboração constante do ser humano adivinhado por intermédio de sua própria produção.

BOTTALLO, M. The documental management of archaeological and ethnographical patrimony. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 287-292, 1996.

ABSTRACT: The Documentation related to Museum collection management is based in coherency of procedures and sistematic organization. Not withstanding it does not precede scientific or ethical orientations. This text aims at discussing the conceptual implications that give profile to methods and techniques guiding them to specific goals.

UNITERMS: Museum Documentation – Museology – Collection management.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L.
1985 *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro, Graal.
- BRODY, J.J.
1991 *Meanings of things*. Museum News November/December, American Association of Museums: 58-61.
- CASE, M.
1988 *Registrars on Records. Essays on Museum Collection Management*. American Association of Museums.
- FUNARI, P.P.A.
1988 *Arqueologia*. Editora Ática, São Paulo.
- HERRERA, A.H.
1991 *Arquivos, Documentos e informação. O Direito à Memória*. Patrimônio Histórico e Cidadania. DPH, São Paulo.
- HORTA, M.L.P.
1995 *A integração abrindo fronteiras*. Palestra proferida no 1º Encontro de Museus do Mercosul. São Miguel das Missões, RS.
- LOUZADA, N.M.
1991 *Diferentes suportes para a memória. O Direito à Memória*. Patrimônio Histórico e Cidadania. DPH, São Paulo.
- MENEZES, U.B.
1992 *A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 34: 9-24.
- POMIAN, K.
1988 *Musée Archéologique: art, nature, histoire*. Le Débat: Mars/Avril, Ed. Gallimard, 49: 57-68.
- RUSSIO, W.
1989 *Museu, Museologia, Museólogos e Formação*. Revista de Museologia. IMSP/FESP, São Paulo, 1 (1): 7-11.
1990 *Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação*. Cadernos Museológicos nº3. IBPC, Rio de Janeiro.

Recebido para publicação em 15 de agosto de 1996.

MUSEUS DE ARQUEOLOGIA: UMA HISTÓRIA DE CONQUISTADORES, ABANDONO E MUDANÇAS*

Maria Cristina Oliveira Bruno**

BRUNO, M.C.O. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 000-000, 1996.

RESUMO: Apresenta-se neste artigo alguns aspectos relevantes da historicidade do fenômeno museu, vinculado ao universo científico da Arqueologia. Tenta-se discutir os conceitos que têm pontuado a trajetória destas instituições e mapear as características que os processos contemporâneos de musealização herdaram das experiências museológicas anteriores.

UNITERMOS: Museu – Arqueologia – Coleção – Museologia.

Apresentação

Sob a identidade de “Museu de Arqueologia” acumula-se, nos dias de hoje, uma multiplicidade de características museológicas que indica um passado comprometido com aspectos relevantes da história dos museus, no que diz respeito à importância do colecionismo para estas instituições como também a evidente parceria com as diferentes fases das descobertas e da pesquisa arqueológica nestes últimos séculos.

Outro aspecto marcante dessas instituições está vinculado ao caráter universalista de seu conteúdo, constituído de coleções difusas no tempo e no espaço. Da mesma forma, pode-se afirmar que, nas últimas décadas, esses museus têm servido, também, para o tratamento patrimonial da memó-

ria local. Elevando-a, algumas vezes, ao patamar das referências nacionais e universais.

Os museus de Arqueologia existem em todos os continentes, ainda reconhecidos como centros de pesquisa, vinculados em sua maioria às universidades e responsáveis por parcelas significativas do patrimônio que tem sido preservado ao longo dos séculos.

Entretanto, cabe analisar algumas questões estruturais que têm consolidado essas instituições, como também evidenciar certos pormenores de sua trajetória que as distinguem entre si e de outros tipos de museu.

As coleções arqueológicas estão na gênese da história dos museus. Amparados em alguns séculos de investigação e interesse pelo passado, pelo exótico e pelo diferente, esses acervos foram constituídos, de uma certa forma, para diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos. Espelham também, a colonização, o saque e a destruição de alguns povos por outros. Sobre tudo, esses acervos, espalhados em museus de portes diferentes, podem sinalizar aspectos inerentes à longevidade e diversidade da herança patrimonial dos seres humanos.

(*) Este texto, com algumas alterações, está inserido na tese de doutoramento *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para Projeto Paranapanema*, da mesma autora.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo.

Esta análise sobre a trajetória desses museus tem o objetivo de mapear os aspectos mais relevantes que os processos contemporâneos de musealização herdaram das experiências museológicas anteriores.

1 – As Coleções que os museus herdaram

Os séculos XVI e XVII registraram, com muita ênfase, a afirmação do colecionismo como um fenômeno resultante do interesse por uma cultura universal, humanística e científica, e também da estupefação com uma outra humanidade, que emergiu das viagens e descobertas, com traços físico-culturais estranhos ao universo medieval europeu.

Se as coleções estão na origem dos museus, cabe enfatizar que elas têm suas bases no mobiliário e oferendas dos templos; nos tesouros principescos; nos presentes, saques e despojos de guerra e conquistas e nas relíquias e objetos sagrados. Em qualquer um desses segmentos, é possível verificar a mesma atitude de identificação e retirada de objetos do uso cotidiano, para expô-los à contemplação dos deuses, dos mortos ou dos outros homens. Atitude, esta, comum às sociedades desde os princípios do processo de hominização.

No entender de Pomian (1984), este complexo universo das **coisas** e dos **semióforos**¹ que está nas entranhas das coleções e dos museus, significa o esforço dos homens para superarem a transitoriedade humana, na medida em que esses objetos permitem a relação do mundo visível com o invisível.

Os objetos arqueológicos desempenharam um papel relevante no universo acima referido, que deu um real significado às coleções do renascimento. O contato com a obra antiga é responsável pela abertura de novas possibilidades de apreciações culturais, de confrontos, interpretações e recriações da cultura clássica e uma maior dimensão temporal sobre a própria existência humana. Da mesma forma, o contato com objetos estranhos dos povos nativos da América e do Oriente contribuiu para que o europeu reorganizasse a sua visão de mundo, até então delimitada pelas muralhas medievais.

Nessa época as coleções passaram a representar, sobretudo, facetas do poder constituído e começaram a ser utilizadas como elementos de ostentação.

De acordo com Schaer (1993: 15 e 16)...“Les humanistes recherchent d’abord les vestiges de l’antiquité romaine. Objets d’un véritable culte, les traces matérielle laissées par la Rome classique prennent une immense valeur. On se soucie de leur conservation; les entreprises archéologiques se multiplient, fouilles ou relevés topographiques, et, en 1462, le pape Pie II interdit la réutilisation, pour les constructions neuves, de matériaux tirés de monuments anciens, pratique jusque-là courante. Dans ce contexte, en même temps qu’ils étudient les manuscrits et redécouvrent les auteurs de la littérature latine, les érudits collectionnent ce qu’on appelle des “petites antiquités”: inscriptions, objets usuels ou précieux, fragments de sculpture, et surtout médailles et pierres gravées. Ces objets sont considérés par les humanistes comme des illustrations originales des textes, ils donnent figure aux personnages, aux décours ou aux événements qu’ évoquent les manuscrits”.

O colecionismo se estendeu, a partir dessa época, pelos diversos e emergentes países europeus, configurando a existência de novos espaços consagrados à reunião de objetos de valor, a encontros sociais, a estudos, ao comércio de antiguidades, possibilitando a convivência entre as cortes principescas e as famílias burguesas em ascensão econômica.

É possível distinguir, neste misterioso e estimulante mundo do colecionismo, diversos e hierárquicos gêneros de colecionadores. Primeiro, pode-se destacar os “curiosos”, identificados em especial no século XVI por aqueles que se interessavam por tudo, pelas coisas raras e insólitas. Em seguida, ainda a partir do mesmo período, apareceram os “amadores”, que escolhiam e preservavam os objetos belos, sobretudo para seu prazer. Estes últimos configuraram, especialmente, o que pode ser chamado de uma sub-categoria de colecionador, que é o colecionador - amador - mecenas.

Nas palavras de Benoist (1971: 8), “Le collectionneur proprement dit occupe un degré plus avancé parce que plus spécialisé et conséquent plus savant. C’est un mordu, un passionné qui veut tout réunir dans son domaine et surtout l’objet introuvable qui couronnerait la série. Enfin si le collectionneur est en même temps un homme de

(1) Trata-se, de acordo com o autor, “de objetos que não têm utilidade, ... mas que representam o invisível e são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (1984: 71)

gôut, il devient un “connaisseur”, à la fois esthète et expert, capable d’en remonter aux compétences dans le champ de sa spécialité”.

É evidente que estas categorias distintas de envolvimento e difusão em relação ao colecionismo, às vezes, se sobrepuseram e ainda hoje podem ser percebidas entre aqueles que se dedicam a coletar/comprar, guardar/cuidar, organizar/estudar, expor/partilhar certas coisas e não outras, tanto públicas quanto privadas.

Esta maneira de ser e estar que define o colecionador e a coleção, também é percebida no âmago das relações que têm sido estabelecidas entre os profissionais de museus e, destes, com a sociedade a qual esta instituição se destina.

Certas atitudes sobreviveram ao cientificismo que marcou, posteriormente, no século XIX, a afirmação mundial dos museus. E não é difícil constatar que estão presentes, ainda, na contemporaneidade, mesmo considerando que estas instituições têm sido desafiadas, sistematicamente, por diferentes demandas sociais e impulsionadas pelas conquistas tecnológicas.

Os objetos arqueológicos foram valorizados no período renascentista, quando a arte, a história, a ciência e o estudo da natureza concentraram a atenção da elite política e econômica. Uma das expressões marcantes deste momento foi o surgimento das galerias de arte e dos gabinetes de curiosidades. “Sin duda, constituían el público comprador y coleccionista del Renacimiento, la nobleza y a la alta burguesia urbana, quienes – llevados tanto por su genuino interés como por el deseo de consolidar una posición social formaron colecciones cerradas para un grupo refinado y conocedor, integrante de un círculo vedado al resto de la población” (Herreman 1985: 483).

Esses espaços privilegiados de saber e poder, a princípio acumularam indiscriminadamente objetos curiosos, raros e belos, mas já em 1565 Samuel von Quiccheberg apresentou uma proposta de organização para o que considerou “o museu ideal”, dividida em três partes, a saber:

- 1) **Naturalia** – elementos da natureza – e **Artificialia** – produtos das obras do homem –;
- 2) **Antiquitas e História** - antiguidades clássicas – e
- 3) **Artes** (Schreinner 1985).

É evidente que estas três divisões se confundem ou até se sobrepõem, mas é importante regis-

trar que com elas teve início a organização interna das galerias e gabinetes. Posteriormente, esta organização se tornou cada vez mais complexa, determinando a orientação dos processos museológicos futuros.

Se as coleções de natureza arqueológica já faziam parte dos gabinetes de curiosidades, antiquários e galerias, desde o século XVI, o processo de colonização que a Europa implantou em diversos continentes, bem como as conquistas napoleônicas, foram responsáveis pelo acúmulo desse segmento patrimonial em algumas instituições e/ou coleções privadas.

Neste âmbito, destacaram-se as coleções de Conrad Gesner e Félix Platter, que deram origem ao Museu de História Natural da Basileia; as de Cesalpini, Cospi, Aldrovandi, Ferrante e Marsigli em Bolonha; as dos Medici em Florença; as de Ludovico e Manfredo Settala reunidas em Milão; as do padre Kirchner que se transformou no Museu Kircheriano que ainda existe em Roma. (Alexander 1979, Benoist 1971, Penndorf 1987, Schaer 1993).

Merecem destaque, também, as coleções das grandes famílias de outros pequenos principados como os Doria em Gênova, os Este em Ferrara, os Borghese em Roma. Em Veneza, o cardeal Domenico Grimani legou, em 1523, uma importante coleção arqueológica à República (Benoist 1971).

Desta forma e seguindo o mesmo ideário que concentrou nas coleções uma série de características que as transformaram em símbolo de prestígio, inúmeras famílias principescas e burguesas iniciaram a organização de seus objetos, destacaram ilustres artistas ou estudiosos para conservá-los, e deram início à promoção de exposições para um restrito público, constituído pelos poderosos da Igreja e do Estado.

O gosto pelo colecionismo se difundiu, também, entre outros tipos de colecionadores... “médecins, avocats ou magistrats, comme le bordelais Pierre Trichet, les avocats au parlement d’Aix qui sont Borilly, Rascas de Bagarris et le célèbre Fabri de Peiresc, ou comme Pierre Borel, le médecin de Castres. A côté de souverains brillants, de princes philosophes ou des savants érudits, se détache la figure de l’ “amateur”: Ferdinando Cospi, grand collectionneur de Bologne, présente sa collection comme “un passe-temps de jeunesse” (Schaer 1993: 27).

Foi marcante a influência religiosa no perfil das coleções que se estabeleceram a partir do século XVII. Por um lado, católicos submeteram-se ao controle papal que ditava, inclusive, a orientação da produção artística e do próprio mercado de antiguidades. Por outro lado, os protestantes se orientaram pela liberdade individual do artista e do consumidor. Estas características foram determinantes, por exemplo, para o crescimento das coleções holandesas e configuraram o perfil das coleções dos países católicos que se viram impedidos de receber certas obras protestantes. A influência das Igrejas deveu-se, sobretudo, em função de suas ações relacionadas ao poder estatal.

Assim, e de forma irreversível, é rompida a unidade que amparou o período medieval. De um lado, difundiu-se o humanismo renascentista nos países do centro-oeste europeu, de outro lado, o protestantismo nos países nórdicos adiou a influência da cultura latina. “Neste sentido, pode-se afirmar que a Renascença alemã coincide com o último dos classicismos, justamente depois de ter sido superado, por iniciativa de homens como Kant e Goethe, o isolamento da cultura alemã em face da latina. É precisamente a índole anti-humanista da Reforma protestante que, pela fixação no irracional e no exclusivismo do mundo sobrenatural, deixa explicar essa tardança” (Bornheim 1975: 7).

Deve-se ressaltar, entretanto, que esta tardia aproximação com a Antiguidade, no caso alemão, referiu-se a um novo olhar e uma nova interpretação em relação à cultura grega. Esse aspecto acentua ainda mais as diferenças entre as coleções que foram constituídas nas diferentes regiões europeias, uma vez que até então a grande influência vinha de Roma e não de Atenas.

Nos últimos anos, diversos autores têm contribuído para a reconstituição da história do colecionismo e dos museus, elaborando importantes obras que têm servido de referência para aqueles que se interessam pelo tema.

Merecem destaque as contribuições de Germain Bazin (*Les Temps des Musées*, 1968), Luc Benoist (*Musées et Museologie*, 1971), Kenneth Hudson (*A Social History of Museums: What the Visitors Thought*, 1975), Edward P. Alexander (*Museums in Motion*, 1979) e Krzysztof Pomian (*Collectionneurs, Amateurs et Curieux, Paris-Venise: XVI^e-XVIII^e siècle*, 1987), uma vez que não só pontuam historicamente o surgimento das coleções, mas as relacionam com os museus, nos

diferentes continentes e ao longo dos últimos seis séculos.

A partir dessas obras, entre outras, é possível perceber que o colecionismo e todos os seus derivados sócio-culturais, pertencem intrinsecamente às estruturas de longa duração, no que diz respeito à história das idéias e mentalidades dos homens desde o Renascimento.

Neste sentido, deve ser enfatizado que a coleção e por consequência o colecionismo, ao longo do tempo, demonstraram sempre duas faces ligadas aos homens e às sociedades. Por um lado, a guarda, a valorização, a apropriação desenfreada dos objetos têm demonstrado a necessidade dos homens de transporem a sua própria finitude e, portanto, expõem a vulnerabilidade humana frente ao desconhecido, ao passado e ao inatingível. Por outro lado, esses mesmos objetos e coleções podem ser interpretados como fortes elementos de ostentação, de poder, traição, roubo, entre tantos outros aspectos que sempre evidenciaram a necessidade dos homens e das sociedades de demonstrarem a sua onipotência.

Segundo Aurora León (1984: 48), o fenômeno do colecionismo trouxe alguns valores culturais que não podem ser negligenciados... “En primer lugar, el coleccionismo afirma un mundo de preferencias ideológicas al definirse como defensor activo de la posesión única, no compartida... En segundo lugar, el coleccionismo incide en la función ideológica de la cultura. La clientela de arte representa a una clase determinada que dirige, controla e instrumentaliza los objetos de cultura en función de sus intereses y objetivos... En tercer lugar, el coleccionismo tiene un valor formativo - consolidante sobre el arte, la crítica y el gusto”.

A partir do que foi exposto anteriormente, é possível afirmar que, do ponto de vista da história das idéias e mentalidades, a grande e mais forte herança que o colecionismo gerou está relacionada ao conceito de posse. A posse material e espiritual, o domínio não só das coisas, mas o poder em transformá-las em símbolos. Um poder pouco partilhado e que quando o era, tinha a real função de demonstrar ostentação.

Esta é a mentalidade que amparou o surgimento dos grandes e enciclopédicos museus a partir do final do século XVII.

Apesar de esta mentalidade estar enraizada nessas instituições – o que ainda pode ser constatado – é possível identificar diferentes esforços para

possibilitar a apropriação mais ampla dos objetos e coleções.

2 – As estruturas que consolidaram o conceito de museu

As publicações de folhetos e catálogos, a organização tipológica dos objetos, as preocupações com o estado de conservação dos espécimes da natureza, entre outros fatores, são responsáveis pela estruturação dos museus, no período já mencionado e representaram o início da abertura para o público.

Até esse momento, as coleções arqueológicas estavam inseridas no conjunto dos objetos de Arte, ou faziam parte dos acervos de História Natural. Embora ainda sem perfil definido, as “antiguidades” sempre representaram um papel relevante no âmbito do colecionismo e continuaram com espaço destacado na gênese dos grandes museus europeus.

Ao mesmo tempo em que, a partir do século XVII, o colecionismo voltou-se para a produção artística contemporânea, dando margens ao surgimento e proliferação dos “estúdios”, como também à valorização exacerbada dos artistas, algumas coleções transformaram-se no embrião dos futuros grandes museus enciclopédicos.

No que diz respeito às coleções arqueológicas, merece destaque o surgimento do *Museum Ashmoleanum*, na Inglaterra. Com sua origem nas coleções de instrumentos científicos, objetos de Arqueologia e elementos de História Natural, de propriedade da família *Trasdescant*, este museu é criado em 1683 a partir da doação que *Elias Ashmole* – então proprietário da coleção – fez à Universidade de Oxford.

Deve ser assinalado, também, que a abertura desse museu em uma universidade indicou o prenúncio de duas características decisivas para a história destas instituições: museu como local público e museu como local de aprendizagem.

Diversos autores (*Bazin 1967, Hudson 1975, Alexander 1979, León 1984, Herreman 1985, Guarnieri 1989, Schaer 1993*, entre muitos outros) analisam e esclarecem aspectos definidores da importância dos museus que surgiram entre o final do séc. XVII e início do séc. XVIII, em relação à configuração deste modelo institucional que ficou para sempre vocacionado para guardar objetos, estudá-los e divulgá-los.

Dessa forma, pode-se destacar a criação por decreto parlamentar, em 1753, do *British Museum*, integrado a uma biblioteca nacional e a um museu de Antiguidades, História Natural e Etnografia. Este museu foi constituído a partir das coleções do médico naturalista e humanista *Hans Sloane*, que dedicou parte de sua vida ao estudo e catalogação dos objetos.

Em seguida, em 1760, *Guilherme IV* abriu ao público a *Galeria de Kassel*; *Frederico Guilherme III* fez pública sua coleção que mais tarde foi unificada a outras coleções provenientes de diferentes palácios, dando origem ao *Kunsthistorisches Museum de Berlim*.

Segundo León (1984: 52 e 53), ... “Los museos italianos deben su apertura al público a motivos específicos. En los del Vaticano la iniciativa se debe a sucesivos Papas, quienes según sus inclinaciones artísticas los fueron dotando con obras e incrementando el tesoro con el constante enriquecimiento de las excavaciones romanas. Bajo el impulso de los Papas en los siglos XVIII y XIX se fundam el *Museu Sagrado*, el *Pio Clementino*, la *Biblioteca Vaticana*, el *Museo Egipcio*, el *Etrusco*, la *Pinacoteca Vaticana*, los apartamentos *Borgia*... las colecciones de los *Medici* (*Museu de los Uffizzi* en Florencia) y los respectivos museos florentinos, aunque la colección *Medici* estaba en el siglo XIX tan acrescentada que se considero necessário proceder a una reorganización en la que se distribuyeron las esculturas del Renacimiento y las artes menores al *Museo Arqueológico florentino*, y la orfebrería y joyas al *Museo de Orfebrería del palacio Pitti*, permaneciendo en los *Uffizzi* una de las colecciones de pintura más significativas del mundo. Asi es como las obras de arte quedan descontextualizadas al ser esparcidas por varios museos, perdiendo su antigo caráter de colección”.

Essas afirmações de *León* acrescentam um outro aspecto relevante ao surgimento dos grandes museus. Ao lado das questões já mencionadas, referentes ao colecionismo, a criação dos citados museus significou não só mais um passo, embora tímido, em direção à apropriação coletiva desses bens patrimoniais, mas algumas vezes representou o desmembramento das antigas coleções em função de uma nova ordem, oriunda de novos interesses artísticos e científicos. Esta também tem sido uma constante na história dos museus, ou seja: a decomposição das coleções e a constituição de novos agrupamentos.

Merece menção, ainda como exemplo desse período, a criação do *Museum d'Historie Naturelle* de Paris, em 1745, que teve sua origem vinculada ao gabinete do famoso "Jardin des Plantes" dos reis, onde as coleções foram divididas pelas respectivas áreas de interesse científico, tais como, mineralogia, botânica, zoologia. De acordo com Daubenton, seu organizador... "l'ordre méthodique qui dans ce genre d'étude plaît si fort à l'esprit, n'est presque jamais celui qui est le plus agréable aux yeux" (Schaer, 1993: 40).

Ao mesmo tempo em que os estudiosos se preocuparam em ordenar, classificar e colocar a natureza em um sistema, ampliando o interesse e a acessibilidade destas coleções, os objetos artísticos e as antiguidades mereceram também atenção especial.

Tanto as coleções de cunho "científico", quanto as de caráter "artístico" passaram a ser utilizadas como suportes de demonstração e de ilustração para aulas e estudo.

O surgimento de sociedades específicas com finalidades científicas ou de apreciação estética foi incentivado e estas desdobraram-se por toda a Europa. Invariavelmente, foram sediadas nos museus proporcionando-lhes maiores possibilidades de inserção social.

Na segunda metade do século XVIII, sucessivas adaptações propiciaram aos palácios franceses Louvre, Versailles e Luxembourg, as condições adequadas para a apresentação de obras de arte e antiguidades. Deve-se destacar, como aponta a bibliografia, os cuidados com a iluminação, segurança e organização espacial das galerias, que já faziam parte das preocupações da época.

É impossível não destacar o papel desempenhado por Bonaparte no que diz respeito à transferência, em larga escala, de inúmeros objetos, monumentos e coleções inteiras para a França. Conforme as palavras de Schaer (1993: 69)... "le 2 mars 1796, Bonaparte est nommé général en chef de l'armée d'Italie. Um mois plus tard, les troupes sont en campagne de l'autre côté des Alpes. Parmi les enjeux dont on rêve à Paris, il y a ces oeuvres canoniques entre toutes, les sculptures antiques et les peintures de la Renaissance. Dès le début mai, Bonaparte écrit à Paris pour qu'on lui envoie "trois ou quatre artistes connus pour choisir ce qu'il convient de prendre". Le Directoire nomme une commission chargée de "faire passer en France tous les monuments des sciences et des arts qu'ils croiront dignes d'entrer dans nos musées et nos

bibliothèques; on y trouve le mathématicien Monge, le chimiste Berthollet, les naturalistes Thouin et la Billardière, le peintre Berthélémy et le sculpteur Moitte".

Os trabalhos de escolha, coleta e traslado que eram realizados sistematicamente, faziam parte dos tratados de armistício e a entrada em Paris era sempre motivo de grandes festas e desfiles públicos.

Esse processo que envolveu o controverso perfil do império napoleônico, resultou em um acréscimo expressivo das coleções já suntuosas do *Musée du Louvre*, mas é significativo registrar que, ainda como desdobramento deste período, diversos museus foram criados ou revitalizados sob as ordens de Bonaparte, a partir de uma certa divisão das obras saqueadas. Pode-se afirmar que a França começou a implantar um sistema de museus coordenado por meio das deliberações centralizadas em Paris. Esta foi uma característica marcante para o desenvolvimento e implementação das instituições museológicas que este país legou para o universo da Museologia (Wescher 1976).

A bibliografia registra que essas operações de **transferências patrimoniais** foram monumentais, revestidas de toda pompa e marcadas pelo apoio e conivência dos estudiosos, ...além dos militares. Afirma, ainda, que esse duvidoso processo de apropriação teve sua base consolidada no ideário revolucionário que se instaurou na França, após a Revolução Francesa. Os movimentos revolucionários elaboraram um discurso no sentido de justificar esta pilhagem, explicando que as grandes obras da humanidade tinham que ser guardadas e apreciadas nos territórios livres.

Até os dias de hoje, poucas vozes se rebelaram em repúdio a essas transferências de fragmentos da vivência de sociedades do passado, para locais de concentração do poder. Ao contrário, esta será uma sedimentada característica que está na base das mais importantes instituições museológicas do mundo.

Entretanto, sabe-se das discordâncias do arqueólogo e historiador Quatremère de Quincy, em relação ao que chamou de "espírito de conquista". Em sua obra "Lettres à Miranda", escrita à época, ele denunciou esta atitude e afirmou que ela era totalmente contra o espírito de liberdade vigente. "Il y mettait en question ces musées pour lesquels on arrache les oeuvres à leur contexte, on isole de fragments de la vie artistique d'un peuple, d'une époque, d'un lieu"(Schaer 1993: 71).

Apesar da relevância e do ineditismo da crítica, considerando que foi elaborada no século XVIII, deve-se reconhecer que este pensamento ficou isolado e inaudível até metade deste século.

Os apelos ao acúmulo, à raridade, à conquista, à expolição, foram muito mais fortes e determinantes na história dos museus nos últimos dois séculos, do que a compreensão de que a significância dos objetos está intimamente ligada ao seu espaço e universo de significação.

Os museus precisaram receber violentas críticas e serem vinculados ao **mundo das coisas velhas e sem vida**, para darem início a uma reflexão sobre a sua natureza, repensarem a sua estrutura e, redefinirem as suas formas de apropriação e devolução dos diferentes segmentos patrimoniais.

Entretanto, um olhar mais atento sobre os museus franceses, do início do século XIX evidencia algumas características que contribuíram, também, para a forma e função dessas instituições até os dias de hoje. Reconhecidos como centros de estudo e ensino, os museus também ficaram marcados, não só pelas inúmeras e sucessivas conquistas no que diz respeito à identificação, classificação e catalogação dos itens de seus acervos, mas também como instituições preocupadas com a conservação, segurança e melhor apresentação de suas coleções.

Assim, o século XIX teve início com os museus dispersos por toda a Europa, consolidados por grandiosas coleções e mergulhados em preocupações estéticas e científicas.

O processo de colonização, em seu auge nesse período, contribuiu para o crescimento dessas instituições, na medida em que houve uma intensificação das viagens de estudo para as colônias e, conseqüentemente, o aumento das coleções recolhidas nas diversas partes do mundo e concentradas nos museus europeus. Assim sendo, foram viabilizados os estudos de Arqueologia, Etnologia e dos diversos ramos da História Natural. Estes, por sua vez, inspiraram a criação de novas instituições voltadas para esta área de conhecimento.

3 – O apogeu dos museus como instituições científicas

Em um primeiro momento, em muitos casos, as coleções arqueológicas estavam vinculadas aos museus de História Natural, mas o desenvolvi-

to da Antropologia impulsionou a separação destes acervos. Em um segundo momento, a realização das Exposições Universais (Collet 1987) contribuiu para o questionamento sobre as formas de apresentação desses museus e desta maneira levou a museografia de suas exposições a novos horizontes. Portanto, esses museus começaram a ser alterados quanto à forma e conteúdo.

A chamada “idade de ouro” (Alexander 1979) da história dos museus – séc. XIX, foi marcada, sobretudo na Europa, pelo crescimento de museus dessa natureza, que apresentaram os faustos dos impérios coloniais. Pode-se destacar a criação do Museum of Ethnology de Leiden (1837), Holanda; dos museus de Leipzig, Munique e Berlim, na Alemanha e, sobretudo, do Musée d’ Ethnographie du Trocadéro de Paris, França (1884).

Nesses museus foi marcante a apresentação dos objetos, classificados especialmente por tipos, procurando demonstrar o desenvolvimento linear da humanidade e os progressos realizados pela espécie humana.

A importância das ciências, o apoio intensivo às pesquisas arqueológicas, a constituição da Antropologia Física e da Arqueologia Pré-Histórica em disciplinas, a organização de sociedades científicas específicas e de congressos internacionais, marcaram – a partir da segunda metade do século XIX – uma ruptura, que proporcionou aos museus de Arqueologia um caminho próprio no universo museológico.

Ao mesmo tempo em que os já mencionados grandes e enciclopédicos museus continuaram se reorganizando e criando novos departamentos em função das conquistas científicas e dos desdobramentos dos ramos do saber, as descobertas de Boucher de Perthes e de Lubbock, vinculadas ao estabelecimento de uma cronologia para a pré-história, impulsionaram o surgimento de outras formas institucionais relacionadas à Arqueologia. Data desse período o surgimento de museus ligados à pré-história regional e/ou nacionais tais como: National Museet em Copenhague, Dinamarca (1807), Museum für vor-und Frühgeschichte em Berlim, Alemanha (1829), Pitt Rivers Collection, Oxford, Inglaterra (1851), Musée des Antiquités Nationales em Saint-Germain en Laye, França (1862), Nordisk Museet, Estocolmo, Suécia (1873), no que diz respeito aos nacionais “...À côté de ces grands établissements, tout au long des dernières décennies du XIX^e siècle, se multipli-

des musées archéologiques locaux en Angleterre et en France, les Heimat Museen en Allemagne et en Autriche, et les Musei di Storia in Italie, qui très souvent, comportent des collections préhistoriques ou, comme on le disait à l'époque, "palethnologiques" (Pomian 1988: 66).

Em Portugal, por exemplo, neste mesmo período e como resultado do apoio às pesquisas arqueológicas, surgiram inúmeros museus regionais onde as coleções desta natureza estavam presentes em quase sua totalidade. Apareceram, também, sociedades científicas locais seguindo o exemplo da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foi proposta a criação de museus arqueológicos nas capitais dos distritos que eram supervisionados por uma associação científica local, ... "Na realidade, em alguns casos elas (instituições) não justificariam a criação de museus regionais ou locais. Gabriel Pereira parece ter solucionado esta questão ao propor em 1877, a criação de museus desta amplitude com o objetivo de mostrarem as belezas locais, raridades e industriais, aos visitantes interessados pondo deste modo, de parte, a criação de museus locais dedicados exclusivamente à arqueologia" (Moreira 1989: 56).

Nos Estados Unidos, o mecenato privado incentivou a pesquisa e a divulgação científica, registrando-se como marco deste momento a criação da instituição Smithsonian, em Washington, através da doação do inglês James Smithson. Tendo seu início marcado pelas coleções e pesquisas voltadas à História Natural, a partir de 1879, de acordo com as idéias de Spencer Fullerton Baird – responsável pela instituição – ... "a museum of research to further scientific inquiry and an educational museum to illustrate every kind of material object and every manifestation of human, thought and activity" (Alexander 1979: 52).

É preciso destacar, dentro deste contexto, a criação do Field Museum of Natural History, em Chicago (1893), e sobretudo do American Museum of Natural History, que foi impulsionado a partir do espírito determinante do naturalista Albert S. Bickmore, em Nova York (1869). Este considerou que uma grande cidade como Nova York deveria ter um grande museu e, para tanto, procurou o apoio dos importantes magnatas como Willian E. Dodge, Theodore Roosevelt (pai), Benjamin A. Field, Robert Colgate e J.P. Morgan.

Da mesma forma, o apoio financeiro de George Peabody foi fundamental para a estruturação do

museu da Universidade de Harvard (1866). Nas palavras de Hinsley (1985: 51), "The Peabody Museum emerged during the transition between the two views, and its first decades reflected the difficulties of institutional and conceptual reorientation. Founded in the shadow of Agassiz's powerful intellectual, social and financial presence in the Boston community, it was caught in the midst, of heated local debates over Darwinian evolution. And it faced a strong predisposition in established Boston circles against the worthiness of "primitive" peoples and their artifacts for the moral education of civilized nations. The outcome of such conditions was to give the Museum a marked disadvantage in raising funds and to place its officers in the position of brokering between patrons and fieldworkers, addressing different audiences in distinct voices".

Os diferentes pontos de vista sobre fenômenos estudados pelas ciências e pelas artes causaram, sistematicamente, ao longo da história dos museus, antagonismos entre as instituições e seus respectivos financiadores, e têm sido responsáveis por polêmicas e rivalidades entre profissionais.

As antigas disputas pelas melhores e mais raras peças ou espécimes da natureza, comum entre colecionadores dos séculos XVI, XVII e XVIII, a partir do século XIX foram acrescidas de disputas relacionadas às conquistas sobre a produção do conhecimento nas mais diferentes áreas.

Com uma outra face é possível identificar as mesmas atitudes vinculadas à posse das **coisas** e do **saber sobre as coisas**.

Essas divergências têm sido comuns até os dias de hoje. As instituições museológicas raramente atuam em conjunto e sinalizam suas divergências teórico-metodológicas por meio das publicações ou em encontros científicos. Entretanto, as qualidades e a quantidade das coleções ainda são atributos indicativos de valor e, portanto, alvos de disputa entre museus.

Neste panorama, outra referência singular diz respeito à implantação do museu da Universidade da Philadelphia, que logo após a sua criação em 1889, empreendeu inúmeras e vultuosas expedições científicas. Desta forma, em algumas décadas, esta instituição conseguiu concentrar coleções arqueológicas significativas da Mesopotâmia, Egito, Mediterrâneo, China, África, Oceania, Austrália, e das três Américas.

Cabe ressaltar um movimento paralelo à criação de instituições de caráter eminentemente cien-

tífico. Trata-se do surgimento do Metropolitan Museum de Nova York e do Fine Arts Museum de Boston, que despontaram como grandes instituições museológicas, apoiadas em um acervo significativo, à semelhança das instituições européias já mencionadas. Assim, transformaram-se em importantes centros de estudos sobre a Antiguidade.

A análise da inserção da Arqueologia nessas instituições norte-americanas, revela grande semelhança com o modelo museológico já delineado, nesta mesma época, nos países da Europa.

Entretanto, os museus dos Estados Unidos foram criados mais de duzentos anos depois de seus congêneres europeus e, com isso, suas estruturas foram apoiadas em sólidas bases profissionais, além do marcante suporte financeiro que definiu o seu perfil privado.

Outro aspecto revelador da eficiência das citadas instituições, está relacionado às suas vinculações com universidades, o que as tornaram excelentes centros de pesquisa, mas com acentuada vocação educacional.

A partir da segunda metade do século XIX, esses museus norte-americanos assumiram um papel de relevância no cenário científico internacional. Apoiados em sólidas bases financeiras, puderam dinamizar as publicações, os encontros científicos, as exposições e, sobretudo, as viagens científicas por diversos continentes.

Assim, seus acervos cresceram rapidamente com coleções do próprio país, da África, da Austrália e de outras regiões do Continente Americano.

De acordo com Margareth Lopes (1993: 244) “...O movimento de museus definidos por Coleman e retomado por outros estudiosos de museus, com diferentes ênfases locais e marcos temporais, caracterizou-se pelo estabelecimento de ampla rede de intercâmbio, que pôs em contato de diferentes modos e em diferentes circunstâncias, os museus que foram se criando por todos os continentes... Barther, curador do Museu Britânico e diretor da Museums Association visitou em 1893, vários Museus que eram bastante ativos nas colônias inglesas. Entre eles visitou os Museus da Austrália e Nova Zelândia, o South African Museum, na Cidade do Cabo, o Museu Nacional da Tasmânia, em Hobart e o Museu de Hong Kong”.

Antes do final do século, diversos países das Américas Central e do Sul criaram seus museus de História Natural, incluindo quase sempre as coleções arqueológicas. Foi o caso do Uruguai,

Perú, Colômbia, Argentina, Costa Rica, Venezuela, Chile, Bolívia e Brasil.

A bibliografia especializada sobre a história dos museus ainda não dedicou muitos títulos à análise da inserção da arqueologia nestas instituições. Entretanto, é possível identificar que as primeiras coleções de antiguidades foram, mais tarde, contribuir para o crescimento e proliferação dos museus de Arte. Enquanto que as coleções arqueológicas relacionadas a períodos mais recuados foram integradas aos museus de História Natural ou aos Museus de Antropologia.

No entender de Pomian (1988) os museus de Arqueologia diferem uns dos outros pela localização, arquitetura, organização interna e conteúdo, mas, de uma maneira geral, é possível apontar que a história do colecionismo, da pesquisa e da instituição museológica legou para a contemporaneidade dois processos independentes. Estes processos museais oferecem, na verdade, diferentes visões sobre a história cultural. Em alguns casos são complementares, em outros antagonísticos, mas também demonstraram as distintas formas de produção de conhecimento que envolve a Arqueologia e, sobretudo, as diferentes possibilidades de apropriação do conhecimento arqueológico produzido em museus. O autor mencionado indica e justifica a existência dos **museus arqueológico-artísticos** e os **museus arqueológico-tecnológicos**.

Em sua reflexão, voltada, especialmente, para o momento da extroversão institucional (exposição), esta diferença não se configura apenas em aspectos museográficos (embora relevantes para esta análise), mas diz respeito a períodos distintos da História das sociedades, e de suas diferentes formas de relacionamento com o passado.

Os museus “arqueológico-artísticos” são aqueles que expõem obras de arte e objetos preciosos que se impõem pela sua grandiosidade e, portanto, são apresentados isoladamente sem as respectivas referências de contexto. Objetos estes, que desde sua origem foram criados como semióforos (estátuas, afrescos, relíquias etc.). Já os museus “arqueológico-tecnológicos” preservam objetos que, antes de se transformarem em vestígios, foram resíduos (restos) de atividades humanas e sua inserção no universo do colecionismo e posteriormente dos museus traz uma nova realidade à questão museológica, ou seja: o tratamento museográfico de objetos despossuídos *a priori* de atributos estéticos.

Se o museu artístico floresceu em função da preservação e divulgação dos então considerados grandes momentos civilizatórios, marcados, por exemplo, pelos processos culturais egípcios, gregos e romanos; os tecnológicos mostram um recuado passado pré-histórico, norteado por objetos com formas e funções consideradas obsoletas no presente... “Seuls ces derniers, en effet, abritent à la fois des artefacts et des corps: des squelettes et des crânes humains, des vestiges d’animaux et de plantes, des spécimens de sols, de cendres, de tourbes. Le musée archéologico-technologique – et c’est là un de ses caractères distinctifs – rejette ainsi la coupure entre la nature et la culture... À cet égard, il est plus proche d’un musée anthropologique ou ethnographique que d’un musée des beaux-arts, d’un côté, et, de l’autre, d’un musée d’histoire naturelle” (Pomian 1988: 59).

Portanto, os museus arqueológicos vinculados à preservação do passado pré-histórico identificados como tecnológicos, inauguraram um novo tipo de instituição, ou em certos casos impuseram a constituição de outros departamentos dentro dos já consagrados museus. Esta foi, portanto, uma divisão tipológica no âmbito da Arqueologia, que conduziu estes museus por diferentes e, às vezes, inconciliáveis caminhos. Estudar, preservar e comunicar coleções referentes à Antiguidade, obrigou as instituições e seus profissionais a procurarem parceria entre os historiadores, filósofos e filólogos; enquanto que as instituições que tratavam dos períodos paleolítico e neolítico (ou períodos paleoíndio, arcaico e formativo) buscaram conforto intelectual entre etnólogos, geólogos, geógrafos, biólogos (ou seja, naturalistas).

4 – O século XX e o multifacetado universo museológico

Este século começou encontrando os museus dispersos em todos os continentes, solidificados na idéia institucional de guarda e estudo de coleções ecléticas, provenientes, quase sempre, de distantes localidades. Instaladas em construções grandiosas e adaptadas (palácios, templos, castelos), consagradas como espaços do saber e do conhecimento, e apoiadas nas idéias do positivismo e do evolucionismo, estas instituições foram alcançadas pelos impactos sociais da industrialização e pelos movimentos nacionalistas dos países colonizados.

É possível afirmar que os processos museológicos, perceptíveis desde as primeiras décadas, têm caminhado no sentido de desconstruir as relações existentes, até então, no que diz respeito à coleta, estudo e guarda dos objetos patrimoniais. Esta desconstrução pretendida e ainda em marcha, tem sido responsável pela implementação de novos segmentos no processo acima indicado, ou seja: a configuração de discursos expositivos e o incentivo à ação educativa para o público infanto-juvenil.

Neste sentido, essas instituições deram início à construção de um novo perfil museal para o tratamento da herança patrimonial. Sem abandonarem as responsabilidades de estudo e produção de conhecimento, assumem – paulatinamente – as funções de canal de comunicação e agência educacional.

É evidente que essas novas funções têm sido assumidas às custas de um grande confronto com as tradições e mentalidades, consagradas neste fechado circuito dos museus. Assim, muitas instituições têm sido desmembradas, outras constituídas a partir de novos parâmetros e, mais ainda, certos processos têm início, levando os acervos porta a fora dos museus e trazendo, para dentro, outras categorias de objetos até então não musealizados.

Esses movimentos, embora com tempos diferentes, têm ressonâncias em diversas partes do mundo e têm impulsionado a configuração de novas formas institucionais e metodologias alternativas para as antigas funções dos museus.

Neste sentido, cabe frisar alguns aspectos fundamentais da inserção da Arqueologia no contexto museológico das últimas décadas.

Seria impossível, neste texto, traçar um histórico minucioso de todos os museus que têm atuado no campo da Arqueologia, pois corresponderia à abordagem de características de um cenário de escala mundial.

Assim sendo, foi necessário privilegiar algumas facetas e desdobrá-las a partir da análise de experiências museológicas merecedoras de destaque.

Entretanto, é importante salientar que as mudanças que ocorreram até o início deste século conduziram os museus a alguns caminhos sem volta, ou seja:

- 1) estabelecer critérios de guarda e controle para o volume, às vezes inacreditável, de objetos que cresceu de forma irreversível dentro das instituições.

2) encontrar a maneira adequada para o diálogo com as distintas camadas da sociedade que, por sua vez, vêm impondo demandas diferentes às instituições.

3) delimitar o seu perfil de organismo preservacionista, científico e educativo, capaz de exercer uma específica função social.

Essas mudanças têm influenciado os museus em muitos sentidos, desde a arquitetura de suas instalações, até a configuração de um novo perfil de ação sócio-cultural, passando por problemas vinculados à busca de outros parâmetros patrimoniais que substituíssem as coleções.

É possível afirmar que durante este período os profissionais de museus procuraram, na verdade, **desconstruir** os alicerces até então consagrados, isto é: abandonar (mesmo que lentamente) o conceito de coleção, romper com as barreiras impostas pela consagrada arquitetura museológica e procurar dialogar com as distintas camadas da sociedade. Assim sendo, proliferaram os trabalhos extra-muros, as ações educativas, os projetos comunitários, as experimentações com objetos do cotidiano, entre outros. Da mesma forma e com muita ênfase, surgiram novos parceiros para as instituições museológicas e, portanto, novos problemas. Para os museus não tem sido um período tranquilo, mas sim uma sucessão de momentos de convulsão. Confrontar-se com escolas e com o ensino formal, submeter-se às regras e impactos da comunicação de massa e ser colocado em segundo plano em relação a centros culturais, memoriais e casas de cultura, tem imposto o desenho de um novo contorno para a inserção social do museu, de difícil assimilação para seus profissionais.

Entretanto, é possível afirmar que este sinuoso e conflitante caminho tem conduzido os museus ao encontro com a sociedade presente, a partir de dois elementos básicos que, ao mesmo tempo, são definidores deste novo perfil institucional. Trata-se, sem dúvida, do seu compromisso com a comunicação da herança patrimonial que tem sido preservada; como também, da necessidade da visão processual e multidisciplinar para a implementação de programas de trabalho.

Desta forma, foram selecionados alguns exemplos, que serão comentados a seguir, por serem paradigmáticos no que diz respeito ao tratamento e extroversão da Arqueologia.

Neste mesmo período, as instituições museológicas brasileiras vêm se afirmando, permeadas

pela nossa realidade sócio-cultural e patrimonial, e estimuladas por idéias e experiências do exterior. Entretanto, é possível afirmar que as instituições deste país, com raras exceções, ainda estão procurando o seu perfil entre os Museus de Arte e os Museus de História, ou mesmo entre as suas responsabilidades museológicas e sua dinâmica inspirada nos institutos de pesquisa (Bruno, 1995).

Assim, as mudanças que começaram a ser constatadas nas exposições correspondem ao desenvolvimento das pesquisas arqueológicas que se espalharam pelos diversos continentes, evidenciando os vestígios dos grupos humanos, física e culturalmente diferentes da sociedade fruidora deste processo de comunicação, que no início do século estava adentrando no auge da industrialização e consolidando-se em diferentes e impenetráveis camadas sociais. Ao mesmo tempo, os museus lançaram os seus sustentáculos na área educacional, passando a dar importância à vulgarização científica. Desta forma, inicialmente, as exposições foram consideradas como instrumentos de informação e educação e, gradativamente, as instituições foram organizando setores para atendimento especializado do público infanto-juvenil.

Jacknis (1985) analisa as discussões e as experimentações realizadas por Otis Mason e Franz Boas, no âmbito do American Museum of Natural History (Nova York - Estados Unidos). Enquanto o primeiro impôs apresentações evolucionistas e tipológicas, o segundo deu início à contextualização da vida em grupo. Boas, durante o período que esteve à frente do Departamento de Antropologia, daquela instituição, conseguiu apoio financeiro da iniciativa privada, garantindo a realização de grandes expedições científicas que terminavam sempre com montagens de exposições. Apesar da discordância sistemática da administração do museu, este antropólogo inovou consideravelmente os discursos expositivos. Chegou, inclusive, a instituir uma tipologia hierárquica em relação às exposições, apresentada a seguir:

– exposições para:

- entretenimento (mostras claras para serem apenas observadas e percebidas).
- instrução (objetos apoiados em informações escritas, quadros sinóticos, mapas, etc).
- pesquisa (mostras tipológicas para estudos).

Inovou, também, na apresentação museográfica, introduzindo cenários, manequins, desenhos,

fotos, entre outros elementos. Desta forma, adentrou por um caminho estimulante para as exposições, mas que ainda hoje encontra dificuldades para a delimitação de seu perfil, ou seja: a transferência da atenção do artefato para o contexto cultural, abriu o espaço museal para a introdução de tantas possibilidades de linguagens de apoio, que o objeto (unidade de uma coleção) foi ficando em segundo plano.

Esta **conquista** comunicacional marcou, de forma indelével, a história das exposições de Arqueologia. Aquelas que contaram com a parceria da Etnologia, em especial, foram lentamente estruturando um universo próprio de potencialidades de apresentação.

Retomando as idéias de Pomiam (1988: 66 e 67), deve ser salientado que os ...“objets d'étude et reliques, les artefacts préhistoriques ont acquis à ce double titre une valeur à la fois cognitive et sentimentale – et par conséquent aussi marchande. Autant dire qu'ils sont devenus dignes d'être recherchés, protégés, exposés et admirés. Cette tâche a été assignée à de nouveaux musées, archéologiques ou à d'anciens musées d'antiquités nationales réaménagés. Issus les uns et les autres d'une rencontre du patriotisme et de la science, ils ont élevé les vestiges de la culture matérielle à un rang comparable à celui de l'art”.

Portanto, as influências foram recíprocas entre os dois tipos de museus arqueológicos apontados pelo autor acima referido. Enquanto que os métodos de pesquisa aplicados para o estudo do período pré-histórico influenciaram os estudiosos da Arqueologia Clássica, impulsionando-os para um olhar mais atento sobre o cotidiano da Antiguidade; os especialistas dos períodos mais recuados do processo de hominização passaram a se preocupar com características estilísticas e tipológicas dos vestígios encontrados.

As exposições espelharam esses processos de mudança. Às vezes distinguindo alguns departamentos dentro de um universo museológico, como ainda é o caso do American Museum of Natural History de Nova York (Estados Unidos), do British Museum (Londres, Inglaterra), do Musée du Louvre (Paris, França) ou mesmo do Metropolitan Museum (Nova York, Estados Unidos). Outras vezes, esses olhares metodológicos diferenciados no âmbito da Arqueologia obrigaram a criação de outras instituições.

A relevância de Franz Boas, como símbolo de um processo, ainda deve ser apontada, no que tan-

ge à estruturação das “Salas de Arqueologia Comparada”. Estes locais expositivos – existentes ainda hoje – colocaram em confronto vestígios arqueológicos (e/ou etnográficos) de tempos e espaços distintos, como é o caso, por exemplo, do Musée des Antiquités Nationales em Saint Germain-en-Laye, França.

Se a contextualização do bem patrimonial arqueológico é o grande conceito que vem permeando os processos de extroversão museológica, não é possível negligenciar outro aspecto marcante que consolidou estas experimentações expositivas, ou seja: em geral elas foram preparadas a partir da realização de expedições científicas, organizadas pelas grandes instituições já consolidadas nesta época. Portanto, as rupturas e inovações neste árduo caminho em direção à divulgação científica, tem sua origem nas arcaicas mentalidades de espoliação e transferência patrimoniais, comuns à história dos museus.

Um olhar mais atento em relação à trajetória que transformou o Musée d'Ethnographie du Trocadéro em Musée de l'Homme (Paris, França) aponta, também, para mais uma questão paradigmática. Trata-se da difícil delimitação do papel político dos museus que tratam das sociedades.

Liderados pelo etnólogo Paul Rivet, um grupo de jovens profissionais,² durante a década de trinta, envolveu-se neste grande processo museológico que criou uma nova estrutura institucional para abrigar as coleções das colônias, nas quais misturavam-se os vestígios arqueológicos.

A partir das palavras de Jamin (1989: 113) é possível compreender as idéias e mentalidades estruturadoras do Musée de l'Homme. “Rivet, cheville ouvrière de la formation institutionnelle de l'ethnologie en tant que secrétaire général de l'Institut d'Ethnologie, titulaire de la chaire d'anthropologie du muséum (chaire qu'il avait rebaptisée en 1929 “Ethnologie des hommes actuels et des hommes fossiles”), directeur du musée d'Ethnographie du Trocadéro, devint député Socialiste, conseiller municipal de Paris puis conseiller général de la Seine. Em 1927, Rivet

(2) É importante salientar que desta equipe constavam, entre outros, os nomes de Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Alfred Métraux, André Leroi-Gourhan, personagens decisivas para as áreas de Arqueologia e Etnologia, como também os nomes de Georges Henri Rivière e Yvonne Oddon, fundamentais para a área museológica.

appartient à la Ligue contre l'oppression coloniale et l'imperialisme, créé à Bruxelles la même année et placée sous la présidence d'Albert Einstein. En 1934, après les manifestations sanglantes du 6 février organisées par l'extrême-droite, il fonde avec le philosophe Alain et le physicien Paul Langevin le Comité de vigilance des intellectuels antifascistes. Enfin, en septembre 1940, il fait partie d'un des tout premiers réseaux de résistance connu depuis sous le nom Réseau du Musée de l'Homme, aux côtés de Boris Vildé, Anatole Lewitzky et Yvonne Oddon ... Lors de ses voyages en Europe du nord et en Union soviétique au tout début des années trente, Georges Henri Rivière exprimera dans sa correspondance avec Rivet sa "fierté" de travailler à ses côtés comme sous-directeur du musée d'Ethnographie du Trocadéro, "au service d'une science qui se mêle si intimement à ses préoccupations sociales", ajoutant même (on est en 1932) que s'impose à ses yeux la nécessité d'une marche de notre société vers le communisme. L'engagement scientifique se doublait d'un engagement idéologique. Bien plus sans doute, le premier ne prenait sens et fonction, du fait de son objet – la culture, la société – qu'à la condition du second. Selon une formule bien établie et souvent mal comprise, la science ne pouvait être sans conscience, ce qui était une manière de rompre avec le positivisme du XIX^e siècle".

Esta longa citação apresenta de uma forma geral inúmeros aspectos reveladores sobre os museus desta época e, particularmente, indica certas questões que, depois, estiveram na base do drama vivenciado por aquela instituição.

Em primeiro lugar, a convivência entre processos políticos e procedimentos científicos passou a nortear a vida dos museus e, em outras décadas, foi responsável pela estruturação de outros modelos museológicos preservacionistas. Em seguida, as palavras do autor mostram a importância determinante de certas personalidades à frente dos processos museais. Estes conseguiram moldá-los por meio de seus princípios ideológicos. Cabe também frisar que a experiência vivenciada por esta equipe, sobretudo em função das tragédias advindas da ocupação de Paris pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, legou outra herança para os profissionais de museus, isto é: o reconhecimento da vulnerabilidade das intenções, projetos e processos museológicos frente a problemas externos.

Neste caminhar e durante o curto período em que foi possível atuar, Paul Rivet e sua equipe³ protagonizaram uma revolução na ordem museológica vinculada às ciências humanas. Aproximaram-se diretamente das colônias francesas, com o objetivo de organizar expedições e exposições; constituíram no âmbito do museu diversas associações científicas ligadas à África, América e Ásia, com o objetivo de reunir os interessados pelo estudos e destinos dos povos destes continentes e, mais ainda, inovaram nas estratégias museográficas.

Com o surgimento do Musée de l'Homme, as pesquisas em ciências humanas e por consequência as sociedades que eram alvo destes estudos ganharam ao mesmo tempo uma "tribuna" e uma "vitrine". "Dès cette réorganisation, et sans que ceci ait été une simple cause de style, le Musée d'ethnographie se situe à gauche et agit comme un dispositif culturel, voire idéologique, dont un des objectifs est de fonder en droit et en raison un nouvel humanisme au moyen duquel des combats seront menés contre le racisme, le fascisme et, dans une certaine mesure, contre l'imperialisme" (Pieiller 1987: 13 e 14).

Apesar desse esforço, a perseguição aos movimentos da Resistência Francesa e as próprias pressões políticas em função da guerra, foram responsáveis, a princípio, pela implosão da equipe que teve que se dispersar e, em seguida, pela prisão e morte de diversos pesquisadores deste museu. Este esforço foi pulverizado e é possível constatar a sua influência em diversos sentidos. A importante contribuição metodológica de André Leroi-Gourhan, por meio da arqueologia-etnográfica; os singulares ensinamentos de Claude Lévi-Strauss que correram o mundo; as revoluções museológicas deflagradas por Georges Henri-Rivière que conduziram os museus aos ecomuseus e a participação de Yvonne Oddon na constituição do Centre de Documentation de l'ICOM/UNESCO, correspondem a algumas marcas muito precisas da influência deste processo.

(3) As informações e análises apresentadas correspondem à pesquisa por mim realizada, em 1991, no Centre de Documentation do Musée de l'Homme de Paris (França), no Fundo Paul Rivet (correspondência). Nesta ocasião tive acesso à correspondência trocada entre este etnólogo e os pesquisadores já mencionados, como também foi possível conhecer vários projetos museológicos que embasaram o surgimento deste novo museu.

Entretanto, o Musée de l'Homme que sobreviveu a este trágico momento se transformou em uma caricatura dessas idéias. Somente na década de noventa teve início um novo processo de mudança, procurando dar contemporaneidade a um museu que, com suas raízes científicas e ideológicas arrancadas violentamente, ficou relegado para um segundo plano.

Em um documento de trabalho intitulado "Renovation du Musée de l'Homme", de 1993, o arqueólogo Denis Vialou ("responsable de la Cellule de Rénovation") encaminhou as propostas de mudança, introduzindo-as com as seguintes palavras...

"Le cenário scientifique élaboré, sous la responsabilité de la Cellule de Rénovation, par la communauté scientifique du Musée de l'Homme avec le concours de collègues extérieurs spécialistes de mêmes domaines de recherches, a la force d'une proposition nouvelle: présenter aux visiteurs les hommes, leurs cultures, leurs relations présentes, dans une perspective de compréhension, en mettant en valeur les collections dans leurs contextes propres. Cela explique le terme enfin mis à la présentation exclusivement géopolitique, de type colonial, qui traduisait une vision statique, exotique, passéiste et, en outre, européo-centrique. Cela justifie la diversité des points de vue que seront donnés au fil des quatre actes pour montrer la continuité génétique et la diversité biologique et culturelle de l'espèce humaine au travers de sa longue Préhistoire et dans ses populations actuelles"

Este texto evidencia outro aspecto comum aos museus, ou seja: são instituições que não preservam a própria memória, pois as intenções contidas na citação acima correspondem às idéias do grupo que gerou o conceito de Museu do Homem.

Se Franz Boas,⁴ dentro dos interesses deste trabalho, pode ser indicado como um símbolo das exposições arqueológicas contextualizadas, Paul Rivet e Georges Henri Rivière devem ser lembrados como propagadores de novos processos insti-

tucionais que contribuíram para a organização de museus regionais e comunitários, ou mesmo para a estruturação de museus nacionais em outros continentes.

Apesar de todos os esforços de inovação e mesmo de ruptura em relação às antigas mentalidades, ainda é possível identificar certas idéias remanescentes do processo de colonização, que tanto influenciaram a prática da Arqueologia e seus museus. Se neste texto foram enfocadas experiências dos Estados Unidos e da França, é possível afirmar que pesquisadores de outros países, economicamente estabelecidos na primeira metade deste século, também estavam correndo o mundo, por meio de expedições científicas, com o objetivo de compreender as rotas e os processos da humanidade.

Assim, não só os museus do Hemisfério Norte continuaram crescendo, como também houve um claro incentivo à organização de instituições congêneres na América Latina, África e Ásia.

Neste contexto destacam-se diversos museus dos países da América Central e do Sul, voltados para os bens arqueológicos pré-colombianos. O complexo museológico, criado em 1966, no México, simboliza esta afirmação. Neste país o Museu Nacional de Antropologia foi transformado em um espelho museográfico para que a população pudesse ser reconhecida e se reconhecer entre os vestígios de um passado monumental. Esta experiência é repetida – com menos ênfase – na Colômbia, Equador e Costa Rica, entre outros países.

Assim, é possível identificar que a Arqueologia tem servido, enquanto instrumental científico, para a construção de identidades, por meio dos recursos museológicos.

As identidades locais, regionais e nacionais têm se valido e muito, dos museus arqueológicos. As últimas décadas assistiram à proliferação destas instituições em espaços construídos ou a partir da reconstituição de sítios arqueológicos.

Também neste tipo de musealização é possível reconhecer uma multiplicidade de formas, mas sempre em íntima relação com o local do desenvolvimento das pesquisas.

Neste quadro destaca-se o Musée de Préhistoire d'Ile-de France (Nemours, França), inaugurado em 1981, a partir de um projeto que contemplou, em conjunto, a elaboração do espaço arquitetônico e da proposta museológica. De acordo com seu catálogo de apresentação (s/d) ... "le musée

(4) É importante salientar que entre as correspondências reunidas no Fundo Paul Rivet (no Centro de Documentação já mencionado) existe um número relevante de cartas que foram trocadas entre Boas e Rivet durante décadas.

presente le panorama de la Préhistoire et de la Protohistoire de la région Ile-de-France – la plus longue période de notre evolution, depuis les premières traces de l’installation humaine vers – 40.000 – jusqu’à l’entrée dans l’Histoire véritable, avec la conquête systématique de la Gaule par Jules César, au 1er siècle avant J.C.”.

Merece destaque, também, o Museu Monográfico de Conímbriga (Portugal), concebido em 1962 a partir das pesquisas e valorização de uma antiga e monumental cidade romana que foi ocupada entre a 1ª Idade do Ferro e os finais do século VI d.C. Instalado em edifício construído especialmente para fins museológicos, este espaço congrega áreas expositivas e laboratórios técnicos para os estudos arqueológicos.

Outro exemplo, com este perfil, encontra-se no Chile, apoiado na importância da região arqueológica de San Pedro de Atacama. O Museo Arqueológico R.P. Gustavo Le Paige S.J., da Universidade del Norte, impulsionou a criação do Instituto de Investigaciones Arqueológicas e, desta forma, consolidou o seu futuro científico. Esta instituição tem revelado os vestígios dos homens que, para sobreviver, tiveram que conquistar um dos desertos mais inóspitos do planeta. Estes vestígios, ultrapassam o número de 380.000 objetos. “Cada uno de ellos (excepto los cráneos), es una obra que fue hecha por manos atacameñas en un pasado remoto y en la que se ha manifestado la habilidad, el ingenio, el arte, el desarrollo tecnológico y cultural de este pueblo en sus diferentes momentos. Toda esta riqueza arqueológica constituye el Legado de los Atacameños”.⁵

Enquanto, em algumas regiões do mundo, os vestígios do passado que sobreviveram às investidas coloniais, às guerras e outras formas de espoliação entre os homens, têm sido reunidos e rearticulados em discursos expositivos nacionalistas; em outros locais, a relevância de áreas arqueológicas impõe a implantação de instituições museológicas. Em todos estes exemplos, transparece uma grande cumplicidade entre a apresentação dos bens patrimoniais que foram constituídos pelas sociedades extintas e a divulgação dos métodos e técnicas que são utilizados na pesquisa. Assim, os museus de Arqueologia representam

uma exceção, ao musealizarem simultaneamente os processos de trabalho e o objeto de estudo.

A Arqueologia, também, tem sido um elemento básico na organização dos museus de cidade, por colaborar na explicitação das diferentes formas de apropriação e transformação de um território no passado. Os museus das cidades de Londres, Paris, Lisboa e Amsterdam, por exemplo, são introduzidos por setores expositivos que apresentam vestígios arqueológicos.

Desta forma, fica evidente que a Arqueologia está inserida em museus de reconhecida personalidade histórica.

Além dos grandes museus enciclopédicos de História Natural, Artes ou Antropologia, dos núcleos museológicos regionais, dos museus de sítio e de cidade, entre outros, a Arqueologia Industrial tem legado um novo panorama ao então tradicional universo patrimonial arqueológico.

Durante muito tempo esta área de conhecimento ficou restrita à evidenciação dos vestígios das sociedades extintas e, em geral, distantes no tempo e no espaço. Assim, os recortes patrimoniais provenientes deste universo sempre foram identificados com as “coisas do passado”. Entretanto, as últimas décadas têm acompanhado a contribuição da Arqueologia, no que diz respeito à evidenciação dos vestígios de períodos mais próximos. Não é raro encontrar a musealização de estruturas construídas, vinculadas aos processos de industrialização. Composto, desta forma, um novo quadro de referências patrimoniais.

É possível afirmar que a pesquisa arqueológica esteve envolvida, direta ou indiretamente, nos distintos processos museológicos que surgiram ao longo deste século, acompanhando as sucessivas rupturas que foram necessárias para reaproximar a sociedade de seu próprio patrimônio.

Cabe enfatizar, ainda, o surgimento do Musée Canadien des Civilisations, em Quebec. Esta instituição tem sua origem no início do século, tendo passado por inúmeras transformações até a implementação do novo programa que a transformou em “un musée pour le village global”, no final da década de oitenta. Apoiado em um edifício, que além da correta e grandiosa arquitetura, foi concebido a partir de diversos estímulos simbólicos vinculados à cultura nacional, como também a escolha do local de sua construção foi planejada no sentido de inserir este edifício em uma área nobre e já consagrada pela população. O projeto arquitetônico

(5) Trecho extraído do catálogo de apresentação do museu (1984).

acompanhou o planejamento museológico e ambos são dotados do que existe de mais moderno e tecnológico nesta área. A concepção que guiou a preparação das novas exposições ... “a été de mettre au jour ces identités, de permettre aux visiteurs d’explorer celles-ci et les liens qui les unissent à d’autres et, ce faisant, de saisir la condition humaine actuelle. Le musée national d’histoire humaine de notre pays constitue une vitrine des hauts faits culturels d’un peuple qui peut être fier de lui: les communications entre personnes de différents langues; l’ingéniosité et l’économie dont les immigrants ont su faire preuve en s’adaptant à leur nouveau milieu; la richesse des styles architecturaux, artisanaux et artistiques; la fascination qu’exercent toujours les mythologies ainsi que les croyances religieuses et cosmologiques; la transplantation réussie de traditions du pays d’origine dans un nouveau monde” (Mac Donald & Alsford 1989: 76).

Desta forma, os vestígios arqueológicos passaram a fazer parte da contextualização de um conceito de nacionalidade diferente, por exemplo, daquele esboçado museograficamente no Museu Nacional de Antropologia do México. Apesar de os dois países terem passado por processos de colonização e de imigração, hoje, fazem uma leitura diferenciada sobre a inserção dos indicadores da memória das sociedades nativas, em relação à complexidade cultural característica das nações do Novo Mundo. E, nos dois casos, o museu é um instrumento poderoso para a preservação e divulgação dessas idéias.

Na contemporaneidade, a convivência das sociedades com a pesquisa arqueológica tem alcançado outros patamares. O desenvolvimento da Arqueologia Experimental tem propiciado a reconstituição de monumentos, de habitações, de tecnologias, de aspectos da vida cotidiana, entre tantas outras possibilidades. Estas conquistas, no que diz respeito ao conhecimento e interpretação das atitudes humanas do passado, têm servido para a aproximação à sociedade atual. Se no início do século a parceria com a Etnologia garantiu um avanço considerável para os museus, em função das possibilidades comparativas entre os vestígios arqueológicos e os artefatos etnográficos; nos tempos atuais o desenvolvimento das experimentações arqueológicas tem propiciado a organização de parques para experimentações, reconstituições de cidades, etc. Dentro deste contexto exist-

tem inúmeros exemplos, sobretudo na Europa. Entretanto, destaca-se o Jorvik Viking Center de York (Inglaterra), que apresenta aspectos da vida dos vikings no século décimo, que podem ser apreciados (ou “vivenciados”) por meio de um passeio em um pequeno carro. Instituições com este perfil, que são assemelhadas aos museus ao ar livre, proliferaram consideravelmente nas últimas décadas, pois trazem um grande aporte financeiro para suas regiões, em função do incentivo ao turismo cultural. Diversos países exploram comercialmente a pesquisa arqueológica por meio da organização desses centros, que têm exercido, sem dúvida, uma grande influência nos museus tradicionais. De acordo com Raetz (1989: 172 e 173) “o novo conceito de museu é muito diferente, e será muito mais eficaz para a instrução pública, como mencionei em relação à Velha Aldeia de Sturbridge ou do Centro Viking de York. Este foi criado por uma nova geração de museólogos, “engenheiros do lazer” ou, como eles mesmos se chamam, “imaginadores”.

Outro exemplo merecedor de destaque é o Archéodrome de Beaune, na Borgonha (França). Trata-se de um grande parque com áreas abertas destinadas, por exemplo, à experimentação de tecnologia lítica, ao cozimento da cerâmica, à reconstituição de habitação. O público tem acesso a todos os setores, organiza seus próprios roteiros e, às vezes, tem a possibilidade de participar das experimentações. Entretanto, uma avaliação ocorrida em 1988, apontou para a necessidade de introduzir a visita ao parque com uma exposição (seguindo modelo tradicional), sobre métodos e técnicas arqueológicas, para que o público tivesse a possibilidade de compreender as diversas operações científicas, que estão vinculadas aos “momentos” que podem ser apreciados durante a visita ao parque. Existe, ainda, uma grande controvérsia sobre a eficácia dessas instituições no que diz respeito à preservação dos indicadores da memória, mas, sem dúvida, elas representam um grande esforço de aproximação entre a Arqueologia e as sociedades que as mantêm. Roy (1993)⁶ salienta que ... “Sans en nier les nécessités (“tourisme cultural”), ces

(6) Trecho extraído da conferência “Origines et devenir des musées d’aujourd’hui”, apresentada no âmbito do Simpósio Internacional “O Processo de Comunicação nos Museus de Arqueologia e Etnologia”, realizado no MAE/USP em 1993.

réalizations de type “parc de loisirs” sont menacées par les dérives de simplifications abusives et les surenchires en matière de musée-spectacle. Les “produits culturels” fabriqués par les agences d’ingénierie culturelle ne doivent pas être confondus avec les musées qui sont avant tout des services publics à préoccupation pédagogique et culturelle. Parcs de loisirs et d’attractions doivent demeurer distincts des musées”.

Após este breve caminhar pelas experiências mais relevantes que durante este século contribuíram para a abertura dos grandes, monolíticos e enciclopédicos museus, passando pela regionalização dos fenômenos museais e pela parceria com outros sistemas já estabelecidos como é o caso da escola e do turismo, chega-se à constatação de que a extroversão do processo arqueológico é extremamente complexa e que não há um modelo que dê conta deste multifacetado cenário.

Entretanto, é importante salientar mais uma experiência atual, que se não cobre todas as facetas da preservação e da divulgação arqueológica, equilibra muito bem as variáveis contidas nos processos que buscam identificar e gerenciar os indicadores da memória.

A partir das palavras de Claudio Torres, arqueólogo e coordenador científico dos projetos realizados em Mértola (Portugal), é possível entender a problemática cultural que vem sendo desvelada por meio da Arqueologia:⁷

“Chegar pelo rio

O primeiro olhar foi certamente do rio onde se levanta imponente o promontório rochoso, refúgio das primeiras comunidades de pescadores, cuja memória há muito se perdeu.

Como outras cidades-porto mediterrânicas, Mértola ocupa um sítio excepcional muito cedo demandado por mercadores e aventureiros que aqui vinham trocar os brocados e especiarias do Oriente por lingotes de ouro e prata.

Uma poderosa muralha cerca ainda o casco antigo que trepa em cascata até à anti-

ga alcáçova onde se erguem as ruínas do castelo. Durante muitos séculos foi considerada a mais poderosa fortaleza do Ocidente Ibérico.”

O “Campo Arqueológico de Mértola”, ou a “Vila-Museu”, localiza-se à margem do Rio Guadiana, que em um passado remoto foi uma importante via comercial, fazendo de Mértola um destacado centro para o desenvolvimento da Península Ibérica.

Entretanto, segundo palavras do Presidente da Câmara, esta terra, ... “com outras de raia interior, conta-se hoje entre as mais pobres do país, com uma população envelhecida, sem alternativas econômicas capazes de fixar os mais jovens, atraídos cada vez mais pelos grandes centros urbanos do litoral. O desenvolvimento industrial não será certamente o nosso futuro, por falta de estruturas mínimas, de vias de escoamento e de mão de obra especializada. Por isso, desde o início, a Câmara Municipal de Mértola optou por um significativo investimento cultural, apoiando a investigação arqueológica e histórica regionais o que, pouco a pouco, tem vindo a dar os seus frutos. Hoje, Mértola, além de ser um prestigiado polo de investigação científica, transformou-se num atrativo cultural e turístico capaz de gerar riqueza e bem estar para seus habitantes”.⁸

Esta opção pela cultura como meio para o estabelecimento de estratégias para o desenvolvimento de uma população, faz deste campo arqueológico um projeto científico voltado para a valorização de uma comunidade a partir do estudo de elementos fundamentais de sua trajetória.

Até o final do século passado Mértola ainda desempenhava um relevante papel, pois o porto fluvial mantinha um movimento significativo devido ao escoamento da produção da Mina de São Domingos, mas, sem dúvida, as pesquisas Arqueológica e Histórica têm revelado um acúmulo de experiências humanas nesta região, de inigualável importância no contexto português.

Durante cinco séculos Mértola foi um grande centro de escoamento mineiro e agrícola do Baixo Alentejo, fazendo com que mercadores do Império Romano se estabelecessem no local. O período islâmico deu continuidade ao fluxo comercial,

(7) As análises aqui apresentadas são resultado de um estágio de estudo realizado no Campo Arqueológico de Mértola em 1993.

(8) Trecho extraído de “Mértola-Vila Museu”, catálogo editado em 1990.

transformando esta vila em capital do território. Depois da conquista cristã de 1238, por cavaleiros da Ordem de Santiago, as rotas comerciais se desviaram cada vez mais do Rio Guadiana para os estuários dos Rios Sado e Tejo.

Conforme afirma Claudio Torres, “Mértola era, no 25 de Abril – já encerradas as Minas de São Domingos – um povoado adormecido, em que já morrera a última carreira fluvial, sua única e primeira razão de ser”.

Esta Vila-Museu se traduz, para os próprios habitantes atuais e visitantes, a partir de diversas zonas de escavações associadas a núcleos museológicos (exposições), como o Núcleo Visigótico – localizado no Castelo e voltado para aspectos da arquitetura; o Núcleo Islâmico que reúne significativa coleção de arte islâmica, especialmente o conjunto cerâmico; o Núcleo de Arte Sacra com objetos litúrgicos coletados em igrejas que foram abandonadas; o Núcleo Romano – evidenciado no momento da reconstrução da Câmara, espaço este que originalmente abrigou um conjunto de casas.

Ao lado desses Núcleos Museológicos que apresentam mostras didáticas com explicações sobre os respectivos períodos de ocupação, foi recentemente instalado o Núcleo Paleo-Cristão ligado às ruínas de uma basílica, localizadas sob a construção de uma escola pública erguida em 1920.

O centro histórico constituído por ruelas, casa brancas e circunscrito às ruínas das muralhas, a atual Igreja Matriz instalada em uma antiga mesquita, a Casa do Ferreiro com todos os instrumentos de trabalho, o Convento de São Francisco – fronteiro à Vila que tem sido dinamizado através de exposições de artes plásticas e espetáculos de dança e música, são outros pontos referenciais desta Vila-Museu.

Embora Mértola já tenha sido alvo de pesquisas em outras épocas, foi no final da década de setenta que tiveram início as atividades sistemáticas do Campo Arqueológico. Este, por sua vez, priorizou a musealização imediata do conhecimento produzido a cada momento das investigações, com o principal objetivo de recuperar a identidade de uma população que foi “fossilizada” por um processo de desenvolvimento que transferiu sua atenção para outras regiões do país.

As escavações ininterruptas por todos os lados da Vila evidenciam uma estratigrafia que comprova as sucessivas ocupações desta região em função do Rio Guadiana, que há muito tempo deixou

de ser um referencial para a atual população. Os conhecimentos construídos com o apoio das pesquisas em História e Arqueologia, ao mesmo tempo em que estão colaborando para que os merto-lenses contemporâneos se reencontrem com a Vila de Mértola, estão propiciando também um novo olhar para esse rio e todo seu entorno ecológico.

Para tanto, a equipe do Campo Arqueológico deu início a um movimento social procurando despertar a comunidade para a preservação do Rio Guadiana. Deste movimento nasceu a Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola que, apoiada em sistemática pesquisa, está propondo a constituição do Ecomuseu do Rio Guadiana. Conscientes que os bosques mediterrânicos que povoaram esta região estão muito comprometidos em função das queimadas da pastorícia e da fundição do ferro, esses profissionais concordam que os poucos ecossistemas que guardam resquícios das comunidades biológicas primitivas, mostram como hoje ainda é assegurado um equilíbrio dinâmico. Entretanto, “a urgente necessidade de salvaguardar tais valores passa por esforço de conservação integrada, a partir de uma cautelosa intervenção no meio, que não destrua irremediavelmente um equilíbrio dificilmente recuperável”.⁹

Se no caso de outros processos museológicos o poder oficial ainda desempenha papel relevante, como o grande mantenedor das coleções patrimoniais e financiador dos projetos arqueológicos, em Mértola a ação preservacionista está seguindo outro curso.

A partir de projetos de pesquisa científica, financiados pelos mais diferentes órgãos externos a Mértola, é criada uma estratégia de recuperação dos espaços e devolução à população. Neste sentido e em função da relevância dos estudos realizados pela equipe do Campo Arqueológico, são flagrantes a independência de orientação e a estabilidade dos trabalhos em relação ao poder oficial.

É possível constatar que a ação do Campo Arqueológico extrapolou os limites portugueses, pois em função da relevância das pesquisas, da eficiência dos núcleos museológicos, da organização de congressos e publicações internacionais, Mértola está se transformando em um marco, reconhecido pela comunidade científica de outros importantes centros.

(9) Ecomuseu do Rio Guadiana – proposta da Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola, 1991.

A princípio, esta região foi vista pelos arqueólogos como um território com potencialidades arqueológicas viáveis para a evidência dos vestígios mouros e, em consequência, as pesquisas poderiam propiciar novos olhares em relação a uma faceta abandonada da identidade portuguesa. O desenvolvimento dos trabalhos, além de atingir esses objetivos, deparou com uma realidade social miserável que estava sobreposta aos vestígios. Entretanto, a orientação científica das pesquisas e dos processos de musealização teve, não só a preocupação de “desfossilizar” a comunidade, mas também de estabelecer e implementar novas possibilidades de sobrevivência.

Sem abandonar o rigor científico, sem precisar travestir a pesquisa arqueológica em parque de diversões, sem praticar o entesouramento inconsequente e sem negligenciar a potencialidade dos processos de musealização, o Campo Arqueológico de Mértola traduz o perfil contemporâneo da importância dos estudos, da preservação e da comunicação museológica dos bens patrimoniais arqueológicos.

Cabe mencionar que em tempos passados a ruptura em alguns processos museais deu-se em função da orientação ideológica de alguns personagens desta trajetória, como foi o caso, por exemplo, de Boas, Rivet e Rivière. Da mesma forma, o nome de Claudio Torres deve ser lembrado como responsável pelo perfil da ação deflagrada em Mértola.

Antes de detalhar as questões brasileiras, neste panorama histórico referente aos museus de Arqueologia, deve ser sublinhado que estas instituições têm singular importância num quadro geral da evolução e desenvolvimento dos museus. Além de terem sido permeadas pelas idéias de “conquista”, de “abandono” e de “mudanças”, legaram experiências que contribuíram para o aperfeiçoamento dos processos museais.

Nos planos do tratamento e interpretação, da herança patrimonial, estas instituições estão consolidadas nas seguintes características:

a) musealização das áreas de pesquisa, in loco, por meio da constituição de museus de sítio, da reconstituição de vestígios construídos e do salvamento arqueológico de áreas vulneráveis aos processos de desenvolvimento.

b) organização de Depósitos de Pesquisa, ou seja: “un endroit où sont mis à l’abri des objets découverts dans une ou plusieurs fouilles afin d’être classés, inventoriés et étudiés en attendant d’être déposés dans les salles d’exposition ou les réserves d’un musée” (Négre 1992: 7). Estas estruturas de apoio, tanto da pesquisa, quanto dos museus, têm-se espalhado por diversos países.

c) apresentação de discursos expositivos embasados na contextualização dos objetos arqueológicos, no tempo e no espaço.

d) vinculação aos princípios da Educação Patrimonial,¹⁰ para a sensibilização e apropriação dos bens arqueológicos em relação ao grande público, a partir dos museus ou dos monumentos.

A inserção da Arqueologia nos museus brasileiros enfrenta dificuldades semelhantes a alguns problemas apresentados neste texto. É possível apontar instituições que ainda hoje estão amparadas nos conceitos de entesouramento, acúmulo desmedido de objetos (muitas vezes abandonados nas reservas ou laboratórios) e apresentação museográfica destituída de contextualização. Da mesma forma, outras instituições estão vivendo sua organização, repensando as exposições e assumindo o patrimônio arqueológico extra-muros. Inclusive, estas questões vêm sendo tratadas em eventos científicos e trabalhos acadêmicos.

Finalmente, é possível afirmar que a Arqueologia chegou a este final de século fortalecida nos museus e pelos museus. E os museus de Arqueologia são também identificados como museus de identidades, museus de sociedades e museus de civilizações.

(10) Conceito orientador de metodologias de trabalho a partir da realidade patrimonial, que se originou na Inglaterra, com a “Heritage Education” na década de oitenta.

BRUNO, M.C.O. Archaeology Museums: a history of conquerors, abandonment and changes. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 000-000, 1996.

ABSTRACT: This article presents relevant aspects of the archaeology museum's historicity. It examines the concepts that have been directing its development and identifies the characteristics inherited by the contemporary musealization processes from the previous museological experiences.

UNITERMS: Museum – Archaeology – Collection – Museology.

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, E.P.
1979 *Museums in Motion - An Introduction to the History and Functions of Museums*. American Association for State and Local History, Nashville.
- BAZIN, G.
1967 *Le Temps des Musées*. Bruxelles, Desoer.
- BENOIST, L.
1971 *Musées et Muséologie*. Paris, Press Universitaire de France.
- BORNHEIM, G.
1975 Introdução à Leitura de Winckelmann. *Reflexões sobre Arte Antiga*. Porto Alegre, Co-Edições URGS e Editora Movimento: 7-35.
- BRUNO, M.C.O.
1995 *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP, São Paulo.
- COLLET, I.
1987 Le Monde Rural aux Expositions Universelles de 1900-1939. *Museologie et Ethnologie*. Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux: 100-139.
- GUARNIERI, W.R.C.
1989 Museu, Museologia, Museólogos e Formação. *Revista de Museologia*, 1(1). Instituto de Museologia de São Paulo / FESP, São Paulo: 7-11.
- HERREMAN, Y.
1985 De Gabinetes a Museos. *Quiju*, 2 (3). México, set/dez: 444-448.
- HINSLEY, C.M.
1985 From Shell - Heap to Stelae: Early Anthropology at the Peabody Museum. George W. Stocking Jr. (Ed.) *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture*. History of Anthropology, vol. 3. Wisconsin, The University of Wisconsin Press: 49-74.
- HUDSON, K.
1975 *A Social History of Museums*. London, Macmillan.
- JACKNIS, I.
1985 Franz Boas and Exhibits – on the limitations of Museum Method of Anthropology. George W. Stocking Jr. (Ed.) *Objects and Others: Essays on Museums and Material Culture*. History of Anthropology, vol. 3. Wisconsin, The University of Wisconsin Press: 75-111.
- JAMIN, J.
1989 Le Musée d'ethnographie en 1930: l'ethnologie comme science et comme politique. *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*. Bordas, Dunod: 110-121.
- LEÓN, A.
1984 *El Museo: teoría praxis e utopia*. Madrid, Ediciones Cátedra. S.A.
- LOPES, M.M.
1993 *As Ciências Naturais e os Museus no Brasil no Século XIX*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP, São Paulo.
- MACDONALD, G.F.; ALSFORD, S.
1989 *Un Musée pour le Village Global*. Québec, Musée Canadien des Civilisations.
- MOREIRA, I.M.M.
1989 *Museus e Monumentos em Portugal – 1772 - 1974*. Coleção Temas de Cultura Portuguesa, nº 14. Lisboa, Universidade Aberta.
- NÉGRI, V.
1992 Les aléas juridiques des dépôts de fouilles. *Musées et Collections Publiques en France* nº 195. Paris, Association Générale des Conservateurs de Collections Publiques de France: 7-8.
- PENNDORF, J.
1987 *De la Cámara del Tesoro al Museo*. Habana, Editorial Gente Nueva.
- PIEILLER, E.
1987 Il y a cinquante ans un musée des droits de l'homme?. *Quinzaine Littéraire*, 491, Paris: 13-14.
- POMIAN, K.
1984 Coleção. *Enciclopédia Einaudi/Memória-História*, 1. Imp. Nac. Casa da Moeda, Porto: 51-86.
1988 Musée Archéologique: art, nature, histoire. *Le Débat*, Paris, Éditions Gallimard, nº 49: 57-68.
- RAHTZ, P.
1989 *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro, Imago Editora. Série Diversos.

BRUNO, M.C.O. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 293-313, 1996.

SCHREINNER, K.

1985 *Fundamental of Museology*. Livro 6, GDR.

SHAER, R.

1993 *L'Invention des Musées*. Evreux, Gallimard/
Reunion de Musées Nationaux.

WESCHER, P.

1988 *I Furti d'Arte - Napoleone e la Nascita del Louvre*. Torino, Giulio Einaudi Editore.

Recebido para publicação em 13 de agosto de 1996.

Estudos de Curadoria

O APROVEITAMENTO CIENTÍFICO DE COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS: A COLEÇÃO TAPAJÔNICA DO MAE/USP

Maria Cristina Mineiro Scatamacchia*
Célia Maria Cristina Demartini**
Alejandra Bustamante***

SCATAMACCHIA, M.C.M.; DEMARTINI, C.M.C.; BUSTAMANTE, A. O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a Coleção Tapajônica do MAE/USP. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 317-333, 1996.

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer algumas considerações sobre o aproveitamento científico de coleções arqueológicas, tendo como objeto de estudo a coleção Tapajônica do MAE/USP, que foi analisada sob o aspecto formal. O trabalho é uma apresentação geral da coleção, cujas categorias estabelecidas deverão ser divulgadas mais detalhadamente em publicações futuras.

UNITERMOS: Curadoria de coleções arqueológicas – Cultura Tapajônica.

O objetivo deste artigo é fazer algumas considerações sobre o aproveitamento científico de coleções arqueológicas que constituem o acervo de vários museus, tendo como objeto de estudo a coleção Tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

O problema envolve várias questões, que vão desde a forma de aquisição dos objetos até a sua preservação e divulgação.

A arqueologia atual, sistemática e científica, tem consciência da necessidade de conhecer o contexto de atuação do objeto para que ele possa representar uma resposta efetiva para o conhecimento do processo cultural envolvido no evento a ser estudado. Assim, nas últimas décadas muitas coleções

de objetos depositadas em museus, na maioria das vezes desprovidas de informações contextuais, foram relegadas e se tornaram dados raramente aproveitados cientificamente.

Achamos que, mesmo tendo o seu potencial informativo comprometido, a maioria das coleções museológicas pode ter um aproveitamento científico e deve ter uma divulgação adequada, pois, como todo vestígio material do passado constitui um patrimônio cultural nacional. São produtos de atividades passadas e cabe ao pesquisador estabelecer os parâmetros da sua representatividade cultural, através da identificação dos critérios utilizados para a sua composição.

Uma coleção é composta de objetos reunidos a partir de diferentes interesses, mais a documentação existente sobre eles. Quanto à sua formação, ela é considerada primária quando produto direto de uma pesquisa sistemática, e secundária, quando objetos primários são reunidos ao redor de um tema comum (Ford 1984). Esta segunda categoria pode ser uma saída para o aproveitamento científico e didático de coleções não sistemáticas. As coleções

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista do CNPq.

(**) Laboratório de Arqueologia do Serviço de Curadoria e pós-graduanda (mestrado) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(***) Pós-graduanda (mestrado) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

podem também ser produtos de coletas casuais, onde o fator estético quase sempre representa o critério de escolha.

Qualquer que seja a sua origem, cabe ao arqueólogo preservar e dar um significado científico às coleções museológicas.

Quando se observa um conjunto de objetos algumas perguntas são imediatas: Quem fabricou? Onde foram fabricados? Em que época? Como o conjunto se formou? Na verdade, estas são as principais perguntas que devemos procurar responder, sendo que algumas destas respostas podem ser encontradas nas próprias peças.

Assim, muitas destas coleções, sistemáticas ou casuais, representam hoje os únicos testemunhos de sítios ou áreas já destruídas.

Os mais antigos museus do Brasil possuem coleções que foram formadas a partir de achados casuais e seletivos, cujo critério para coleta, na maioria dos casos, considerou o aspecto estético ou pitoresco. Estes acervos devem ser somados àqueles provenientes de pesquisa sistemática, pois podem complementar lacunas e dar informações sobre aspectos atualmente perdidos. No caso de material cerâmico, quase sempre estes acervos são constituídos por peças inteiras, em contraponto com as coleções atuais provenientes de escavações sistemáticas, compostas principalmente por fragmentos.

A análise do processo de formação de uma coleção é um dado importante a ser considerado para ajudar na compreensão do conjunto de objetos. Um primeiro passo seria localizar o seu formador, se institucional ou privado.

Para um estudo completo é necessário examinar como e por que colecionadores privados têm ajuntado objetos do seu desejo, que obedecem a diversas finalidades, desde o fator estético até o econômico.

O exame do comportamento de colecionar, do processo, das forças motivadoras, dos princípios de organização do material coletado, pode revelar novas fontes de informação. Segundo Akin (1996), o exame do ato de colecionar ajuda a entender como a cultura material circula através do tempo e espaço. Como se deu a conservação e depois dispersão dos objetos.

Schiffer tem apontado que quando os objetos fogem ao propósito para os quais foram criados, há uma transferência da coleta do material, um processo que ele descreve como "*conserving; that*

is, a shifting of material from tech no function to socio or ideofunction" (1987: 32). O comportamento colecionista consiste de um continuum de atividades nas quais o colecionador obtém e mantém objetos com uma finalidade previamente determinada.

A Coleção Tapajônica do MAE

A formação da coleção Tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP se deu a partir de coleções privadas constituídas na cidade de Santarém. A sua aquisição foi feita em 1971, através de um auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).¹ A coleção foi comprada para servir de complementação para a pesquisa arqueológica sistemática que o MAE pretendia desenvolver na região (Meneses 1972).

O acervo do MAE foi formado a partir de duas coleções, a maior foi adquirida de Ubirajara Bentes, que embora volumosa contava com peças em estado precário de conservação e outras com restaurações feitas de forma arbitrária. Do colecionador J.da Costa Pereira foi adquirida a outra parte restante da coleção. A coleção é composta por peças decoradas, escolhidas entre o entulho arqueológico constituído pelo acúmulo de material proveniente da antiga aldeia em decorrência do crescimento da moderna cidade de Santarém. O material foi selecionado na coleta, pois a sua formação provavelmente obedeceu a objetivos comerciais. Não há informações sobre a procedência exata das peças, sabe-se apenas que são de Santarém aldeia e arredores.

A ausência de pesquisas arqueológicas sistemáticas na região impossibilita o estabelecimento de dados contextuais das peças, necessários para a reconstituição do papel, cronológico e espacial, que os diferentes tipos de artefatos tiveram nesta cultura, que, até o momento, não pôde ter uma caracterização precisa, impedindo, assim, a correlação do material que compõe a coleção.²

(1) Não pretendemos discutir aqui o aspecto ligado à compra de material arqueológico, embora consideremos tópico importante. A ausência da discussão se deve à complexidade do assunto, que, por si, daria um artigo.

(2) As pesquisas que estão sendo realizadas por Anne Roosevelt na região, poderão fornecer elementos para contextualizar o material que compõe a coleção.

Porém, mesmo sem estas referências, esta coleção representa um valioso documento para o estudo da cultura Tapajônica.

Devido à falta de caracterização, esta cultura tem sido descrita, até agora, como um complexo global, sem uma diferenciação das suas fases arqueológicas, ou melhor, modos diferentes de decoração que podem ser percebidos com a análise do conjunto. Estas diferenças estilísticas podem ser percebidas pela presença de um conjunto de traços que permitem isolar conjuntos, que futuramente apoiados a informações contextuais poderão ser melhor entendidos dentro da dinâmica social do grupo.

A coleção do MAE é formada por cerca de 6.000 exemplares, entre peças inteiras e fragmentos, dos quais aproximadamente 1.300 são objetos líticos e o restante material cerâmico. No período de 1987 a 1992 foi desenvolvido um projeto sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, com o objetivo de estudar e divulgar esta coleção possibilitando o seu aproveitamento científico e didático.³

Para o desenvolvimento deste trabalho, a coleção foi dividida primeiro em duas classes de artefatos, de acordo com a matéria prima envolvida. Estas classes, por sua vez, também foram divididas em categorias, de acordo com seus atributos morfológicos. Assim, podemos apresentar a coleção, considerando as categorias mais amplas e já definidas da seguinte maneira:

LÍTICOS

- Lâminas de machado (Fig. 2)
- Adornos (Fig. 6)
- Estatuetas (Fig. 7)
- Pesos (Fig. 4)
- Polidores (Fig. 3)

CERÂMICA

- Vaso de Gargalo (Fig. 8)
- Vaso de Cariátides (Fig. 9)
- Vaso Globular (Fig. 10)
- Cachimbos (Fig. 5)
- Estatuetas (Fig. 1a, b, c)

Não estão incluídos aqui, alguns objetos ainda sem classificação, exemplares únicos, enfim aqueles que fogem às séries reconhecidas.

(3) Este projeto foi desenvolvido por estagiários do MAE com o apoio de bolsas de estudo do CNPq e FAPESP

O presente trabalho é uma tentativa de apresentar a coleção como um todo, mostrando a metodologia e os conceitos utilizados. Pretende ser o primeiro de uma série, que deverá contemplar as categorias em particular.⁴

Com relação à caracterização da cultura Tapajônica, até agora, as pesquisas realizadas não possibilitam a delimitação exata da área de ocupação dos Tapajós. No entanto, se consideramos as crônicas missionárias, devemos considerar uma área muito extensa, fato comprovado pela grande quantidade de fragmentos pertencentes a esta cultura, encontrados em uma ampla extensão.

Frederico Barata (1950) dá a localização das tribos dos Tapajós como se estendendo desde a serra do Parintins até Monte Alegre; para leste, até a boca do Coati, no rio Jaraçu, abrangendo, pela esquerda do Tapajós, Boim; e a oeste, Santarém. Além das duas margens do rio Arapius, o Lago Grande de Vila Franca e regiões adjacentes. São os lugares onde foram encontradas as "terras pretas", vestígios das antigas ocupações, sendo que o ponto principal corresponde ao local da cidade de Santarém.

A localização da maioria dos sítios em terra firme é uma das causas da falta de dados precisos sobre este grupo, devido à dificuldade de contato, já que o percurso dos viajantes era ao longo dos rios, abrangendo a região da várzea muito mais que a de terra firme.

Com relação aos cronistas, sabe-se que, em 1542, Orellana descendo o rio Amazonas chegou às proximidades da foz do rio Tapajós. Sua expedição, entretanto, foi mal sucedida. Os espanhóis vieram a saber que as terras localizadas à margem direita pertenciam ao cacique Chipayo (Tapajós).

Os portugueses só chegaram ao rio Tapajós em 1626, chefiados pelo capitão Pedro Teixeira que, segundo os relatos, foi bem recebido. Mais tarde, em 1639, os Tapajós foram subjugados pelo filho do governador do Pará, Bento Maciel Parente, iniciando assim o fim dos Tapajós. P. Betendorf, em fins do século XVII, concluiu a sua crônica dizendo que aquela aldeia tão populosa na foz do

(4) Estamos desenvolvendo atualmente um outro Projeto em relação à coleção, que objetiva a análise interpretativa e mais detalhada, iniciado com o projeto de Mestrado de Denise Maria Cavalcante Gomes: "Análise iconográfica da cerâmica de Santarém: a coleção do MAE/USP", que está sendo desenvolvido com o apoio da FAPESP.

Tapajós, tanto como as numerosas aldeias de terra adentro, estavam totalmente destruídas.

Foi Curt Nimuendajú que iniciou o estudo dos vestígios da cultura Tapajônica. Após a descoberta de vários sítios na cidade de Santarém e proximidades, outros pesquisadores passaram a ter também interesse nestes “achados” que correspondiam principalmente a uma cerâmica rica em adornos zoomorfos e antropomorfos.

Entre 1923 a 1926, Nimuendajú localizou 65 sítios arqueológicos em terra firme na região de Santarém. Este mapeamento arqueológico se deu pela associação do material arqueológico encontrado com o solo de coloração mais escuro conhecido como “terra preta”.

Algumas escavações na região, principalmente no bairro da aldeia, foram orientadas por Frederico Barata, menção feita em publicação sobre os cachimbos de Santarém (Barata:1951). Entretanto, estas pesquisas não foram publicadas.

Pesquisas sistemáticas sobre este grupo que estão sendo realizadas por Roosevelt representam a esperança de obter dados para um melhor entendimento sobre esta cultura.

Com este quadro de pesquisas arqueológicas, o estudo das várias coleções tem representado a principal fonte documental sobre os Tapajós (Barata 1950, 1951,1952; Palmatary 1960).

A classificação realizada

Quando trabalhamos com um conjunto de artefatos provenientes de escavações sistemáticas, podemos certamente recuperar grande parte do processo ao qual eles estariam ligados. Isto, considerando um total domínio da técnica de escavação pelo arqueólogo, a identificação do processo de formação do sítio e a localização do artefato no exato contexto, de atuação ou de abandono. No caso de conjuntos de artefatos sem esta procedência, como aqueles que integram a coleção aqui analisada, podemos dizer que este fato limita o seu potencial informativo, mas não impede o resgate de traços culturais do grupo. Isto é, as informações técnicas e morfológicas contidas na própria peça fornecem indícios sobre o grupo que a elaborou.

Um objeto é elaborado a partir de uma idéia pré-concebida, que visa atender a uma necessidade. “*The idea of the proper form of an objet exists in the mind*

of the maker, and when this idea is expressed in tangible form in raw material, an artifact results” (Deetz 1967: 45) Este projeto mental, anterior à fabricação do objeto obedece ao padrão cultural conhecido pelo artesão. Assim, a escolha da matéria prima, o acréscimo de antiplástico, a técnica de fabricação, a forma projetada, a técnica de acabamento, as alterações produzidas, a decoração resultante, são variáveis ligadas ao nível tecnológico e às necessidades do grupo.

Iniciamos o estudo da coleção, através do estabelecimento de categorias classificatórias iniciais dos artefatos, levando em conta as informações contidas nos próprios objetos. Nesta etapa nos utilizamos de uma classificação taxonômica, partindo da análise morfológica. Trabalhamos com o conceito de tipo, considerando a repetição e associação constante de certos atributos (Rouse 1960). Utilizamos a denominação contida na bibliografia sobre outras coleções tapajônicas (Barata 1951, 1952; Palmatary 1960)

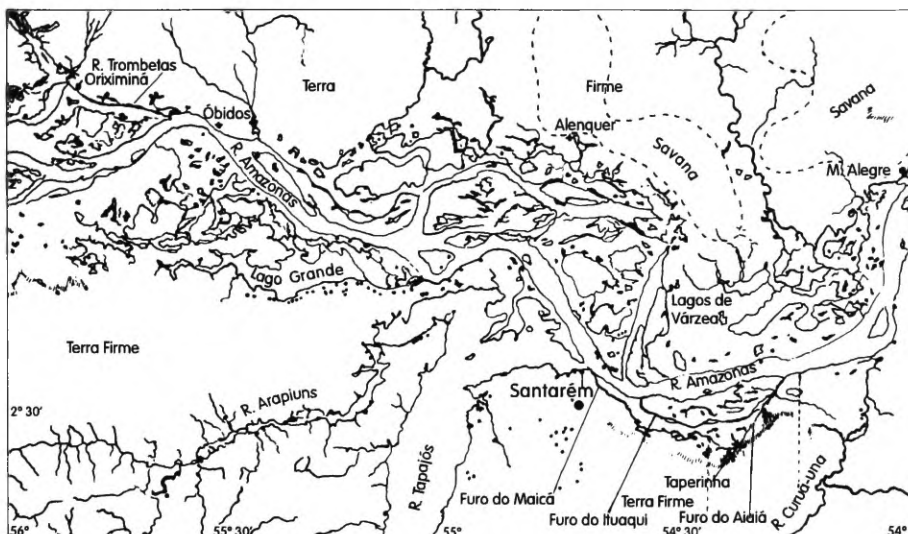
Nos Quadros I e II tentamos sistematizar os dados referentes à natureza da amostra analisada.

O acervo aqui apresentado não constitui uma amostragem representativa da cultura material produzida pelos Tapajós, pois está composto por artefatos selecionados, que na maioria poderiam ser classificados como ideo-técnicos. Itens desta classe tiveram sua função primordial no contexto ideológico do sistema social (Binford 1962).

Partindo do pressuposto que o artefato é produto das regras aceitas pelo grupo, identificamos os vários tipos de artefatos e tentamos localizá-los no tempo e no espaço.

Quanto ao espaço, sabemos que se tratam de objetos vindos de Santarém Aldeia e proximidades, possivelmente onde se localizava a aldeia principal dos Tapajós (Mapa). No que se refere ao tempo, possuímos apenas referências feitas pelos cronistas ao grupo Tapajós extinto no século XVII. Entretanto, não temos dados sobre a origem e desenvolvimento desta cultura, o seu período de duração e a relação com os diferentes tipos identificados. Como já mencionamos, somente as pesquisas sistemáticas que estão sendo realizadas na região poderão mudar este panorama.

Sobre o tipo de sítio, muito pouco podemos mencionar, uma vez que estes objetos são provenientes de um ou mais sítios, que foram destruídos, cujo material foi colocado em bolsões, para dar lugar às ocupações recentes. Quanto ao nível de



Área nuclear da cultura Tapajônica.

desenvolvimento do grupo, podemos fazer algumas inferências a partir da tecnologia e morfologia dos artefatos.

Foi possível observar um domínio técnico na confecção e decoração dos artefatos, comprovado desde a preparação da matéria prima até a constância e uniformidade da forma e decoração. Estamos nos referindo principalmente aos artefatos cerâmicos, que são as peças mais numerosas e diagnósticas do grupo. A identificação de objetos que ultrapassam a utilização cotidiana de recipientes de preparação e armazenagem de alimentos permite inferir dados sobre a organização social. A maioria destas peças visou atender a necessidades de ações não rotineiras, que nós arqueólogos nem sempre podemos precisar e que denominamos genericamente de “uso cerimonial”.

O uso dos objetos pode ser conhecido através de informações etnográficas ou de inferências a partir da análise das características morfológicas.

No caso dos objetos cerâmicos, os cachimbos constituem as únicas peças, para as quais existem informações etnográficas. Johannes Wilbert (1976), apenas para mencionar um exemplo, no estudo intitulado *Metafísica del trabajo* entre los indios de Sudamérica afirma que o uso do tabaco no continente “se confinó siempre a una esfera preponderantemente mágico-religiosa”, acrescen-

ta que “entre muchos grupos del centro y del norte andino el tabaco tuvo también, o inclusive principalmente, un uso higienico y terapeutico”. Segundo ainda este autor, das várias formas como os índios da América do Sul usam o tabaco, a de fumar é a mais generalizada. Daí o papel fundamental do cachimbo dentro da organização social-religiosa das culturas indígenas, pois servindo de instrumento de utilização do tabaco, ele possibilita o intercâmbio entre a humanidade e os espíritos.

A utilização dos principais tipos de vasos cerâmicos, de gargalo, cariatídes e globular, permanece uma incógnita. A única afirmação que podemos fazer é que não são formas de vasilhas adequadas para serem utilizadas nas atividades domésticas cotidianas de preparação e armazenagem. A presença destas formas indica um nível de desenvolvimento social em que podemos inferir a presença de especialistas e de atividades diferenciadas.

O mesmo podemos dizer da presença de estatuetas (Fig. 1a,b,c), que representam uma fonte importante de informações sobre usos e costumes do grupo, como uso de brincos, pintura corporal, penteados e vários atributos. A existência deste tipo de objeto também indica a preocupação com atividades além do cotidiano assim como



permite inferir os mesmos aspectos já mencionados anteriormente, sobre o contexto social em que foi produzido.⁵

Quanto aos artefatos líticos, os mais numerosos são as lâminas de machado (Fig. 2), que têm o seu uso definido como utilitário. Entretanto, a coleção apresenta formas variadas, desde o gume ao encabamento, que deveriam estar ligadas a momentos e utilizações diferentes, que pela natureza da amostra não podemos resgatar no momento.

(5) Esta relação artefato/nível tecnológico/organização social será tratada mais datilhadamente em outro artigo.

Outras categorias líticas podem ser colocadas como utilitárias: polidores, pesos. Os polidores tanto podem ser utilizados para afiar as lâminas de machados (identificados pelo formato dos sulcos criados), como também para confeccionar objetos em osso (Fig. 3). Os pesos, foram assim denominados pela semelhança com pesos de fiar, e talvez tenham sido confeccionados para esta função. Mas, a presença destes artefatos com decoração pode indicar uma variação no seu uso (Fig. 4).

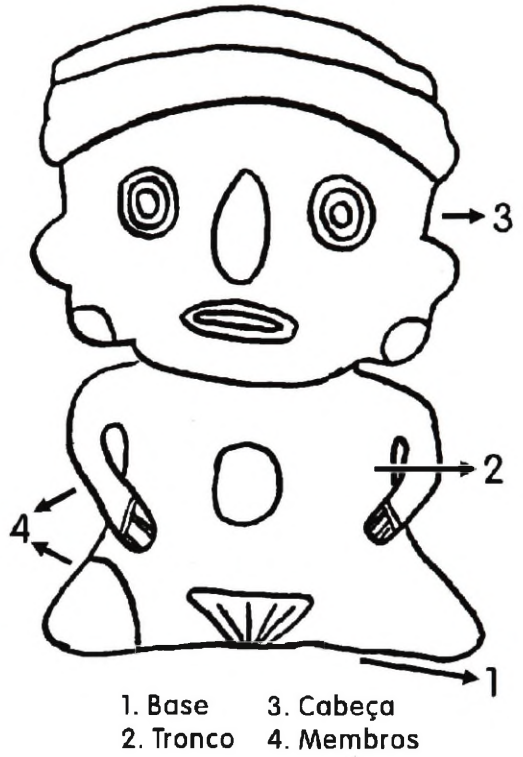
Dentro da classe lítica, existem também outros artefatos que não se enquadram exatamente dentro da categoria dos utilitários, como estatuetas (também conhecidas como “ídolos de pedra”), adornos e pingentes.

A falta de controle sobre o processo de formação dos sítios arqueológicos que registraram o tipo de ocupação dos Tapajós na área de Santarém, resulta na impossibilidade de ter a sequência de deposição e abandono dos objetos em questão.

Nos Quadros III e IV procuramos sistematizar os elementos constituintes que serviram de base para a análise morfológica e para a taxonomia consequente.

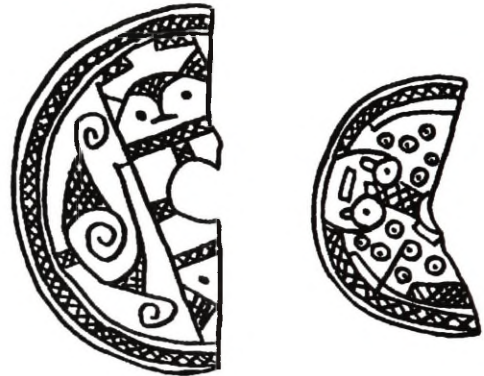
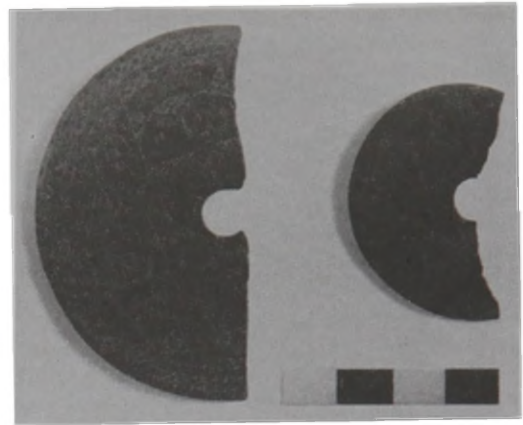
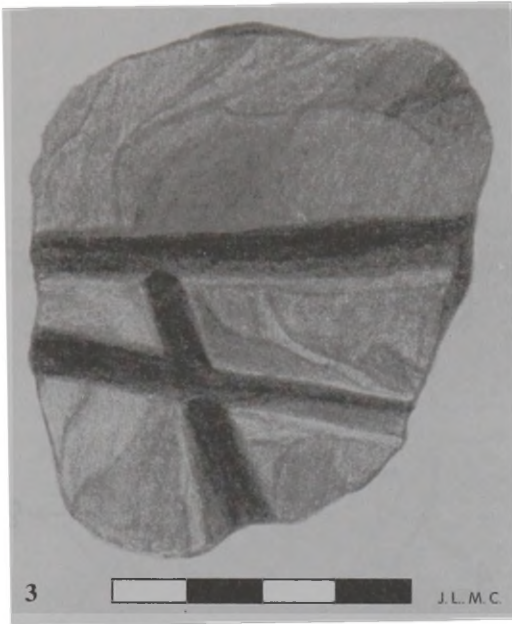
Partimos do princípio de que cada artefato possui um número de características próprias que determinam a sua semelhança e diferença com ou-





tros artefatos. Quando analisamos um conjunto de artefatos que possuem as mesmas características, chamadas tecnicamente de atributos, podemos identificar um tipo. Assim, a constância da associa-



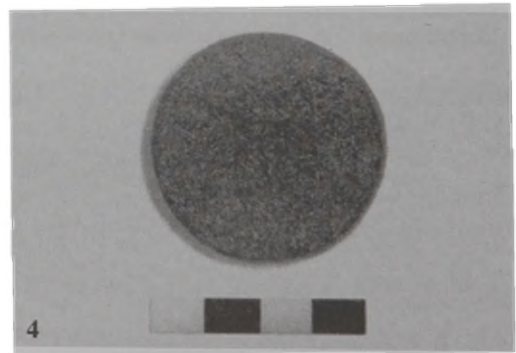


ção de certos atributos é que vai possibilitar a classificação tipológica. O termo atributo foi conceituado por vários autores e não será objeto de discussões neste momento. Apenas para esclarecer o seu uso, gostaríamos de apresentar a conceituação de Clarke (1968:154): “..... we will restrict the use of the term “attribute” to fossil behavioural elements of the level of single kinds of actions, or micro-sequences of actions. Henceforth such “attributes” are the basis for our arbitrarily defined entity – the “archaeological attribute” – shortened to “attribute” for convenience, with the wider use of the term attribute as a system component at any level replaced by such terms as “trait” or “character”.

A escolha do atributo que vai direcionar a classificação depende da sensibilidade do pesquisador, entretanto, na maioria das vezes, o atributo diagnóstico é facilmente identificável se os elementos constituintes do artefato estão sistematizados.

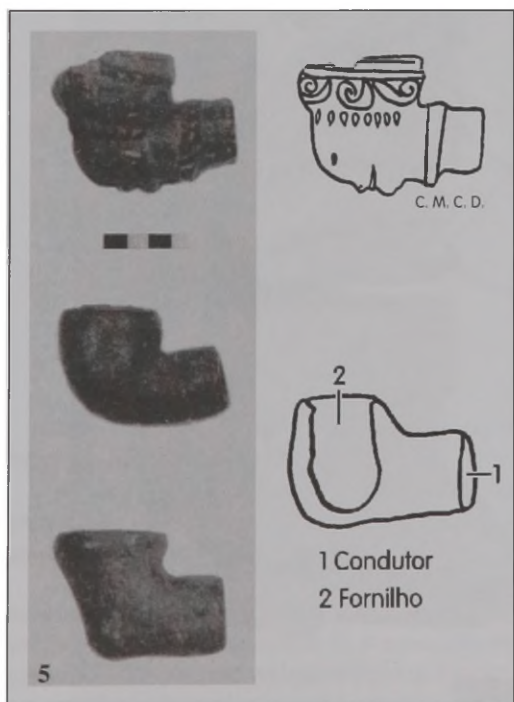
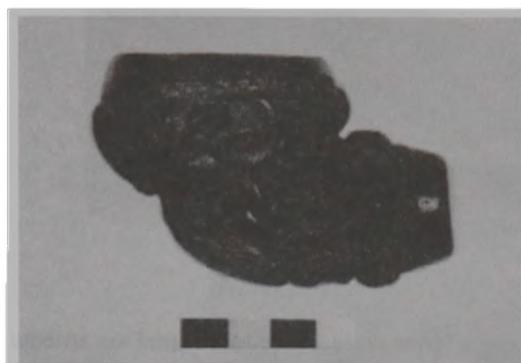
O primeiro passo da análise foi isolar, nos artefatos, os atributos essenciais.

Os atributos essenciais, ou seja, “those variables which are part of the relevant system and whose values or states may change as part of the changing system. Detailed analysis of the essential or relevant attributes may then isolate certain – key



attributes – those correlated clusters of attributes in the system whose successive values or states covary in some specific relationship with successive values of other similar attributes “ (Clarke 1968: 15). Nos casos dos vasos de Gargalo e Globulares, eles são o corpo e o colo, e constituem a base de sustentação. A base e a bacia constituem os elementos essenciais para a estrutura do vaso de

cariátides. O que torna um objeto um cachimbo é exatamente o condutor e o forninho (Fig. 5), embora ele seja composto de quatro partes: forninho,



chaminé, boquilha e apêndice. As estatuetas compõem-se essencialmente de base, tronco, cabeça e membros (Fig. 1c). Embora pareça primário, é necessária esta identificação sistemática dos atributos essenciais para depois analisar onde estão as variações e particularidades.

Na classe de artefatos líticos, o que caracteriza uma lâmina de machado é a sua parte cortante, ou seja, o seu gume, embora outros elementos como a forma, o tamanho e o peso também possam auxiliar na sua identificação. Alguns objetos líticos foram classificados como adorno pela sua forma, zoomorfa ou antropomorfa, em geral são objetos pequenos, muitas vezes com orifícios, que sugerem a função de pingentes (Fig. 6). Nas estatueta ou “ídolos” de pedra, os atributos observados são os que formam o seu conjunto, ou seja, algumas apresentam cabeça, tronco e membros, outras possuem apenas estilizações (Fig. 7). Essas estatueta, diferentemente das cerâmicas que são antropomorfas, são no geral zoomorfas ou antropozoomorfas.

Os atributos funcionais são específicos de cada categoria de artefatos e vão constituir-na como tal. Muitas vezes estes atributos são também diagnósticos, que vão diferenciar e identificar o artefato no sentido da sua própria denominação. No caso do vaso de gargalo, é exatamente o “gargalo” (Fig. 8) que possibilitará a identificação deste tipo de vaso, mais as aplicações plásticas que aparecem constantemente associadas a esta forma de vaso. No caso das cariátides o atributo diagnóstico é a própria cariátide (Fig. 9), figura feminina que segura a parte superior da peça. Assim, a presença destas figurinhas permite a inferência da existência desta categoria de vaso. No caso dos vasos globulares, a presença de determinadas aplicações plásticas no bojo globular do vaso é que o caracteriza (Fig. 10).

Um trabalho realizado foi o de identificação dos fragmentos em relação à peça do qual faziam parte. Isto só foi possível a partir da análise sistemática das partes e dos atributos constituintes de cada tipo de artefato.

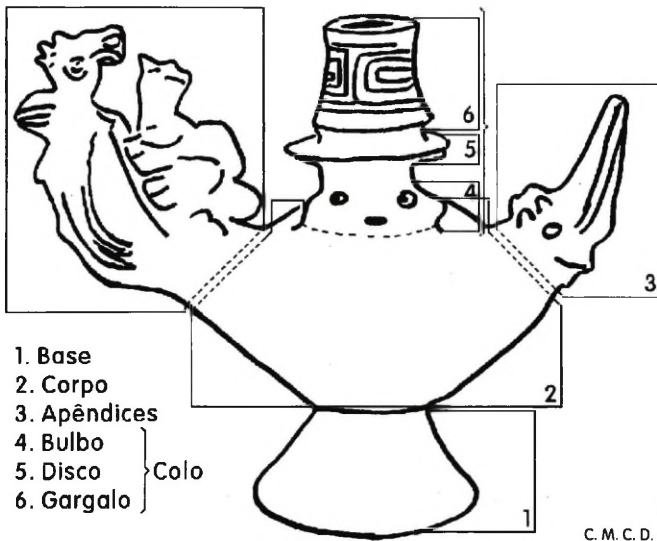
Atributos opcionais são aqueles que fazem parte do artefato, que dão sentido ao seu conjunto, mas que variam de objeto para objeto sem interferir na estrutura do produto final. No caso da cerâmica, encontramos em todas as categorias aplicações plásticas e decoração incisa-ponteadas, que fazem parte do conjunto decorativo que determina cada um dos objetos estudados, mas que variam de peça para peça, constituindo atributos opcionais.



Nas lâminas de machado, as formas básicas de encabamento encontradas na coleção, podem ter sido adotadas por motivos operacionais, mas observando este tipo de artefato, podemos afirmar

que a forma de acabamento constitui um atributo opcional, na medida que a função essencial do machado, que é cortar, continua independente da sua maneira de estar encabado.





Nos quadros V e VI, procuramos isolar outras variáveis ligadas à análise do artefato.

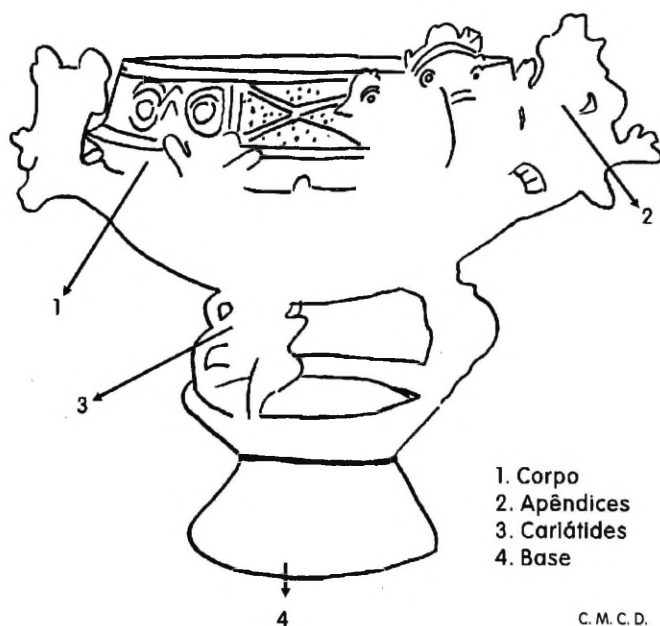
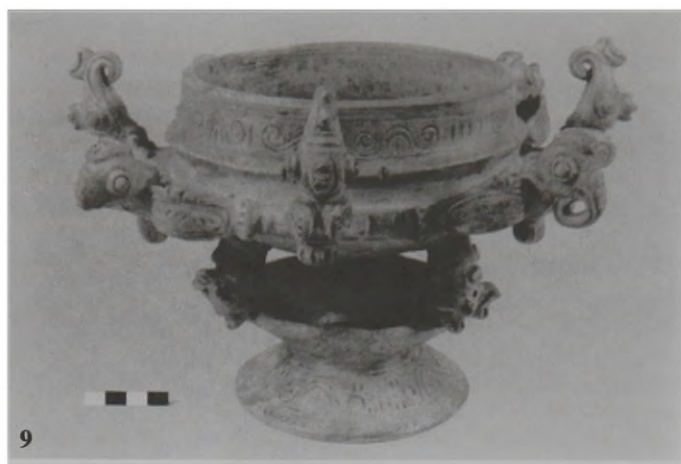
As variáveis ambientais, vão ser determinantes para definir o tipo de matéria prima a ser utilizada na confecção de artefatos.

A análise do desenvolvimento tecnológico, evidenciado na confecção dos artefatos, permite inferir as variáveis econômicas da organização do grupo. Os Tapajós provavelmente tinham atingido um excedente de produção, que permitiu o apare-

cimento de especialização do trabalho, necessária para a execução de artefatos do nível dos presentes na coleção, principalmente no que se refere aos artefatos cerâmicos.

A análise da iconografia contida na decoração cerâmica, permite a inferência de vários aspectos da organização social. Existem referências de cerimônias onde só homens participavam e eram utilizados vasos de caríatides.

No caso das peças de cerâmica, o antiplástico



utilizado na argila foi o cauixi, esponja vegetal, natural da região. A adição das espículas moídas deste espongiário dá uma alta resistência à argila, possibilitando a confecção de objetos com paredes finas.

A técnica de manufatura usada para a confecção das peças cerâmicas foi a de roletes, embora algumas peças se apresentem com paredes finas e formas regulares que parecem indicar o uso de um torno rudimentar. Mas, como não foi encontrado nenhum vestígio deste tipo

de mecanismo, e como não existem outras fontes que se referem a este fato, permanece a interrogação. Talvez uma análise mais detalhada das paredes dos vasos possa dar alguma indicação a este respeito.

As formas presentes na coleção são elaboradas e produto de modelagem. As técnicas de decoração utilizadas são a incisão e a aplicação plástica ou a aplicação plástica e pintura, que sempre aparecem combinadas. Os motivos principais são geométricos e zoomorfos. Uma análise detalhada da decora-



ção será apresentada individualmente com referência a cada categoria de artefato.⁶

Considerações finais

Pretendemos que a divulgação da coleção Tapajônica do MAE, iniciada aqui, possa constituir mais uma contribuição para o estudo desta cultura. A idéia é também estimular as discussões sobre o aproveitamento científico de coleções museológicas, a divulgação e a sua utilização como recurso didático.

A coleção aqui sinteticamente apresentada foi objeto de uma análise formal. Em função do nú-

mero de peças optamos por realizar um trabalho em etapas. Primeiro, uma divisão inicial em classes, considerando a matéria prima utilizada, a seguir divididas em categorias morfológicas, que foram sistematicamente detalhadas. Como as variáveis envolvidas em cada uma das categorias possuem particularidades específicas, serão discutidas futuramente. Um dos itens que tiveram particular atenção foram os padrões decorativos.

Entretanto, a análise de toda a coleção deverá futuramente ser publicada sob a forma de um único catálogo. Mas, como a bibliografia sobre o assunto é escassa, achamos relevante publicar este artigo dando notícia da existência desta coleção e da análise que foi realizada.⁷

(6) Na verdade, este trabalho consiste na apresentação da coleção. A nossa idéia é ir publicando futuramente os resultados obtidos para cada categoria de artefato definido no acervo do MAE.

(7) Depois de realizado este trabalho tomamos conhecimento da dissertação de mestrado de GUAPINDAIA, V.L.C. - *Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajós. A coleção "Frederico Barata" do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

QUADRO I

A natureza da amostra (cerâmica)					
Cerâmica					
artefatos	v. gargalo	v. cariátides	v. globulares	cachimbos	estatuetas
espaço	Santarém Aldeia e proximidades				
tempo	referência a grupos extintos no século XVII				
tipo de sítio	pré-histórico a céu aberto				
necessidade	um artefato utilizado no nível "cerimonial"				
uso	"cerimonial"			"cerimonial" e cotidiano	"cerimonial"
abandono	"dizimação dos Tapajós (arqueologia)				

QUADRO II

A natureza da amostra (lítico)					
Líticos					
artefatos	lâmina de machado	adornos	estatuetas	pesos	polidores
espaço	Santarém Aldeia e proximidades				
tempo	referência a grupos extintos no século XVII				
tipo de sítio	pré-histórico a céu aberto				
necessidade	um artefato para representação cerimonial/ uso cotidiano				
uso	cotidiano	ornamental	cerimonial	cotidiano	cotidiano
abandono	dizimação dos Tapajós (arqueologia)				

QUADRO III

Elementos constituintes (cerâmica)					
Análise morfológica/taxonômica					
Cerâmica					
artefatos	v. gargalo	v. cariátides	v. globulares	cachimbos	estatuetas
atributos essenciais	base corpo colo	base bacia	base corpo colo	condutor fornildo	base/tronco/ corpo/cabeça/ membros
atributos funcionais	apêndice gargalo	junções (cariátides)	corpo	condutor fornildo	forma decoração
atributos chave/ diagnósticos	gargalo	cariátides	caretas zoo-morfias/forma globular	forma	
atributos opcionais	apliques decoração	decoração apliques	decoração	decoração	

QUADRO IV

Elementos constituintes (lítico)					
Análise morfológica/taxonômica					
Líticos					
artefatos	lâmina de machado	adornos	estatuetas	pesos	polidores
atributos essenciais	gume	forma tamanho	base corpo cabeça membros	peso	aspereza
atributos funcionais	marca de encabamento	?	?	forma circular/orifício central	aspereza
atributos chave/diagnósticos	parte cortante	forma tamanho	forma	forma e peso	sulcos e depressões
atributos opcionais	formas de encabamento	?	decoração	decoração	?

QUADRO V

Variáveis ligadas à análise do artefato (cerâmica)					
Cerâmica					
artefato	v. gargalo	v. caríatides	v. globulares	cachimbos	estatuetas
ambientais	mat. prima cauxi decoração (fauna)	idem	idem	decoração (fauna) com influência européia	matéria prima cauxi
econômicas	excedente	idem	idem	idem	idem
organização social	divisão de trabalho especialização	referência de uso cerimonial masculino	divisão de trabalho especialização	idem	idem
matéria prima	argila/cauxi	idem	idem (tabatinga)	idem	idem
técnica de manufatura	roletes apliques modelagem	idem	idem	modelagem (flores)	modelagem
forma	?	“fruteira” sustentada por figuras	globular	cachimbo	estatuetas antropom. masc. e fem.
técnica de decoração	incisão ponteados relevo aplique	idem	idem + pintura	incisão relevo	incisão
queima	forno a lenha (8 a 12 horas)				

QUADRO VI

Variáveis ligadas à análise do artefato (lítico)

Líticos					
artefatos	lâmina de machado	adornos	estatuetas	pesos	polidores
ambientais	matéria prima				
econômicas	excedente				
organização social	divisão de trabalho especialização				
matéria prima	rocha: basalto, quartzo, esteatita, etc.	basalto, esteatita, tipo de rocha vermelha	esteatita	basalto, tipo de rocha vermelha	arenito
técnica de manufatura	lascamento, polimento	lascamento, polimento, incisão	lascamento, polimento, incisão	lascamento, polimento	indefinida
forma	lâmina de machado	zoomorfa e/ou antropomorfa	antropo-zoomorfa	circular com ou sem orifício central	
técnica de decoração	não possui decoração	incisão entalhe	incisão entalhe	incisão	

SCATAMACCHIA, M.C.M.; DEMARTINI, C.M.C.; BUSTAMANTE, A. The scientific use of archaeological collections: the Tapajós Collection of the MAE/USP. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 317-333, 1996.

ABSTRACT: The aim of this article is to do some considerations about the scientific use of archaeological collections, taking the Tapajonic MAE/USP collection as a case study. This collection was analysed under the formal aspects. The work consists of a general presentation of the collection. Further publications will address each of the established categories in more detail.

UNITERMS: Curatorship of archaeological collections – Tapajonic culture.

Referências bibliográficas

- AKIN, M.
1996 *Passionate Possession. The formation of private collections.* W.D Kingery (Ed.) *Learning From Things.* Washington, Smithsonian Institution Press: 102-128.
- BARATA, F.
1950 Curt Nimuendajú: Os Tapajós. *Revista do Museu Paulista*, n.s., IV: 464-468.
1951 A arte oleira dos Tapajós: os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista*, n.s., V: 183-197.
1952 Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. *Revista Cultural*, MEC, ano 3, 5: 185-205.
- BINFORD, L.
1962 Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, 28(2): 217-255.
- 1964 A consideration of archaeological research design. *American Antiquity*, 29(4): 425-441.
- CLARKE, D.L.
1968 *Analytical Archaeology.* Londres, Methuen.
- DEETZ, J.
1967 *Invitation To Archaeology.* New York, The Natural History.
1977 *In Small Things Forgotten.* New York, Anchor Books.
- FORD, R.I.
1984 Ethics and Museum Archaeology. E.L. Green (Ed.) *Ethics and Values in Archaeology.* The Free Press: 133-142.
- NIMUENDAJU, C.
1953 Os Tapajós. *Revista de Antropologia*, 1(1): 93-106.

MENESES, U.B.

1972 *Arqueologia Amazônica*. Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo.

PALMATARY, H.

1960 *The Archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil*. Philadelphia.

ROUSE, I.

1960 The classification of artifacts in archaeology. *American Antiquity*, 25(3): 313-23.

SCHIFFER, M.

1984 *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque, University of New Mexico Press.

Recebido para publicação em 20 de agosto de 1996.

Estudos Bibliográficos

ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA SOBRE PESCADORES, COLETORES E CAÇADORES QUE OCUPARAM O ESTADO DO RIO DE JANEIRO*

Maria Dulce Gaspar**

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo analisar os esquemas explicativos que tratam do processo de ocupação dos **pescadores, coletores e caçadores** na área compreendida pelo estado do Rio de Janeiro. Pretende ser uma releitura dos dados disponíveis e uma contextualização das interpretações mais difundidas, não se propondo a realizar um exame crítico da produção científica, mas a proceder a uma análise que busca entender o processo de construção dos esquemas referidos e avaliar a sua eficácia.

Cabe ressaltar que as obras apreciadas não se restringem aos temas aqui tratados, abarcando, sem dúvida, um universo bem mais complexo do que o sintetizado no presente estudo. E mais: ainda que não considere o recorte espacial proposto o estado do Rio de Janeiro apropriado para levar a termo uma reflexão sobre pré-história, trata-se de uma contingência imposta pela própria investigação, que visa a sistematizar informações bibliográficas de autores cuja maioria tem essa divisão política como referência.

A pré-história do Rio de Janeiro já foi tema de vários estudos em períodos anteriores

(*) Parte dessas reflexões foi apresentada na tese de doutorado intitulada "Aspectos da organização de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre a ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul", defendida pela autora na USP. Muitos dados foram extraídos da pesquisa relacionada com os projetos "O aproveitamento ambiental das populações pré-históricas do estado do Rio de Janeiro", convênio FINEP/FUJB/MN, e "Estudo e cadastro dos testemunhos pré-históricos dos pescadores, coletores e caçadores ribeirinhos e costeiros", financiado pelo CNPq.

(**) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(Backheuser 1919; Mezzalira 1946; e Guerra 1955), porém, serão focalizados apenas os trabalhos que integram o que Prous (1991: 14) denominou de "período recente", caracterizando o momento em que surgiram os grandes projetos de pesquisa arqueológica. As investigações da década ainda em curso serão apreciadas apenas como tendências, pois só com o desdobramento dos estudos e os efetivos avanços poder-se-á fazer uma avaliação crítica de suas contribuições.

No que se refere ao período compreendido por esta análise, deve-se ressaltar o papel precursor de Ondemar Dias Jr., que foi o primeiro a enfocar questões especificamente arqueológicas, tendo os trabalhos desenvolvidos sob sua coordenação marcado o início da pesquisa científica no estado do Rio de Janeiro. Também importantes são as pesquisas coordenadas por Alfredo Mendonça de Souza e Sheila Mendonça de Souza, Maria da Conceição Beltrão, Lina Maria Kneip e Osvaldo Heredia, das quais se extraiu a maioria das informações que permitiram o desenvolvimento desta reflexão.

No conjunto da bibliografia, foi constatada a presença de duas tendências de pesquisa: a primeira centrada no estudo de sítios isolados, e a segunda voltada para estabelecer quadros gerais da ocupação do estado. A análise da produção bibliográfica indica que as duas linhas são articuladas e complementares, e que a maioria dos autores apresenta contribuições em ambas as vertentes. Trata-se, na realidade, de um sistema circular, no qual um esquema alimenta-se de informações advindas do outro, e este, por sua vez, busca explicações e interpretações no primeiro.

Serão apresentadas, de início, as pesquisas que estudam sítios como unidades isoladas e, posteriormente, a tendência relativa à perspectiva generalizante.

Estudos particularistas

As pesquisas que se desenvolvem em torno de um sítio específico podem-se agrupar em três modalidades:

1) aquelas que apresentam acentuada influência francesa, sobretudo de Leroi-Gourhan, e cuja ênfase especial é dada ao estudo da composição espacial do sítio, da distribuição interna dos vestígios arqueológicos e das atividades que as originaram (Kneip 1976). Segundo essa perspectiva analítica, “estrutura” é a noção crucial que sustenta a interligação dos eventos e perpassa toda a prática de campo apoiada na identificação e correlação dos testemunhos arqueológicos. Os procedimentos técnicos corroboram, assim, a abordagem do sítio enquanto unidade de análise por excelência e têm a sua expressão máxima na técnica de decapagem que é utilizada como forma de evidenciar a posição dos vestígios no contexto geral (Pallestrini *apud* Kneip, 1977: 33). O recorte espacial é dado pelas dimensões do próprio sítio, uma característica a mais dessa modalidade de concepção arqueológica.

Lina Kneip é a pesquisadora que melhor representa essa vertente de trabalho e tem realizado o maior número de pesquisas (1976, 1977; Kneip, Pallestrini & Cunha 1981; Kneip & Pallestrini 1987; e Kneip, Crancio & Rodrigues 1990), muito embora, o seu trabalho englobe uma diversidade de questões (adaptação ambiental, mudança cultural,... sempre apoiada no enfoque interdisciplinar. Recentemente, vem se dedicando a estudar em profundidade uma área específica do estado Saquarema e a estabelecer correlações entre vários sítios, enfocando subsistência, rito funerário e moradia, entre outros temas (Kneip, Pallestrini, Crancio & Machado 1991; Kneip 1992; Kneip & Machado 1993; Kneip 1994; e Kneip & Machado 1994). O trabalho de Eliana Carvalho (1984) também pode ser incluído na mesma modalidade.

2) as pesquisas que revelam uma influência significativa da arqueologia americana, em especial da Ecologia Cultural. Entre os projetos mais representativos dessa vertente, destaca-se o de Osvaldo Heredia (1978, 1983, 1984, 1985, 1986 e 1987), cujo objetivo é a realização de sondagens, através de níveis artificiais, em um grande número de sítios

do litoral, a fim de obter uma visão abrangente da ocupação pré-cerâmica. A pesquisa tem como prioridade estabelecer a natureza das relações entre sítio e meio, efetuando uma análise detalhada dos distintos ambientes explorados pelos habitantes pré-históricos, bem como a caracterizar a cultura estudada, mediante a descrição minuciosa dos recursos disponíveis e daqueles efetivamente explorados. Em todos os trabalhos desenvolvidos pela equipe (Heredia, Beltrão, Gaspar & Gatti 1981/82; Heredia, Gaspar, Gatti & Franco 1983; Heredia, Gatti, Gaspar & Buarque 1994; Heredia, Gaspar, Scaramella & Franco 1985; Heredia, Gaspar, Sette & Bulcão 1985; e Heredia, Tenório, Buarque & Gaspar 1985), porém, os sítios são tratados isoladamente.

A investigação realizada por Alfredo e Sheila Mendonça de Souza (1983) no sambaqui do Rio das Pedrinhas também pode ser incluída na mesma modalidade de pesquisa.

3) as pesquisas que apresentam contribuições específicas, quer na área de estudo de restos faunísticos (Kneip, Coelho, Cunha & Mello 1975; Mendonça de Souza, Santos, Schramm & Miranda 1983/84; Lima & Silva 1984: 10-40; Azevedo, Carvalho & Dias 1981/82: 157-160; e Lima 1991), quer no estudo morfométrico dos seixos (Kneip *et alii* 1990), de alguns aspectos da tecnologia (Pallestrini & Chiara 1981: 71-94; e Lima, Mello & Silva 1986), da ordenação espacial (Barbosa, Gaspar & Barbosa 1994), da representatividade da amostragem (Gaspar, Barbosa & Barbosa 1994) e do uso de informática na interpretação de sítios (Tenório 1995). Embora pontuais, esses trabalhos têm fornecido resultados relevantes quanto ao próprio tema a que se propõem e propiciado a incorporação e avaliação de novas técnicas e estratégias de investigação.

Outra linha de pesquisa, ainda incipiente, vem se delineando sob minha coordenação e constitui, em certo sentido, um desdobramento dos trabalhos de Osvaldo Heredia, com clara inspiração nos estudos de Michel Schiffer (1991) e marcada influência da Escola Sociológica Francesa, sobretudo de Marcel Mauss (1974). É com base nessa perspectiva que proponho uma ordenação distinta dos esquemas ora em análise (Gaspar 1991, 1994/95, 1995, no prelo a, b; Gaspar, Barbosa & Barbosa 1994, Barbosa & Gaspar, no prelo).

Esquemas gerais

O esquema mais abrangente e coerente que ordena os dados referentes à pré-história do Rio de Janeiro é o sistema de fases e tradições, amplamente divulgado no Brasil em decorrência dos trabalhos do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (Pronapa), conduzido de 1969 a 1970, e do Programa Nacional de Pesquisa na Bacia Amazônica (Pronapaba), iniciado em 1977 (Meggers & Evans 1985: 5).

A linha de pesquisa adotada por esses programas mantém estreita relação com os princípios abraçados pela Ecologia Cultural, escola que postula a explicação dos fatos sociais a partir de dados ecológicos (Panoff & Perrin 1973: 88, 102-104) e considera a cultura como parte constituinte do ecossistema, no seio do qual o homem é tratado como uma espécie natural. Os fenômenos relacionados à mudança cultural são percebidos, compreensivelmente, pela ótica do neo-evolucionismo.

Meggers e Evans são os principais responsáveis pela divulgação dessa perspectiva de conhecimento, estruturada a partir de uma noção organicista de cultura que considera os fenômenos culturais semelhantes aos orgânicos (1970: 9), com pressupostos metodológicos baseados em analogias com a biologia, em especial no que se refere ao método taxonômico (1970: 6-9).

A pesquisa por eles desenvolvida tem como principal objetivo estabelecer fases e tradições, utilizando como instrumento analítico a seriação Ford (1970 e 1985), procedimento que ordena os vestígios a partir de tipologias e é concebido para detectar mudanças através do tempo e no espaço. Para Meggers e Evans (1985: 18), “uma tradição compreende um número variável de fases que compartilham um conjunto de atributos na cerâmica, artefatos líticos, padrões de assentamento, subsistência, ritual e demais aspectos da cultura”. Tradição e fase mantêm a mesma relação que o gênero biológico possui com a espécie, tendendo a primeira a persistir por mais tempo e a ocupar áreas mais extensas. A fase, por sua vez, é definida segundo uma seqüência seriada e representa a expressão arqueológica de uma comunidade etnográfica (1985: 19).

É da estreita relação proposta por esses autores entre antropologia, em particular a arqueologia, e biologia, especialmente a de Simpson (*apud* Meggers e Evans 1970: 2-5), que se estrutura o princí-

pio teórico norteador dessa linha de trabalho a proeminência dos fenômenos ambientais sobre os culturais.

O precursor dessa corrente no estado do Rio de Janeiro é Ondemar Dias Jr., e os resultados de seus trabalhos constituem referência obrigatória para todos os pesquisadores, mesmo aqueles que discordam de determinados pontos. Eliana Carvalho e Lilia Machado, em diferentes oportunidades, vêm se empenhando na sua divulgação e, ao lado de Ondemar Dias e de outros pesquisadores, têm orientado as pesquisas realizadas pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB).

A produção de Alfredo e Sheila Mendonça de Souza, na época responsáveis pelo Instituto Superior de Cultura Brasileira (ISCB), pode igualmente ser inserida nessa linha de pesquisa, tendo seus trabalhos contribuído para um desdobramento do quadro proposto pela equipe do IAB. A pesquisa de Tania Andrade Lima (1991), ainda que voltada prioritariamente para a zooarqueologia, também faz referência ao mesmo esquema interpretativo.

Outras ordenações dos vestígios arqueológicos fluminenses foram propostas pelas diferentes equipes do Museu Nacional, coordenadas por Maria da Conceição Beltrão, Lina Kneip e Osvaldo Heredia, porém seus esquemas não tiveram a mesma repercussão que o anterior.

1. Quadro proposto pelos pesquisadores do IAB

De acordo com Ondemar Dias (1987: 57), o início da ocupação do litoral fluminense se deu há cerca de 8.000 anos por coletores de moluscos, cujos restos teriam formado os sítios denominados sambaqui, agrupados na fase Macaé (1969) e construídos, segundo as datações disponíveis, por volta de 7803 ± 130 AP (datação de Maratuá) até 3975 ± 160 AP (sambaqui do Ury).

Pertencem a essa fase, além das duas ocupações iniciais do sambaqui do Forte (Dias, 1978/79/80: 41), dez sambaquis, dos quais apenas o Ury e o Tambor foram nomeados por Ondemar Dias (1969: 145-146), enquanto Alfredo Mendonça de Souza (1981: 40), citando comunicação pessoal daquele autor, apresentou os oito restantes: Aroeira de São Jorge e Marimbondos, em Macaé; Tarioba e Vila Nova, em Casimiro de Abreu; Campo da Boa Vista e Marrecas, em São João da Barra; e São João e Entulho, em Cabo Frio.

Embora Ondemar Dias não tenha estabelecido os limites espaciais da fase Macaé, é possível pressupor que abrangesse, além do litoral do Rio de Janeiro, o de São Paulo, em cujo território são identificados com a mesma fase os sítios de Piaçaguera e Mar Casado. As informações disponíveis sobre a localização dos sítios que a integram indicam que estão assentados a uma distância variada da costa, porém, em quase todos os casos, a pouca altura acima do nível do mar (Dias 1969: 145).

Em publicação sem data, o autor propõe uma subdivisão dos sambaquis que compõem a fase Macaé em dois grupos: os mais antigos e os mais recentes. Os primeiros caracterizam-se por contar com maior quantidade de conchas, e os segundos, pela presença de espessas camadas húmicas. Alterações ambientais, sobretudo aquelas relacionadas com os movimentos do nível marinho, teriam tornado difícil a manutenção da dieta alimentar baseada exclusivamente nos moluscos aquáticos, o que levou a uma diversificação na economia, dando origem à tradição Itaipu (Dias 1987: 157).

Tradição Itaipu é denominação utilizada para identificar os sítios que atestam a adaptação às mudanças climáticas. Subdivide-se em duas fases, A e B. Pertencem à fase A os sítios registrados como sambaquis por Salles Cunha (1965) – Piraquê, Poço das Pedras, Porto das Cinzas, Ilha do Tatu, Zé Espinho, Pau-Ferro, Aterrado da Praia, Telégrafo, Vila Mar, Posto 5, Curral das Pedras, Matriz, Teles, Piteiras ou do Anil, Panela do Pai João, Gentio, Atolador, Praia do Malhador, Cerâmio, Benta, Sucuruí, Vaso, Piracão, Meio, Cabeça de Índio 1 e 2, Barreira, Araçatiba ou Campo de São João, Porto das Pitangueiras, Porto do Teixeira e Piaí –, ainda que Ondemar Dias não os nomeie (1976/77: 116), e os sítios Corondó e Malhada (Dias & Carvalho 1983/84: 98). À fase B estão vinculados o sítio Itaipu (Dias 1978/79/80: 35), a última ocupação do Forte (Dias & Carvalho 1983/84: 98) e ainda as dunas de Bela Vista, Grande de Itaipu e Pequena de Itaipu, bem como os sítios da Praia Grande, de Massambaba e de Jandira e a Ilha de Santana (Dias 1988).

A dieta alimentar da fase A caracteriza-se pelo consumo de vegetais e moluscos, complementada pela caça de pequenos animais, crustáceos e pesca, enquanto na fase B parece ter havido um incremento da pesca, embora a coleta de moluscos seja comum (Dias 1976/77: 116). A alimentação dos grupos relacionados com a tradição Itaipu é comple-

mentada pela coleta de sementes e pela agricultura incipiente.

Segundo Ondemar Dias (1976/77: 116), os sítios identificados com a fase A estão localizados em áreas mais interioranas, à beira de mangues, em lagoas de águas paradas ou de pouco movimento. Os sítios da fase B situam-se sobre dunas estáveis, algumas de dimensões consideráveis, em longas praias de mar aberto, preferencialmente no seu final, onde se observa uma curvatura mais acentuada do litoral e a arrebentação é menos violenta, sendo considerado fator importante o ponto em que se dá a ligação da lagoa com o mar.

No tocante à composição dos sítios, alguns registram a presença de cerâmica nos últimos níveis de ocupação, sem que ocorram alterações nos demais elementos. Os sítios da fase Itaipu A apresentam estruturas bem definidas – alimentares (áreas de concentração de restos de moluscos ou peixes), habitacionais (áreas delimitadas com estacas e que apresentam piso de silt) e cerimoniais (sepultamentos simples ou múltiplos). Já os sítios da fase B contam apenas com dois tipos de estruturas – alimentares e cerimoniais, essas últimas muito raras (Dias 1988: 171).

Quanto aos limites espaciais, a tradição abrangeria o litoral do Espírito Santo, ocorreria também no Rio Grande do Sul, compondo a subtradição Apicum (Dias 1975: 8, 1976/77: 116; e Carvalho 1990: 120). Estudos posteriores realizados por Schmitz indicaram, todavia, que os sítios do Sul correspondem a acampamentos costeiros de grupos procedentes do interior, não se justificando, portanto, sua filiação à tradição (Dias 1988: 162).

Na proposição dos pesquisadores do IAB, os grupos identificados com a tradição Itaipu são os herdeiros dos grupos relacionados com os sambaquis (Dias, 1976/77: 42 e Dias & Carvalho, 1983/84: 100), com adaptações derivadas de mudanças climáticas. O estudo dos esqueletos não aponta diferenças marcantes entre as três fases – Macaé, Itaipu A e Itaipu B – quanto à conformação genética, resumindo-se as variações aos aspectos culturais (Dias & Carvalho 1983/84: 100).

Como ocorre em toda pesquisa, o esquema inicial sofreu alterações, com a incorporação de novos dados. Os primeiros trabalhos de Ondemar Dias (1969: 146) informavam que a análise dos restos assinalava diferenças entre as fases Macaé, Itaipu A e Itaipu B devido ao incremento da pesca em detrimento da coleta, transformação esta de-

corrente de mudanças ambientais. A partir do artigo de 1975, o sistema evoluiu e fixou-se na discussão sobre a presença de agricultura, passando a intensificação da pesca para segundo plano.

A proposição original também se modificou no tocante às atividades agrícolas como características da fase Itaipu B (Dias 1978/79/80: 34), sendo o surgimento da agricultura antecipado para a fase Itaipu A. A nova interpretação parece ter se apoiado nos resultados dos trabalhos desenvolvidos no sítio Corondó, vinculado à fase A, e, particularmente, nos estudos de antropologia física realizados por Lilia Machado (Turner & Machado 1981/82 e Machado 1988).

Seguindo o esquema proposto pelos pesquisadores do IAB, o estado do Rio de Janeiro passou a ser ocupado por grupos ceramistas identificados com a tradição Una, que constitui a mais antiga manifestação de grupos horticultores e ceramistas. Ocorre no Rio de Janeiro (Dias & Carvalho 1980) e ainda no sudoeste de Goiás (Schmitz *et alii*, 1982: 264), oeste de Minas Gerais (Dias 1976/77: 110-130), interior de São Paulo (Dias 1976/77: 125) e Espírito Santo (Perota 1969: 70).

No Rio de Janeiro, a tradição Una foi subdividida nas fases Mucuri e Una (Dias 1976/77: 117). A fase Mucuri, localizada no norte do estado, no baixo e médio Paraíba e na região serrana, está datada de 1430 ± 65 AP (520 dC) e atinge até 720 ± 95 AP (1230 dC). A fase Una, datada em 1060 ± 90 AP (890 dC), é litorânea, e dela são encontradas evidências arqueológicas em Cabo Frio. Estudos recentes estão sendo desenvolvidos no sítio do Caju, no baixo Paraíba do Sul, datado de 1453 ± 65 AP e 850 ± 90 AP e caracterizado como da fase Mucuri, já se encontrando disponíveis informações relacionadas com os sepultamentos (Machado 1994).

No litoral, não foram estudados sítios semelhantes aos da região serrana, como os abrigos ou sítios em campo aberto. Os vestígios para os quais se dispõe de informações mais consistentes parecem estar em sítios costeiros da tradição Itaipu. Nos sambaquis da Pontinha e do Moa, em Saquarema, foi encontrada cerâmica, considerada filiada à fase Una (Crancio & Kneip 1992) e datada em 3610 ± 190 AP (Kneip, Ferreira & Muehe 1994: 129) – esta datação confere uma antiguidade inesperada para a cerâmica no litoral fluminense. Infelizmente, são escassas as informações sobre a fase correspondente à área povoada pelos pescadores, coletores e caçadores.

Em momento posterior, algumas áreas do estado do Rio de Janeiro foram ocupadas por outros grupos, sendo seus testemunhos denominados de tradição Tupiguarani. A essa tradição corresponderia um sistema de adaptação diverso do da tradição Una, tendo seus grupos se mantido próximos dos rios, valendo-se de enterramentos secundários em urnas e não estando associados a sítios cobertos (Dias 1976/77 e Dias & Carvalho 1980).

A tradição Tupiguarani foi dividida em cinco fases: Guaratiba, litorânea, na costa central do estado, em sítios da tradição Itaipu, datada de 970 ± 100 AP; Sernambitiba, litorânea, também na costa central, porém mais para o norte; Itabapoana, litorânea, ao norte, após a foz do Paraíba, com ocorrência também no Espírito Santo; Itaocara, no interior, no médio curso do rio Paraíba, a montante da área do rio Mucuri; e Ipuca, no médio curso do rio Paraíba, alongando-se em direção à foz e atingindo boa parte do Mucuri.

Com a chegada dos europeus, instalou-se a tradição Neo-Brasileira, caracterizada pela presença de cerâmica tipicamente Tupiguarani, com intrusão de elementos europeus. A tradição foi dividida em duas fases: a Calundu, registrada em Cabo Frio, e a Parati, no litoral Sul, ocorrendo em sambaquis.

2. Quadro proposto pelos pesquisadores do ISCB

Como já foi mencionado, o esquema elaborado por Alfredo e Sheila Mendonça de Souza baseia-se no sistema estabelecido pelos pesquisadores do IAB. Na realidade, trata-se de um desdobramento do primeiro, com a criação de novas fases e o deslocamento temporal de algumas. Os elementos que o estruturam são também a composição e a localização dos sítios. Como na proposição anterior, um mesmo sítio pode se encaixar em duas fases distintas, situação recorrente explicada pelas alterações ambientais resultantes sobretudo das variações do nível do mar – classificação igualmente apoiada na curva de Fairbridge. Tais variações, mais do que no esquema do IAB, são o elemento ordenador da proposta do ISCB, que busca estabelecer uma estreita relação entre as diferentes transgressões e regressões e as diferenças observadas na estratigrafia dos sítios. Como resultado dessa perspectiva, dá-se a subdivisão vertical dos sítios em pacotes estratigráficos, podendo um único sítio apresentar até mesmo quatro fases diferentes.

Esse esquema também sofreu alterações devido à incorporação de novos dados. Segundo Alfredo Mendonça de Souza (1981: 73-79), o estado do Rio de Janeiro começou a ser ocupado há cerca de 10.000 anos por dois grupos distintos, cujos testemunhos, conforme assinalado em artigo posterior (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 11), associam o primeiro com a tradição Itaipu, e o que o sucedeu, com a tradição Macaé.

Na proposição inicial, os primeiros ocupantes integrariam bandos provenientes de Minas Gerais, que se fixaram na região serrana no norte fluminense. Tinham sua economia baseada na caça e na recoleta, encontrando-se no estágio designado como Páleo-Índio Epigonal, ou talvez já no Arcaico Inferior. Com as mudanças ambientais, alguns grupos adaptaram-se aos novos habitats florestados, enquanto outros atingiram o litoral, dedicando-se à exploração de recursos marítimos e lacustres. O próprio Mendonça de Souza salienta, todavia, que a referência aos grupos do interior é hipotética e não se baseia em dados arqueológicos (1981: 74).¹

Tradição Macaé é o termo utilizado para denominar sítios que teriam sido ocupados por bando de coletores adaptados a recursos marinhos, oriundos provavelmente do Sul do Brasil (Mendonça de Souza 1981), tendo sido sua presença registrada em Parati, Magé e Cabo Frio. Os sítios característicos da tradição Macaé são conhecidos como sambaquis e incluem, em seu conjunto, a maioria daqueles considerados por Ondemar Dias como da fase Macaé, além da camada I do sambaqui do Forte e a maioria dos sambaquis estudados por Salles Cunha em Sepetiba e Guaratiba.

A economia dos grupos da fase Itaipu A é bastante diversificada, com predomínio da pesca e coleta de moluscos subsidiadas pela caça. Já a economia da tradição Macaé baseia-se na coleta de moluscos marinhos subsidiada pela pesca.

Há 4000 AP, todo o litoral fluminense estava ocupado pelas tradições Macaé, nesse momento representada pela subtradição Guapi, e a tradição

Itaipu, pela subfase Itaipu B. Em algumas áreas – baía de Sepetiba e litoral central do estado –, os sítios das duas tradições localizam-se muito próximos uns dos outros, sendo provável que tenha havido contato. A subfase Itaipu B tinha a sua economia centrada na pesca e subsidiada pela coleta de moluscos, enquanto a subtradição Guapi baseava-se na coleta generalizada subsidiada pela pesca (Mendonça de Souza 1981: 46).

A partir de 3000 AP, a subtradição Guapi começou a modificar-se gradualmente, até caracterizar a subtradição Macaé, registrada nos mesmos locais, com indústrias semelhantes e economia baseada na caça, pesca e coleta generalizada (Mendonça de Souza 1981: 46). Esta subtradição perdurou em quase todo o litoral até o contato com os Tupi-guarani, e em algumas áreas – baía de Guanabara e Ilha Grande –, até a chegada dos europeus, quando se originou a fase Neo-Brasileira denominada Magepê.

Ao longo de todo esse período, as restingas encontravam-se habitadas por macrobandos de pescadores da subfase Itaipu B, que mantém várias semelhanças com a fase Macaé. Essa indicação levou o próprio Mendonça de Souza a sugerir que a transição da subtradição Guapi para a fase Macaé se deu por influência da subfase Itaipu B (1981: 76-77), que perdurou também até a chegada dos Tupi-guaranis, tendo permanecido em Cabo Frio provavelmente até a vinda dos colonizadores. O autor supõe ainda que, pouco antes da chegada dos europeus, esta subfase já dispunha de algum tipo de agricultura.

A última fase pré-cerâmica corresponde à Pequerê, cujos sítios localizam-se em abrigos sob rocha na baía da Ilha Grande e em Arraial do Cabo, caracterizando-se por uma economia baseada em recursos marinhos e cultura material semelhante à da subtradição Guapi. Provavelmente ocupa posição intermediária entre esta e a subtradição Macaé, e, embora não existam datações disponíveis, o autor sugere que tenha perdurado até a chegada dos europeus.

No tocante à tradição Macaé, todas as quatro subtradições baseavam sua economia na coleta de molusco: a Mambucaba I, composta pelas fases Mambucaba I, Magé e terceira camada do sambaqui do Forte, caracterizava-se pela coleta de moluscos subsidiada pela pesca (Mendonça de Souza 1981: 45); a Guapi, composta pela fase Guapi, níveis inferiores dos sambaquis agrupados por Onde-

(1) Cabe ressaltar que um único sítio pré-cerâmico do interior foi descoberto por Ondemar Dias (1969: 122) e nele recuperadas pontas de projéteis foliáceas e pedunculadas feitas em quartzo (Dias & Carvalho 1980: 56). Já são inúmeras as tentativas de localizar, no interior do estado do Rio de Janeiro, sítios deixados por caçadores (Heredia 1983 e 1984), porém o achado até agora de Ondemar Dias indica que a região não foi ocupada intensamente por grupos caçadores.

mar Dias na fase Macaé e segunda camada do sambaqui do Forte, centrava-se na coleta generalizada subsidiada pela pesca (Mendonça de Souza 1981: 46); a Macaé, que conta com as fases Sernambi, Mambucaba II, a maioria dos sambaquis inseridos por Ondemar Dias na fase Macaé e dos que foram caracterizados como espessos por Salles Cunha em Sepetiba e Guaratiba, baseava-se na caça, pesca e coleta generalizada (Mendonça de Souza 1981: 46); a Magepê, composta pelos níveis superiores do sambaqui do Rio das Pedrinhas, sambaqui de Saracuruna, de Sernambetiba e outros da área de Magé, sambaqui da Trindade I,II,III, sambaquis de Angra dos Reis estudados por Ondemar Dias e alguns pequenos sambaquis de Guaratiba descritos por Salles Cunha, apresenta modificações ligeiras no padrão de consumo (Mendonça de Souza 1981: 66-67). As observações fornecidas referem-se apenas ao peso das atividades de coleta e pesca, sendo exceção apenas a subfase Macaé, onde se sugere o predomínio da caça.

Mendonça de Souza assinala que a tecnologia da cerâmica foi adquirida há cerca de 1500 anos por grupos de caçadores e recoletores do interior fluminense, dando origem à fase Mucuri, da tradição Una. É provável que essa tecnologia tenha provindo de Minas Gerais – fase Piumhi –, associada à prática da agricultura incipiente do milho. A fase Mucuri correlaciona-se com as fases litorâneas Una e Jabaquara, sendo associada pelo autor, provisoriamente, ao grupo tribal histórico Puri-coroado.

Iniciada há aproximadamente 1.000 anos e estendendo-se até a colonização, a fase Una está correlacionada, também de maneira provisória, com os Goitacá, e provavelmente caracteriza o momento em que grupos da tradição Itaipu adquiriram a tecnologia da cerâmica, da fase Tanguí (Espírito Santo) ou da Mucuri. Circunscreve-se a alguns sítios nas proximidades do rio Una, em Cabo Frio, sítios esses que apresentam inventário cultural semelhante ao da subtradição Itaipu A, exceto pela presença de cerâmica. Mendonça de Souza assinala que esses sítios são testemunhos da permanência de padrões de subsistência centrados em recursos marinhos e estuarinos, bem como da prática incipiente da agricultura.

A fase Jabaquara tem os seus sítios localizados no extremo litoral sul fluminense, região de Parati, e revela a permanência dos padrões culturais da fase Pequerê, com sítios em abrigos sob rocha, apenas com o acréscimo da cerâmica. Embora não

esteja datada, o autor, por analogia com outras áreas, propõe que se tenha instalado por volta de 800 anos passados, tendo permanecido, ao que tudo indica, até o contato com o europeu, quando deu origem à fase Neo-Brasileira Parati.

Por último, também há aproximadamente 800 anos, os Tupi-guarani atingiram o estado do Rio de Janeiro, segundo hipóteses levantadas por Mendonça de Souza, ou seguindo a direção de norte para sul, ou partindo de Minas Gerais, percorrendo diretamente o médio curso do Paraíba, ou ainda provindo do extremo norte paulista, acompanhando todo o curso do rio Paraíba do Sul. Segundo o autor, a ocupação contornou a área ocupada pela tradição Una, sendo possível a ocorrência de confronto com bandos de coletores de moluscos ou pescadores do litoral, que foram exterminados ou assimilados pelos Tupi-guarani.

Do prolongado contato de alguns grupos Tupi-guarani com os europeus, originou-se a fase Neo-Brasileira denominada Calundu, que se distribuiu pelo litoral rigorosamente nas mesmas áreas antes ocupadas pela tradição Tupiguarani. Finalmente, por volta de AD 1800, com a ação missionária e a pressão dos colonizadores, as populações aborígenes do Rio de Janeiro já se encontravam praticamente extintas, pelo menos como etnias autônomas.

Nos esquemas desenvolvidos pelas equipes do ISCB e do IAB, quatro pontos diferenciais podem ser sublinhados:

1) os sítios do estado do Rio de Janeiro são classificados pelos pesquisadores do IAB apenas em fases e tradições, enquanto os do ISCB estabelecem ainda outras especificações, valendo-se de subtradições e subfases;

2) a equipe do IAB não define uma tradição para associar os sítios denominados como Macaé, fase a que pertencem todos os testemunhos encontrados nesse conjunto, ainda que eventualmente tenham sido apontadas diferenciações no seu interior. Já os pesquisadores do ISCB descrevem a tradição Macaé e a subdividem em quatro subtradições, compostas, por sua vez, de diferentes fases.

3) para a equipe do ISCB, a tradição Itaipu precede a tradição Macaé, tendo as duas resultado de migrações de grupos distintos (Mendonça de Souza 1981: 24-25 e Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 110). A primeira teria ocorrido de início nas serras fluminenses, e a segunda, no Sul do Brasil (Mendonça de Souza 1981: 24-25). Os

pesquisadores do IAB caracterizam a tradição Itaipu como um desdobramento regional da fase Macaé, decorrente da adaptação dos primeiros grupos às mudanças climáticas.

4) o mosaico encontrado pelos europeus a que se refere Alfredo Mendonça de Souza (1981) pressupõe um período razoável de contemporaneidade entre os grupos pré-cerâmicos e cerâmicos, enquanto Ondemar Dias e Eliana Carvalho propõem ter havido contato apenas entre algumas fases Tupiguarani e Una. Sugerem também que as fases costeiras Tupiguarani apresentam indícios de aculturação com as fases pré-cerâmicas do litoral, porém, em nenhum momento indicam que as fases que identificam os primeiros habitantes da costa tenham permanecido até o contato com o europeu.

3. Esquema proposto por

Oswaldo Heredia e equipe do Museu Nacional

O sistema de fases proposto pelos pesquisadores do IAB foi contestado em diferentes oportunidades por Oswaldo Heredia e seus colaboradores, instalando-se um debate entre os representantes das duas vertentes (Heredia, Beltrão, Gaspar & Gatti 1981/82: 182-185, Gatti, comunicação SAB de 1983). Em certa medida, é possível supor que o artigo de Ondemar Dias e Eliana Carvalho (1981-1982: 95-105) tenha constituído uma resposta a essas críticas.

A proposta de Heredia baseia-se nos resultados de prospecções realizadas em quase todo o estado do Rio de Janeiro, bem como de sondagens em 12 sítios distribuídos pelo litoral fluminense. Uma publicação do final da década de 1980 sistematiza toda a sua pesquisa, classificando os sítios estudados a partir dos ambientes em que estão situados, segundo as seguintes categorias: localizados em fundos de baías, próximo a manguezais; na beira de canais que ligam lagoas de restinga com o mar; em praias calmas de ilhas voltadas para o continente; em praias abertas, mas com alguma proteção natural; nas costas (dorsos) de praias marinhas abertas, sem proteção; e em terrenos de suave declive e rasos afetados pelas marés diárias (Heredia, Tenório, Gaspar & Buarque 1989: 230-239).

Temas como duração da ocupação, sazonalidade e caracterização do equipamento tecnológico são abordados, porém não estão claramente relacionados ao vetor classificatório, o que reduz a sín-

tese a apenas uma descrição de sítios a partir de sua localização atual, podendo-se mesmo questionar o valor taxonômico das categorias utilizadas.

A ordenação dos dados com base em tais procedimentos, sem incluir os resultados obtidos por outros pesquisadores, não chega a configurar uma interpretação abrangente da ocupação da região. Cabe como destaque a grande homogeneidade cultural observada, apesar do registro de algumas diferenças nos tipos de recursos explorados e no equipamento tecnológico.

4. Esquema proposto por

Maria da Conceição Beltrão e

Lina Kneip, do Museu Nacional, UFRJ

Maria da Conceição Beltrão e Lina Kneip, também do Museu Nacional, diferentemente dos pesquisadores acima citados, apresentam um esquema alternativo de classificação dos vestígios arqueológicos em que as fases e tradições adotadas pela equipe do IAB não são consideradas. Em outra ocasião, todavia, utilizam essa proposta (Beltrão & Kneip 1969).

Em artigo de 1967, as pesquisadoras identificam três tipos de sítios:

1) os sambaquis, depósitos conchíferos acumulados por grupos tribais que dependiam essencialmente da coleta de moluscos e da pesca. Esses sítios foram distribuídos, segundo a localização, em três faixas de antiguidade:

a) aqueles cujas bases repousam em sedimentos hoje situados abaixo do nível do mar, podendo estar submersos ou parcialmente submersos, e que se inscrevem na faixa de idade entre 10.000 e 6.000 anos;

b) os sítios assentados sobre sedimentos que ficaram fora do alcance do mar no ápice do ótimo climático, e que estão na faixa de antiguidade entre 6.000 e 3.000 anos;

c) os sambaquis e outros sítios que contêm conchas assentados sobre sedimentos arenos-argilosos, sempre inferiores a 1m, e que se inserem em faixa de antiguidade entre 3.000 e 500 anos.

2) os aldeamentos Tupi, circulares e compostos de cabanas coletivas dispostas ao redor de uma praça quadrada, localizados às margens de rios, próximos aos rios ou ao mar;

3) os acampamentos Tupi, sítios circulares, geralmente de 50m de diâmetro, com a espessura

ra da camada arqueológica em torno de 50cm de profundidade, e que apresentam vestígios de estacas que correspondem a habitações. Estão situados próximo ao mar e junto a bancos de moluscos e ao mangue, em elevações de cerca de 50cm.

Baseando-se na classificação de Willey e Phillips (1962), Maria da Conceição Beltrão (1978) identifica posteriormente três estágios culturais: o estágio arcaico, representado pelos sambaquis, aldeias dos coroados e acampamentos Puri e Goitacá; o estágio formativo, representado apenas pelos Tupi-guarani, e o estágio lítico, para o qual a autora não indica os representantes.

Balanco crítico da produção científica

O esquema apresentado por Osvaldo Heredia e equipe, ainda que baseado em escavações sistemáticas de um número razoável de sítios, não chega a construir uma interpretação explicativa do processo de ocupação do Rio de Janeiro. A proposta de Maria da Conceição Beltrão e Lina Kneip, mais tarde retomada pela primeira, revela uma concepção bastante genérica e não dá conta da diversidade dos testemunhos arqueológicos registrados no estado. Devido a essas especificidades, serão analisadas, em detalhe, apenas as propostas do IAB e do ISCB, com ênfase especial no período pré-cerâmico.

Os dois quadros explicativos apresentam uma série de questões que serão tratadas em conjunto, mesmo porque, apesar das diferentes interpretações, muitos critérios classificatórios são recorrentes em ambas as abordagens. O ponto de partida dessa análise será o estudo do próprio esquema classificatório, com o objetivo de avaliar a sua procedência. Em seguida, serão discutidos os problemas levantados pelos pesquisadores e, depois, os pressupostos que estruturam o próprio esquema.

Um dos pontos críticos observados nos diferentes quadros propostos é justamente o **critério classificatório**. Todos os esquemas ordenam os vestígios arqueológicos, subdividindo-os segundo critérios passíveis de discussão. A questão que se impõe é avaliar a procedência da divisão estabelecida entre fase/tradição Macaé e tradição Itaipu e, conseqüentemente, os desmembramentos em subtradições, subfases e fa-

ses no interior dos dois conjuntos mais abrangentes. Serão debatidas, inicialmente, as explicações para o surgimento da tradição Itaipu, seguindo-se o estudo do próprio esquema classificatório.

1. O surgimento da tradição Itaipu

Reforçando o que já foi apresentado, existem duas versões para explicar o surgimento da tradição Itaipu. Alfredo Mendonça de Souza (1981: 25) considera que seja resultado de migração de grupos procedentes do interior do próprio estado, enquanto Ondemar Dias e Eliana Carvalho propõem uma vinculação com a fase Macaé.

Os pesquisadores do IAB sugerem que os grupos que formaram os sítios da tradição Itaipu estão relacionados com a fase Macaé, e as mudanças que justificam a formação de um novo conjunto resultam de uma adaptação aos movimentos marinhos. A variação do nível do mar é acionada para determinar a maior ou menor disponibilidade de moluscos, e sua escassez, decorrente das alterações climáticas, é associada à ausência de sítios da fase Macaé e ao surgimento da tradição Itaipu.

Para esquematizar as modificações que ocorreram no litoral fluminense, os dois autores baseiam-se na curva de Fairbridge, que estabelece a variação do nível do mar, porém já é apontada na literatura como inadequada para estudos regionais. Ab'Saber (1978/79/80: 48) chama atenção para o fato de que cada área apresenta flutuações locais sub-regionais que devem ser consideradas. Mesmo que, em termos gerais, ainda seja factível tomar essa curva como referência, para a escala em questão considerada ela se revela inapropriada, posto que a maioria dos sítios estudados situa-se numa faixa litorânea que dista apenas cinco quilômetros do mar, muitas vezes em regiões bastante planas.

Ondemar Dias faz menção à inexistência de sambaquis no período em torno 5000 e 4000 anos, tanto para o Rio de Janeiro (1978/79/80: 41-42) como para toda a costa brasileira (1981/82: 195), correlacionando a baixa incidência de sítios às mudanças ambientais que provocaram escassez de moluscos. No que se refere ao Rio de Janeiro, o argumento carece de fundamento, uma vez que não se pode estabelecer uma correspondência linear entre a falta de datações para esse período e a ausência de sítios.

Convém lembrar que no momento em que tais reflexões foram feitas, contava-se com um número bastante reduzido de datações. Atualmente, em todo o estado do Rio de Janeiro, já se dispõe de 25 sítios datados, dos quais seis se referem ao período entre 5000 e 4000 anos (ver quadro de datações e gráfico na página seguinte). Tomando-se em consideração a região Sul-Sudeste como um todo, as informações apresentadas por Uchôa (1978/79/80: 23-30) indicam a presença de 35 sítios no período entre 5240 e 3865 AP, num universo de 54 sítios datados. Inclui-se nesse total a nova datação do sítio Maratuá, 3865 ± 95 AP, que também o situa

no período que foi caracterizado como de “escassez” de sambaquis.

À luz desses novos dados, os argumentos levantados para explicar o surgimento da tradição Itaipu parecem não ter se consolidado. Por outro lado, ainda não se conseguiu fixar a disponibilidade de moluscos através do tempo, e as recentes datações obtidas não confirmam a existência de um período no qual poucos sambaquis estavam ativos. Pouco provável também é a filiação da tradição Itaipu aos caçadores que “hipoteticamente” ocuparam o interior do estado do Rio de Janeiro.

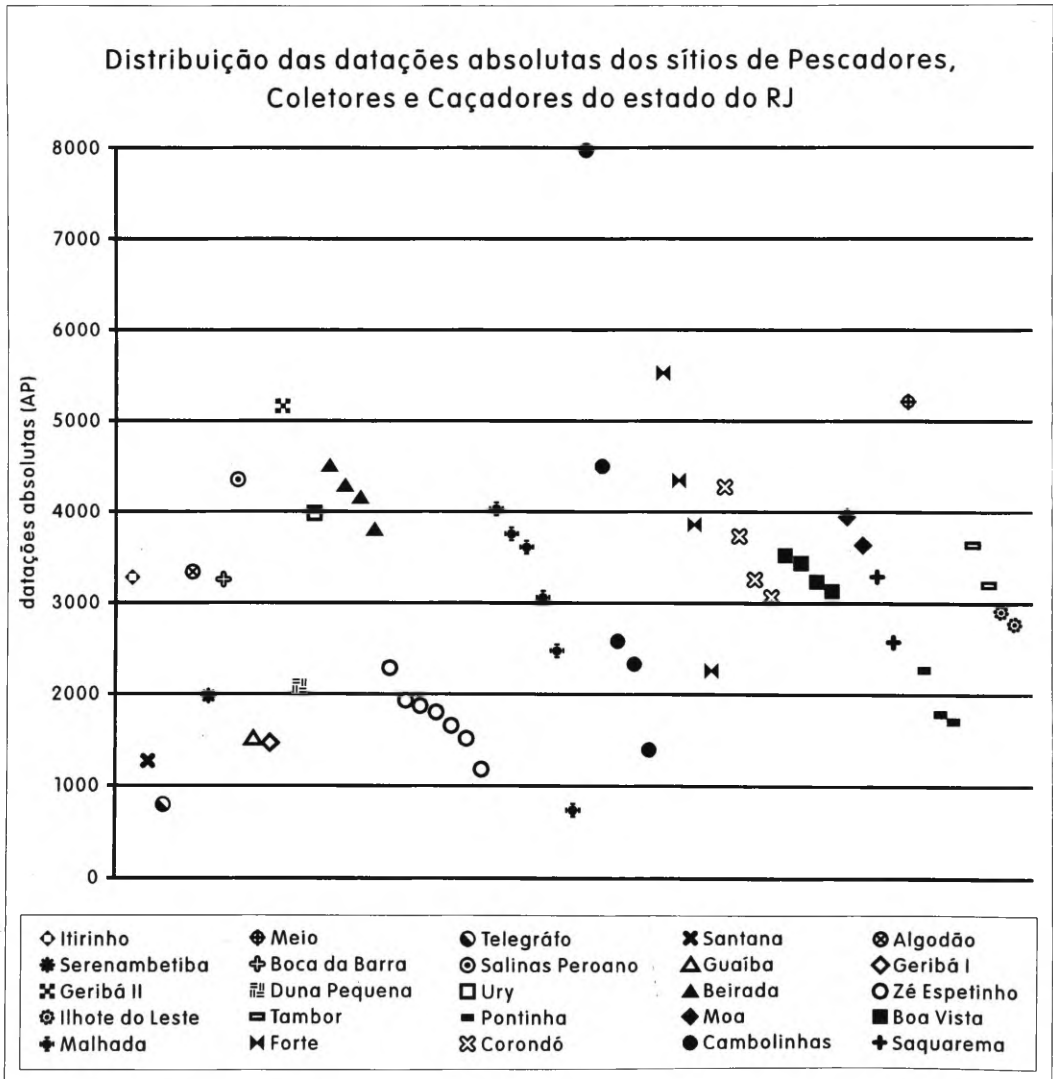


TABELA 1

Datações Absolutas de sítios do Estado do Rio de Janeiro		
Sítios	Datas(BP)	Referência Bibliográfica
Forte	5520±120	Kneip, L. /77
	4330±140	
	3940±140	
	2240±70	
Corondó	4260±75	Carvalho, E. /84
	3720±95	
	3215±90	
	3010±80	
Ury	3975±160	Dias, O. /69
Camboinhas	7958±224	Kneip, L. <i>et al.</i> /81
	4475±160	
	2562±138	
	2328±136	
Duna Pequena Saquarema	1410±135	Kneip, L.; Pallestrini, L.; Cunha, F. /81
	2030±155	
	3280±60	
Beirada	2550±60	Kneip, L. <i>et al.</i> /89
	4520±190	
	4300±190	
	4160±180	
Zé Espinho	3800±190	Kneip, L. /87
	2260±160	
	1920±150	
	1860±160	
	1780±170	
	1650±170	
	1510±160	
Santana	1180±170	Lima, T.; Silva, R. /84
	1260±330	
Algodão	3350±80	Lima, T. /91
Sernambetiba	1960±70	Gaspar, M.D. /91
Boca da Barra	3260±180	Gaspar, M.D. inédito
Salinas Peroano	4340±70	Franco, T.; Gaspar, M. /92
Guaíba	1520±60	Gaspar, M. /93
Geribá I	1480±90	Gaspar, M. /93
Geribá II	5150±110	Gaspar, M. /93
Ilhote do Leste	2910±90	Tenório, M.C. /91
	2650±350	Tenório, 1995
Tambor	3635±135	Dias, O. /69
	3200±190	
Pontinha	2270±170	Kneip, L. <i>et al.</i> /91
	1810±50	
	1790±40	
Telegráfo	800±100	Schmitz, P. /80 #
Moa	3960±200	Kneip, L. <i>et al.</i> /91
	3610±190	
Boa Vista	3480±100	Gaspar, M.D.; Barbosa, M.; Barbosa, D.R./94
	3110±60	
	3210±50	
	3410±60	
Malhada	4020±80	Dias, O./93
	3725±75	
	3580±80	
	3050±80	
	2455±?	
Itirinho	710±60	Tenório, M.C. inédito
	3270±70	
Meio	5180±80	Gaspar, M.D. inédito

2. O esquema de classificação

Na diferenciação das tradições, dois critérios estruturam os quadros propostos: localização e composição dos sítios. Esse último subdivide-se, por sua vez, em artefatos e restos alimentares. É a partir do comportamento desses vetores nos sítios que são construídas diferentes interpretações.

Para avaliar a procedência das observações, é necessário considerar inicialmente a amostra sobre a qual os pesquisadores se apoiaram para compor os diferentes conjuntos. Apesar de vários sítios terem sido cadastrados, os esquemas baseiam-se no estudo de um pequeno número deles, distribuídos de maneira desigual, tanto nos esquemas classificatórios propostos pelos diferentes grupos de pesquisadores (IAB e ISCB) como no interior dos diferentes conjuntos construídos (tradições, subtradições, fases e subfases).

É preciso ter em mente que a elaboração desses esquemas interpretativos praticamente coincide com a implantação dos primeiros projetos de pesquisa arqueológica no Brasil, quando havia apenas um pequeno número de sítios escavados e os dados disponíveis eram escassos. Os únicos sítios sobre os quais se podia contar com informações significativas e consistentes eram o Corondó e o Forte. No início da concepção do esquema interpretativo sobre a fase Macaé, Ondemar Dias pôde dispor ainda de um corte estratigráfico no sambaqui do Ury, porém, ao que tudo indica, quanto aos sítios da fase Itaipu B, os dados eram bastante reduzidos.

No desenvolvimento da pesquisa do ISCB, Sheila Mendonça de Souza realizou trabalho no sítio Colônia de Pesca, em Arraial do Cabo, associado à subtradição Itaipu B (Mendonça de Souza, Santos, Schram & Miranda 1983/84: 110) e à sua base Itaipu A (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 111), porém, os resultados publicados referem-se apenas à identificação de restos ósseos (Mendonça de Souza, Santos, Schram & Miranda 1983/84: 107-119).

A equipe conta ainda com dados obtidos no sambaqui Rio das Pedrinhas, em Magé, considerado parcialmente das fases Magé, Guapi e Sernambi (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1983), e com informações extraídas dos sítios localizados na baía da Ilha Grande (Mendonça de Souza: 1977). Escavações no sambaqui do Praxedes, da fase Mambucaba, também foram feitas por Alfredo Mendonça de Souza, bem como corte de 1m² nos sítios

Parati-Mirim e Praia do Leste I e II, e escavação na toca do Cassununga, identificados como da fase Pequerê. O ISCB dispõe igualmente de informações coletadas através de sondagem no sambaqui de Saracuruna, filiado às fases Sernambi e Magepê-Mirim (Mello & Mendonça de Souza 1977: 44).

Os resultados obtidos por Lina Kneip, em particular aqueles referentes ao sambaqui do Forte, em Cabo Frio, e Camboinhas e Duna Pequena, em Itaipu, são incorporados de diferentes maneiras nas duas sínteses apresentadas. Os pesquisadores do IAB identificam o Forte como sendo parcialmente da fase Macaé e da tradição Itaipu, ao passo que os do ISCB o associam na sua totalidade à tradição Macaé, subdividindo-o, porém, em subtradição Mambucaba, Guapi e Magepê. A equipe do ISCB caracteriza o sambaqui de Camboinhas como pertencente às subfases Itaipu A e B, e Duna Pequena como de subfase Itaipu B (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 111), sendo este último identificado pelos pesquisadores do IAB como de tradição Itaipu (Ondemar Dias 1978/79/80: 35).

Embora pelo menos 14 sítios tenham sido pesquisados até o final da década de 1980, número que poderia ser considerado razoável para configurar a ocupação pré-cerâmica, é preciso ressaltar que nem todos os dados sobre todos os sítios estão disponíveis para a comunidade de arqueólogos. Apenas os resultados das pesquisas realizadas no Corondó e no Rio das Pedrinhas, além dos estudos de Lina Kneip, foram amplamente divulgados. Se considerarmos ainda as subdivisões propostas – fases, subfases, tradições e subtradições – nos diferentes esquemas, ver-se-á que a maioria dos conjuntos apresenta um pequeno número de elementos portadores de informações significativas.

Cada esquema interpretativo foi construído, portanto, a partir de amostras de tamanho reduzido e variável, coletadas em diferentes áreas dos sítios. A maneira como os dados são tratados em ambos os casos sugere a existência de certo consenso sobre a homogeneidade horizontal de todos os sítios, mesmo entre aqueles em que foram identificadas diferentes fases ou subfases. As estruturas de habitação e enterramentos, todavia, parecem indicar que o espaço interno do sítio, ao contrário do que se supõe, é diferenciado, pelo menos em relação a alguns tipos de vestígios (Gaspar & De Blasis 1991; Gaspar, Barbosa & Barbosa 1994; e Barbosa, Gaspar & Barbosa 1994). A própria distribuição dos esqueletos no Corondó (Carvalho 1984: 202 e Ma-

chado 1984: 115) e dos restos alimentares no Malhada (Dias 1978/89/80: 38) confirmam a suspeita de que a pretensa homogeneidade horizontal não está fundamentada. Dessa forma, é bem possível que certas particularidades utilizadas para a diferenciação entre fases e tradições resultem de diferenças espaciais no interior do próprio sítio.

2.1. Localização

Um dos critérios utilizados na elaboração do esquema interpretativo é a localização dos sítios, o que, em certa medida, antecipa uma das preocupações recorrentes da arqueologia atual. Porém, como é de se esperar em um trabalho precursor, não parece haver pesquisa sistemática com o auxílio de mapas em escala adequada, ou fotografias aéreas. Também não se encontram estudos que demonstrem a sistematização dos dados ambientais e que apresentem a hierarquização dos diferentes fenômenos naturais que influenciaram a escolha de determinados pontos do estado do Rio de Janeiro. O estudo de material cartográfico teria fornecido, sem dúvida, uma visão mais abrangente da distribuição espacial dos sítios e da inserção ambiental.

As categorias locacionais adotadas nos diferentes esquemas – cantos de praia, sobre dunas, corrente de ressurgência, distante de estuários de rio etc. – são apenas descritivas, resultando em uma avaliação fragmentada da implantação ambiental dos sítios. Essa observação também é válida para os outros esquemas. No que se refere às pesquisas recentes, embora muito se tenha avançado, ainda não foram superados os problemas de reconstituição ambiental. Praticamente todos os estudos se apóiam fortemente nas feições do ambiente atual. Um passo nesse sentido parece que está sendo dado por Rita Scheel (Schell, Ybert & Gaspar 1996) com o estudo de antracologia.

Quanto à localização, está claro que os sítios da fase/tradição Macaé compartilham a mesma área que os sítios da tradição Itaipu. Segundo Ondemar Dias (1978/79/80: 36), alguns sítios da tradição Itaipu estão sobre os sambaquis, e os exemplos oferecidos pelos pesquisadores do IAB indicam que podem também ocorrer lado a lado. É o caso do sambaqui do Forte, parcialmente Macaé e Itaipu e contíguo à Duna da Boa Vista, sítio identificado com a tradição Itaipu, bem como do sambaqui de Camboinhas, da fase Macaé, e Duna Pequena e Duna Grande, da tradição Itaipu.

Ainda que o esquema proposto pela equipe do ISCB apresente diferenciações no tocante à associação de alguns sítios com fases e tradições, percebe-se também que as tradições Macaé e Itaipu ocupam a mesma área. No caso das fases Itaipu A e B, assinala-se como elemento diferenciador o fato de a primeira ser mais interiorana do que a segunda, tendendo a localizar-se na beira de mangues e lagoas de águas paradas (Ondemar Dias, CEA: sp). Nesse caso, convém contextualizar a noção de interior, uma vez que o sítio Corondó, representante por excelência da fase Itaipu A, está situado a apenas nove quilômetros da costa, às margens de uma antiga lagoa, numa faixa que, a meu ver, embora não seja de beira-mar, como a grande maioria dos sítios, pode ser considerada como litorânea.

Em todos os esquemas, os sítios da fase Itaipu B ocupam praias de mar aberto sobre dunas. E como também são caracterizados por se localizarem no canto da praia, sendo importante a presença da barra de lagoas, pode-se supor que os ambientes associados às fases A e B apresentam mais semelhanças do que diferenças. Nas extremidades das praias de mar aberto, sobretudo se houver canal de uma lagoa, tende a se formar uma pequena enseada, e muitas vezes ocorre a presença de mangue. Esse é o caso do sambaqui do Forte.

A localização à beira de lagoas, por sua vez, não se opõe à localização nas proximidades do mar. Na restinga de Massambaba, o sítio Brejo do Mato I e os demais que lhe são próximos, situam-se às margens da lagoa e distam apenas quinhentos metros da praia de mar aberto. Dessa forma, pode-se dizer que conjugam atributos tanto da tradição Itaipu A como da tradição B.

Na prática, o elemento que parece definir o enquadramento de sítios nessa fase é o fato de estarem situados sobre duna. A denominação “sítio sobre duna” é recorrente nos cadastros e tem valor explicativo semelhante à palavra sambaqui (cf. Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 111). Porém, o fato de o sítio estar sobre dunas não significa que apresente necessariamente as características atribuídas aos sítios identificados com a fase Itaipu B, como é o caso do sambaqui de Camboinhas, sobre duna (Cunha & Francisco 1981: 15), mas identificado com a tradição Macaé (Mendonça de Souza 1981).

A diferenciação da subtradição Itaipu apóia-se ainda, segundo a equipe do ISCB, na constatação de que, para os grupos da subtradição Itaipu

B, foi importante a presença de correntes de ressurgência, que fertilizavam as águas e as tornavam mais piscosas (Mendonça de Souza 1981). Essa correlação, a meu ver, não constitui um bom parâmetro, posto que apenas nas proximidades de Cabo Frio tal fenômeno está plenamente comprovado, não se tendo notícias de outras correntes de ressurgência em áreas onde ocorrem sítios da subtradição Itaipu B.

Aparenta-se também que os sítios se encontram sempre longe dos estuários dos rios, em trechos do litoral onde as únicas possibilidades de obtenção de água potável são a captação de águas pluviais ou a escavação de poços nas areias. Tal característica, todavia, não é exclusiva dos sítios da subtradição B, principalmente porque há grande incidência de sítios dessa subtradição muito próximos de sítios da tradição Macaé. Utilizando a classificação proposta por Mendonça de Souza, os exemplos do sambaqui do Forte (tradição Macaé), próximo da Duna da Boa Vista (tradição Itaipu), e do sambaqui de Cambinhas (tradição Macaé), com Duna Pequena e Duna Grande (tradição Itaipu), reforçam a hipótese de que a subtradição Itaipu B compartilhou o mesmo ambiente da tradição Macaé.

Os atributos escolhidos para estabelecer a diferenciação dos sítios – interior ou litoral, mangue e lagoas ou praias de mar aberto, sobre dunas ou não, ausência ou presença de corrente de ressurgência, ausência ou presença de rios – não são exclusivos de cada fase ou tradição. A fragilidade dos critérios adotados foi insinuada pela equipe do IAB (Dias & Carvalho 1983/84: 100), que constatou terem os sítios da fase Macaé e da tradição Itaipu como ponto de contato a proximidade geográfica e ambiental. Com base nessa assertiva, a localização, um dos vetores estruturadores dos esquemas, não pode ser considerada como critério relevante para diferenciar a fase/tradição Macaé da tradição Itaipu.

2.2. A composição dos sítios

Os artefatos

O fato de, no momento em que os esquemas explicativos foram elaborados, ainda não se dispor de uma quantidade suficiente de dados sobre artefatos parece ter motivado uma preocupação especial em relação a determinadas peças, sobretudo aquelas relacionadas com o processamento de vegetais.

Com isso, os artefatos transformados em elementos classificatórios não foram aqueles que ocorrem de maneira abundante em todos os sítios, tais como pontas ósseas ou lascas de quartzo, que, sem dúvida, seriam adequados a um tratamento comparativo. A quantidade dos artefatos destacados – seixos ou blocos que podem ter sido utilizados para processar alimentos, comumente chamados de moletas, almofarizes, mãos-de-mó, mós, moinhos planos – é bastante reduzida, em termos gerais, e mesmo nos sítios onde foram recuperados exemplares.

Classificar os sítios a partir de testemunhos numericamente pouco representativos põe em foco muito mais as diferenças do que as semelhanças. Por outro lado, essa opção torna a questão da amostragem ainda mais problemática, pois há grande probabilidade de que, em cortes de pequenas dimensões, tais peças não sejam recuperadas.

Como exemplo da variação quantitativa das diferentes classes de artefatos, serão apresentados os dados referentes ao sítio Corondó, enunçados por Eliana Carvalho (1984). A indústria óssea é composta por 396 exemplares (p. 143), a conchífera, por 1.352 (p. 180), tendo sido identificados 299 artefatos da indústria lítica num total de 1.923 peças recuperadas (p. 103), das quais apenas 44 apresentam indícios de terem sido utilizadas para moer (p. 101). Esse número, porém, não se refere a todos artefatos utilizados no processamento de alimentos, já que parte significativa das peças parece ter sido usada para macerar corante (p. 68). O artefato cujo nexa com a preparação de alimentos é considerado indiscutível – o almofariz – está presente em apenas um exemplar (p. 95).

No tocante à distribuição das peças escolhidas como vetor classificatório, não há evidências de ter sido realizado um trabalho quantitativo que indicasse maior incidência de moletas e almofarizes nos sítios da fase Itaipu B do que nos demais sítios, considerando-se que tais artefatos não são exclusivos desta fase. Convém lembrar que os problemas amostrais já sublinhados tornam-se mais graves devido à baixa incidência desse tipo de material.

Por outro lado, os artefatos para processar alimentos não estão particularmente relacionados com a tradição Itaipu. Sítios como o sambaqui de Sernambetiba, em Magé, onde foram registradas várias mãos-de-pilão (Beltrão, Heredia, Rabelo & Perez 1981/82: 100), e o sambaqui de Amourins, onde foram recuperados cinco fragmentos de diferentes almofarizes e 39 mãos-de-mó (Heredia, Beltrão,

Gaspar de Oliveira & Gatti 1981/82: 180), foram identificados por Alfredo Mendonça de Souza (1981) com a tradição Macaé, e, embora não tenham sido nomeados pelos pesquisadores do IAB quando apresentaram esta fase, muito provavelmente estão incluídos na categoria “sambaquis fluminenses”, utilizada por Ondemar Dias.

Os artefatos escolhidos apresentam ainda características que dificultam a determinação de suas funções específicas. Se parece claro que os almofarizes estão relacionados com o processamento de alimentos, a mesma certeza não se aplica às peças ativas – moletas, mãos-de-mó –, até porque, muitas vezes, estas têm função múltipla. As marcas de ocre observadas no material do Corondó parecem indicar que estavam também associados à preparação de corantes.

A pesquisa que investiu no estudo dos restos numericamente mais abundantes (Dias & Carvalho 1983/84: 95-105) deixa transparecer uma certa homogeneidade das indústrias lítica e óssea, das estruturas e dos sepultamentos. As diferenças observadas na indústria lítica referem-se apenas à quantidade, aos “processos preliminares” e seu emprego. Essa inferência diz respeito muito provavelmente ao material elaborado em quartzo, abundante em todos os sítios pré-cerâmicos.

Quanto à variação quantitativa, é importante frisar os problemas amostrais já tantas vezes sublinhados. No que se refere ao artefato em quartzo denominado “ponta”, considerado traço diagnóstico da fase Itaipu (Dias 1969: 9), deve-se ressaltar o seguinte aspecto: não são poucos os obstáculos que se interpõem a uma identificação precisa do uso de artefatos elaborados nessa matéria-prima, que tem como característica intrínseca fragmentar-se em inúmeras partes e de formas variadas, o que torna difícil determinar a função apenas através da morfologia. Por outro lado, não se tem notícias de análise tecnológica que permita estabelecer semelhanças relacionadas aos aspectos preliminares, ou estudos traceológicos voltados à configuração de função.

Os autores assinalam a analogia da indústria óssea na fase Macaé e na tradição Itaipu, particularizando-se apenas quanto à sua relação com os outros restos, que todavia não são nomeados. Caso sejam relativos à indústria lítica, já foram apontadas as dificuldades que se apresentam no trato com esse material.

Ondemar Dias e Eliana Carvalho consideram ainda que a fase Macaé e a tradição Itaipu com-

partilham de “certos padrões de enterramento”, embora ocorram em quantidade distinta em cada sítio. Mais uma vez é necessário enfatizar que as questões quantitativas estão comprometidas pela amostragem, afirmativa que nesse caso se mostra particularmente verdadeira. A missão de 1978 realizada no Corondó (Carvalho 1984: 203), ao escavar uma área de 34m², recuperou apenas seis sepultamentos. Porém, no setor vizinho LA-15, de 4m², trabalhado em outra missão, foram encontrados 52 esqueletos. Essa distribuição diferenciada dos sepultamentos não passou despercebida à autora, que considerou o setor LA-15 como “zona core” de sepultamentos (1984: 202).² O registro, pelos pesquisadores, de um mesmo padrão de enterramento, nesse caso específico, compromete a classificação proposta, não se podendo aceitar a quantidade de esqueletos como elemento diferenciador entre a fase Macaé e a tradição Itaipu.

Por último, cabe menção às estruturas de palçadas, cabanas e marcas de estacas, que, para os autores, são comuns aos sítios da tradição Itaipu, apresentando-se, todavia, apenas esboçadas nos sítios da fase Macaé. Esse aspecto não configura uma real distinção. Ao contrário, o fato de essas estruturas ocorrerem tanto nos sítios identificados com a fase Macaé como com a tradição Itaipu evidencia, na realidade, uma característica comum aos dois conjuntos de sítios, indicando que todos foram locais de habitação e que sobre eles os moradores construíram estruturas de abrigo.

Com base no que foi descrito, pode-se considerar que os artefatos mais abundantes estão assinalando uma certa homogeneidade entre as tradições. Os artefatos destacados para caracterizar uma das tradições – peças para moer – devem ser tratados com reservas, devido a problemas amostrais e a dificuldade em estabelecer função, enquanto aqueles registrados nos sítios pré-cerâmicos não estão apontando para a definição de conjuntos realmente diferenciados.

Restos faunísticos

A composição dos sítios tem sido um atributo utilizado para identificar fases e tradições. Refere-se principalmente à caracterização dos restos ali-

(2) Lina Kneip *et alii* (1987: 254) faz observação semelhante em relação à distribuição dos esqueletos no sítio Zé Espinho.

mentares, à proporção de conchas e ossos de peixe e à maneira como estão distribuídos – formando camadas compactas, ou de maneira esparsa. Por outro lado, é também considerada como um elemento indicador da economia dos grupos que os construíram.

As observações dos pesquisadores sobre economia nos diversos esquemas suscitaram três tipos de problema: 1) a forma como foi estabelecido o domínio das atividades de coleta ou de pesca; 2) a presença de agricultura; e 3) a própria noção de economia – a concepção de economia que perpassa os esquemas explicativos será discutida mais adiante.

Os esquemas apreciados, apesar de atribuírem origem diversa para a fase/tradição Macaé e a tradição Itaipu, concordam no tocante à diferenciação dos restos alimentares dos grupos associados a ambas. A fase/tradição Macaé caracterizar-se-ia pelo domínio de consumo de moluscos, e a tradição Itaipu, pela intensificação da pesca, embora a coleta ainda persista.

Nas duas propostas, a passagem de coleta de moluscos para a intensificação da pesca mantém estreita relação com as alterações climáticas e, em particular, com as variações do nível do mar e a menor disponibilidade de moluscos. Para os pesquisadores, a constatação do incremento da pesca está legitimada sobretudo pelos resultados dos estudos no sambaqui do Forte, bem expressos nos artigos de Lina Kneip (1977 e 1980), onde a autora estabelece a seqüência cultural da ocupação e as respectivas datações.

Embora as informações disponíveis sobre o sambaqui do Forte sejam mencionadas reiteradamente para justificar a divisão em fases e tradições, cabe perguntar se as alterações detectadas por Kneip (1977, 1980) respaldam as diferentes leituras feitas pelos pesquisadores.

Os argumentos que sustentam a proposta do incremento da pesca em detrimento da coleta são as mudanças climáticas, em especial, as oscilações do nível do mar, apoiadas na curva de Fairbridge – sobre a qual já foram apresentadas reservas. Segundo esse esquema interpretativo, as alterações do nível do mar seriam o elemento determinante do incremento da pesca em detrimento da coleta. As alterações climáticas, sobretudo o aumento da temperatura, teriam repercussão sobre a oferta de moluscos, levando, em conseqüência, ao desenvolvimento da pesca. O argumento justificativo é que, uma vez constatadas alterações ambientais, firma-

se a correspondência estreita com os fenômenos culturais. Entretanto, como já foi salientado, ainda não estão disponíveis para o Rio de Janeiro levantamentos que considerem as diferentes temperaturas para o quaternário, nem o estudo sistemático sobre abundância de moluscos.

O exemplo do sítio Ilhote do Leste, onde o domínio da pesca antecedeu a coleta de molusco (Tenório: 1991), contrapõe-se à seqüência apresentada. Mesmo que a análise de um único sítio não permita contestar a interpretação proposta, as datações de Sernambetiba e Amourins, de 1960 ± 70 AP e 3530 ± 60 AP, respectivamente, ambos localizados no fundo da baía de Guanabara, são suficientes para questioná-la. O sambaqui de Sernambetiba é composto quase exclusivamente de restos de conchas que indicam a importância da coleta de moluscos, e análise dos restos faunísticos do sambaqui de Amourins aponta para a existência de maior ênfase na pesca do que em outros sítios (Heredia, Beltrão, Gaspar de Oliveira & Gatti 1981: 82).

Por outro lado, se considerarmos apenas a aparência das camadas arqueológicas, os sítios Zé Espinho (Kneip 1987: 110) e Salinas Peroano (Heredia, Gaspar, Gatti & Franco, mimeo; e Franco & Gaspar 1991) também permitem relativizar a seqüência proposta, posto que, em ambos, a camada que apresenta maior quantidade de conchas também se encontra nos últimos períodos de ocupação. É preciso ressaltar, todavia, que a caracterização dos sítios com base na sua aparência implica riscos, ampliando as possibilidades de erro. Ondemar Dias (1978/79/80: 38) aponta para esse perigo, uma vez que ele próprio incorreu em erro ao classificar o sítio Malhada como sambaqui (fase Macaé), após analisar apenas uma área do sítio onde predominava a ocorrência *Pomacea caniculata* (Lamarck). Mais tarde, quando se verificou que as conchas de caramujos não eram os restos alimentares predominantes, o sítio foi enquadrado na tradição Itaipu.

Em recente estudo de zooarqueologia realizado em sítios da baía da Ribeira Algodão, Major, Peri, Bigode, Caieira I e II – e em Macaé – Ilha de Santana –, Lima (1991) informa ter constatado uma evolução econômica da coleta de molusco à pesca. Essa constatação não se coaduna com os resultados de outra pesquisa elaborada com princípios semelhantes. As reflexões de Levi Figuti (1995) e os resultados de estudos de restos alimentares em sambaquis de São Paulo, na Ilha do Casqueirinho (Figuti 1993) e de Santa Catarina – Espinheiros II

– (De Blasis & Afonso 1996) indicam que a pesca sempre foi uma atividade importante e sugerem que os restos alimentares que compõem esse tipo de sítios não decorrem exclusivamente de descarte alimentar. Esses trabalhos, porém, são recentes, e seus resultados ainda precisam ser confrontados.

Do meu ponto de vista, somente a partir de pesquisas que estudem os restos faunísticos de maneira sistemática – como nos recentes estudos – e considerem a ordenação espacial interna ao sítios poder-se-á determinar a real importância de moluscos e peixes para os grupos pré-históricos, já que os vestígios das duas atividades apresentam especificidades quanto ao volume dos restos e às suas características enquanto material de construção.

Os esquemas apresentados, ainda que apontem para a existência de diferenças no conteúdo dos sítios, não permitem inferir que as populações pré-cerâmicas passaram por um ciclo evolutivo com início na coleta e desenvolvimento posterior da pesca intensiva, bem como que a fase/tradição Macaé e a tradição Itaipu correspondam a momentos distintos desse mesmo ciclo evolutivo.

A análise dos esquemas de fases e tradições permite identificar ainda outros três pontos problemáticos e que devem ser tratados em detalhe: a prática de atividades agrícolas pelos grupos que ocuparam os sítios identificados com a tradição Itaipu; a presença de cerâmica nos últimos níveis dos sítios da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu; e a própria concepção dos esquemas interpretativos.

A prática de agricultura

Nos esquemas interpretativos em pauta, os indicadores de atividade agrícola são também vetores que caracterizam a tradição Itaipu e a diferenciam da fase/tradição Macaé. A existência de agricultura incipiente no litoral do Rio de Janeiro há cerca de 4.000 anos é um tema que tem gerado intensa polêmica. Ondemar Dias e Eliana Carvalho têm investido especialmente na defesa dessa hipótese, também apoiada por Alfredo Mendonça de Souza (1981). Para uma apreciação desse enfoque, serão enunciados os argumentos em que se funda a explicação teórica da equipe do IAB para a domesticação de vegetais, seguindo-se a análise dos indicadores locais que estruturaram essa hipótese.

Ondemar Dias e Eliana Carvalho (1981/82: 193-194), apoiados na leitura de Binford (1968),

sugerem que as mudanças climáticas ocorridas no Holoceno antigo e médio teriam provocado o desenvolvimento, no litoral, de espécies animais que se constituíam em excelentes fornecedores de proteínas para populações. No interior, a abundância de recursos teria sido proporcionada pelo aumento das florestas. Nas duas regiões, a maior oferta de alimentos resultou no crescimento demográfico das comunidades de caçadores e coletores.

Esse crescimento é considerado pelos autores como um fator altamente estimulante e que teve as seguintes conseqüências: 1) gerou o rápido esgotamento de recursos naturais, o que levou à procura de elementos substitutivos; 2) impulsionou a procura de dietas equilibradas para a manutenção das comunidades, o que possibilitou o desenvolvimento de novos padrões alimentares, a partir de espécies que melhor respondessem à manipulação humana.

As comunidades do litoral teriam enfrentado o desequilíbrio entre consumo e produção, migrando para áreas interioranas. O fluxo dos grupos nessa direção teria sido o fator decisivo que produziu o incentivo necessário para a domesticação gradual de elementos vegetais que respondiam favoravelmente à seleção.

Hassan (1978: 74), ao criticar as explicações para o surgimento da agricultura que conferem ao aumento demográfico um atributo motivador da transformação cultural, afirma que estas partem de um erro conceitual, ao confundir crescimento com pressão demográfica, uma vez que o primeiro não implica necessariamente em esgotamento de recursos. Considera ainda equivocada a suposição de que populações humanas cresceram desordenadamente até o extremo da fome e da miséria (1978: 72), apoiando seu argumento na constatação de que os mecanismos de controle populacional eram amplamente difundidos e utilizados com frequência (1978: 71-73; e 1981: 121). Ressalta também que, embora existam evidências de crescimento populacional no final do Pleistoceno, o aumento populacional *per se* não constitui uma causa suficientemente forte para determinar mudanças culturais, e tampouco mudanças ambientais explicam automaticamente a transição econômica (1978: 212-213).

No que se refere à migração como solução apontada para a crise entre consumo e produção, julga equivocado supor que a agricultura teria sido introduzida por refugiados e pelos grupos que os receberam, e se atornaram adensados com os re-

cém-chegados. Essa proposta, a seu ver, não contempla a sociologia da imigração e sobretudo os controles culturais que regulam o movimento de pessoas entre diferentes grupos (1978: 81). Considera já ter sido demonstrado o fracasso dos modelos monocausais de pressão populacional para explicar a origem da agricultura, especialmente porque as populações sempre experimentaram flutuações. Se o crescimento populacional não fosse controlado, a agricultura provavelmente teria sido inventada há muito tempo (1978: 82).

O sistema defendido por Ondemar Dias e Eliana Carvalho apóia-se na idéia de que uma situação crítica aumento populacional e escassez de alimento teria constituído o elemento desencadeador do surgimento da agricultura. Contrapondo-se a essa hipótese, a pesquisa de Tenório (1991) enfatiza a importância da coleta no advento da agricultura, caracterizado como um processo lento para o qual é imprescindível o conhecimento acumulado dos fenômenos naturais de reprodução/produção vegetal.

Do meu ponto de vista, a principal restrição ao esquema interpretativo dos pesquisadores do IAB vincula-se à inexistência de uma avaliação precisa das mudanças ambientais ocorridas na região apreciada, bem como do crescimento populacional e de suas possíveis conseqüências no contexto em questão. Finalmente, apoiada em Hassan (1978: 83) considero que a agricultura não se caracteriza por ser um empreendimento súbito, mas um processo gradual iniciado pela ênfase na coleta, sem inovações tecnológicas de quaisquer espécies nos estágios iniciais, mas com as vantagens dessa exploração levando eventualmente ao seu surgimento. Assim, o esquema que sugere que o estado do Rio de Janeiro tenha sido um foco de domesticação de vegetais precisa ainda apontar etapas desde o início do cultivo até sua importância efetiva na dieta alimentar.

A prática de agricultura da tradição Itaipu merece discussão mais prolongada. Os argumentos seguem a ordenação apresentada pela equipe do IAB.

A abundância de moletas e almofarizes, artefato comumente relacionado à preparação de alimentos, parece ter sido o primeiro elemento que fundamentaria a existência de agricultura incipiente. Alfredo e Sheila Mendonça de Souza (Mendonça de Souza 1981; e Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/82: 113) apesar de não terem

avancado nesse ponto, concordam com a associação estabelecida entre a presença de artefatos para moer/triturar e a agricultura. Já Ondemar Dias (1978/79/80: 34), ao mesmo tempo que sugere que os artefatos poderiam estar ligados à fabricação da farinha de peixe, indaga por que estes não poderiam assinalar a presença da agricultura, já que se referem a um horizonte recente, próximo à era cristã. Pelo exposto, parece tratar-se da fase Itaipu B, e a datação que serve como referência é da fase Potiri, no Espírito Santo.

Mais tarde, o início da agricultura incipiente é antecipado para a fase Itaipu A, talvez em decorrência dos trabalhos no sítio Corondó, particularmente o estudo de antropologia física realizado por Lilia Machado, e o argumento do horizonte recente perde a eficácia.

Turner e Machado (1981/82) estudaram o padrão de desgaste dentário e a incidência de cárie na população do Corondó, constatando que 89% dos crânios dos adultos apresentam abrasão da superfície lingual dos dentes anteriores superiores (ASLDAS), decorrente, a seu ver, do uso habitual dos dentes superiores para retalhar ou descascar material vegetal abrasivo com propósitos alimentares. Descartaram a possibilidade de o ASLDAS, que ocorre tanto entre homens e mulheres, jovens e adultos, ter resultado de atividades artesanais, já que consideram que tais atividades tendem a ser diferenciadas por papéis sexuais.

Os autores correlacionam o ASLDAS a uma ocorrência muito alta de cáries dentárias (81% dos adultos têm uma ou mais cáries), superior ao que se poderia esperar em um grupo presumivelmente agricultor. Argumentam que o consumo de mandioca (*Manihot esculenta*) e, conseqüentemente, de carboidrato, explicaria tanto o elevado percentual de cáries como o desgaste, caso o vegetal fosse descascado com os dentes em movimento semelhante ao que se faz quando se come alcachofra. A hipótese de a cárie decorrer exclusivamente do consumo de carboidrato poderia indicar a coleta intensiva de vegetais, como é o caso, citado pelos próprios autores, dos indígenas do vale do Sacramento, na Califórnia. No Brasil, estudo de Alvim (1977) sobre a região arqueológica de Lagoa Santa também associa a alta de incidência de cáries à coleta.

Se a correlação entre cárie e carboidrato tende a se confirmar como positiva, o mesmo não se pode dizer da associação entre cárie e agricultura, ou mesmo entre o desgaste dos dentes e o consumo

de mandioca. Parece ainda particular a combinação entre alta incidência de cárie, desgaste dentário e ingestão de alimentos cultivados. Segundo Neves, Unger e Scaramuzza (1984: 373), se a introdução de cultígenos na dieta alimentar acarreta aumento significativo de cárie, a situação tende a se inverter em relação ao desgaste, pois os alimentos que resultam da horticultura oferecem menor capacidade de abrasão.

Infelizmente, não existe estudo tão detalhado e quantitativamente significativo como o desenvolvido por Turner e Machado. Messias (1977: 166), na análise que fez nos 15 indivíduos da população do Forte, refere-se apenas à forma, à coloração e à robustez dos dentes – esse último item, muito provavelmente, pode ser traduzido como ausência de cárie. Os materiais recuperados pelo grupo de pesquisa a que estou vinculada ainda não foram analisados por um especialista segundo a mesma ótica, podendo-se afirmar, porém, sem dúvida, a partir das observações em laboratório, que não apresentam grande quantidade de cáries. Os estudos sobre os esqueletos recuperados nos sítios Massambaba e Boqueirão (Machado, Pons & Silva 1989, a e b) também indicam que a incidência de cárie foi pouco expressiva.

Considerando as informações disponíveis sobre ausência de cárie nos outros sítios, parece claro que a população do sítio Corondó apresenta especificidades em relação a esse item. Nesse caso, é possível supor que a presença de cárie esteja associada à atividade agrícola, pois permanece sem explicação o fato de a população desse sítio ser a única a apresentar tão alta incidência. Caso o Corondó representasse de fato um foco de domesticação de plantas, como sugere o título do artigo de Ondemar Dias e Eliana Carvalho (1983), surpreende que o cultivo fosse desde o início tão importante na dieta alimentar, a ponto de proporcionar elevado índice de cárie já nos primeiros momentos de ocupação. Por outro lado, as etapas do processo que torna a agricultura efetivamente importante na dieta alimentar deveriam estar expressas no aumento progressivo de cáries em outros grupos (outros sítios) contemporâneos. O trabalho de Turner e Machado é fundamental para se estabelecer a dieta alimentar da população do Corondó, porém, a existência de atividade agrícola ainda deve ser melhor estudada.

A presença de almofarizes e moletas, o alto índice de cáries e de desgaste dentário e ainda a

possibilidade de que os inúmeros raspadores de concha recuperados no sítio Corondó fossem usados no preparo da mandioca (comunicação pessoal de Ondemar Dias, reunião SPHAN, 1987) sustentam a hipótese de que os grupos identificados como da fase Itaipu contassem com atividades agrícolas.

Durante a década de 1980, essa parece ter sido a questão central que ordenou as informações reunidas pela equipe do IAB para o período pré-cerâmico e estruturou a divisão entre fase Macaé e tradição Itaipu. Do meu ponto de vista, porém, ainda não existem evidências suficientes para estabelecer a existência de agricultura por volta de 4000 anos AP e, conseqüentemente, eleger a prática de atividade agrícola como critério diferenciador da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu. As pesquisas continuam em andamento e, sem dúvida, esses pontos serão trabalhados.

A presença da cerâmica

Outra questão que se coloca é o significado da ocorrência de fragmentos de cerâmica nos últimos níveis de ocupação, em sítios identificados com a fase/tradição Macaé e a tradição Itaipu. O resultado do estudo dessa classe de material mais uma vez foi a criação de várias fases. Na maioria dos sítios estudados, é comum a presença de cacos de cerâmica identificados com as tradições Una, Tupiguarani e Neo-Brasileira nos últimos níveis de ocupação. Apesar da variação observada nesse material, um ponto em comum sobressai: **os vários estudos (Dias 1978/79/80; Carvalho 1984; Mendonça de Souza 1977; e Kneip & Pallestrini 1987) assinalam que a cerâmica é agregada ao material já existente, sem que se registre alteração no restante do conteúdo do sítio.**

Antes de avançar nessa questão, é preciso esclarecer a que se refere a categoria de sítio proposta por Maria da Conceição Beltrão e Lina Kneip (1967), denominada “acampamento para coleta de moluscos”. Convém ressaltar que, todos os autores consultados, com exceção de Maria da Conceição Beltrão (1978), que propôs e reafirmou a existência desse tipo de sítio, não fazem referência a qualquer testemunho arqueológico com as características da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu cujos vestígios tenham sido **integralmente** associados a grupos ceramistas. Lina Kneip, que em 1967 contribuiu na caracterização dos “acampamentos para

coleta de moluscos”, já no artigo de 1987 propõe uma reavaliação dessa categoria.

Interessa discutir a procedência do tipo de sítio proposto pelas autoras, caracterizados pela presença de “acampamentos Tupi-guarani para coleta de moluscos”. Todas as referências encontradas sobre esses acampamentos (Dias 1976/77: 118; Prous 1977: 29; Scatamacchia 1981: 116; e provavelmente Mendonça de Souza 1977: 64) têm como matriz a proposta de Maria da Conceição Beltrão e Lina Kneip (1967). A existência desse tipo de sítio precisa ser esclarecida, pois a ocorrência de sítios voltados para a coleta de moluscos associados na sua totalidade à ocupação ceramista poderia levar a equívoco na concepção do processo de ocupação do estado do Rio de Janeiro. Para efeito dessa discussão, será mantida a dicotomia usada por Maria da Conceição Beltrão (1978) entre acampamentos para coleta de moluscos e sambaquis.

A autora propõe que os Tupinambá, para coletarem moluscos, deixavam suas aldeias, fixando-se temporariamente nas proximidades dos bancos de moluscos, onde se instalavam em cabanas provisórias (1978: 117-118, 129-130). Baseando-se na análise da distribuição dos moluscos, sugere que, depois de dezenas de anos de ocupação, os acampamentos eram abandonados, em virtude do esgotamento dos bancos de moluscos.

Os vestígios dos acampamentos caracterizam-nos como pequenos, de forma circular, com 50m de diâmetro, em média, revelando uma camada arqueológica não superior a 50 cm de altura. Maria da Conceição Beltrão e Lina Kneip (1967: 4; e Beltrão, 1978: 117) registram, porém, não terem encontrado qualquer indicação desse tipo nas obras dos cronistas.

Alguns dos acampamentos citados por Maria da Conceição Beltrão estão localizados na planície de Guaratiba. Trabalho recente de Lina Kneip (1987: 75-88) apresenta levantamento exaustivo da área, tendo sido cadastrados 33 sítios, classificados pela pesquisadora, do ponto de vista morfológico e cultural, como sambaquis. O estudo detalhado de um desses sítios, o Zé Espinho, demonstra que a ocorrência de cerâmica restringe-se apenas à camada I (Crancio 1987: 165-175), relativa ao último momento de ocupação do sítio. É possível supor, baseando-se nos dados fornecidos por Lina Kneip, que a presença da cerâmica caracterizada como Tupiguarani também seja restrita aos últimos níveis nos demais sítios.

Com base no resultado da análise do sítio Zé Espinho, Crancio (1987: 174) propõe que a categoria “acampamento para coleta de moluscos” seja reavaliada. Lina Kneip e Pallestrini (1987: 225) também informam não terem encontrado evidências de que a população correspondente à camada cerâmica descrita alternasse as atividades de horticultura (nas aldeias) com atividades de coleta (nos acampamentos).

A presença de cerâmica nas superfícies dos sítios do litoral é um fenômeno amplamente difundido na região e, ao que parece, independente da forma e composição dos assentamentos. Por outro lado, a suposição de que os “acampamentos Tupi-guarani” teriam sido ocupados durante “dezenas de anos” pressupõe uma grande estabilidade, pelo menos vinte anos de permanência, o que se revela um período demasiadamente longo para os grupos em questão. Fernandes (1963: 108-11) sugere que a frequência das mudanças dos grupos Tupinambá era de quatro anos. Com base no que foi exposto, minha avaliação é de que os “acampamentos Tupi-guarani para coleta de moluscos” não constituem um tipo particular de sítio.

Retomando a questão relativa à presença de cerâmica nos sítios identificados com a fase/tradição Macaé e a tradição Itaipu, é importante assinalar que os esquemas em pauta registram sua ocorrência nos últimos níveis das ocupações. A associação da cerâmica com esses sítios é tão estreita que uma das características marcantes da fase Una é justamente ocorrer sobre os mesmos.

Para Ondemar Dias e Eliana Carvalho (1980: 53), a tradição Una, fase Una, corresponde a adaptações locais de grupos do interior há muito tempo fixados na costa. Mendonça de Souza (1981) assinala que a presença da cerâmica caracteriza o momento em que grupos da tradição Itaipu adquiriram essa técnica, e que os pacotes estratigráficos associados à tradição são testemunhos da permanência de padrões de subsistência centrados em recursos marinhos e estuarinos, bem como da prática de agricultura incipiente.

Os dois esquemas coincidem quanto ao próprio estabelecimento da tradição e à subdivisão em algumas fases, mas as explicações que tentam dar conta do seu surgimento são contraditórias. O fundamental, porém, é que ambos admitem que a presença da cerâmica não está associada a alterações no restante do material, nem a aspectos morfológi-

cos do sítio habitados por **pescadores, coletores e caçadores**.

A fase Jabaquara, segundo Alfredo Mendonça de Souza (1981: 75), também revela a permanência dos padrões culturais da fase Pequerê, que por sua vez apresenta conteúdo semelhante aos sítios identificados com a tradição Macaé. Por outro lado, existem sítios cadastrados identificados apenas com a tradição Una, dos quais são exemplos o Grande do Una (Una I), datado de 1060 ± 90 AP, Rio Una (Rio Una II), Pitangueiras e Novo do Una, todos na bacia do rio Una. Pelo menos em um deles, o Grande do Una, foi recuperado material abundante constituído de enterramentos em urnas, material lítico e ósseo, provavelmente semelhante ao da fase Mucuri. Ainda não existe, porém, uma síntese sobre esses sítios como a que já está disponível para a fase Mucuri (Dias & Carvalho 1980: 43-86).

Considerando, como propõe o esquema de fases e tradições, que as fases do litoral (Una e Jabaquara) estão de alguma forma relacionadas com a do interior (Mucuri), a expectativa é que existam correlações em vários pontos além da cerâmica. Da comparação entre a fase do interior e os níveis que apresentam cerâmica nos sambaquis constatou-se o seguinte:

1) os sítios a céu aberto da fase Mucuri caracterizam-se, entre outros aspectos, por serem rasos (10cm de espessura), atributo que deve estar associado à própria atividade de subsistência. É bem provável que a técnica agrícola empregada implicasse constante deslocamento para a exploração de novas terras. A cerâmica nos sítios identificados com a tradição Itaipu, embora pouco numerosa, pode ocorrer até 70 cm de profundidade,³ sete vezes mais profundo que a camada arqueológica dos sítios relacionados à fase Mucuri. Apesar das especificidades dos sambaquis no que se refere à própria composição, a profundidade em que foram encontrados os cacos indica uma permanência por demais prolongada num mesmo local, em comparação com os sítios do interior. Prática que, muito provavelmente, estaria em desacordo com os hábitos registrados para os grupos identificados com a fase Mucuri.

2) do relato de Ondemar Dias e Eliana Carvalho, pode-se depreender que os achados relacionados à fase Mucuri são abundantes e diversificados. O material cerâmico apresenta-se de tal ma-

neira em boas condições e em quantidade tão numerosa que foi possível estabelecer várias formas. Apenas nos níveis com cerâmica de alguns sítios pesquisados no litoral existe material adequado para determinar a forma dos vasilhames, em especial os sítios da baía da Ilha Grande estudados por Alfredo Mendonça de Souza (1977). No mais, as correlações baseiam-se sobretudo nas características dos fragmentos.

3) nos níveis com cerâmica dos sambaquis, não se tem notícia de enterramentos em urnas como os que ocorrem nos sítios identificados com a fase Mucuri, ou mesmo como os característicos do sítio Grande do Una. Existe apenas uma menção a um único enterramento relacionado à fase Una (Dias 1975: 9), porém, o autor ressalta nesse mesmo artigo que os limites entre a fase Una e Itaipu ainda não estão fixados.

4) a fase Jabaquara compartilha com a fase Mucuri o fato de ambas ocuparem abrigos, porém, no interior, os sítios cobertos têm função cerimonial, enquanto no litoral a presença da cerâmica caracterizadora da fase está associada a restos alimentares que se assemelham, na composição, aos sítios identificados como de tradição Macaé.

Constata-se que o único ponto em comum entre os níveis que contêm cerâmica e os sítios identificados com a fase Mucuri é a cerâmica, e que todos os elementos que caracterizam os últimos níveis estão associados aos conjuntos denominados como da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu.

O mesmo tipo de observação pode ser feito em relação às evidências de cerâmica caracterizadas como de tradição Tupiguarani, que ocorre em sítios considerados como da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu. O trabalho de Lina Kneip, Monteiro e Seyferth (1980) sobre os sítios Três Vendas apresenta as características de um sítio Tupiguarani, ao passo que o estudo realizado no Zé Espinho exemplifica a presença de cerâmica e a manutenção de todas as outras características que definem o sítio nos primeiros momentos da ocupação.

A criação de uma fase pressupõe a identificação de uma determinada comunidade etnográfica, e é justamente isso que podemos supor que os pesquisadores estavam visando quando criaram as diferentes fases para definir os últimos níveis dos sítios caracterizados como de fase/tradição Macaé e tradição Itaipu. Ondemar Dias e Eliana Carvalho (1980: 53) estão particularmente afinados com esse pensamento, já que têm como premissa que a pre-

(3) A profundidade aqui considerada refere-se à indicada para o sítio Corondó (Eliana Carvalho 1984: 65).

sença de cerâmica existente sobre os sítios da tradição Itaipu indica a adaptação de grupos do interior ao litoral. Devido às diferenças aqui apontadas entre os níveis que apresentam cerâmica nos sítios do litoral e os sítios do interior, não me parece plausível supor que os últimos níveis dos sítios identificados como de tradição Macaé e tradição Itaipu tivessem sido ocupados por grupos ceramistas.

Reforça essa hipótese a constatação de que as características dos sítios – conteúdo e morfologia – foram mantidas. Caso tivessem sido de fato ocupados por diferentes grupos de ceramistas horticultores, sem dúvida os vestígios arqueológicos indicariam diferenças marcantes entre os sítios ocupados por grupos vinculados à tradição Una e à Tupiguarani, bem como estaria também registrada uma série de alterações decorrentes dos costumes desses grupos já tão bem caracterizados na pré-história brasileira. A meu ver, a presença da cerâmica está indicando apenas contato entre os grupos pré-ceramistas e grupos ceramistas; caso houvesse relações de troca, todas as demais características poderiam ter sido mantidas.

É possível que Alfredo Mendonça de Souza (1981) estivesse pressupondo a existência de contato entre grupos identificados pelas diferentes fases quando propôs que a incidência da cerâmica indicaria a incorporação de um traço cultural. Essa idéia, todavia, não foi por ele desenvolvida. Por outro lado, não fica claro se a sua afirmação de que os grupos relacionados às fases litorâneas também se valiam de agricultura apóia-se na suposição de que os ocupantes dos sítios já dispunham de agricultura, ou se esse traço também teria sido incorporado.

Com base no exposto, reafirmo mais uma vez que não existem evidências conclusivas sobre a existência de atividade agrícola, embora esteja claro que os vegetais tiveram grande importância na vida dessas comunidades (cf. Tenório 1991). Considero também que a permanência em locais escolhidos para abastecer a população por meio de atividades voltadas para a exploração do mar nem sempre seria adequada às atividades agrícolas. Mais ainda, o fato de a cerâmica ser encontrada desde 70cm de profundidade indica uma prolongada permanência, e, caso houvesse a incorporação de práticas agrícolas, teria ocorrido uma continuada exploração do entorno dos sítios, que, a meu ver, não seria possível através da técnica aprendida junto com a cerâmica.

Embora não existam informações precisas sobre o tempo de formação dos sítios, é possível

supor, com base nas datações do Corondó, que 70cm de camada arqueológica poderiam ser acumulados em cerca de 400 anos. É fato que sítios diferentes têm ritmos diferentes de acumulação. Por exemplo, as datações provenientes do sambaqui da Ilha da Boa Vista indicam que 1,70m foram acumulados em 370 anos (Gaspar, Barbosa & Barbosa 1994; Barbosa & Gaspar, no prelo).

A subdivisão dos sítios com base no aparecimento da cerâmica não parece constituir uma estratégia profícua para o entendimento do processo de ocupação do Rio de Janeiro. Criar uma fase e vinculá-la a uma tradição diversa da que define os sítios pré-cerâmicos apenas estabelece uma separação mais radical entre os níveis que contêm cerâmica e o restante do sítio. Esse corte, a meu ver, não encontra respaldo nas características remanescentes dos sítios, que permanecem inalteradas. Ou seja, não parece adequado privilegiar a diferença a partir de um elemento numericamente pouco significativo, que é destacado, desconsiderando-se todos os demais elementos, que indicam continuidade.

Do meu ponto de vista, é a própria perspectiva de análise que impede a compreensão do fenômeno em toda a sua complexidade. O esquema de fases e tradições não supera o impasse estabelecido com a permanência de todas as características e a incorporação de um novo material. Também não resolve a questão se a presença da cerâmica determina a criação de um novo tipo de sítio, ou se apenas acrescenta mais uma classe de material a ser descrito na arqueografia de sítio. As pesquisas coordenadas por Osvaldo Heredia, das quais participei ativamente, não se detiveram no estudo da ocorrência da cerâmica por considerar, de maneira equivocada, que esse material não se correlacionava com o objeto de investigação. Os estudos de Angela Buarque (1995), que ora estão sendo desenvolvidos, vêm exatamente suprir esta lacuna.

Acredito que somente a realização de um estudo detalhado, que considere de maneira articulada a distribuição espacial e temporal dos sítios com cerâmica, poderá avançar sobre o tema. Por ora, considero apenas que os dados não indicam que os sítios caracterizados até então como da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu foram ocupados por grupos ceramistas.

A cerâmica identificada com a tradição Neo-Brasileira e variados restos do período colonial também ocorrem em sítios da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu, e sua presença aponta para outro

tipo de problema. Alfredo Mendonça de Souza (1977: 68), ao estudar um conjunto de sítios nas proximidades da baía de Ilha Grande, propôs a criação de um novo tipo de sítio que denominou “sambaqui de contato interétnico”. São sítios rasos, com a espessura da camada arqueológica variando entre 30 e 70 cm, compostos de restos de moluscos e apresentando cerâmica da tradição Neo-Brasileira em todos os níveis, além de artefatos líticos, ósseos e sobre dentes. Um desses sítios – Trindade I –, descrito como “sambaqui em formação” (1977: 70), conta com grande quantidade de restos industriais pilhas, latas, etc..

Quanto a essa caracterização, não me parece apropriada a utilização do vocábulo sambaqui para definir locais de despejo de lixo de grupos contemporâneos, posto que o termo está intrinsecamente associado a espaço de habitação, bem como a local de sepultamento dos indivíduos que o construíram (Gaspar 1994/95). Esta correlação não está documentada nos sítios da baía da Ilha Grande.

A presença de cerâmica associada com a tradição Neo-Brasileira e diferentes restos atuais deve ser investigada a partir do estudo do sistema sócio-cultural das populações recentes. As comunidades de pescadores muitas vezes ocupam as mesmas áreas em que estão localizados os sítios da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu. Em Cabo Frio, os sítios localizados à margem do canal de Itajuru também apresentam cerâmica característica da tradição Neo-Brasileira e diferentes tipos de restos industriais nos últimos níveis. É possível que os locais em que se encontram os sítios da fase/tradição Macaé e da tradição Itaipu tenham sido particularmente escolhidos para o cultivo devido à fertilidade do solo resultante da concentração de matéria orgânica. Esta parece ser uma explicação plausível para a presença de restos coloniais e industriais nos últimos níveis de ocupação, e não que tenha havido contato entre os grupos relacionados com as tradições Macaé e Itaipu e a população do Brasil colônia. Existe a separá-los não apenas uma razoável distância temporal, mas um corte cultural decorrente da presença de grupos Tupi e Jê, que ocupavam a costa quando os europeus chegaram ao Brasil.

Os esquemas explicativos

Considero que os critérios classificatórios utilizados nos diferentes esquemas para identificar a

fase/tradição Macaé e a tradição Itaipu não têm valor operacional. Nenhum dos atributos assinalados pode ser considerado como elemento diferenciador, porque não é exclusivo de qualquer um dos conjuntos que foram construídos.

As categorias locais foram criadas a partir da observação do entorno ou mesmo da própria base dos sítios. Com isso, determinadas categorias que em alguns locais estão em oposição, em outros apresentam-se conjugadas, e portanto não são úteis à classificação.

A diferenciação a partir dos artefatos recuperados nos sítios também não fornece critérios definidores de conjuntos, pois se baseia em exemplares numericamente pouco expressivos, aprofundando os problemas amostrais já existentes. Alguns apresentam ainda dificuldades no tocante à determinação de função.

Apontadas as fragilidades dos atributos escolhidos, deve-se ressaltar ainda os problemas referentes ao próprio manejo dos critérios classificatórios. Em nenhum momento foi apresentada uma hierarquia de atributos. Na prática, os critérios são acionados de maneira alternada. Em algumas situações, a composição faunística constitui a diferença principal para definir os sítios, em outros, a localização parece ser determinante. Percebe-se que os esquemas de fases e tradições são usados apenas para ordenar em uma escala evolutiva, sem que sejam abordadas questões de organização social.

Na avaliação crítica até agora empreendida, foram sublinhadas contradições e inconsistências inerentes às propostas de interpretação da pré-histórica fluminense dentro dos esquemas de fase e tradição. Por tudo o que foi exposto, não me parece pertinente a subdivisão em fase/tradição Macaé e tradição Itaipu, e tampouco as subdivisões internas desses conjuntos. As diferenças apresentadas não são significativas e suficientes para que se aceite a divisão. Ao contrário, as semelhanças entre os testemunhos relacionados às fases e tradições são, na verdade, fortes indícios de que todos os sítios compartilhavam o mesmo sistema sócio-cultural. Ocupar a mesma área, muitas vezes a mesma praia e o mesmo local, apresentar indústrias e estruturas semelhantes e população geneticamente análoga, compartilhar o hábito de acumular restos alimentares até formar montículos, habitar sobre esses restos e aí enterrar os mortos, seguindo padrão idêntico de enterramento, são traços que, a meu ver, compõem um conjunto que torna improcedente a se-

paração dos sítios proposta nos esquemas explicativos.

É importante ressaltar ainda que os quadros construídos com base nos sistemas de fases e tradições apresentam problemas no que tange à sua própria concepção enquanto esquemas explicativos. Tais problemas estruturais moldam toda a percepção e concepção do próprio processo de ocupação pré-histórica. Já não mais se justifica a diferenciação feita inicialmente entre as linhas de pesquisa, pois o esquema de fases e tradições perpassou a maioria das pesquisas, e muitos que se dedicaram ao estudo de sítios isolados definiram o seu objeto de estudo a partir desse esquema.

O problema que se coloca são os próprios quadros interpretativos. A questão mais grave observada refere-se à correlação mecânica de dados obtidos a partir dos vestígios arqueológicos e observações de cunho sociológico. Não se pode ignorar que os testemunhos das sociedades pré-históricas recuperados resultam de inúmeros processos que incluem atividades afetas ao próprio grupo em estudo (processo de descarte), bem como processos naturais seletivos e culturais relacionados a outros sistemas de ocupação, e portanto que os vestígios não devem ser considerados como um espelho no qual se pode ver refletido o passado. Mais ainda, mesmo se o trabalho do arqueólogo se desenvolvesse em condições excelentes de preservação, as evidências abundantes que porventura se apresentassem ainda teriam de ser interpretadas à luz de teorias compatíveis.

Percebe-se que, na produção selecionada, a ênfase é dada ao estudo dos objetos recuperados, que são descritos, medidos, pesados e comparados entre si, mas, em última análise, não são percebidos como um documento que permite acesso a uma determinada realidade sociológica. É a conjugação das semelhanças e diferenças dos artefatos, dos restos faunísticos, dos pacotes estratigráficos etc. que compõe os conjuntos. Como resultado, os quadros elaborados ficam ao sabor dos dados empíricos, dados esses que são infinitos e podem ser ampliados em cada nova pesquisa, e cuja incorporação provoca uma série de redefinições tanto de critérios como de conjuntos. Cria-se um novo conjunto, uma nova fase, ou desloca-se uma já existente em determinada direção, ou em outra contrária, acrescentando-se, dessa forma, mais uma contribuição ao esquema.

Na realidade, coexistem duas tendências. De um lado, investe-se exageradamente no estudo dos artefatos e evidências materiais, sem maiores preo-

cupações com o seu papel no sistema sócio-cultural que o produziu. De outro, considera-se esse mesmo objeto como um indicador direto e seguro de certos domínios da sociedade cujos vestígios se preservaram. E embora praticamente nada tenha sido aventado sobre a organização social do grupo estudado, admite-se, por exemplo, que os restos faunísticos refletem a economia do grupo.

Como decorrência do excessivo empirismo, o tópico relativo à organização social que os arqueólogos mais se dedicaram a estudar foi a economia, restringindo-se, porém, direcionados pela própria perspectiva, ao aspecto da dieta alimentar. Muitas vezes, a dieta estabelecida revelou-se tão deficitária que não possibilitaria sequer a sobrevivência dos indivíduos (Mello & Alvim, sd).

O ponto crítico prevalente nos esquemas propostos, todavia, é a ausência de uma noção sistêmica. Fica patente a visão parcial de sociedade, sobretudo quando se trata de contato entre grupos que se acredita corresponderem às diferentes fases e tradições. A ausência de uma perspectiva estruturadora de organização social impossibilita que sejam inferidas, em toda a sua complexidade, as relações entre diferentes grupos. Isso fica particularmente evidente nos estudos de sítios, quando se admite o recorte empírico dado pelo próprio contorno do sítio, chegando-se mesmo, em alguns casos, a imprimir valor sociológico à área de escavação ou a determinada etapa de pesquisa. O sítio é a unidade de pesquisa, recorte que o torna deslocado no tempo e no espaço, ou é correlacionado a outros testemunhos a partir de atributos que podem ser questionados, não se considerando imprescindíveis as relações sociais entre grupos que habitaram os diferentes locais. As correlações, quando feitas, restringem-se a aspectos da cultura material.

Os sistemas mais gerais recaem no mesmo equívoco, até porque se nutrem de informações advindas das pesquisas particularistas. E ainda que enfatizem as relações entre os sítios ao agrupá-los em categorias fases, tradições, estágios, os conjuntos formados não incorporam uma dimensão sistêmica.

A maneira como as pesquisas relacionadas aos esquemas de fase e tradição são elaboradas pressupõe o estudo de partes sem uma visão articulada do conjunto. Esse princípio torna possível a identificação de uma fase ou complexo cultural com base em apenas cinco sítios espalhados por todo o litoral do Rio de Janeiro. O conjunto que essa linha de pesquisa se propõe a construir, a partir da premissa

de que as partes isoladas podem representar o todo, constitui apenas um somatório de características. Na prática, o esquema de classificação se prende ao exame de classes de artefatos (cerâmica, por exemplo) produzindo uma interpretação parcial. O resultado das duas vertentes de pesquisa é uma visão fragmentária da organização social dos grupos estudados.

O outro problema diz respeito à relação entre cultura e natureza, que, para a arqueologia, reflete-se na relação sítio e ambiente. Nos trabalhos vinculados à perspectiva organicista, os fatores ambientais têm prerrogativa conformadora dos fenômenos culturais. Já na arqueografia de sítios isolados, sítio e ambiente são domínios independentes, reunidos apenas na caracterização da dieta alimentar. Em alguns casos, o ambiente é tão-somente o lugar onde o sítio está localizado.

As duas perspectivas – natureza e cultura como domínios isolados, ou natureza prevalecendo sobre a cultura – não possibilitam uma análise da interação sítio e ambiente em maior profundidade.

Em resumo, a classificação proposta para os sítios pré-cerâmicos apresenta-se, a meu ver, pouco fundamentada, e os próprios esquemas interpretativos, bastante problemáticos. A meta que perpassa as análises é ordenar os diferentes sítios numa escala temporal e atribuir às transformações ambientais, tanto temporais como espaciais, o papel gerador das mudanças sociais.

1. Quadro arqueológico

As observações restritivas não se aplicam à seriedade com que esses trabalhos foram desenvolvidos, nem à quantidade de informações que forneceram. É preciso deixar claro que se trata do primeiro esquema interpretativo elaborado e tem o mérito inegável de ser um marco no conhecimento da pré-história do Rio de Janeiro, representando um ponto de partida para toda e qualquer pesquisa.

A partir das informações disponíveis, torna-se possível retomar alguns dados e reelaborar determinadas hipóteses sobre a ocupação do litoral. Pouco se sabe sobre a origem dos primeiros grupos que começaram a construir os sambaquis. Permanecem dúvidas se as datações mais antigas representam de fato os primeiros sítios, ou se estes teriam sido destruídos devido à subida do nível do mar.

Considerando todas as datações existentes para sambaquis brasileiros, constata-se uma

maior antigüidade no estado do Pará sambaqui de Taperinha (Roosevelt *et alii* 1991). Não estou considerando a datação de Maratúá, São Paulo, de 7803 ± 1300 AP (Laming-Emperaire *apud* Kneip 1976: 96), e sim a apresentada por Uchôa (1978/79/80: 25), que atribui a antigüidade de 3865 ± 55 AP, de Camboinhas, Rio de Janeiro, de 7958 ± 224 AP, e de Capelinha, São Paulo, 10500 ± 1500 AP.

Segundo análise de datações disponíveis (Gaspar, no prelo), a data do sambaqui de Capelinha-SP (10500 ± 1500 AP), a mais antiga de todas, está confirmada por uma outra de 9890 ± 1500 anos, muito embora esteja totalmente isolada em relação aos outros testemunhos do mesmo estado. Barreto (1988: 213), estudiosa dos sambaquis da região onde está o Capelinha, considera que é possível que estas datações não correspondam de fato à ocupação dos grupos ligados aos concheiros, pois o sítio apresenta sobreposição de vestígios de grupos culturalmente distintos.

A datação de Camboinhas-RJ (7958 ± 224) já foi alvo de críticas de geomorfólogos e de geólogos que a consideram de uma antigüidade improvável, porém, a equipe que o estudou, após novas investigações, propõe que é procedente (Kneip, Ferreira & Muehe 1994). Como a datação envolve uma reflexão sobre a idade da formação dos cordões litorâneos, tema sobre que não estou apta a opinar, acho prudente aguardar o desenrolar do debate. A data de Camboinhas apresenta um certo isolamento em relação à subsequente do Estado (5520 ± 120, Forte) e em relação às outras disponíveis para o próprio sítio (ver Tabela e Gráfico 1).

A datação de Taperinha certamente está confirmada pela seqüência cronológica de 11 datações que abrange o período de 7090 até 5705 anos (Roosevelt *et al.* 1991: 63).

As datas dos sambaquis do Norte foram incorporados nessa análise porque considero que os sambaquis das diferentes regiões brasileiras compartilham de características estruturadoras. A constatação de que os construtores de sambaquis associavam, num mesmo espaço, o local de moradia, de sepultamento dos mortos e de descarte de bens e de restos alimentares é um forte indicador de que eles integravam um mesmo sistema sócio-cultural (cf. Gaspar 1994/95). Se o Norte foi, de fato, a região de dispersão desta população, e se as datações subsequentes estão no estado do Paraná, ainda é preciso que se realizem muitos estudos para se

entender todo o processo de ocupação dos **pesca- dores, coletores e caçadores**.

No Sul do país, no Paraná, teriam partido dois eixos de ocupação seguindo a costa, nas direções Norte e Sul. Esse movimento migratório foi proposto por Schmitz (1991) e é amplamente aceito pelos pesquisadores. A leva migratória que seguiu para o Norte teria alcançado o estado do Rio de Janeiro.

As datações disponíveis para a região da pesquisa indicam que, desde 5520 (Kneip 1980), os sítios já estavam sendo ocupados. Pelo menos durante 4000 anos a região esteve habitada por grupos que exploravam intensamente os recursos marinhos. Os vestígios alimentares indicam um padrão de subsistência fundamentado na pesca e na coleta de moluscos, e complementado pelos recursos terrestres que eram obtidos por meio da caça de pequenos animais e da coleta de vegetais.

A presença de abundantes restos esqueléticos de peixe, alguns de grande porte, e que têm como habitat águas profundas (Kneip, Magalhães, Mello & Correa 1989: 126), sugere que os grupos eram canoeiros. A implantação dos sítios e sua distribuição reforçam essa idéia. Esses grupos deviam fazer uso de rede de pesca, pois as inúmeras carapaças de moluscos de pequenas dimensões – *Neritina virginea* (Linnaeus 1758) – e *Bulla striata* (Bruguiere 1792) encontradas intactas nos sítios, suscitam a hipótese de que sejam decorrentes da utilização de algum tipo de arrasto.

As estruturas habitacionais identificadas em várias pesquisas indicam a ocupação desses montes durante a sua própria construção. Seus mortos eram enterrados nesse mesmo espaço, e a descoberta de um esqueleto flechado (Kneip 1987: 162) indica que existiam disputas e conflitos entre os grupos.

Esse padrão de assentamento manteve-se com certa estabilidade durante 4000 anos e perdurou até o contato com grupos ceramistas. É possível supor que os grupos identificados com as tradições Una e Tupiguarani entraram em contato com os pré-ceramistas, inicialmente, sem ocupar a região, o que só veio a ocorrer em período posterior. A datação obtida para o sítio Grande do Una – Rio Una I – indica que, por volta de 1060 ± 90 AP, grupos identificados com a fase Una estariam compartilhando o mesmo espaço com os grupos residentes. A datação obtida para Morro Grande (Buarque 1995) indica que os Tupinambá já estavam na região desde 1740 ± 90 AP. Nesse período, é provável que pelo menos alguns sítios pré-cerâmicos ainda estivessem ativos (ver quadro de datações). A disputa por território e a superioridade tecnológica dos ceramistas devem ter desarticulado o sistema sócio-cultural pré-cerâmico, impondo integração no novo sistema e/ou migração para o interior (cf. Neves 1988: 52, para o litoral sul). Os grupos pré-ceramistas, caso tenham migrado, devem ter seguido o litoral, já que não existe qualquer evidência arqueológica de sua presença em áreas mais interiores.

Agradecimentos

Agradeço a orientação instigante de Ulpiano Bezerra de Meneses na elaboração desse capítulo durante a confecção de minha tese de doutorado, a leitura atenta de Lina Kneip e de Angela Buarque. Agradeço à Sheila Mendonça de Souza as sugestões e à Márcia Barbosa a preparação do gráfico e da tabela.

Referências bibliográficas

- AB'SABER, A.N.
1978/ Paleo-clima e paleo-ecologia. P.E. Schmitz, *et al*
79/80 (Eds.). Temas de Arqueologia Brasileira, 1, *Anuário de Divulgação Científica*, Instituto Goiano de Pré-História, Goiânia: 33-50.
- AZEVEDO, J.A.A.; CARVALHO, E.T.; DIAS JR, O.F.
1981/82 Análise preliminar de arqueofauna do RJ-JC-64, Corondó, fauna de cordados. *Arquivos do Museu de História Natural*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 6-7: 157-160.
- BACKHEUSER, E. A.
1919 Os sambaquis do Distrito Federal. *Revista Didática da Escola Politecnica*, Rio de Janeiro, 18: 1-30.
- BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.
prelo El proceso de formación des sambaqui Ilha da Boa Vista I, Rio de Janeiro – Analisis comportamental de la cadena de actividades. *Anais do simposio Arqueologia de las "Tierras Bajas" República Oriental del Uruguay*.
- BARBOSA, M.; GASPAR, M.D.; BARBOSA, D.R.
1994 A organização espacial das estruturas habitacionais e distribuição dos artefatos no sítio Ilha da Boa Vista I, Cabo Frio, RJ. *Revista do Mu-*

- seu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 4: 31-38.
- BARRETO, C.N.G.B.
1988 *A ocupação do vale do Ribeira do Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- BELTRÃO, M.C.M.C.
1978 *Pré-História do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 276 p, il.
- BELTRÃO, M.C.M.C.; KNEIP, L.M.
1967 Arqueologia e geomorfologia; tentativa de uma abordagem interdisciplinar. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, 18: 1-16.
1969 Escavações estatigráficas no Estado da Guanabara. Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, III. *Pesquisas*, S. Antropologia, São Leopoldo, Anais, 20: 101-112.
- BELTRÃO, M.C.M.C.; HEREDIA, O.R.; NEME, S.M.N.
1978 Coletores de moluscos litorâneos e sua adaptação ambiental: o sambaqui de Sernambetiba. *Anais do Museu de História Natural*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 3: 97-115.
- BELTRÃO, M.C.M.C.; HEREDIA, O.R.; RABELLO, A.M.C.; PEREZ, R.A.R.
1981/82 Pesquisas arqueológicas no sambaqui de Sernambetiba. *Arquivos do Museu de História Natural*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 6/7: 145-156.
- BINFORD, L.R.
1968 Social determinants of group size. R.B. Lee; I. Devore (Eds.) *Man the Hunter*. Aldine Publishing Company, Chicago: 155-156.
- BUARQUE, A.
1995 A aldeia tupinambá de Morro Grande. *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VIII*, Porto Alegre. *Resumos*.
- CANCIO, F.
1987 Ocorrência de cerâmica na camada superior do sambaqui Zé Espinho. L.M. Kneip (Ed.) *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba*, Rio de Janeiro. MN/UFRRJ, EDUIFF, Rio de Janeiro: 165-184.
- CARVALHO, E.T.
1988 O sítio Duna Grande de Itaipu. Uma contribuição. *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 5(1): 119-128.
- CHMITZ, P.I.; WÜST, I.; COPÉ, S.M.; THIES, U.M.E.
1982 A arqueologia do centro-sul de Goiás. *Pesquisas*, Instituto Anchieta de Pesquisas, RS, 33.
- CUNHA, F.L.S.; FRANCISCO, B.H.R.
1981 Geologia de Itaipu. Kneip, L.M. et al. (Eds.) *Pesquisas Arqueológicas no Litoral de Itaipu, Niterói, RJ*. Rio de Janeiro, Luna, 174 p, il: 15-26.
- CUNHA, F.L.S.; MAGALHÃES, R.M.M.; GARCIA, S.
1977 Vertebrados do sambaqui do Forte. Kneip, L. (Org.) *Pescadores e Coletores Pré-Históricos do Litoral de Cabo Frio*. Coleção Museu Paulista, S.Arqueologia, São Paulo, 5: 143-150.
- DE BLASIS, P.; AFONSO, M.
1996 Indicadores de complexidade nos grandes sambaquis do litoral sul. *Resumos do simposio Arqueologia de las "Tierras Bajas" República Oriental del Uruguay*.
- DIAS JÚNIOR, O.F.
1969 A fase Itaipu, sítios sobre dunas no Estado do Rio de Janeiro. Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, III. *Pesquisas*, São Leopoldo, Anais, 20: 5-12.
1975 Pesquisas arqueológicas no Sudeste Brasileiro. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, S. Especial, Rio de Janeiro, 1: 3-21.
1976/77 Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Schmitz, P.E. et al. (Eds.) *Temas de Arqueologia Brasileira, Anuário de Divulgação Científica*, Instituto Goiano de Pré-História, Goiânia, 3: 112-130.
1987 Pré-História e arqueologia da região sudeste do Brasil. A pesquisa do passado. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro: 155-164.
1978/79/80 Sinópsse do "Arcaico" do litoral de São Paulo. P.I. Schmitz; A.S. Barbosa; M.B. Ribeiro (Eds.) *Temas de Arqueologia Brasileira 3. Anuário de Divulgação Científica* Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Univesidade Católica de Góias, Goiânia, 7: 15-32.
s/d O pré-cerâmico no Rio de Janeiro. *Arqueologia*. Catálogo. CEA-ETP-IAB. Rio de Janeiro, 4 p.
- DIAS JUNIOR, O.F.; CARVALHO, E.
1980 A pré-história da serra fluminense e a utilização das grutas no estado do Rio de Janeiro. *Pesquisas*, Instituto Anchieta de Pesquisa, São Leopoldo, 31: 43-86.
1983/84 A fase Itaipu, RJ. Novas considerações. *Arquivos do Museu de História Natural*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 8/9: 95-106.
1990 Tradição Itaipu (RJ) – Discussão de tópicos a proposta de um modelo teórico. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, V, Santa Cruz do Sul. Anais. *Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*, Santa Cruz do Sul: 157-166.
- FERNANDES, F.
1963 *Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- FIGUTI, L.
1993 O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 3: 67-80.
1995 Amostragem arqueofaunística em sítios portadores de conchas. Simpósio de Arqueologia da Região Sudeste, II, São Paulo. *Resumos*. Museu

- de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- FRANCO, T.C.B.; GASPAS, M.D.
- 1992 O sítio arqueológico Salinas Peroano. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VI, Rio de Janeiro. *Anais*, 1: 162-171.
- GASPAS, M.D.
- 1991 *Aspectos da Organização de um Grupo de Pescadores, Coletores e Caçadores: Região Compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 362 p., il.
- 1994/95 Espaço, rito e identidade pré-histórica. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VII, João Pessoa. *Anais. Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2): 221-237, il.
- 1995 Datações, construção de sambaquis e identidade social dos pescadores, caçadores e coletores. *Anais da VIII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*.
- prelo a Análise das datações radiocarbônicas dos sítios de pescadores, coletores e caçadores. *Boletim do Museu Goeldi*.
- prelo b Construcción de "sambaquis" y ocupación del territorio brasileño por pescadores, recolectores y cazadores. *Anais do simposio Arqueologia de las "Tierras Bajas" República Oriental del Uruguay*.
- GASPAS, M.D. & DE BLASIS, P.
- 1992 Construção de sambaqui. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VI, Rio de Janeiro. *Anais*, 2: 811-820.
- GASPAS, M.D.; BARBOSA, D.; BARBOSA, M.
- 1994 Análise do processo cognitivo de construção do sambaqui da Ilha da Boa Vista I. *Revista CLIO*, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1(10): 103-123.
- GUERRA, A.T.
- 1955 Notas a propósito de depósitos conchíferos de São Lourenço, Boa Vista e Chácara Vintém (Niterói, Estado do Rio de Janeiro). *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 8(126): 305-309.
- HASSAN, F.
- 1978 *Demography archaeology*. M. Schiffer (Org.) *Advances in Archaeology Method and Theory*, vol I. Academic Press: 49-103.
- HEREDIA, O.R.
- 1978 Cazadores-recolectores-pescadores prehistóricos en el Estado do Rio de Janeiro (Explotaciones estacional o ciclica de los recursos naturales en diferentes microambientes). Projeto de pesquisa, Fundação Ford, Rio de Janeiro. 16 p. (mimeo.).
- 1983 O aproveitamento ambiental pelas populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa. FINEP/MN/FUJB. Rio de Janeiro (mimeo.).
- 1984 O aproveitamento ambiental pelas populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa. FINEP/MN/FUJB. Rio de Janeiro (mimeo.).
- 1985 O aproveitamento ambiental pelas populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa. FINEP/MN/FUJB. Rio de Janeiro (mimeo.).
- 1986 O aproveitamento ambiental pelas populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa. FINEP/MN/FUJB. Rio de Janeiro. (mimeo.)
- 1987 O aproveitamento ambiental pelas populações pré-históricas do Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa. FINEP/MN/FUJB. Rio de Janeiro. (mimeo.)
- HEREDIA, O.R.; BELTRÃO, M.C.M.C.; OLIVEIRA, M.D.G.; GATTI, M.P.
- 1981/82 Pesquisas arqueológicas no sambaqui do Amorrins. *Arquivos do Museu de História Natural*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 6-7: 175-188,
- HEREDIA, O.R.; GASPAS, M.D.; GATTI, M.P.; FRANCO, T.C.B.
- 1983 Pesquisas arqueológicas no sítio Salinas Peroano. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, II, Belo Horizonte. (mimeo.).
- HEREDIA, O.R.; GASPAS, M.D.; SETTE, B.; BULCÃO, S.
- s/d Resultados preliminares das escavações arqueológicas no sítio Boca da Barra. (mimeo).
- HEREDIA, O.R.; GATTI, M.P.; GASPAS, M.D.; BUARQUE, A.M.G.
- 1984 Assentamentos pré-históricos nas ilhas do litoral centro-sul brasileiro: o sítio Guaíba (Mangaratiba-RJ). *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, 2(1): 13-31.
- HEREDIA, O.R.; GATTI, M.P.; GASPAS, M.D.; SETTE, B.D.; BULCÃO, S.M.R.
- 1985 Resultados preliminares das escavações arqueológicas no sítio Boca da Barra, RJ. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, III, Goiânia. (mimeo.).
- HEREDIA, O.R.; GASPAS, M.D.; SCARAMELLA, G.; FRANCO, T.C.B.
- 1985 Escavações arqueológicas no sítio Salinas Peroano, Cabo Frio-RJ. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, III, Goiânia. (mimeo.).
- HEREDIA, O.R.; TENÓRIO, M.C.; GASPAS, M.D.; BUARQUE, A.M.G.
- 1989 Environment exploitation by prehistorical population of Brazil. *American Society of Civil Engineers*. New York: 230-239.
- KNEIP, L.M.
- 1976 Sambaqui do Forte – identificação espacial das atividades humanas e sua implicações (Cabo Frio, RJ, Brasil). *Coleção do Museu Paulista*, S. Arqueologia, São Paulo, 2: 81-142.
- 1977 Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ. *Coleção Museu Paulista*, São Paulo, 5: 7-169.

- 1980 A seqüência cultural do sambaqui do Forte – Cabo Frio, Rio de Janeiro. Schmitz, P.I. (Ed.) *Pesquisas*, S. Antropologia. Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira, São Leopoldo, 31: 87-100.
- 1987 *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, EDUFF/Museu Nacional, 257 p., il.(Série Livro 5).
- 1992 As habitações 1 e 2 do sambaqui da Pontinha (Saquarema, RJ). Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VI, Rio de Janeiro, *Anais* 2: 730-37.
- 1994 Cultura material e subsistência das populações pré-históricas de Saquarema, RJ. *Documentos de Trabalho*, S.Arqueologia, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2, 120 p.
- KNEIP, L.; FERREIRA, A.M.M. & MUEHE, D.
1994 Contribuição ao estudo da Pré-história e do Paleolítico da região entre Cabo Frio e Guaratiba, RJ. M.C. Tenório; T.C. Franco (Orgs.) *I Seminário de Implantação da Temática Pré-História Brasileira no Ensino de 1º, 2º e 3º graus*. Rio de Janeiro, 146 p. *Anais*. EDUF RJ/MN: 127-131.
- KNEIP, L.M.; MACHADO, L.M.C.
1993 Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. *Documento de Trabalho*, S. Arqueologia, 1, Rio de Janeiro. Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 76 p., il.
- KNEIP, L.M.; PALLESTRINI, L.
1987 Arqueologia: estatigrafia, cronologia e estruturas do sambaqui do Zé do Espinho. L.M. Kneip (Org.) *Coletores e Pescadores Pré-históricos de Guaratiba – Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, EDUFF/Museu Nacional, 257 p., il: 89 - 141.
- KNEIP, L.M.; CANCRIO, F.; RODRIGUES, B.H.
1990 O Sambaqui da Beira da (Saquarema - RJ). Aspectos culturais e paleoambientais. *Revista de Arqueologia*. Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 5(1): 41-55.
- KNEIP, L.M.; COELHO, A.C.S.; CUNHA, F.L.S.; MELLO, E.M.B.
1975b O sambaqui do Forte, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. Interrelationship between molluscs vertebrates and archaeological materials. *Boletim Paranaense de Geociências*, Curitiba, 33: 49-50.
- KNEIP, L.M.; COELHO, A.C.S.; CUNHA, F.L.S.; MELLO, E.M.B.
1975a Informações preliminares sobre a arqueologia e fauna do Sambaqui do Forte, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 22: 89-108.
- KNEIP, L.M.; MAGALHÃES, R.M.M.; MELLO, E.M.B.; CORRÊA, M.M.G.
1989 O sambaqui da Beirada (Saquarema-RJ). Dados culturais, faunísticos, e cronológicos. Congresso Brasileiro de Paleontologia, IX, Curitiba. *Anais*: 651-666.
- KNEIP, L.M.; PALLESTRINI, L.; CANCRIO, F.; MACHADO, L.M.C.
1991 As estruturas e suas interrelações em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, S. Ensaio, Rio de Janeiro, 5, 42p.
- KNEIP, L.M.; PALLESTRINI, L.; CUNHA, F.L.S.
1981 *Pesquisas Arqueológicas no Litoral de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Luna, 174 p.
- KNEIP, L.; MONTEIRO, A.M.F.; SEYFERTH, G.
1980 A aldeia pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, XXVII: 283-338.
- LIMA, T.A.
1991 *Dos Mariscos aos Peixes: um Estudo Zooarqueológico de Mudança de Subsistência na Pré-História do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LIMA, T.A.; SILVA, R.C.P.
1984 Zooarqueologia: alguns resultados para a pré-história da ilha de Santana. *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, Belém, 2(2): 10-40.
- LIMA, T.A.; MELLO, E.M.B.; SILVA, R.C.P.
1986 Analyses of molluscan remains from the Ilha de Santana, Macaé, Brazil. *Journal of Field Archaeology*, 13: 83-97.
- MACHADO, L.C.; KNEIP, L.M.
1994 Padrões dentários, dieta e subsistência das populações dos sambaquis de Saquarema, RJ. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira., VII, João Pessoa. *Anais*. *Revista de Arqueologia*, Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, 8(1): 45-57.
- MACHADO, L.C.
1984 Análise dos remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais. *Série Monografias*, 1, Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 425p.
- MACHADO, L.C.
1994 Possível associação entre idade, patologia esquelética e tratamento funerário diferenciado. Estudo de caso em população horticultora pré-histórica, sítio do Caju, Campos, Estado do Rio de Janeiro. III Congresso Latino Americano de Antropologia Biológica e II Reunião da Sociedade Brasileira de Paleopatologia. Rio de Janeiro: 27.
- MACHADO, L.M.; PONS, E.; SILVA, L.
1989a Os sítios Massambaba (RJ-JC-56) e Boqueirão (RJ-JC-57), Arraial do Cabo – Rio de Janeiro. Os padrões de sepultamento. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, IV, Santos. *Anais*. *Dédalo*, Publicações Avulsas, São Paulo, 1: 447-454.

- 1989b Adaptação bio-cultural no litoral fluminense: os restos ósseos humanos de dois sítios arqueológicos de Arraial do Cabo Rio de Janeiro. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, IV, Santos. *Anais. Dédalos*, Publicações Avulsas, São Paulo, 1: 429-446.
- MAUSS, M.
1974 Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. *Antropologia e Sociologia*, São Paulo, EPU/EDUSP: 237-331.
- MEGGERS, B.J.; EVANS, C.
1985 A utilização das sequências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social. *Boletim, Série Ensaio*. Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 30.
1970 *Como interpretar a linguagem da cerâmica. Manual para arqueólogos*. Smithsonian Institution, Washington.
- MELLO, E.M.B.; SOUZA, A.M.
1977 O Sambaqui de Saracuruna. *Nheengatu*, Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro, 1(1): 43-58.
- MELLO E ALVIM, M.C.
1977 Sambaquis. *Revista da Atualidade Indígena*, Brasília, 1(6), set/out.
s/d Estudo morfológico da população do Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina). *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, 39(3/4): 549.
- MENDONÇA DE SOUZA, A.A.C.
1977 Pré-história de Parati. *Nheengatu*. Caderno Brasileiro de Arqueologia Indígena, Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro, 1(2): 47-90.
1981 *Pré-História Fluminense*. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e Secretaria Estadual de Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 87 p.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; MENDONÇA DE SOUZA, A.A.C.
1983 Tentativa de interpretação paleoecológica do sambaqui do rio das Pedrinhas-Magé-RJ. Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro.
- MENDONÇA DE SOUZA, S.M.F.; SANTOS, R.S.; SCHRAM, C.S.; MIRANDA, C.C.
1983/84 Estudos de paleonutrição em sítios-sobre-dunas da fase Itaipu-RJ. *Arquivos do Museu de História Natural*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 8/9: 107-120.
- MESSIAS, T.T.
1977 Estudo morfológico da população do Sambaqui do Forte. L. Kneip (Org.) *Pescadores e Recoletores Pré-Históricos do Litoral de Cabo Frio*. São Paulo, Ed. Fundo de Pesquisa do Museu Paulista, 169 p., il. (Série Arqueologia, 5): 165-167.
- MEZZALIRA, S.
1946b Tentativa de correlação entre as nomenclaturas científicas e populares dos moluscos encontrados nos Sambaquis brasileiros. *OIGG*, São Paulo, 4(3): 272-80, jul./set..
- NEVES, W.A.
1988 Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas*, S. Antropologia, São Leopoldo, 43, 178p.
- NEVES, W.A.; UNGER, P.; SCARAMUZZA, C.A.M.
1984 Incidência de cáries e padrões de subsistências no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista de Pré-História*, Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 4, 49p.
- PALLESTRINI, L.; CHIARA, F.
1981 O material lítico. L. Kneip *et al.* (Orgs.) *Pesquisas Arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, RJ*. Rio de Janeiro, Cia de Desenvolvimento Territorial: 71-93.
- PANOFF, M.; PERRIN, M.
1973 *Dictionnaire de l'ethnologie*. Paris, Payot.
- PEROTA, C.
1974 Resultados preliminares da região central do Estado do Espírito Santo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Publicações Avulsas, Belém, 26: 127-140. PRONAPA 5. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-70.
- PROUS, A.
1977 Les sculptures zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay. *Cahiers*, Paris, 5, 175 p. (resenha por BECQUELIN P. *L'Homme*, Paris, 19(2): 103-104).
1992 *A Arqueologia Brasileira*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 605 p., il.
- ROOSEVELT, A.; IMAZIO, M.; MARANCA, S.
1991 Eighth millennium from a Prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science*, 254 (5038): 1621-1624.
- SALLES CUNHA, E.M.
1965b Sambaquis do litoral carioca. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1(27): 1-69.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.
1981 *Tentativa de Caracterização da tradição Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
- SHELL, R.; YBERT, J.P.; GASPARELLO, M.D.
prelo Antracologia, uma nova fonte de informações para a arqueologia moderna. *Revista Ciência Hoje*. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.
- SCHMITZ, P.I.; WÜST, I.; COPE, S.M.; THIES, U.M.E.
1982 Arqueologia no centro-sul de Goiás. *Pesquisas*, Instituto Anchieta de Pesquisas, RS, 33, 280p.
- TENÓRIO, M.C.
1991 Pesquisas arqueológicas na Ilha Grande, Rio de Janeiro: o sítio Ilhote do Leste. Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VI, Rio de Janeiro. *Resumos*.
1995 Sítio Ilhote do Leste. Reconstituição de Distribuição Espacial. Escavações de 1995. Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, VIII, Porto Alegre. *Resumos*: 34-35.

TURNER, C.G.; MACHADO, L.C.

- 1981 Um novo padrão de desgaste dentário e evidência de alto consumo de carboidratos numa população esquelética arcaica do Brasil. *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, I, Rio de Janeiro*: 201-206.

UCHÔA, D.

- 1978/ Sinópse do “Arcaico” do litoral de São Paulo.
79/80 P.I. Schmitz; A.S. Barbosa; M.B. Ribeiro (Eds.)

Temas de Arqueologia Brasileira 3. *Anuário de Divulgação Científica*. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 7: 15-32.

WILLEY, G.; PHILLIPS, P.

- 1962 *Method and theory in American Archaeology*. Chicago, The University of Chicago Press.

Recebido para publicação em 20 de setembro de 1996.

BARD, Kathryn A. *From Farmers to Pharaohs, mortuary evidence for the rise of complex society in Egypt*. Oxford, Sheffield Academic Press, 1994, 144 pp.

Antonio Brancaglioni Junior*

A civilização egípcia parece imutável aos olhos leigos, mas de fato ela evoluiu enormemente durante os 3500 anos de história faraônica. Seus princípios essenciais foram fixados muito cedo, em um tempo relativamente curto, durante a época em que pequenas unidades sociais de caçadores e coletores desenvolveram-se em comunidades agrícolas sedentárias e a organização social tornou-se cada vez mais complexa quando, por volta de 3300 a.C., transformou-se em um dos primeiros estados unificados do planeta.

As primeiras evidências destas culturas Pré-dinásticas surgiram em 1895 e 1896 com as escavações feitas por Petrie em Nagada e por Morgan em Abidos.

Embora sítios Pré-dinásticos sejam encontrados em todo o Vale do Nilo, dentre os conhecidos, o maior número localiza-se no Alto Egito, na margem oeste: Hircômpolis, Nagada, Ballas e Abidos. No Médio Egito, sítios Pré-dinásticos situam-se na margem leste em Badari e no Fayum. No Baixo Egito, os sítios estão próximos ao Cairo. Mais recentemente foram encontrados os primeiros sítios no Delta em Merinda e Karf Hasan. Na Baixa Núbia existem numerosos indícios de contato entre o Grupo local e os egípcios Pré-dinásticos.

Atualmente, muitos destes achados têm sido reavaliados ou “re-escavados” como alguns pretendem, à luz de novas hipóteses e sob análises estatísticas e laboratoriais cuidadosamente processadas, dentro dos limites impostos pelos registros muitas vezes incompletos ou inadequadamente coletados ou não publicados.

Dentro desta perspectiva encontra-se o trabalho de Kathryn Bard, atualmente Professora Assistente no Depto. de Arqueologia da Universidade de Boston. Este livro é fruto de sua dissertação com a qual obteve o PhD pela Universida-

de de Toronto. A sua proposta parte da constatação de que no Egito, no início da primeira dinastia, emergiu uma sociedade estratificada centralizada e governada por uma autoridade política. Todavia, o processo de formação deste estado no final do Pré-dinástico não é claro. Embora muitas teorias tenham surgido, não existem evidências arqueológicas que determinem quando e como este estado emergiu. As únicas evidências são funerárias, recolhidas em cemitérios Pré-dinásticos desde o século XIX.

No Capítulo 1 Bard revê as principais teorias sobre a formação do estado egípcio e avalia as evidências arqueológicas dos principais sítios Pré-dinásticos. Uma consideração inicial é feita: a de que enquanto a evolução social no sul da Mesopotâmia parece estar funcionalmente ligada ao processo de urbanização, no Egito não há dados correspondentes que sugiram uma evolução urbana. Apesar de muitos cemitérios terem sido escavados, principalmente no Alto Egito, nenhum assentamento pré-histórico foi descoberto.

Com respeito às diferentes teorias apresentadas sobre a formação do estado egípcio é digna de destaque a de Petrie (1920) que acreditava em uma “raça dinástica” vinda do leste, teoria posteriormente retomada por Murray (1956) e Emery (1967), que viram na cultura gerzense os traços de um povo conquistador que por motivos mercantis e/ou populacionais avançou para o norte. Outras hipóteses levantadas consideravam os gerzenses como povos Asiáticos que invadiram o vale do Nilo pelo Wadi Hammamat ou um povo de origem Mesopotâmica que invadiria o Delta do Nilo. As teorias de uma origem indígena também são apresentadas; destaca-se a de Kaiser (1957), na qual a expansão para o norte da cultura Nagada teria originado a cultura do Fayum e posteriormente a do Delta, com uma possível expansão “colonial” para o sul até a Alta Núbia.

As interpretações mitológicas não são deixadas de fora deste capítulo, a principal é a de Seth (1930) que pressupõe a existência de dois reinos pré-históricos, um no Alto Egito e outro no Baixo

(*) Depto. de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação, doutoramento.

Egito, simbolizados pela luta de Hórus contra seu tio Set. Hórus representaria o Delta Ocidental, chefiado pela cidade de Behdet, e Set, o deus de Ombos (Nagada), representaria o Alto Egito. Após sucessivas lutas a unificação viria, representada por Osíris, o deus que todo rei morto se tornaria e cujo centro de culto era originariamente Busiris no Delta Oriental.

Das teorias apresentadas podemos ainda destacar as que têm como base da formação do estado dinástico os excedentes agrícolas produzidos pelos agricultores gerzenses. Tais excedentes geraram um crescimento da riqueza e foram distribuídos de forma desigual, fazendo com que os gerzenses expandissem seus domínios para o norte, conquistando os *nomos* do Baixo Egito – como representado na maça de guerra do rei escorpião. É de período mais recente a teoria de Kemp (1989) que propõe um modelo de formação do estado egípcio baseado em três proto-estados no Alto Egito – Abidos, Nagada e Hieracômpolis, tendo este último se expandido militarmente para o norte; o simbolismo geográfico desta expansão seriam as divindades Wadjit e Nekhbet.

Seja qual for a teoria que melhor explique o surgimento de uma sociedade complexa na primeira dinastia, Bard apresenta no capítulo seguinte as análises mortuárias que indicam esta evolução social.

A primeira constatação obtida destes cemitérios é a falta de indícios de uma população rural distinta de uma população urbana, embora centros urbanos provavelmente tenham existido próximo a cemitérios da primeira dinastia, em Saqqara e Abidos, onde havia uma arquitetura monumental sob a forma de grandes túmulos reais e da elite. Mesmo assim, não existem evidências arqueológicas de oficinas reais ou de templos, muito embora ocorra uma grande quantidade de vasos em pedra nas tumbas deste período. Elaborados bens artísticos com um complexo simbolismo foram criados para transmitir a mensagem de um estado unificado e a supremacia do monarca, como a paleta de Narmer.

Um comércio estrangeiro é igualmente observável nos restos funerários com a presença de cerâmica palestina e madeira de cedro em tumbas de Saqqara e Abidos.

Uma sociedade de classes estratificadas está indicada em funerais e títulos de oficiais do início do Período dinástico.

Os reis da primeira dinastia eram sepultados em Abidos enquanto os altos funcionários construíam grandes túmulos ao norte de Saqqara e os pequenos funcionários eram enterrados em tumbas simples como as de el-Amra e Ballas. Os cemitérios das classes inferiores constituem-se de simples covas e poucos bens, distribuídos por todo o Egito como em Abu Roash, Gurob, Kafr Ghaltati e Naga ed-Der.

Estes cemitérios mostram uma distribuição muito desigual dos bens sepultados e um acesso diferenciado aos recursos naturais e manufaturados.

Constata-se também o aparecimento de uma escrita fonética utilizada principalmente para identificar os bens pertencentes ao estado.

Na segunda parte do Capítulo 2, a autora apresenta algumas formas de análise dos cemitérios Pré-dinásticos. A primeira delas é o estudo etnográfico das práticas funerárias de povos da África Central e do Norte, que tem mostrado que as cerimônias associadas com o funeral e as práticas relacionadas nem sempre podem ser visíveis no registro arqueológico, destacando uma frase de Bartel (1982) na qual ele diz: “o arqueólogo pode fazer a suposição operacional que explique as dimensões sociais somente do cadáver à sua disposição”.

Sobre as evidências mortuárias para a interpretação dos níveis de organização social, a autora destaca dois critérios que são bem ajustáveis aos dados arqueológicos: o primeiro é a distribuição espacial dos restos mortuários, como uma variável que contém informações relativas à diferenciação do grupo, e o segundo, a energia dispensada no funeral como uma indicação da classificação social.

A propósito da teoria de gasto de energia, Bard observa que nem toda a energia gasta em rituais mortuários é arqueologicamente visível, particularmente nos casos de cerimônias funerárias elaboradas, relacionadas diretamente à ideologia por trás do sepultamento, que modifica as formas mortuárias conforme a cultura. Assim, temos as pirâmides da IV dinastia que perduram por 4000 anos após o sepultamento dos faraós enquanto um rei saudita de hoje é enterrado em uma cova simples e sem marcas de acordo com as crenças muçulmanas.

No Capítulo 3 são abordadas as questões referentes à cronologia utilizada para o Pré-dinástico egípcio, a forma como Petrie elaborou a sua “Sequence Dating” (SD) e as datações por radiocarbono para os períodos Nagada I a III, apresentadas com ajuda de tabelas de fácil compreensão.

No Capítulo 4 é apresentada uma análise do cemitério de Armant, como estudo de caso, onde após uma descrição geral do sítio são apresentadas análises com respeito à distribuição espacial das covas e os aspectos sociais que podem ser obtidos através do estudo do material sepultado.

O Capítulo 5 foi dedicado a uma revisão dos achados de Petrie nos cemitérios de Nagada, que mostram um aumento populacional e a formação de uma elite desde os tempos de Nagada I, um indicador da formação das condições necessárias para a criação da primeira dinastia. Infelizmente as escavações rápidas (1894-95) foram feitas sem o cuidado necessário com os registros, o que levou à perda de importantes dados arqueológicos.

As evidências arqueológicas analisadas por Bard mostram que durante o Pré-dinástico houve um crescimento populacional no vale do Nilo com uma concentração rápida da população em centros no Alto Egito, fato este que precede a unificação na primeira dinastia. Tal crescimento populacional, além de ser um fator que marcaria a transição para o estado faraônico, foi o que levou ao surgimento de um controle autoritário de um tipo mais eficaz.

As condições ecológicas do Nilo, com suas cheias regulares, permitiram um maior potencial de produtividade agrícola, o que suportava o cresci-

mento populacional, além de permitir o desenvolvimento de habilidades especializadas e a exploração de fontes minerais durante o período de alagamento dos campos.

Oferendas funerárias e deuses tornaram-se cada vez mais importantes para as elites políticas e foram provavelmente um fator de estímulo para o comércio.

Como as cheias do Nilo diminuíram após 3300 a.C., os grandes centros, como Hieracômpolis e Nagada, uniram-se em um proto-estado que se expandiu para o norte a fim de controlar a produção agrícola do Baixo Egito.

Além de uma excelente revisão das teorias sobre o surgimento de uma sociedade complexa no Egito, esta obra oferece alguns modelos de como as evidências mortuárias podem ser usadas para a interpretação de níveis de organização social, destacando os cuidados com os dados coletados. Apresentado de forma clara, com um texto de fácil compreensão, gráficos e tabelas sem nenhuma sofisticação, acompanhado de uma vasta bibliografia, o trabalho de Kathrin Bard deixa claro que o arqueólogo ao analisar as práticas de enterramento deve fazê-lo sabendo que está estudando o resultado final não de um mas de vários processos interrelacionados, tanto social (ritual, simbólico e religioso) quanto geológico.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 1996.

CHAMBERLAIN, A. *Human Remains*. Interpreting the Past. Trustees of the British Museum Press, Londres, 1994, 64p.

Sergio F. S. Monteiro da Silva *

O título escolhido por Chamberlain, professor do Departamento de Arqueologia e Pré-História da Universidade de Sheffield, faz parte de uma série de outros como *Ancient Jewellery*, de Jack Ogden; *Animal Bones*, de James Reckham; *Coins*, de Andrew Burnett; *Near Eastern Seals*, de Dominique Collon; *Radiocarbonic Dating*, de Sheridan Bowman e *Roman Pottery*, de Kevin Greene, todos voltados ao estudo das possibilidades interpretativas do passado em Arqueologia.

Este volume vai discorrer brevemente sobre oito aspectos pertinentes ao estudo de remanescentes humanos exumados em sítios arqueológicos. O autor realizou uma síntese primorosa das principais preocupações no estudo dessa categoria de vestígio.

Chamberlain considerou os recentes avanços na Medicina e nas ciências que vieram contribuir para a revelação de detalhes sobre pessoas e comunidades extintas. Métodos modernos da Antropologia Forense podem revelar a idade, sexo, estatura e outros aspectos de um esqueleto. Ossos e dentes podem fornecer aos arqueólogos evidências de ferimentos, infecções e mesmo sinais de uma morte violenta. Estresses físicos e alterações degenerativas podem ser detectados nos ossos. Aspectos fascinantes da vida social pré-histórica são fornecidos pelos esqueletos.

Um desenvolvimento significativo no estudo dos esqueletos humanos ocorreu com o uso das técnicas da biologia molecular, que consideram o DNA e as proteínas extraídas de ossos de procedência arqueológica. Essas biomoléculas podem ser comparadas entre os indivíduos e populações, fornecendo as bases para o estudo das migrações e da diversidade genética humana.

O esqueleto humano (que para o autor é considerado individualmente, distante de seu contexto funerário, econômico, cultural) representa, às vezes,

uma descoberta difícil, que pode parecer demorada e complicada para registrar e exumar.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o status legal dos esqueletos sepultados pode ser incerto. O arqueólogo precisa estar informado sobre as sensibilidades e tradições das comunidades locais. Para Chamberlain, a oportunidade para se estudar a biologia esquelética de populações passadas é, contudo, algo valioso em relação àqueles remanescentes que uma vez exumados deverão ser novamente enterrados.

Sobre a identificação dos ossos humanos, considera sua diferenciação em relação aos de outras espécies através das análises micro, macroscópicas e radiográficas comparativas; a idade biológica e os aspectos das epífises e linhas epifisárias; o sexo pela análise da pélvis, crânio, a robustez dos ossos; o problema do dimorfismo sexual durante a infância e a puberdade e do uso de análises discriminantes. A cremação é outro evento que irá dificultar a identificação dos dados anteriores e será considerada como agente fragmentador, alterando e deformando vestígios ósseos, além de constituir dado de cultura-prática funerária.

A evidência da idade e estrutura da população perfaz um tópico em que o autor expõe informações sobre a determinação das características demográficas, alterações etárias e de crescimento ósseo, fertilidade e mortalidade. Métodos aplicados por antropólogos forenses e arqueólogos para a determinação etária em esqueletos de origens atuais podem ter suas validades reduzidas devido às diferenças entre as populações e a influência de mudanças na dieta alimentar e formas de atividades de subsistência. Enfatiza o estudo "paleodemográfico" nas sociedades humanas passadas com o uso de gráficos com curvas de mortalidade e de sobrevivência.

Em outro capítulo, o autor discorre sobre as possibilidades das evidências químicas e biomoleculares. Trata dos diversos métodos usados para detectar e medir quantidades de elementos-traços em materiais biológicos, como os métodos espectroscópicos, de absorção atômica, emissão espec-

(*) Pós-Graduando em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

trocópica, raios-X. O Estrôncio possui um valor particular no estudo das dietas humanas e animais. Analisa ainda possibilidades do estudo dos isótopos estáveis e a detecção e caracterização das biomoléculas.

As doenças e distúrbios são estudados no cap. 4. Aqui o autor enfatiza, nos distúrbios esqueléticos, os traumas, as infecções ósseas, as doenças degenerativas das articulações, doenças por deficiência metabólica e nutricional, congênitas e tumores, “paleopatologia” dentária, os sinais das formas de tratamentos, as marcas de cortes e as modificações *postmortem*.

Chamberlain discorre no cap. 5 sobre múmias, os processos de mumificação, as variáveis de conservação de corpos (congelamento, impregnação por óleos e substâncias naturais conservantes em pântanos).

A localização de sítios cemitérios e de enteramentos tratada no cap. 6 pode ser feita com uso das fotografias aéreas que, fotointerpretadas, indicam a presença de variações nas superfícies do solo, marcas, colorações. As análises de solos podem indicar concentrações elevadas de fosfatos próximas de enterramentos; práticas tradicionais de enterro podem inferir sua localização; fontes históricas e demográficas, evidências epigráficas, registros de casamentos, batismos, podem fornecer dados para a localização de sítios cemitérios.

O autor enfatiza os problemas da escavação e preservação dos restos humanos. O período de permanência e a acidez dos solos e seu efeito nos componentes orgânicos e inorgânicos dos ossos determinam o seu estado de preservação. Durante a escavação, os ossos expostos devem ser devidamente fotografados com escalas e feitos os registros escritos dos dados observacionais.

O museio, obtenção de amostras e armazenamento do material implicam na consideração e visualização de fragmentos, ossos frágeis ou muito pequenos. Devem ser registrados e removidos na posição original em campo. Os ossos danificados durante a escavação podem ser reparados em laboratório, considerando-se futuras análises químicas e de datação. Quanto à remoção de esqueletos muito erodidos durante os trabalhos em campo, podem ser utilizados produtos reversíveis, solúveis em acetona, PVA ou paralóides.

Amostragens são obtidas para a convencional datação radiocarbônica (tecido ósseo compacto), análises bioquímicas das proteínas do sangue,

DNA (pelo tecido ósseo esponjoso), resíduos orgânicos do sistema digestivo (região abdominal).

Limpeza, conservação e reconstituição são etapas interrelacionadas assim como o registro e inventário dos esqueletos. Os dados de registros devem conter plantas, desenhos, fotografias, raios-X, dados usados para determinação de sexo, inventário de todo esqueleto e dos elementos dentários presentes, listas de medidas e variantes esqueléticas, indicadores esqueléticos usados para a determinação do sexo, idade da morte, detalhe das anomalias que indicam doenças, registros de informações das análises químicas e biomoleculares. O inventário do esqueleto deve apresentar uma listagem das partes que estão presentes, ou diagrama linear com o esqueleto completo, em que os ossos presentes são coloridos.

Uma inovação de Chamberlain está em seu último capítulo quando trata de ética e legislação sobre os restos humanos. Expõe a legislação inglesa de 1857 a 1990 e suas relações nos centros religiosos e jurídicos cívicos. Para o autor, ética pode ser definida como um sistema coerente de valores que determinam um código de conduta. Pode variar em diferentes culturas e segmentos sociais, refletindo no tratamento do morto. Arqueólogos, bioantropólogos, especialistas em antropologia médica, história da Medicina e paleopatologia sempre tiveram interesse nos restos humanos. O estudo de sítios cemitérios e das práticas funerárias tem fornecido importantes informações sobre as estruturas de sociedades passadas, modificações culturais do esqueleto humano como a deformação craniana, mutilações dentárias. Tratamento de distúrbios e infecções são de interesse para a Antropologia Social e a História da Medicina. Bioantropólogos e paleopatologistas fazem largo uso de coleções em suas pesquisas em paleodemografias, afinidades biológicas entre populações, origens de doenças e os efeitos de dietas e estresses. Novas técnicas em biologia molecular, incluindo a análise das sequências de DNA, ensaios específicos com proteínas humanas não têm sido constantemente utilizados para a caracterização genética de pequenas amostras de ossos humanos provenientes de escavações arqueológicas. Esqueletos de indivíduos identificáveis pelo conhecimento da idade e do sexo são de grande valor para antropólogos forenses e fornecem meios para a calibração de métodos de cálculos dessas mesmas variáveis em espécies arqueológicas.

As possibilidades de estudo e registro de restos humanos que passam pelo problema de ser novamente enterrados após sua exumação ou expostos em museus com seus artefatos mortuários para exposições interpretativas são de interesse do autor. Como uma solução, o autor propõe a moldagem desses materiais humanos para exposições em museus. Os problemas de repatriação, posse por grupos indígenas atuais de restos humanos são focos de problema nos estudos por pesquisadores afins. As escavações que resultem no estudo e análise de restos humanos devem considerar e se adequar aos legítimos interesses das populações indígenas que reivindicam os antigos ancestrais sepultados em suas terras.

Mediante uma seleta coletânea de problemas atuais das formas de conhecimento produzido sobre os remanescentes humanos, o autor nos oferece com *Human Remains* uma amostra da complexidade e das possibilidades de se estudar esse material de maneira clara, objetiva e aberta para os iniciantes em áreas de pesquisas afins.

Evidentemente, seus escritos privilegiam as análises biológicas e médicas desse tipo de material, embora considerem os problemas nas escavações realizadas por arqueólogos e seus possíveis direcionamentos.

Na bibliografia constam, entre outros, os clássicos manuais como *Human Osteology* de W. Bass, um guia de como identificar, transportar, registrar, mensurar e analisar esqueletos humanos; *Digging up Bones*, de D. Brothwell, que abrange, além das diagnoses de sexo e idade, reconstituição, mensuração e as patologias ósseas; *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, de D. Ortner e W. Putschar, um guia geral das patologias ósseas; *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*, de D. Steele e Bramblett, um volumoso manual com dados, tabelas de cálculos de idade, estatura, identificação de ossos e dentes humanos e o *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*, de D. Ubelaker, publicados ou reeditados entre 1981 e 1989.

Trata-se de uma coletânea simplificada de temas comuns tanto na Arqueologia quanto na Antropologia, Biologia e determinadas áreas da Medicina e das Ciências Jurídicas. Convém salientar que este trabalho, embora dirigido a arqueólogos, parece valorizar os recentes avanços da Medicina, os métodos da Antropologia forense, da Biologia molecular e da Bioquímica. Não podemos descon-

siderar as importantes contribuições dessas disciplinas para o estudo dos remanescentes ósseos pela Arqueologia.

Como seria uma abordagem especificamente arqueológica de um sepultamento humano (que inclui, obviamente, os remanescentes humanos e outras coisas – vestígios de cultura)? Essa abordagem seria um pré-requisito ou um auxílio ou uma etapa de uma pesquisa em uma disciplina biomédica? Provavelmente devamos nos referir a um “study of human skeletons”, amplo e que conteria os estudos arqueológicos sobre os enterros humanos e seus conteúdos. Por outro lado, antropólogos forenses parecem necessitar de métodos e técnicas utilizados em escavações arqueológicas. Biólogos, médicos e mesmo dentistas que estão preocupados com remanescentes ósseos humanos (digo, uma parte dos sepultamentos) acabam utilizando materiais de coleções provenientes de escavações arqueológicas.

Chamberlain mostrou-se preocupado com problemas específicos como a identificação de ossos humanos, a evidência da idade e a estrutura da população; evidências químicas e biomoleculares; doenças; tipos de conservação de corpos humanos; localização de sítios cemitérios; escavação e preservação dos restos esqueléticos; legislação e ética no estudo desse tipo de vestígio. Evidentemente, o caráter dos restos humanos é vestigial. As análises físico-químicas dos vestígios têm sido de uso fundamental para os arqueólogos.

Convém ressaltar que análises arqueológicas recentes das práticas mortuárias são notáveis pelo uso de diferentes metodologias e técnicas para a explanação do fenômeno morte e nas pesquisas relacionadas ao problema das práticas mortuárias em determinados processos socioculturais. Para A. Fleming (1972, 1973), os rituais mortuários envolvem atos de participantes (indivíduos vivos participando do funeral ou outras cerimônias *postmortem*) e os principais (os falecidos). Estão espacialmente circunscritos os limites entre os vivos e os mortos. O sepultamento é uma ação rápida e breve se comparada ao todo das atividades e dispêndios de energia do grupo humano extinto.

Brad Bartel (1982) propõe uma instigante retrospectiva interpretativa dos principais paradigmas antropológicos em cem anos de estudos das práticas mortuárias. O que é arqueologicamente observável constitui uma pequena parte do todo das práticas sociais. Aí, a prática mortuária é subdivisão de toda a sequência envolvida com a de-

posição do corpo. A distribuição dos artefatos na superfície de um cemitério pode representar uma ou outra festa funerária ou visitas após o enterramento. Quando uma situação trabalhada por arqueólogos apresenta continuidade entre uma fase pré-histórica e uma ocupação de um grupo etnohistórico, há maior potencial (com ressalvas) para esquadrinha de uma sequência mortuária.

Considerando as múltiplas perspectivas de análise, proposições teórico-conceituais e técnicas que implicam no estudo da morte (suas visões, formas vestigiais das manifestações ritualísticas, das deposições dos corpos, seus acompanhamentos funerários, os “padrões” de enterramento, seu universo social, antropológico, biológico, taxonômico, tanatológico, médico, arqueológico, forense, histórico), torna-se evidente a preocupação dos arqueólogos quanto aos vestígios, à cultura material funerária e os restos humanos.

Lewis R. Binford em seu clássico artigo de 1971 concorda que o número e as formas específicas das dimensões da pessoa social comumente refletem nos rituais funerários várias significações sobre a complexidade organizacional da sociedade mensurada por diferentes formas de práticas de subsistência. Para o autor, a interpretação arqueológica das práticas mortuárias é de grande importância. Os sepultamentos humanos são uma das freqüentes classes de caracteres culturais observados pelos arqueólogos, que desenvolveram complicados paradigmas para descrever e analisar tais vestígios. Uma gama de definições específicas como *sepultamentos fletidos, estendidos, semi-fletidos, secundários, primários, simples, múltiplos, cremações* ou *inumações* acabam por revelar uma preocupação com a descrição das diferenças e similaridades observadas.

Sepultamentos são classes distintas de um fenômeno variável. Esforços comparativos e teóricos consideráveis têm sido elaborados por etnólogos e antropólogos que trabalham com populações vivas. Binford destaca três classes de informações sobre a literatura referente às práticas mortuárias. A documentação da perspectiva filosófica sobre o problema da explanação de várias facetas dos costumes mortuários; um inventário dos argumentos específicos e generalizações empíricas que têm sido propostas para explicar as variações das práticas mortuárias; a observância de variações na forma das configurações espaciais dos enterros e tendências observáveis ou sequências temporais das

mudanças formais nas práticas mortuárias. Seus continuadores utilizaram analogias etnográficas selecionadas para a interpretação de práticas mortuárias semelhantes.

Certos procedimentos propostos por Chamberlain são encontrados nos trabalhos de Lilia M. Cheuiche Machado (1983), S. M. Souza (1992-93), Monica Portas e Monica Sans (1994), entre outros. Os autores consideram os restos humanos em suas análises arqueológicas, muito embora façam largo uso de métodos das ciências biomédicas para obter resultados que satisfaçam suas necessidades, como por exemplo a determinação de idade, sexo, condições da saúde bucal, curvas de mortalidade, homogeneidade morfológica da população em estudo.

O livro de Chamberlain vem contribuir mais uma vez (além dos manuais de Bass e outros já citados) para a lembrança de que as perspectivas biomédicas e bioquímicas de análise de restos humanos constituem uma porção ou mesmo subordinam as análises arqueológicas de tais achados. Uma crítica parece pertinente quando ocorre a predominância de determinismos genéticos e biológicos na interpretação de culturas extintas. Restos humanos e práticas culturais interrelacionam-se. Chamberlain parece hipervalorizar procedimentos de outras disciplinas científicas que abordam o material humano dentro de suas perspectivas específicas. Uma gama de definições médicas, biológicas e físico-químicas e mesmo essencialmente demográficas acabam por sufocar perspectivas e potenciais de análise arqueológica dos materiais ósseos. Está quase que ausente a idéia de um resto humano interdependente do seu contexto de campo, arqueológico. O fragmento ósseo ou parte de um corpo mumificado é visto em si e por si, destituído de um contexto que poderia ser de grande importância para estudos arqueológicos sobre morte.

Uma gama de gráficos e fotografias (fotomicrografias, fotomacrografias, close-ups, verticais, oblíquas, vistas gerais de campo, aerofotografias) são utilizados pelo autor para suas explanações sobre o tema. Seus gráficos e fotografias de aspectos patológicos constituem registros dos dados observacionais de campo que perfazem um viés na formulação de teorias arqueológicas referentes ao problema dos restos humanos. Chamberlain parece polvilhar aspectos de problemas que afligem arqueólogos e demais interessados no estudo dos

remanescentes humanos (e, eventualmente, seus acompanhamentos funerários e demais relações espaciais e culturais em questão). Tornou-se evidente, acredito, que o arqueólogo deve estar interessado em algo mais além de única e exclusivamente

nos materiais humanos em si mesmos, destituídos de uma inserção no sítio arqueológico e suas implicações significantes quanto aos aspectos das práticas mortuárias e suas potencialidades para interpretação no campo da Arqueologia.

Referências bibliográficas

BARTEL, B.

- 1982 A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analysis of Mortuary Practice. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1: 32-58.

BINFORD, L.R.

- 1971 Mortuary practices: their study and their potential. J.Brown (Ed.) *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, 25: 6-29.

FLEMING, A.

- 1972 Vision and design: approaches to ceremonial monument typology. *Man*, 7: 57-73, 1972.
- 1973 Tombs for the living. *Man*, 8: 177-193, 1973.

MACHADO, L.M.C.

- 1983 *Análise de Remanescentes Ósseos Humanos do Sítio Arqueológico Corondó, RJ (Aspectos biológicos e culturais)*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP.

PORTAS, M.; SANS, M.

- 1994 Histórias de vida en los restos esqueléticos de dos sitios con elevación del departamento de Rocha, Uruguay. *Arqueología en el Uruguay: 120 años después*. VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguay. Museo Regional "Francisco R. Mazzoni", Maldonado: 32-35.

SOUZA, S.M.

- 1992/93 Paleopatologia Humana de Santana do Riacho. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte, MG*. Cap. 17, vol. XIII/XIV: 129-160; Paleodemografia da População do Grande Abrigo de Santana do Riacho, Minas Gerais: uma hipótese para verificação. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte, MG*, Cap. 18, vol. XIII/XIV: 161-171.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 1996.

Notas

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO BAIXO VALE DO RIBEIRA: DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL E MATERIAL

A presente nota tem por objetivo apresentar um primeiro informe a respeito do trabalho que vem sendo desenvolvido no Baixo Vale do Ribeira sobre os vestígios histórico-arqueológicos da região.¹

Os dados e informações sobre a ocupação européia estão sendo obtidos através de três tipos de documento: fontes textuais, fontes orais e vestígios arqueológicos, que exigem um tratamento metodológico diferenciado.

A intenção, é claro, não foi criar intrincadas formas de abordar o objeto de trabalho, a fim de revolucionar o estudo arqueológico no Brasil. Foi, sim, proceder a uma tentativa de entendimento do processo de assentamento que vem acontecendo na região desde a chegada dos europeus no Brasil e seus reflexos na situação atual.

O aspecto mais importante do trabalho reside na utilização de fontes orais e textuais de maneira ativa, não apenas como “complemento” das informações arqueológicas. O projeto está sendo desenvolvido dentro de uma abordagem de área. Nessas condições privilegia todo um complexo e interdependente conjunto de construções, desde edifícios até intervenções mais profundas no ambiente, como obras hidráulicas e sistemas viários.

Para tanto, foi desenvolvido levantamento de sítios arqueológicos da região (primeira etapa ao longo do Mar Pequeno e, segunda, ao longo da margem direita do Rio Ribeira – do Valo Grande até a sua Barra). O resultado foi bastante satisfatório pois, além de localizar trinta e quatro sítios arqueológicos – vinte e quatro deles históricos –, ainda foram obtidas algumas informações a respeito dos mesmos, através de antigos moradores da região.

Paralelamente, foram desenvolvidas pesquisas das fontes textuais no Arquivo do Estado de São Paulo, no Cartório de Registro Geral de Iguape e, recentemente, no Arquivo da Cúria Metropolitana. Fontes textuais secundárias também foram levantadas em diversas Instituições.

(1) Faz parte de um projeto mais amplo coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

Esta nota trata basicamente da apresentação do método de sistematização das fontes textuais primárias e sua relação com os vestígios arqueológicos encontrados, bem como do alcance das novas possibilidades vislumbradas, a partir das pesquisas preliminares.

Breve abordagem histórica da região

A história da região vem sendo escrita desde a chegada dos primeiros europeus ao Brasil. A ocorrência de lendas na região é intensa, começando com a primeira fundação, cujo local ainda não é conhecido. Existe uma história em torno do Bacharel de Cananéia que teria habitado a Barra de Icapara.

A presença dos nativos na época do descobrimento pode ser atestada pelos sítios arqueológicos de contato já estudados na área. Há notícias, fornecidas pelos cronistas do século XVI, que mostram que a região teria sido rota de entrada de expedições de reconhecimento.

A região passou a ter importância com a descoberta de ouro, no início do século XVII, abrigando a primeira Casa de Quintar Ouro da Colônia.

Seu auge aconteceu com o ciclo do arroz que gerou a maior parte das ruínas – antigos engenhos, obras hidráulicas e viárias, localizadas até o momento. São deste tempo as histórias sobre os escravos que ainda estão bem vivas no imaginário popular. Eles insistem em chamar qualquer ruína construída com pedras de “Senzala”. A presença dos índios, no entanto, parece ter sido esquecida ao longo do tempo.

A pesquisa de arqueologia histórica é inédita na região, que já tinha sido objeto de atenção com referência a outros períodos de ocupação.²

(2) A região passou por diversos tipos de “exploração arqueológica”. Desde a exploração do naturalista alemão Krone até excursões promovidas por curiosos. Os Profs. Drs. Dorath Pinto Uchôa e Caio Del Rio Garcia também procederam a levantamentos dos Sambaquis nas décadas de 60 e 70. Desde a década de 80, a Profa. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia vem desenvolvendo pesquisas na área.

O estudo do complexo constituído por essas ruínas e seu contexto de utilização mostra-se, assim, útil do ponto de vista do exercício acadêmico, resgatando informações a respeito das técnicas utilizadas e das respostas adaptativas ao meio realizada pela antiga população, trazendo à luz dados importantes, a fim de que se proceda a um melhor conhecimento da região, possibilitando, entre outras coisas, uma utilização organizada e racional do potencial turístico da área em pauta.

Arquivo do Estado de São Paulo

Dos documentos pesquisados na referida instituição, os que trazem maior quantidade de dados relevantes são aqueles reunidos sob o título de “Requerimentos e Ordenanças”, “Ofícios” e “Ofícios Diversos”, todos de origem oficial ligados à administração da Colônia e mais tarde do Império; verificou-se também a existência dos “Documentos Interessantes” e “Boletim” que trazem documentos de diversos tipos selecionados por antigos funcionários do Arquivo; já as “Sesmarias” e os “Inventários e Testamentos” trazem informações de documentos mais antigos, só preservadas graças ao fato de terem sido publicadas (a partir do início deste século).

Grande parte dos documentos referem-se a povoações incipientes dos arredores da atual cidade de Iguape e em direção ao interior; a maioria deles foi produzida nos séculos XVIII e XIX. Quanto aos primeiros séculos de colonização, a maior parte trata de sesmarias (ou datas de terra), inventários e testamentos.

A fim de organizar as informações coletadas, foi elaborada uma ficha onde constam informações sobre a localização e tipo do documento, autor, período, tipo de estrutura descrita ou mencionada, desenho da estrutura, compilação e número do catálogo de informação.

O grande volume de documentação textual pesquisado no Arquivo do Estado de São Paulo foi dividido em dois grandes grupos, a fim de facilitar

o trabalho de resgate de informações de interesse arqueológico:

1. Assuntos gerais – são todos os documentos que oferecem algum tipo de informação não relacionada diretamente à cultura material, mas sobre as atividades desenvolvidas na região estudada. São aqueles documentos que os historiadores utilizam para tentar reconstruir a realidade de outras épocas, privilegiando questões mais ligadas ao mundo das idéias, do cotidiano, etc.

Além de contribuir para traçar um panorama da evolução do processo de ocupação da área, sob um ponto de vista mais amplo, esta documentação pode fornecer dados indiretos sobre a localização dos vestígios materiais que as sociedades antigas produziram.

Esta categoria engloba temas abrangentes, tais como mineração, situação dos indígenas, dos escravos, vigilância dos portos e invasões de piratas, naufrágios, exploração de madeiras, etc. (ver Quadro I).

2. Estruturas – esta categoria trata de informações relacionadas diretamente às estruturas construídas pelo homem e que modificam, em diferentes graus de grandeza, o meio ambiente (ecofato). Trata-se de sistemas viários, sistemas hídricos, bens particulares e obras públicas. Os temas mais comuns referem-se ao destino de edificações, tais como a Casa de Quintar Ouro e da antiga Matriz de Iguape, às fundações de povoados, à situação dos engenhos, à abertura de estradas, à construção ou manutenção de canalizações, pontes, valos, furados, portos, etc. (Quadro II) e à distribuição ou redistribuição de terras.

O Quadro III traz o nome dos sítios localizados, as unidades de observação e o material existente em cada um. Posteriormente, uma nova coluna será incluída, trazendo a compilação e referência da documentação textual correspondente a cada sítio.

Assim, a proposta é trabalhar sistematicamente com as duas fontes de documentos, visando caracterizar a ocupação histórica da região.

QUADRO I

Assuntos Gerais			
Tipo de documentos	Data	Assunto	Obs.
Ordenanças e Requerimentos	08/07/1722	Necessidade de defesa da Barra graças à presença de piratas.	
Ordenanças e Requerimentos	01/08/1722	Fortaleza – necessidade de defesa da Vila	
Ordenanças e Requerimentos	23/04/1817	Entrada e saída de embarcações sem vigilância na Barra de Icapara.	
Ordenanças e Requerimentos	30/04/1809	Sobre a fortaleza da Barra de Cananéa e a necessidade de defesa na Barra do Ribeira.	
Carta Régia	08/07/1726	Perigo de invasões piratas em Iguape e Cananéa (falta de fortalezas).	* Docs. Ints.
Ordenanças e Requerimentos	1829	Vigia da vila.	
Carta Régia		Chegada de dois padres para levantarem plantas e mapas.	* Docs. Ints.
Ofício	08/10/1855	Remetendo mapas de exploração indígena.	
Ofícios Diversos	186?	Informa a efetuação de uma planta provisória da Barra de Icapara.	
Ofício	08/03/1853	Invasões dos índios Botocudos em Itariry.	
Ofício	09/06/1848	Arrecadação da "peça" da Barra de Icapara; forte na Barra de Cananéa.	
	05/12/1765	Fundação de povoação na Ribeira de Sabaúma.	* Docs. Ints.

* Documentos publicados na coleção Documentos Interessantes no volume 18, pp. 230, 261 e volume 65, p. 29, respectivamente.

QUADRO II

Estruturas			
Tipo de documento	Data	Estrutura mencionada	Obs.
Pedido de terras	25/06/1684	Minas de prata de Parnagoá (gentios de diversas nações)	
Requerimentos	01/01/1726	Casa de quintar ouro	
Ofício	06/02/1856	Estradas de serra	
Ofício	02/03/1852	Envia a relação de bens pertencentes à fabrica desta cidade	
Carta		Serviço de paradas no Porto do Una	*Docs.Ints.
Requerimento	15/03/1734	Casa de oficina de iguape	
Requerimento	19/02/1817	Casa de fundição de ouro	
Ofício	06/12/1841	Engenho de serra	
Ofício	20/03/1852	Comunica a inexistência de fábricas em Iguape, apenas alguns engenhos de arroz, de moer cana e socar café	
Ofício	23/03/1852	Mapa demonstrativo das fábricas de arroz e aguardente	
Ofício	04/11/1854	Informações a respeito das obras públicas de iguape	
Ofício	08/09/1858	Demolição da antiga Igreja Matriz de Iguape	
Ofício	08/10/1866	Canalização das águas do Morro do Senhor	
Ofício	10/10/1873	Canalização das vertentes do Morro do Senhor	liberação
Ofício	13/03/1876	Chafariz	

* Documentos Interessantes, volume 58, p. 349.

QUADRO III

Sítios Históricos Localizados			
No.	Nome do sítio	Unidade de observação	Material existente
3	Sítio do Júnior	barragens e blocos de pedra	
24	Loteamento I	muros e blocos de conchas	conchas e telhas
26	Marinheiro	vestígios arquitetônicos	faiança, vidros e telhas
25	Haroldo Rollo		faiança, cerâmicas, telhas e conchas
19	Abriçó	vestígios arquitetônicos	faiança e cerâmica
7	Valdir	muro de pedra	
15	Itaguá	duas construções, aterro de proteção e direcionamento de água, barragem para açude	faiança, cerâmica, telhas, metais, madeira e vidro
8	Sta. Therezinha	escada esculpida em rocha	duas lâminas de machado
17	Lagoinha	estruturas arquitetônicas, forno e barragem	faiança
16	Bocava	estruturas arquitetônicas e vestígios conchíferos	faiança e conchas
29	Sítio do Lauro	estruturas arquitetônicas	
28	Sítio do Dionísio	pilares, blocos de pedra e forno	faiança, telhas, cerâmicas e vidro
34	Sítio do Forno	forno de pedra	
35	Senzala	edifício e barragem	
30	Sítio do Dito	estruturas arquitetônicas	
48	Quatro Colunas	quatro colunas e muro de alvenaria	
36	Porto Grande		
38	Santa Cruz	estruturas arquitetônicas	
39	Boa Vista	estruturas arquitetônicas	
41	Casarão	estruturas arquitetônicas, canalizações e barragem	
43	Boiquara	estruturas arquitetônicas e valas	faiança, telhas e metais
44	Três Barras	uma parede e três pilares	
06	Tapari	alicerces	fechadura de ferro
47	Porcina	estruturas arquitetônicas	

*Cleide Franchi**

Recebido para publicação em 16 de dezembro de 1996.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-Graduação, mestrado.

LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE

Em 1973, por ocasião do Xº Congresso Internacional de Arqueologia Clássica em Ancara, Turquia, reuniu-se um número representativo de Arqueólogos para oficializar um programa internacional objetivando a publicação sistemática das fontes da iconografia mitológica grega, etrusca e romana. O programa com o nome de *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)* passou a receber progressivamente o apoio de organismos internacionais importantes voltados à ciência e à cultura. Dessa maneira, sob a égide da Union Académique Internationale (UAI), com sede em Bruxelas, organizou-se um Comitê Científico Internacional, com membros de quarenta países participantes do programa, e no qual representamos o Brasil, compôs-se uma Diretoria e uma Comissão de Redação. Finalmente, um *pool* financeiro internacional foi estabelecido com o suporte da UNESCO (na qual o *LIMC* é uma de suas ONGS – Organização não governamental) e das várias Fundações e Conselhos de pesquisa dos países-membro, sendo que a maior parte dos gastos é coberta pela J. Paul Getty Trust (Malibu, USA) e pelo Fonds National Suisse que financia, também, o funcionamento em Basileia (Suíça) da sede Internacional para a documentação do *LIMC* e a Redação Central.

Além de membro do Comitê Internacional do *LIMC* e encarregada de fornecer a documentação iconográfica da mitologia clássica conservada nos museus brasileiros (São Paulo, MAE-USP e MP-USP; Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade Federal, Museu Histórico Nacional e Museu do Banco do Brasil) e de Montevidéu (Museu de Arte Decorativo, Ministério de Educación y Cultura), foi nos dada a incumbência da redação dos artigos ERINYS (tomo III), HESTIA (TOMO V), HEKATE (tomo VI) e ORESTES (tomo VII).

A publicação total deste *Lexicon* comportará oito tomos com dois volumes (um volume de texto e um volume de pranchas), possuindo cada volume uma média de 800 páginas. A ordem dos artigos é alfabética e o texto é redigido numa das quatro línguas, alemão, francês, inglês e italiano, à escolha dos autores. A editora, Artemis Verlag de Zurique e Munique, é uma das melhores para este tipo de publicação.

Até agora sete tomos já foram publicados, desde 1981, encontrando-se no prelo o tomo 8, o último, que deverá ser lançado em maio de 1997.¹

Esta obra, de importância capital, sistematiza os nossos conhecimentos na área da iconografia mitológica clássica, nos limites cronológicos situados entre o final do período micênico e o início do período paleocristão. Obra inovadora, compreende não apenas a iconografia grega, etrusca e romana, mas também a iconografia periférica, isto é, das regiões helenizadas e romanizadas. Acentua essencialmente o estudo das imagens e da sua evolução, com base em todo tipo de documentos figurativos, esculturas e relevos, vasos pintados, mosaicos, moedas, etc. Recorre com frequência às fontes escritas referentes às representações imagéticas dos mitos.

Desse modo, é uma obra que interessa aos especialistas da Antigüidade Clássica incluindo arqueólogos, filólogos, historiadores, historiadores da arte, filósofos, historiadores da religião; interessa também a todas as pesquisas que valorizam a imagem como forma de expressão no decorrer dos tempos, até a época contemporânea.

Os artigos, que em muitos casos são verdadeiras monografias ou livros pela sua extensão, dividem-se em quatro partes: I. Introdução, II. Bibliografia, III. Catálogo, IV. Comentário.

I. *Introdução*. Comporta a indicação dos nomes da figura mitológica, em grego, etrusco e latim, incluindo todas as formas existentes (por exemplo, no Linear B micênico, se for o caso, nas inscrições, etc.); nos casos de sincretismos, assimilações ou identificações regionais nas áreas periféricas ao mundo clássico, as denominações são indicadas onde há o tratamento específico dessas

(1) Já foram resenhados os seguintes tomos: *LIMC I*, 1981, *Cultura Clássica em Debate*, Belo Horizonte, UFMG/CNPq/SBEC, 1987, p. 83-85 (Haiganuch Sarian); *LIMC II*, 1984, *Classica*, São Paulo, 1, 1988, p. 153-159 (Haiganuch Sarian); *LIMC III*, 1986, *Classica*, São Paulo, 3, 1990, p. 209-212 (Maria Helena da Rocha Pereira); *LIMC IV*, 1998, *Classica*, São Paulo, 4, 1991, p. 235-36 (Roseli Fellone); *LIMC V*, 1990, *Classica*, São Paulo, 5/6, 1992/1993, p. 269-273 (Roseli Fellone); *LIMC VI*, 1992, *Classica*, São Paulo, 7/8, 1994/1995, p. 374/377 (Roseli Fellone).



entidades ou heróis. Seguem-se a definição da figura mitológica e a descrição dos temas com ela relacionados, bem como a menção das principais referências literárias quando essas são importantes para o estudo iconográfico.

II. *Bibliografia*. Trata-se apenas da bibliografia geral sobre a figura mitológica ou estudos de história da religião e da mitologia em que estas figuras recebem uma abordagem particularizada. Todas as obras de referência aos objetos são citadas no *Catálogo* ou no *Comentário*.

III. *Catálogo*. Propõe-se logo no início um plano desse catálogo com suas várias divisões e subdivisões. O catálogo propriamente dito é uma parte substancial do artigo, e apesar de ser estabelecido com rigor não se pretende que seja exaustivo. É portanto seletivo desde que se indiquem todos os tipos iconográficos e suas variantes, bem como todas as categorias de objetos que representam as figuras mitológicas. A descrição dos objetos nos catálogos segue normas estritas que uniformizam os vários artigos do LIMC, funcionando como uma *publicação sistemática dos objetos enquanto suportes ou expressões de imagens*. Nesse sentido, ela é vista de um ângulo estritamente iconográfico. São portanto indicados: a) o tipo de objeto, forma e lugar de fabricação; b) as referências museográficas; c) o local de achado; d) uma bibliografia seletiva, com as obras básicas de referência, o estudo mais recen-

te e melhor documentado e também a melhor ilustração; e) a cronologia e o nome do seu proponente; f) a descrição compreendendo apenas a indicação das figuras mitológicas representadas, seguida de sua ação e particularizando a figura principal tratada no artigo.

IV. *Comentário*. Não segue normas tão estritas quanto o catálogo mas de uma maneira geral pretende-se que seja essencialmente iconográfico e fundamentado nos documentos mencionados no *Catálogo*. Nesse, os objetos seguem uma ordem iconográfica, considerando sucessivamente os episódios da vida da personagem mitológica em questão; o *Comentário* segue a ordem cronológica dos objetos tomados como documentos que transmitem a imagem. Assim, apesar das inúmeras variações no tratamento dessa parte do artigo, são comuns os seguintes itens: a) indicação do surgimento das primeiras representações da figura mitológica; b) tanto quanto possível mostram-se as relações entre a imagem e a prática cultural, mas tomando a imagem como ponto de partida e utilizando tradição literária ou prática cultural apenas para reforçar a compreensão do desenvolvimento; c) ressalta-se a diferença dos temas iconográficos na área grega, etrusca e romana, ou ao contrário sua convergência; d) finalmente, pode-se evocar a repartição geográfica dos temas iconográficos e colocá-los em relação com a distribuição espacial dos santuários, ou cul-

tos, ligados às mesmas personagens divinas ou heróicas.

Essas normas caracterizam no geral todos os artigos do *LIMC*, havendo, entretanto, aqui e ali algumas modificações, adaptações ou mesmo inovações dependendo de exigência às vezes do próprio tema abordado, outras vezes da orientação intelectual do autor. À parte essas ressalvas, os princípios que preconizam a estrutura dos artigos são respeitados dando como resultado uma obra homogênea, de fácil leitura e compreensão.

Os documentos publicados são em grande parte inéditos ou pouco conhecidos ou mesmo de difícil acesso. Reunidos como estão nesses volumes, permitem um estudo comparativo que não deixa de ter sua importância, não só no interior de um mesmo artigo como também de um artigo a outro. Vale lembrar as interessantes aproximações possíveis entre representações anicônicas e expressões hermaicas de divindades, sem contar os vários *xóana*, formas primitivas das figurações divinas, para citar apenas alguns exemplos. Uma reunião de tal porte, destacando as várias categorias de objetos, permite uma compreensão melhor das representações em suportes de natureza e função bastante diferenciadas, de modo a captar em profundidade o significado dessas imagens também em contextos diferentes: uma imagem não evoluirá do mesmo modo na pintura cerâmica, na estatuária, nos mosaicos, nas moedas. Só um levantamento tão rigoroso da iconografia mitológica clássica pode permitir a abertura para novas orientações de estudo e de interpretação nessa área. Além do seu valor inestimável como tesouro documental, essa obra permanecerá como uma referência indispensável ao progresso do conhecimento sobre as mais significativas formas de expressão da cultura e da mentalidade no mundo antigo: arte, imagem, mito e religião.

O *Lexicon* exigiu esforços durante um quarto de século. O Comitê Científico Internacional preocupa-se agora com a sua continuidade e, com este propósito, reuniu-se em maio de 1995 em Los Angeles/Malibu (USA) a convite do J. Paul Getty Museum. Foi feito um balanço do programa em sua totalidade e estabeleceram-se vários critérios para a informatização geral dos arquivos do *LIMC* e para a constituição de um Banco de Imagens, dividindo-se as responsabilidades entre o Antikenmuseum de Basileia (Suíça) e o J. Paul Getty Museum de Malibu (USA). Destes programas surgirão outros projetos, com prioridade o *Thesaurus Iconographiae Cultus Rituumque Classicorum*, objetivando a iconografia dos cultos e dos rituais no mundo clássico.

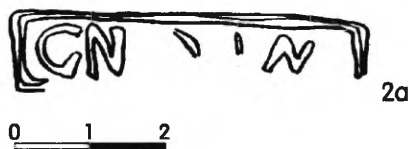
Desde já, prevê-se para este *Thesaurus* uma estrutura em quatro partes: 1) Atividades (sacrifícios, etc.); 2) Instrumental dos cultos; 3) Iconografia dos locais de culto; 4) Índice de deuses, heróis, etc. Para tanto, os membros do Comitê Científico Internacional dispõem de um guia para a documentação necessária a ser publicada no *Thesaurus* referindo-se a: – sacrifícios; – cenas de oferendas; – figuras diante de hermas; – procissões; – cenas de dança ritual; – cenas de mistério; – adivinhação; – cerimônias rituais e funerárias; – rituais de casamento; rituais aos mortos; – figuras com gestos rituais; – personagens com roupas sacerdotais ou vestes rituais, incluindo máscaras; – representações de santuários e locais de culto.

É o suficiente para afirmar que se trata de mais um programa de fôlego para os próximos anos. À frente deste programa, o Comitê Científico Internacional reunir-se-á de dois em dois anos, sendo a próxima reunião na Grécia em maio de 1997. Oxalá o *Thesaurus Iconographiae Cultus Rituumque Classicorum* tenha tanto sucesso quanto o *LIMC*: *agathè týkhe*.

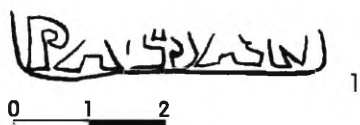
*Haiganuch Sarian**

DRESSEL 20 STAMPS FOUND AT THE ANNETWELL STREET EXCAVATIONS IN CARLISLE, U.K.

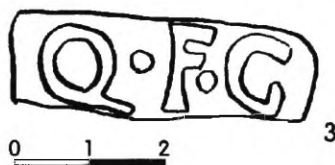
Eight Dressel 20 stamps found at the Annetwell Street excavations in Carlisle provide some interesting new data relating to dating and the possible relationship between a site in the northern frontier of the Roman Empire and the olive oil exporting regions of Southern Spain. Louise Hird (Carlisle Museum) submitted to the author four stamps (numbers 1, 4, 6, 7) and four drawings (numbers 2, 2a, 3, 5). The stamps are shown here in the now common *nomen* alphabetical order.



2a. GANT ON. Unpublished stamp, dated contextually in the Flavian period (A4886 P 5617 Period 3/1).



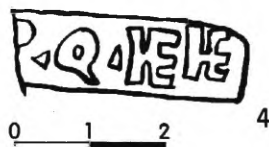
1. PAL.SAEN. Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 3518, Callender 1559, Remesal 239, Ponsich 2, 43, 79; Funari 11), dated contextually at Carlisle AD 79-85 (CAR 83 ANN A 3794 GAD 162 P. 5/9); 2.1 x 0.6 Roman inches; the fabric is grey. Produced at Huertas del Río. The reading is P() A() L() SAE(). Discussion: this unparalleled stamp was produced at Huertas del Río, at the *Conuentus Hispanensis*, not far from Lora del Río, ancient Axati, where the SAENIA() series is reported. The *tria nomina* should be P()A()L(), perhaps related to the P()A()I() stamp found at Rome by Dressel (CIL XV, 2, 2669).



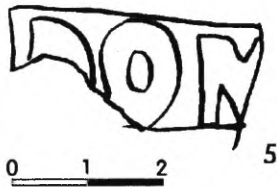
3. Q.F.G. Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 2835a-g, Callender 1449, Remesal 98, Ponsich 2, 10, 102), dated contextually in the late second century AD (C78/57 SF 78 Period 9); 2.0 x 1.8 Roman inches. Produced at Peñaflor, ancient Celti, at the *Conuentus Hispanensis*. Reading: Q()F()G(). Discussion: the stamp is well dated elsewhere, at Rome (Testaccio B, C, M = AD 145-161) and Augst (AD 90-130).



2. GANTONI QVIETI. Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 2703, Callender 243, Remesal 35, Ponsich 1, 182, 4), dated contextually in the Flavian period (C 77/19 SF 34 Period 3); 3.6 x 0.8 Roman inches. Produced at Alcolea, ancient Canania, at the *Conuentus Hispanensis*. Reading: C() ANTONI QVIETI.



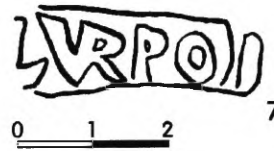
4. P.Q.HEHE. Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 3106, Callender 1378, Remesal 128, Funari 114), dated contextually in the first half of the second century AD (CAR 83 ANNA 2409 RRI 182 P80 7.3 83 PAT); 0.6 Roman inches; the fabric is grey. Produced at La Catria, at the *Conuentus Hispanensis*. The reading is P(ortu) Q()HE()HE(). Discussion: the same stamp is dated at Avenches in the second half of the first century AD.



5. DOM. Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 2800, Callender 552, Remesal 188, Ponsich 1,141,45), found in a probable residual post Roman context (C 73/74 SF 36); 0.8 Roman inches. Produced at Alcolea, ancient Canania, at the *Conuentus Hispalensis*. The reading is D(OO)M() or DOM(iti). Discussion: the stamp is dated at Rome in the Antonine period (CIL XV, 2, 2800; 3864).



6. ROMANI (palme). Unpublished stamp (cf. CIL XV, 2, 3130, Callender 1541, Remesal 224, Funari 198e), dated contextually from 80 to 100 AD (CAR 84 ANN A 4859 1 TA 6/31 84); 2.1 x 0.9 Roman inches; the fabric is buff. Produced at Las Delicias, at the *Conuentus Astigitanus*. The reading is ROMANI. Discussion: this stamp was produced at least from the AD 60s to the 100s.



7. L.VRPOR. Unpublished stamp (cf. Callender 960, Ponsich 1, 191, 136, Funari 259), contextually associated with first half of the second century material (83 ANN A 2360 DAP 15IV POT); 0.6 Roman inches; the fabric is grey. Produced probably at Tostoneras, not far from Arva, at the *Conuentus Hispalensis*. The reading is L(VR)POT(tu). Discussion: we do not have other dated stamps for the series, with the possible exception of VRP stamps published by Kilcher, dated at Augst in the period AD 70-130.

Most stamps are dated up to the Antonine period, with only one late second century stamp, suggesting a decline of imports in the late period. Seven stamps (87.5%) came from the *conuentus Hispalensis* and only one (12.5%) from the *conuentus Astigitanus*, being remarkably absent exports from the *conuentus Cordubensis*. All the stamps from the *conuentus Hispalensis* came from the same axis Canania-Arva-Lora la Vieja and one could suppose that olive oil suppliers from the area had some kind of special relationship with this section of the northern frontier.

Pedro Paulo A. Funari*

References

- CALLENDER, M.
1965 *Roman Amphorae, with an Index of Stamps*. Oxford, Oxford University Press.
- FUNARI, P.P.A.
1996 *Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish olive oil, with a catalogue of stamps*. Oxford, BAR.
- MARTIN-KILCHER, S.
1987 *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst*. Augst, Römermuseum Augst Verlag.
- PONSICH, M.
1974 *Implantation rurale antique sur le Bas-Guadalquivir I*. Paris, De Boccard.
- REMESAL, J.
1986 *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid, Universidad Complutense.

Recebido para publicação em 18 de agosto de 1996.

(*) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

PROJETO DE PESQUISA *ETNOHISTÓRIA DO ALTO RIO XINGÚ – PESQUISA INTERDISCIPLINAR – PARQUE NACIONAL DO XINGÚ, MATO GROSSO: PRIMEIROS RESULTADOS*

O Projeto Etnohistória da Região do Alto Xingú, uma investigação interdisciplinar iniciada há mais de vinte anos e retomada em 1994 com novos propósitos, tem por objetivo contribuir para o conhecimento da história desta região, atualmente habitada por onze grupos indígenas de diversas filiações linguísticas (Aruak, Tupi, Karib, Jê e uma língua isolada).

O fato de pertencerem a várias famílias linguísticas não impede que se observe entre estes grupos uma homogeneidade cultural extraordinária, que já levou Karl von den Steinen há mais de cem anos atrás a falar da *Cultura Alto-Xinguana* como um todo. Devido a uma peculiaridade de vestimenta feminina, a área hoje também é referida como Área do Uluri.

Esta uniformidade cultural¹ bastante singular no quadro etnográfico brasileiro,² quanto a sua origem, até hoje não encontrou explicação satisfatória e os conhecimentos que se tem a este respeito continuam fragmentários e desiguais em qualidade (Agostinho 1993: 238). Dever-se-ia a processos aculturativos intra-área? A uma mesma origem e pertinência cultural? E, nesta última hipótese, qual teria sido este lugar de dispersão e há quanto tempo atrás teria ocorrido?

A partir de comparações de elementos da cultura material tinha-se como seguro que as sociedades alto-xinguanas, todas agrupadas ao padrão cultural da Floresta Tropical, teriam migrado de regiões mais expostas ao contato com o branco para esta área não antes de trezentos anos atrás, ocupando a região dos formadores

do Xingú, de difícil acesso, como área de refúgio (Baer 1960: 82).

Este espaço de tempo, contudo, é demasiadamente curto para a constituição de um fundo cultural comum, razão pela qual Baer sugeriu um processo aculturativo já iniciado anteriormente às imigrações e uma aceleração aculturativa intra-área em função de ameaças contínuas por parte de grupos hostis.

Os dados que obtivemos durante a pesquisa de campo, realizada durante os meses de agosto a setembro de 1995, revelam novos aspectos nesta problemática, sugerindo que:

- um dos grupos atuais seja remanescente de uma sociedade autóctone, complexa e poderosa, ou, então, que
- anteriormente aos grupos atuais, a região tenha sido habitada por uma sociedade mais desenvolvida do ponto de vista cultural.

Estas hipóteses se baseiam nos seguintes fatos observados:

- 1) a existência na região de valetas ou fossos de origem antrópica;³
- 2) a existência de construções pedológicas, formando elevações ou plataformas, ambas de dimensões e extensão consideráveis.

Estas construções foram por nós localizadas e estudadas em dois sítios distintos:⁴

(3) A origem natural ou artificial das valetas dividiu os autores em favoráveis a uma ou outra destas alternativas. A favor da primeira hipótese citam-se Simões (1967: 140), Kneip (1969: 1), Becquelin (1993: 228). A segunda é abraçada por Kalervo Oberg (1953: 9), Gertrude Dole (1961-2: 403-5), Villas-Bôas (1970: 22).

(4) Foi relatada a existência de valetas em vários outros lugares. As plataformas até agora não foram referidas.

(1) A uniformidade cultural observada, contudo, deixa margem a diferenças.

(2) Uma região etnográfica com características semelhantes é a do Alto rio Negro.

- a) nas proximidades do Posto Leonardo Villas Bôas (4,5 Km do Posto Leonardo), nas imediações do rio Tuatuari e
- b) perto da aldeia Waurá (cerca de 23 Km do Posto Leonardo).

Acrescentamos a seguir alguns detalhes destas investigações:

Foram efetivados em ambos os sítios prospecções, determinações de localização (estabelecidas com a ajuda de um aparelho de posicionamento por satélite, GPS) e extensão das estruturas, mapeamento dos pontos plotados, etc.

As investigações no sítio Tuatuari

1) As valetas

Encontramos, neste sítio, vários segmentos de valetas que, na realidade, se resumem a uma única valeta, interrompida em vários lugares ao longo do seu traçado. À primeira vista, percebe-se que existe uma inflexão no seu traçado. A terra removida do interior foi depositada quase sempre ao lado interno da curva. Em alguns pontos encontra-se acumulada em ambas as margens da valeta. Tanto o acúmulo unilateral interno como bilateral constituem um forte argumento a favor de uma gênese antrópica, visto que no caso de uma origem natural, a formação de diques marginais ocorre do lado externo da curva de um rio ou meandro. Um outro argumento em sustento da sua artificialidade é a presença de fragmentos de cerâmica. Encontram-se na margem externa, bem como no fundo da valeta, em solo natural, não perturbado, sugerindo, inclusive, uma ocupação anterior à dos construtores da valeta.

A valeta apresenta as seguintes características:

- Formato: elipsoidal e não circular como se pensava num primeiro momento;
- Extensão: eixo maior, aprox. 1.250m; eixo menor, aprox. 650m;
- Profundidade média (atual): 1,50m;
- Largura média: 9m.

Como referido, apresenta esta valeta interrupções. Esta circunstância em conjunto com a vegetação que recobria toda esta região (sapezal) impossibilitou o encontro da porção sul da elipse. O que, todavia, ficou claro é que a valeta não se desenvolvia em direção ao rio, outro argumento a favor de sua origem artificial.

2) As outras estruturas (plataformas) encontradas

Localizamos nesta etapa de pesquisa, novas feições pedológicas em forma, elevações ou plataformas próximas na área circunscrita pela valeta. Trata-se de diversas elevações lineares, convergindo para uma configuração elíptica, um “anel” como nós o denominamos num primeiro momento. Também aqui não se trata, portanto, de uma construção contínua, mas de segmentos, em seu conjunto formando uma elipse. Os diversos segmentos apresentaram as seguintes dimensões:

- a) Largura média: 12m, sendo mais largo nos pontos próximos às interrupções, chegando aos 20m;
- b) Altura média: 1m sobre o nível do terreno, podendo chegar a mais de 1,50m próximo às interrupções;
- c) Extensão: eixo maior, em torno de 150m;
- d) Eixo menor, cerca de 90m.

Toda a área em questão apresenta uma densidade considerável de fragmentos de cerâmica em superfície, observando-se, em alguns locais, um acréscimo significativo.

As investigações nas proximidades da aldeia Waurá

1) A valeta

Nas imediações da aldeia Waurá encontramos outro conjunto de feições resultantes da movimentação de terra por ação humana. Aqui localizamos um segmento de uma valeta, também descrevendo um arco.⁵ Da mesma forma como no caso anterior, a terra removida de dentro da valeta foi depositada na margem interna da mesma. Esta valeta parecia um pouco mais rasa que a observada anteriormente. Isto, contudo, pode ter origem no fato de se usar esta área para o cultivo da mandioca.

2) Estruturas pedológicas (plataformas)

Além da valeta, registram-se também neste sítio feições de acúmulo de terra, plataformas. À diferença do caso observado anteriormente, estes

(5) Parcialmente destruído por uma terraplanagem feita para a instalação de uma pista de pouso aéreo, hoje inoperante.

acúmulos lineares tendiam a ser retos e não elipsoidais. Além disso, apresentavam-se duplos, correndo paralelamente entre si a uma distância média de 12m, com tendência a interceptar o arco formado pela valeta, ao invés de ser concêntrico a ela. Em toda a sua extensão, mas principalmente no seu início, encontramos fragmentos cerâmicos.

Interpretação

A construção de fossos e plataformas, como mostra o quadro etno-histórico sul-americano, não era desconhecida entre as populações deste Subcontinente. Fossos, por exemplo, foram construídos pelos Bauré ao redor de cercos de paliçadas, visando uma maior proteção (Pohlmeier 1950: 6). Outros povos, como os Mojo das planícies bolivianas, construíam montículos, caminhos, canais, campos elevados, etc. (Denevan 1963: 126) como medida contra as inundações sazonais, ou, como era o caso na ilha de Marajó, levantaram tesos artificiais para aí erguer suas moradias ou enterrar seus mortos.

Os fossos e as elevações alto-xinguanas podem ter tido função defensiva ou de drenagem ou outra qualquer. Por enquanto não sabemos. De qualquer forma, são indícios de uma sociedade de conhecimento e capacidade organizacional avançados, não mais encontrados entre os grupos atuais⁶ e, inclusive, atribuídos pela tradição oral a acontecimentos e fatos míticos. Um exemplo disso é o depoimento respectivamente às valetas de Yapacharmã, um informante Waurá, filho do chefe Yutá, que sustenta tratar-se do “caminho que a anta e o veado galheiro percorrem à noite”, ou também de Arako, outro informante Waurá, que nos disse serem buracos de onde saem as mulheres Yamurikuma,⁷ que se enfeitam como os homens e só têm um seio para a luta Huka-Huka.⁸

(6) Vide a respeito de declínio das sociedades indígenas amazônicas o artigo de Lévi-Strauss (1993: 9) onde opina que “La où l’on croyait trouver d’ultimes témoins de genres de vie et de modes de pensée archaïques nous reconnaissons aujourd’hui les survivants de sociétés complexes et puissantes...”.

(7) Trata-se de personagens míticas que como uma forma de vingança, foram para um lugar debaixo da terra.

(8) Esta luta pertence ao cerimonial em torno da festa do Kuarup.

No que diz às plataformas, os fragmentos cerâmicos encontrados na superfície das elevações nas proximidades da aldeia Waurá foram interpretados por informantes destas sociedades como pertinentes a populações anteriores aos Waurá.⁹

Que povos teriam sido os construtores de todas estas obras? Seriam os antepassados de um grupo atual? As nossas investigações não permitem por enquanto qualquer resposta. Interessante neste contexto é o fato de Gerhard Baer (1964: 82), Gertrude Dole (1961-2: 421) e outros autores sustentarem terem sido os grupos Aruak os primeiros a imigrar para a área, equipados com a tecnologia da cerâmica e do plantio da mandioca brava. Os construtores das obras pedológicas na Bolívia e Venezuela eram desta mesma família linguística. A julgar pelo conhecimento tecnológico e organizacional, sem dúvida, poderiam ter sido os antepassados dos grupos Aruak.

Há contudo, a circunstância dos fragmentos cerâmicos depositados em terras natural, não removida à margem externa e no fundo da valeta no Tuatuari, sugerindo, como dissemos, uma ocupação ainda anterior. Por motivos burocráticos e também de tempo disponível não nos foi possível nesta primeira etapa de pesquisa proceder a uma escavação sistemática. Contudo, em outra estadia anterior, havíamos realizado uma sondagem à margem externa e no fundo da valeta no Tuatuari, chegando a uma profundidade de 1,50m. Os fragmentos recuperados na época claramente são de uso doméstico. Trata-se de fragmentos de grandes painéis, como ainda hoje são fabricadas pelas mulheres Waurá,¹⁰ vasilhas e tigelas de diâmetros variados, suportes de painéis, assadeiras, etc.

Na área circunscrita por esta valeta, onde na mesma ocasião procedemos a uma prospecção e coleta de superfície, encontramos fragmentos decorados com incisões, modelagens zoomorfas, bordas serrilhadas, sulcos, etc., chamando a atenção fragmentos de alças com incisões zoomorfas de tamanho e espessura variados, aplicadas como prolongamento das bordas de grandes vasilhas, de forma a constituírem saliência das mesmas.

(9) Sobre as elevações nas proximidades do rio Tuatuari não conseguimos informações indígenas.

(10) Gertrude Dole (1961: 420) a partir de diferenças nas bordas destas grandes painéis, elaborou um esquema evolutivo, sugerindo que as painéis de borda horizontal gradativamente estendida, como hoje são usadas, foram desenvolvidas a partir de duas tradições anteriores.

Pensamos que estes achados possam ter alguma relação com os encontrados na valeta, ambos aparentemente fazendo parte de um complexo cerâmico classificado por Simões (1967, est. 34 e 37) de fases *Diauarum* e *Ipavu* e datados entre os séculos XI e XIV AD (Becquelin 1993: 230).

Dados mais precisos esperamos poder estabelecer a partir de uma nova investigação de campo, cujo objetivo maior será uma investigação mais aprofundada da tradição oral mítica e histórica,¹¹ bem como a coleta e escavação sistemática de material cerâmico não só nos dois lugares referidos como também no anel ou plataforma inscrita na valeta, onde, como dissemos, localizamos abundante material cerâmico. A análise e comparação deste novo material arqueológico há de mostrar a pertinência ou não a uma mesma tradição ou fase, a anterioridade ou não do material cerâmico da

valeta em relação as feições pedológicas, uma relação ou não do material arqueologicamente recuperado com o atualmente produzido e historicamente referido, enfim, uma relação dos fabricantes de cerâmica arqueológica com os construtores das obras pedológicas e destes com os grupos falantes Aruak.

Para o sítio nas imediações da aldeia Waurá, do qual não dispomos ainda de nenhum material cerâmico, um procedimento análogo deve ser realizado.

O estabelecimento destas questões pode significar um passo adiante na problemática do fenômeno peculiar alto-xinguano.

Nobue Myazaki*

Inge Thieme**

Astolfo G. de Mello Araújo***

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, P.
1993 Testemunhos de ocupação pré-xinguana na baía dos formadores do Xingú. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen. Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP - FAPESP: 233 - 288.
- BAER, G.
1964 *Beiträge zur Kenntnis des Xingú-Quellgebietes*. Tese de doutoramento, Basileia.
- BECQUELIN, P.
1993 Arqueologia Xinguana, V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen. Um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP-FAPESP: 223-232.
- DENEVAN, W.
1966 The aboriginal cultural geography of the Llanos de Mojos of Bolivia. *Ibero Americana*, 48, Berkeley e Los Angeles. 185p.
- DOLE, G.
1961/62A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. São Paulo, *Revista do Museu Paulista*, XIII: 399-423.
- GALVÃO, E.
1953 Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu. *Boletim do Museu Nacional*, N.S., 14, Rio de Janeiro: 1-56.
- KNEIP, L. M.
1969 Relatório sobre as valetas do Parque Nacional do Xingu. Estado de Mato Grosso. Rio de Janeiro, UFRJ-Museu Nacional.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1993 Un autre regard. *L'Homme*, Paris, 9: 33.
- BERG, K.
1955 *Indian tribes of Northern Mato Grosso*. Institute of Social Anthropology, Washington.
- POHLMIEIER, A.
1950 *Hochkulturelle Erscheinungen im Kulturbild der Aruak*. Tese de doutoramento, Bonn.
- SIMÕES, M.
1967 Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingú (Mato Grosso). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas, Belém: 129-151.
- VILAS-BÔAS, O. e C.
1970 *Xingú – Os índios e seus mitos*. Rio de Janeiro, Zahar.

Recebido para publicação em 19 de agosto de 1996.

(11) Devido a atividades preparatórias da festa do Kuarup, os informantes Kamayurá e Wa urá dispensaram pouca atenção às nossas questões.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Pós-graduanda (doutoramento) do Depto de Antropologia – FFLCH-USP.

(***) Depto do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo e pós-graduando (doutoramento) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

ESTUDO DE MATERIAIS DE APOIO PARA RECURSOS MUSEOGRÁFICOS DE EXPOSIÇÃO

Histórico

O embrião deste projeto remonta a 1992, quando deparamos com montagens de exposições itinerantes e temporárias, organizadas com coleções arqueológicas e etnográficas junto ao MAE-USP.

Nesse mesmo período, iniciamos os trabalhos voltados à concepção e montagem da exposição de longa duração *Formas de Humanidade*, mostra cujo enfoque apresenta as sociedades representadas nas coleções que compõem o acervo do MAE.

A grande diversidade de materiais e dimensões dos objetos que formam as coleções arqueológicas e etnográficas a serem expostas nessa mostra, assim como o significado, função e apelo estético das peças tornaram-se grandes dificuldades, pois cada objeto exigiu uma apresentação específica que garantisse o caráter de comunicação e de conservação preventiva.

A necessidade de seleção de materiais e serviços adequados à montagem dessa exposição que atendessem às exigências do projeto museográfico, levou-nos a uma pesquisa dentro de um vasto mercado. Pudemos, então, perceber a grande diversidade de materiais e serviços que poderiam estar sendo aplicados à montagem de exposições, com resultados satisfatórios.

Justificativa

Os avanços tecnológicos e a grande profusão de novos materiais e técnicas presentes no mercado são ainda desconhecidos pela maioria do pessoal envolvido em concepção e montagem de exposição no Brasil. Consideramos, então, de grande importância a aproximação desse mercado aos museus, propiciando que as nossas instituições tenham conhecimento de um universo de possibilidades a serem adequadas à museografia de exposição. Assim, a distância entre os avanços tecnológicos, os recursos museográficos e de conservação e a eficiência das nossas mostras, será cada vez menor.

Recebido para publicação em 20 de agosto de 1996.

Objetivos

- Levantar um conjunto de dados que auxiliem os museus a selecionarem os materiais mais favoráveis para a montagem de exposições, visando a comunicação e conservação preventiva dos objetos;
- Contribuir para o avanço das técnicas museográficas.

Procedimentos

- Análise físico-química para medição da acidez de materiais que estão sendo utilizados em exposições e outros:
 - Seleção dos testes a serem realizados no Laboratório de Conservação e Restauro do MAE/USP;
 - Levantamento de serviços e coleta de materiais, amostras e dados que auxiliem a análise da aplicabilidade dos recursos às exposições;
 - Análise dos materiais e registro dos dados;
- Análise museográfica dos materiais:
 - Estudo das possíveis aplicações e características dos materiais/recursos
- Preenchimento de ficha padrão
- Divulgação periódica dos dados

Os dados coletados serão informatizados e organizados em forma de catálogo, seguindo o modelo de Tétrault e Williams (1993), facilitando a sua divulgação periódica.

Marília Xavier Cury*
Maurício Cândido da Silva**

Referência bibliográfica

- TÉTRAULT, J.; WILLIAMS, S.
1993 *Guide de sélection des matériaux pour l'exposition, la mise en réserve et le transport*. Institut Canadien de Conservation, Canada

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Serviço de Musealização do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

METODOLOGIA UTILIZADA PARA A EXTRAÇÃO DE GRÃOS DE PÓLEN DE COPRÓLITOS HUMANOS – UM ESTUDO COMPARATIVO

Os seis coprólitos humanos aqui estudados, datados de 8500 a 7000 anos AP, foram coletados no abrigo sob rocha da Toca do Boqueirão da Pedra Furada (8° 51' 10" S, 42° 33' 20" W) – Piauí, Brasil – que é considerado, nos dias de hoje, um dos mais antigos sítios pré-históricos da América. Esses coprólitos foram tratados por dois métodos distintos, a fim de estabelecermos uma comparação na quantidade final de taxons polínicos encontrados em cada uma das metodologias utilizadas.

A primeira metodologia consistiu das seguintes etapas: depois de pesados, fotografados, medidos e feita uma ficha individual para cada coprólito, foram separadas 2g de cada amostra de coprólito (peso seco) e, a seguir, peneiradas em telas de cobre de malha de 200 µm. Esta última etapa tem por finalidade separar os sedimentos grosseiros ocasionalmente encontrados. O material então selecionado foi tratado da maneira que descrevemos a seguir:

- **amostras argilo/arenosas** – necessitaram do uso de 15ml de ácido fluorídrico, (HF) a frio, durante uma noite. Após essa etapa, optamos pelo tratamento convencional das amostras no “banho-maria”, durante 10 a 15 minutos com ácido clorídrico (HCl) a 50%. Após sucessivas centrifugações de 5 minutos a 3000 rpm e lavagens em água destilada, a solução final deve ficar clara.
- **amostras ricas em matérias orgânicas** – Após o tratamento com o ácido clorídrico (HCl) acima descrito, escolhemos o método de Von Post, ou seja, optamos pela utilização de 15ml de Hidróxido de potássio, (KOH) a 10%, para dissolver os compostos orgânicos e eliminá-los com sucessivas centrifugações.

Após fervuras em “banho-maria” dos sedimentos deixados no KOH a 10%, seguidas de centrifugações e lavagens sucessivas, sempre durante 3000 rpm durante 5 minutos, obtivemos uma solução clara. Passamos então à etapa seguinte, que consiste no método químico clássico, ou seja,

na utilização de um processo de extração, através de um líquido denso, Cloreto de Zinco ($ZnCl_2$), que permite a separação dos pólenes e esporos do restante da solução.

Após a separação da parte orgânica dos sedimentos, através do Cloreto de Zinco, uma nova etapa de centrifugações se segue, desta vez com a adição de 20ml de ácido clorídrico (HCl a 25%), para reavivar a densidade.

Finalizando as centrifugações, que nesta etapa são de 1000 rpm durante 5 minutos, seguiram-se lavagens com água destilada e preparou-se o material para a montagem final, deixando-o meia hora em uma solução de 20ml de água com glicerina a 10%, o que facilitará a observação, em microscopia ótica, dos pólenes encontrados.

Feito isso, foram preparadas as lâminas para contagem e identificação dos pólenes e esporos, colocando-se em cada lâmina, 50ml de sedimento, com o auxílio de uma micro pipeta. A seguir, realizou-se a montagem propriamente dita, entre lâmina e lamínula, vedando as bordas da lamínula com “Histolaque” LMR.

Utilizamos, na segunda metodologia, uma técnica distinta, tanto na preparação química, como na montagem final das lâminas. A segunda metodologia constituiu-se então das seguintes etapas:

- pesagem de 2g de material seco (coprólitos);
- trituração do material;
- tratamento com KOH A 10%;
- utilização de ultra-som sobre o sedimento tratado;
- separação do material orgânico do inorgânico com $ZnCl_2$;
- montagem das lâminas, segundo o método de Kisser (gelatina glicerinada).

Dos seis coprólitos tratados com este método, dois apresentaram uma quantidade razoável de taxons botânicos e os outros quatro apresentaram uma quantidade abaixo do necessário para uma contagem representativa (mínimo de 20 taxons e 150 pólenes, em média, por lâmina).

Aplicando a primeira metodologia, encontramos uma quantidade superior significativa de taxons. O quadro a seguir apresenta o resultado das duas metodologias utilizadas. Nele verificamos que duas das amostras-teste não apresentaram resultados positivos em nenhuma das duas metodologias utilizadas.

Primeira	Metodologia	Segunda	Metodologia
Coprólitos	(taxons)		(taxons)
1	21		7
2	18		2
3	sem pólen		sem pólen
4	sem pólen		sem pólen
5	22		4
6	21		14

Ao final deste trabalho, acreditamos ter podido contribuir para uma melhora metodológica, no que diz respeito aos tratamentos químicos a serem utilizados na extração de pólenes e esporos de coprólitos humanos.

Agradecimentos

Ao Dr. Adauto Araújo e ao Dr. Fábio Parenti por seus conselhos científicos. Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – que deu o apoio financeiro para a elaboração deste trabalho.

Sérgio Augusto de Miranda Chaves*

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A.; FERREIRA, L. F.; CONFALONIERI, U.; CHAME, M.
 1988 Hookworms and the peopling of America. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2 (4): 226-233.
- CHAME, M.; FERREIRA, L. F.; ARAÚJO, A.; CONFALONIERI, U.
 1989 Testing the color parameter of coprolithes rehydration solution. *Paleopathology Newsletter*, 68: 9-11.
- CHAVES, S. A. M.
 1995 *Etude palynologique des coprolithes humains recueillis sur le site "Pedra Furada" – Piauí (Brésil); Interpretations paléoethnologiques et paléobotaniques*. Mémoire de D.E.A – Quaternaire: Géologie, Paléontologie Humaine et Préhistoire – Muséum National D'Histoire Naturelle, Paris, 60 p.
- CHAVES, S. A. M.; RENAULT-MISKOVSKY, J.
 prelo Paléoethnologie, paléoenvironnement et paléoclimatologie au Piauí, Brésil: apport de l'étude pollinique de coprolithes humains recueillis dans le gisement préhistorique Pléistocène de "Pedra Furada".
- RENAULT-MISKOVSKY, J.; PETZOLD, M.
 1992 *Spores et Pollen*. Editions Delachaux et Niestlé, Paris, 356 p.

Recebido para publicação em 10 de dezembro de 1995.

(*) Muséum National d'Histoire Naturelle, Institut de Paléontologie Humaine – Laboratoire de Palynologie. Paris, França.

COLEÇÕES DE ARTEFATOS OSTEODONTOMALACOLÓGICOS: UMA EXPERIÊNCIA NO MAE/USP

Os Museus têm se beneficiado com o avanço rápido da tecnologia, na área da informática, para reorganizarem seu acervo e respectiva documentação no sentido ao adequar e elaborar bancos de dados de sistemas informatizados e facilitar o acesso público ao acervo sob sua guarda. Apesar da constante preocupação dos Museus em conhecer, preservar e difundir suas coleções, acervos de diferentes naturezas se avolumam nas Reservas Técnicas num crescente sem fim. Este acúmulo, muitas vezes desordenado e armazenado de forma precária, é comum a qualquer tipo de Museu, principalmente nos Museus de Arqueologia e Etnologia cujas pesquisas, realizadas desde o século passado, geralmente, estão calcadas em companhias de campo com conseqüente coleta de materiais, os quais, após análise, ficam no aguardo de uso para as diversas atividades didáticas, de pesquisa e museológicas.

A ausência de uma política de acervo, envolvendo critérios de aquisição e descarte e programas de extroversão museológica “traçada a partir do próprio estudo das coleções existentes e dos problemas científicos inspirados pelas mesmas”... (Bruno 1995), agrava ainda mais esta situação.

Segundo De Blasis (1993), um acervo deve ser organizado no sentido de atender a três imperativos: a utilização científica, o uso museológico e pedagógico e apresentar condições para serem desenvolvidas as atividades relacionadas à preservação da informação e conservação do acervo.

Na chefia do Laboratório de Arqueologia e Etnologia do MAE/USP, no período de 1990/95, sentimos a dificuldade que se apresentava no momento de selecionar peças de coleções osteodontomalacológicas para as diversas atividades citadas por De Blasis, isto porque estas coleções eram oriundas de um Instituto de pesquisas (IPH) e, como tal, sua organização documental se restringia à documentação primária de campo e laboratório, não tendo nunca recebido um tratamento de documentação de gestão museológica. Além disso, ficavam depositadas no próprio laboratório de análise sob total controle dos responsáveis e atendiam plenamente aos objetivos de pesquisa.

Com a implantação do novo MAE,¹ foi necessário adequar os trabalhos a uma nova realidade a fim de possibilitar a entrada destas coleções na Reserva Técnica – local onde seriam armazenadas as distintas coleções arqueológicas e etnográficas provenientes das antigas Instituições – e, para tanto, elaboramos um projeto pontual que visava três objetivos principais: a reorganização das coleções e de sua documentação; a utilização do trabalho como mais um ítem na formação de estagiários (bolsas COSEAS e FUNDAPE) e a intenção de transformar o projeto em “proposta piloto” para sistematizar a entrada das coleções pré-coloniais brasileiras na Reserva Técnica.

Justificamos ainda esta escolha pelo fato de estas coleções apresentarem artefatos pequenos, extremamente diversificados, numerosos (~15.000 peças) e frágeis, o que dificultava sua imediata localização. Além disto, a sua própria natureza e peculiaridade implicam em um tratamento de reorganização diferenciado do dos artefatos líticos e cerâmicos.

Traçamos a seguir os principais itens da proposta:

1. Localização e resgate dos artefatos e da documentação produzida em campo e laboratório: diários de campo, livro de registro, croquis, listagens, fichas, publicações, etc.;
2. Triagem dos artefatos por categorias de vestígios (ossos, dentes e conchas);
3. Sistematização tipológica por categoria, levando em consideração a morfologia e a tecnologia da peça;
4. Determinação da matéria prima;
5. Limpeza das peças, se necessário, e preservação da identificação;
6. Organização das peças por ordem numérica, subdividindo-as em categorias;
7. Seleção de “coleção tipo” para uso museológico e pedagógico;
8. Inventário, reunindo todos os dados levantados;

(1) Resolução do Reitor nº 3560 de 11 de agosto de 1989.

9. Fotografia das peças selecionadas;
10. Embalagem e armazenamento;
11. Banco de dados informatizado.

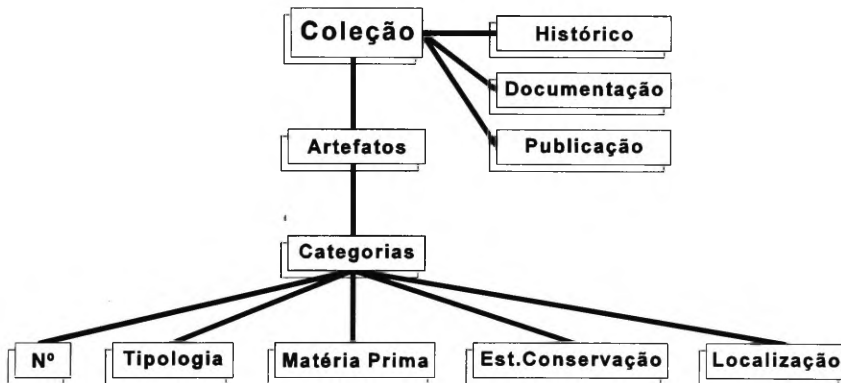
No decorrer dos trabalhos encontramos muitas dificuldades, porém, as que acarretaram morosidade em seu desenvolvimento e merecem destaque foram: a heterogeneidade da nomenclatura tipológica; a ausência, na época, de um sistema informatizado vigente na Instituição; o constante treinamento dos estagiários (uma vez que as bolsas eram apenas de um ano). Mesmo assim, os objetivos propostos foram atingidos e as coleções osteodontomalacológicas deram entrada na Reserva Técnica do MAE/USP. Porém, a proposta somente será avaliada no momento em que este banco de dados estiver integrado ao “Sistema de Geren-

ciamento do Acervo”, cuja implantação encontra-se em andamento no Museu de Arqueologia e Etnologia (Afonso *et al.* 1996).

Agradecimentos

Agradecemos a Amauri Pagnose do SPD/MAE pela criação do banco de dados e aos estagiários Ângela S. Rocha, Carlos Augusto Bordignon, Valdenir Linchtenthaler, Robson Santiago, Paula Nishida Barbosa, Cíntia Mercaldi Galina, Patrícia da Silva e Luis Augusto Catapano pelos trabalhos realizados.

Silvia Cristina Piedade*



Referências bibliográficas

AFONSO, M.C.; MORAIS, J.L.; BOTALLO, M.; PIEDADE, S.C.

1996 Organização e gerenciamento do acervo arqueológico pré-colonial brasileiro do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (Projeto apresentado à Fundação VITAE e FAPESP).

BRUNO, M.C.O.

1995 *Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema*. Tese de doutorado apresentada na FFLCH/USP.

DE BLASIS, P.A.D.

1993 Gerenciamento de coleções arqueológicas e etnográficas: um modelo para o MAE-USP. VII Simpósio Sul-Rio Grandense de Arqueologia. Taquara, Rio Grande do Sul. (ms)

II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA REGIÃO SUDESTE

O Museu de Arqueologia e Etnologia organizou, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, o II Simpósio de *Arqueologia da Região Sudeste*, dando continuidade à prática de reunir os arqueólogos da região iniciada com o primeiro simpósio realizado no Rio de Janeiro em 1986. Foi organizado levando-se em conta a necessidade de discutir problemas teóricos, conceitos e métodos, e fazer um balanço do estado das pesquisas.

A busca de equivalência das informações resgatadas a partir dos vários projetos que estão sendo desenvolvidos na região, significa uma importante contribuição para o entendimento da ocupação pré-colonial da região, período selecionado como parâmetro para as discussões.

Procuramos fugir do esquema tradicional baseado em comunicações formais, o que não significa que estamos menosprezando este procedimento. Quizemos apenas privilegiar as discussões em torno de questões que foram consideradas relevantes para a região.

A reunião foi realizada nos dias 5, 6 e 7 de abril de 1995, no Auditório do Instituto Oceanográfico da USP.

As discussões foram organizadas sob a forma de mesas temáticas, para as quais foram convidados arqueólogos com experiência de diferentes instituições: especialistas que pudessem responder aos vários enfoques e questões pré-determinadas. Foram convidados 10 arqueólogos que atuam na região sudeste. O Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB e dois ex-presidentes, representando a região norte e a sul foram convidados para abrir os trabalhos científicos com uma palestra.

Cada coordenador de mesa, escolhido entre os pesquisadores do MAE, formulou questões sobre os temas envolvidos, que foram enviados aos participantes para que, em conjunto, fossem estabelecidos os itens que direcionariam as discussões.

O Simpósio foi realizado de acordo com a seguinte programação:

1º dia

Mesa de Abertura:

Magnífico Reitor da USP, Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes
Pró-Reitor de Extensão e Cultura, Prof. Dr. Jacques Marcovitch

Diretor do MAE, Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu
Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Prof. Dr. Arno Kern
Coordenadora do evento, Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia

Palestra do Prof. Dr. Pedro I. Schmitz: *Continuidade e Mudança no litoral de Santa Catarina.*

Mesa I – *Continuidade da ocupação do litoral sudeste por grupos coletores-pescadores.*

Questões:

- O sambaqui e a diferenciação de outros sítios compostos por conchas.
- Morfologia dos sítios de grupos coletores-pescadores.
- Origem monogênica e poligênica dos construtores de sambaquis.
- Problema da migração e extinção das populações que construíram sambaquis.
- Nomadismo e semi-nomadismo entre os construtores de sambaquis.
- Problemas de cronologia, datas e métodos de datação.
- As fases culturais estabelecidas para os sítios de coletores-pescadores.

Coordenação: Profa. Dra. Dorath P. Uchôa.
Prof. Dr. Levy Figuti.

Participantes: Profa. Dra. Maria Dulce Gaspar, RJ
Profa. Dra. Lina Kneip, RJ
Prof. Dr. Odemar Dias, RJ
Prof. Celso Perota, ES

Mesa II – *Continuidade da ocupação do litoral sudeste por grupos horticultores.*

Questões:

- A aplicação do conceito de Formativo: definição do processo de produção de alimentos.
- Horticultores ou agricultores incipientes: problema de terminologia ou conceitual?
- Identificação das tradições ceramistas.
- Antigüidade dos grupos ceramistas.
- Morfologia dos sítios dos grupos ceramistas.

Coordenação: Profa. Dra. Maria Cristina M. Scatamacchia

Participantes: Profa. Dra. Lina Kneip, RJ
Profa. Dra. Lilia Cheuiche, RJ
Prof. Dr. Odemar Dias, RJ
Prof. Celso Perota, ES

2º dia

Palestra do Prof. Dr. Arno Kern: *Antecedentes indígenas: problemáticas teórico-metodológicas das sínteses sobre pré-história regional.*

Mesa I – *A ocupação do interior da região sudeste pelos caçadores-coletores.*

Questões:

- São Paulo como área de transição das tradições meridionais e do planalto central.
- Utilização dos estudos de padrões de assentamento.
- Variabilidade das indústrias líticas.

Coordenação: Profa. Marisa C. Afonso

Participantes: Profa. Dra. Maria da Conceição Beltrão, RJ
Prof. Dr. Ondemar Dias, RJ
Prof. Dr. André Prous, MG
Prof. Dr. José Luis de Moraes, SP
Prof. Paulo A. De Blaisis, SP
Prof. Paulo Seda, RJ

Mesa II – *A ocupação do interior da região sudeste pelos grupos horticultores.*

Questões:

- Metodologia e técnicas de campo aplicáveis em sítios de horticultores ceramistas.
- Relações intra-sítio.
- Contexto regional e ambiental das ocupações ceramistas.

Coordenação: Prof. Dr. José Luiz de Moraes

Participantes: Prof. Dr. André Prous, MG
Profa. Dra. Marcia A. Alves, SP
Profa. Eliana T. Carvalho

3º dia

Palestra da Profa. Dra. Gabriela Martin: *Arqueologia do Nordeste: análise dos principais projetos de pesquisa.*

Mesa I – *Manifestações da arte rupestre na região sudeste.*

Questões:

- Critérios para a definição das tradições, sub-tradições e estilos.
- Terminologia para a arte rupestre: tentativa de uniformizar a nomenclatura utilizada pelas diferentes equipes.

- Análise das figuras: distribuição espacial, técnicas, associações, temas e cronologias.
- Correlação da arte rupestre com contexto arqueológico.
- Símbolos, signos e eventos.

Coordenação: Prof. Paulo A. De Blaisis

Participantes: Profa. Dra. Maria da Conceição Beltrão, RJ
Prof. Dr. André Prous, MG
Prof. Paulo Seda

Mesa II – *Discussão Final.*

Participantes: Profa. Dra. Dorath P. Uchôa
Prof. Dr. Levy Figuti
Profa. Dra. Maria Cristina M. Scatamacchia
Profa. Marisa C. Afonso
Prof. Paulo A. De Blaisis

A realização deste simpósio possibilitou uma visão geral dos principais problemas e dificuldades que estão enfrentando os arqueólogos que atuam na área. Mostrou também a necessidade da realização de encontros desta natureza, pois a prática de debate e discussão é que vai auxiliar na orientação das pesquisas futuras.

Como resultados concretos, além da positiva troca de informações entre colegas, houve a formulação de propostas visando a uniformização terminológica e a de coleta de amostras.

Assim, a reunião periódica de profissionais para a realização de um balanço das pesquisas e dos conhecimentos adquiridos é fundamental para o desenvolvimento e orientação da pesquisa arqueológica em qualquer região.

*Maria Cristina Mineiro Scatamacchia**

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 1996.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE TEORIA E MÉTODO EM ARQUEOLOGIA

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo organizou o Simpósio Internacional sobre *Teoria e Método em Arqueologia* juntamente com a Universidade de Michigan (EUA) de 7 a 11 de agosto de 1995.

A idéia inicial do Simpósio partiu de Norman Yoffee (Department of Near Eastern Studies, Museum of Anthropology/University of Michigan) e de Renato Kipnis (doutorando na mesma universidade), que constituíram a Comissão Organizadora juntamente com Marisa Coutinho Afonso e Levy Figuti, ambos do MAE/USP, sob a coordenação geral de Adilson Avansi de Abreu, diretor do MAE.

O evento pode ser considerado como uma continuação dos dois excelentes Simpósios internacionais realizados por Edna June Morley e Paul Fish (Universidade do Arizona) nos Estados do Rio de Janeiro e de Santa Catarina, quando questões conceituais e metodológicas foram bastante abordadas.

Os objetivos do Simpósio em São Paulo foram: propiciar a discussão sobre teorias e métodos arqueológicos; promover o intercâmbio, na área de Arqueologia, entre instituições brasileiras e a Universidade de Michigan, com relação ao ensino e à pesquisa e promover a apresentação de trabalhos arqueológicos com ênfase nas questões metodológicas.

O evento foi realizado no auditório do Instituto Oceanográfico/USP e contou com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária/USP, International Institute/University of Michigan, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), BANESPA/USP e Instituto Oceanográfico/USP.

Participaram do simpósio arqueólogos brasileiros, americanos e franceses de diversas instituições. Da Universidade de Michigan: Norman Yoffee, Jeffrey Parsons, Carla Sinopoli, Susan Alcock, Preston Miracle; da Universidade do Arizona: Paul Fish e Suzanne Fish; do Serviço Florestal americano (Arizona): Peter J. Pilles Jr.; do Muséum National d'Histoire Naturelle (Paris): Águeda Vilhena-Vialou e Denis Vialou; da Pontifícia Universidade Católica (Porto Alegre): Arno Alvarez Kern; do

Museu Nacional/UFRJ (Rio de Janeiro): Maria Dulce Gaspar e Carlos Fausto; do IPHAN/Santa Catarina: Edna June Morley; da Universidade Federal de Goiás: Irmhild Wüst; da Universidade de São Paulo (Departamento de História/FFLCH): Norberto Luiz Guarinello; da Universidade Estadual de Campinas: Pedro Paulo A. Funari; da empresa Scientia Consultoria Científica: Solange Bezerra Caldarelli; do MAE/USP: Eduardo Góes Neves, José Luiz de Moraes, Levy Figuti, Maria Beatriz Florenzano e Paulo A. D. De Blasis.

O Simpósio foi organizado de modo a apresentar duas conferências, sendo uma na abertura do evento (de Norman Yoffee) e a segunda no encerramento (de Arno Alvarez Kern) além de sete mesas redondas temáticas (prospecção arqueológica e sistemas sociais; caçadores-coletores; pescadores-coletores; arqueologia histórica e clássica; etnoarqueologia; etnohistória e teoria arqueológica).

Os trabalhos apresentados abordaram temas como padrões de assentamento, organização social, zooarqueologia, etnoarqueologia, entre outros, desenvolvidos em diversas áreas geográficas como: Brasil (estados de São Paulo, Amazonas, Goiás, Rio Grande de Sul e região nordeste); América do Norte (norte do México, sudoeste e sudeste dos Estados Unidos); Grécia; Índia e França. Os aspectos teóricos e metodológicos que nortearam o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas e etnográficas foram bastante enfocados.

O Simpósio propiciou uma reflexão necessária sobre as teorias e metodologias arqueológicas. Normalmente, nos eventos científicos de arqueologia brasileira, pouco tempo é destinado ao aprofundamento deste tipo de questões, porque se privilegia a divulgação dos trabalhos realizados. No entanto, apesar de ser fundamental a divulgação das pesquisas arqueológicas realizadas por várias equipes, também é de grande importância a discussão da própria disciplina científica nas suas diferentes abordagens teóricas e metodológicas. O objetivo principal do Simpósio foi dar espaço a esta discussão, o que ocorreu não só durante os debates, mas em conversas informais com os participantes e o público.

Um aspecto altamente positivo foi a reunião no mesmo simpósio de especialistas em arqueologia americana e clássica. Em poucos eventos científicos, como em algumas reuniões da Sociedade de Arqueologia Brasileira, este entrosamento ocorreu e é interessante notar que isto tenha acontecido em um simpósio organizado por uma instituição com o perfil do MAE/USP, que reúne catorze arqueólogos (dez especialistas em arqueologia brasileira e quatro em clássica).

Em uma carta, Norman Yoffee, organizador da vinda dos americanos ao Brasil, fez uma avaliação do evento: “*the symposium established a good level of cooperation in which ideas were exchanged on both sides. A number of projects are now being explored between Brazilians and Americans for archaeological work*”.

Quanto ao público participante, noventa e uma pessoas se inscreveram, sendo 66 do estado de São Paulo, 5 do Rio de Janeiro, 3 do Rio Grande do Sul, 2 do Paraná, 2 de Santa Catarina, 2 de Mato Grosso, 2 do Pará, 1 do Amapá, 1 de Rondônia, 1 do Rio Grande do Norte, 1 de Minas Gerais, 1 do Ceará, 2 da França, 1 do Uruguai e 1 dos Estados

Unidos; a maior parte formada por jovens arqueólogos empregados em diversas instituições e/ou realizando cursos de pós-graduação. Na realidade, houve um número maior de professores e alunos presentes, pois a inscrição não foi obrigatória para assistir às apresentações, o que ocasionou a existência de um público flutuante com interesses mais específicos.

Além do debate sobre teoria e método em arqueologia, principal objetivo do simpósio, sua importância foi, sobretudo, criar oportunidades de contatos entre os profissionais proporcionando o desenvolvimento de projetos conjuntos. Além disso, permitiu a participação de estudantes de arqueologia em discussões de alto nível.

Durante o simpósio, foi distribuído aos inscrites um Caderno de Resumos e houve a doação pelos arqueólogos da Universidade de Michigan de livros e revistas especializadas americanas ao MAE. Os vinte e três participantes foram convidados a enviar os textos apresentados no simpósio para a publicação dos Anais, que deverão constituir um número especial da Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia a ser publicado em 1997.

Marisa Coutinho Afonso*

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 1996.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL ANÁLISES FÍSICAS E QUÍMICAS NO ESTUDO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Durante os dias 29, 30 e 31 de maio de 1996, foi realizado na Sala da Congregação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, o Simpósio Internacional sobre *Análises Físicas e Químicas no Estudo de Material Arqueológico*.

Promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia e pelo Departamento de Engenharia de Minas da Escola Politécnica e com o apoio financeiro da FAPESP e da Área de Pós-Graduação em Arqueologia (FFLCH-USP), este simpósio teve como objetivo específico viabilizar o encontro – em uma única sede – de profissionais de áreas muito diferentes cujas especialidades podem contribuir para a melhor interpretação do documento arqueológico.

Como se sabe, uma das tendências da Arqueologia moderna, bem como da própria História, desenvolve-se na direção de conhecer o dia-a-dia das pessoas. Este esforço envolve o conhecimento das condições de vida e de moradia, das condições de higiene e saúde, das atividades e dos costumes diários, dos quais os inúmeros objetos de uso cotidiano são testemunhas loquazes. Assim, o conhecimento aprofundado dos **materiais** e dos **processos de fabricação** utilizados na produção de objetos metálicos e cerâmicos, ou daqueles usados para a pintura e para a construção civil constitui fator indispensável para a correta datação e interpretação dos mesmos.

As análises químicas, mineralógicas e físicas tornaram-se, portanto, uma ferramenta fundamental do estudo arqueológico. A análise mineralógica de uma terracota, por exemplo, permitirá estabelecer a temperatura de queima e assim definir o avanço tecnológico do povo que a fabricou em termos de construção de fornos. A mesma análise de um vidro ou de um esmalte fornecerá informações sobre o conhecimento dos pigmentos e de técnicas de concentração.

O grande problema é que arqueólogos e historiadores (como também geógrafos, sociólogos e antropólogos) têm uma formação exclusivamente humanista, que lhes veda o acesso a todo o arsenal tecnológico e às informações decorrentes dele. Por sua vez, químicos, físicos, mineralogistas e engenheiros exibem o viés oposto, isto é, profundo conhecimento técnico e total ignorância humanística.

Este simpósio visou justamente reunir estes dois grupos aparentemente antagônicos em torno de uma mesma mesa, de modo que pudessem conhecer as necessidades recíprocas e trabalhar em conjunto.

Contamos, portanto, não apenas com a presença de arqueólogos clássicos, prehistoriadores brasileiros e profissionais da Arqueologia histórica brasileira, como também com físicos, químicos, engenheiros, biólogos e arqueometristas.

Em uma perspectiva mais ampla, a realização deste simpósio inseriu-se em uma preocupação permanente do Museu de Arqueologia e Etnologia com a formação de profissionais que estejam adequadamente preparados para o tratamento do patrimônio cultural como um todo. Com efeito, trata-se do terceiro encontro realizado pelo MAE/USP desde o princípio de 1995 com a finalidade de tratar de temas fundamentais para a formação de arqueólogos (simpósios sobre a Arqueologia do Sudeste brasileiro e sobre Teoria e Métodos em Arqueologia no 1o. e 2o. semestres de 1995 respectivamente).

A possibilidade de contar com a presença de especialistas de renome internacional permitiu um maior intercâmbio de conhecimentos e experiências bem como debates e questionamentos. O fato de poder contar com a tradução simultânea (do inglês para o português e do português para o inglês) atraiu o interesse de estudantes que compareceram maciçamente durante os três dias.

A programação do Simpósio constituiu-se de palestras, comunicações, entre outras atividades, assim distribuídas:

29 de maio de 1996

Manhã

Palestra de Abertura

"L'archéométrie en Europe: tendances actuelles et organisation". Prof. Dr. Tony Hackens (Univ. Católica de Louvain/ Conselho da Europa-PACT)

Tarde

Comunicações

"Adequação de matérias primas para uso industrial"
Prof. Dr. Arthur Pinto Chaves. (Escola Politécnica –USP)

“Aspectos Históricos da Indústria da mineração”. Prof. Dr. Eduardo C. Damasceno (Escola Politécnica-USP). “Técnicas metalúrgicas de elaboração de ligas e fundição”. Engo. Luiz Eduardo de Arruda (SOFUNGE).

“Progresso na tecnologia do metal e inovações cerâmicas no mundo greco-romano”. Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming (Museu de Arqueologia e Etnologia-USP).

“Estudos arqueométricos aplicados à análise de materiais de construção”. Enga. Maria Thais C. Affonso. (Max-Planck-Institut für Kernphysik, Heidelberg).

Visita à Exposição do MAE/USP

30 de maio de 1996

Manhã

Comunicações

“Métodos e recursos de caracterização mineralógica e petrográfica”. Dra. M.M.M.L. Tassinari (Escola Politécnica-USP), Dra. L.M. Sant’Agostino (Inst. Geociências-USP), Prof. Dr. Henrique Kahn (Escola Politécnica-USP).

“Análise mineralógica e determinação das origens da cerâmica orientalizante das Cíclades e da Grécia de Leste”. Profa. Dra. Haiganuch Sarian (FFLCH/ Museu de Arqueologia e Etnologia-USP)

Palestra

“Petrographical studies of archaeological ceramics”. Prof. Andrew Middleton (Museu Britânico, Londres).

Tarde

Comunicações

“Environmental history of the Nordic-Baltic region: a valuable knowledge for cultural heritage interpretation” Profa. Dra. U. Miller (Universidade de Estocolmo/ Conselho da Europa-PACT).

“Métodos e recursos de análise química”. Dra. Giuliana Ratti (Escola Politécnica-USP)

“Análise química de pigmentos de arte rupestre do SE do Piauí”. Profa. Dra. Maria Conceição Lage (Universidade Federal do Piauí-Teresina).

“Análise experimental da cerâmica popular de Conceição das Creoulas-Salgueiro, PE”. Profa. Cláudia Alves (Universidade Federal de Pernambuco-Recife).

Visita aos Laboratórios da Escola Politécnica

31 de maio de 1996.

Manhã

Comunicações

“Métodos físicos no estudo de estatuetas de terracota gregas”. Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata (Museu de Arqueologia e Etnologia-USP).

“O estudo de cerâmica arqueológica do Paraná por técnicas nucleares não destrutivas”. Prof. Dr. Carlos Roberto Appoloni, P.S. Parreira, E. de Souza, R.M. da Cunha e Silva (Univ. Estadual de Londrina), Prof. Dr. J.C.A. Quacchia (IFUSP), Prof. Dr. V.F. do Nascimento Filho (ESALQ-USP), Prof. Dr. G. Gigante (Univ. Roma La Sapienza).

“Datação arqueológica por ressonância paramagnética eletrônica”. Prof. Dr. Oswaldo Baffa Filho (Depto. de Física-FFCL, USP, Ribeirão Preto).

“A datação de material arqueológico pelas técnicas da termoluminescência, ressonância magnética eletrônica e da luminescência oticamente estimulada”. Prof. Dr. Shiguo Watanabe (IFUSP).

Tarde

Comunicações

“O estudo da cerâmica pré-histórica no Brasil: das fontes de matéria prima ao emprego da microscopia petrográfica, difratometria de Raio X e microscopia eletrônica”. Profa. Dra. Márcia Angelina Alves (Museu de Arqueologia e Etnologia-USP).

“Detecção de índices de temperatura da queima da cerâmica pré-histórica brasileira versus resistência cerâmica”. Dr. Alexandre R. Zandonadi (Instituto de Pesquisas Tecnológicas – São Paulo).

“A microscopia óptica, a microscopia eletrônica de varredura, a difratometria de Raio X e a análise térmica no estudo da cerâmica pré-histórica brasileira”. Dr. Evaristo Goulart (Instituto de Pesquisas Tecnológicas - São Paulo).

Palestra de encerramento

“Heavy elements’ isotope ratios in archaeometry”. Prof. Dr. S. Hölzl (Inst. Mineralogy and Petrography-Universidade de Munich).

As palestras oferecidas durante o Simpósio foram complementadas com visitas à Exposição de longa duração do MAE/USP – *Formas de Humanidade* – e aos Laboratórios do Departamento de Engenharia de Minas da Escola Politécnica. Para os alunos de Arqueologia, esta última visita foi de grande interesse pois permitiu a eles compreender, na prática, a importância da aplicação de uma metodologia específica para a melhor interpretação do documento arqueológico.

Na organização do Simpósio merece destaque a contribuição do Grupo PACT da Comunidade Européia. Graças a ela pudemos contar com a palestra da Profa. Dra. Urve Miller da Universidade de Estocolmo que tratou da paleoecologia, abrindo mais um campo de abordagem técnica do material arqueológico. Por outro lado, o Prof. Tony Hackens – vice-presidente do Grupo – trouxe pessoalmente, como doação à Biblioteca do MAE, vinte e dois volumes da Revista *PACT-Journal for Physical, Chemical, Biological and Mathematical methods applied to Archaeology*, que estão hoje à disposição de profissionais e alunos.

Como conclusão, gostaria de salientar a importância que o Simpósio teve do ponto de vista cien-

tífico, principalmente para os arqueólogos e para os estagiários e alunos do MAE/USP. Novas perspectivas foram abertas para a interpretação de material arqueológico, novos caminhos e possibilidades foram apresentados de maneira precisa e concreta.

Dentre estas perspectivas de pesquisa conjunta, viabilizadas pelo Simpósio, merecem destaque em primeiro lugar as tratativas iniciadas para a for-

mação de um laboratório – sediado na USP – de análises físicas e químicas aplicadas ao estudo de material arqueológico e, em segundo lugar, a comunicação permanente – via internet – entre os especialistas interessados na aplicação de análises físicas, químicas, biológicas ao estudo do patrimônio ou herança cultural dos diversos países graças às inscrições feitas pelo Prof. Tony Hackens durante o Simpósio.

*Maria Beatriz Borba Florenzano**

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 1997.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, organizadora do Simpósio, juntamente com o Prof. Dr. Arthur Pinto Chaves, da Escola Politécnica/USP.

Crônica do Museu

CRÔNICA DO MUSEU – 1995*

Em 1995, foram três os eventos de maior destaque:

– Reabertura do MAE à visitação pública, com a inauguração da exposição de longa duração *Formas de Humanidade*, restabelecendo-se, assim, uma atividade fundamental que havia sido interrompida desde a mudança das instalações do Museu para a atual sede.

– II Simpósio de Arqueologia da Região Sudeste, dando continuidade à prática de reunir os arqueólogos da região, iniciada com o primeiro simpósio realizado no Rio de Janeiro em 1986.

– Simpósio Internacional sobre Teoria e Método em Arqueologia, organizado por professores da Universidade de Michigan e do MAE, dando continuidade a dois outros simpósios internacionais realizados nos estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina, organizados por professores da Universidade do Arizona e pelo IPHAN.

Projetos de Pesquisa

Divisão Científica

Arqueologia

Programa arqueológico para o litoral do Estado de São Paulo: “O Homem do litoral, da pré-história aos dias atuais: a interação Homem-meio” – Coordenação Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa:

(*) A crônica do Museu tem por finalidade divulgar uma síntese das principais atividades desenvolvidas durante o ano de 1995, com destaque para os grandes projetos, cursos ministrados, eventos e outras atividades especiais. O objetivo é fornecer informações que tenham interesse para situar as linhas de pesquisa realizadas na instituição e facilitar a comunicação. Várias atividades desenvolvidas pelos docentes e técnicos – como orientação de alunos e assessorias – não são relatadas, pois têm sido divulgadas sob outras formas, como artigos, comunicações e relatórios.

• Projeto Arqueológico, Antropológico, Histórico, Ecológico, Museológico e Turístico do Município de Peruíbe, SP – foram concluídas as pesquisas arqueológicas das Ruínas do Abarebebê e retomada a pesquisa do seu entorno.

• Projeto Arqueológico, Ecológico, Antropológico, Histórico, Museológico e Turístico do Município de Ubatuba.

• Atlas de Arqueologia Brasileira: Estado de São Paulo – cadastramento de sítios no litoral sul de São Paulo.

Projeto Arqueológico Baixo e Médio Vale do Rio Tietê – prospecções nos municípios de Ibitinga e Tabatinga; localização de aldeamentos pré-históricos no vale dos rios Jacaré-Pepira e Jacaré-Guaçu; estudos tipológicos do material oriundo das coletas em campo – Coordenação Profa. Dra. Silvia Maranca.

Programa Regional de Arqueologia e Meio Ambiente da bacia do Rio Paranapanema – PROJPAR – Coordenação Prof. Dr. José Luiz de Moraes:

• Sub-programa PP-SALV.CNS – reconhecimento geral e levantamento arqueológico da UHE.

• Sub-programa ARQ.SALV.MJG – término das prospecções e escavações de sítios da área de influência direta do empreendimento.

Salvamento Arqueológico da UHE Serra da Mesa, GO – elaboração do projeto – Prof. Dr. José Luiz de Moraes.

Projeto de preservação do patrimônio arqueológico para o Baixo Vale do Ribeira – levantamento e cadastramento dos sítios arqueológicos entre Iguape e Barra do Ribeira, ao longo do rio Ribeira; escavação sítio Engenho do Itaguá – Coordenação Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

Levantamento e salvamento do patrimônio arqueológico da área de influência do Poliduto REPLAN-Brasília, PETROBRÁS – conclusão do projeto; elaboração das exposições regionais – Coordenação Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

Uniformização da Terminologia Arqueológica Americana – conclusão do Dicionário de Termos Referentes à Indústria Lítica – Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

Projeto Vale do Rio Turvo (município de Monte Alto, SP) – foi realizada a terceira campanha de escavação no sítio “Água Limpa” – Profa. Dra. Márcia Angelina Alves.

Projeto Quebra Anzol (municípios de Perdizes, Centralina e Grumarânia, MG) – foram desenvolvidas prospecções sistemáticas no Distrito de “Fundão”, município de Perdizes – Profa. Dra. Márcia Angelina Alves.

Aspectos da Formação de um Sambaqui – análise da arqueofauna do sítio Mar Virado (município de Ubatuba, SP) – Prof. Dr. Levy Figuti.

Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso – foi realizada uma etapa de campo e a triagem de material arqueofaunístico – Coordenação Prof. Dr. Denis Vialou (Muséum d’Histoire Naturelle, Paris); Profs. Drs. Levy Figuti e Paulo A. D. De Blasis.

Projeto Arqueológico do Médio Ribeira – projeto de doutoramento: complementação das pesquisas de campo e análises de laboratório – Prof. Dr. Paulo A. D. De Blasis.

Salvamento Arqueológico no Sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC) – foram realizadas análises dos materiais arqueológicos coletados nas etapas anteriores; análise do material faunístico pelo Prof. Dr. Levy Figuti; vistoria no Sambaqui Espinheiros II e outros nas proximidades – Coordenação Profs. Drs. Marisa Coutinho Afonso e Paulo A. D. De Blasis.

Padrão de Assentamento e Formação de Sambaquis: Arqueologia e preservação em Santa Catarina

– etapa de campo preliminar de projeto de pesquisa integrado envolvendo o MAE, Prof. Dr. Paulo A. D. De Blasis; o Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dra. Maria Dulce Gaspar; o Arizona State Museum, Drs. Paul e Suzanne Fish, e o IPHAN/SC, Profa. Edna Morley.

Pesquisas Arqueológicas na Bacia do Ribeirão Queimador (Vale Médio do Rio Tietê, SP) – defesa da tese de doutoramento – Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso.

Pesquisas Arqueológicas no município de Brotas (Vale Médio do Rio Tietê, SP) – sítio Gramado – Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso.

Levantamento do Patrimônio Arqueológico na área da duplicação da Rodovia Br 116, SP – redação do projeto – Coordenação Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso.

Levantamento Arqueológico da Bacia Média do Rio Uapés, AM – projeto de doutoramento – Prof. Eduardo Góes Neves.

Investigações Arqueológicas na área de confluência dos rios Solimões e Negro, AM – primeira etapa de campo – Prof. Eduardo Góes Neves.

Enciclopédia dos Povos Indígenas – definição dos verbetes e autores convidados – Prof. Eduardo Góes Neves.

Reconstituição dos Paleoambientes de uma Planície Quaternária Recente da Região Costeira do Rio Ribeira, SP – conclusão do laminário polínico e análise do pólen fóssil encontrado nos sedimentos – Prof. Walter Mareschi.

Corpus Vasorum Antiquorum – pesquisa sobre os vasos do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista/UFRJ e redação do catálogo – Profa. Dra. Haigannuch Sarian.

Morte e sono na Arte Grega, notas de iconografia funerária – conclusão da pesquisa e redação do trabalho sob a forma de artigo – Profa. Dra. Haigannuch Sarian.

Semnai Theai: as Eríneas/Eumênides e os Cultos Funerários e Heróicos – Pesquisas e redação do trabalho – Profa. Dra. Haiganuch Sarian.

Desenvolvimento tecnológico e mudança social: a metalurgia do ferro na Península Itálica no I milênio a.C. – levantamento de vias de transporte de matéria prima – Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming.

Formas e técnicas: o progresso da metalurgia e sua influência nas vasilhas cerâmicas da Antiguidade Clássica – redação de artigo sobre o tema – Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming.

Catálogo dos bronzes itálicos, etruscos e romanos do Museu Nacional do Rio de Janeiro – redação parcial – Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming.

Arqueologia e Religião no Mediterrâneo antigo: proposições teóricas e estudos de casos – redação de artigos sobre o culto heróico na Magna Grécia e o apotropaico nos prótomos e máscaras – Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata.

Noções de Valor no Mundo Antigo – discussões com o grupo de trabalho – Coordenação Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano.

Etnologia

Etnohistória do Alto Rio Xingú – Pesquisa interdisciplinar – Parque Nacional do Xingú – foi realizada a primeira etapa de campo – Profa. Dra. Nobue Myazaki.

A imagem do índio no Livro Didático – foram realizados contatos com: Faculdade de Educação/USP, E.T.C.G. “Joaquim Alvarez Cruz (Parelheiros), Centro Educacional Pioneiro (V.Clementino) – Profa. Dra. Nobue Myazaki.

Funções e significados de artefatos em populações indígenas brasileiras: o exemplo Bororo – sistematização de dados – Profa. Sonia T. Ferraro Dorta.

Serviço de Curadoria

O Olhar Antropológico: a imagem do índio brasileiro sob a visão de Harald Schultz – defesa da

dissertação de mestrado – Sandra M. C. T. Lacerda Campos.

Estudo das ocupações pré-históricas no Município de Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo – cadastramento de sítios; exame de qualificação (mestrado) – Sandra Nami Amenomori.

Arqueologia e comunicação: propostas educativas para a preservação do patrimônio arqueológico do Baixo Vale do Ribeira – exame de qualificação (mestrado) – Célia Maria Cristina Demartini.

Ética e preservação de Acervos Arqueológicos – projeto de doutoramento – Yacy-Ara Froner.

Divisão de Difusão Cultural

Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema – defesa da tese de doutoramento – Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

Musealização da Pesquisa Científica – levantamento bibliográfico, análise de estudos de casos – Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

XIV Festival de Inverno de Campos de Jordão como metáfora: o ensino da arte no Brasil no século XX – projeto de doutoramento – Profa. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra.

Image Watching & Nardin – conclusão do projeto e início da avaliação – Profa. Maria Christina Souza Lima Rizzi Cintra.

Uma proposta de instrumento de leitura para a exposição *Plumária Indígena Brasileira* – elaboração da proposta conceitual – Profas. Maria Christina Souza Lima Rizzi Cintra, Marília Xavier Cury e Sonia T. Ferraro Dorta.

Estudos Metodológicos para avaliação de exposições de Arqueologia e Etnologia – projeto de mestrado – Profa. Marília Xavier Cury.

Concepção, montagem de avaliação da Exposição Itinerante *Ritmos da Vida* – abertura da exposição ao público e implantação do processo de avalia-

ção – Profa. Marília Xavier Cury em corresponsabilidade com os Profs. Drs. Luiz Menna Barreto (ICB/USP) e Nelson Marques (FM/USP).

Serviço de Musealização

A relação do público com o Museu do Instituto Butantan: análise da exposição *Na Natureza não existem vilões* – defesa da dissertação de mestrado – Adriana Mortara Almeida.

Docência

As atividades docentes desenvolvidas pelo MAE são abrangentes e vão desde a formação inicial de estagiários à orientação de alunos em nível de mestrado e doutorado, incluindo a realização de cursos e palestras.

Na ausência de um curso formal de graduação em Arqueologia, os programas de estágio nos níveis de iniciação científica e aperfeiçoamento cumprem um papel importantíssimo na formação do aluno, tornando-se pré-requisito indispensável para o ingresso na pós-graduação. É neste contexto que se destacam as disciplinas optativas em nível de graduação, credenciadas pelo MAE, que cobrem um programa básico de Arqueologia do Brasil e da América; Arqueologia do Mediterrâneo Antigo e Museologia.

O MAE é responsável pelo curso de Pós-graduação em Arqueologia, tendo colaborado com outros departamentos no oferecimento de cursos de graduação.

Os docentes e técnicos ministraram também cursos de extensão universitária e difusão cultural, destinados não apenas ao público estudantil como à comunidade em geral.

Cursos de Pós-Graduação

Arqueologia dos animais. MAE, USP – Prof. Dr. Levy Figuti.

Arqueologia do litoral do Estado de São Paulo: estudo do sambaqui, do campo ao laboratório.

Ministrado no sítio arqueológico Mar Virado, Ubatuba, e no MAE – Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa.

Teoria Arqueológica: do Renascimento à Nova Arqueologia. MAE, USP – Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming.

Professores Visitantes

Pinturas e mosaicos romanos. MAE, USP – Prof. Dr. Rudolf Winkes, Center for Old World Archaeology and Art, Brown University, Providence, EUA.

Etno-Arqueologia: suas promessas e armadilhas. MAE, USP – Profa. Dra. Irmhild Wüst, Depto. de Ciências Sociais e Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás.

Cursos de Graduação

Arqueologia: reflexão e discurso. Depto. de Antropologia, FFLCH, USP – Profa. Dra. Haiganugh Sarian.

Arqueologia do Mediterrâneo Antigo (disciplina optativa). MAE, USP – Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano.

Museologia: Comunicação / Educação (disciplina optativa). MAE, USP – Profa. Marília Xavier Cury. Introdução à Museologia (disciplina optativa). Depto. de Biblioteconomia e Documentação da ECA, USP. Participação da Profa. Marília Xavier Cury: “Comunicação Museológica” e Marilúcia Bottallo: “Princípios da Documentação Museológica”.

Cursos de Especialização

Ação Educativa em Museus de Arte, disciplina do Curso de Especialização Estudos de Museus de Arte. MAC, USP – Profas. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra e Marília Xavier Cury.

O Ensino da arte na instituição museológica, disciplina do Curso de Especialização em Arte-Educação. ECA, USP – Profa. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra.

Cursos Extra-Curriculares

Arqueologia e religião grega: uma introdução. MAE, USP – Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata.

As populações pré-históricas meso-americanas no contexto pré-histórico do continente. MAE, USP – Profa. Dra. Silvia Maranca.

Aplicação de estudo tecnotipológico em conjuntos cerâmicos de sítios horticultores do litoral e planalto brasileiros. MAE, USP – Profa. Dra. Márcia Angelina Alves.

A utilização de fontes arqueológicas e etnográficas no ensino de 1º e 2º Graus. MAE, USP – Judith Mader Elazari.

Museu: uma abordagem etnológica. MAE, USP – Sandra M. T. C. Lacerda Campos, Judith Mader Elazari e Camilo de Mello Vasconcellos.

A fauna e sua simbologia na cultura indígena. MAE, USP – Sandra M. T. C. Lacerda Campos.

Arte e Música Afro-Brasileira. MAE, USP – Profa. Dra. Nobue Myazaki (responsável).

Introdução à Arqueologia Brasileira: Arqueologia de Salvamento. PETROBRÁS-Uberaba – Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia.

Populações e culturas pré-históricas do Brasil. UFPE, Recife – Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa.

Nova Museologia: uma abordagem bibliográfica. MAE, USP – Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

Introdução à Ação Educativa em Museus de Arte. Museu de Arte de Belém, PA – Profa. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra.

Ética Profissional. Instituto Paulista de Restauro – Marilúcia Bottallo.

Museologia. Instituto Paulista de Restauro – Marilúcia Bottallo.

Museu e Arqueologia: uma contribuição à Educação. Museu Antropológico da UFGO – Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

Museu, Escola e Comunidade. Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, UFPR – Camilo de Mello Vasconcellos.

Professores Visitantes

Durante o exercício de 1995, o MAE recebeu os seguintes professores visitantes:

Profs. Drs. Águeda Vilhena-Vialou e Denis Vialou, Muséum National d’Histoire Naturelle, Paris, coordenadores do Projeto Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso, juntamente com os Profs. Drs. Levy Figuti e Paulo A. D. De Blasis, do MAE.

Prof. Dr. Rudolf Winkes, Center for Old World Archaeology and Art, Brown University, Providence, EUA.

Profa. Dra. Irmhild Wüst, Depto. de Ciências Sociais e Museu Antropológico, Universidade de Goiás.

Eventos

Além dos simpósios organizados pelo MAE em 1995, os docentes e técnicos apresentaram trabalhos nas seguintes reuniões científicas:

III Simpósio da Comissão de História do IPGH, Cidade do México.

VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, SAB, Porto Alegre, RS.

47a. Reunião Anual da SBPC, São Luiz, MA.

IX Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, SBEC, Rio de Janeiro, RJ.

III Congresso Nacional de Estudos Clássicos, SBEC, Rio de Janeiro, RJ.

Encontro de Arqueologia do Nordeste, Maceió, AL.

I Encontro Nacional do ICOM-Brasil: Museus e Comunidades no Brasil – Realidade e Perspectivas, Petrópolis, RJ.

Encontro de Museus do Mercosul. A integração abrindo fronteiras. ICOM/BR, IPHAN/RS. São Miguel das Missões, RS.

25 Anos de MIS: Continuidade ou Ruptura?. MIS, São Paulo, SP.

Semana da Consciência da cidadania em São Paulo: Zumbi Vive. Universidade Camilo Castelo Branco.

III Latin American Symposium on Chronobiology, São Paulo, SP.

A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?. ICOM/BR e FIESP. São Paulo, SP.

Seminário Estadual de Arte-Educação “A expressão da Arte-Educação no Cotidiano”, SEED, Curitiba, PR.

Forum Permanente dos Museus Universitários. MAE, USP.

VIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores, FAEB, Florianópolis, SC.

Atividades Especiais

Os docentes e técnicos do MAE foram responsáveis pela organização de atividades especiais, como Grupos de Trabalho, Simpósios e Seminários. Podem ser destacados:

- Encontros com a Museologia – Organização Profa. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra.

Foram realizados no MAE os seguintes seminários:

A Museologia em São Paulo: alguns projetos acadêmicos – Apresentação: Profa. Maria Cristina Oliveira Bruno. Debatedoras: Marilúcia Bottallo e Profa. Maria Christina de Souza Lima Rizzi Cintra.

Programas e metodologias para Implantação de processos museológico/museográficos – Profa. Marília Xavier Cury.

O Sagrado e o Profano nas exposições – Profs. Drs. Elaine Farias Veloso Hirata, Carlos Serrano e Paulo A. D. De Blasis.

- Elaboração de programa da disciplina de “Documentação Museológica”. Curso de Especialização e de Pós-Graduação em Museologia (Mestrado). Depto. de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Marilúcia Bottallo.

- “Modernas Técnicas de Análise de Obras de Arte” – Prof. Dr. Marco Ferretti, Coordenador do Centro de Pesquisa de Intervenção em Metais – ENEA-INNT, Itália. Organização e participação das palestras: Yacy-Ara Froner.

- Semana do Estagiário MAE – Programa cujo objetivo foi a participação interativa dos estagiários do MAE com as diversas áreas de atuação do Museu – Organização Profa. Maria Cristina Oliveira Bruno; Sandra M. C. T. Lacerda Campos e Silvia Cristina Piedade.

Acervo

O acervo do MAE, no ano de 1995, foi ampliado através de doações e das pesquisas desenvolvidas por seu corpo docente:

Acervo arqueológico

Material proveniente de pesquisas de campo:

Material Lítico – Projeto Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso (Sítio Abrigo Vermelho; Sítio Santa Elina; Sítio Ferraz Egreja); Projeto Arqueológico, Ecológico, Antropológico, Histórico, Museológico e Turístico do Município de Ubatuba

(Sítio Ilha do Mar Virado); Projeto Paranapanema Área Alto Taquari (Sítio Arqueológico Itapeva); Projeto Levantamento Arqueológico na Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões (Sítio Açutuba I, II e III).

Material Cerâmico – Projeto Arqueológico, Ecológico, Antropológico, Histórico, Museológico e Turístico do Município de Ubatuba (Sítio Ilha do Mar Virado); Projeto Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso (Sítio Abrigo Vermelho; Sítio Santa Elina; Sítio Ferraz Egreja); Projeto Levantamento Arqueológico na Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões (Sítio Açutuba I, II e III); Projeto Etnohistórico da Região do Alto Xingú, MT (Sítio Parque Nacional do Xingú – Aldeias Wuará e Kamaiurá); Projeto Quebra Anzol: Evidenciação de ocupações pré-coloniais no Vale do Paranaíba, Minas Gerais (Sítio Antinha e Sítio Menezes).

Material Faunístico – Projeto Arqueológico, Ecológico, Antropológico, Histórico, Museológico e Turístico do Município de Ubatuba (Sítio Ilha do Mar Virado); Projeto Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso (Sítio Abrigo Vermelho; Sítio Santa Elina, Sítio Ferraz Egreja); Projeto Salvamento Arqueologia no Sambaqui Espinheiros II, Joinville, SC.

Material Vegetal – Projeto Arqueologia e Paleoambiente no Mato Grosso (Sítio Abrigo Vermelho; Sítio Santa Elina, Sítio Ferraz Egreja); Projeto Etnohistórico da Região do Alto Xingú, MT (Sítio Parque Nacional do Xingú – Aldeias Wuará e Kamaiurá)

Material Ósseo Humano – Projeto Arqueológico, Ecológico, Antropológico, Histórico, Museológico e Turístico do Município de Ubatuba (Sítio Ilha do Mar Virado).

Doações – 143 peças etnográficas referente às seguintes etnias: Waimiri-Atroari, Guajajara, Nambikwara, Tapirapé, Akwe-Xavante, Bororo, Kriataty, Pareci, Yanomami, Karajá, Kayapó, Apalai,

Krenak, Wai-wai, Parakanã, Txukahamãe, Mekragnotire, Xerente, Urubu-Kaapor, Zoró, Kamayurá, Trumai, Tikuna, Kayabi, Sateré-Mawé, Juruna, Waurá, Kubenkräkegn, Kalapalo, Kuikuro, Karitiana, Munduruku, Hixkariana, Asurini, Guarani-Ñandeva: bordunas, flechas, arcos, tacapes, remos, trançados, saia de palha, rede de embira, colares, pulseiras, estojo peniano, tanga, chapéu, lanças, ralador, panela, boneca, cocar, banco, canoa, flauta, tipóia, pentes, abano, coifa, cestinho. Doador: Sr. Joviro Foz.

Atendimento ao público

A Divisão de Difusão Cultural priorizou suas atividades para a finalização da montagem da exposição de longa duração *Formas de Humanidade*, inaugurada em dezembro de 1995.

Durante o ano realizaram-se também atividades junto aos seguintes Programas:

- Atividades junto às escolas de 1o. e 2o. graus: 2410 alunos.

- “Projeto MAE/Favela São Remo”:

- entrevistas com as principais lideranças da favela,
- atividades com os professores da Escola de Alfabetização da Favela,
- realização de atividades de Educação Patrimonial,
- orientação da montagem da exposição *A História da São Remo*.

Este projeto alcançou aproximadamente 50 pessoas da comunidade São Remo.

- Atendimento aos professores de Educação Indígena: 8 professores.

- Projeto “Patrimônio Cultural e Memória: a 3a. Idade e o MAE”: 220 pessoas.

REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Regulamento

Objetivos

A Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - USP (Rev. MAE), de periodicidade anual, destina-se à publicação de trabalhos originais inéditos, versando sobre arqueologia, etnologia e museologia, com ênfase em África, América, Mediterrâneo e Médio-Oriente. Excepcionalmente, poderão ser aceitos trabalhos já publicados, para republicação em português.

Constituição

A Rev. MAE é constituída pelas seguintes seções:

- Artigos: trabalhos de pesquisa
- Estudos de Curadoria: levantamentos e comentários sobre acervos arqueológicos e etnográficos; estudos sobre peças e coleções; estudos de conservação
- Estudos Bibliográficos: ensaios e resenhas
- Notas: projetos e resultados preliminares de pesquisa
- Crônica do Museu: pesquisa; docência; eventos institucionais; atividades especiais; aquisições de acervo

Instruções aos autores

- Os originais devem ser enviados ao editor em disquetes de formato MS - DOS, até 31 de maio do ano da publicação. Estes deverão ter sido digitados através do processador de textos MS-Word, versão 5.0, ou MS - Word for Windows 2.0, ou mais recente, em equipamento padrão IBM - PC. No mesmo disquete, um segundo arquivo deverá conter nome, endereço, telefone e/ou fax dos autores e, ainda, informações sobre a versão e programa utilizados, caso não tenham sido aqueles aqui indicados. O material enviado deverá incluir uma cópia impressa e não será devolvido.

Artigos e Estudos de Curadoria

- Os textos (30 páginas no máximo, incluindo tabelas, mapas e ilustrações) podem ser escritos em português, inglês, espanhol, francês ou italiano.

- Serão fornecidas gratuitamente 20 separatas.

- O texto deverá obedecer o seguinte padrão:

a) 65 caracteres por linha; 55 linhas por página.

b) A primeira folha deverá conter: 1) título (português e inglês); 2) nome dos autores e instituições a que pertencem; 3) um resumo bilingue (inglês/português) de, no máximo, 10 linhas, contendo objetivos, metodologia e resultados; 4) unitermos (palavras-chave).

c) As figuras devem ser feitas em papel vegetal, com tinta nanquim (original e cópia). Na elaboração das figuras, gráficos, tabelas, e fotografias (estas somente em branco e preto) deve-se levar em conta as dimensões úteis da Revista (18 x 27 cm) a fim de que, no caso de redução, não se tornem ilegíveis; este material deve ser enviado juntamente com o disquete, devidamente acondicionado.

d) Escalas gráficas deverão ser sempre utilizadas em lugar de escalas numéricas.

e) As notas, numeradas na ordem em que aparecem no texto, devem estar situadas no final do arquivo, juntamente com os agradecimentos, apêndices, legendas das figuras e tabelas.

f) As notas de rodapé não deverão conter referências bibliográficas. Estas deverão ser inseridas no próprio texto, entre parênteses, remetendo o leitor à bibliografia. Ex.: (Barradas 1968:120-190).

g) A bibliografia seguirá a ordem alfabética pelo sobrenome do autor citado em primeiro lugar.

Exemplos:

- BOCQUET, A.
1979 Lake bottom archaeology. *Scientific American*,
240 (2): 56-75.
- FOLEY, R. A.
1981 Off site archaeology: an alternative approach for
the short sites. I. Hodder, G. Isaac and N.
Hammond (Eds.) *Pattern of the Past Studies in
Honor of David L. Clarke*. Cambridge Univer-
sity Press, Cambridge:157-183.
- SANOJA, M.; VARGAS, I.
1978 *Antigas formaciones y modos de producción
venezolanos*, Monte Avila Editores, Caracas.

Estudos bibliográficos

- a) ensaios: 30 páginas, no máximo.
- b) resenhas: 5 páginas, no máximo.

Notas

- 2 páginas, no máximo.

Regulations

Aims

The Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (Rev. MAE) publishes (annually) original works, not published elsewhere, on archaeology, ethnology and museology, with emphasis on Africa, America, Mediterranean Europe and Middle East. Exceptionally, translations into Portuguese of papers already published may be considered.

Organization

The Rev. MAE will have the following sections:

- Articles: research works
- Curatorship Studies: surveys and comments on archaeological and ethnographical material; studies of artifacts and collections; studies of conservation
- Bibliographical studies: essays and reviews
- Notes: research projects and preliminary reports
- Museum Chronicle: research; educational activities; events; special activities; new acquisitions

Instructions to the authors

The originals should be sent to the editor, in MS – DOS formatted diskettes, before May 31 of the publication year, preferably as files of MS – Word, version 5.0 or MS - Word for Windows 2.0, or later, in standard equipment IBM - PC, or compatible. A second file should contain name, address, telephone and/or fax number, as well as information about the word processor employed. This material will should contain one printed copy and will be not sent back to the authors.

Articles and Curatorship Studies

- The articles (30 pages at most, including tables, maps and illustrations) may be written in Portuguese, English, Spanish, French or Italian.
- 20 offprints will be provided free of charge.
- The text should conform to the following pattern:

- a) A page has 55 lines of 65 characters each.
- b) The first page should contain: 1) the title of the work; 2) the names of the authors and the institutions to which they belong; 3) a bilingual abstract (Portuguese/English) having no more than 10 lines, containing aims, methodology and results. The Editors will prepare the abstract in Portuguese for foreign authors; 4) uniterms (keywords).

c) Drawings should be made with india ink on glossy paper (original and copy). In preparing drawings, graphs, tables and (black and white) photographs, the working dimensions of Rev. MAE (18 X 27 cm) must be kept in mind so that upon reduction, they do not become illegible.

d) Graphical scales should always be used instead of numerical ones.

e) Footnotes and references, numbered in the order of appearance, should be gathered at the file's end, with acknowledgements, appendices and figure-and table captions.

f) Footnotes should not contain bibliographical references. These should be inserted in the text between parenthesis, sending the reader to the bibliography. For instance: (Barradas 1968: 120-180).

g) The references should follow the alphabetical order (firstnamed author).

Examples:

- BOCQUET, A.
1979 Lake bottom archaeology. *Scientific American*, 240 (2): 56-75.
- FOLEY, R. A.
1981 Off site archaeology: an alternative approach for the short sites. I. Hodder, G. Isaac and N. Hammond (Eds.) *Pattern of the Past Studies in Honor of David L. Clarke*. Cambridge University Press, Cambridge:157-183.
- SANOJA, M.; VARGAS, I.
1978 *Antigas formaciones y modos de producción venezolanos*, Monte Avila Editores, Caracas.

Bibliographical Studies

- a) essays: 30 pages at most.
- b) reviews: 5 pages at most.

Notes

- 2 pages at most.

Editoração Eletrônica:
Teresa Matassi Benzi
Tratamento de Imagem:
José Luiz de Magalhães Castro Neto

Secção de Produção Gráfica e Audio-Visual

Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes

Vice-Reitora: Profa. Dra. Myrian Krasilchik

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Pró-Reitor: Prof. Dr. Jacques Marcovitch

Pró-Reitoria de Pesquisa

Pró-Reitor: Prof. Dr. Hugo Aguirre Armelin

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretor: Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

Conselho Administrativo: Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

Profa. Dra. Silvia Maranca

Prof. Dr. Kabengele Munanga

Prof. Dr. Murillo Marx

Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming

Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz



CRENCIAMENTO E APOIO FINANCEIRO DO:
PROGRAMA DE APOIO ÀS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS PERIÓDICAS DA USP
COMISSÃO DE CRENCIAMENTO

